

Harry Turtledove com Martin H. Greenberg (orgs.)

AS MELHORES HISTÓRIAS DE VIAGENS NO TEMPO

OS CONTOS DOS AUTORES MAIS CONSAGRADOS DA FICÇÃO CIENTÍFICA

ARTHUR C. CLARKE

RAY BRADBURY

RICHARD MATHESON

POUL ANDERSON

LARRY NIVEN

URSULA K. LE GUIN

JACK FINNEY

E OUTROS



AS MELHORES HISTÓRIAS DE VIAGENS NO TEMPO

Harry Turtledove com Martin H. Greenberg (orgs.)

AS MELHORES HISTÓRIAS DE VIAGENS NO TEMPO

OS CONTOS DOS AUTORES MAIS
CONSAGRADOS DA FICÇÃO CIENTÍFICA

Arthur C. Clarke, Jack Finney, Joe Haldeman, Ursula K. Le Guin,
Larry Niven, Theodore Sturgeon, Connie Willis e outros

Tradução
GILSON CÉSAR CARDOSO DE SOUSA



Título do original: *The Best Time Travel Stories of the 20th Century*.

Copyright da introdução © 2005 Harry Turtledove.

Copyright do texto © 2005 Harry Turtledove e Martin H. Greenberg.

Publicado mediante acordo com o autor através da Baror International, Inc, Armonk, Nova York, USA.

Copyright da edição brasileira © 2016 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2016.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Editora de texto: Denise de Carvalho Rocha

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Preparação de originais: Marta Almeida de Sá

Produção editorial: Indiara Faria Kayo

Editoração eletrônica: Fama Editora

Revisão: Bárbara C. Parente e Vivian Miwa Matsushita

Produção de ebook: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

As melhores histórias de viagens no tempo / Harry Turtledove com Martin H. Greenberg (orgs.) ; tradução Gilson César Cardoso de Souza. — São Paulo : Jangada, 2016.

Título original: The best time travel stories of the 20th century

Vários autores.

ISBN 978-85-5539-049-4

1. Ficção científica norte-americana I. Turtledove, Harry. II. Greenberg, Martin H..

16-03022

CDD-813.0876

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura norte-americana 813.0876

1ª Edição digital: 2018

eISBN: 978-85-5539-114-9

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008

<http://www.editorajangada.com.br>

E-mail: atendimento@editorajangada.com.br

Foi feito o depósito legal.

SUMÁRIO

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Introdução Harry Turtledove

Ontem Foi Segunda-feira Theodore Sturgeon

O Armário do Tempo Henry Kuttner

A Seta do Tempo Arthur C. Clarke

Estou com Medo Jack Finney

Um Som de Trovão Ray Bradbury

A Nave da Morte Richard Matheson

Arma para Dinossauros L. Sprague de Camp

O Homem que Chegou Cedo Poul Anderson

Rainbird R. A. Lafferty

Leviatã! Larry Niven

Projeto de Aniversário Joe Haldeman

Inversão do Tempo Jack Dann

Vigia de Incêndio Connie Willis

Rumo a Bizâncio Robert Silverberg

O Produto Puro John Kessel

Trapalanda Charles Sheffield

O Preço das Laranjas Nancy Kress

Outra História ou um Pescador do Mar Interior Ursula K. Le
Guin

Autorizações

INTRODUÇÃO

HARRY TURTLEDOVE

TODOS NÓS SOMOS VIAJANTES DO TEMPO, quer saibamos disso ou não. Voamos para o futuro numa velocidade constante de um segundo por segundo e deixamos o passado para trás. Novas coisas acontecem. Coisas velhas são esquecidas. Minha própria vida — nem muito longa nem muito curta por enquanto — assistiu ao aparecimento dos antibióticos, da Aids, das viagens espaciais, da televisão, dos CDs, do videoteipe, dos DVDs, de Richard Nixon (duas vezes), dos direitos civis, dos direitos das mulheres, dos direitos dos homossexuais, dos telefones celulares, do computador e da internet. Assistiu à queda do Comunismo, da segregação racial, de vários recordes, da varíola (tomara!), da poliomielite, das Torres Gêmeas e da ideia de que fumar é charmoso. Viu o bambolê, o orelhão, o Fusca e a mania de correr pelado. Algumas coisas, é claro, persistem. Os Chicago Cubs não participam do Campeonato Mundial desde antes de eu nascer. O último que venceram foi quando Teddy Roosevelt era presidente.

Quase ao final de sua longa vida, L. Sprague de Camp fez uma apresentação em convenções de ficção científica chamada “Recordações de um Viajante no Tempo”. Sprague, nascido em 1907, viu mais coisas acontecer do que eu (até mesmo a última vitória dos Cubs num campeonato). Mostrar às pessoas que certas “verdades” aceitas quando ele era criança e jovem haviam mudado desde então foi instigante, para dizer o mínimo.

Mas e se não estivéssemos limitados à progressão constante de um segundo por segundo? E se pudéssemos desafiar o fluxo normal do tempo, indo do passado ao futuro, em vez de ficarmos presos a ele? H. G. Wells, que foi —

entre muitas outras coisas — o primeiro grande autor de ficção científica em língua inglesa, publicou *A Máquina do Tempo* em 1895. Ele nos deu os recursos e a estrutura para um tipo de história de viagem no tempo: ir ao futuro, dar uma espiada no que existe por lá, voltar e contar a aventura aos contemporâneos. Desde então, outros escritores vêm explorando e ampliando esse conceito.

Viajar ao futuro não apresenta grandes riscos. Viajar ao passado gera paradoxos. E se você matasse seu próprio avô? Ou, de forma menos sangrenta, se sua jornada mudasse as coisas e sua mãe se casasse com outro homem? Você desapareceria? (Sim, é disso que tratam os filmes *De Volta para o Futuro*, mas você pode se virar sem um DeLorean.) E se você alterasse algum acontecimento passado importante? Mudaria assim o futuro do acontecimento — seu próprio presente? Essa linha específica de histórias de viagens no tempo constitui uma parte do espectro de contos históricos alternativos, alguns dos quais Del Rey, recentemente, coletou em *The Best Alternate History Stories of the 20th Century*.

Encarar esses paradoxos — ou não encará-los — vem desafiando a engenhosidade dos autores nos últimos cem anos. Escrevendo com o pseudônimo de Anson MacDonald, Robert A. Heinlein resumiu todos os problemas da existência de um homem em contos como “By His Bootstraps”. Cerca de vinte anos depois, Heinlein voltou ao tema em “All You Zombies”, que reduz ainda mais o patrimônio genético — e os paradoxos inerentes — de seu protagonista. No romance *The Door into Summer* [A Porta para o Verão], ele insere a viagem no tempo numa situação em que o viajante tem exatamente a mesma chance de ir ao passado ou ao futuro.

Isaac Asimov é mais conhecido por sua série *Fundação* e seus contos sobre as Três Leis da Robótica, mas escreveu também um curioso romance de viagem ao passado e através de diversas realidades, *O Fim da Eternidade* — o qual, de certo modo, serve de base para todos os outros contos.

Lest Darkness Fall [A Luz e as Trevas], de L. Sprague de Camp, é uma história de viagem no tempo diferente de *A Máquina do Tempo*, mas semelhante a *Um Ianque na Corte do Rei Artur*, de Mark Twain: coloca um

homem moderno, com todos os seus modernos conhecimentos, num cenário medieval e desafia-o a se sair o melhor possível. Ao contrário do protagonista de Mark Twain, o Martin Padway de L. Sprague de Camp está realmente na Roma do século VI e monta uma história alternativa com seu sucesso. “Arma para Dinossauros”, de L. Sprague de Camp, e os outros contos de Reggie Rivers coletados em *Rivers of Time* [Rios do Tempo] exploram um dos temas favoritos desse gênero: graças ao uso de uma máquina do tempo, voltar ao passado a fim de observar e mesmo caçar animais extintos com a evolução da humanidade. Em *Genus Homo* [O Homem Esquecido do Espaço], De Camp e P. Schuyler Miller recorreram à técnica da “animação suspensa” (suspensão temporária das funções vitais por meios técnicos, como criogenia) como um meio de os homens modernos visitarem o futuro.

“The Man Who Came Early” [O Homem que Chegou Cedo], de Poul Anderson, é um conto com outra variante do tema do homem moderno que tenta fazer o melhor possível no passado. Mas, à diferença das histórias de Twain e De Camp com que se assemelha, é marcada pela forte tendência ao trágico tão característica de Anderson. Este, sempre um escritor com acentuado senso histórico, utilizou a viagem no tempo em seus romances *Os Corredores do Tempo* (uma espécie de complemento de ficção científica à ficção fantástica *Três Corações e Três Leões*) e *A Dançarina da Atlântida*.

Provavelmente, o romance de viagem no tempo mais obscuro que já se escreveu é *Up the Line* [Acima da Linha], de Robert Silverberg. Ele afirma que, quando a viagem no tempo se tornar viável por períodos cada vez mais longos, multidões de viajantes vindos do futuro aparecerão para presenciar eventos como a Crucificação, a inauguração da basílica de Santa Sofia em Constantinopla e o desenrolar da Peste Negra. Por que, então, esses eventos históricos não ficam cada vez mais abarrotados com observadores futuros? Silverberg responde que na verdade ficam, mas não se sabe com muita clareza como os contemporâneos agem relativamente a isso.

Um tema do gênero que talvez nunca tenha sido tratado com muito sucesso é a reversão da seta do tempo, que passa a fluir do futuro para o passado e não ao contrário. O conto “The Man Who Never Grew Young”, de Fritz

Leiber, talvez tenha chegado perto; vários outros tentaram a façanha em romances, também com resultados muito aquém do que esperavam. O desafio continua aberto aos novos escritores.

A viagem no tempo como um projeto secreto e ambicioso de um governo que pretende não só explorar, mas também modificar o passado em benefício próprio, é um tema comum nessas histórias e talvez tenha se tornado ainda mais comum à medida que os governos foram ficando mais fortes e menos facilmente controláveis pelo povo. Um dos melhores exemplos desse tipo é *Time and Again*, romance de Jack Finney, que parece ter se tornado mais importante após uma geração e meia desde sua publicação. É admiravelmente bem escrito, meticulosamente pesquisado, magnificamente ilustrado e inteligentemente concebido. Sua continuação, *From Time to Time*, infelizmente não está à altura do elevado padrão estabelecido.

Outro romance de tema afim, embora mais ousado e cínico, é *All My Sins Remembered*, de Joe Haldeman. Por causa da doutrinação e do treinamento recebidos, o protagonista de fato tem inúmeros pecados a lembrar. O livro, mais ou menos da época do escândalo Watergate, é uma devastadora acusação contra aqueles que pretensamente atuam em benefício do próximo.

Outro tema comum nessas histórias é o do viajante que vem do futuro para o presente com objetivos execráveis e tem de ser enfrentado pelos modernos com recursos tecnológicos muito inferiores aos do vilão. Um bom exemplo do final do século XX é *Drakon*, de S. M. Stirling, que nasceu de sua série *Draka* de romances de história alternativa. A heroína se vê no final de nosso século XX por causa de um experimento que deu errado e faz de tudo para reformulá-lo segundo os desejos — vis — de seu coração. Se os pobres coitados modernos não recebessem ajuda do futuro, as coisas ficariam ainda piores. E, como há espaço para uma continuação, podem mesmo ficar.

The Goblin Reservation [O Tempo dos Duendes], de Clifford D. Simak, retira a viagem no tempo da esfera da alta política e coloca-a num cenário bem mais modesto: o da universidade. O autor brinca bastante com o tema. A lista de personagens de Simak inclui um Neandertal bronco trazido a seu futuro e rebatizado como Alley Oop; um tigre-dentes-de-sabre; duendes,

anões, uma fada e o fantasma de um proeminente dramaturgo inglês do século XVII. Mas há um problema: o fantasma não sabe a princípio de quem é fantasma, de modo que quando o autêntico Will Shakespeare (o qual, no livro, *não* é o dramaturgo em questão) surge em cena, consequências alarmantes e muito divertidas se seguem.

O livro de Simak é indiscutivelmente ficção científica, apesar dos elementos de fantasia e cultura popular que o permeiam. Larry Niven segue um caminho diferente em sua série de histórias de viagens no tempo extraídas da obra *The Flight of the Horse*. Para Niven, um racionalista empedernido, a viagem no tempo é impossível. Isso não o impede de escrever histórias do gênero, que no entanto escapam da ficção científica para a fantasia. Seu viajante no tempo, um tal Svetz, sujeito meio distraído (muitas vezes para o seu próprio bem), nunca percebe que, quando volta ao passado, não volta exatamente ao passado que seu mundo conhece. Problemas com uma ave fabulosa, um leviatã e uma matilha de lobisomens imediatamente nos vêm à mente.

A viagem no tempo por intermédio da magia ou de outro dispositivo fantasioso é menos comum do que a realizada com máquinas do tempo e outros aparelhos científicos. O porquê disso é intrigante, pois uma viagem no tempo por qualquer dos meios citados parece igualmente impossível e igualmente implausível — mas é assim.

Um romance de viagem no tempo que tende mais para a fantasia que para a ficção científica é *Household Gods*, de Judith Tarr e Harry Turtledove, baseado numa ideia de Fletcher Pratt que ele não chegou a escrever. Apesar dos elementos fantásticos, o romance é da escola de *Um Ianque na Corte do Rei Artur* e *Lest Darkness Fall* [A Luz e as Trevas]. Uma americana moderna, insatisfeita com a vida e cansada de fracassos, se vê no corpo de uma ancestral numa cidade da fronteira danubiana do Império Romano, no final do século II d.C., justamente quando o que não faltam são invasões germânicas e pestes devastadoras. Nicole Gunther-Perrin tem a oportunidade de descobrir se o copo no fim do século XX está meio cheio ou meio vazio.

Roadmarks, de Roger Zelazny, não transpõe a linha entre fantasia e ficção

científica. Seu protagonista percorre a Estrada do Tempo com uma caminhonete cheia de armas automáticas para ajudar os gregos a derrotar os persas em Maratona. A Estrada e os diversos personagens, sórdidos e não tão sórdidos, que ele encontra pelo caminho são pintados com o humor típico de Zelazny, num estilo invejável. A Estrada é um conceito que lembra até certo ponto o de Anderson em *The Corridors of Time*, porém mais flexível.

Eis aí alguns dos romances de viagens no tempo mais interessantes que o tema produziu ao longo dos anos. Não é uma lista completa, obviamente (afinal, o leitor vai querer degustar as próprias histórias!), mas registra muitos de seus pontos altos. Os contos de ficção aqui reunidos contemplam ideias similares e outras absolutamente diferentes. As obras falam por si: tudo o que eu dissesse sobre elas só iria atrapalhar. Mas uma coisa posso garantir: você apreciará a maioria delas. Boa leitura!

THEODORE STURGEON

Na ficção de Theodore Sturgeon (1918—1985) proliferam os personagens comuns, sujeitos a limitações muito humanas ou lutando num ambiente adverso para encontrar outros que partilhem seus desejos e sentimentos de solidão. Sturgeon começou a publicar ficção científica em 1939 e logo se impôs nesse gênero e no de fantasia com histórias que se tornaram clássicas. “Microcosmic God” fala de um cientista que se considera um Deus com resultados inesperadamente divertidos; ele vive ameaçando de extinção a raça microscópica que criou. It descreve as reações de personagens, num ambiente rural, às voltas com um enlouquecido monstro cruel. “Killdozer” é uma variante do tema de Frankenstein: uma equipe de construtores se vê presa numa ilha em que uma escavadeira absorveu energia elétrica de uma forma de vida alienígena.

Na ficção que Sturgeon escreveu após a Segunda Guerra Mundial, o delicado humor de suas obras anteriores cede lugar ao pathos. “Memorial” e “Thunder and Roses” são advertências contra os abusos das armas nucleares. “A Saucer of Loneliness” e “Maturity” usam os tradicionais cenários de ficção científica para explorar sentimentos de alienação e inadequação. Os romances de Sturgeon são memoráveis por seus retratos de personagens empenhados em escapar do isolamento a que sua incapacidade de se adaptar à sociedade normal os condenou. Mais que Humanos fala de um grupo de indivíduos psicologicamente disfuncionais que junta forças para criar uma consciência Gestalt sobre-humana. Em The Dreaming Jewels, um garoto descobre que suas anormalidades comportamentais são na verdade sintomas de poderes sobre-humanos. Sturgeon é famoso também por suas explorações de tabus sexuais e moralidades restritivas em histórias como

Some of Your Blood, *“The World Well Lost”* e *“If All Men Were Brothers Would You Let One Marry Your Sister?”* Seus contos de ficção foram coligidos em *Without Sorcery*, *E Pluribus Unicorn*, *Caviar* e *A Touch of Strange*. As compilações *The Ultimate Egoist*, *Thunder and Roses*, *A Saucer of Loneliness*, *The Perfect Host*, *Baby Is Three*, *The Microcosmic God* e *Killdozer*, organizadas por Paul Williams, são os sete primeiros volumes de uma série que talvez reapresente todos os contos de ficção científica de Sturgeon.

Viajar ao passado e descobrir que o passado não existe mais é um tema popular do gênero. *“Ontem foi Segunda-feira”*, um de seus contos mais reimpressos, é também uma das primeiras histórias de viagem no tempo publicadas após a era pulp, onde a ênfase não incidia tanto na ciência quanto na estranheza. Nela, o sentimento do surreal é captado com perfeição. O fato de o protagonista ser uma pessoa comum, e não um cientista ou inventor, que acorda em seu próprio passado constitui uma mescla inusitada de viagem no tempo e fantasia.

ONTEM FOI SEGUNDA-FEIRA

THEODORE STURGEON

HARRY WRIGHT ROLOU na cama e resmungou algo como “Bzzzzhha-a-au!”. Mastigou um pouco de ar seco e cuspiu-o; abriu um olho para ver se ele realmente se abriria; abriu o outro e fechou o primeiro; fechou o segundo, pousou os pés no chão, abriu os olhos de novo e espreguiçou-se. Era uma prática diária e dessa vez a única coisa notável foi que acontecia numa manhã de quarta-feira e...

Ontem foi segunda-feira.

Bem, ele sabia que era quarta-feira. Mas havia um problema: mesmo não tendo dúvidas de que ontem fora segunda-feira, existia uma lacuna entre a segunda e agora, uma lacuna que deveria ter sido preenchida pela terça-feira. Se a pessoa adormece e fica deitada a noite inteira sem sonhar, tem consciência, quando acorda, de que o tempo passou. Não fez nada de que possa se lembrar; não pensou em nada; não dispõe de nenhum meio para calcular o tempo e, ainda assim, sabe que algumas horas decorreram. O mesmo sucedeu a Harry Wright. A terça-feira se fora durante as oito horas de sono da última noite.

Mas ele não tinha dormido durante a terça-feira. Não, não. Na verdade, nunca dormia mais de seis horas seguidas e não havia um motivo particular para que agora tivesse feito isso. Segunda-feira fora o dia anterior a ontem; Harry havia se deitado e dormido suas horas habituais, acordara — e era quarta.

Parecia quarta-feira. Era de quarta-feira a sensação que pairava no ar.

Harry pôs as meias e se levantou. Não estava enganado. Sabia que dia era. “O que aconteceu com ontem?”, murmurou. “Oh... Ontem foi segunda-feira.” Isso bastou até ele tirar o pijama. “Segunda-feira”, refletiu, pegando a cueca, “pelo que sinto, ficou longe.” Se fosse do tipo irrequieto, começaria a procurar imediatamente. Mas não era. Era do tipo acomodado, que entra numa rotina e só sai dela à força. Por isso trabalhava como mecânico de automóveis ganhando 23 dólares por semana; por isso exercia sua profissão havia oito anos e continuaria exercendo-a caso encontrasse a terça-feira para voltar à oficina.

Guiado pelos reflexos, como sempre, e sem fazer nenhum esforço mental, como sempre também, lavou-se, vestiu-se e arrumou a cama. Seu despertador, que nunca despertava porque ele tinha hábitos muito regulares, marcava (como sempre) 6h22 quando Harry se deteve na porta e deu uma olhada geral no quarto. E havia alguma coisa ali que fez até aquele sujeito fleumático parar e pensar.

Não estava terminado.

A cama continuava no lugar, bem como a foto de Joe Louis. E também as duas cadeiras partilhando suas habituais sete pernas, a mesa rachada, o estrado do órgão, o papel de parede bege com os dois cisnes se repetindo, a pia no canto, a escrivaninha inclinada. Mas tudo estava por terminar. Não que houvesse buracos em alguma coisa. A pintura antiga continuava lá. Entretanto, sentia-se o cheiro de madeira velha cortada, um ar sutil e teimoso de ambiente em construção no quarto e nos objetos. Era indefinível, irresistível, e Harry Wright permaneceu imóvel, absorto e pensativo. Olhou desconfiado em volta, mas não viu nada de que pudesse realmente desconfiar. Balançou a cabeça, trancou a porta e saiu para o corredor.

Na escada um sujeitinho de pouco mais de um metro de altura raspava delicadamente o terceiro degrau a partir de cima com uma talhadeira afiada, fazendo uma nova cicatriz na madeira suja. Ergueu os olhos quando Harry se aproximou e pôs-se imediatamente de pé.

— Olá — cumprimentou Harry, observando o casaco de couro do homenzinho, seu chapéu pontudo e seu rosto miúdo, murcho e de olhos

brilhantes. — Que está fazendo?

— Consertando — anunciou o homenzinho. — O ator do terceiro andar tem um prego na sola do sapato do pé direito. Chegou tarde na terça-feira e riscou a madeira neste ponto. O serviço precisa estar pronto na quarta-feira.

— Hoje é quarta-feira — corrigiu Harry.

— Claro. Sempre foi. Sempre será.

Harry ignorou-o e começou a descer. Adquirira sua impressionante passividade graças à prática de ignorar tudo quanto não podia entender. Mas uma coisa o incomodava...

— Você disse que o morador do apartamento de frente do terceiro andar é ator?

— Sim. Todos eles são atores, o senhor sabe.

— Está maluco, cara — repreendeu Harry. — Ele trabalha nas docas.

— Oh, sim... é o seu papel. O papel que ele representa.

— Não brinque. E o que o sujeito faz quando não está interpretando?

— Mas... Bem, é tudo o que ele faz! É tudo o que fazem os atores!

— Puxa! Pensei que fosse um cara comum — disse Harry. — Ator? Imagine!

— Me desculpe, mas tenho de voltar ao trabalho. Não podemos deixar nada para trás, o senhor sabe. A terça-feira vai acabar logo e tudo deve estar pronto para eles.

“Esse cara está mesmo maluco”, pensou Harry. Sorriu sem muita convicção e desceu a escada até o térreo. Quando olhou para trás, o homenzinho continuava raspando habilmente a madeira e deixando nela uma nítida arranhadura de prego. Harry balançou a cabeça. Manhã esquisita, aquela. Ainda bem que logo estaria na oficina, onde o aguardava um sedã '39 com uma mola traseira arrebatada. Depois que pusesse a cabeça no lugar, poderia esquecer todo aquele absurdo. É só o que importa para um homem de hábitos rotineiros: trabalhar, comer, dormir, esperar o dia do pagamento. Para que fundir os miolos com outras coisas?

A rua estava movimentada — mas sempre estivera. Só que não daquela maneira. Havia grande quantidade de automóveis, caminhões e ônibus,

nenhum dos quais se movia e nenhum dos quais parecia completo. Aquele era o campo de Harry: se existisse algo que ele não conhecesse sobre veículos, então não era importante. E observando a cena, começou a ter uma ideia geral do que se passava.

Enxames de homenzinhos que podiam ser gêmeos daquele com o qual acabara de falar se apinhavam em volta dos carros, nas calçadas, lojas e edifícios. Trabalhavam como loucos manuseando todas as ferramentas imagináveis. Alguns se ocupavam da pintura dos automóveis com pincéis de arame finíssimo, deixando no local redes de arranhões e trincados microscópicos. Outros, com martelos e marretas, amassavam cuidadosamente para-lamas, encurvavam para-choques e trincavam para-brisas. Outros ainda envelheciam a pintura com jatos de areia muito finos e de alta pressão. E outros, enfim, bombeavam poeira no estofamento e no painel, polvilhando os botões, os pedais e as alavancas a fim de lhes emprestar uma aparência de sujeira. Harry se afastou para dar passagem a meia dúzia de operários que desceram a rua carregando um para-lama e o instalaram num cupê 1930 — com marcas recentes de sangue.

Ao perceber essa atividade inusitada, Harry parou, meio boquiaberto, para ver o que mais acontecia. Viu o mesmo processo industriosamente aplicado às casas e lojas. Os homens jogavam poeira nas vidraças, cobertas por uma camada de cola transparente. As madeiras eram entalhadas com a maior habilidade e a pintura removida para fazê-las parecer maltratadas pelo tempo; e dezenas de operários com roupas de couro, de quatro no chão, enchiam de pó e cisco as juntas dos blocos do pavimento. Alguns deles, em fila, desceram a calçada mastigando chicletes e cusindo; atrás, outra equipe aplicava a goma cuspidada de acordo com diagramas que ia consultando e pisoteava-a.

Harry cerrou os dentes e procurou recolocar seu cérebro atordoado no lugar. “Nunca vi um dia como este nem pessoas tão loucas como estas”, disse para si mesmo, “mas o que está acontecendo não é da minha conta. Tenho trabalho a fazer.” E, procurando inutilmente ignorar as centenas de figuras pequeninas que trabalhavam arduamente, desceu a rua a passo firme.

Ao chegar à oficina, não encontrou ninguém, exceto mais enxames de criaturinhas estereotipadas correndo por toda parte, empanando a pintura, rachando o chão de cimento — em suma, desempenhando com eficiência e pressa sua tarefa de envelhecimento. Notou (pois conhecia bem o lugar) que eles estavam na verdade *fazendo* as marcas que lá estavam desde sempre. “Ora, com os diabos”, resmungou, ansioso para mergulhar em seu próprio mundo de chaves de fenda e pistolas de graxa. “Faço meu trabalho; o resto que se dane.”

Olhou em volta. Deveria escorraçar aqueles intrusos? Não — não era da sua conta. Ganhava para consertar carros, não para policiar a oficina. Desde, é claro, que ficassem longe, pois seus instintos lhe diziam que não poderia enfrentar todos. A ausência do chefe e dos colegas não constituía surpresa para Harry; era ele quem abria sempre o estabelecimento.

Tirou a roupa e vestiu o macacão, pegou a caixa de ferramentas e se dirigiu para o sedã, que havia deixado suspenso na plataforma hidráulica ont... — quer dizer, segunda-feira à noite. E foi então que Harry perdeu as estribeiras. Afinal, o carro era trabalho seu e ele não gostava que outros se metessem na tarefa que havia iniciado. Assim, quando viu o sedã '39 repousando firmemente nas rodas sobre a plataforma descida, com a mola traseira consertada, começou a xingar. Meteu-se debaixo do carro e passou seus dedos hábeis pela suspensão da roda traseira. Apesar da raiva diante dessa ocorrência sem precedentes, teve de admitir que o trabalho fora bem-feito. “Mas eu mesmo poderia ter consertado”, murmurou.

Um leve tinido e um rápido movimento chamaram sua atenção. Rosnando, estendeu o braço e agarrou a perna de um dos homenzinhos ubíquos, rastejou para fora do carro e suspendeu a vítima pela gola de couro, balançando-a no ar à sua frente.

— Por que está metendo o nariz no meu trabalho? — gritou Harry.

O homenzinho enterrou o queixo no peito para proteger sua traqueia e disse:

— Ora, eu estava apenas terminando o conserto da mola.

— Ah, terminando o conserto da mola! — rugiu Harry, encolerizado. E

depois, em tom mais alto: — Quem mandou você mexer neste carro?

— Quem mandou? O que você... Bem, tinha de ser feito, isso é tudo. E agora, me largue. Preciso apertar aqueles dois parafusos e jogar um pouco de poeira no veículo.

— Precisa *o quê*? Chegue dois metros perto do carro e torcerei seu pescoço com uma chave de rosca.

— Mas... tem de ser feito!

— Você não fará! Eu devia...

— Por favor, me solte! Se eu não deixar o carro do jeito que estava terça-feira à noite...

— E quando foi terça-feira à noite?

— O último ato, é claro. Deixe-me ir ou chamarei o supervisor distrital!

— Chame até o diabo, se quiser. Vou jogá-lo na calçada e o céu o ajude se eu o encontrar de novo por aqui!

O homenzinho rilhou os dentes e, semicerrando os olhos, ergueu com violência os pés, atingindo o queixo de Wright, que o soltou e deu um passo para trás. O homenzinho começou a gritar:

— Supervisor! Supervisor! Emergência!

Harry, xingando, correu atrás dele; mas de súbito, no espaço entre os dois, uma grande mão branca apareceu. O vazio recuou, exibindo uma abertura entre a oficina e o nada inconsistente, cego. Dali emergiu um homem alto que trajava uma roupa folgada, literalmente coberta de bolsos. A abertura se fechou atrás dele.

Harry se curvou diante do recém-chegado. Nunca na vida vira traços tão nobres e imponentes, tanta determinação, ombros tão largos que mais pareciam um grande baú. O homem estacou com as costas das mãos apoiadas nos quadris, olhando para Harry como se este fosse uma coisa que alguém se esquecera de varrer.

— É ele! — guinchou o homenzinho. — Quer me impedir de fazer o meu trabalho!

— Quem é você? — perguntou o grandalhão vistoso, com desdém.

— Eu sou o m-mecânico desta ofi... ofi... Quem deseja saber?

— Iridel, supervisor do distrito de Futura é quem deseja saber.

— De que parte do inferno veio você?

— Não vim do inferno. Vim da terça-feira.

Harry levou as mãos à cabeça.

— Mas o que vem a *ser* tudo isto? — gemeu. — Por que hoje é quarta-feira? Quem são estes maluquinhos aí? Que aconteceu com a terça-feira?

Iridel fez um rápido gesto com o dedo e o homenzinho correu de novo para debaixo do carro. Harry estava louco da vida ouvindo a chave apertando os parafusos. Quis ir atrás do homenzinho, mas Iridel disse:

— Pare!

E Harry parou.

— Este — prosseguiu Iridel — é um acontecimento dos mais intrigantes. — Observou Harry com uma curiosidade impassível. — Um ator no palco antes que os cenários estejam prontos. Extraordinário.

— Que palco? — perguntou Harry. — E, afinal de contas, o que você está fazendo aqui? O que pretendem esses nanicos correndo de um lado para o outro?

— Você faz muitas perguntas, ator — disse Iridel. — Responderei a todas e depois eu mesmo farei outras. Esses homenzinhos são operários de palco. Não notou? Estou surpreso. Montam o palco para quarta-feira. Terça-feira? Está passando agora.

— Sem essa! — rosnou Harry. — Como pode terça-feira estar passando agora se hoje é quarta?

— Hoje não é quarta, ator.

— Como?

— Hoje é terça.

Harry coçou a cabeça.

— Encontrei há pouco um sujeito na escada... um destes seus operários de palco. Ele disse que hoje é quarta-feira.

— É quarta-feira. Hoje é terça. Terça é hoje. “Hoje” não passa do nome do cenário que está por acaso em uso. “Ontem” significa o cenário que acaba de ser usado. “Amanhã” é o cenário que se usará depois que os atores

terminarem “hoje”. É quarta-feira. Ontem foi segunda; hoje é terça. Entendeu?

— Não — confessou Harry.

Iridel levantou os braços.

— Céus, como vocês atores são estúpidos! Escute bem: este é o Ato Quarta-feira, Cena 6h22. Portanto, tudo o que vê à sua volta aqui está sendo preparado para 6h22 de quarta-feira. Quarta-feira não é um tempo; é um lugar. No momento, os atores estão se dirigindo para ele. Mas percebo que ainda não entendeu nada. Vejamos... ah! Olhe para este relógio. O que ele mostra?

Harry Wright olhou para o grande relógio elétrico da parede, acima do compressor. Era acertado de hora em hora e muito preciso; mostrava 6h22. Harry ficou observando-o, perplexo.

— Seis e vinte e... Mas que diabo, homem, é a hora que saí de casa! Vim para cá e estou aqui há dez minutos!

Iridel balançou a cabeça.

— Você não está aqui há tempo nenhum porque não existe tempo até os atores entrarem em cena.

Harry se sentou num tambor sujo de óleo e espremeu os miolos no esforço de entender.

— Você quer dizer que esse negócio de tempo não avança continuamente? Como... hum, uma estrada? Uma estrada não vai a lugar nenhum... Nós é que vamos aos lugares por ela. É isso?

— De um modo geral, sim. Ou melhor, é um bom exemplo. Digamos então que seja uma estrada, uma rodovia feita de blocos. Cada bloco é um dia; os atores a percorrem dia após dia. Nosso trabalho aqui (o meu e o dos homenzinhos) consiste em... hum, pavimentar a estrada. Eles são a turma da limpeza. Estão dando os últimos toques de modo a que tudo fique pronto para os atores.

Harry continuou sentado, imóvel, a mente fervendo pelo efeito dessa informação. Era como se houvesse sido golpeado por um pedaço de cano e o choque da pancada persistisse indefinidamente. A coisa mais doida que já

tinha ouvido. Sem nenhum motivo, lembrou-se de uma conversa que tivera com um mecânico de aviões embriagado, o qual havia tentado lhe explicar como o ar, passando por cima das asas de um aeroplano, faz o aparelho subir. Não havia entendido uma palavra do discurso do homem, que falava de torvelinhos, cordas, curvaturas, aerofólios, diedros e efeito Bernoulli. Aquilo não fazia a menor diferença; os aviões voavam quer ele entendesse seu funcionamento ou não; ele sabia que voavam porque os via voar. O palavreado de Iridel não era diferente. Mas se o sujeito não dizia coisa com coisa, como aqueles homenzinhos estavam trabalhando ali? Por que o relógio não mostrava as horas? E onde estava a terça-feira?

Achou que devia esclarecer aquilo de uma vez por todas.

— Onde está a terça-feira? — perguntou.

— Ali — respondeu Iridel, apontando. Harry balançou e caiu do tambor; pois, quando o homem estendeu a mão, ela *desapareceu*!

Harry se levantou e pediu, intrigado:

— Faça isso de novo.

— O quê? Ah... Apontar para a terça-feira? Pois não. — E apontou. Sua mão apareceu de novo quando ele a recolheu.

— Caramba! — exclamou Harry, sentando-se de novo no tambor, suando e olhando fixamente para o supervisor do distrito de Futura. — Você apontou e sua mão... sumiu! Que direção é essa? — perguntou, quase sem fôlego.

— Uma direção como qualquer outra — explicou Iridel. — Você sabe que existem quatro: para a frente, para o lado, para cima e... — Apontou de novo; e, de novo, sua mão desapareceu. — *Esta!*

— Nunca me ensinaram isso na escola — murmurou Harry. — Mas, é claro, eu era apenas uma criança e...

Iridel riu.

— Trata-se da quarta dimensão, a *duração*. Os atores se movimentam pelo comprimento, largura e altura aonde quer que queiram ir no palco. Contudo, existe outro movimento, que eles não podem controlar, e esse movimento é a *duração*.

— E quando virão... para cá? — perguntou Harry, agitando um braço.

Iridel remexeu num de seus numerosos bolsos e tirou um relógio.

— Agora são 8h37, terça-feira de manhã — disse ele. — Aparecerão tão logo encerrem o ato. Os cenários da quarta-feira já foram preparados.

Harry refletiu de novo por um momento, enquanto Iridel esperava pacientemente, sorrindo de leve. Olhou então para o supervisor e perguntou:

— E esse negócio de “atores”, o que vem a ser?

— Ora, uma peça, nada mais. Como qualquer outra... encenada para a diversão da plateia.

— Já assisti a uma peça antes — disse Harry. — E quem é a plateia?

Iridel parou de sorrir.

— Aqueles... aqueles que podem se divertir — respondeu. — E agora sou eu que lhe farei algumas perguntas. Como chegou aqui?

— Andando.

— Você *andou* de segunda-feira à noite até quarta-feira de manhã?

— Não... andei de casa até aqui.

— Ah... Mas como chegou à quarta-feira às 6h22?

— Bem, eu... Ora, dane-se. Apenas acordei e vim trabalhar, como sempre.

— Uma ocorrência extraordinária — ponderou Iridel, sacudindo a cabeça em sua perplexidade. — Você precisa ver o produtor.

— O produtor? Quem é?

— Vai descobrir. Enquanto isso, venha comigo. Não posso deixá-lo aqui, está perto demais da peça. E, de qualquer modo, preciso fazer a minha ronda.

Iridel se encaminhou para a porta. Harry pensou em ficar e achar algo mais para fazer; mas, quando Iridel olhou para trás e gesticulou, ele o seguiu. De repente, parecia impossível agir de outro modo.

Justamente quando chegou perto do supervisor, um operariozinho apareceu correndo e tirando o chapéu.

— Senhor Iridel — anunciou ele —, os fazedores de clima colocaram seis milésimos de um por cento a menos de umidade no ar deste cenário. E há três sétimos de vinte e oito mililitros de gasolina a menos nos tanques de reserva lá embaixo.

— Quanto há nos tanques?

— Dezessete mil e noventa litros, dois decilitros e vinte e um centilitros.

Iridel resmungou alguma coisa.

— Por esta vez, passa. Foi um trabalho muito malfeito. Alguém será transferido para o Limbo por causa disso.

— Está bem, senhor — disse o homenzinho. — Mas deve saber que não somos os responsáveis. — Colocou o chapéu, girou três vezes sobre si mesmo e saiu correndo.

— Sorte dos fazedores de clima que a quantidade de gasolina no tanque não entra no roteiro de quarta-feira — disse Iridel. — Quando alguma coisa interfere na continuidade da peça, ocorre uma confusão dos diabos. Além disso, os atores não sabem disfarçar: cometem uma série de erros por causa de uma ninharia como esta. A peça pode fracassar e, então, todos nós perdemos o emprego.

— Oh! — exclamou Harry. — Iridel... o que é aquela coisa que parece remendada ali?

Iridel seguiu seu olhar. Harry estava contemplando um espaço a um canto cercado de árvores e cheio de ervas daninhas entremeadas de arbustos. A vegetação rodeava as bordas do terreno e o caminho que o atravessava diagonalmente, mas os espaços internos eram uma superfície plana. Nada, nem uma folha de grama crescia ali; era um lugar vazio, nu e absolutamente incolor.

— Ah, aquilo — respondeu Iridel. — Só dois personagens usarão o caminho no Ato Quarta-feira. Portanto, está tão descuidado quanto deve estar. O resto do terreno não entra na peça, portanto não precisamos nos preocupar com ele.

— Mas... suponha que alguém saia do caminho na quarta-feira — aventou Harry.

— Teria uma surpresa, creio eu. Mas isso dificilmente aconteceria. “Pontos” especiais estão sempre de sobreaviso em lugares como esse, para que os atores não se extraviem nem percam as deixas.

— E quem são esses... “pontos”?

— Esses “pontos”? A.Gs. Anjos da Guarda. É como os roteiristas os

chamam.

— Já ouvi falar deles — murmurou Harry.

— Sim, eles também têm sua função — disse o supervisor. — Os atores estão sempre esquecendo suas falas quando não devem ou lembrando-se delas quando o roteiro exige uma interrupção. Bem, por aqui está tudo bem. Vamos dar uma olhada na sexta-feira.

— Na sexta-feira? Quer me dizer que já estão trabalhando nesse dia?

— Mas é claro! Trabalhamos com anos de antecedência! De que outro modo você acha que nossas árvores cresceriam? Entre aqui. — Iridel estendeu a mão, agarrou um pouco de ar vazio, jogou-o para o lado a fim de mostrar o tipo de nada absoluto do qual viera e acenou para Harry.

— V-você quer que eu entre aí? — perguntou Harry, desconfiado.

— É claro. Vamos, vamos!

Harry olhou para a seção de vazio com uma expressão meio indecisa, mas não conseguia resistir à estranha coação do supervisor. Entrou.

E não foi tão ruim. Não havia luzes rodopiantes nem sensação de queda ou mergulho na inconsciência. Foi como entrar em outro recinto — o que de fato aconteceu. Viu-se numa vasta câmara redonda cuja curvatura se perdia um pouco no indistinto. Ou seja, o lugar tinha paredes curvas e teto abobadado, mas também algo mais. Parecia esticar-se na direção para a qual Iridel tão assombrosamente havia apontado. As paredes estavam cobertas com um impressionante aparato de controle — comutadores, telas de vidro fosco, instrumentos de medição, mostradores, botões e alavancas. Diante dos painéis, agitava-se destramente uma equipe de homens muito parecidos com Iridel, exceto pelo fato de suas roupas não terem bolsos. Harry arregalou os olhos, hipnotizado pela enorme complexidade dos controles e pela facilidade com que os homens os manejavam. Iridel tocou-lhe o ombro.

— Siga-me — disse. — O produtor está aqui; veremos o que fazer com você.

Puseram-se a caminho. Harry nem teve chance de se perguntar quanto tempo levariam para cruzar o enorme recinto, pois, quando mal haviam dado

uns dez passos, encontraram-se junto à parede oposta. As leis comuns de tempo e espaço simplesmente não se aplicavam àquele lugar.

Pararam diante de uma porta de bronze polido, tão polido que podiam ver do outro lado. A porta se abriu e Iridel empurrou Harry. Ao vê-la fechar-se às suas costas, Harry, em pânico por ter sido separado da única coisa naquele mundo maluco a que começava a se acostumar, lançou-se contra os batentes. Estes o atiraram ao chão de pernas para o ar, no meio do recinto. Ele rolou e se apoiou nas mãos e joelhos.

Estava numa sala pequena, com uma colossal escrivaninha de teca ao fundo. O homem sentado atrás dela olhou-o com ar divertido.

— De onde você surgiu? — perguntou ele, com uma voz semelhante ao rugido colérico de um furacão que se aproxima.

— Você é o produtor?

— Acho que vou me lascar — replicou o homem. E sorriu. Um sorriso que parecia encher de luz a sala toda. Era um homem grande, conforme Harry percebeu; mas, naquele lugar enganoso, não havia meio de dizer qual fosse realmente o seu tamanho. — Sim, vou me lascar mesmo. Atores. Vocês são teimosos, não? Constroem para mim casas onde quase nunca entro. Juntam-se para exigir papéis melhores. Ouvem escrupulosamente o que tenho a dizer e depois ignoram ou interpretam mal o que eu disse. Sempre implorando por mais uma oportunidade e, quando a têm, estragam-na. E agora um deles irrompe pela porta! Qual é o seu problema, afinal?

Algo no produtor intrigava Harry, mas ele não saberia dizer o que era; talvez o fato de o homem parecer intimidado por algum motivo secreto.

— Acordei na quarta-feira — gaguejou — e ontem foi terça, ou melhor, segunda. Ou melhor... — Limpou a garganta e recomeçou: — Adormeci na segunda à noite e despertei na quarta. Estou atrás da terça.

— E o que quer que eu faça quanto a isso?

— Bem... poderia me dizer como voltar para a terça? Eu tinha trabalho a fazer.

— Ah, entendo — garantiu o produtor. — Quer um favor meu. Se algum dia um de vocês vier até mim para me dar alguma coisa, de graça e por nada,

cairei duro para trás. Já não tenho trabalho suficiente organizando este espetáculo? Devo ainda reservar tempo e espaço para fazer favores a gente como você? — Respirou fundo e sorriu novamente. — No entanto... procuro sempre ser justo, embora isso às vezes se revele uma tarefa muito difícil. Saia e peça a Iridel que lhe mostre o caminho de volta. Acho que sei o que lhe aconteceu; quando você saiu de cena no último ato que representou, deve ter, de algum modo, escolhido a cortina errada para chegar aos bastidores. Um dos “pontos” será enviado ao Limbo por causa disso. Agora vá. Dê o fora.

Harry abriu a boca para falar, pensou melhor e atravessou a porta, que se abria à sua frente. Viu-se de novo na complicada sala de controle, respirando com dificuldade. Iridel se aproximou.

— Tudo bem?

— Ele pede que você me tire daqui.

— Então vamos — disse Iridel. — Siga-me.

Dirigiu-se para uma porta com cortina semelhante àquela que haviam cruzado quando entraram. Ao lado dela havia dois mostradores, um marcando os dias e o outro, as horas e os minutos.

— Segunda-feira à noite. Está bom para você? — perguntou Iridel.

— Está — respondeu Harry.

Iridel ajustou os ponteiros para 21h30 de segunda-feira.

— Adeus, ator. Talvez ainda nos vejamos por aí.

— Adeus — disse Harry. Virou-se e passou pela porta.

Estava de volta à oficina, sem nenhuma cortina às suas costas. Quis perguntar a Iridel se aquilo lhe permitiria ir para a cama de novo e para a terça-feira desde o início, mas Iridel se fora.

A oficina estava profusamente iluminada. Harry olhou o relógio: marcava quinze segundos depois das nove e meia. Era engraçado; todos já deviam ter ido para casa, exceto Jim Magricela, o funcionário do turno da noite que ficava até as quatro da manhã servindo gasolina no posto do lado de fora. Um rápido olhar em volta bastou. Era sem dúvida uma noite de segunda-feira, mas uma noite de segunda-feira como ele nunca tinha visto.

O local estava novamente apinhado de homenzinhos!

Harry sentou-se no para-lama de um conversível e pensou:

“E agora, onde fui me meter?”

Deduziu que se achava num lugar no tempo diferente daquele em que havia encontrado Iridel. Lá, as pessoas trabalhavam para construir, com uma precisão e objetividade que davam gosto de ver. Mas aqui...

Os homenzinhos eram diferentes, para começar. Pareciam cansados, debilitados, lentos. Havia inúmeras equipes de supervisores e Harry se assustou quando um dos homens de branco vibrou seu chicote em direção a um dos operários. As equipes de quarta-feira eram compostas de trabalhadores; as de segunda, de escravos. Suas tarefas também eram diferentes. Aqui demoliam, quebravam e levavam embora. Harry viu trechos do pavimento serem arrancados, reduzidos a pó e transportados em sacos por fileiras de homenzinhos tardos e assustadiços. Fortes vigas sustentavam o teto, enquanto os tijolos eram arrancados das paredes. Harry ouvia o barulho das equipes que trabalhavam lá em cima e derrubavam pedaços de calça. Teto e paredes se dissolveram diante desse ataque violento e, antes que ele se desse conta do que estava acontecendo, achou-se sozinho no terreno nu que tinha visto antes, junto com Iridel.

Era demais para sua mente aturdida; mergulhou correndo na noite, atropelando fileiras de escravos sobrecarregados e esbarrando em montes de entulho cada vez maiores, gritando por Iridel. Correu por muito tempo e finalmente se deixou cair diante de uma pilha de madeira no lugar onde a igreja Unitária costumava ficar; deixou-se cair porque não aguentava mais. Ouviu passos e se encolheu o máximo possível. Os passos se aproximavam rapidamente; um dos supervisores virou a esquina e parou diante dele. Harry estava num canto muito escuro, mas sabia que o homem de branco não precisava de luz para ver.

— Saia daí — ordenou o homem.

Harry saiu.

— Era você quem chamava Iridel?

Harry fez que sim com um gesto de cabeça.

— E o que o levou a pensar que encontraria Iridel no Limbo? — zombou

seu captor. — Aliás, quem é você?

Harry agora sabia o que responder.

— Sou um ator — murmurou. — Entrei na quarta-feira por acaso e eles me mandaram para cá.

— Por quê?

— Hum... Acho que foi um engano, só isso.

O homem se adiantou e pegou Harry pelo colarinho. Era umas oito vezes mais forte que um macaco hidráulico.

— Não me venha com essa, cara — ralhou o homem. — Ninguém é mandado para o Limbo por engano ou sem merecer. Diga a verdade, vamos.

— Eu não fiz nada — gemeu Harry. — Pedi para voltar e eles me mostraram uma porta; atravessei-a e cheguei aqui. É tudo o que sei. Pare, está me sufocando!

O homem deixou-o cair de repente.

— Olhe aqui, moleque, sabe quem sou eu? Hein? — Harry negou com a cabeça. — Ah, não sabe! Pois bem, sou Gurrah!

— É? — disse Harry, sem poder pensar em mais nada no momento.

Gurrah estufou o peito, como se esperasse mais alguma coisa de Harry. Vendo que não saía nada dali, aproximou-se do mecânico e gritou bufando-lhe no rosto:

— Então não está com medo? Garoto durão, hein? Nunca ouviu falar de Gurrah, supervisor do Limbo, o filho mais rude e violento do diabo da Incidência para a Eternidade?

Harry não era de briga, mas se havia algo que detestava era um estranho soprar seu bafo peçonhento e atrevido contra ele. Antes que percebesse, aconteceu. Gurrah foi se estatelar a dois metros de distância, enquanto Harry, de pé, esfregava os nós dos dedos da mão esquerda — dos dois, era o mais surpreso.

Gurrah se sentou, palpando o rosto.

— Mas você... você bateu em mim! — murmurou ele. Levantou-se e foi para junto de Harry novamente. — Você bateu em mim! — exclamou numa voz suave, ligeiramente fora de foco por causa do espanto. Harry desejou não

ter feito aquilo; desejou estar na cama, em Futura, morto ou lá o que quer que fosse. Gurrah estendeu seu punho pesado e... deu-lhe umas palmadinhas no ombro. — Que coisa! — continuou, num tom subitamente amistoso. — Me acertou em cheio, hein? Caramba! A primeira vez em um mês de segundas-feiras que alguém me faz isso. O último foi um sujeito chamado Orton. Matei-o. — Harry empalideceu.

Gurrah se encostou na pilha de madeira.

— Diabos me levem se não gostei disso, cara. Sim, gostei. Este trabalho que me deram é uma droga, mas que posso fazer? Demolir, demolir... Mal termino uma tarefa com a maior rapidez possível, arrancando sangue dos meninos, e me censuram por já não ter começado outra. Você deve pensar que estou nesse ramo tempo suficiente para saber tudo sobre o assunto, após mais de oitocentos e vinte milhões de atos, não? Ah, tente dizer isso a *elas*! Despache uma carga de casas de cachorro para a quarta-feira e introduza-a o mais discretamente possível pelos bastidores. Eles então lhe gritam: “O que está acontecendo com você, Gurrah? Estas casas de cachorro já não servem para nada. Enviamos-lhe uma lista de itens usados já faz dois atos. Um desses itens eram casas de cachorro. Dê um jeito nelas ou mandamos outra pessoa capaz de ler e colocamos você para carregar peso”. É o que ganho... ato após ato. E irá adiantar eu dizer que meu ajudante pegou a mensagem e caiu morto antes de entregá-la a mim? Não. Ufa! Se menciono uma coisa dessas, eles me pedem para não exigir demais de meus trabalhadores. No entanto, se não exijo, perdem a cabeça porque um carregamento não chegou a tempo.

Parou para respirar. Harry concluiu que, se mantivesse Gurrah de bom humor, poderia se sair bem com isso. Perguntou:

— Mas qual é mesmo o seu trabalho?

— Trabalho? — berrou o outro. — Chama isso de trabalho? Desmontar cenários, despachar itens para o próximo ato e jogar fora o resto? — bufou.

— Então eles aproveitam os mesmos materiais?

— Sim. Não duram muito, porém. Seis, oito atos no máximo. Então precisam construir outros e fazer com que pareçam usados.

Houve silêncio por alguns instantes. Gurrah, tendo desabafado pela

primeira vez em (literalmente) séculos, se acalmara. Harry não sabia o que estava sentindo. Por fim, quebrou o gelo:

— Escute aqui, Gurrah: o que faço para voltar à peça?

— Vou lá saber? Como você... Ah, entendo, você veio da sala de controle, certo?

Harry acquiesceu.

— Mas como entrou lá?

— Iridel me levou.

— E depois?

— Bem, fui falar com o produtor e...

— O *produtor*! Céus... quer dizer que foi entrando e... — Gurrah esfregou a testa. — E o que ele disse?

— Que, em sua opinião, não tive culpa de acordar na quarta-feira. Mandou Iridel me despachar de volta.

— E Iridel o recolocou na segunda-feira. — Gurrah jogou a cabeça para trás e riu.

— Qual é a graça? — perguntou Harry, um tanto irritado.

— Iridel! — disse Gurrah. — Saiba que há cinco mil atos ou mais venho tentando dar uma lição naquele sujeito e agora ele me dá você de bandeja! Rapaz, não sei como te agradecer! Ele devia mandá-lo de volta para a peça e, em vez disso, você aparece no dia anterior! Ah, vou chantageá-lo até o fim dos tempos! — Virou-se, exultante, para um grupo de homenzinhos imundos que passavam pela esquina a caminho do lixão. — Descansem, garotos! Peguei o velho Iridel no pulo. Chega de chicotadas nas costas! Chega de ordens arrogantes! Viva!

Harry, espantado com tudo aquilo, arriscou:

— Gurrah... e quanto a mim?

Gurrah se voltou:

— Quanto a você? *Te-le-fone!* — A esse grito, dois trabalhadores, um pouco menos sujos que o resto, correram. Um se empoleirou no ombro direito de Gurrah e o outro no esquerdo, com a cabeça para a frente. Gurrah

segurou o último pelo pescoço, aproximou a cabeça do homenzinho da sua e berrou-lhe ao ouvido: — Quero falar com Iridel!

Houve um instante de espera e o primeiro homenzinho, no outro ombro, disse com a voz de Iridel no ouvido de Gurrah:

— Alô?

— Alô, metidão!

— Met... desculpe-me, mas quem fala?

— Gurrah, seu futuro parasita. Tenho umas coisas a lhe dizer.

— Gurrah! Como ousa se dirigir a mim nesses termos? Vou...

— Vai me querer em seu trabalho depois que eu disser tudo o que sei. Você é uma verruga no nariz do progresso, Iridel.

— Que significa isso?

— Significa que recebeu instruções do produtor e ignorou-as. Estava com um ator aí, não estava? Ele conversou com o chefe, não conversou? Em seguida, disse a você que devia voltar, não disse? Mas você o mandou para mim e não para a peça! Escorregou, Iridel. Está ficando velho. Agora saia da linha que vou chamar o chefe.

— O chefe? Não faça isso, cara. Vamos conversar. E quanto ao carregamento de cachorros de três pernas, esqueça: posso passar sem eles. Qualquer coisa que queira de mim...

— ... você fará, depois disto. E é melhor que faça, Cachinhos Dourados. — Gurrah bateu as cabeças dos homenzinhos uma contra a outra, rompendo a conexão (e provavelmente as cabeças) e virou-se sorridente para Harry: — Esse Iridel é um bom supervisor, mas muito detalhista. Envia pessoas para o Limbo por causa dos equívocos mais idiotas. Não perdoa ninguém e não esquece nenhum deslize. Com suas ordens urgentes, é o responsável por metade dos males que há por aqui. Mas agora as coisas serão diferentes. O chefe sempre quis ministrar a Iridel uma dose de seu próprio remédio, mas Irrie nunca lhe deu essa chance.

Harry disse, com toda a paciência:

— Sobre minha volta agora...

— Já ia me esquecendo! — bradou Gurrah. Remexeu num bolso e tirou um

relógio semelhante ao de Iridel. — São 11h40 da terça-feira — disse ele. — Vamos mandá-lo para lá imediatamente. Invente uma desculpa qualquer para seu desaparecimento. Não fale demais, do contrário um monte de pessoas sofrerá por isso... você principalmente. Pronto?

Harry acenou que sim. Gurrah estendeu a mão e puxou a cortina para o nada.

— Você se verá bem longe de onde começou, pois andou se movimentando um pouco por aqui. Vá.

— Obrigado — disse Harry.

Gurrah riu.

— Não me agradeça, amigão. Você é que merece todos os agradecimentos. Caso não se sinta à vontade lá, peça que o mandem de novo para mim. Será bem tratado, tem minha palavra. Vá em frente e boa sorte!

Segurando o fôlego, Harry Wright passou pela porta.

Precisou andar trinta quarteirões até a oficina e, ao chegar, o patrão esperava por ele na entrada.

— Onde esteve, Wright?

— Eu... eu me perdi.

— Não banque o espertinho. Acha que lhe dei férias? Vá consertar a mola. Diabos, acho que não ficará pronta para amanhã.

Harry fitou-o bem nos olhos e disse:

— Ficaré pronta esta noite. Eu sei.

E, sorrindo, entrou e foi pegar suas ferramentas.

HENRY KUTTNER

O versátil Henry Kuttner (1914—1958) iniciou sua carreira escrevendo ficção fantástica, sob a influência de H. P. Lovecraft, para Weird Tales. No final dos anos 1930, começou a contribuir prolificamente para uma grande variedade de revistas especializadas em histórias de aventura, policiais e de ficção científica. Casou-se com a escritora de ficção científica C. L. Moore em 1940 e ambos se tornaram os principais autores da Astounding Science-Fiction durante os anos da guerra. Muito da ficção que apareceu com o nome de Kuttner ou com os pseudônimos de Lewis Padgett e Lawrence O'Donnell foram colaborações dos dois. Sua obra notável desse período inclui as histórias de um robô maluco reunidas em Robots Have No Tails, os contos “Baldy” de super-homens mutantes que constam de Mutant, os romances curtos de inversão da realidade Tomorrow and Tomorrow e The Fairy Chessman e a clássica história de viagem no tempo “Vintage Season”. Ele colaborou também com Moore em vários pastiches de A. Merritt, inclusive The Dark World, The Valley of the Flame e The Time Axis. Sua melhor ficção foi coligida em A Gnome There Was, Ahead of Time, Line to Tomorrow, No Boundaries, Bypass to Otherness e Return to Otherness.

A ideia de encerrar uma distorção do tempo num objeto provavelmente nunca foi expressa tão habilmente quanto em “O Armário do Tempo”. A história de um advogado desonesto que tenta subverter o futuro em proveito próprio talvez possa ser considerada a precursora dos contos de ficção científica séria, com o cientista beerrão fornecendo a base técnica sobre a qual o armário misterioso faz o que faz e que explica os motivos pelos quais os eventos da narrativa são tão inevitáveis quanto a própria passagem do tempo.

O ARMÁRIO DO TEMPO

HENRY KUTTNER

GALLEGHER TOCAVA DE OUVIDO, o que não seria nada de mais se ele fosse músico — mas era cientista. Cientista beerrão e indisciplinado, embora competente. Ele gostaria de ser um técnico experimental e teria sido muito bom nisso, pois revelava às vezes uns lampejos de gênio. Infelizmente, não conseguira financiamento para essa atividade especializada e agora, trabalhando como supervisor de integradores, mantinha seu laboratório apenas como *hobby*. O laboratório mais absurdo que se possa imaginar. Gallegher passou certa vez meses construindo o que chamava de “órgão garçom” e que ocupava a maior parte do espaço. Reclinado num sofá confortavelmente estofado, ele conseguia, manipulando botões, esguichar drinques de maravilhosa quantidade, qualidade e variedade garganta abaixo. Como havia construído o tal órgão durante um período prolongado de bebedeira, nunca conseguiu se lembrar dos princípios básicos de sua construção. O que, em certo sentido, era uma pena.

Havia um pouco de tudo no laboratório, a maioria incoerente. Reostatos com vestidinhos que os faziam parecer bailarinas e rostos de argila sorridentes e ocos. Um gerador exibia ostensivamente a etiqueta “Monstro” e outro, bem menor, atendia pelo nome jovial de “Bolhas”. Dentro de uma retorta de vidro via-se um coelho de louça que só Gallegher sabia como tinha sido posto ali. Perto da porta fora colocado um ameaçador cão de ferro, originalmente concebido para jardins vitorianos ou talvez para o inferno, cujas orelhas escavadas serviam de apoio para tubos de ensaio.

— Mas como você faz isso? — perguntou Vanning.

Gallegher, com o corpo magricela deitado sob o órgão garçom, esguichou um jato de martíni duplo na boca.

— Viu?

— Já sabe. Posso lhe arranjar um bom emprego caso você use esse seu cérebro esquisito ou mesmo aprenda a fingir que usa.

— Já tentei — suspirou Gallegher. — É inútil. Não consigo trabalhar quando me concentro, exceto em tarefas mecânicas. Acho que meu subconsciente tem um Q.I. bem alto.

Vanning, um homenzinho atarracado com uma cicatriz no rosto moreno, empoleirara-se no Monstro, contra o qual batia os calcanhares. Às vezes Gallegher o aborrecia. O homem jamais se dava conta de seu potencial e de quanto esse potencial poderia significar para Horace Vanning, analista de comércio. “Comércio” que, é claro, era ilegal; mas as complicadas relações empresariais da época deixavam buracos por onde um sujeito esperto poderia se insinuar. Vanning trabalhava como consultor de trapaceiros, essa é que era a verdade. Serviço rendoso. Um sólido conhecimento jurídico era raro naqueles dias; os códigos andavam numa confusão tal que a pessoa necessitava de anos de pesquisa antes mesmo de entrar para uma faculdade de Direito. Mas Vanning contava com uma equipe de especialistas treinados, uma biblioteca colossal de transcrições de processos, sentenças e dados legais, de sorte que, por um preço razoável, poderia ter ensinado o próprio dr. Crippen a se livrar de suas acusações.

O lado mais obscuro dos negócios de Vanning era conduzido na mais absoluta privacidade, sem assistentes por perto. O caso do neurorrevólver, por exemplo...

Gallegher tinha fabricado essa arma notável quase sem perceber sua serventia. Montara-a numa noite, juntando as peças com esparadrapo quando sua solda pifou. Dera-a a Vanning, a pedido. Vanning não a conservou por muito tempo. Mas ganhou muito dinheiro emprestando a arma a assassinos profissionais. O resultado foi uma tremenda dor de cabeça para o departamento de polícia.

Alguém, a par do assunto, aparecia dizendo:

— Ouvi dizer que você sabe como se escapa a uma acusação de homicídio. Suponhamos que eu quisesse...

— Pare aí! Não posso concordar com uma coisa dessas.

— Mas... mas...

— Teoricamente, creio que um crime perfeito é possível. Digamos que um novo tipo de arma tenha sido inventado e digamos também (a título de exemplo, claro) que ela esteja trancada no Newark Stratoship Field.

— Hein?

— Estou apenas teorizando. Armário Número Setenta e Nove, combinação trinta-azul-oito. Esses pequenos detalhes sempre nos ajudam a visualizar a teoria, não?

— Você quer dizer...

— Sem dúvida, se nosso assassino pegasse essa arma imaginária e a usasse, faria bem em ter uma embalagem de correio à disposição com endereço de... por exemplo... Caixa Postal Quarenta, Porto de Brooklyn. Fecharia a embalagem com a arma dentro e se livraria dela na agência mais próxima. Mas tudo isso são teorias. Lamento não poder ajudar. Meus honorários pela consulta são três mil dólares. A secretária receberá seu cheque.

Mais tarde, a condenação seria impossível. Despacho 875-M, jurisdição de Illinois, processo Estado *versus* Dupson, firmou o precedente. A causa da morte tem de ser esclarecida. Possibilidade de acidente a ser considerada. Como o presidente da Suprema Corte Duckett pontificou durante o julgamento de Sanderson *versus* Sanderson, que envolveu a morte da sogra do acusado...

Seguramente, o promotor e sua equipe de peritos toxicológicos devem entender que...

Resumindo, Meritíssimo, peço respeitosamente que o processo seja arquivado por falta de provas e evidência da *causa mortis*...

Gallegher nem sequer chegou a descobrir que seu neurorrevólver era uma arma perigosa. Mas Vanning vivia bisbilhotando no laboratório bagunçado, para observar avidamente o funcionamento das invencionices científicas de

seu amigo. Mais de uma vez conseguira, dessa maneira, pequenos e úteis dispositivos. O problema era que Gallegher não queria saber de *trabalhar*!

Gallegher tomou outro gole de martíni, balançou a cabeça e abriu os braços magros. Piscando, aproximou-se de uma bancada de trabalho e pôs-se a mexer nuns fios de arame.

— Inventando alguma coisa?

— Que nada. Apenas brincando. Comigo é assim. Junto coisas e de vez em quando elas funcionam. Mas nunca sei exatamente para que servirão. — Gallegher largou os arames e voltou ao sofá. — Que vá tudo para o inferno.

Sujeito esquisito, pensou Vanning. Essencialmente amoral, mas fora de lugar neste mundo muito complicado. Parecia enxergar tudo só de seu próprio ponto de vista, numa atitude quase sempre de desinteresse e zombaria perversa. E fazia coisas...

Mas sempre e apenas para diversão pessoal. Vanning suspirou e lançou um olhar pelo laboratório, sua mente ordeira chocada com a bagunça. Automaticamente, pegou um avental amarrotado do chão e procurou um cabide para dependurá-lo. Não havia cabides, obviamente. Gallegher, na falta de metal condutor, há muito que os havia arrancado e usado em uma engenhoca ou outra.

O preguiçoso cientista, de olhos semicerrados, preparava uma bebida forte. Vanning foi até um armário metálico instalado a um canto e abriu a porta. Nada de cabides, mas dobrou cuidadosamente o avental e deixou-o na prateleira.

Em seguida, voltou ao Monstro, onde estivera empoleirado.

— Quer um drinque? — perguntou Gallegher.

Vanning balançou a cabeça.

— Não, obrigado. Tenho um caso para amanhã.

— Sempre existe a tiamina. Coisa horrível. Trabalho melhor com amortecedores pneumáticos em volta do cérebro.

— Bem, eu não.

— Mera questão de habilidade — murmurou Gallegher —, que qualquer um pode obter se quiser... O que está olhando?

— Aquele... armário — respondeu Vanning, franzindo a testa. — Mas que... — Levantou-se. A porta metálica não tinha sido bem fechada e se abriu. Do avental que Vanning havia guardado lá dentro, nem sinal.

— É a pintura — explicou Gallegher, com voz pastosa. — Ou o tratamento. Bombardeei-o com raios gama. Mas não serve para nada.

Vanning ajustou uma lâmpada fluorescente para ver melhor. O armário não estava vazio, como havia suposto num primeiro momento. O avental havia desaparecido, mas em seu lugar tinha ficado uma fina bolha de... alguma coisa verde-clara e ligeiramente esférica.

— Isto derrete objetos? — perguntou Vanning, espantado.

— Sim. Tire e verá.

Vanning hesitava em enfiar a mão no armário. Achou um par de pinças de tubos de ensaio compridas e puxou a bolha. Era...

Vanning virou rapidamente o rosto. Seus olhos doíam. A bolha verde estava mudando de cor, forma e tamanho. Um encrespamento azulado, não geométrico, ondulou por cima dela. De repente, as pinças ficaram pesadas.

Não era de admirar: estavam segurando o avental original.

— É o que acontece — disse Gallegher, extasiado. — Deve haver uma razão. Ponho coisas no armário e elas ficam pequenas. Tiro-as e elas ficam grandes de novo. Acho que posso vender isso aí a um mágico de palco. — Seu tom de voz não revelava muita convicção.

Vanning se sentou, apalpando o avental e observando o armário metálico. Era um cubo de aproximadamente 3 x 3 x 5, borrifado por dentro com o que parecia uma tinta cinza. Por fora, era de um preto brilhante.

— Como fez isso?

— O quê? Não fiz, apenas fiquei fuçando. — Gallegher tomou outro gole. — Talvez seja um caso de extensão dimensional. O tratamento que apliquei pode ter alterado as relações espaçotemporais dentro do armário. Pergunto-me: o que significa isso? — murmurou consigo mesmo. — As palavras às vezes me assustam.

Vanning estava pensando no tesseracto, o cubo de quatro dimensões.

— Você quer dizer que ele é maior por dentro do que por fora?

— Um paradoxo, meu caro, um delicioso paradoxo. Explique-o você. Acho que o interior do armário não está em nosso contínuo espaço-tempo. Ponha este banco nele. Você verá. — Gallagher não fez menção de se levantar; apenas apontou para o móvel em questão.

— Você está maluco. O banco é maior que o armário.

— Eu sei. Mas coloque aos poucos. Primeiro esse canto. Vai!

Vanning pegou o banco. Apesar de baixinho, era um homem muito forte.

— Coloque-o com o tampo para baixo. Será mais fácil.

— Ufa!... Pronto. E agora?

— Agora empurre-o para dentro.

Vanning olhou de esguelha para seu companheiro, deu de ombros e tentou obedecer. O banco, é claro, não entrava. Só entrou um canto e o móvel emperrou, balançando-se precariamente para um lado.

— E então?

— Espere.

O banco se moveu lentamente para baixo. Vanning, de queixo caído, viu-o como que deslizar para dentro do armário, parecendo um objeto não muito pesado a afundar aos poucos na água. Não foi sugado. Derreteu-se. A parte ainda de fora continuava intacta. Mas depois ela também se foi.

Vanning esticou o pescoço para a frente. Um movimento brusco obscureceu sua visão. Dentro do armário havia... alguma coisa que mudava de contorno, encolhia e se transformava numa espécie de pirâmide escalena pontiaguda, de cor vermelho-escura.

Na parte mais larga, tinha menos de dez centímetros.

— Não acredito no que estou vendo — murmurou Vanning.

Gallegher riu.

— Como o duque de Wellington disse a um subordinado, “era uma droga de garrafa muito pequena, sir”.

— Espere um pouco. Com todos os diabos, como consegui enfiar um banco de mais de dois metros num armário de um?

— Por causa de Newton — respondeu Gallagher. — Gravidade. Encha um tubo de ensaio com água e vou lhe mostrar.

— Um minuto... Pronto, e agora?

— Está cheio até as bordas? Ótimo. Você vai encontrar alguns cubos de açúcar naquela gaveta onde se lê “FUSÍVEIS”. Suspenda um cubo sobre o tubo de ensaio, com uma das pontas do cubo tocando a água.

Vanning obedeceu.

— E daí?

— O que está vendo?

— Nada. O açúcar está ficando úmido. E se derretendo.

— É isso! — exclamou Gallegher. Vanning lançou-lhe um olhar melancólico e virou-se de novo para o tubo. O cubo de açúcar ia se dissolvendo rapidamente.

Por fim, desapareceu.

— Ar e água são meios físicos diferentes. No ar, um cubo de açúcar existe como cubo de açúcar. Na água, existe como solução. Um de seus cantos, mergulhado na água, fica sujeito ao meio aquoso e se altera fisicamente, embora não quimicamente. A gravidade se encarrega do resto.

— Explique melhor.

— A analogia é bem clara, não? A água representa o meio existente dentro do armário. O cubo de açúcar representa o banco. Então! O açúcar, mergulhado na água, foi se dissolvendo aos poucos, enquanto a gravidade o puxava para dentro do tubo à medida que ele se dissolvia. Entendeu?

— Acho que sim. O banco mergulhou no... meio x dentro do armário, certo? E esse meio o fez encolher...

— *In partis*, não *in toto*. Aos poucos. Podemos também colocar um corpo humano dentro de um pequeno recipiente de ácido sulfúrico, pedacinho por pedacinho.

— Oh! — murmurou Vanning, olhando desconfiado para o armário. — Você consegue tirar o banco de lá?

— Faça você mesmo. Basta enfiar a mão e puxá-lo.

— *Enfiar* a mão? Não quero que ela se derreta!

— Isso não vai acontecer. A ação não é instantânea, como você mesmo viu. A mudança leva alguns minutos. Pode enfiar a mão no armário que não

acontecerá nada, desde que não a deixe exposta ao meio interno por mais de um minuto ou coisa assim. Vou lhe mostrar. — Gallegher fez um grande esforço para se levantar, olhou em volta, pegou uma garrafa empalhada vazia e colocou-a no armário.

A mudança não foi imediata. Ocorreu devagar, com a garrafa alterando sua forma e tamanho até se tornar um cubo distorcido mais ou menos do tamanho de um cubo de açúcar. Gallegher enfiou a mão e tirou-o, pondo-o no chão.

O cubo cresceu e reassumiu a forma de garrafa.

— Agora, o banco. Veja.

Gallegher retirou a pequena pirâmide — que logo se tornou o banco original.

— Viu só? Acho que uma empresa de armazenamento gostaria disso. Provavelmente, você conseguiria guardar todo o mobiliário do Brooklyn aí dentro; mas o problema seria achar e recuperar alguma coisa de que precisasse. A mudança física, como se sabe...

— Desenhos — sugeriu Vanning, absorto. — Você desenharia a coisa tal qual parece dentro do armário e anotaria o que ela era.

— Um cérebro jurídico — disse Gallegher. — Preciso de um drinque. — Voltou ao sofá e agarrou o sifão com todas as forças.

— Dou-lhe seis créditos por esse troço — propôs Vanning.

— Vendido. De qualquer modo, ocupa muito espaço aqui. Se eu pudesse colocá-lo dentro dele mesmo... — O cientista começou a rir desbragadamente. — Isso é muito engraçado.

— É mesmo? — replicou Vanning. — Bem, aqui está. — Tirou alguns cupons de crédito da carteira. — Onde ponho a grana?

— Dentro do Monstro. É o meu banco... Obrigado.

— Não foi nada. Mas agora me explique melhor esse negócio do açúcar. Não é apenas a gravidade que faz o cubo mergulhar na água dentro do tubo de ensaio. Esta também não penetra nele?

— Nisso você está certo. Osmose. Não, errei: a osmose tem a ver com ovos. Ou será que é com a ovulação? Condução, convecção... absorção! Se eu tivesse estudado física, conheceria as palavras certas. Sou um gênio louco,

isso sim. — E concluiu, incoerentemente: — Eu devia tomar por esposa a filha da Vinha. — Acionou de novo o sifão.

— Absorção, hein? — comentou Vanning, irritado. — Mas não de água, como no caso do açúcar. Foi o... o *meio* existente dentro do armário que penetrou em seu banco... neste caso particular.

— Como uma esponja ou um mata-borrão.

— O banco?

— Eu — disse Gallegher. E, sem mais palavra, voltou a seu silêncio abençoado, só rompido ocasionalmente quando ele injetava bebida goela abaixo.

Vanning suspirou e virou-se para o armário. Cuidadosamente, fechou-o e trancou-o antes de levantá-lo com seus braços musculosos.

— Já vai? Boa noite. Passe bem, passe bem...

— Boa noite.

— *Passe...* bem! — balbuciou Gallegher, tentando de modo lamentável dar musicalidade à frase. Virou-se no sofá e preparou-se para dormir.

Vanning suspirou de novo e saiu para o frio da noite. Estrelas luziam no céu, exceto ao sul, onde a aurora da Baixa Manhattan já começava a surgir. As esfuziantes torres brancas dos arranha-céus se misturavam num padrão confuso. Um anúncio luminoso gabava as virtudes do Vambulin: *Põe Você Para Cima*.

Sua caminhonete estava na esquina. Vanning colocou o armário na carroceria e se dirigiu para a Hudson Floatway, o caminho mais rápido para o centro da cidade. Pensava em Edgar Allan Poe.

A *Carta Roubada*, escondida à vista de todos graças ao simples expediente de ser dobrada pelo avesso e ter o endereço modificado para alterar sua aparência superficial. Santa Hécate! Que cofre seguro o armário ia ser! Nenhum ladrão poderia abri-lo porque ele não ficaria trancado. Nenhum ladrão *quereria* esvaziá-lo. Vanning o encheria de cupons de crédito e instantaneamente estes se transformariam em coisas irreconhecíveis. O esconderijo ideal.

Como diabos funcionava?

Perguntar a Gallegher não adiantaria nada. Ele tocava de ouvido. Uma prímula na margem de um rio era para ele uma simples prímula — não uma *Primula vulgaris*. Silogismos, Gallegher não conhecia: chegava à conclusão sem a ajuda de premissas maiores e menores.

Vanning refletia. Dois objetos não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo. Logo, havia um tipo diferente de espaço no armário...

Mas Vanning estava se precipitando. Existia outra resposta — a resposta correta, que ele ainda não havia encontrado.

Em vez de continuar quebrando a cabeça, apressou-se em direção ao centro da cidade e ao prédio de escritórios onde ocupava um andar, para onde levou o armário no elevador de serviço. Não o colocou em sua sala particular, pois isso seria óbvio demais; colocou-o num dos almoxarifados, parcialmente escondido por um arquivo. Não queria que os funcionários usassem aquele armário tão especial.

Saiu então e voltou a refletir. Talvez...

Uma campainha soou. Preocupado, Vanning não a ouviu a princípio. Mas depois correu para sua sala e pressionou o botão do aparelho Winchell. A cara cinzenta, desagradável e barbada do advogado Hatton encheu a tela toda.

— Olá — disse Vanning.

Hatton respondeu com um aceno de cabeça.

— Procurei-o em sua casa. Pensei então em tentar o escritório...

— Eu não esperava que fosse me chamar agora. O julgamento é amanhã. Um pouco tarde para discussões, não?

— Dugan & Filhos queriam que eu falasse com você. Contra o meu parecer.

— Oh!

As grossas sobrancelhas esbranquiçadas de Hatton se juntaram.

— Estou acusando, você sabe. Há inúmeras provas contra MacIlson.

— É o que você diz. Mas especulações não levam a nada.

— Solicitou a suspensão da escopolamina?

— Claro — disse Vanning. — Não quero que usem o soro da verdade em meu cliente!

— Isso vai influenciar o júri.

— Não em bases médicas. A escopolamina afeta MacIlson terrivelmente. Já obtive uma medida preventiva.

— Sim, terrivelmente! — sibilou Hatton. — Seu cliente passou a mão naqueles títulos e posso provar isso.

— Vinte e cinco mil em créditos, não? É muito para Dugan & Filhos perderem. E quanto à solução hipotética que sugeri? Suponhamos que vinte mil fossem recuperados...

— Nossa conversa está sendo gravada?

— Não. O gravador foi desligado. — Vanning mostrou a ponta metálica de um fio. — Conversa estritamente confidencial.

— Ótimo — disse o advogado Hatton. — Então posso chamá-lo de rábula sujo.

— Sim.

— Seu truque é velho. Decrépito. MacIlson roubou cinco mil em títulos, negociáveis em créditos. Os auditores começam a investigar. MacIlson procura você. Você o instrui a roubar mais vinte mil e concordar em devolver essa quantia caso Dugan & Filhos desistam de processá-lo. MacIlson racha com você os cinco mil que, convenhamos, não é pouca coisa.

— Não admito nada do que você acaba de dizer.

— É lógico, nem mesmo quando a conversa não está sendo gravada. Mas tacitamente, admite. No entanto, o truque é velho e meus clientes não vão ficar de brincadeirinha com você. Vão abrir um processo.

— Me chamou apenas para me dizer isso?

— Não, quero acertar a questão do julgamento. Concordará que usem escopolamina nos jurados?

— Ok. — disse Vanning. Não dependia de um júri fixo no dia seguinte. Sua batalha se basearia em pormenores técnico-jurídicos. Caso os suplentes fossem testados com escopolamina, as chances ficariam iguais, procedimento que economizaria dia ou semanas de discussões e desafios.

— Ótimo — grunhiu Hatton. — Você perderá até as calças.

Vanning respondeu com um palavrão leve e desligou. Com a próxima

disputa no tribunal atazanando-o, procurou esquecer o caso do armário e saiu do escritório. Mais tarde...

Mais tarde teria tempo de sobra para investigar mais demoradamente as possibilidades do curioso armário. Agora, porém, não queria ocupar os miolos com coisas supérfluas. Foi para seu apartamento, pediu à empregada que lhe preparasse um uísque com soda simples e meteu-se na cama.

No dia seguinte, ganhou a causa. Baseou sua argumentação em detalhes técnicos complicados e precedentes legais obscuros. O “x” da questão foi que os títulos não haviam sido convertidos em créditos do governo. Tabelas econômicas confusas provaram esse ponto em favor de Vanning. A conversão mesmo de cinco mil créditos teria causado uma flutuação na linha do gráfico e isso não havia acontecido. Os especialistas de Vanning desceram a monstruosos detalhes.

Para a prova da culpa, seria necessário mostrar, concretamente ou por inferência, que os títulos existiam desde o último 20 de dezembro, data de sua mais recente checagem e registro. O caso *Donovan versus Jones* serviu de precedente.

Hatton deu um pulo.

— Jones confessou mais tarde que havia dado o desfalque, Meritíssimo!

— O que em nada afetou a decisão original — rebateu Vanning sem se alterar. — A retroatividade não é admissível aqui. O veredicto não foi alterado.

— A defesa pode prosseguir.

E prosseguiu mesmo, erguendo um edifício de lógica casuística magnificamente intricado.

Hatton quase teve um ataque.

— Meritíssimo, eu...

— Se meu duto oponente apresentar um título (um só), eu dou a causa por perdida.

O juiz exibiu um risinho sardônico.

— De fato! Se essa prova fosse apresentada, o defensor iria para trás das grades tão depressa quanto eu pronunciasse a sentença. Você sabe muito bem disso, sr. Vanning. Continue.

— Obrigado. Sustento, pois, que os títulos jamais existiram. Foram resultado de um erro de escrituração.

— Erro de escrituração numa calculadora Pederson?

— Erros assim acontecem, conforme demonstrarei. Se eu puder chamar minha próxima testemunha...

Sem que o interrompessem, um técnico matemático explicou como uma calculadora Pederson pode errar. Deu exemplos.

Hatton tentou apanhá-lo num ponto.

— Protesto contra essa prova. A Rodésia, como todos sabem, é a sede de uma importante indústria experimental. A testemunha não esclareceu qual é a natureza do trabalho executado nessa fábrica. Não é do conhecimento de todos que a Henderson United Company lida muito com minérios radioativos?

— A testemunha deve responder.

— Não posso. Meus registros não trazem esse dado.

— Uma omissão significativa — insinuou Hatton. — A radioatividade danifica o mecanismo complicado de uma calculadora Pederson. Ora, não há rádio nem subprodutos de rádio nos escritórios de Dugan & Filhos.

Vanning se levantou.

— Posso perguntar se esses escritórios foram dedetizados recentemente?

— Sim. É uma exigência legal.

— Usou-se algum tipo de gás de cloro?

— Sim.

— Quero chamar minha próxima testemunha.

A próxima testemunha, um físico e funcionário do Ultra Radium Institute, explicou que os raios gama afetam poderosamente o cloro, provocando ionização. Organismos vivos podem assimilar subprodutos de rádio e transmiti-los por sua vez. Alguns clientes de Dugan & Filhos tiveram contato com a radioatividade...

— Isso é ridículo, Meritíssimo! Pura teorização...

Vanning se fingiu de ofendido.

— Cito o caso de *Dangerfield versus Austro Products*, Califórnia, 1963. Ele pontifica que o fator incerteza deve ser admitido como prova. Quero dizer apenas que a calculadora Pederson pode ter errado ao registrar os títulos. Se isso for verdade, então não houve título algum e meu cliente não é culpado.

— A deliberação vai continuar — disse o juiz, desejando ser Jeffreys para mandar aquela corja toda para o cadafalso. A jurisprudência deve se fundamentar na justiça e não ser um jogo de xadrez tridimensional. Mas, infelizmente, era a consequência natural de fatores políticos e econômicos da civilização moderna. Já não havia dúvida de que Vanning ganharia a causa.

E ganhou. O júri foi induzido a dar razão ao defensor. Como último e desesperado recurso, Hatton levantou uma questão de ordem e pediu escopolamina, mas seu pedido foi recusado. Vanning piscou para o adversário e fechou a pasta.

Estava feito.

Vanning voltou para o escritório. Às quatro e meia da tarde começaram a surgir os problemas. A secretária anunciou o sr. MacIlson e foi empurrada para o lado por um homem magro, moreno e de meia-idade que empunhava uma enorme pasta de couro.

— Vanning! Preciso falar com você...

Os olhos do advogado ficaram sombrios. Levantou-se da escrivaninha e, com um gesto brusco de cabeça, mandou a secretária sair. Quando a porta se fechou, disse em tom áspero:

— Que está fazendo aqui? Pedi que ficasse longe de mim. O que traz nessa pasta?

— Os títulos — explicou MacIlson, com voz insegura. — Algo deu errado...

— Seu louco idiota! Trazer os títulos aqui... — De um salto, Vanning correu para a porta e trancou-a. — Não percebe que, se Hatton puser as mãos

nesses papéis, você voltará para trás das grades? E que eu perderei minha licença? Leve isso embora já.

— Não pode me ouvir por um minuto? Fui guardar os títulos na Finance Unity, conforme você me instruiu, mas... mas encontrei lá um policial à minha espera. Vi-o a tempo. Se ele me pegasse...

Vanning respirou fundo.

— Você deveria deixar os títulos naquele cofre do metrô por dois meses.

MacIlson tirou do bolso uma folha de jornal.

— Acontece que o governo congelou os títulos e os estoques de minério. A medida vai entrar em vigor dentro de uma semana. Não posso esperar... o dinheiro ficaria preso por tempo indeterminado.

— Deixe-me ver o jornal. — Vanning leu a notícia e praguejou baixinho.
— Onde encontrou isto?

— Comprei-o de um garoto na porta da cadeia. Queria checar as cotações atuais de minério.

— Hum... estou vendo. Não lhe ocorreu que este jornal pode ser uma fraude?

— Fraude? — gaguejou MacIlson de queixo caído.

— Exatamente. Hatton calculou que eu poderia soltá-lo e deixou esse jornal pronto. Você mordeu a isca. Pôs os tiras na pista da prova e uma corda no meu pescoço.

— M-mas...

Vanning fez uma careta.

— Por que acha que viu o policial na Finance Unity? Ele poderia tê-lo pego ali mesmo. Mas queria assustá-lo para que corresse ao meu escritório e nós dois fôssemos apanhados de uma só vez. Prisão para você, perda de licença para mim. Ah, inferno!

MacIlson mordeu os lábios.

— Não posso escapar por uma porta nos fundos?

— E atravessar o cordão de isolamento que já deve ter sido montado? Meu Deus! Não seja mais idiota do que já é.

— Você não pode... esconder o bagulho?

— Onde? Eles vão esmiuçar este escritório com raios X. Não, o que vou fazer é... — Vanning se deteve. — Hum, você disse esconder? *Esconder...*

Chamou a secretária pelo interfone.

— Senhorita Horton? Estou em reunião. Não me perturbe por nada. Se alguém lhe mostrar um mandado de busca, procure ganhar tempo. Entendido? Ok.

A esperança voltou ao rosto de MacIlson.

— Então está tudo bem?

— Ora, cale a boca! — rosnou Vanning. — Espere aqui. Volto logo. — Entrou por uma porta lateral e desapareceu. Segundos depois estava de volta, carregando, para surpresa de MacIlson, um armário de metal.

— Ajude-me aqui... *uh!*... aqui, neste canto. E agora suma.

— Mas...

— Suma — repetiu Vanning. — Tudo está sob controle. Não abra o bico. Vão levá-lo, mas não poderão detê-lo sem provas. Volte tão logo o soltem. — Empurrou MacIlson para a porta e obrigou-o a sair. Em seguida, voltou para junto do armário, abriu a porta e olhou para dentro. Vazio. É claro.

A maleta de couro...

Vanning enfiou-a no armário, ofegante. Levou algum tempo, pois o objeto era maior que a abertura. Mas por fim o advogado relaxou ao ver a maleta marrom encolher-se e mudar de forma até ficar pequena e distorcida, semelhante a um ovo alongado e da cor de uma moeda de cobre de um centavo.

— *Uau!* — exultou Vanning.

Aproximou-se mais e olhou. Dentro do armário, algo se movia: uma criatura grotesca, de menos de dez centímetros de altura. Era uma coisa chocante, toda arestas e ângulos, esverdeada e obviamente viva.

Alguém bateu à porta.

A coisinha se ocupava do ovo cor de cobre. Como uma formiga, erguia-o e tentava empurrá-lo. Vanning, resfolegando, enfiou a mão no armário. A criatura de quatro dimensões saltou para o lado, mas não com rapidez

suficiente. Vanning baixou a mão e sentiu um movimento agitado contra a palma.

Fechou a mão.

O movimento cessou. Vanning largou a coisa morta e retirou rapidamente a mão.

A porta estremecia ao impacto das batidas.

O advogado fechou o armário e gritou:

— Um minuto!

— Arrombe! — ordenou alguém.

Mas isso não foi necessário. Vanning aplicou um sorriso indulgente ao rosto e girou a chave. Hatton entrou, acompanhado por policiais corpulentos.

— Pegamos MacIlson — foi logo anunciando.

— Hein? Por quê?

Como única resposta, Hatton fez um gesto com a mão. Os tiras começaram a vasculhar o escritório. Vanning deu de ombros.

— Vocês pisaram na bola. Arrombando e entrando...

— Temos um mandado.

— Qual é a acusação?

— Os títulos, é claro. — A voz de Hatton parecia cansada. — Não sei onde você escondeu a maleta, mas vamos encontrá-la.

— Que maleta? — perguntou Vanning.

— Aquela que MacIlson segurava quando entrou aqui. Aquela que não segurava mais quando saiu.

— O jogo terminou — disse Vanning, em tom melancólico. — Vocês ganharam.

— Como?

— Se eu lhe disser o que fiz com a maleta, você pegará leve comigo?

— Sim... Onde...

— Eu a comi — disse Vanning, dirigindo-se para o sofá como se pretendesse tirar um cochilo. Hatton lançou-lhe um olhar demorado e raivoso. Os policiais entraram...

Passaram pelo armário após uma olhada rápida em seu interior. Os raios X

não descobriram nada nas paredes, piso, teto ou móveis. Os outros escritórios também foram vistoriados. Vanning aplaudia aquela cansativa tarefa.

Por fim, Hatton desistiu. Não havia mais nada que pudesse fazer.

— Abrirei processo contra você amanhã — avisou Vanning. — E, ao mesmo tempo, impetrarei *habeas corpus* para MacIlson.

— Vá para o inferno — rosnou Hatton.

— Adeusinho.

Vanning esperou até que os visitantes indesejados saíssem. Depois, rindo baixinho, foi até o armário e abriu-o.

O ovo cor de cobre que representava a maleta havia desaparecido. Vanning bateu o interior do armário e não achou nada.

Não percebeu o significado disso num primeiro momento. Virou o armário de frente para a luz da janela e olhou de novo, com idênticos resultados.

O armário estava vazio.

Vinte e cinco mil créditos em títulos negociáveis de minérios haviam se evaporado.

Vanning começou a suar. Levantou a caixa metálica e sacudiu-a. Isso não ajudou. Arrastou-a pela sala e colocou-a em outro canto, voltando para examinar o pavimento com penosa meticulosidade. *Será que...*

Hatton?

Não. Vanning não havia tirado os olhos do armário desde a chegada até a saída dos policiais. Um deles tinha aberto a porta do armário, olhado dentro e a fechado de novo. Desde então, ela havia permanecido fechada.

Os títulos haviam desaparecido juntamente com a criaturinha anormal que Vanning havia esmagado. Aquilo queria dizer... o quê?

Vanning fechou o armário, colocando o cadeado na posição certa. Depois abriu-o de novo, mas sem grande esperança de rever o ovo cor de cobre.

Estava certo. Não reviu.

Ligou para Gallegher.

— Que é? Hein? Oh, o que você quer? — O rosto amarrotado do cientista apareceu na tela do aparelho. — Estou de ressaca. E não posso usar tiamina, pois sou alérgico a ela. Mas qual é o seu problema?

— Escute — disse Vanning, apressado. — Coloquei um objeto dentro do armário e ele desapareceu.

— O armário? Engraçado!

— O armário não, o objeto que coloquei nele. Uma... uma maleta.

Gallegher sacudiu a cabeça, pensativo.

— Nunca se sabe o que vai acontecer, não? Certa vez, fiz um...

— Ao diabo com o que você fez! Quero a maleta de volta!

— Algo de precioso que você herdou?

— Não, dinheiro.

— Tolice sua, hein? Nenhum banco faliu desde 1999. Nunca achei que você fosse avarento, Vanning. Quer ter sempre o dinheiro à mão para acariciá-lo à vontade, não?

— Você está bêbado.

— Estou *tentando* — corrigiu o cientista. — Mas criei muita resistência ao longo dos anos. Isso demora. Sua chamada me impediu de tomar pelo menos mais dois drinques e meio. Preciso colocar uma extensão no sifão para poder falar ao aparelho e beber ao mesmo tempo.

Vanning balbuciava incoerentemente ao microfone:

— Minha maleta! Que aconteceu com ela? Quero-a de volta.

— Bem, eu não a peguei.

— Pode descobrir onde ela está?

— Não sei. Dê-me os detalhes. Verei o que posso fazer.

Vanning contou a história, com toda a precaução necessária.

— Ok — disse Gallegher por fim, de má vontade. — Detesto elaborar teorias, mas como um favor... Meu diagnóstico vai lhe custar cinquenta créditos.

— Como? Escute aqui...

— Cinquenta créditos — repetiu Gallegher com firmeza. — Do contrário, nada de prognóstico.

— Como saberei se você conseguirá me trazer a maleta de volta?

— As chances são de que não conseguirei. No entanto, talvez... Tenho de ir à Mechanistra e usar algumas de suas máquinas. Eles também cobram caro.

Mas preciso de calculadoras possantes...

— Está bem, está bem — resmungou Vanning. — Faça isso logo. Quero minha maleta de volta.

— O que me interessa no caso é aquele inseto que você esmagou. Na verdade, é essa a única razão pela qual vou me encarregar do seu problema. Vida na quarta dimensão... — murmurou Gallegher. Seu rosto foi se desvanecendo até desaparecer da tela. Vanning esperou alguns segundos e desligou.

Examinou mais uma vez o armário, não encontrando nada de novo. Mas a verdade era que a maleta havia sumido lá de dentro. Ah, inferno!

Remoendo seus desgostos, o advogado vestiu o casaco e foi almoçar esfomeadamente no Manhattan Roof. Sentia muita pena de si mesmo.

Na manhã seguinte, estava ainda pior. Chamou Gallegher sem sucesso e teve de ficar matando o tempo. Por volta de meio-dia, MacIlson apareceu, muito nervoso.

— Você não teve pressa alguma em me soltar — foi logo dizendo. — Que aconteceu? Tem alguma bebida aqui?

— Você não precisa beber mais. Já bebeu muito, pela sua cara — grunhiu Vanning. — Vá para a Flórida e espere até a poeira baixar.

— Estou com o saco cheio de esperar. Vou é para a América do Sul. E quero meus créditos.

— Antes, preciso negociar os títulos.

— Fico com os títulos. Metade, conforme o combinado.

Vanning semicerrou os olhos.

— Para cair nas garras da polícia? Se é o que deseja...

MacIlson parecia inquieto.

— Reconheço que fiz uma besteira. Mas agora não, serei esperto.

— Então vai esperar.

— Um amigo está com um helicóptero lá em cima, no teto. Subo, entrego-lhe os títulos e depois vou embora tranquilamente. A polícia não achará nada em meu poder.

— Eu já disse que não — repetiu Vanning. — É muito perigoso.

— Perigoso é deixar as coisas como estão. Se eles encontrarem os títulos...

— Isso não vai acontecer.

— Onde os escondeu?

— Não é da sua conta.

MacIlson fechou a cara, nervoso.

— Talvez. Mas estão neste prédio. Você não poderia tê-los tirado daqui ontem antes da chegada dos policiais. Não se arriscaria. Eles usaram raios X?

— Sim.

— Bem, ouvi dizer que Hatton virá com uma equipe de técnicos para levantar a planta deste edifício. Encontrará seu cofre. Quero estar longe quando ele fizer isso.

— Você parece histérico — disse Vanning, gesticulando. — Protegi-o, não? Embora você quase tenha estragado tudo.

— É verdade — concordou MacIlson, levando um dedo à boca. — Mas eu... — Começou a roer a unha. — Ah, diabos! Estou sentado na beira de um vulcão com formigas embaixo de mim. Não posso ficar aqui e esperar que encontrem os títulos. Não podem me extraditar da América do Sul... para onde vou, de qualquer modo.

— Terá de esperar — insistiu Vanning com dureza. — É a sua única chance.

De repente, um revólver apareceu na mão de MacIlson.

— Passe para cá a metade dos títulos. Agora. Não confio nem um pouco em você. Acha que vai me enrolar? Vamos, me dê os malditos papéis!

— Negativo.

— Não estou brincando.

— Sei disso. Mas é impossível.

— Ah, é? E por quê?

— Já ouviu falar em fechadura programada? — perguntou Vanning, de olhos atentos. — Você está certo. Guardei a maleta num cofre escondido. Mas não posso abri-lo até se passar um número determinado de horas.

— Hum! E quando...

— Amanhã.

— Está bem. Amanhã me entregará os títulos?

— Se quiser. Mas aconselho-o a mudar de ideia. É mais sensato.

Por única resposta, MacIlson se virou arreganhando os dentes e foi embora. Vanning ficou sentado, imóvel, por um longo tempo. Estava realmente com medo.

O problema era que MacIlson era do tipo maníaco-depressivo. Podia matar. Agora já estava quase explodindo, imaginando-se um fugitivo desesperado. Bem... o seguro morreu de velho.

Vanning ligou para Gallegher de novo, mas não obteve resposta. Deixou uma mensagem no correio de voz e foi examinar o cofre outra vez. Vazio. Deprimidamente vazio.

À noite, Gallegher recebeu Vanning em seu laboratório. O cientista parecia cansado e bêbado. Fez um gesto largo em direção a uma mesa coberta de pedaços de papel.

— Que dor de cabeça você me deu! Se eu conhecesse os princípios que regem aquele dispositivo, teria medo de mexer nele. Sente-se. Um drinque? Trouxe os cinquenta créditos?

Em silêncio, Vanning entregou-lhe os cupons, que o cientista guardou no Monstro.

— Ótimo. Agora... — Deixou-se cair no sofá. — Agora podemos começar. Faça a pergunta pela qual pagou os cinquenta créditos.

— Terei a maleta de volta?

— Não — respondeu Gallegher impassivelmente. — Eu, pelo menos, não sei como isso poderia ser feito. Trata-se de outro setor do espaço-tempo.

— O que significa isso, trocando em miúdos?

— Significa que o armário se comporta como uma espécie de telescópio, com a diferença de não ser unicamente visual. O armário é uma janela, digamos assim. Você pode atravessá-la como pode ver através dela. Uma abertura para o Agora mais x.

Vanning resmungou, impaciente.

— Até o momento, você não disse coisa com coisa.

— Até o momento, tudo o que eu disse foi teoria; e teoria é, provavelmente, tudo o que saberei dizer. Veja. Eu estava errado: as coisas colocadas no armário não apareceriam em outro espaço devido à existência de uma constante espacial. Ou seja, não ficariam menores. Tamanho é tamanho. Mover um cubo de três centímetros daqui até Marte não o tornaria menor nem maior.

— E quanto à diferença de densidade no meio circundante? Isso não comprimiria um objeto?

— Sem dúvida, e o objeto permaneceria comprimido. Não voltaria ao tamanho e à forma anteriores quando retirado do armário. X mais y nunca é igual a xy . Mas x vezes y ...

— Então?

— É um jogo de palavras — Gallegher começou a explicar. — As coisas que pusemos no armário entraram no tempo. Sua aceleração permaneceu constante, mas suas relações espaciais mudaram. Duas coisas não podem ocupar concomitantemente o mesmo lugar ao mesmo tempo. Portanto, sua mala foi para um tempo diferente. Agora mais x . O que x representa não sei, talvez alguns milhões de anos.

Vanning parecia perdido.

— A mala está a um milhão de anos no futuro?

— Quantos anos não sei, mas... eu diria muitos. Não tenho fatores suficientes para completar a equação. Raciocino indutivamente, quase sempre, e os resultados são extravagantes como o diabo. Einstein adoraria isso. Meu teorema mostra que o universo está se expandindo e se contraindo ao mesmo tempo.

— E o que isso tem a ver...

— O movimento é relativo — continuou Gallegher, inexoravelmente. — Eis aí um princípio fundamental. Pois bem, o universo está se expandindo, se dilatando como um gás, mas suas partes integrantes estão se contraindo ao mesmo tempo. As *partes* não crescem realmente, você sabe... sóis e átomos não aumentam de tamanho. Apenas se distanciam do ponto central, galopam

em todas as direções... Mas onde eu estava mesmo? Ah, na verdade o universo como um todo está encolhendo.

— Está encolhendo. E minha maleta, que fim levou?

— Eu lhe digo: foi para o futuro. O raciocínio dedutivo mostra isso. Maravilhosamente simples e lógico. E, também, impossível de provar. Há cem, mil, um milhão de anos a Terra e o próprio universo eram maiores do que agora. E continuam a se contrair. Em algum ponto do futuro a Terra terá metade do tamanho de hoje. Só que nós não notaremos porque o universo será proporcionalmente menor.

Gallegher se pôs a devanear:

— Pusemos um banco no armário e ele emergiu em algum ponto do futuro. O armário é uma janela aberta para um tempo diferente, conforme lhe expliquei. O banco foi afetado pelas condições daquele período. Encolheu, depois que lhe demos uns poucos segundos para absorver a entropia ou coisa que o valha. Eu disse entropia? Só Alá sabe... Bem, bem...

— O banco se transformou numa pirâmide.

— Talvez haja distorção geométrica também. Ou simples ilusão de óptica. Nesse caso, não podemos descobrir o foco exato. Não acho que as coisas irão realmente parecer diferentes no futuro; ficarão apenas menores. Mas estamos usando uma janela para a quarta dimensão, uma dobra no tempo. Deve ser como olhar por um prisma. A alteração do tamanho é real; a forma e a cor, no entanto, surgem modificadas aos nossos olhos através do prisma da quarta dimensão.

— De onde se conclui que a minha maleta está no futuro, certo? Mas como desapareceu do armário?

— E quanto à criaturinha que você esmagou? Talvez ela tivesse amigos, que só se tornariam visíveis se entrassem no estreito foco do... do... bem, seja lá do que for. Em algum ponto do futuro, daqui a cem, mil ou um milhão de anos, uma maleta aparece do nada. Um de nossos descendentes investiga. Você o mata. Seus amigos chegam e levam a maleta embora, para longe do armário. No espaço, poderá estar em qualquer parte; e o fator tempo é uma quantidade desconhecida. Agora mais x. Um armário do tempo. Correto?

— Com todos os diabos! — explodiu Vanning. — Então é só o que tem para me dizer? Devo registrar isso como perdas e danos?

— A menos que queira entrar no armário para procurar a maleta. Só Deus sabe onde irá sair! A composição do ar provavelmente mudará em alguns milhares de anos. E haverá outras alterações.

— Não sou tão maluco assim.

Era isso. Os títulos haviam desaparecido para além de qualquer possibilidade de recuperação. Vanning podia se resignar a semelhante perda, contanto que os papéis não caíssem nas mãos da polícia. Mas com MacIlson a história era outra, sobretudo depois que uma bala estilhaçara a janela de vidro do escritório.

Uma conversa com MacIlson não havia levado a nada. O malandro estava convencido de que Vanning queria enganá-lo. Foi posto para fora à força, gritando ameaças. Iria à polícia, confessaria tudo...

Que fosse. Não havia provas. Para o diabo com ele. Contudo, por uma questão de segurança, Vanning solicitou a prisão preventiva de seu ex-cliente.

Não deu em nada. MacIlson esmurrou o policial no queixo e fugiu. Agora, Vanning suspeitava, devia andar escondido pelos cantos, armado e ansioso para cometer suicídio. Sim, sem dúvida um maníaco-depressivo.

Vanning sentiu um prazer malicioso em solicitar uma dupla de investigadores para lhe servirem de guarda-costas. Legalmente, estava em seu direito, pois havia sido ameaçado de morte. Até que colocassem MacIlson atrás das grades, ele ficaria protegido. E exigiu que seus guardas fossem os melhores da força policial de Manhattan.

Descobriu que eles tinham sido instruídos também a procurar os papéis e a maleta desaparecida. Vanning ligou para Hatton e apareceu rindo na tela.

— Nada ainda?

— Que quer dizer?

— Meus cães de guarda. Seus espiões. Não encontrarão os títulos, Hatton. Por que não os chama de volta? Por que obrigar os coitados a fazer dois trabalhos ao mesmo tempo?

— Um desses trabalhos já seria suficiente, o de encontrar provas. Se MacIlson fizesse um furo em você, eu não choraria muito.

— Bem, verei você no tribunal — disse Vanning. — Está acusando Watson, não?

— Estou. Vai abrir mão da escopolamina?

— Para os jurados? Sem dúvida. Essa causa já está ganha.

— É o que você pensa — rosnou Hatton, desligando.

Rindo dissimuladamente, Vanning vestiu o sobretudo, chamou os guardas e foi para o tribunal. Nenhum sinal de MacIlson...

Vanning de fato ganhou a causa, como esperava. Voltou ao escritório, pegou alguns recados sem importância com a secretária e entrou em sua sala. Ao abrir a porta, viu a maleta de couro no tapete, a um canto.

Estacou, com a mão no trinco. Às suas costas, podia ouvir os passos duros dos guardas. Gritou-lhes por cima do ombro:

— Esperem um pouco.

Entrou, bateu a porta e trancou-a. Estava às voltas com um mistério surpreendente.

A maleta. Lá estava ela, sem sombra de dúvida. E também sem sombra de dúvida os dois policiais, depois de uma breve troca de palavras, estavam esmurrando a porta e tentando pô-la abaixo.

Vanning ficou verde. Deu um passo hesitante para a frente e viu o armário no canto para onde o tinha removido. O armário do tempo...

Era isso. Se colocasse a maleta no armário, ela se tornaria irreconhecível. E mesmo que desaparecesse de novo, pouco importava. O que importava agora era se livrar imediatamente das evidências incriminadoras.

A porta se sacudia nos gonzos. Vanning correu para a maleta e pegou-a. Pelo canto dos olhos, percebeu um movimento.

No ar acima dele, apareceu uma mão. Era a mão de um gigante, cujo punho alvacento se desvanecia no nada. Os dedos enormes se aproximavam...

Vanning gritou e saltou de lado. Mas não foi suficientemente rápido. A mão desceu e Vanning se agitou desesperadamente contra a palma.

A mão se fechou. Quando se abriu de novo, o que restara de Vanning jazia esparramado no tapete embebido de sangue.

A mão recuou para o nada. A porta desabou e os guardas saltaram por cima.

Não demorou para Hatton e seus auxiliares chegarem. Mas pouco podiam fazer exceto limpar a sujeira. A maleta de couro, contendo vinte e cinco mil créditos em títulos negociáveis, foi levada para um lugar seguro, enquanto o corpo de Vanning era recolhido e despachado para o necrotério. Fotógrafos tiraram seus instantâneos, peritos em impressões digitais espalharam seu pozinho branco, técnicos de raios X trabalharam diligentemente. Tudo foi feito com rapidez e eficiência, de modo que em uma hora o escritório estava vazio e de portas lacradas.

Assim, não houve nenhum espectador para testemunhar o aparecimento, do nada, de uma mão gigantesca que vasculhou o local como se procurasse alguma coisa e depois se desvaneceu novamente...

A única pessoa que poderia lançar luz sobre o caso era Gallegher, que dirigiu suas observações ao Monstro na solidão de seu laboratório. E tudo o que ele disse foi:

— Então foi por isso que aquele banco se materializou aqui ontem, por alguns minutos. Hum... Agora mais x... e x é igual a cerca de uma semana. Ora, por que não? Tudo é relativo. Mas... eu nunca supus que o universo estivesse encolhendo *tão* rapidamente!

Estirou-se no sofá e esguichou um martíni duplo garganta abaixo.

— Sim, é isso — murmurou após alguns instantes. — *Uau!* Acho que Vanning é o único sujeito que se transportou para o meio da semana seguinte... e matou a si mesmo! Vou encher a cara.

E encheu.

ARTHUR C. CLARKE

O sentido cósmico subjaz a boa parte da ficção de Arthur C. Clarke, manifestando-se aí de diversas formas: a realização acelerada por computador de uma profecia em “Os Nove Trilhões de Nomes de Deus”; a rede de telecomunicações que recebe uma centelha de vida em “Dial F for Frankenstein”; e os misteriosos supervisores extraterrestres que dirigem o destino humano no romance baseado em seu roteiro para 2001: Uma Odisseia no Espaço. Essa que é a sua história mais famosa (e as continuções 2010: Uma Odisseia no Espaço II e 2061: Uma Odisseia no Espaço III) constitui o ponto alto de suas ideias sobre o lugar do homem no universo, introduzidas em seu conto de 1951, “The Sentinel” [A Sentinela], e elaboradas mais plenamente em Childhood’s End [O Fim da Infância], seu romance elegíaco sobre a maturação da humanidade como espécie e sua ascensão a um objetivo maior no esquema universal.

Clarke fundamenta o mistério cósmico de suas histórias na ciência séria. Formado em física e matemática, contribuiu para numerosas publicações científicas e foi o primeiro a propor a ideia de um satélite de comunicações em órbita em volta da Terra, em 1945. Algumas de suas melhores obras enfocam a solução de um problema ou enigma científico. A Queda da Poeira Lunar narra os esforços para resgatar uma nave presa em condições pouco usuais na face da Lua. As Fontes do Paraíso aborda os problemas de engenharia encontrados na construção de um elevador terrestre que deve abastecer estações espaciais em órbita. Encontro com Rama (que ganhou os prêmios Hugo e Nebula) extrapola sua sólida pesquisa científica para um novo e intrigante território, relatando a descoberta de uma espaçonave alienígena aparentemente abandonada e as tentativas dos homens para

entender seus avançados princípios científicos. Entre os outros romances de Clarke podemos citar Prelude to Space [Prelúdio Espacial], Areias de Marte, Earthlight [Luz da Terra], Imperial Earth [Terra Imperial] e The Deep Range, uma exploração futurista da vida submarina em termos similares aos de suas especulações sobre viagens espaciais. Escreveu os romances Ilhas no Céu e A Ilha dos Golfinhos para leitores jovens e seus contos foram coligidos em Expedição à Terra, Ao Alcance do Amanhã, Tales from the White Hart, O Vento Solar e outros. Seus numerosos livros de não ficção incluem o premiado A Exploração do Espaço e o autobiográfico Astounding Days. Clarke foi nobilitado em 2000.

O tema da volta às eras pré-históricas, particularmente à dos dinossauros, passou a ser tratado logo após o surgimento das primeiras histórias de viagens no tempo. A narrativa habilmente alinhavada de Arthur C. Clarke extrapola um desses encontros tanto do ponto de vista presente quanto, ao mesmo tempo, de milhões de anos no passado. Ela também aborda a ideia de que, talvez, as criaturas pré-históricas não tivessem tanto medo do homem quanto se possa pensar.

A SETA DO TEMPO

ARTHUR C. CLARKE

O RIO ESTAVA MORTO e o lago moribundo quando o monstro desceu o curso quase seco da corrente e se dirigiu para o pântano desolado. Não havia muitos lugares seguros de percorrer, e mesmo onde o solo era mais duro os grandes pistões de seus pés afundavam quase meio metro sob o peso que carregavam. Às vezes o monstro parava para observar a paisagem com movimentos rápidos e abruptos de cabeça. Nesses momentos, afundava ainda mais no solo macio, para que cinquenta milhões de anos depois os homens pudessem avaliar, com alguma exatidão, a duração de suas paradas.

As águas nunca mais haviam voltado e o sol causticante tinha transformado a lama em rocha. Mais tarde, o deserto se espalhou sobre aquele território, sepultando-o sob camadas protetoras de areia. Mais tarde, muito mais tarde, aparecera o Homem.

— Você acha — perguntou Barton em meio ao barulho — que o professor Fowler — se tornou paleontólogo porque gosta de manusear perfuratrizes hidráulicas? Ou tomou gosto pela coisa mais tarde?

— Não consigo ouvi-lo! — gritou Davis, apoiando-se na pá de um modo absolutamente profissional. Olhou esperançoso para o relógio.

Que tal dizer-lhe que é hora do almoço? Ele não pode usar o relógio quando perfura e não deve estar sabendo.

— Duvido que vá adiantar — respondeu Barton, aos gritos. — Ele percebe a nossa jogada e sempre acrescenta mais dez minutos. Mas talvez interrompa esse trabalho infernal.

Com evidente entusiasmo, os dois geólogos depuseram suas ferramentas e se aproximaram do chefe. Ao vê-los, este desligou a perfuratriz e um relativo silêncio se fez, quebrado apenas pelo arfar do compressor ao fundo.

— Hora de voltar ao acampamento, professor — avisou Davis, escondendo o pulso com o relógio atrás das costas. — Sabe o que o cozinheiro diz quando nos atrasamos.

O professor Fowler, mestre em Ciências, membro da Sociedade Real e da Sociedade Geológica, limpou em parte, mas não totalmente, a poeira amarelada da testa. Qualquer um o tomaria por um operário de obras e os visitantes ocasionais ao sítio raramente reconheciam o vice-presidente da Sociedade Geológica naquele trabalhador moreno e seminu, inclinado sobre sua amada perfuratriz hidráulica.

Havia sido necessário quase um mês para limpar a areia e chegar à superfície do pântano petrificado. Durante esse tempo, centenas de metros quadrados ficaram expostos, revelando um instantâneo congelado do passado que era, provavelmente, o melhor já descoberto pela paleontologia. Pássaros e répteis tinham vindo atrás do resto de água e deixaram suas pegadas como monumento imorredouro milênios depois que seus corpos pereceram. Quase todas as pegadas os cientistas puderam identificar, mas uma — a maior de todas — era nova para a ciência. Pertencia a um animal que devia ter pesado de vinte a trinta toneladas, e o professor Fowler seguia aquele rastro de cinco milhões de anos com a emoção de um caçador de caça grossa que fareja sua presa. Havia mesmo a esperança de que ele pudesse descobrir o próprio animal; o solo era sem dúvida traiçoeiro quando o monstro desconhecido caminhou por ali e seus ossos poderiam estar nas imediações, bem à mão, marcando o local onde tinha sido apanhado como tantas outras criaturas da época.

Contudo, a despeito dos recursos mecânicos disponíveis, o trabalho era enfadonho. Somente as camadas superiores podiam ser removidas pelo equipamento; a camada final tinha de ser retirada à mão, com o máximo cuidado. O professor Fowler estava certo ao insistir em que apenas ele devia

fazer o trabalho preliminar, pois um único descuido talvez provocasse danos irreparáveis.

Os três homens já se encontravam a meio caminho na volta para o acampamento, sacolejando-se pela estrada cheia de buracos em seu jipe velho, quando Davis levantou a questão que intrigava os jovens desde o início do trabalho.

— Tenho a clara impressão — começou ele — de que nossos vizinhos do vale não gostam muito de nós, embora eu não imagine por quê. Não estamos nos metendo na vida deles. Deveriam ao menos ter a gentileza de nos convidar.

— A não ser, é claro, que aquilo *seja* um centro de pesquisa de armas — acrescentou Barton, retomando uma teoria geralmente aceita.

— Não creio — disse o professor Fowler em tom tranquilo. — Pois, se querem saber, acabo de ser convidado. Vou lá amanhã.

Se a bomba não causou o efeito esperado foi graças ao eficiente sistema de espionagem de sua equipe. Por um instante, Davis refletiu sobre essa confirmação de suas suspeitas. E, após uma tossezinha:

— Então ninguém mais foi convidado?

O professor sorriu diante da insinuação.

— Não — respondeu. — Foi um convite estritamente pessoal. Vocês, rapazes, estão loucos de curiosidade, mas o fato é que sabem tanto sobre o lugar quanto eu. Se descobrir alguma coisa amanhã, não deixarei de lhes contar. Mas pelo menos quem dirige o estabelecimento já não é mistério para nós.

Os assistentes apuraram os ouvidos.

— Quem? — perguntou Barton. — Meu palpite vai para a Agência de Desenvolvimento Atômico.

— Talvez esteja certo — disse o professor. — De qualquer modo, Henderson e Barnes são os encarregados.

Dessa vez a bomba explodiu mesmo, tanto assim que Davis quase atirou o jipe para fora da pista — o que não faria diferença alguma, dadas as condições da estrada.

— Henderson e Barnes? *Aqui*, neste buraco esquecido de Deus?

— Exatamente — disse o professor, rindo. — O convite, na verdade, partiu de Barnes. Desculpou-se por não ter entrado em contato antes, apresentou os motivos de sempre e perguntou se eu não poderia ir lá para um bate-papo.

— Contaram o que estão fazendo?

— Não; não deram sequer uma dica.

— Barnes e Henderson? — disse Barton, pensativamente. — Deles, só sei que são físicos. Qual é o seu ramo?

— São os especialistas em física de baixa temperatura — respondeu Davis. — Henderson foi diretor do Instituto Cavendish por anos. Escreveu inúmeros artigos para a *Nature* não faz muito tempo. Lembro-me bem, eram sobre o Hélio II.

Barton, que não gostava de físicos e nunca perdia uma oportunidade de dizer isso, não ficou impressionado.

— Nem sei o que é Hélio II — resmungou. — E, devo acrescentar, não tenho certeza de que queira saber.

Isso era dirigido a Davis, que havia se formado em física num momento de fraqueza, conforme explicava. O “momento” tinha durado anos até que ele acabou por chegar à geologia por caminhos tortuosos; mas estava sempre voltando ao primeiro amor.

— É uma forma de hélio líquido que só existe a uns poucos graus acima do zero absoluto. Tem propriedades verdadeiramente extraordinárias, mas, pelo que sei, nenhuma delas explica a presença de dois físicos notáveis neste fim de mundo.

Haviam chegado a seu destino e Davis, como sempre, freou bruscamente o jipe no estacionamento. Sacudiu a cabeça, chateado por ter batido no caminhão à sua frente com violência um pouco maior que de costume.

— Estes pneus estão quase aos pedaços. Será que os novos já chegaram?

— Sim, de manhã, no helicóptero. E com um bilhete desesperado de

Andrews fazendo votos para que durem pelo menos quinze dias desta vez.

— Ótimo. Vou colocá-los à noite.

O professor, que estava alguns passos à frente, voltou para se juntar a seus assistentes.

— Você não precisava ter se apressado, Jim — disse de mau humor. — Carne enlatada de novo.

Não seria justo dizer que Barton e Davis trabalhavam menos quando o professor estava longe. Trabalhavam até mais que o usual, pois os operários nativos exigiam duas vezes mais supervisão na ausência do chefe. Entretanto, não há dúvida de que conseguiam achar tempo para um volume considerável de conversa fiada.

Desde que haviam se juntado ao professor Fowler, os dois jovens geólogos ficaram muitíssimo curiosos com o estranho estabelecimento localizado a uns oito quilômetros vale abaixo. Era obviamente uma organização de pesquisa, e Davis havia identificado as altas chaminés de uma usina atômica. Isso não bastava, é claro, para dar uma pista do trabalho que ali se fazia, mas revelava sua importância. Só existiam ainda alguns milhares de turbinas no mundo e todas se destinavam a grandes projetos.

Havia incontáveis razões para dois destacados cientistas se enfurnarem naquele lugar: boa parte das pesquisas atômicas perigosas era realizada tão longe quanto possível da civilização e algumas tinham sido abandonadas completamente até que se pudessem montar laboratórios no espaço. Contudo, parecia estranho que conduzissem aquele trabalho, fosse qual fosse, tão perto de algo que se havia tornado o mais importante centro de pesquisa geológica do mundo. Talvez não passasse de coincidência; certamente, os físicos nunca tinham mostrado o mínimo interesse por seus compatriotas da vizinhança.

Davis cavava cuidadosamente em volta de uma das pegadas maiores, enquanto Barton derramava resina líquida nas que já haviam sido trazidas à luz, para que ficassem livres de danos sob o plástico transparente. Trabalhavam um tanto distraídos e, inconscientemente, de ouvidos atentos ao som do jipe. O professor Fowler havia prometido apanhá-los ao voltar da visita, já que todos os demais veículos estavam sendo usados em outros

lugares e eles por nada no mundo iriam caminhar três quilômetros até o acampamento sob aquele sol infernal. Além disso, queriam ouvir as notícias o mais rápido possível.

— Quantas pessoas — perguntou Barton de súbito — você acha que trabalham lá?

Davis se empertigou.

— A julgar pelos edifícios, umas dez mais ou menos.

— Então talvez seja um negócio particular, não um projeto da Agência de Desenvolvimento Atômico.

— Talvez. Mas deve dispor de recursos consideráveis. Sem dúvida, Henderson e Barnes podem conseguir isso apenas com o seu prestígio.

— É a vantagem dos físicos — disse Barton. — Só precisam convencer o departamento de guerra de que estão no encalço de uma nova arma e logo recebem dois milhões sem nenhum problema.

Falava com certa amargura; é que, como a maioria dos cientistas, tinha opiniões firmes sobre esse assunto. As de Barton, aliás, eram ainda mais firmes que as outras, pois, como *quaker*, havia passado o último ano da guerra discursando em comícios simpáticos à sua causa.

A conversa foi interrompida pelo estrondo e os rangidos do jipe; os dois homens voaram ao encontro do professor.

— E então? — perguntaram ao mesmo tempo.

O professor Fowler olhou pensativamente para os dois; sua expressão não oferecia o mínimo indício do que passava por sua cabeça.

— Tiveram um bom dia? — indagou por fim.

— Vamos lá, chefe! — protestou Davis. — Conte-nos o que descobriu.

O professor desceu do veículo e sacudiu a poeira da roupa.

— Sinto muito, meninos — disse um pouco embaraçado. — Não posso lhes dizer nada. Inútil insistir.

Ouviu-se um murmúrio conjunto de protesto, mas ele os descartou erguendo a mão.

— Eu tive um dia muito interessante, mas prometi não relatar nada a respeito. Mesmo agora ainda não sei ao certo o que está acontecendo, embora

se trate de algo bastante revolucionário, tão revolucionário talvez quanto a bomba atômica. Porém, o dr. Henderson virá aqui amanhã; procurem arrancar dele o que puderem.

Por um instante, Barton e Davis ficaram tão decepcionados com aquela sensação de anticlímax que nenhum conseguiu falar. Barton se recuperou primeiro.

— Bem, sem dúvida há um motivo para esse interesse repentino em nossas atividades.

O professor refletiu por alguns segundos.

— Sim. Não foi um convite exclusivamente social — admitiu. — Acham que posso ajudá-los. E agora chega de perguntas, a menos que queiram voltar a pé para o acampamento!

O dr. Henderson chegou no meio da tarde. Era um homem corpulento, idoso e vestido de maneira um tanto absurda com um jaleco imaculadamente branco e pouca coisa mais. Traje excêntrico, mas muito prático num clima tão inóspito.

Davis e Barton se fingiram um pouco distantes quando o professor Fowler os apresentou; achavam ainda que tinham sido menosprezados e queriam deixar isso bem claro ao visitante. Mas Henderson estava tão curioso com relação a seu trabalho que eles logo perderam a pose e o professor os encarregou de mostrar as escavações enquanto ele próprio ia supervisionar os nativos.

O físico ficou bastante surpreso com o quadro do passado remoto do planeta que se desdobrava diante de seus olhos. Por quase uma hora os dois geólogos o conduziram pelas obras metro por metro, falando sobre as criaturas que haviam andado por ali e especulando sobre futuras descobertas. A trilha seguida pelo professor Fowler se localizava numa larga trincheira que se afastava da escavação principal, pois ele havia deixado todo o resto de lado para investigá-la. Quase ao final, a trincheira deixava de ser contínua: querendo ganhar tempo, o professor começara a cavar buracos ao longo da

linha das pegadas. A última sondagem tinha sido inútil e novas perfurações revelaram que o enorme réptil mudara repentinamente de direção.

— Essa é a parte mais interessante — disse Barton ao físico já um tanto cansado. — Lembra-se dos lugares em que ele parou para olhar em volta? Deve ter visto alguma coisa e corrido em outra direção, como se pode ver pelo espaço entre as pegadas.

— Eu nunca imaginaria que um bichão desses *pudesse* correr.

— Bem, deve ter feito um grande esforço, mas a verdade é que podia cobrir uma considerável distância com passadas de cinco metros. Vamos segui-las até onde for possível. Talvez encontremos até o que ele estava caçando. O professor espera descobrir um campo de batalha violentamente pisoteado, com os ossos da vítima ainda no local. Isso deixaria a todos de queixo caído.

O dr. Henderson sorriu.

— Graças a Walt Disney, posso imaginar muito bem a cena.

Davis não estava muito entusiasmado.

— Talvez fosse apenas a patroa chamando para o almoço — brincou ele. — A parte que mais irrita em nosso trabalho é o modo como tudo pode ir para o espaço justamente quando está se tornando mais excitante. Os estratos foram lavados ou houve um terremoto; ou, pior ainda, algum idiota destruiu a pista por não reconhecer seu valor.

Henderson concordou com um aceno de cabeça.

— Compreendo-o perfeitamente — disse. — É aí que o físico leva vantagem. Sabe que acabará por obter a resposta, se houver uma.

Interrompeu-se com ar cauteloso, como se pesasse as palavras cuidadosamente.

— Você evitaria muito transtorno se pudesse de fato *ver* o que aconteceu no passado, sem precisar inferi-lo por meio de métodos tão cansativos e incertos. Demorou dois meses seguindo esses rastros por cem metros e eles podem não levar a lugar nenhum apesar de todo o seu esforço.

Houve um longo silêncio. Por fim, Barton falou em tom solícito:

— Naturalmente, doutor, estamos muito curiosos com respeito ao seu trabalho — começou. — O professor Fowler não quer nos dizer nada e

ficamos fazendo um sem-número de especulações. Afirmo realmente que...

O físico interrompeu-o apressadamente.

— Não esquite a cabeça com isso — disse. — Eu estava apenas devaneando. Quanto ao nosso trabalho, está longe de terminar, mas você saberá sobre ele no devido tempo. Não queremos fazer segredo; apenas, como qualquer pessoa que investiga um campo novo, não achamos conveniente dizer nada até sentirmos nossos pés bem firmes no chão. Se outros paleontólogos aparecessem por aqui, o professor Fowler não os espantaria com uma picareta?

— Não é bem assim — sorriu Davis. — O mais provável é que ele pusesse os recém-chegados para trabalhar. Mas entendo o seu ponto de vista; tomara que não precisemos esperar muito.

Naquela noite, a conversa foi longe no acampamento. Barton se mostrou francamente cético, mas Davis já tinha elaborado uma complicada superestrutura teórica em torno das observações do visitante.

— Pode explicar um monte de coisas — disse ele. — Primeiro, sua presença neste lugar, que de outro modo não faria sentido. Conhecemos o solo aqui centímetro por centímetro pelos últimos cem milhões de anos e podemos datar qualquer evento com uma precisão de mais de um por cento. Não há um local na Terra que tenha tido seu passado revisto com tantos detalhes. É, pois, o lugar óbvio para um experimento desse tipo!

— E você acha que é possível, mesmo teoricamente, construir uma máquina capaz de ver no passado?

— Não sei como isso seria feito. Mas não diria que é impossível... sobretudo para homens como Henderson e Barnes.

— Hum! Argumento pouco convincente. Há alguma esperança de testarmos essa hipótese? E quanto àqueles artigos para a *Nature*?

— Pedi-os à Biblioteca Universitária; acho que chegarão no fim da semana. Sempre há uma continuidade no trabalho de um cientista e os artigos podem nos dar pistas valiosas.

Mas logo de início ficaram decepcionados: com efeito, os artigos de Henderson só aumentaram a confusão porque, como Davis se lembrava, discutiam quase todos as extraordinárias propriedades do Hélio II.

— É uma substância realmente fantástica — disse Davis. — Se um líquido se comportasse assim em temperaturas normais, todos ficariam malucos. Em primeiro lugar, ele não possui nenhuma viscosidade. Sir George Darwin afirmou uma vez que, num oceano de Hélio II, os navios se deslocariam sem precisar de motores. Você lhes daria um impulso inicial e eles deslizariam até o seu destino. Haveria um único problema: no meio do caminho, o líquido subiria pelo casco e o navio afundaria... plop, plop, plop...

— Muito divertido — comentou Barton. — Mas que diabo isso tem a ver com sua maravilhosa teoria?

— Quase nada — reconheceu Davis. — No entanto, há mais. É possível fazer com que duas correntes de Hélio II fluam em direções contrárias *no mesmo tubo*... uma corrente passando por dentro da outra, digamos.

— Isso vai exigir muita explicação, porque é tão absurdo quanto um objeto se mover em duas direções ao mesmo tempo. Suponho que essa explicação exista, algo associado à Relatividade, não?

Davis lia atentamente.

— A explicação — disse devagar — é bastante complicada e não ousou afirmar que a entendo a fundo. Contudo, depende do fato de o hélio líquido poder ter entropia *negativa* sob certas condições.

— Como eu nunca soube o que é entropia positiva, continuo na mesma.

— Entropia é uma medida da distribuição de calor pelo Universo. No início do tempo, quando toda a energia se concentrava nos sóis, a entropia era um mínimo; atingirá seu máximo quando tudo estiver numa temperatura uniforme e o Universo morrer. Ainda haverá muito calor, mas não terá serventia.

— Por que não?

— Bem, toda a água num oceano perfeitamente plano não poderia acionar uma usina hidrelétrica. Entretanto, uma lagoa nas montanhas faria a mágica. Desde que houvesse uma diferença de nível.

— Entendi. Agora me lembro: alguém já não chamou a entropia de “Seta do Tempo”?

— Sim, Eddington, creio eu. Qualquer tipo de relógio que você mencionar (um pêndulo, por exemplo) vai para a frente e para trás com a mesma facilidade. Mas, na entropia, existe só uma direção: ela está sempre aumentando com a passagem do tempo. Daí a expressão “Seta do Tempo”.

— Nesse caso, entropia *negativa*... meu Deus!

Por um instante, os dois homens se entreolharam. Em seguida, Barton perguntou com voz branda:

— E o que Henderson diz sobre isso?

— Vou citar um trecho de seu último artigo: “A descoberta da entropia negativa introduz concepções inteiramente novas e revolucionárias em nossa visão do mundo físico. Algumas delas serão examinadas num próximo trabalho”.

— E foram?

— Aí é que está o problema: não há “próximo trabalho”. Das duas, uma: o editor da *Nature* não quis publicar o artigo (essa alternativa eu descarto); ou então as consequências foram *tão* revolucionárias que Henderson não voltou a tratar do assunto.

— Entropia negativa... tempo negativo — cismou Barton. — Parece fantástico. Contudo, seria teoricamente possível construir algum tipo de aparelho capaz de ver no passado...

— Já sei o que faremos — interrompeu Davis. — Que tal consultar o professor a respeito do assunto e observar suas reações? Mas agora vou para a cama, do contrário pegarei uma febre cerebral.

Davis não dormiu bem aquela noite. Sonhou que estava caminhando por uma estrada que se estendia em ambas as direções até onde o olho alcançava. Percorreu quilômetros até chegar a um poste de sinalização; mas, quando se aproximou, viu que estava quebrado e seus dois braços se agitavam loucamente ao sopro do vento. Enquanto giravam, pôde ler as palavras neles escritas. Uma dizia apenas: “Para o futuro”; a outra: “Para o passado”.

Não arrancaram nada de Fowler, o que não era de surpreender: depois do reitor, ele era o melhor jogador de pôquer da universidade. Ficou olhando para seus aflitos assistentes sem dar mostras de emoção, enquanto ouvia Davis desfiar sua teoria.

Depois que o jovem terminou, disse tranquilamente:

— Voltarei lá amanhã e comentarei com Henderson sua história de detetive. Provavelmente ele ficará com pena de você; ou então me contará mais alguma coisa sobre o assunto. E agora, ao trabalho.

Davis e Barton iam achando cada vez mais difícil interessar-se pelo que faziam quando tinham a mente ocupada por um enigma tão próximo. Ainda assim prosseguiram conscienciosamente, embora às vezes parassem para refletir sobre a possível inutilidade de todo aquele trabalho. Se este fosse realmente inútil, eles seriam os primeiros a se rejubilar. Ah, se alguém pudesse ver, no passado, o desenrolar da história desde a aurora dos tempos! Todos os grandes segredos de outrora seriam revelados: a pessoa assistiria ao começo da vida na Terra e à evolução da ameba até o homem.

Não; era bom demais para ser verdade. Uma vez decidido esse ponto, recomeçaram a perfurar e a escavar por mais meia hora. Mas então lhes ocorreu a pergunta: e se *fosse* verdade? Todo o ciclo de cogitações recomeçou.

Quando o professor Fowler voltou da segunda visita, parecia desanimado e francamente abalado. A única coisa que os assistentes extorquiram dele foi: Henderson ouvira sua teoria e cumprimentava-os por seus poderes de dedução.

Isso foi tudo; mas, aos olhos de Davis, o comentário esclarecia o problema, embora Barton continuasse cético. Nas semanas seguintes, Barton começou a ceder, de modo que, por fim, os dois estavam convencidos de que a teoria estava correta. Com efeito, o professor Fowler passava cada vez mais tempo na companhia de Henderson e Barnes, a tal ponto que os assistentes ficavam sem vê-lo por dias. Quase perdera o interesse pelas escavações e delegara

todas as responsabilidades a Barton, que agora podia usar a grande perfuratriz hidráulica com imensa satisfação.

Punham a descoberto vários metros de pegadas por dia e o espaçamento revelava que o monstro agora havia atingido sua maior velocidade, avançando aos pulos como se estivesse bem perto da vítima. Em pouco tempo talvez descobrissem a evidência de uma tragédia ocorrida há milhões de anos, preservada milagrosamente ao longo das idades para a observação do homem. No entanto, isso já não parecia muito importante, pois, pela cara do professor e sua expressão quase sempre absorta, era quase certo que a pesquisa secreta estava praticamente concluída. Fora o que ele lhes dissera, prometendo que em poucos dias, se tudo corresse bem, sua espera chegaria ao fim. Mais que isso não diria.

Uma ou duas vezes Henderson apareceu para vê-los, e eles puderam notar que agora trabalhava sob forte pressão. O homem certamente gostaria de falar sobre seu projeto, mas não faria isso até que os testes finais houvessem sido feitos. Os dois jovens só podiam admirar tamanho autocontrole e esperar que Henderson não aguentasse e abrisse o bico. Davis tinha a ligeira impressão de que o esquivo Barnes era o grande responsável pelo segredo; sabia-se que não publicava nada enquanto o trabalho não houvesse sido duplamente confirmado. Se aquele projeto era tão importante quanto os dois suspeitavam, tanta precaução era compreensível, embora irritante.

Henderson chegou cedo naquela manhã a fim de apanhar o professor e, por azar, seu carro quebrou na estrada primitiva. Isso foi um contratempo para Davis e Barton, que teriam de voltar ao acampamento a pé se quisessem almoçar, pois Fowler levou Henderson de volta no jipe. Suportariam isso muito bem caso sua espera estivesse mesmo chegando ao fim, como os outros dois pareciam insinuar.

Ficaram conversando ao lado do jipe por algum tempo, antes que os dois cientistas mais velhos partissem. A despedida foi um tanto constrangedora, pois ambas as partes sabiam o que a outra estava pensando. Finalmente Barton, como sempre o mais tagarela, observou:

— Ouça, doutor, se este *for* o grande dia, espero que tudo corra bem. E

traga-me a foto de um brontossauro como lembrança.

Esse tipo de gracejo se repetira tantas vezes que Henderson estava sempre preparado para ele. Sorriu sem muito entusiasmo e replicou:

— Não prometo nada. Pode ser que a coisa se revele o maior fracasso de todos os tempos.

Davis, carrancudo, checkou a pressão dos pneus com a ponta da bota. Eram pneus novos, conforme percebeu, com um estranho padrão em zigue-zague que ele não havia notado.

— O que quer que aconteça, espero que nos contem. Do contrário, uma bela noite iremos lá para descobrir o que estão tramando.

Henderson riu.

— Vocês seriam gênios se conseguissem entender algo desse negócio. Mas, caso tudo dê certo, talvez tenhamos uma festinha ao entardecer para comemorar.

— Quando o veremos de novo, chefe?

— Por volta das quatro horas. Não quero que voltem a pé para o chá.

— Está bem... vamos torcer!

O veículo desapareceu numa nuvem de poeira, deixando os dois geólogos pensativos ao lado da estrada. Barton então deu de ombros.

— Quanto mais duro trabalharmos — disse ele —, mais depressa o tempo passará. Vamos!

O fim da trincheira onde Barton trabalhava com a perfuratriz estava agora a mais de cem metros da escavação principal. Davis dava os toques finais às últimas pegadas descobertas. Estas eram agora muito profundas e espaçadas; observando-as, podia-se ver claramente onde o grande réptil havia mudado de rumo e se pusera, primeiro a correr, depois a saltar como um enorme canguru. Barton se perguntava como seria contemplar semelhante criatura atacando com a velocidade de um trem expresso; em seguida concluiu que, se seu palpite estava correto, isso era exatamente o que logo contemplariam.

Por volta do meio-dia, haviam descoberto a maior extensão de pegadas até o momento. O solo se tornara macio e Barton havia progredido tão rapidamente que quase esquecera suas outras preocupações. Havia deixado Davis vários metros para trás e a concentração de ambos era tamanha que só as pontadas da fome conseguiram lembrá-los de que já era hora de parar. Davis foi o primeiro a perceber que estava mais tarde do que pensava e foi avisar o amigo.

— Já são quase quatro e meia! — exclamou, depois que o barulho da perfuratriz arrefeceu. — O chefe está atrasado... Vou ficar furo da vida se ele acabou tomando chá antes de nos pegar.

— Dê-lhe mais meia hora — disse Barton. — Posso adivinhar o que aconteceu. Um fusível se queimou, ou algo assim, e isso confundiu a agenda deles.

Mas Davis não queria que o acalmassem.

— Não vou achar graça nenhuma em voltar de novo a pé para o acampamento. De qualquer modo, subirei aquela colina para ver se há algum sinal dele.

Deixou Barton perfurando a rocha macia e galgou a encosta suave ao lado da margem do rio. Dali se podia ver bem longe no vale, e as chaminés gêmeas do laboratório de Henderson e Barnes se desenhavam nitidamente contra a paisagem pardacenta. Contudo, da nuvem de poeira que acompanharia o jipe, nem sinal: o professor ainda não estava a caminho.

Davis bufou, aborrecido. Precisariam andar três quilômetros após um dia particularmente cansativo e, o que era ainda pior, chegariam atrasados para o chá. Resolveu não esperar mais e já descia a colina a fim de se juntar a Barton quando alguma coisa lhe chamou a atenção e ele parou para olhar novamente o vale.

Em volta das duas chaminés, que era tudo o que ele podia ver do laboratório, uma estranha neblina, não muito diferente da vibração do ar aquecido, se levantava. As chaminés deviam ser quentes, ele sabia, mas não *tão* quentes assim. Observou com mais atenção e, para seu espanto, viu que a neblina cobria uma espécie de calota de uns quatrocentos metros de diâmetro.

De repente, ela explodiu. Não houve luz nem clarão ofuscante; apenas uma onda que se espalhou abruptamente pelo céu e desapareceu. A neblina se fora — como também as duas grandes chaminés da casa de força.

Sentindo as pernas bambas, Davis se deixou cair no topo da colina e, boquiaberto, pasmou para toda a extensão do vale. A consciência de que ocorrera uma pavorosa catástrofe dominou-o; como num sonho, esperou que o barulho da explosão chegasse aos seus ouvidos.

Não foi nada impressionante: apenas um rumor surdo e distante que logo se desfez no ar parado. Meio inconscientemente, Davis notou que o matraquear da perfuratriz também se calara; a explosão sem dúvida tinha sido mais alta do que ele havia pensado, já que Barton também a tinha ouvido.

O silêncio era completo. Nada ao alcance de seus olhos se movia naquela planície solitária e estéril. Esperou até recuperar as forças; em seguida, quase correndo, desceu sem muita firmeza a encosta para se juntar a seu amigo.

Barton estava meio sentado na trincheira com a cabeça enterrada nas mãos. Ergueu-a quando Davis se aproximou; e, embora com o rosto coberto de terra e areia, a expressão em seus olhos deixou o companheiro chocado.

— Então você também ouviu! — gritou Davis. — Acho que o laboratório inteiro foi pelos ares. Vamos, pelo amor de Deus!

— Ouvi o quê? — perguntou Barton, indelicadamente.

Davis fitou-o, perplexo. E logo percebeu que Barton não poderia ter ouvido nada por causa do barulho da perfuratriz. A consciência da catástrofe se aprofundou; sentiu-se um personagem de tragédia grega diante de um fado implacável.

Barton se levantou. Seu rosto parecia estranho, e Davis achou que ele estava à beira de um colapso. No entanto, quando falou, suas palavras soaram surpreendentemente calmas.

— Como fomos idiotas! — exclamou. — Como Henderson deve ter rido de nós quando lhe dissemos que ele estava tentando *ver* no passado!

Mecanicamente, Davis se aproximou da trincheira e olhou para a rocha que se expunha à luz do dia pela primeira vez em cinquenta milhões de anos. Agora sem grande emoção, retrçou novamente o padrão em zigue-zague que

observara algumas horas antes. Marcava só superficialmente o barro, como se o jipe estivesse correndo na velocidade máxima.

Isso acontecera, sem dúvida; pois, em um lugar, as marcas rasas do pneu haviam sido completamente obliteradas pelas pegadas do monstro. Estas eram agora bem profundas, como se o grande réptil estivesse prestes a dar o salto final sobre a presa que fugia desesperadamente.

JACK FINNEY

Jack Finney (1911—1995) era fascinado pela ideia da viagem no tempo e usou-a em muitas de suas histórias. Nascido em Milwaukee, Wisconsin, deveria chamar-se John Finney, mas teve o nome trocado para Walter Braden Finney em homenagem ao pai. Entretanto, conservou o apelido de Jack por toda a vida. Muito depois de se formar no Knox College, seu primeiro conto, “The Widow’s Walk”, venceu um concurso patrocinado pela Ellery Queen’s Mystery Magazine em 1946. Além de publicar romances e contos, contribuiu com artigos para vários periódicos populares como Cosmopolitan, Good Housekeeping e The Saturday Evening Post. Mudou-se para Marin County, Califórnia, no início dos anos 1950 com a esposa, Marguerite Guest, e os dois filhos. Vários romances de Finney foram adaptados para o cinema, inclusive o clássico cult de ficção científica Os Invasores de Corpos, o romance cômico Good Neighbor Sam e seu romance clássico de viagem no tempo Time and Again. Finney morreu de pneumonia e enfisema em 1995, aos 84 anos de idade, pouco depois de completar a ansiosamente aguardada sequência From Time to Time.

“I’m Scared” [Estou com Medo] é um dos clássicos de Finney, a história de um homem comum (como em muitas de suas obras) às voltas com um episódio de terror espacial que o leva à única saída possível. Como em muita ficção especulativa da década de 1950, a ênfase não recai tanto em explicações técnicas ou teorias científicas quanto na evocação das atitudes e do cenário. Essa talvez seja a razão pela qual o silencioso clima de terror se entretece completamente com o tema da história: a saber, que não existe explicação para os acontecimentos descritos.

ESTOU COM MEDO

JACK FINNEY

ESTOU COM MUITO MEDO, não tanto por mim mesmo — afinal, sou um homem grisalho de 66 anos —, mas por vocês e todos aqueles que ainda não viveram plenamente suas vidas. Com efeito, acredito que certas coisas perigosas começaram há pouco a acontecer no mundo. São observadas aqui e ali, discutidas por alto, ignoradas e depois esquecidas. Entretanto, afirmo que, se elas não forem reconhecidas pelo que são, o mundo mergulhará num pesadelo. Julguem por vocês mesmos.

Uma tarde, no inverno passado, voltei para casa de um clube de xadrez do qual sou membro. Sou viúvo; moro sozinho num apartamento pequeno, mas confortável, de três cômodos que dá para a Quinta Avenida. Era ainda muito cedo e acendi a lâmpada ao lado de minha poltrona de couro, peguei uma história de detetive que estava lendo e liguei o rádio; lamento dizer que não reparei na emissora sintonizada.

O aparelho esquentou e a música de um acordeão — suave a princípio, depois mais viva — fluiu do alto-falante. Como era uma boa música para acompanhar a leitura, ajustei o volume e comecei a ler.

Desejo ser absolutamente fiel e escrupuloso na descrição dos fatos: confesso que não prestei muita atenção ao rádio. Entretanto, percebi que a música havia cessado e uma plateia aplaudia. Em seguida a voz de um homem, alegre e satisfeita com os aplausos, disse: “Já basta, já basta”, mas as palmas continuaram ainda por vários segundos. O homem riu novamente, feliz, e repetiu com firmeza: “Já basta” — e os aplausos cessaram. “Este foi Fulano de Tal”, disse o locutor; e voltei para o livro.

Mas logo tomei novamente consciência daquela voz de meia-idade; talvez sua mudança de tom ao passar para outro calouro tenha chamado minha atenção. “E agora, a senhorita Ruth Greeley”, anunciou ele, “de Trenton, Nova Jersey. A senhorita Greeley é pianista, não?” A voz de uma garota, tímida e quase inaudível, respondeu: “Sim, major Bowes”. A voz do homem — que então reconheci por sua dicção monótona — prosseguiu: “E o que vai tocar?”

A garota disse: “*La Paloma*”. O homem repetiu o nome da música como num comercial: “*La Paloma*”. Houve uma pausa e depois umas notas introdutórias soaram no piano. Voltei à leitura.

Enquanto a jovem tocava, eu percebia vagamente que seu estilo era mecânico, seu ritmo defeituoso; talvez ela estivesse nervosa. Minha atenção foi despertada outra vez pelo gongo que soou repentinamente. A garota continuou ferindo mais algumas notas desajeitadas, sem saber o que fazer. O gongo soou de novo, irritante, e a execução cessou de imediato. Ouviu-se um murmúrio impaciente na plateia. “Já basta, já basta”, cortou a voz conhecida e senti que já esperava por isso, sabendo que o homem diria exatamente aquelas palavras. O público se aquietou e a voz prosseguiu: “E agora...”

O rádio se calou. Por uma fração de segundo, nenhum som saiu dele, exceto seu próprio ruído mecânico. Depois, um programa totalmente diferente ecoou no alto-falante; as vozes gravadas de Bing Crosby e seu filho cantavam as linhas finais de “Sam’s Song”, uma de minhas favoritas. Assim, voltei outra vez à leitura, perguntando-me distraidamente o que havia acontecido ao outro programa, mas sem pensar muito no fato até que acabei de ler o livro e comecei a me preparar para dormir.

Foi então que, despindo-me no quarto, me lembrei de uma coisa: o major Bowes estava morto. Fazia uns cinco anos que aquele “Já basta, já basta” seco e estereotipado não era mais ouvido nas salas do país.

Bem, o que a pessoa faz quando o aparentemente impossível acontece? Tem uma boa história para contar aos amigos e mais de uma vez já me

perguntaram se ouvi recentemente Moran e Mack, uma dupla de comediantes do rádio muito popular há vinte e cinco anos, ou Floyd Gibbons, um repórter dos velhos tempos. E não foram só essas as referências jocosas ao meu rádio galena.

Mas um homem — isso foi numa reunião da loja na quinta-feira seguinte — ouviu o caso com a maior seriedade e, quando terminei, me contou sua própria história. É um sujeito sério e inteligente. Ouvindo-o, não fiquei assustado, apenas intrigado pelo que me pareceu um vínculo estreito, um denominador comum entre sua narrativa e o estranho comportamento do meu rádio. Como sou aposentado e tenho muito tempo, dispus-me, no dia seguinte, a viajar duas horas de trem até Connecticut para verificar pessoalmente a história. Tomei notas detalhadas e a história aparece com o seguinte título em meus arquivos:

Caso 2. Louis Trachnor, negociante de carvão e madeira, R.F.D. 1, Danbury, Connecticut, idade 54 anos.

O sr. Trachnor me contou que, no dia 20 de julho de 1950, saiu do alpendre de sua casa às seis horas da manhã mais ou menos. Do beiral da casa até o piso do alpendre corria uma faixa de tinta cinza, ainda fresca.

— Mais ou menos com vinte centímetros de largura — explicou o sr. Trachnor. — Parecia horrível, pois a casa era toda branca. Pensei que alguns moleques haviam feito aquilo à noite por brincadeira, mas então teriam precisado de uma escada para subir até o beiral e, é claro, não se dariam nunca esse trabalho. E a tarefa fora bem-feita, uma faixa perfeitamente reta que descia pela frente da casa.

O sr. Trachnor então pegou uma escada e limpou a tinta com aguarrás.

Em outubro do mesmo ano, ele pintou a casa.

— O branco não ficou bom, então usei o cinza. Deixei a parte da frente para o fim e terminei o trabalho às cinco horas da tarde de um sábado. Na manhã seguinte, ao sair, dei com uma faixa branca na frente da casa. Julguei que fossem os danados dos moleques outra vez, pois havia sido feita no mesmo lugar de antes. Mas, quando olhei de perto, percebi que a tinta não era nova: era a branca antiga sobre a qual eu tinha aplicado a cinza. Alguém se

empenhara no meticuloso trabalho de remover a tinta nova numa larga faixa de vinte centímetros do beiral até o chão! Mas quem, com todos os diabos, faria aquilo? Não consigo imaginar.

O leitor percebe o vínculo entre essa história e a minha? Suponhamos, por um instante, que algo aconteceu, nas duas ocasiões, para perturbar momentaneamente a evolução ordenada do tempo. Isso parece ter acontecido no meu caso: durante alguns segundos, devo ter ouvido um programa que fora ao ar anos antes. Suponhamos também que ninguém, a não ser o próprio sr. Trachnor, mexeu em sua casa; que ele a pintou em outubro, mas, por uma fantástica confusão do tempo, uma parte dessa pintura surgiu ali no verão anterior. Como ele removeu a pintura naquela ocasião, uma larga faixa da nova tinta cinza se perdeu *depois* que ele pintou a casa no outono.

Eu estaria mentindo, porém, se dissesse que realmente acreditei nisso. Tudo não passou de uma curiosa especulação e, se contei as duas histórias a meus amigos, foi apenas como anedotas pitorescas. Sou uma pessoa sociável, converso com muita gente boa e não raro escuto histórias estranhas em resposta às minhas.

Alguém poderá balançar a cabeça e dizer: “Isso me lembra algo que ouvi recentemente...” E lá vem outro caso para eu acrescentar à minha coleção. Um sujeito em Long Island recebeu um telefonema de sua irmã em Nova York numa noite de sexta-feira. Mas ela insiste em que só deu esse telefonema na segunda-feira seguinte, três dias depois. Na agência do Chase National Bank da 45a Avenida, mostraram-me um cheque depositado um dia antes de ser preenchido. Uma carta foi entregue na rua 68 Leste de Nova York apenas dezessete minutos depois de ser colocada no correio da rua principal de Green River, Wyoming.

Etc., etc. Minhas histórias agora faziam sucesso nas festas e eu disse a mim mesmo que colecioná-las e verificá-las era um *hobby*. Mas no dia em que ouvi a história de Julia Eisenberg, mudei de ideia.

Caso 17. Julia Eisenberg, escriturária, Nova York, idade 31 anos.

A senhorita Eisenberg mora num pequeno apartamento de um prédio sem elevador em Greenwich Village. Conversei com ela ali depois que um amigo

do clube de xadrez, residente nas vizinhanças da jovem, me repetiu uma versão um tanto deturpada de sua história, que lhe fora contada pelo porteiro do edifício onde ele mora.

Em outubro de 1947, cerca de onze horas da noite, a senhorita Eisenberg saiu do apartamento para ir à farmácia comprar creme dental. Na volta, já perto de casa, um grande cão negro e branco correu para ela e pousou as patas dianteiras em seu peito.

— Cometi o erro de acariciá-lo — contou-me a senhorita Eisenberg — e daí por diante ele não me largou mais. Quando entrei no saguão do prédio, tive mesmo de empurrá-lo para poder fechar a porta. Fiquei com dó daquele pobre animal e me senti um pouco culpada porque ele estava sentado na entrada do prédio uma hora depois, quando olhei pela janela da frente.

O cão permaneceu por ali durante três dias, reconhecendo e saudando a senhorita Eisenberg com grande afeição toda vez que ela aparecia na rua.

— Quando eu entrava no ônibus de manhã para ir trabalhar, o coitadinho estava sentado na esquina, me olhando com ar tristonho. Eu gostaria de adotá-lo, mas sabia que então ele não voltaria para casa e deixaria seus donos aflitos por perdê-lo, donos que ninguém nas vizinhanças conhecia. Finalmente, o cão desapareceu.

Dois anos depois, um amigo deu à senhorita Eisenberg um filhote de três semanas.

— Meu apartamento é pequeno demais para um cachorro, mas aquele era tão bonitinho que não resisti. Bem, cresceu até se transformar num bicho enorme, que comia mais que eu.

Como o bairro era calmo e o animal se comportava bem, a senhorita Eisenberg geralmente o soltava quando iam passear de noite, pois ele nunca saía de perto dela.

— Certa vez, notei que o cão farejava em volta no escuro, algumas casas adiante... Chamei-o e ele não veio. Nunca mais. Não voltei a vê-lo. Acontece que nossa rua é uma sólida parede de edifícios de arenito de ambos os lados, com portões trancados e nenhuma passagem entre eles. O cão não *poderia* ter desaparecido daquele jeito. Simplesmente não *poderia*. Mas desapareceu.

A senhorita Eisenberg procurou seu cão por vários dias, inquireu vizinhos e pôs anúncios nos jornais, mas nunca o encontrou.

— Então, uma noite, eu me preparava para dormir quando olhei casualmente pela janela da frente para a rua e me lembrei, de súbito, de algo que havia esquecido por completo. Lembrei-me do cão que eu escoraçara cerca de dois anos antes. — A senhorita Eisenberg me fitou por um momento e prosseguiu, em tom firme: — Era o mesmo cachorro. Se você tem um, você o conhece e não se engana. Pois bem, afirmo que era o mesmo. Quer faça sentido ou não, meu cachorro se perdeu (eu o escorracei) dois anos antes de ele nascer.

Começou a chorar baixinho; as lágrimas desciam por suas faces.

— Talvez o senhor me ache louca ou solitária, portanto muito sentimental com relação a cachorros. Mas está enganado. — Enxugou as lágrimas com um lenço. — Sou uma pessoa equilibrada como poucas atualmente e lhe digo: *sei* o que aconteceu.

Foi então, acomodado na sala pequena e modesta da senhorita Eisenberg, que percebi enfim: as consequências daqueles estranhos incidentes, na aparência insignificantes, podiam ser algo mais que curiosos; podiam, com muita probabilidade, ser trágicos. E comecei a ficar com medo.

Passei os últimos onze meses descobrindo e rastreando essas bizarras ocorrências. Sinto-me perplexo e assustado pelo fato de serem tantas. Sinto-me perplexo e assustado ao pensar que muitas mais podem estar acontecendo neste momento e (nem sei como dizer isto) transformando vidas humanas em tragédias com frequência cada vez maior. Eis um exemplo, colhido ao acaso, da força crescente do... do que quer que esteja acontecendo no mundo.

Caso 34. Paul V. Kerch, contador, Bronx, idade 31 anos.

Numa tarde luminosa de sábado, visitei uma família tensa de três membros em seu apartamento no Bronx: o senhor Kerch, um jovem corpulento, moreno e de boa aparência; sua esposa, uma mulher bonita de cabelos pretos no fim da casa dos vinte, cuja beleza estava comprometida por olheiras profundas; e seu filho, um simpático garoto de 6 ou 7 anos. Após as

apresentações, a criança foi convidada a ir brincar em seu quarto, na parte dos fundos da casa.

— Muito bem — disse o senhor Kerch com voz cansada. Aproximou-se de uma estante. — Vamos lá. Você disse no telefone que, de um modo geral, conhece a história. — Era ao mesmo tempo uma pergunta e uma afirmação.

— Sim — concordei.

Ele pegou um livro da prateleira de cima e tirou dele algumas fotografias.

— São estas. — Sentou-se no sofá ao meu lado, com as fotos na mão. — Minha câmera é muito boa e sou um fotógrafo amador passável. Montei um quarto escuro na cozinha, onde eu próprio revelo os negativos. Há duas semanas, fomos ao Central Park. — Sua voz era frouxa e monótona, como se aquela fosse uma história que andara repetindo inúmeras vezes, para os outros e para si mesmo. — O dia estava bonito como o de hoje e os avós do menino insistiam em tirar fotos, de modo que peguei um rolo inteiro e tirei-as de todos nós. Minha câmera pode ser ajustada e focada para clicar automaticamente poucos segundos depois, de modo que tenho tempo de correr e aparecer também na foto.

Havia uma sombra de cansaço e desânimo em seus olhos quando ele me passou todas as fotos, exceto uma.

— Estas são as primeiras que tirei — explicou ele. As fotos eram muito grandes, talvez de 15 x 8, e eu as examinei bem de perto.

Bastante comuns, nítidas e detalhadas, todas mostravam a família de três pessoas em várias poses sorridentes. O senhor Kerch vestia um paletó leve de trabalho, a esposa um vestido escuro com casaco e o garoto um paletó preto com calças curtas. Ao fundo, via-se uma árvore de galhos nus. Olhei para o senhor Kerch, como a dizer que havia terminado o exame das fotografias.

— Eis a última — disse ele, segurando-a na mão e pronto para mostrá-la. — Tirei-a exatamente como as outras. Combinamos a pose, ajustei a câmera e corri para me juntar à família. Na segunda-feira à noite revelei o rolo inteiro. E veja o que saiu do último negativo. — Passou-me então a foto.

A princípio, pareceu-me igual às outras; mas logo percebi a diferença. O senhor Kerch era o mesmo, sem chapéu e com um largo sorriso... mas vestia

uma roupa completamente diferente. O garoto, a seu lado, agora trajava calças compridas, tinha uns bons oito centímetros a mais de altura e estava indiscutivelmente mais velho — mas não se podia negar que fosse o mesmo garoto. A mulher era, em tudo, outra pessoa: vestida com requinte, cabelos loiros refletindo a luz do sol, muito bonita e atraente. Sorria para a câmera e segurava a mão do senhor Kerch.

Olhei para ele.

— Quem é?

O senhor Kerch balançou a cabeça, desalentado.

— Não sei — disse. E, de súbito, explodiu: — Não *sei*! Nunca a vi em minha vida! — Fitou a esposa, mas ela não lhe devolveu o olhar e ele se virou de novo para mim, dando de ombros. — Enfim, aí está. A história toda. — Levantou-se, enfiou as mãos nos bolsos da calça e começou a andar pela sala, relanceando de vez em quando o olhar para a esposa e falando na verdade com *ela*, embora se dirigisse a mim. — Mas então, quem é essa mulher? Como pôde a câmera captar essa imagem? Não a conheço!

Examinei de novo a foto, agora de mais perto.

— Aqui, as árvores estão em plena floração — murmurei. Com efeito, por trás do garoto de rosto solene, do homem e da mulher sorridentes, as árvores do Central Park apareciam cobertas de folhas.

O senhor Kerch assentiu, melancólico.

— Sei disso. Mas o que *ela* diz? — esbravejou, olhando para a esposa. — Ela diz que a mulher da foto é minha esposa, minha *nova* esposa daqui a alguns anos! Céus! — Levou as mãos à cabeça. — Como as mulheres imaginam coisas!

— É o que pensa? — Olhei para a senhora Kerch, mas ela me ignorou, continuando em silêncio com os lábios cerrados.

Kerch suspirou, deprimido.

— Minha esposa afirma que a foto mostra as coisas tais quais serão daqui a alguns anos. Ela estará morta ou... — Hesitou e pronunciou a palavra amarga: — Divorciada. Eu ficarei com nosso filho e me casarei com a mulher da foto.

Ambos nos viramos para a senhora Kerch, esperando até que ela se sentisse

obrigada a falar.

— Bem, então, se não for assim — disse a mulher finalmente —, digam-me o que essa foto significa.

Nenhum de nós tinha a resposta e poucos minutos depois me despedi. Não havia muito mais que eu pudesse dizer aos dois; decerto, não exprimiria minha convicção de que, qualquer que fosse o significado da última foto, seu casamento havia terminado...

Caso 72. Tenente Alfred Eichler, Departamento de Polícia de Nova York, idade 33 anos.

Tarde da noite de 9 de janeiro de 1951, dois policiais encontraram um revólver jogado à beira de uma trilha de cascalho próxima a uma das entradas do East Side para o Central Park. A arma foi examinada no laboratório da polícia, que encontrou nela várias digitais. Um projétil tinha sido disparado e a polícia disparou outro para que os técnicos em balística o estudassem e classificassem. As impressões digitais foram comparadas com as das fichas dos arquivos: pertenciam a um infrator com histórico de assaltos.

Expediu-se uma ordem de prisão rotineira. Um detetive se dirigiu à pensão onde ele residia, mas o homem não estava e, como nenhum caso de tiroteio não solucionado havia ocorrido recentemente, nada mais se fez para apanhá-lo naquela noite.

Na noite seguinte, um homem foi alvejado e morto no Central Park com o mesmo revólver. Isso ficou provado balisticamente sem nenhuma possibilidade de erro. Logo se soube que a vítima andara brigando com um amigo num boteco das imediações. Os dois, igualmente bêbados, haviam deixado o local juntos. E o segundo era o marginal cuja arma havia sido encontrada na noite anterior e continuava trancada num armário da polícia.

Como me disse o tenente Eichler: “Parece absurdo que a vítima tenha sido morta pela mesma arma, mas foi. Não me pergunte como. E se alguém pensa que iríamos levar ao tribunal um caso desses, está maluco”.

Caso 111. Capitão Hubert V. Rihm, Departamento de Polícia de Nova York, aposentado, idade 66 anos.

Marquei um encontro com o capitão Rihm, de manhã, no Stuyvesant Park,

um pedaço de verde, bancos de madeira e asfalto sufocado pela cidade na parte baixa da Segunda Avenida.

— Quer saber sobre o caso Fentz, não? — perguntou ele, depois que nos apresentamos e encontramos um banco vazio. — Pois bem, vou contar-lhe, embora não goste de falar sobre esse assunto (que me aborrece). Mas vejamos o que você pensa a respeito. — Era um homem grande, pesado, com um rosto vermelho e rude; trajava uma velha jaqueta da polícia e o quepe do uniforme, com a insígnia removida. — Eu estava no necrotério municipal — começou ele a falar enquanto eu pegava meu caderno de notas e lápis — mais ou menos à meia-noite, bebendo café com um dos funcionários. Isso foi em junho de 1950, pouco antes de eu me aposentar. Trabalhava no Departamento de Pessoas Desaparecidas. Trouxeram então aquele cara, um sujeito engraçado, de barba. Jovem, devia ter uns 30 anos, mas usava costeletas e roupas esquisitas. Eu estava na força policial havia três décadas e já vira muita gente estranha assassinada nas ruas. Certa vez, encontramos um árabe em traje típico completo e levamos uma semana para descobrir quem era. Portanto, não foi apenas a aparência do cara que me intrigou: foi também o que achamos em seus bolsos.

O capitão Rihm se virou no banco para ver se havia despertado a minha curiosidade. Depois, prosseguiu:

— Havia cerca de um dólar em dinheiro miúdo no bolso do morto e um dos funcionários pegou uma moeda para me mostrar. Já vimos muitas moedas de cinco centavos, as novas com a figura de Jefferson, as anteriores com a imagem do búfalo e, de vez em quando, as mais antigas com a efígie da Liberdade, que deixaram de ser cunhadas antes da Primeira Guerra Mundial. Aquela, porém, era a mais antiga de todas. Trazia um escudo na frente, o escudo dos Estados Unidos, e um grande 5 no verso. Eu já a tinha visto quando criança. Mas o estranho é que aquela moeda velha parecia nova, o que os colecionadores chamam de “saída do forno”, como se tivesse sido fabricada havia dois dias. A data era 1876 e não havia nenhuma no bolso do morto com data posterior.

O capitão Rihm me fitou com ar inquisitivo.

— Bem — disse eu, erguendo os olhos de meu caderno de notas —, isso às vezes acontece.

— Sem dúvida — concordou o capitão, em tom satisfeito —, mas todas as moedas de um centavo que ele tinha traziam uma cabeça de índio! Quando você viu uma delas pela última vez? Havia até uma peça de prata de três centavos, parecida com a de dez antiga, só que menor. E as notas em sua carteira, todas elas, eram notas antigas, do tipo grande.

O capitão Rihm inclinou-se para a frente e cuspiu no canteiro um jato fino de suco de tabaco, gesto de policial inconformado com coisas que fogem à normalidade.

— Mais de setenta dólares em dinheiro e nenhuma nota do Federal Reserve no lote. Havia duas de dez centavos, de verso amarelo. Lembra-se delas? Pagáveis em ouro. O resto, em notas antigas de bancos nacionais; você deve se lembrar dessas também. Emitidas diretamente por bancos locais, assinadas pelo presidente da instituição em pessoa e do tipo que se falsificava com grande facilidade. Muito bem — prosseguiu o capitão Rihm, encostando-se no banco e cruzando as pernas —, descobrimos ainda em seu bolso o recibo de um estábulo da Lexington Avenue: três dólares para alimentar e abrigar seu cavalo, e lavar uma carruagem. Além disso, um vale para uma cerveja de cinco centavos em algum bar, no bolso; um envelope com o carimbo da Filadélfia, datado de junho de 1876, e um selo antigo de dois centavos; finalmente, um maço de cartões de visita na carteira. Os cartões traziam seu nome e endereço, tal como o envelope.

— Oh! — exclamei, um tanto surpreso. — Então vocês o identificaram imediatamente?

— Sim. Rudolph Fentz, com endereço em algum lugar da Quinta Avenida (esqueci o número) em Nova York. Foi fácil. — O capitão se inclinou e cuspiu de novo. — Só que o endereço não era uma residência. Era uma loja ali instalada havia anos e onde ninguém ouvira falar no tal Rudolph Fentz, nome que também não constava da lista telefônica. Pessoa alguma jamais ligara ou perguntara pelo sujeito e Washington não tinha suas impressões

digitais. Seu casaco exibia o nome de um alfaiate com endereço na parte baixa da Broadway, mas o alfaiate era ali um ilustre desconhecido.

— O que havia de tão estranho em suas roupas?

— Bem, você já viu alguém com calças xadrez de enormes quadrados brancos e pretos, muito apertadas, sem bainhas e sem vincos?

Precisei pensar por um instante.

— Já vi, sim — respondi finalmente. — Meu pai, quando jovem e antes de se casar, usava-as. Aparece assim em velhas fotografias.

— É claro — concordou o capitão Rihm. — E ele provavelmente usava também um fraque com dois botões cobertos nas costas, um colete com lapelas, um chapéu alto de seda, uma enorme gravata preta em volta de um colarinho duro e sapatos abotoados.

— O homem estava vestido assim?

— Como há setenta e cinco anos! E não tinha mais que 30. A etiqueta do chapéu era de uma loja da rua Vinte e Três que fechou as portas na virada do século. O que você me diz de uma coisa dessas?

— Bem — comecei, cautelosamente —, não há muito o que dizer sobre isso. Aparentemente, alguém resolveu ter o imenso trabalho de se vestir à moda antiga e, presumo, adquirir moedas e notas numa loja especializada. Em seguida, se deixou matar num acidente de trânsito.

— Deixou-se matar é correto. Às onze e meia da noite, em Times Square, os teatros estão despejando gente pelas portas, na hora e no lugar mais movimentados do mundo. O sujeito aparece no meio da rua, olhando espantado para os carros e semáforos como se nunca os tivesse visto antes. O guarda de plantão nota aquele comportamento estranho. O sinal abre, o trânsito flui com ele ali no meio da bagunça e, em vez de esperar, o idiota se vira e tenta voltar para a calçada. Um táxi o atropela e ele está morto antes de chegar ao chão.

Por um instante, o capitão Rihm permaneceu em silêncio, mastigando seu tabaco e olhando com raiva para uma moça que empurrava um carrinho de bebê, embora, estou certo, nem sequer a visse. A jovem mamãe fitou-o surpresa, ao passar, e o capitão prosseguiu:

— Não há como explicar uma coisa dessas. Não descobrimos nada. Chequei nosso arquivo de listas telefônicas antigas, apenas como rotina e sem muita esperança de que alguma fosse tão velha. Mas na edição de verão de 1939 encontrei um Rudolph Fentz Jr. que havia morado em algum lugar da rua 52 Leste. Infelizmente, ele se mudara em 1942, como me informou o zelador do prédio, e, além disso, já era um sessentão aposentado; havia trabalhado num banco a poucos quarteirões dali, conforme pensava o zelador. Encontrei a agência bancária, onde me disseram que o homem tinha se aposentado em 1940 e morrera havia cinco anos; a viúva e uma irmã viviam na Flórida. Escrevi à viúva, mas só havia uma coisa que ela podia nos contar e não era nada boa. Nunca cheguei a fazer um relatório sobre isso, não oficialmente, pelo menos. O pai de seu marido havia desaparecido quando este tinha uns 2 anos de idade. Saíra a passeio por volta das dez da noite; a esposa achava que a fumaça do charuto empesteara as cortinas, de modo que, antes de dormir, ele costumava dar uma volta para fumar. Não voltou. Nunca mais o viram ou ouviram falar dele. A família gastou uma boa quantia na tentativa de localizá-lo, sem sucesso. Isso aconteceu em meados da década de 1870 (a velha senhora não se lembrava bem da data). O marido nunca falava muito sobre o assunto.

O capitão Rihm fez uma pausa e prosseguiu:

— Pois bem, uma tarde resolvi vasculhar uns velhos arquivos e encontrei a pasta das pessoas desaparecidas em 1876. Rudolph Fentz estava lá. Descrição sumária e nenhuma impressão digital, é claro. Mesmo agora eu daria um ano de minha vida e dormiria melhor se essas impressões existissem. Constava que tinha 29 anos de idade, usava costeletas, cartola de seda, casaco preto e calças xadrez. Só isso. Não se mencionava o tipo de gravata e colete nem se os sapatos eram de botões. Chamava-se Rudolph Fentz e morava no endereço da Quinta Avenida que então devia ser uma residência. Conclusão do caso: não localizado. Caso que odeio — confessou o capitão Rihm em voz baixa. — Odeio-o e gostaria de nunca ter ouvido falar dele. Qual é a sua opinião? — perguntou de repente, com expressão raivosa. — Acha que o sujeito sumiu em 1876 e reapareceu em 1950?

Dei de ombros, sem saber o que dizer, gesto que o capitão interpretou como “não”.

— Não, claro que não — disse ele. — *Claro* que não. Mas tente me explicar de outra maneira.

Eu poderia ir mais longe. Poderia apresentar ao leitor centenas de casos semelhantes. Por exemplo, o da garota de 16 anos que saiu do quarto uma manhã com as roupas na mão: eram grandes demais para ela que, sem sombra de dúvida, voltara a ter 11. Há outros fatos horríveis demais para relatar. Todos se deram apenas na área de Nova York e nos últimos anos; a meu ver, milhares aconteceram e continuam acontecendo no mundo inteiro. Sim, eu poderia ir mais longe, mas a questão é: o que está acontecendo e *por quê*? Acho que sei.

O leitor já não observou também, em praticamente todas as pessoas que conhece, uma rebelião cada vez mais violenta contra o *presente*? E uma nostalgia cada vez maior pelo passado? Eu observei. Nunca antes, ao longo de minha existência, ouvi tanta gente desejar ter vivido “na virada do século”, “quando tudo era mais simples”, “quando valia a pena viver”, “quando se podia ter filhos e contar com o futuro” ou simplesmente “nos bons tempos”. As pessoas não falavam assim em minha juventude! O presente era, então, um período glorioso! Mas agora falam.

Pela primeira vez na história, o homem anseia por escapar do presente. Nossas bancas estão repletas de literatura escapista — palavra que já diz tudo. Revistas inteiras são devotadas a contos fantásticos de fuga para outros tempos, passado e futuro, outros mundos e planetas — tudo, menos o aqui e agora. Mesmo as grandes publicações, as grandes editoras e Hollywood começam a atender à demanda crescente por esse tipo de escapatória. Percebe-se no mundo como que uma sede insaciável, uma tremenda pressão de massa, que quase se pode sentir na pele, por parte de milhões de mentes lutando contra as barreiras do tempo. Tenho absoluta certeza de que essa pressão coletiva está afetando, sutil mas inegavelmente, o próprio tempo. Quando isso acontece (quando o anseio quase universal é mais intenso), os incidentes que mencionei ocorrem. O homem está perturbando o relógio do

tempo e, receio, acabará por quebrá-lo. Deixo ao leitor a tarefa de imaginar as derradeiras horas de loucura que nos restarão, os incontáveis momentos que hoje preenchem nossas vidas destroçados de súbito e confundidos caoticamente no tempo.

Eu já vivi muito e posso ser privado de uns poucos anos. No entanto, parece-me desastrosa essa tentativa desesperada de escapar ao que poderia ser um mundo rico, produtivo e feliz. Vivemos num planeta capaz de proporcionar uma existência decente para todas as almas que o habitam, ou seja, exatamente aquilo que noventa por cento dos seres humanos desejam. Por que então não podemos satisfazer esse desejo?

RAY BRADBURY

Embora não seja o primeiro autor a escrever ficção ambientada em Marte, Ray Bradbury pintou uma das paisagens mais férteis em toda a ficção científica com uma série de histórias, publicadas em revistas pulp dos anos 1940 e 1950, nas quais viu o Planeta Vermelho como uma nova fronteira em que a humanidade pudesse deixar sua marca, para o bem ou para o mal. Sua coletânea de contos As Crônicas Marcianas (1950), para a qual essas histórias serviram de base, obteve enorme sucesso e chamou a atenção do público da época para o valor da ficção científica como uma moderna mitologia de sonhos e medos atemporais. Seres humanos frágeis e imperfeitos são o tema principal das histórias de Bradbury, quer na persona do bombeiro da distopia futurista Fahrenheit 451, que passa a desconfiar dos méritos de sua profissão de destruir ideias queimando livros, quer na de americanos comuns de classe média na fantasia tenebrosa Something Wicked This Way Comes, que permitem a seu medo da morte convencê-los a fazer um pacto faustiano com o proprietário mefistofélico de um espetáculo ambulante. Os contos líricos de Bradbury foram coligidos em The Illustrated Man, Os Frutos Dourados do Sol, Remédio para a Melancolia, A Máquina do Prazer e vários outros volumes, incluindo o definitivo Stories of Ray Bradbury. As modernas histórias góticas em suas coletâneas Dark Carnival e The October Country exerceram considerável influência sobre a ficção fantástica negra e de horror contemporânea. Dandelion Wine [Licor de Dente-de-Leão], seu romance sobre a infância de um americano do Meio-Oeste de meados do século e a trilogia solta Death Is a Lonely Business, Um Cemitério para Lunáticos e Green Shadows, White Whale, extraída de suas experiências quando escritor jovem, são explorações bradburyanas

quintessenciais das possibilidades mágicas do cotidiano. Ele escreveu os livros infantis Switch on the Night, A Árvore do Halloween e Ahmed and the Oblivion Machine, centenas de poemas coligidos em The Complete Poems of Ray Bradbury, uma série de peças, incluindo The Wonderful Ice Cream Suit, e a coleção de ensaios Yestermorrow. Muitas de suas histórias foram adaptadas para o teatro, o cinema, a televisão, os musicais e as histórias em quadrinhos. Escreveu os roteiros para It Came from Outer Space e Moby Dick, a adaptação para as telas de John Huston. Seus muitos prêmios incluem o Grand Master Award of the Science Fiction and Fantasy Writers of America e o Bram Stoker Award for Life Achievement, da Horror Writers Association.

Verdadeira lenda nesse campo por mais de cinco décadas, “Um Som de Trovão”, de Bradbury, foi uma das primeiras histórias a extrapolar um evento do passado que muda o futuro de um modo inimaginável. Seu uso da famosa borboleta tem um corolário na Teoria do Efeito Borboleta, postulada inicialmente em 1963 e aperfeiçoada em 1972, embora as asas de seu inseto tenham tido um efeito bem mais permanente no universo de sua história.

UM SOM DE TROVÃO

RAY BRADBURY

O CARTAZ NA PAREDE parecia tremular sob uma fina camada de água morna deslizante. Eckels piscou e o cartaz fulgurou durante essa momentânea escuridão:

SAFÁRI DO TEMPO S/A
SAFÁRIS PARA QUALQUER ANO NO PASSADO.
VOCÊ ESCOLHE O ANIMAL,
NÓS O LEVAMOS LÁ
E VOCÊ ATIRA NELE.

Um muco quente se formou na garganta de Eckels, que o engoliu e forçou esôfago abaixo. Os músculos em volta de sua boca desenharam um sorriso quando ele ergueu lentamente a mão e agitou um cheque de dez mil dólares para o homem sentado à escrivaninha.

— Este safári garante que eu volte vivo?

— Nós não garantimos nada — respondeu o funcionário —, exceto os dinossauros. — Virou-se na cadeira. — Apresento-lhe o sr. Travis, seu Guia do Safári ao Passado. Ele lhe dirá onde e quando disparar. Se pedir para você não atirar, não atire. Se você desobedecer às suas instruções, pagará uma multa de mais dez mil dólares e talvez ganhe um processo por parte do governo, na volta.

Eckels relanceou o olhar pelo vasto escritório e deteve-o num emaranhado confuso de fios e caixas de aço que faiscavam em tons ora alaranjados, ora

prateados, ora azulados. Ouvia-se um som parecido a uma fogueira gigante que queimasse a totalidade do Tempo, dos anos e dos calendários de pergaminho, a totalidade das horas empilhadas e incineradas.

Um toque de mão e aquelas chamas, num instante, se reverteriam maravilhosamente. Eckels recordou as palavras exatas do anúncio. De tições e cinzas, de poeira e carvão, os anos passados, os verdes anos, poderiam saltar como salamandras douradas; rosas embalsamariam o ar, cabelos brancos enegreceriam, rugas desapareceriam; tudo remontaria à semente, escaparia à morte, voaria para seus começos, sóis se levantariam nos céus ocidentais e se poriam em gloriosos orientes, luas se engoliriam ao contrário do costume, as coisas se meteriam dentro de si mesmas como caixinhas chinesas, como coelhos nas tocas — tudo regressaria à morte original, à morte verde, ao tempo anterior ao começo. Um toque de mão faria isso, um simples toque de mão.

— Inacreditável. — Eckels respirou fundo, a luz da Máquina banhando seu rosto fino. — Uma verdadeira Máquina do Tempo! — Sacudiu a cabeça. — Isso dá o que pensar. Se a eleição tivesse sido um fracasso ontem, eu poderia estar aqui agora fugindo dos resultados. Graças a Deus, Keith ganhou. Será um grande presidente dos Estados Unidos.

— Sim — disse o homem por trás da escrivaninha. — Temos sorte. Se Deutscher houvesse vencido, amargaríamos o pior tipo de ditadura. Um militarista, um anticristo, um anti-humano, um anti-intelectual, um... antitudo. As pessoas recorreram a nós, você sabe, brincando mas nem tanto. Afirmaram que, se Deutscher ganhasse, iriam viver em 1492. Nosso negócio não é preparar Fugas, obviamente, mas organizar Safáris. Seja como for, Keith agora é presidente. Você só deve se preocupar com...

— Atirar em meu dinossauro — completou Eckels.

— Seu tiranossauro rex. O Lagarto Tirano, o monstro mais incrível da história. Assine aqui. O que quer que aconteça com você, não seremos responsáveis. Esses dinossauros vivem esfomeados.

Eckels ficou vermelho de raiva.

— Está tentando me assustar!

— Para ser sincero, sim. Não queremos ninguém que entre em pânico ao primeiro tiro. Seis guias de Safári e doze caçadores foram mortos no ano passado. Estamos aqui para dar ao cliente a maior emoção que um caçador possa desejar. Mandá-lo a sessenta milhões de anos atrás para encontrar a maior presa que o Tempo já viu. Eis seu cheque. Se quiser, rasgue-o.

O senhor Eckels olhou para o cheque. Seus dedos se contraíram.

— Boa sorte — disse o homem atrás da escrivaninha. — Sr.Travis, ele é todo seu.

Atravessaram silenciosamente a sala, empunhando suas armas, na direção da Máquina de metal prateado e luz barulhenta.

Primeiro um dia, depois uma noite, depois um dia, depois uma noite, depois dia-noite-dia-noite-dia. Uma semana, um mês, um ano, uma década! 2055 d.C., 2019 d.C. 1999! 1957! E por aí além. A Máquina roncava.

Puseram suas máscaras de oxigênio e testaram os interfones.

Eckels se agitava na cadeira acolchoada, o rosto pálido, a mandíbula contraída. Sentia um forte tremor nos braços; olhou para baixo e viu suas mãos crispadas em volta do rifle novo. Havia outros quatro homens na Máquina. Travis, o Guia do Safári, seu assistente Lesperance e dois caçadores, Billings e Kramer. Olhavam um para o outro e os anos fugiam à sua volta.

— Será que estas armas conseguem acabar com um dinossauro? — perguntou Eckels.

— Se você o atingir no lugar certo — explicou Travis pelo rádio da máscara. — Alguns dinossauros possuem dois cérebros, um na cabeça e outro na base da coluna. Desses, ficamos longe. É muito arriscado. Acerte nos dois olhos, se puder, deixe a presa cega e depois mire no cérebro.

A Máquina roncava. O Tempo era um filme se desenrolando ao contrário. Sóis desapareceram e dez milhões de luas sumiram atrás deles.

— Pensem bem — disse Eckels. — Qualquer caçador morreria de inveja de nós hoje. Isto faz a África parecer Illinois.

A Máquina foi perdendo velocidade; seu ruído descaiu para um simples murmúrio. A Máquina parou.

O sol parou também no céu.

A neblina que envolvera a Máquina se desvaneceu e lá estavam eles num tempo remoto, um tempo verdadeiramente remoto — três caçadores e dois Guias de Safári com suas armas de metal azulado sobre os joelhos.

— Cristo ainda não nasceu — observou Travis. — Moisés ainda não escalou a montanha para bater papo com Deus. As Pirâmides ainda estão nas pedreiras, esperando ser cortadas e erguidas. *Lembrem-se* disto: Alexandre, César, Napoleão e Hitler ainda não existem. — Apontou com um gesto de cabeça. — Esta floresta aí antecede em sessenta milhões, dois mil e cinquenta e cinco anos o presidente Keith.

Mostrou uma trilha de metal que se perdia na mata verde, atravessando um pântano entre fetos e palmeiras gigantes.

— E aquilo — prosseguiu — é o Caminho construído pela Safári do Tempo para seu uso. Flutua a quinze centímetros acima do solo sem encostar em grama, árvore ou flor. É feita de metal antigravidade. Seu objetivo consiste em impedi-los a todo custo de tocar este mundo do passado. Permaneçam no Caminho. Não saiam dele. Repito, *não saiam dele*. Por *nenhum* motivo. Se saírem, pagarão uma multa. E não atirem nos animais sem autorização.

— Por quê? — perguntou Eckels.

Estavam rodeados pela floresta. Gritos longínquos de pássaros vinham carregados pelo vento; pairava no ar um cheiro de alcatrão, do sal de um mar antigo, de relva úmida e de flores cor de sangue.

— Não queremos mudar o Futuro. Não pertencemos ao Passado. O governo não *gosta* de nos ver aqui e precisamos pagar vultosas propinas para conservar nossa licença. Uma Máquina do Tempo é coisa delicada. Sem conhecê-la bem, poderíamos matar um animal importante, um passarinho, uma barata e mesmo uma flor, destruindo assim um elo decisivo na corrente da evolução.

— Isso não ficou muito claro — disse Eckels.

— Ouça — prosseguiu Travis —, digamos que, acidentalmente, matamos um rato aqui. Todas as famílias futuras desse rato em especial ficam também destruídas, certo?

— Certo.

— Como também todas as famílias das famílias das famílias do bichinho! Uma pisada e você aniquila primeiro um, depois dezenas, depois mil, depois um milhão e até um *bilhão* de ratos!

— Eles morrem. Mas e daí?

— E daí? — replicou Travis, com voz tranquila. — Que seria das raposas que precisariam desses ratos para sobreviver? À falta de dez ratos, uma raposa morre. À falta de dez raposas, um leão definha. À falta de um leão, toda sorte de insetos, abutres, bilhões de formas de vida são arremessadas ao caos e à destruição. Por fim, acabamos nisto: cinquenta e nove milhões de anos mais tarde, um homem das cavernas, um dos dez que existem no mundo *inteiro*, sai para caçar ursos selvagens ou tigres-dentes-de-sabre para comer. Mas você, meu amigo, *pisoteou* todos os tigres da região ao pisotear *um único* rato. Assim, o homem das cavernas morre de fome. E esse homem, note bem, não é apenas um homem descartável, ah, não! É *toda uma nação futura*. De suas virilhas sairão dez filhos. Das virilhas *destes*, cem filhos e assim sucessivamente até se formar uma civilização. Destrua-o e destruirá uma raça, um povo, toda uma história de vida. Seria como eliminar um dos netos de Adão. A pressão de seu pé em um rato poderia provocar um terremoto cujos efeitos sacudiriam a Terra e seus destinos, ao longo do Tempo, desde os fundamentos. Com a morte daquele homem das cavernas, bilhões de outros ainda não nascidos seriam sufocados no ventre materno. Talvez Roma jamais se erguesse em suas sete colinas. Talvez a Europa permanecesse para sempre uma floresta tenebrosa e só a Ásia crescesse em abundância. Pise num rato e derrubará as Pirâmides. Pise num rato e deixará sua marca, como um Grand Canyon, por toda a Eternidade. A rainha Elizabeth não nasceria, Washington não cruzaria o Delaware, muito provavelmente os Estados Unidos não existiriam. Portanto, tomem cuidado. Permaneçam no Caminho. *Nunca* saiam dele!

— Entendo — disse Eckels. — Não devemos então tocar nem a *grama*?

— Correto. O esmagamento de certas plantas poderia se multiplicar ao infinito. Um pequeno erro aqui se acumularia desmesuradamente em sessenta milhões de anos. Claro, nossa teoria talvez esteja errada. Talvez o Tempo não possa ser mudado por nós. Ou talvez ele mude apenas de um modo quase imperceptível. Um rato morto aqui provoca um desequilíbrio entre os insetos ali, uma desproporção populacional mais tarde, uma má colheita, uma depressão, uma fome em massa e, finalmente, uma modificação no caráter *social* de países imensos. Ou então algo bem mais sutil como um sopro ligeiro, um murmúrio, um fio de cabelo, um pouco de pólen no ar. Uma modificação tão tênue que, se você não observar muito de perto, não perceberá. Quem sabe? E quem pode afirmar que sabe? Não sabemos. Estamos chutando. Mas até termos certeza de que nossa intrusão no Tempo não provocará um barulho dos diabos ou um pequeno estalido na história, tomaremos cuidado. Esta Máquina, este Caminho, seus corpos e roupas foram esterilizados, como viram, antes da viagem. Usamos máscaras de oxigênio para não introduzir nossas bactérias em uma atmosfera antiga.

— E que animais poderemos matar?

— Estão marcados com tinta vermelha — explicou Travis. — Hoje, antes de nossa viagem, mandamos Lesperance para cá com a Máquina. Ele chegou a esta era e seguiu alguns bichos.

— Para estudá-los?

— Sim — interveio Lesperance. — Para rastreá-los ao longo de toda a sua existência, anotando quais deles viverão mais. Poucos. Quantas vezes cruzaram. Não muitas. A vida é curta. Se encontro um que irá morrer esmagado por uma árvore ou afogado numa poça de alcatrão, registro a hora, o minuto e o segundo exato. Alvejo-o então com um jato de tinta, que deixa uma mancha vermelha em seu dorso. Não podemos perdê-lo. Depois, calculo nossa chegada ao Passado para encontrar o Monstro no máximo dois minutos antes que ele morra de qualquer jeito. Assim, só matamos animais sem futuro, que nunca mais voltarão a cruzar. Vê como somos *cuidadosos*?

— Mas se você voltou esta manhã no Tempo — apressou-se a perguntar

Eckels —, deve ter nos visto! Como nosso Safári terminou? Foi bem-sucedido? Saímos todos... vivos?

Travis e Lesperance trocaram um olhar.

— Isso seria um paradoxo — disse o segundo. — O Tempo não permite esse tipo de confusão... um homem se encontrar consigo mesmo. Na iminência de uma situação semelhante, o Tempo se põe de lado. Como um aeroplano se chocando contra uma bolsa de ar. Vocês sentiram a Máquina pular antes de pararmos? Éramos nós passando por nós mesmos a caminho do futuro. Não vimos nada. Não há como dizer se esta expedição foi um sucesso, se pegamos nosso monstro ou se todos nós... refiro-me a você, sr. Eckels... saímos vivos da aventura.

Eckels deu um sorriso amarelo.

— Chega! — cortou Travis com aspereza. — Todos de pé!

Prepararam-se para sair da Máquina.

A selva era alta, a selva era imensa, a selva era o mundo inteiro para sempre, para sempre. Sons que pareciam música e sons que pareciam tendas esvoaçantes enchiam o ar: eram pterodátiles pairando com suas cavernosas asas negras, morcegos gigantes de delírio e febre noturna. Eckels, equilibrando-se sobre o estreito Caminho, fez alegremente pontaria com seu rifle.

— Pare! — ordenou Travis. — Não mire nem por brincadeira! Se a arma disparar...

Eckels enrubesceu.

— E onde está o nosso tiranossauro?

Lesperance consultou seu relógio de pulso.

— Lá na frente. Vamos cruzar sua trilha em sessenta segundos. Preste atenção na mancha vermelha! Não atire até darmos a ordem. Permaneça no Caminho. *Permaneça no Caminho!*

Avançaram ao sopro do vento matinal.

— Estranho — murmurou Eckels. — Sessenta milhões de anos no futuro, findo o Dia da Eleição, Keith vencedor. Todos comemorando. E nós aqui,

antes que eles existam. Os problemas que nos preocuparam por meses, pela vida inteira ainda nem surgiram nem foram cogitados.

— Engatilhem as armas, todos! — gritou Travis. — Você atira primeiro, Eckels. Depois Billings e por fim Kramer.

— Já cacei tigres, ursos selvagens, búfalos, elefantes... Mas agora *isto*... — disse Eckels. — Estou tremendo como um menino.

— Parem! — exclamou Travis.

Todos pararam.

Travis ergueu a mão.

— Adiante — ordenou baixinho. — Ele está lá, no meio da neblina. Sua Majestade Real.

A selva era grande, repleta de gorjeios, sussurros e gemidos.

De repente, tudo cessou, como se alguém houvesse fechado uma porta.

Silêncio.

Um som de trovão.

Emergindo da névoa, a uns cem metros de distância, surgiu o tiranossauro rex.

— Ele... — gaguejou Eckels. — Ele...

— Psss!

O monstro se aproximou a passos largos com suas enormes pernas bamboleantes e grossas. Era uns dez metros mais alto que a maioria das árvores, um imenso deus do mal com suas delicadas patas dianteiras puxadas para o peito oleoso de réptil. Cada perna traseira parecia um pistão, meia tonelada de osso branco afundado em camadas espessas de músculo recoberto por um couro granuloso como a cota de malhas de um guerreiro terrível. Cada coxa era uma tonelada de carne, marfim e trama de aço. E, projetando-se da caixa torácica, aqueles dois braços finos se balançavam, braços providos de mãos capazes de pegar e examinar homens como brinquedos, embaixo do pescoço curvo de serpente. A própria cabeça, uma tonelada de pedra esculpida, se levantava facilmente para o céu. A boca se

abria, expondo uma fileira de dentes semelhantes a adagas. Os olhos rolavam nas órbitas, ovos de avestruz, sem expressão nenhuma a não ser a de fome. A fera cerrou as mandíbulas num riso de morte. Disparou, os ossos da pelve esmagando dos lados árvores e arbustos, as patas providas de garras rasgando a terra úmida e deixando marcas de vinte centímetros de profundidade onde apoiavam seu peso. Avançou num passo deslizante de balé, com um equilíbrio e um porte que não se podia esperar de suas dez toneladas. Movia-se cuidadosamente numa arena batida pelo sol, as belas mãos de réptil vibrando no ar.

— Caramba! — exclamou Eckels boquiaberto. — Esse monstro poderia se esticar e agarrar a lua!

— Psss! — fez Travis, irritado. — Ele ainda não nos viu.

— Acho que é impossível abatê-lo. — Eckels disse isso tranquilamente, como se seu veredicto não estivesse sujeito a discussão. Havia pesado as evidências e chegara conscientemente àquele parecer. O rifle em suas mãos parecia uma espingardinha de chumbo. — Fomos tolos em vir. Não conseguiremos matá-lo.

— Cale-se! — rugiu Travis.

— Pesadelo!

— Vire-se — ordenou Travis — e volte quietinho para a Máquina. Nós lhe devolveremos metade do que pagou.

— Eu não sabia que o bicho seria tão *grande* assim — confessou Eckels. — Calculei mal, isso é tudo. E quero dar o fora.

— Ele nos *viu*!

— Traz a mancha vermelha no peito!

O Lagarto Tirano alteou o corpo. Sua couraça reluzia como milhares de moedas esverdeadas. E essas moedas, sob uma crosta de lama, fumegavam. Por cima da crosta, minúsculos insetos rastejavam, de modo que o corpo inteiro parecia se agitar e ondular, embora o monstro estivesse imóvel. Bufou. Um fedor de carne crua se espalhou pela mata.

— Tire-me daqui — pediu Eckels. — Nunca passei por situação igual a essa. Sempre tive certeza de voltar são e salvo. Eram bons guias, bons safáris,

segurança completa. Desta vez, calculei errado. O páreo é duro e reconheço-o. Está além de minhas forças.

— Não corra — instruiu Lesperance. — Vire-se devagar e esconda-se na Máquina.

— Sim. — Eckels parecia tonto. Olhou para os pés como se tentasse obrigá-los a se mover. Gemeu, desamparado.

— Eckels!

Ele deu alguns passos, piscando muito e arrastando os pés.

— Assim *não*!

O monstro, percebendo movimento, lançou-se para a frente com um rugido terrível. Em seis segundos, cobriu cem metros. Os rifles apontaram e dispararam. Uma lufada saída da boca da fera envolveu-os num cheiro de lodo e sangue pútrido. O Monstro rugia, com os dentes faiscando ao sol.

Eckels, sem olhar para trás, cambaleava às cegas em direção à extremidade do Caminho, segurando o rifle inútil. Sem perceber, saiu do Caminho e entrou na floresta. Seus pés afundaram na relva verde. Suas pernas o levavam e ele se sentiu sozinho, distante do que acontecia às suas costas.

Os rifles dispararam de novo. Seu estampido se perdeu em meio aos guinchos e estrondos do lagarto. A enorme cauda do réptil se ergueu, chicoteou para os lados. Árvores explodiam em nuvens de folhas e galhos. O Monstro baixou as mãos pequeninas para agarrar os homens, para cortá-los ao meio, para esmagá-los como morangos, para levá-los aos dentes e à bocarra ululante. Seus olhos túmidos ficaram no nível dos caçadores, que neles se viram refletidos. Os homens miraram nas pálpebras metálicas e nas íris negras, chamejantes.

Como um ídolo de pedra, como uma avalanche encosta abaixo, o tiranossauro ruiu por terra, arrastando com estrondo as árvores à sua volta e se abatendo sobre o Caminho de metal. Os homens saltaram para trás e para longe. O corpanzil desabou, dez toneladas de carne fria e pedra. Os rifles dispararam de novo. O Monstro agitou a cauda encouraçada, repuxou as mandíbulas de serpente e se imobilizou. Uma torrente de sangue esguichou de sua garganta. Em algum lugar lá dentro, uma bolsa de fluidos se rompeu e

jatos repugnantes encharcaram os caçadores. Eles ficaram parados, cobertos de sangue rubro que brilhava.

O trovão se calou.

A floresta mergulhou no silêncio. Depois da avalanche, a paz verde. Depois do pesadelo, o amanhecer.

Billings e Kramer se sentaram no Caminho e respiraram fundo. Travis e Lesperance, de pé com os rifles fumegantes em punho, praguejavam baixinho.

Deitado de bruços na Máquina do Tempo, Eckels tremia todo. Havia encontrado finalmente o Caminho e subira para o veículo.

Travis entrou, olhou para Eckels, pegou um pacote de gaze numa caixa de metal e voltou para junto dos outros, que continuavam sentados no Caminho.

— Limpem-se.

Eles limparam o sangue das máscaras. E também começaram a praguejar. O Monstro jazia a poucos passos, uma montanha de carne sólida. De dentro dele, vinham sons de gorgolejos e murmúrios, enquanto as câmaras mais recônditas morriam, líquidos percorriam seu último trajeto entre os órgãos, que iam fenecendo — tudo se paralisando, se fechando para sempre. Era como observar uma locomotiva quebrada ou uma escavadeira a vapor cujas válvulas e alavancas fossem sendo desligadas aos poucos. Ossos se partiam; o peso da carne, peso morto uma vez perdido o equilíbrio, esmagava os braços delicados por baixo dela. A carne parou de estremecer.

Ouviu-se outro estalido. Lá em cima, um enorme galho de árvore soltou-se de seu pesado tronco e caiu sobre a besta morta.

— Aí está. — Lesperance consultou o relógio. — Bem na hora. Essa é a árvore gigante marcada, a princípio, para cair e matar o animal. — Olhou para os dois caçadores. — Querem uma foto para guardar como troféu?

— Como?

— Não podemos levar um troféu de volta para o Futuro. O corpo tem de ficar aqui, onde teria morrido originalmente, para que insetos, pássaros e bactérias se alimentem de sua carne, como deve ser. Tudo em equilíbrio. O corpo fica. Mas *podemos* tirar uma foto com vocês ao lado dele.

Os dois tentaram pensar, mas desistiram, balançando a cabeça.

Deixaram-se conduzir pelo Caminho de metal e desabaram, esgotados, sobre as almofadas da Máquina. Olharam para o Monstro abatido, verdadeira colina imóvel; estranhos pássaros parecidos com répteis e insetos amarelos já se movimentavam, atarefados, por sobre a armadura fumegante.

Um ruído no piso da Máquina do Tempo assustou-os. Eckels se sentou, ainda trêmulo.

— Sinto muito — murmurou ele por fim.

— Levante-se! — gritou Travis.

Eckels se levantou.

— Saia para o Caminho. Sozinho — ordenou Travis, apontando-lhe o rifle.

— Não voltará na Máquina. Vamos deixá-lo aqui!

Lesperance segurou o braço de Travis.

— Espere...

— Fique fora disto! — gritou o outro, desvencilhando-se. — O idiota quase nos matou. E não foi só isso! Olhem para seus *sapatos*, olhem bem! Saiu do Caminho. Iremos à *falência*! Seremos multados! Milhares de dólares de seguro! Garantimos que ninguém sairia do Caminho e ele saiu. Ah, o pateta! Terei de mandar um relatório para o governo e eles talvez revoguem nossa licença de viagem. Quem sabe o mal que esse sujeito causou para o Tempo, para a História!

— Não exagere, o máximo que ele fez foi levantar um pouco de poeira.

— E como vamos *saber*? — gritou Travis. — Não sabemos nada! Tudo é mistério! Saia, Eckels!

Eckels apalpou a camisa.

— Pagarei qualquer coisa. Cem mil dólares!

Travis olhou para o talão de cheques de Eckels e cuspiu.

— Saia. O Monstro está perto do Caminho. Enfie os braços até os cotovelos na boca dele. Depois, poderá voltar conosco.

— Que absurdo!

— O Monstro está morto, seu imbecil. As balas! As balas não devem ficar para trás porque não pertencem ao Passado; poderiam modificar alguma

coisa. Aqui está minha faca. Extraia-as!

A selva cobrou vida de novo, repleta de velhas vibrações e gritos de pássaros. Eckels se virou lentamente para contemplar o primitivo monte de entulho, aquela colina de pesadelo e terror. Após longo tempo, enveredou pelo Caminho como um sonâmbulo.

Voltou cinco minutos depois, trêmulo e com os braços vermelhos até os cotovelos. Estendeu as mãos. Cada uma segurava algumas balas de aço. Depois caiu. Caiu e ali ficou, imóvel.

— Não precisava mandá-lo fazer isso — censurou Lesperance.

— Ah, não? É cedo para tirar conclusões. — Travis cutucou o corpo imóvel. — Ele viverá. Da próxima vez, pensará duas vezes antes de sair para caçar bichos grandes. Ok. — Enfadado, ergueu o polegar para Lesperance. — Ligue. Vamos para casa.

1492. 1776. 1812.

Lavaram as mãos e o rosto. Tiraram as calças e camisas cáqui. Eckels se levantara, mas permanecia em silêncio. Travis ficou olhando para ele uns bons dez minutos.

— Por que me olha assim? — resmungou Eckels. — Eu não fiz nada.

— Isso não sabemos.

— Saí do Caminho. Um pouco de lama em meus sapatos, só isso. Que quer que eu faça? Que me ajoelhe e reze?

— Seria bom. Eu deveria tê-lo matado, Eckels, fique sabendo. Estava com a arma engatilhada.

— Sou inocente. Não fiz nada!

1999.2000.2055.

A Máquina parou.

— Caia fora — rosnou Travis.

O quarto estava tal qual o haviam deixado. Mas não exatamente. O mesmo homem estava sentado atrás da mesma escrivaninha. Mas não exatamente.

Travis olhou ao redor, ansioso.

— Tudo certo por aqui? — perguntou.

— Sim. Sejam bem-vindos.

Travis continuava tenso. Parecia examinar cada átomo da atmosfera ambiente e o modo como a luz se infiltrava pela única janela alta.

— Muito bem, Eckels, dê o fora e não volte mais.

Eckels não conseguiu se mover.

— Você me ouviu — continuou Travis. — O que está *olhando*?

Eckels farejou o ar, onde havia alguma coisa, um cheiro de produto químico tão sutil, tão leve que apenas uma advertência quase imperceptível de seus sentidos subliminares o convenceu de que aquele cheiro estava ali. As cores branca, cinza, azul e laranja na parede, nos móveis, no céu além da janela eram... eram... Havia também uma *sensação*. Seus músculos se retesaram. Suas mãos se crisparam. Continuou parado, absorvendo a estranheza pelos poros de todo o corpo. Em algum lugar, alguém devia estar soprando um desses apitos que só os cães podem ouvir. Seu corpo respondia com o silêncio. Para além daquela sala, para além daquela parede, para além daquele homem que não era o mesmo homem sentado atrás da escrivaninha que não era a mesma escrivaninha... estendia-se todo um mundo de ruas e pessoas. Que espécie de mundo era agora, Eckels não saberia dizer. Ele podia sentir as pessoas se movendo lá, do outro lado das paredes, quase como peças de xadrez tangidas por um vento seco...

Mas o que lhe chamou imediatamente a atenção foi o cartaz na parede da sala, o mesmo que ele tinha visto horas antes, ao entrar.

O cartaz mudara um pouco:

SEFÁRI DU TEMPO S/A
SEFÁRIS PRA QUALQUÉ ÂNU NU PASSADO.
VOSSÊ ESCOLHE U ANIMALL.
NÓIS LEVAMUS VOSSÊ LÁ.
VOSSÊ ATIRA NELLE.

Eckels se deixou cair numa cadeira. Olhou, atordoado, para a grossa

camada de lama em suas botas. Com mãos trêmulas, arrancou um torrão de barro da sola e observou-o.

— Não, *não* pode ser. Uma coisa tão pequena como esta! Não!

Encravada no barro — verde, amarela e preta —, luzia uma borboleta, muito bonita e muito morta.

— Não uma coisa pequena como *esta*! Não uma borboleta! — gritou Eckels.

Aquela coisa minúscula caiu ao chão; aquela coisa insignificante que podia romper equilíbrios e derrubar uma sequência de pequenos dominós, depois de grandes dominós e finalmente de gigantescos dominós ao longo dos anos e através do Tempo. A mente de Eckels girava. Aquilo não *podia* alterar o mundo. Matar uma borboleta não *era* tão importante! Ou era?

Suas faces estavam geladas. Seus lábios tremiam quando perguntou:

— Quem... quem venceu as eleições presidenciais ontem?

O homem atrás da escrivaninha riu.

— Está brincando? Você sabe muito bem. Deutscher, é claro. Quem mais? Não aquele fracote do Keith. Agora temos um homem de ferro, um homem de coragem! — O funcionário se interrompeu. — Algo errado?

Eckels balbuciou alguma coisa e caiu de joelhos. Acariciou a borboleta dourada com dedos trêmulos.

— Não poderíamos — implorou ao mundo, a si mesmo, aos funcionários, à máquina — trazê-la *de volta*, não poderíamos *fazê-la* viver de novo? Não poderíamos recomeçar? Não poderíamos...

Não se moveu. De olhos fechados, esperou, ansioso. Ouviu Travis respirar fundo na sala; ouviu Travis pegar o rifle, engatilhá-lo e apontá-lo.

Foi um som de trovão.

RICHARD MATHESON

Richard Matheson foi considerado um novo e poderoso talento na fantasia do pós-guerra com a publicação de seu primeiro conto, “Nascido de Homem e Mulher”, em 1950. Seus primeiros romances, Eu sou a Lenda e The Shrinking Man, inovaram o gênero com sua mescla de fantasia, horror e ficção científica com elaborações do tema que domina toda a sua obra: o indivíduo solitário lutando para sobreviver num universo hostil. O profundo interesse de Matheson pela paranormalidade serviu de base para seus romances A Stir of Echoes, A Casa da Noite Eterna e Amor Além da Vida. Seu romance de viagem no tempo, Em Algum Lugar do Passado, ganhou o World Fantasy Award. Seus contos estão entre os mais populares nos campos da fantasia, horror e ficção científica. Muitos foram coligidos no volume retrospectivo final The Stories of Richard Matheson. Ele é também autor dos romances de suspense Ride the Nightmare e Seven Steps to Midnight, bem como dos westerns premiados Journal of the Gun Years e The Gunfight. Escreveu roteiros para diversos filmes e programas de televisão, e sua própria obra foi adaptada para o cinema e séries televisivas como The Twilight Zone [Além da Imaginação] e Night Gallery.

Um tema muito explorado nas histórias de viagens no tempo é o do protagonista que encontra a si mesmo no futuro ou no passado. “A Nave da Morte”, de Matheson, leva a ideia um passo adiante, fazendo os heróis exploradores do espaço do conto se depararem com eles próprios num tempo futuro perigoso. Essa história foi um dos episódios da série televisiva original Twilight Zone, em 1963, com Jack Klugman e Ross Martin no papel de dois dos astronautas.

A NAVE DA MORTE

RICHARD MATHESON

FOI MASON QUEM VIU PRIMEIRO.

Estava sentado diante do visor lateral, tomando notas, enquanto a nave sobrevoava o novo planeta. Sua caneta se movia agilmente sobre o gráfico que mantinha diante dos olhos. Dentro em pouco aterrissariam para recolher espécimes. Minerais, vegetais e animais — se houvesse algum. Seriam acondicionados em caixas e levados para a Terra, onde técnicos os estudariam, avaliariam e julgariam. Se o resultado fosse bom, estampariam a palavra HABITÁVEL em letras grandes e pretas no relatório, abrindo assim outro planeta para colonização e alívio da Terra superpovoada.

Mason anotava informações sobre topografia geral quando o brilho chamou sua atenção.

— Vi alguma coisa — disse ele.

Moveu o visor para inverter a posição da lente.

— Viu o quê? — perguntou Ross da mesa de controle.

— Você não viu também, um lampejo?

Ross examinou sua própria tela.

— Passamos por cima de um lago, você sabe — respondeu ele.

— Não, não foi isso — garantiu Mason. — Apareceu na clareira à margem do lago.

— Vou checar — disse Ross. — Mas com toda a certeza era mesmo o lago.

Seus dedos digitaram um comando no painel e a grande nave descreveu um arco suave, regressando.

— Fique de olhos abertos agora — recomendou Ross. — Certifique-se. Não temos tempo a perder.

— Sim, capitão.

Mason manteve o olhar fixo no visor, esmiuçando o solo que deslizava lentamente lá embaixo como um tapete móvel de bosques, campos e rios. Pensava, a despeito de si mesmo, que talvez o momento houvesse chegado. O momento em que terráqueos apareceriam longe da Terra, uma raça evoluída a partir de outras células e outro barro. Uma hipótese excitante. Mil novecentos e noventa e sete poderia ser o ano. E ele, Ross e Carter talvez estivessem agora pilotando uma nova *Santa Maria* desbravadora, um galeão prateado e velocíssimo.

— Lá! — gritou ele. — Lá está!

Olhou para Ross. O capitão espiava por seu visor com uma expressão que Mason conhecia bem. Uma expressão de analista satisfeito, prestes a tomar uma decisão.

— O que acha que é? — perguntou Mason, percutindo as cordas da vaidade de seu chefe.

— Provavelmente uma nave, provavelmente nada — pontificou Ross.

Então, pelo amor de Deus, vamos descer e averiguar, era o que Mason queria sugerir; mas não podia. A decisão era de Ross. Do contrário, talvez nem parassem.

— Acho que não é nada mesmo — incitou ele.

Observou impacientemente enquanto Ross digitava com seus dedos grossos o teclado do visor.

— Vamos parar — disse por fim o chefe. — De qualquer modo, precisamos colher amostras. Só receio que...

Balançou a cabeça. Terra, homem! As palavras borbulharam na garganta de Mason. Por Deus, vamos descer!

Ross refletiu mais um pouco, apertando os lábios espessos. Mason conteve o fôlego.

Em seguida, a cabeça do chefe executou aquele curto movimento que indicava uma decisão definitiva. Mason respirou, aliviado. Viu o capitão se

virar, comprimindo e girando comandos. A nave começou a se colocar na vertical, enquanto a cabine estremecia à medida que o giroscópio a equilibrava na posição correta. O céu executou um giro de noventa graus e nuvens surgiram do outro lado das escotilhas grossas. Então a nave apontou para o sol do planeta e Ross desligou os motores de cruzeiro. O veículo pareceu hesitar, suspenso por uma fração de segundo, e depois começou a descer em direção ao solo.

— Ei, já estamos pousando?

Era Mickey Carter, que olhou para eles inquisitivamente da porta que levava ao compartimento de armazenamento. Esfregava as mãos oleosas nas pernas do macacão verde.

— Vimos alguma coisa lá embaixo — explicou Mason.

— Sério? — disse Mickey, aproximando-se do visor de Mason. — Deixe-me ver.

Mason ajustou as lentes traseiras e os dois ficaram observando o planeta que vinha ao encontro deles.

— Não sei se você consegue... ah, sim, lá está — disse Mason. Olhou para Ross. — Dois graus leste.

Ross girou um comando e a nave alterou levemente seu movimento de descida.

— Que acha que é? — perguntou Mickey.

— Ei!

Mickey espiou pelo visor com interesse ainda maior. Seus grandes olhos perscrutaram a mancha brilhante que se alargava na tela.

— Pode ser uma nave — aventou ele. — Sim, pode ser.

E ficou ali de pé atrás de Mason, em silêncio, vendo o chão subir.

— Reatores — disse Mason.

Ross comprimiu com eficácia o botão e os motores da nave expeliram seus gases inflamados. A velocidade diminuiu. A nave desceu sobre seus jatos de fogo barulhentos, guiada por Ross.

— O que você acha que é? — perguntou Mickey a Mason.

— Não sei — confessou Mason. — Mas, se for uma nave — acrescentou

logo, desejando no fundo que fosse —, não acho que venha da Terra. Reservamos esta rota para nós.

— Talvez tenham mudado de curso — arriscou Mickey.

— Duvido — replicou Mason, dando de ombros.

— E se for uma nave — insistiu Mickey —, mas não nossa?

Mason fitou-o, enquanto Carter mordida os lábios.

— Amigo — disse ele —, isso seria bem interessante.

— Suspensão pneumática — determinou Ross.

Mason girou a chave que acionava o sistema. Esse sistema lhes permitia aterrissar sem a necessidade de colchões grossos. Do convés, quase nem sentiam o impacto. Era uma inovação nas novas naves do governo.

A nave pousou em seus suportes traseiros.

Ouviram um leve rangido e tiveram uma ligeira sensação de balanço. Em seguida a nave se imobilizou com o nariz pontudo para o alto, faiscando intensamente à luz do sol.

— Vamos ficar todos juntos — disse Ross. — Ninguém vai correr risco algum. É uma ordem.

Levantou-se e apontou para a chave na parede que deixava a atmosfera penetrar na pequena câmara no canto da cabine.

— Três contra um que precisaremos de nossas máscaras — disse Mickey a Mason.

— Feito — aceitou Mason. Era a velha aposta dos dois sobre se havia ou não ar em cada novo planeta que descobriam. Mickey sempre apostava na necessidade de aparelhos; Mason, no uso livre dos pulmões. Até o momento, estavam empatados.

Mason acionou a chave e um som sibilante invadiu a cabine. Mickey tirou a máscara do armário e ajustou-a na cabeça. Em seguida, dirigiu-se para as portas duplas. Mason ouviu-o fechá-las às suas costas. Queria ainda acionar os visores laterais para descobrir se conseguia localizar o que haviam visto. Mas não o fez. Preferiu gozar aquela deliciosa sensação de suspense.

Pelo interfone, escutaram a voz de Mickey.

— Remover máscaras — disse ele.

Silêncio. Esperaram. Finalmente, um resmungo.

— Perdi de novo — reconheceu Mickey.

Os outros saíram atrás dele.

— Céus, eles se arrebentaram!

O rosto de Mickey exibía uma expressão de choque e perplexidade. Os três homens ficaram parados sobre a grama verde e olharam.

Era uma nave. Ou o que restava de uma nave porque, aparentemente, ela havia batido no chão a uma velocidade terrível, de nariz para baixo. A estrutura principal se afundara cerca de cinco metros no solo macio e algumas de suas peças, arrancadas pelo impacto, jaziam em volta. Os pesados motores, soltando-se, quase tinham esmagado a cabine. Tudo estava mergulhado num silêncio mortal e a catástrofe tinha sido tão completa que mal se podia adivinhar de que tipo de nave se tratava. Era como se um garoto gigante, irritado com seu brinquedo, o houvesse atirado ao chão e batido nele furiosamente com uma pedra.

Mason estremeceu. Fazia tempo que não via um acidente como aqueles. Quase esquecera a onipresente ameaça da perda de controle, o zunido de uma queda pelo espaço, os choques violentos. Falava-se muito em naves perdidas em órbita. E isso lhe trouxe à mente a outra ameaça de sua profissão. Engolia em seco enquanto observava.

Ross revirava com a ponta do pé um pedaço de metal.

— Difícil saber — disse ele. — Mas parece uma das nossas.

Mason ia falar, mas mudou de ideia.

— Pelo que vejo daquele motor ali, eu diria que era uma das nossas — concordou Mickey.

— A estrutura de um foguete é padronizada — deixou escapar Mason. — Em toda parte.

— Nada disso — replicou Ross. — As coisas não funcionam assim. É nossa, sem dúvida. Alguns pobres-diabos da Terra. Pelo menos, sua morte foi rápida.

— Será? — perguntou Mason, absorto, visualizando os tripulantes em sua cabine, apavorados enquanto a nave despencava para a terra, talvez em linha

reta como a bala de um canhão, talvez girando loucamente como um pião, sem que o giroscópio conseguisse manter a cabine no nível.

Os gritos, as ordens, os apelos a um céu que nunca haviam visto, a um Deus que poderia só existir em outro universo. Depois, o planeta se aproximando e batendo sua face dura contra a nave, esmigalhando-os, arrancando o ar de seus pulmões. Estremeceu de novo ao pensar nisso.

— Vamos dar uma olhada — propôs Mickey.

— Não sei se devemos — ponderou Ross. — É nossa. Mas talvez não seja.

— Acha que alguém ainda está vivo aí dentro? — perguntou Mickey ao capitão.

— Não sei dizer.

Mas, é claro, Ross via aquele casco retorcido tão bem quanto eles. Ninguém poderia ter sobrevivido ao acidente.

O olhar. Os lábios franzidos enquanto eles rodeavam a nave. O movimento de cabeça que não viram.

— Tentemos esta abertura aqui — ordenou Ross. — E fiquem juntos. Ainda temos trabalho a fazer. Só assim poderemos informar à base que nave é esta. — Já decidira que era uma nave da Terra.

Aproximaram-se de um ponto da lateral da nave em que o revestimento se rasgara ao longo da solda. Uma placa comprida e grossa havia sido curvada como se fosse uma folha de papel.

— Não gosto disto — murmurou Ross. — Mas suponho...

Fez um gesto de cabeça e Mickey se alçou para a abertura. Testou cada ponto de apoio cuidadosamente e enfiou suas luvas de trabalho porque encontrou arestas agudas, sobre as quais avisou os outros. Eles enfiaram as mãos nos bolsos dos macacões e tiraram também suas luvas. Mickey então deu um passo largo e se meteu pela goela escura da nave.

— Pare aí! — ordenou Ross. — Espere por nós.

Alçou-se também para a abertura, com as pontas das pesadas botas arranhando o revestimento da nave. Entrou. Mason seguiu-o.

Estava escuro lá dentro. Mason cerrou os olhos por um momento, para se adaptar à mudança. Quando os reabriu, percebeu dois feixes luminosos

investigando a confusão de vigas e chapas. Tirou sua própria lanterna e acendeu-a.

— Meu Deus, que ruína! — exclamou Mickey, consternado à vista de tanto metal e equipamentos destruídos. Sua voz ecoou fracamente no interior do casco; e, quando esmoreceu, um silêncio total caiu sobre eles. Ali na obscuridade, Mason sentia o cheiro acre dos motores calcinados.

— Tome cuidado com esse cheiro! — disse Ross para Mickey, que procurava um apoio. — Não queremos nos intoxicar.

— Tomarei — disse Mickey. Subia valendo-se de uma só mão a fim de puxar seu corpo grosso e forte escada acima, enquanto com a outra apontava a lanterna diretamente para o alto. — A cabine nem tem mais forma — avisou, sacudindo a cabeça.

Ross seguia atrás dele. Mason vinha por último, o foco de sua lanterna passeando pelas juntas rompidas, pela selvagem destruição do que tinha sido uma nave possante e nova. Murmurava, incrédulo, para si mesmo à medida que o foco ia revelando uma violenta distorção de metais após outra.

— Porta trancada — informou Mickey, plantado sobre uma passarela retorcida e apoiando-se nas paredes do foguete. Agarrou de novo o trinco e tentou abrir a porta.

— Dê-me sua lanterna — pediu Ross. Apontou os dois facho para a porta e Mickey mais uma vez fez força para abri-la. Seu rosto ficou vermelho pelo esforço. Começou a resfolegar.

— Não — disse por fim. — Emperrou.

Mason alcançou-o.

— Talvez a cabine ainda esteja pressurizada — sugeriu baixinho. Não queria ouvir o eco de sua própria voz.

— Duvido — disse Ross, tentando refletir. — Com toda a probabilidade, o batente se retorceu. — Acenou de novo com a cabeça. — Ajude Carter.

Mason segurou um trinco e Mickey o outro. Apoiando os pés contra a parede, puxaram com todas as suas forças. A porta resistiu. Mudaram de posição e puxaram com mais força ainda.

— Ei, ela se moveu! — exclamou Mickey. — Acho que conseguimos.

Puseram de novo os pés na passarela danificada e forçaram a porta. Como o batente estava retorcido, ela havia ficado presa por um dos cantos. Só podiam abri-la o suficiente para entrar de lado.

Mason entrou primeiro. A cabine estava escura. Direcionou o facho da lanterna para a cadeira do piloto. Vazia. Ouviu Mickey se espremer para entrar. Iluminou a cadeira do navegador.

Não havia nenhuma cadeira de navegador. As placas do teto haviam desabado, esmagando tudo: visor, painel de controle e assento. Mason sentiu a garganta seca ao se imaginar sentado naquela cadeira, diante daquele painel, debaixo daquele teto.

Ross se juntara a eles. Os fachos das lanternas percorriam a área. Os três tinham de se equilibrar nas pernas abertas, pois o piso estava inclinado.

O ângulo daquela inclinação fez com que uma ideia ocorresse a Mason. Pesos que se deslocam, *coisas* deslizando... em direção ao canto para onde ele dirigiu o foco trêmulo de sua lanterna.

Sentiu o coração disparar e a pele se retesar. Seus olhos se arregalaram. Então, suas botas escorregaram pelo declive, como se ele estivesse sendo puxado.

— Aqui — gritou, a voz rouca devido ao choque.

Estacou diante dos corpos. Seu pé havia batido num deles quando se segurava para não cair e equilibrar o peso no declive.

Ouviu a voz e os passos de Mickey. Um sussurro. Um sussurro quase inaudível, horrorizado.

— *Mãe de Deus!*

Ross, calado. Eles não faziam nada exceto olhar e resfolegar.

Pois os três corpos retorcidos no chão eram deles, dos três. E... mortos.

Mason não soube quanto tempo permaneceram ali, quietos, contemplando as figuras destroçadas no chão.

Como reage um homem diante de seu próprio cadáver? A pergunta flutuava inconscientemente em seu cérebro. Numa situação dessas, o que pode um

homem dizer? Quais são suas primeiras palavras? Perguntas difíceis, embaraçosas.

Mas estava acontecendo. Ele, de pé — e ele, estirado morto diante de seus próprios olhos. Sentiu as mãos entorpecidas e começou a cambalear no piso inclinado.

— *Deus!*

Era Mickey, de novo. Mantinha o foco da lanterna sobre o rosto do morto que era ele mesmo. Seus lábios se retorciam enquanto olhava. Cada qual dirigia o foco para seu próprio rosto; os feixes luminosos conectavam seus dois corpos.

Finalmente Ross inspirou, trêmulo, o ar viciado da cabine.

— Carter — murmurou ele —, encontre o interruptor da luz auxiliar. Veja se funciona. — Sua voz era rouca e contida.

— Como?

— O interruptor... o interruptor! — gritou Ross com rispidez.

Mason e o capitão continuaram de pé, imóveis, enquanto Mickey se arrastava pelo piso inclinado. Ouviram suas botas pisotear fragmentos de metal. Mason fechou os olhos, mas não conseguia afastar o pé encostado ao corpo que era o seu. Sentia-se preso.

— Não entendo — murmurou para si mesmo.

— Agente firme — disse Ross.

Mason não saberia dizer se aquilo fora dito para encorajar a ele ou ao próprio capitão.

De repente, ouviram o gerador de emergência começar seu giro monótono. As luzes piscaram e se apagaram. O gerador arquejou, gemeu, e as luzes se acenderam por fim.

Olharam para baixo. Mickey desceu a rampa e juntou-se a eles. Olhou também para seu próprio corpo. A cabeça fora esmagada. Mickey recuou, a boca aberta numa expressão de horror indescritível.

— Não entendo — balbuciou. — Não entendo. O que vem a ser isto?

— Carter — advertiu Ross.

— Sou *eu!* — continuou Mickey. — Meu Deus, sou *eu!*

— Agente firme — ordenou Ross.

— Nós três... — murmurou Mason. — Nós três estamos mortos...

Não havia muito o que dizer. Viviam um pesadelo sem palavras. O teto da cabine havia baixado e esmagado tudo. Os cadáveres se dobraram sobre si mesmos e se comprimiram num canto, braços e pernas misturados. Só o que os três podiam fazer era olhar.

— Vão buscar um oleado — ordenou por fim Ross.

Mason se virou. Rápido. Aliviado por ocupar a mente com uma tarefa simples. Aliviado por substituir a tensão do horror pela atividade. Afastou-se a passos largos pela passarela. Mickey demorava a segui-lo, incapaz de desprender o olhar estarecido do pesado corpo envolto no macacão verde e com a cabeça esmigalhada, sangrenta.

Mason tirou um grosso oleado dobrado do armário e voltou para a cabine, braços e pernas se movendo numa sequência robótica. Tentou desanuviar o cérebro, não pensar em nada até absorver o choque inicial.

Ele e Mickey desdobraram mecanicamente o oleado. Estenderam o material pesado e lustroso sobre os corpos. O oleado pousou, desenhando as linhas das cabeças, dos troncos e de um braço hirto como uma lança, que transformava o pulso e a mão numa espécie de flâmula horripilante.

Mason virou as costas, tremendo. Cambaleou até a cadeira do piloto e sentou-se. Olhou para as pernas estendidas, para as botas pesadas. Beliscou uma perna, sentindo-se quase aliviado pela pontada de dor.

— Vamos embora — ouviu Ross ordenar a Mickey. — *Vamos embora*, eu disse!

Baixou os olhos e viu Ross tentando erguer Mickey, que havia se inclinado sobre os corpos. Segurou-o pelo braço e começou a subir a rampa.

— Estamos mortos — gemeu Mickey, em tom vazio. — Somos nós lá na cabine. Estamos *mortos*.

Ross empurrou Mickey para a porta arrebatada e obrigou-o a olhar para fora.

— Veja — disse ele. — É a nossa nave. Tal como a deixamos. Esta aqui não é nossa. Os corpos... não nos pertencem, não podem nos pertencer.

As palavras finais soaram frouxas. Para um homem de opiniões tão fortes, pareciam débeis e extravagantes. Sua garganta estremecia, seu lábio inferior se projetava em desafio ao enigma. Ross não gostava de enigmas. Gostava de decisão e ação. E agora o que queria era agir.

— Você se viu lá — disse Mason. — Vai negar que não seja você?

— É exatamente o que farei — replicou Ross. — Isto pode ser uma loucura, mas tem uma explicação. Há uma explicação para tudo.

Sua face se contorceu quando ele retesou o braço musculoso.

— Esse sou eu — rugiu. — Sou duro na queda. — Olhou-os como se não admitisse contestação. — E estou vivo.

Os dois fitaram-no com expressão vaga.

— Não entendo — balbuciou Mickey. Sacudiu a cabeça, repuxando os lábios.

Mason continuava sentado debilmente na cadeira do piloto. Desejou que o dogmatismo de Ross os tirasse daquela enrascada. Que a teimosia do capitão em não admitir o inexplicável resolvesse tudo, liquidasse o problema. Tentava pensar por si mesmo, mas era bem mais fácil deixar que o chefe decidisse.

— Estamos todos mortos — insistiu Mickey.

— Não seja idiota! — repreendeu Ross. — Não sente seu próprio corpo?

Mason se perguntava até onde iria aquilo. Na verdade, começava a nutrir a esperança de um despertar súbito; então, se sentaria em seu beliche, veria os outros dois executando suas tarefas como sempre e o louco pesadelo se desvaneceria de uma vez.

Mas o pesadelo continuou. Encostou-se na cadeira, uma cadeira sólida. Daquela posição, podia correr os dedos sobre os comandos, os botões e os mostradores. Tudo real. Não era um sonho. Não precisaria mais se beliscar.

— Talvez seja uma alucinação — aventou, tão inutilmente quanto um animal atolado que forceja por chegar à margem seca.

— Já chega — sentenciou Ross.

Semicerrou os olhos e olhou para os dois com firmeza. Ia decidir. Mason tentou adivinhar o que ele estaria pensando. Alucinação? Não, não podia ser.

Ross não admitia alucinações. Mickey também olhava boquiaberto para ele, aguardando o consolo de uma explicação simples.

— Distorção do tempo — disse Ross.

Os dois continuaram olhando para ele.

— O quê? — perguntou Mason.

— Escutem. — E o capitão expôs sua teoria. Mais que sua teoria, pois ele jamais se preocupara com aquele elo na cadeia do raciocínio. Sua certeza. — O espaço se curva. Tempo e espaço formam um *continuum*. Certo?

Nada de resposta. Nem ele precisava de uma.

— Não se lembram de quando, no treinamento, mencionaram a possibilidade de circum-navegar o tempo? Disseram que poderíamos deixar a Terra em dado momento e voltar um ano antes do que houvéssemos calculado. Ou um ano depois. Eram apenas teorias para os professores. Pois aconteceu conosco. É um fenômeno lógico, que pode mesmo acontecer. Devemos ter passado por uma zona de distorção do tempo. Viemos parar em outra galáxia, talvez em linhas de tempo ou espaço diferentes.

Interrompeu-se para avaliar o efeito de suas palavras.

— Afirmo, pois, que estamos no futuro — concluiu ele.

Mason fitou-o.

— E isso nos ajuda em quê? — perguntou. — Se tudo for como você diz.

— Não estamos mortos! — Ross parecia surpreso pelo fato de os outros não entenderem.

— Se estamos no futuro — disse Mason lentamente —, então vamos morrer.

Ross olhou fixamente para ele. Não havia pensado nisso. Na verdade, sua ideia havia piorado ainda mais a situação. Pois só há uma coisa pior que morrer: é saber que se vai morrer. Onde. E como.

Mickey balançou a cabeça. Apalpava nervosamente o corpo. Levou uma mão à boca e começou a roer uma unha enegrecida.

— Não — desabafou. — Não entendo.

Ross observava Mason com um olhar ansioso. Mordeu os lábios, irritado com aquela ideia que se avolumava dentro dele e expelia o conforto do

pensamento sólido, racional. Combateu-a, varreu-a da mente. Não desistia.

— Ouçam — disse por fim —, devemos concordar em que aqueles cadáveres não são nossos.

Nenhuma resposta.

— Usem a cabeça! — ordenou-lhes. — Sintam seus corpos!

Mason tateou com dedos entorpecidos o macacão, a máscara, a caneta no bolso. Cerrou os punhos feitos de carne e ossos sólidos. Examinou as veias dos braços. Pressionou um dedo ansioso contra o pulso. É verdade, pensou. E esse pensamento lhe devolveu as forças. A despeito de tudo e independentemente da arrebatada argumentação de Ross, ele estava vivo. Carne e sangue eram a prova disso.

Sua mente se abriu de par em par. Mason franziu o cenho, no esforço de refletir, e levantou-se. No rosto abatido do chefe, percebeu uma ligeira expressão de alívio.

— Pois bem — disse ele —, estamos no futuro.

Mickey empertigou-se junto à porta.

— E de que isso nos serve? — indagou.

A pergunta abalou Mason. Era verdade: de que isso lhes servia?

— Mas em que ponto do futuro? — prosseguiu, dando peso à gravidade das palavras de Mickey. — Como vamos saber se esse ponto não se situa nos próximos vinte minutos?

Ross enfureceu-se e deu um sonoro murro na palma da mão.

— Como vamos saber? — rugiu. — Se não subirmos, não cairemos. Simples assim.

Mason encarou-o.

— Se subíssemos, talvez deixássemos nossa morte para trás, neste sistema do espaço-tempo. Voltaríamos para o sistema do espaço-tempo de nossa própria galáxia e...

Suas palavras se perderam no ar. Seu cérebro pôs-se a remoer pensamentos desconstruídos.

Ross franziu a testa. Mexeu-se, impaciente, passando a língua pelos lábios. O que parecera simples era agora algo mais. Irritava-o a intrusão inesperada

da complexidade.

— Estamos vivos agora — disse ele, procurando consolidar isso na mente, obter segurança com palavras razoáveis — e só há uma maneira de continuarmos assim.

Olhou-os, com a decisão já tomada.

— Precisamos ficar aqui — declarou.

Os outros apenas o fitaram. Ross gostaria que pelo menos um concordasse com ele, se definisse de uma vez.

— Mas... e quanto às nossas ordens? — arriscou Mason.

— Nossas ordens não são para matar a nós mesmos! — exclamou Ross. — Não, a única solução é essa. Se não subirmos, não cairemos. Nós... evitaremos a catástrofe antecipando-nos a ela.

Fez um curto e decisivo gesto de cabeça. Para Ross, assunto encerrado.

Mason balançou lentamente a sua.

— Não sei... — murmurou. — Não...

— Mas eu sei — cortou Ross. — Agora, vamos cair fora daqui. Esta nave está me dando nos nervos.

Mason se levantou quando o capitão apontou para a porta. Mickey fez menção de obedecer, mas hesitou. Olhou para os corpos.

— Nós não devíamos...? — começou a questionar.

— O que é agora? — zangou-se Ross, impaciente para sair.

Mickey olhava os corpos. Sentia-se apanhado nas redes de uma enorme, assustadora loucura.

— Não deveríamos... sepultar a nós mesmos? — concluiu por fim.

Ross engoliu em seco. Não queria ouvir mais nada. Empurrou-os para fora da cabine. E quando eles já abriam caminho em meio aos destroços, virou-se para a porta. Viu o oleado que cobria o amontoado de cadáveres. Apertou os lábios até que perdessem a cor.

— Estou vivo — murmurou para si, com raiva.

Desligou a luz da cabine com dedos hirtos, vingativos, e saiu.

Estavam todos sentados na cabine de sua própria nave. Ross havia ordenado que trouxessem toda a comida armazenada, mas era o único que comia. Mastigava com um movimento agressivo das mandíbulas, como se quisesse triturar aquele mistério a dentadas.

Mickey olhava para o prato.

— Por quanto tempo teremos de ficar? — perguntou. Não percebia ainda, claramente, que teriam de ficar para sempre.

Mason aproveitou a deixa e, inclinando-se para a frente, encarou Ross.

— Até quando nossa comida vai durar? — perguntou.

— Lá fora há alimento, não resta dúvida — respondeu Ross, mastigando.

— Como saberemos o que é comestível e o que é venenoso?

— Observaremos os animais — insistiu Ross.

— São um tipo de vida diferente — ponderou Mason. — O que é bom para eles pode ser venenoso para nós. Além disso, ainda nem vimos animais por aqui.

Essas palavras fizeram seus lábios se arquear num sorriso breve e amargo. E ele realmente desejara fazer contato com outras criaturas. Aquilo não deixava de ser engraçado.

Ross esboçou um gesto de irritação.

— Bem... vamos matar um leão de cada vez — disparou, como se pretendesse liquidar todas as queixas com essa velha arenga.

Mason suspirou.

— Não sei...

Ross se levantou.

— Ouçam — disse ele. — Ficar fazendo perguntas é fácil. Nós tomamos a decisão de permanecer aqui. Agora pensemos de maneira concreta sobre o assunto. Não me venham dizer o que não podemos fazer. Sei disso tanto quanto vocês. Digam-me o que podemos fazer.

Girou nos calcanhares e dirigiu-se para o painel de controle. Observou por alguns instantes os comandos e botões impassíveis. Depois se sentou e pôs-se a rabiscar freneticamente no diário de bordo, como se algo de grande importância lhe houvesse ocorrido. Mais tarde, Mason examinou o que Ross

havia escrito: era um longo parágrafo onde ele explicava com lógica falha, mas inflexível, o motivo de estarem todos vivos.

Mickey se levantou e foi para o beliche, com suas mãos enormes apertando as têmporas. Parecia um menino que comera maçãs verdes demais contra o aviso da mãe e agora temia as consequências. Mason sabia em quê Mickey estava pensando. Naquele corpo inerte com o crânio rachado. Na imagem dele próprio brutalmente esfaqueado numa colisão. Mason pensava na mesma coisa. E, contrariando seu caráter, Ross também, sem dúvida alguma.

De pé na porta, Mason contemplava o casco silencioso no meio do mato. Escurecia. Os últimos raios do sol daquele planeta deslizavam pelo revestimento daquela nave destruída. Mason virou-se e olhou para o termômetro que media a temperatura externa. Sete graus — e ainda havia luz. Mason moveu com a ponta do dedo da mão direita a agulha do termostato.

Gasto de calor, pensou. A energia da nave pousada se consumindo cada vez mais depressa. O veículo bebendo seu próprio sangue sem nenhuma possibilidade de transfusão. Somente o movimento recarregaria as baterias do sistema. E eles estavam parados, presos numa armadilha.

— Por quanto tempo aguentaremos? — indagou de novo a Ross, incapaz de silenciar diante dessa pergunta. — Não poderemos viver nesta nave indefinidamente. A comida acabará em dois meses. E muito antes disso as baterias se esgotarão. Não haverá mais calor. Vamos morrer congelados.

— Como sabemos que a temperatura externa nos congelará? — perguntou Ross, fingindo paciência.

— O sol mal se pôs — replicou Mason — e já estamos com... treze graus negativos.

Ross olhou-o, taciturno. Em seguida, levantou-se e pôs-se a andar de um lado para o outro.

— Se subirmos — explicou — correremos o risco de *duplicar* aquela nave.

— Mas isso aconteceria mesmo? — espantou-se Mason. — Só morremos uma vez. E parece que isso já ocorreu. Nesta galáxia. Talvez a pessoa possa morrer uma vez em cada galáxia. Talvez isto seja o além. Talvez...

— Já terminou? — interrompeu Ross, friamente.

Mickey ergueu a cabeça.

— Vamos embora — disse ele. — Não quero ficar aqui. — E encarou Ross.

O capitão retrucou:

— Não arrisquemos o pescoço antes de saber o que estamos fazendo. Vamos pensar melhor.

— Tenho esposa! — irritou-se Mickey. — Só porque você não é casado...

— Cale a boca! — trovejou Ross.

Mickey estirou-se no beliche e fixou os olhos no teto, a respiração sôfrega agitando seu corpanzil. Não disse nada. Seus dedos agarravam e soltavam o cobertor, torciam-no, puxavam-no de sob o corpo.

Ross ia e vinha, golpeando distraidamente a palma da mão com o punho fechado. Rangia os dentes, balançando a cabeça ao ritmo dos pensamentos que, um após outro, cediam diante de sua teimosa determinação. Parou, olhou para Mason e recomeçou a caminhada. Em seguida, acendeu a luz externa e espiou para fora, a fim de constatar que não estava imaginando coisas.

A luz banhava a nave destruída, que brilhava estranhamente como uma grande lápide arruinada. Ross desligou a luz com um rosnado inaudível. Virou-se para encarar os dois. Seu peito robusto subia e descia pesadamente ao ritmo da respiração.

— Ok. — disse por fim. — Afinal, são *suas* vidas também. Não posso decidir por todos nós. Vamos votar. Aquilo lá fora pode ser algo inteiramente diverso do que pensamos. Se vocês acharem que decolar vale o risco, nós... decolaremos. — Deu de ombros. — Votem. Eu voto para permanecermos aqui.

— Vamos partir — disse Mason.

Olharam para Mickey.

— Carter — pressionou Ross —, qual é o seu voto?

Mickey lançou sobre o ombro um olhar desanimado.

— Vote — insistiu Ross.

— Vamos partir — disse Mickey. — Leve-nos para cima. Prefiro morrer a continuar aqui.

Ross ia dizer alguma coisa, mas respirou fundo e endireitou os ombros.

— Certo — disse em voz baixa. — Vamos partir.

— Deus tenha piedade de nós — murmurou Mickey ao ver Ross se dirigir rapidamente para o painel de controle.

O capitão hesitou um momento. Em seguida, mexeu nos controles. A grande nave começou a estremecer quando os gases se inflamaram e se projetaram dos tubos de escapamento como raios canalizados. O som era quase uma carícia para os ouvidos de Mason. Queria, como Mickey, ter uma chance; o resto não lhe importava. As últimas horas lhe pareciam um ano. Minutos haviam se arrastado, cada qual ao peso de lembranças opressivas — dos corpos que encontraram, da nave esfaqueada e mais ainda da Terra que nunca mais veriam, dos pais, esposas, namoradas e filhos. Longe de sua vista para sempre. Não, o melhor era tentar voltar. Esperar sentado sempre foi a coisa mais difícil para um homem. Ele não suportava mais isso.

Mason sentou-se diante de seu painel e esperou, tenso. Ouviu Mickey saltar do beliche e correr para o painel de controle dos motores.

— Vamos subir sem problemas — assegurou Ross. — Não há motivo para termos... encrenca.

Calou-se. Os dois se voltaram para ele com os músculos contraídos de impaciência.

— Estão prontos? — perguntou o capitão.

— *Leve-nos para cima* — urgiu Mickey.

Ross apertou os lábios e estendeu a mão para o comando onde se lia: *Ascensão vertical*.

A nave se sacudiu toda, como se hesitasse. Em seguida, desprendeuse do chão e começou a subir com incrível velocidade. Mason olhou pelo retrovisor: a terra escura se afastava e ele procurou ignorar a mancha branca no canto da tela, a mancha que brilhava metalicamente aos raios da lua.

— Quinhentos — leu. — Setecentos e cinquenta... mil... mil e quinhentos... Esperou a explosão. A parada do motor. A interrupção da subida.

Continuaram subindo.

— Três mil — avisou Mason, a voz começando a trair a sensação crescente

de júbilo que o invadia. O planeta ia ficando cada vez mais longe. A outra nave era agora apenas uma lembrança. Olhou de esguelha para Mickey — que, boquiaberto e de olhos arregalados, parecia prestes a gritar “*Mais depressa!*”, mas receava tentar o destino.

— Seis mil... *sete mil!* — A voz de Mason era pura alegria. — Estamos *fora* de lá!

O rosto de Mickey se abriu num sorriso largo de alívio. Passou a mão pela testa e jogou grossas gotas de suor para o chão.

— Deus — murmurou ele. — Meu Deus...

Mason se aproximou da cadeira de Ross e bateu em seu ombro.

— Conseguimos — desabafou. — Ótimo voo.

Ross olhou-o, irritado.

— Não devíamos ter subido — disparou. — Aquilo não era nada. Agora temos de procurar outro planeta. — Sacudiu a cabeça. — Não foi boa ideia partir.

Mason fitou-o e se afastou, suspirando. Inútil insistir...

“Se eu avistar de novo um brilho qualquer”, pensou, “ficarei de boca fechada. Ao diabo as tais raças alienígenas.”

Silêncio. Mason voltou para sua cadeira e pegou o mapa. Respirou longamente. Que Ross continuasse resmungando, pouco lhe importava. Tudo havia voltado ao normal. Começou então a imaginar, despreocupadamente, o que poderia ter acontecido lá embaixo naquele planeta.

Olhou então, casualmente, para Ross que, de lábios franzidos, refletia murmurando alguma coisa para si mesmo. O capitão virou-se para ele.

— Mason... — chamou.

— Sim?

— Raça alienígena, você disse.

Mason sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo. Viu a grande cabeça acenar, decidida. Que decisão havia tomado? Suas mãos começaram a tremer e uma ideia maluca lhe ocorreu. Não, Ross não faria aquilo, nem mesmo para satisfazer sua vaidade. Ou faria?

— Eu não... — começou a falar. Pelo canto do olho, percebeu que Mickey

também observava o capitão.

— *Ouçam* — disse Ross. — Vou lhes dizer o que aconteceu lá. Vou lhes *mostrar* o que aconteceu!

Fitaram-no com horror paralisante quando ele virou a nave e iniciou a descida.

— O que está fazendo? — gritou Mickey.

— *Ouçam* — continuou Ross —, vocês não me entenderam? Não percebem que fomos enganados?

Os dois o encararam, perplexos. Mickey deu um passo em sua direção.

— Raça alienígena — disse Ross. — Só isso. Aquela ideia do espaço-tempo não funciona. Mas vou lhes dar outra que funcionará. Deixamos o planeta. Qual seria o nosso primeiro instinto ao pensar num relatório? Informar que o planeta é inabitável. Mas, para seus habitantes, o melhor seria que não informássemos nada.

— Ross, você não vai nos levar para lá de novo! — exclamou Mason, levantando-se de súbito. O terror daquela possibilidade agora o dominava por completo.

— Pode apostar que sim! — replicou Ross, cheio de si.

— Você está louco! — gritou Mickey com o corpo tremendo e apoiando os punhos ameaçadoramente fechados na cintura.

— Escutem! — bradou Ross. — Quem se beneficiará se não relatarmos a existência daquele planeta?

Não responderam. Mickey se aproximou mais.

— Idiotas! — prosseguiu o capitão. — Pois não é óbvio? *Há* vida lá embaixo. Mas não vida suficientemente forte para nos matar ou expulsar. Então, o que eles podem fazer? Não nos querem em seu planeta. O que farão?

Interrogava-os como o professor que não consegue arrancar as respostas certas dos patetas de sua classe.

Mickey não escondia a desconfiança. Mas agora estava curioso também e um pouco tímido, como costumava se mostrar na presença do capitão, exceto em momentos de grande perigo físico. Ross sempre os havia liderado e era difícil rebelar-se contra sua autoridade mesmo quando ele parecia querer

matá-los a todos. Os olhos de Mickey se voltaram para a tela do visor, onde o planeta se aproximava como uma enorme bola escura.

— Estamos vivos — assegurou Ross — e, podem acreditar, *nunca* houve uma nave lá embaixo. Nós a vimos, sim; nós a *tocamos*. Mas a pessoa pode ver qualquer coisa em que acredite! Todos os seus sentidos lhe dirão que há alguma coisa quando não há coisa nenhuma. Só é preciso *acreditar*!

— Que quer dizer? — perguntou Mason afobado, inquieto demais para entender fosse o que fosse. Seus olhos não se desgrudavam do altímetro. Dezessete mil... dezesseis mil... quinze...

— Telepatia — exultou Ross, triunfante. — Afirmo que aqueles homens, ou o que quer que sejam, perceberam nossa chegada. E não queriam que chegássemos. Assim, leram nossas mentes e descobriram ali o medo da morte, concluindo que a melhor maneira de nos assustar e expulsar era induzir-nos a ver nossa nave destruída e nós mortos dentro dela. Funcionou... até agora.

— Funcionou! — explodiu Mason. — Você vai correr o risco de nos matar só para provar sua maldita teoria?

— É *mais* que uma teoria! — disse Ross enquanto a nave continuava descendo. E, para rebater o argumento da vaidade ferida: — Minhas ordens são para coletar espécimes em todos os planetas. Sempre obedeci a ordens e, por Deus, continuarei obedecendo!

— Você viu como era frio lá — ponderou Mason. — Ninguém pode sobreviver num lugar desses. Use a cabeça, Ross!

— Dane-se, sou *eu* o comandante desta nave! — vociferou Ross. — Portanto, sou eu quem dá as ordens.

— Não quando nossas vidas estão em suas mãos! — rugiu Mickey, aproximando-se do capitão.

— Fique aí mesmo! — ordenou Ross.

Foi então que um dos motores parou e a nave começou a se sacudir loucamente.

— Seu idiota! — gritou Mickey, quase perdendo o equilíbrio. — Você fez de propósito! De *propósito*!

Lá fora, a noite escura deslizava pelas escotilhas.

A nave deu uma guinada violenta. *Predição verdadeira* foi a única frase em que Mason pôde pensar. Sua visão dos gritos, do horror inominável, dos apelos a um céu indiferente — tudo se concretizava. A nave se transformaria naquele casco arruinado em questão de minutos. Os três cadáveres seriam...

— Oh... *maldição!* — gritou a plenos pulmões, furioso com a irritante teimosia de Ross em trazê-los de volta, em fazer com que o futuro fosse aquilo que eles tinham visto... e tudo por causa de um orgulho insano.

— Não, eles não vão nos enganar! — bradou Ross, ainda agarrado à sua última ideia como um buldogue moribundo aferrando o inimigo com os dentes.

Acionou vários comandos na tentativa de estabilizar a nave. Mas em vão. Ela continuou caindo como uma folha solta. O giroscópio não conseguia dar conta das súbitas variações no equilíbrio da cabine e os três se balançavam sobre a ponte de comando instável.

— Motores auxiliares! — gritou Ross.

— Impossível! — gritou também Mickey.

— *Maldição!* — O capitão cambaleou pela ponte inclinada e esbarrou com violência no painel dos motores quando a cabine pendeu para o outro lado. Mexeu nos comandos com dedos trêmulos.

De repente, Mason avistou de novo um jato contínuo de chamas no retrovisor. A nave parou de balançar e mergulhou de ponta, enquanto a cabine se estabilizava.

Ross se sentou em sua cadeira e, furiosamente, tentou virar a nave. Do chão, Mickey olhava-o com uma expressão vazia no rosto muito branco. Mason fitava-o também, com medo de falar.

— E agora calem a boca! — grunhiu Ross irritado, sem mesmo olhar para os dois, como um pai a repreender os filhos. — Quando aterrissarmos, vocês verão que é verdade. A nave não estará mais lá. E iremos atrás dos bastardos que meteram aquela ideia em nossas mentes!

Olharam submissos para o capitão enquanto a nave recuperava o equilíbrio na descida. As mãos de Ross se moviam com eficiência sobre o painel.

Mason sentiu confiança em seu comandante. Ficou parado na ponte, em silêncio, aguardando sem medo a aterrissagem. Mickey se levantou do chão e postou-se a seu lado, na expectativa.

A nave tocou o solo. Parou. Haviam pousado de novo. Eram ainda os mesmos. E...

— Liguem as luzes — ordenou Ross.

Mason girou o interruptor. Dirigiram-se para a porta. Mason se perguntou como o capitão havia conseguido pousar exatamente no mesmo lugar. Ao que parecia, não tinha seguido o trajeto calculado no pouso anterior.

Olharam para fora.

Mickey parou de respirar. E a mandíbula de Ross pendeu.

A carcaça continuava lá.

Haviam descido no mesmo lugar e reencontrado a nave destruída. Mason afastou-se da porta e caminhou, tropeçando, pela ponte. Sentia-se perdido, vítima de um logro universal, um homem amaldiçoado.

— Você disse... — balbuciou Mickey para o capitão.

Ross olhava incrédulo pela porta.

— Vamos subir de novo — rosnou Mickey, rangendo os dentes. — E dessa vez *cairemos* de verdade. Seremos mortos como aqueles... aqueles...

Ross não dizia nada. Apenas olhava para fora, para a refutação de sua última esperança. Sentia-se vazio, sem mais acreditar nas coisas sensíveis.

Então Mason falou.

— Não vamos nos espatifar — disse ele sombriamente. — Nunca.

— Como?

Mickey olhou para ele. Ross se virou e olhou também.

— Por que não paramos de enganar a nós mesmos? — continuou Mason.
— Todos sabemos o que está acontecendo, não?

Pensava no que Ross havia dito momentos antes. Sobre os sentidos fornecerem provas daquilo em que se acredita. Mesmo quando não existe nada...

Então, numa fração de segundo, viu claramente Ross e Carter como eles *eram*. Respirou apressadamente, pela última vez antes que a ilusão trouxesse

de volta o ar e a carne.

— Progresso — disse amargamente. Sua voz ecoou como um gemido doloroso dentro da nave fantasma. — O Holandês Voador navega sem descanso pelo universo.

L. SPRAGUE DE CAMP

L. Sprague de Camp (1907—2000) começou a escrever na década de 1930. Publicou mais de cem romances de ficção científica e fantasia, dezenas de contos e muitas obras de não ficção ao longo de sua carreira. Conhecido a princípio por seus romances de viagens espaciais, obteve o reconhecimento da crítica e do público com A Luz e as Trevas, as aventuras de um homem que tenta mudar a história na época do Império Romano. Hábil em todos os gêneros que cultivou, escreveu desde fantasia (a série The Incomplete Enchanter) e pastiches de Conan, revendo e publicando obras inacabadas de Robert E. Howard na coletânea Tales of Conan, até livros sobre composição de ficção científica (Science-Fiction Handbook). Escreveu também muitos livros de não ficção excelentes que variavam de biografia de autores, como H. P. Lovecraft e Robert E. Howard, a textos sobre alguns aspectos da ciência e mesmo o Julgamento a Scopes. Era amado, respeitado e elogiado no campo da ficção científica e da fantasia, tendo recebido os prêmios Gandalf (Grand Master Award for Lifetime Achievement in Fantasy) e Science Fiction and Fantasy Writers of America's Grand Master. Em 1997, sua autobiografia Time and Chance ganhou o prêmio Hugo de melhor obra de não ficção. Casou-se com Catherine A. Crook em 1939 e os dois permaneceram juntos por mais de sessenta anos, percorrendo o mundo e escrevendo até a morte dela em 2000.

De Camp podia escolher praticamente qualquer tópico e fazer dele uma história fluente e verossímil com a maior facilidade, e “Arma para Dinossauros” é um exemplo perfeito disso. Ao contrário de Bradbury e sua ênfase nos floreios, ele descarta em cinco parágrafos a ideia de paradoxo do tempo e vai direto ao ponto (com algum humor), atrás do que seria

certamente a caça mais desafiadora de todas: um dinossauro do Mesozoico tardio. A ideia de viagem no tempo realmente ocupa um lugar secundário na história — exceto, é claro, pelo fim inquestionavelmente horrível de um personagem, também descrito em poucos parágrafos. Aqui, L. Sprague de Camp exhibe sua maestria em responder a uma pergunta lógica mostrando os resultados e deslindando seu enredo da maneira mais clara possível.

ARMA PARA DINOSSAUROS

L. SPRAGUE DE CAMP

NÃO, SINTO MUITO, sr. Seligman, mas não posso levá-lo para caçar um dinossauro do Mesozoico tardio.

Sim, sei o que o anúncio diz.

Eis o motivo. Qual é o seu peso? Sessenta e cinco quilos? Está abaixo dos setenta, que é o meu limite mínimo.

Mas posso levá-lo a outros períodos, o senhor sabe. Qualquer um do Cenozoico. Poderá atirar num entelodonte ou num uintatério. Eles têm belas cabeças.

Posso levá-lo mesmo ao Pleistoceno, onde o senhor encontrará mamutes e mastodontes.

Ou então ao Triássico; lá, conseguirá alvejar um dos dinossauros ancestrais menores. Ao Jurássico ou ao Cretáceo, não, de forma alguma: o senhor é muito pequeno.

O que seu tamanho tem a ver com a história? Meu caro, com que arma acha que iria atirar num dinossauro?

Não pensou nisso, hein?

Pois bem, sente-se por um minuto... Aqui está: minha própria arma para esse trabalho, uma Continental .600. Parece uma espingarda, não? Mas tem o cano raiado, como o senhor poderá ver olhando pelo cano. Dispara dois cartuchos .600 Nitro Express do tamanho de bananas; pesa sete quilos, com energia inicial de mais de sete mil libras-pés. Custa mil quatrocentos e cinquenta dólares. Caro para uma arma, não?

Tenho algumas de reserva, que alugo para *sahibs*. Feitas para derrubar elefantes. Não para feri-los apenas, mas para pô-los de pernas para o ar. Por isso não fabricam desses rifles na América, embora eu ache que vão acabar fabricando caso grupos de caçadores cada vez mais numerosos comecem a viajar de volta no tempo.

Tenho trabalhado como guia de caça por vinte anos. Fiz isso na África até que os bichos acabaram e agora só existem nas reservas. E durante todo esse tempo não conheci ninguém do seu tamanho capaz de manusear a .600. Ela arremessa os baixinhos para trás e, mesmo que se firmem bem nos pés, ficam tão assustados com o barulho após alguns disparos que entregam os pontos. Além disso, acham a arma pesada demais para carregar no território difícil do Mesozoico. Cansam-se.

É verdade que muita gente tem matado elefantes com armas mais leves: .500, .475 e .465 de cano duplo, por exemplo, ou mesmo .375 magnum de repetição. A diferença é que, com uma .375, é preciso atingir um ponto vital, de preferência o coração, sem depender unicamente do impacto.

Um elefante pesa, digamos, de quatro a seis toneladas. O senhor se propõe atirar em répteis duas ou três vezes mais pesados que um elefante e com apego ainda maior à vida. Então o sindicato decidiu só levar para caçar dinossauros pessoas que possam aguentar uma .600. Aprendemos apanhando, como vocês americanos dizem. Houve alguns incidentes desagradáveis...

Vai saber de tudo, sr. Seligman. Mas já passa da hora de fechar o escritório. Que tal irmos a um barzinho para eu lhe contar a história?

... Foi por ocasião do quinto safári meu e do Rajá no tempo. O Rajá? Oh, é o Aiyar da firma Rivers e Aiyar. Chamo-o de Rajá porque ele é o monarca hereditário de Janpur. Isso não significa nada hoje em dia, é claro. Conheci-o na Índia e depois o encontrei em Nova York, administrando a agência turística indiana. É aquele escurinho na foto da parede, com o pé em cima de um tigre-dentes-de-sabre abatido.

Bem, o Rajá sobrevivia distribuindo folhetos sobre o Taj Mahal e queria voltar a caçar. Eu estava sem fazer nada quando ouvi falar da máquina do tempo do professor Prochaska, na Universidade de Washington.

Por onde anda o Rajá agora? Caçando titanotérios no período inicial do Oligoceno enquanto eu tomo conta do escritório. Revezamo-nos, mas das primeiras vezes íamos juntos.

Seja como for, pegamos o próximo avião para St. Louis. E, mortificados, descobrimos que não éramos os primeiros. Meu Deus, não! Havia outros grupos de caçadores e uma infinidade de cientistas, cada qual com sua ideia sobre o modo de usar a máquina.

Pusemos de lado os historiadores e arqueólogos logo de início. É que a bendita máquina não funciona para períodos inferiores a cem mil anos. Mas pode ir daí a um bilhão.

Por quê? Não sei muita coisa sobre a tal quarta dimensão, mas, a meu ver, se as pessoas pudessem ir a uma época mais recente, seus atos afetariam nossa própria história e isso geraria um paradoxo ou uma contradição de fatos. Não se pode ter algo assim num universo bem organizado, certo?

Entretanto, para além de 100.000 a.C., mais ou menos, o que as expedições fazem se perde no fluxo do tempo antes do início da história humana. Por sinal, depois que um lapso de tempo foi usado (o mês de janeiro de um milhão a.C., digamos), não se pode usá-lo de novo mandando para lá outro grupo. Paradoxos, paradoxos...

O professor, contudo, não está aborrecido. Com um bilhão de anos para explorar, tempo é o que não lhe faltará.

Outra limitação da máquina é o problema do tamanho. Por razões técnicas, Prochaska precisou construir a câmara de transição suficiente apenas para quatro pessoas com seu equipamento, mais a câmara de serviço. Grupos maiores têm de ser enviados por turnos. Como vê, não é possível mandar jipes, lanchas, aviões e outros veículos motorizados.

Por outro lado, como nesses períodos ainda não havia seres humanos, não há como contratar nativos que carreguem os fardos na cabeça. Por isso,

comumente, levamos burros. Muitos períodos têm forragem natural em abundância, de modo que se pode ir a qualquer lugar.

Como costume dizer, cada pessoa tem sua própria ideia sobre o uso da máquina. Os cientistas olham de cima os caçadores, resmungando que seria um crime reservar a máquina para nossos divertimentos sádicos.

Nós vemos as coisas por outro ângulo. A máquina custou bem uns trinta milhões. Sei que o dinheiro veio da Comissão Rockefeller e outras organizações semelhantes; essa grana cobriu o custo inicial, mas não cobre o custo da operação. E a engenhoca gasta uma quantidade fantástica de energia. Grande parte dos projetos dos cientistas, embora valiosos, contou com financiamento apertado.

Ora, nós, os guias, lidamos com gente rica, uma espécie que não falta na América. Sem ofensa, amigão. Muitas dessas pessoas podem pagar bem para viajar ao passado na máquina. Assim, ajudamos a financiar a operação para fins científicos, desde que nos reservem uma parte substancial do tempo. Para concluir, os guias formam um sindicato de oito membros, um dos quais é a parceria Rivers e Aiyar, que alugam o tempo da máquina.

Foi duro no princípio. Nossas esposas — a do Rajá e a minha — nos atormentaram durante algum tempo. Esperavam que, quando a caça grossa acabasse em nosso próprio tempo, não precisariam mais nos dividir com leões e coisas assim. Mulheres. O senhor sabe como elas são. Caçar não é realmente perigoso quando se mantém a cabeça no lugar e se tomam algumas precauções.

Na quinta expedição, tivemos dois *sahibs* para cuidar. Ambos americanos na casa dos trinta, ambos fisicamente saudáveis, ambos endinheirados. Afora isso, tão diferentes quanto se possa ser.

Courtney James era o que vocês chamam de *playboy*: um jovem rico de Nova York que sempre viveu com luxo e ostentação e não via por que essa agradável situação devesse mudar. Grandalhão, quase do meu tamanho; bonito, mas já começando a engordar. Estava na quarta esposa e, quando

apareceu no escritório com uma loira que gritava “modelo” por todos os poros, presumi que se tratasse da quarta sra. James.

— Senhorita Bartam — corrigiu-me ela com um risinho embaraçado.

— Não é minha esposa — explicou James. — Minha esposa está no México, acredito eu, arranjando o divórcio. Mas Bunny, aqui, gostaria de ir também...

— Sinto muito — disse —, mas não levamos mulheres. Pelo menos, não para o Mesozoico tardio.

Isso não era bem verdade, mas eu achava que já estávamos correndo riscos demais, indo atrás de uma fauna pouco conhecida, para nos envolvermos em confusões domésticas. Nada contra o sexo, você compreende. Maravilhosa instituição etc. e tal, desde que não interfira nos meus negócios.

— Que bobagem! — exclamou James. — Se ela quer ir, ela vai. Esta jovem esquia e pilota meu avião, então por que...

— É contra a política da empresa — sentenciei.

— Bunny poderá ficar de lado quando atacarmos os bichões perigosos — disse ele.

— Não, sinto muito.

— Com os diabos! — irritou-se James, muito vermelho. — Afinal, estou lhe pagando uma boa soma e tenho o direito de levar quem eu quiser.

— Não pode me obrigar, com dinheiro, a fazer algo insensato — repliquei. — Se essa é a sua maneira de pensar, procure outro guia.

— Pois é o que farei — disse ele. — E direi a todos os meus amigos que você não passa de um maldito...

Bem, ele falou mais algumas coisas que não convém repetir. Mandei-o sair do escritório, do contrário o poria para fora.

Fiquei ali sentado, lamentando a bela grana que teria embolsado de James caso eu não fosse tão teimoso, quando me aparece outro trouxa, um tal August Holtzinger. Era um sujeitinho pálido, de óculos, muito educado e muito formal. Sentou-se na beirada de sua cadeira e disse:

— Hum... sr. Rivers, não pense por favor que vim aqui com segundas intenções. Para ser franco, não sou um homem do mundo e sem dúvida

ficarei apavorado quando vir um dinossauro de verdade. Mas quero de todo jeito pendurar a cabeça de um animal desses sobre minha lareira ou morrer tentando.

— Quase todos nós ficamos assustados a princípio — tranquilizei-o —, embora não o confessemos. — E, aos poucos, fui arrancando dele sua história.

Enquanto James sempre nadara em dinheiro, Holtzinger era um produto local que só recentemente conseguira o seu. Havia montado um pequeno negócio aqui em St. Louis e ia se aguentando mal e mal quando um tio bateu as botas em algum lugar e deixou sua fortuna para ele.

Holtzinger arranjou então uma noiva e começou a construir uma mansão. Quando ela ficou pronta, casaram-se e mudaram-se para lá. Uma das peças de decoração que ele exigia era uma cabeça de triceratope sobre a lareira. Trata-se do bicho de cabeça grande e chifruda, com bico de papagaio e uma espécie de coleira em volta do pescoço, você sabe. Mas é preciso pensar duas vezes em levar um troféu desses para casa, pois, com mais de dois metros, não deixará espaço para mais nada numa sala pequena.

Estávamos no meio da conversa quando entrou uma garota: baixa, de uns vinte anos, aparência comum e banhada em lágrimas.

— Augie! — choramingou ela. — Você não pode! Não deve! Será morto! Abraçou-lhe os joelhos e voltou-se para mim:

— Sr. Rivers, não o leve! Ele é tudo o que tenho. Jamais suportará as dificuldades.

— Minha jovem senhora — respondi —, eu detestaria causar-lhe um desgosto, mas o sr. Holtzinger é quem deve decidir se deseja contratar meus serviços.

— É inútil, Claire — disse Holtzinger. — Eu vou, embora saiba que, provavelmente, odiarei cada minuto dessa aventura.

— Espere um pouco, amigo — interrompi. — Se não gosta, por que vai? Perdeu uma aposta ou coisa assim?

— Não — respondeu ele. — É que sou um sujeito... totalmente apagado. Nem brilhante, nem grande, nem forte, nem bonito. Apenas um

empresariozinho do Meio-Oeste. O senhor nem me notaria nos almoços do Rotary, onde me encaixo perfeitamente. Mas isso não quer dizer que esteja satisfeito. Sempre sonhei com lugares distantes, com façanhas. Gostaria de ser um homem fascinante, aventureiro. Como você, sr. Rivers.

— Ora, vamos — disse eu. — A caça profissional pode parecer fascinante para os outros, mas para mim é apenas um ganha-pão.

Ele balançou a cabeça.

— Não, você sabe o que estou dizendo. Agora, com a herança que recebi, eu poderia jogar bridge e golfe pelo resto da vida, fingindo que não estou entediado. Mas quero fazer uma coisa diferente, pelo menos uma vez. Como a caça grossa real não existe mais, vou atirar num dinossauro e pendurar sua cabeça sobre minha lareira, nem que seja a última coisa que eu faça nesta vida. De outro modo, nunca serei feliz.

Bem, Holtzinger e sua garota discutiram muito, mas ele não desistiu. Ela me obrigou a jurar que faria de tudo para proteger o seu Augie e foi embora enxugando as lágrimas.

Depois que Holtzinger saiu, quem reapareceu senão o meu esquentado amigo Courtney James? Desculpou-se por me insultar, mas, é claro, não se rebaixou.

— Na verdade, não sou uma pessoa difícil, exceto quando não colaboram comigo — disse ele. — Nessas ocasiões, fico louco da vida. Mas, se resolvem colaborar, sossego imediatamente.

Eu sabia que, por “colaborar”, Courtney James entendia fazer tudo o que Courtney James desejava, mas resolvi ir com calma.

— E quanto à srta. Bartram? — perguntei.

— Tivemos uma briga. Estou por aqui com as mulheres. Então, se não há mais ressentimentos, recomeçamos de onde paramos.

— Ótimo — disse eu. Negócios são negócios.

O Rajá e eu decidimos organizar um safári conjunto para oitenta e cinco milhões de anos atrás: o Cretáceo Superior Primitivo ou Cretáceo Médio, como alguns geólogos americanos preferem. É por assim dizer o melhor período para dinossauros no Missouri. Você encontrará espécies isoladas um

pouco maiores no Cretáceo Superior Tardio, mas o período para onde íamos oferece uma variedade maior.

E agora, o equipamento: o Rajá e eu tínhamos, cada qual, uma Continental .600 como a que lhe mostrei e algumas armas menores. Na época, ainda não possuíamos muito capital e não dispúnhamos de outras .600 para alugar.

August Holtzinger avisou que queria alugar uma, pois aquele seria seu único safári e não convinha gastar mais de mil dólares com uma arma que só dispararia algumas vezes. Mas, como não tínhamos estoque, ele precisaria comprá-la ou alugar uma de nossas peças menores.

Fomos para o campo e montamos um alvo para ele treinar com a .600. Holtzinger levantou a arma e disparou. Errou de longe e o coice o atirou de costas no chão.

Levantou-se, mais pálido que nunca, e devolveu-me a arma, dizendo:

— A-acho que devo experimentar algo menos potente.

Quando seu ombro parou de doer, dei-lhe os rifles menores. Ele se entusiasmou por minha Winchester 70, que dispara cartuchos magnum de .375. Uma arma excelente e versátil, perfeita para felinos grandes e ursos, mas um pouco fraca para elefantes e mais fraca ainda para dinossauros. Eu nunca deveria ter concordado, mas estava com pressa e seriam necessários meses para ele ter uma .600 nova por encomenda. James já possuía sua arma, uma Holland & Holland .500 Express de cano duplo, que não fica muito a dever à .600.

Os dois *sahibs* treinaram bastante, de modo que eu não me preocupei muito com sua pontaria. Atirar em dinossauros não exige tanta precisão assim, apenas bom senso e boa coordenação para não deixar lascas de madeira entrar no mecanismo da arma, cair em buracos, subir em árvores baixas ao alcance do dinossauro ou estourar a cabeça do guia.

As pessoas acostumadas a caçar mamíferos tentam alvejar o cérebro do dinossauro. É a coisa mais idiota que se possa fazer porque o dinossauro não tem cérebro. Ou melhor, tem uma pequena massa de tecido do tamanho de uma bola de tênis na extremidade frontal da espinha; mas como atingir esse ponto, escondido dentro de um crânio de dois metros de comprimento?

A única regra segura, em se tratando de dinossauros, é esta: tente acertar sempre o coração. Eles têm corações enormes, com cerca de cinquenta quilos nas espécies maiores, e dois balaços de uma .600 fazem com que pelo menos comecem a bater mais devagar. O problema é conseguir que os projéteis atravessem a montanha de carne em volta deles.

Pois bem, fomos ao laboratório de Prochaska numa manhã chuvosa: James e Holtzinger, o Rajá e eu, nosso pastor Beauregard Black, três ajudantes, um cozinheiro e doze burros.

A câmara de transição é um cubículo do tamanho de um elevador pequeno. Meu sistema é enviar primeiro os homens armados, para o caso de um terópode esfomeado se aproximar da máquina quando ela chegar. Assim, os dois *sahibs*, o Rajá e eu nos esprememos dentro da câmara de transição com nossas armas e mochilas. O operador entrou depois de nós e fechou a porta, pondo-se a mexer nos controles. Marcou a data de 24 de abril, oitenta e cinco milhões a.C., e pressionou o botão vermelho. As luzes se apagaram, deixando a câmara iluminada apenas por uma pequena lâmpada de bateria. James e Holtzinger pareciam verdes, mas devia ser por causa da claridade. O Rajá e eu já havíamos passado por aquilo muitas vezes, de modo que a vibração e a vertigem não nos incomodaram.

Os pequenos ponteiros pretos dos mostradores foram diminuindo de velocidade até parar. O operador olhou para o aferidor de nível e puxou a alavanca que levantava a câmara para ela não se materializar embaixo da terra. Depois, apertou outro botão e a porta deslizou, abrindo-se.

Não importa quantas vezes eu tenha feito o trajeto, sempre estremeço quando saio para uma era passada. O operador havia erguido a câmara uns trinta centímetros acima do solo, de modo que precisei saltar, de arma em punho. Os outros fizeram o mesmo.

— Pronto — gritei para o encarregado da câmara, que fechou a porta. A câmara desapareceu e olhamos em volta. Nenhum dinossauro à vista, apenas alguns lagartos.

Nesse período, a câmara se materializa no alto de uma colina rochosa, de onde se pode ver em todas as direções até onde a neblina o permite. A oeste, surge o braço do mar de Kansas que atravessa o Missouri e o grande pântano na orla da baía, onde vivem os saurópodes.

Ao norte, ergue-se a cadeia de montanhas baixas que Rajá batizou de montes Janpur, em lembrança do reino indiano que seus ancestrais outrora governaram. A leste, o solo vai se erguendo até um planalto, bom para os cerátopes, enquanto, ao sul, o terreno baixo abriga mais pântanos cheios de saurópodes e incontáveis ornitópodes: ornitorrincos e iguanodontes.

O melhor do Cretáceo é a atmosfera: perfumada como a das ilhas dos Mares do Sul, mas não tão úmida quanto a maioria dos climas jurássicos. Estávamos na primavera e magnólias anãs floresciam por toda parte.

Um dos aspectos dessa paisagem é que ela combina um alto índice pluviométrico com uma cobertura vegetal rala. Ou seja, a relva ainda não evoluiu a ponto de formar um denso tapete sobre o chão nu. Este, portanto, é pontilhado de loureiros, sassafrases e outros arbustos espaçados. Há muitas de pequenas palmeiras e samambaias. As árvores em volta da colina são, pela maioria, cicadáceas isoladas ou em grupos. Você as chamaria de palmeiras. Em direção ao mar de Kansas, aparecem mais cicadáceas e salgueiros, ao passo que as terras altas apresentam uma cobertura de pandano e ginkgo.

Bem, não sou nenhum poeta inspirado — o Rajá é que escreve tudo —, mas sei apreciar um belo cenário. Um dos ajudantes havia saído da máquina com dois burros, que ia prendendo numas estacas, e eu procurava ver através da neblina, farejando o ar, quando uma arma disparou atrás de mim: *bang*, *bang*.

Virei-me rapidamente, e lá estava Courtney James com sua .500, apontando para um ornitômimo que corria em busca de abrigo, a uns cinquenta metros de distância. Os ornitômimos são dinossauros de porte médio, velozes, escanifrados e de pescoço comprido como as pernas, uma mistura, por assim dizer, de lagarto com avestruz. Têm dois metros de altura e pesam tanto quanto um homem. Saíra da moita mais próxima e James o presenteara com a carga dos dois canos. Errara.

Fiquei fulo da vida, pois *sahibs* rápidos no gatilho são uma ameaça tão grande ao grupo quanto os terópodes. Gritei:

— Seu idiota! Pedi que me avisasse antes de atirar!

— E quem é você para me dizer quando devo disparar minha própria arma? — retrucou ele.

Tivemos uma bela discussão até que Holtzinger e o Rajá conseguiram nos acalmar. Expliquei:

— Olhe aqui, sr. James, tive minhas razões. Se você gastar toda a munição antes do final da viagem, sua arma não servirá para nada numa situação de emergência, sendo, como é, a única desse calibre. Se esvaziar os dois canos num alvo sem importância, o que acontecerá se um terópode enorme atacá-lo antes que consiga recarregar? Finalmente, não é esportivo alvejar tudo o que aparece, apenas para ouvir o estampido. Entendeu?

— Sim, acho que sim — respondeu ele.

O restante do grupo saiu da máquina e montamos o acampamento a uma distância segura do local de materialização. Nossa primeira tarefa consistia em obter carne fresca. Para um safári de vinte e um dias, calculamos nossas necessidades alimentares com o maior cuidado, levando quantidade suficiente de comida enlatada e concentrada, mas esperando também abater algum animal comestível. Feito isso, costumamos sair para um *tour* curto, parando em quatro ou cinco acampamentos a fim de caçar e voltando à base alguns dias antes do reaparecimento da câmara.

Holtzinger, conforme eu disse, queria uma cabeça de cerátope, fosse de que tipo fosse. James queria uma cabeça de tiranossauro. Os dois planejavam, pois, abater os dois animais mais perigosos de todos os tempos.

Mas a verdade é que se superestima muito o tiranossauro. Ele é mais um comedor de carniça do que um predador ativo, embora vá acabar com você caso tenha uma chance. É também menos perigoso que alguns outros terópodes — os devoradores de carne — menores como o gorgossauro do período em que estávamos. Mas todo mundo só lê sobre o lagarto tirano, que tem a maior cabeça entre os terópodes.

O do nosso período não é o *rex*, posterior, um pouco maior e mais bem

adaptado. É o *trionyches*, com os membros dianteiros não tão atrofiados, mas ainda pequenos demais para qualquer coisa exceto palitar os dentes após a refeição.

Terminamos de montar o acampamento antes da tarde. Assim, o Rajá e eu levamos nossos *sahibs* para sua primeira caçada. Tínhamos um mapa do terreno local, feito com base em viagens anteriores.

O Rajá e eu bolamos um sistema para a caça ao dinossauro. Formamos dois grupos de dois homens e avançamos paralelamente a uma distância de dez a vinte metros. Cada grupo tem um *sahib* na frente e um guia atrás, dizendo-lhe para onde deve ir. Explicamos aos *sahibs* que os colocamos na frente para que possam dar o primeiro tiro. Bem, isso não deixa de ser verdade, mas outro motivo é que eles estão sempre tropeçando e caindo com suas armas engatilhadas, e, se o guia fosse na frente, correria o risco de levar um tiro.

Quanto ao motivo dos dois grupos é que, se um dinossauro atacar um, o outro poderá atingi-lo facilmente de lado.

Em caminho, ouvíamos o rastejar usual de lagartos fugindo à nossa aproximação: bichinhos rápidos como o raio e coloridos como todas as joias da Tiffany's, e bichos maiores, cor de terra, que silvavam para nós antes de desaparecer. Vimos tartarugas e algumas cobras pequenas. Pássaros com bicos cheios de dentes revoavam, grasnando. E havia sempre aquele maravilhoso clima suave do Cretáceo, que incentiva o sujeito a tirar a roupa e dançar com folhas de parreira no cabelo, se é que o senhor me entende.

Nossos *sahibs* logo descobriram que o país mesozoico é cortado por milhões de *nullahs* — fossos, como vocês dizem. Andar é vaguear o tempo todo para cima e para baixo, para baixo e para cima.

Já nos arrastávamos havia mais de cinquenta minutos. Os *sahibs* estavam molhados de suor e exaustos quando o Rajá assobiou. Tinha avistado um grupo de bichos que devoravam brotos de palmeira.

Eram troodontes, pequenos ornitópodes do tamanho de um homem e com uma protuberância no alto da cabeça que os faz parecer quase inteligentes.

Isso não significa nada, pois a protuberância é osso puro. Os machos a usam como um aríete uns contra os outros quando brigam pelas fêmeas.

Esses bichos ficam de quatro para comer os brotos e logo se erguem para espiar em volta. Mostram-se mais cautelosos que a maioria dos dinossauros, pois são o alimento favorito dos grandes terópodes.

As pessoas às vezes supõem que, pelo fato de serem muito estúpidos, os dinossauros têm os sentidos embotados. Nada disso. Alguns, como os saurópodes, realmente não percebem muita coisa, mas outros são dotados de bom olfato, boa visão e boa audição. Sua fraqueza é que, não tendo mente, também não têm memória. Portanto, o que não veem não reconhecem. Quando um grande terópode correr babando contra você, esconda-se dentro de um fosso ou por trás de um arbusto. Será sua melhor defesa: se ele não o vir nem farejar, irá embora.

Esgueiramo-nos para trás de uma moita de palmeiras, a favor do vento que soprava do lado do bicho. Sussurrei para James:

— Você já deu um tiro hoje. Contenha-se até Holtzinger disparar e só faça o mesmo se ele errar ou se o animal fugir ferido.

— Está bem — concordou James.

Separamo-nos, ele com o Rajá e Holtzinger comigo. Era o nosso arranjo de sempre. James e eu não íamos com a cara um do outro, mas o Rajá é um camarada sentimental e amistososo, de quem não se pode deixar de gostar.

Contornamos a moita por lados opostos e Holtzinger se preparou para entrar em ação. Não convém atirar com um rifle de grosso calibre em posição inclinada. A coronha não se apoia corretamente e o coice pode quebrar o ombro.

Holtzinger olhou em volta para os últimos pés de palmeira. Vi seu cano tremer e balançar. Em seguida, ele baixou a arma e colocou-a sob o braço para limpar as lentes dos óculos.

O rifle de James outra vez. Com os dois canos, de novo.

O maior dos bichos caiu, estrebuchando. Os outros fugiram, dando grandes saltos com as patas traseiras, as cabeças se agitando e as caudas espetadas para cima.

— Cuidado com a sua arma — falei para Holtzinger, que dera um passo à frente. Quando chegamos perto do animal abatido, James já estava lá, soprando os canos da arma e todo cheio de si, como se houvesse embolsado outro milhão. Pediu ao Rajá que tirasse sua foto com o pé em cima da caça.

— Pensei que ia permitir a Holtzinger dar o primeiro tiro — eu lhe disse.

— Diabo, esperei — respondeu James —, mas ele demorou tanto e concluí que tinha ficado nervoso. Se bobeássemos mais, os bichos nos veriam ou farejariam.

Ele tinha um pouco de razão, mas o modo como falou me deu nos nervos.

— Se isso acontecer de novo, você ficará no acampamento da próxima vez que sairmos — ameacei.

— Vamos, vamos, cavalheiros — contemporizou o Rajá. — Afinal, Reggie, eles não são caçadores experientes.

— E agora? — perguntou Holtzinger. — Nós mesmos o levaremos ou é melhor chamar os homens?

— Vamos amarrá-lo numa estaca — disse eu. — Pesa menos de cem quilos.

A estaca era um tubo de alumínio de encaixe, com balancins nas pontas, que eu carregava em minha mochila. Eu o trazia porque, naquelas eras, nem sempre se encontra madeira suficientemente forte para aguentar muito peso.

O Rajá e eu limpamos o bicho para torná-lo mais leve e o amarramos à estaca. As moscas choveram aos milhares sobre os restos. Os cientistas dizem que elas não são moscas verdadeiras no sentido moderno, mas o fato é que se parecem com moscas e agem do mesmo modo. Há uma bem grande, de quatro asas e louca por carniça, que voa emitindo um som grave e bastante característico.

Pelo resto da tarde suamos carregando a caça com a estaca aos ombros, revezando-nos. Os lagartos fugiam do caminho e as moscas zumbiam em volta da carcaça.

Chegamos ao acampamento pouco antes do crepúsculo, com a sensação de que poderíamos devorar toda a carne do bicho numa única refeição. Os homens mantinham o local em ordem, de modo que nos sentamos para um

trago de uísque, como outros tantos senhores da criação, enquanto o cozinheiro preparava o churrasco.

Holtzinger disse:

— Se... se eu matar um cerátope, como levaremos a cabeça dele?

Expliquei:

— Caso o terreno o permita, nós a amarramos a uma armação de alumínio e a arrastamos.

— E quanto pesa uma cabeça dessas?

— Depende da idade e da espécie — disse eu. — As maiores pesam mais de uma tonelada, mas a média é de duzentos a quinhentos quilos.

— E o terreno é sempre acidentado como o de hoje?

— Quase sempre. Devido à combinação de cobertura vegetal rala e índice pluviométrico elevado. A erosão é muito rápida.

— E quem puxará a armação?

— Quem tiver mãos — disse eu. — Uma cabeça grande exigirá cada fibra de músculo do grupo. Num trabalho como esse, ninguém pode ficar de fora.

— Oh! — exclamou Holtzinger. Percebi que estava calculando se uma cabeça de cerátope realmente valia o esforço.

Nos dois dias seguintes, exploramos as imediações. Nada que merecesse um tiro; apenas um bando de ornitômimos, que apareceu bamboleando como uma *troupe* de balé. Afora isso, os lagartos, pterossauros, aves e insetos usuais. Há uma mosca enorme, planípene, que pica dinossauros; imagine então o que pode fazer com os homens. Uma delas obrigou Holtzinger a pular e dançar como um pele-vermelha, depois de ferroá-lo através da camisa. James zombou do coitado, dizendo:

— Tanto barulho assim por causa de um insetozinho?

Na segunda noite, durante a vigília do Rajá, James deu um alarme que nos fez sair a todos das tendas de armas em punho. O que aconteceu foi que um carrapato de dinossauro subiu por seu corpo e começava a sugá-lo na axila. Como esse carrapato é do tamanho de um polegar mesmo sem comer nada, James entrou compreensivelmente em pânico. Por sorte, conseguiu arrancá-lo antes que o bichinho bebesse sua quota de sangue. James rira de Holtzinger

por causa da picada da mosca; agora era a vez de Holtzinger tirar sarro de James:

— Tanto barulho assim por causa de um insetozinho, cara?

James pisoteou o carrapato, praguejando, nada satisfeito por ter provado de seu próprio veneno.

Arrumamos nossas coisas e saímos para percorrer o circuito. Queríamos conduzir os *sahibs*, primeiro, até o pântano dos saurópodes, mais para que admirassem a vida selvagem do que para caçar.

Do ponto onde a câmara de transição se materializa, o pântano parece distante cerca de duas horas de marcha, mas na verdade é preciso um dia inteiro de caminhada dura para chegar lá. A primeira parte é fácil, pois só precisamos descer uma encosta em meio a um mato ralo. Mas, nas imediações do pântano, as cicadáceas e salgueiros crescem tão densamente que é preciso se esgueirar pelo meio deles.

Levei o grupo para uma borda arenosa do pântano, que não tinha vegetação e proporcionava uma vista muito bonita. Quando chegamos, o sol estava quase se pondo. Dois crocodilos deslizaram para a água. Os *sahibs* estavam tão cansados que se deixaram cair na areia, como mortos.

A neblina é cerrada perto do pântano, de sorte que o sol estava vermelho-escuro e bizarramente distorcido pelas camadas atmosféricas. Um amontoado de nuvens altas refletia o vermelho e o dourado dos raios; aquele espetáculo era, portanto, um bom motivo para o Rajá escrever um de seus poemas. Alguns pterossauros miúdos sobrevoavam a área como morcegos.

Beauregard Black acendeu uma fogueira e começamos a assar nosso churrasco. O sol, em forma de pagode, acabava de mergulhar no horizonte e alguma coisa atrás das árvores fazia um barulho semelhante a uma dobradiça enferrujada quando um saurópode pôs a cabeça para fora da água. Esses animais são realmente grandes, você sabe. Se a Mãe Terra tivesse de recriminar os malfeitos de seus filhos, aquele seria o som que emitiria.

Os *sahibs* se levantaram de um salto, gritando:

— Onde está ele? Para onde foi?

Eu disse:

— Aquele mancha ali na água, logo à esquerda.

Mas o saurópode, após encher os pulmões, desapareceu, para grande decepção dos dois.

— É só isso? — resmungou James. — Não vamos vê-lo de novo?

— Li uma vez — disse Holtzinger — que eles nunca saem da água porque são pesados demais para andar.

— Nada disso — corrigi. — Podem andar perfeitamente e quase sempre o fazem, a fim de pôr seus ovos e mudar-se para outro pântano. Contudo, a maior parte do tempo permanecem na água, como os hipopótamos. Comem quatrocentos quilos de ervas aquáticas por dia, apesar de sua pequena cabeça. Assim, percorrem o fundo de lagos e brejos mastigando o tempo todo e esticam a cabeça para fora a fim de respirar de quinze em quinze minutos mais ou menos. Está ficando escuro e esse camarada aí logo sairá para o raso a fim de dormir.

— Podemos matar um? — perguntou James.

— Eu não faria isso — respondi.

— Por que não?

— Seria inútil, além de pouco esportivo. Em primeiro lugar, os saurópodes são quase invulneráveis. O cérebro deles, além disso, é mais difícil de atingir que o de outros dinossauros devido ao modo como sacodem a cabeça na ponta de seus longos pescoços. O coração também, porque está protegido por uma grossa camada de carne, a menos que você tenha muita sorte. Convém lembrar ainda que, quando mortos na água, afundam e não se pode recuperá-los. Se você matar um em terra, seu único troféu será aquela cabeça insignificante. Ninguém pode levar embora o animal inteiro porque ele pesa trinta toneladas ou mais. E não teríamos o que fazer com essa montanha de carne.

Holtzinger disse:

— Aquele museu de Nova York tem um.

— Sim. O Museu Americano de História Natural enviou uma equipe para o

Cretáceo Primitivo com uma metralhadora calibre cinquenta. Mataram um saurópode e passaram dois meses bem contados tirando-lhe o couro e “desmontando-o” para levá-lo aos pedaços até a máquina do tempo. Conheço o sujeito que chefiou a expedição, e ele ainda tem pesadelos em que sente o fedor de dinossauro podre. Tiveram de matar doze terópodes grandes, atraídos pelo cheiro, que também ficaram por ali se decompondo. Não bastasse tudo isso, os terópodes comeram três membros da equipe, apesar da metralhadora de grosso calibre.

Na manhã seguinte, terminávamos o desjejum quando um dos ajudantes chamou minha atenção:

— Olhe, sr. Rivers, lá em cima!

Apontou para a margem, onde seis grandes ornitorrincos procuravam alimento na água rasa. Eram do tipo chamado parassaurolófo, com uma crista comprida voltada para a parte de trás da cabeça e ligada à nuca por uma membrana.

— Falem baixo — recomendei. — O ornitorrinco, como qualquer outro ornitópode, é um animal precavido porque não tem armadura nem armas. Procura comida nas margens de lagos e pântanos. Quando um gorgossauro o ataca saindo de repente do meio das árvores, pula na água e nada para longe. E quando o *Phobosuchus*, o supercrocodilo, avança contra ele, foge para a margem. Vida bastante agitada, não?

Holtzinger disse:

— Hum... Reggie, estive pensando sobre o que você disse sobre cabeças de cerátopes. Se eu pudesse pegar uma daquelas ali, já ficaria satisfeito. Pareceria bem grande em minha sala, não acha?

— Sem dúvida, amigo — concordei. — Agora veja. Poderíamos dar a volta para chegar à margem naquele ponto, mas então teríamos de atravessar meio quilômetro de terreno difícil e cheio de arbustos, e eles perceberiam nossa aproximação. Poderíamos também nos deslocar para o norte deste areal, a uma distância de trezentos ou quatrocentos metros deles, o que seria um tiro longo, mas não impossível. Acha que é capaz?

— Hum — murmurou Holtzinger. — Sentado e com a mira telescópica,

posso tentar.

— Você fica aqui, Court — disse eu a James. — Trata-se do troféu de Augie e não quero ouvir suas desculpas por atirar primeiro.

James grunhiu alguma coisa enquanto Holtzinger encaixava a mira no rifle. Avançamos pelo braço de terra, mantendo a faixa de areia entre nós e os ornitorrincos. Quando chegamos ao ponto onde não havia mais cobertura, prosseguimos rastejando bem devagar. Se nos movermos lentamente em direção a um dinossauro ou para longe dele, o animal com toda a probabilidade não nos notará.

Os ornitorrincos continuavam se alimentando plantados nas quatro patas, a todo instante erguendo a cabeça para olhar em volta. Holtzinger sentou-se, engatilhou a arma e fez pontaria pela mira telescópica. Então...

Bang, bang! O som dos disparos vinha do acampamento.

Holtzinger deu um pulo. Os ornitorrincos levantaram a cabeça e saltaram no lago, esparramando água para todos os lados, como loucos. Holtzinger atirou e errou. Mirei o último ornitorrinco antes que ele desaparecesse, mas errei também. A .600 não é boa para tiros de longo alcance.

Holtzinger e eu nos apressamos a voltar ao acampamento, temendo que nosso grupo estivesse sendo atacado por terópodes.

O que acontecera foi que um grande saurópode havia passado perto do acampamento sob a água, comendo enquanto se deslocava. Ora, a água era muito rasa perto do nosso braço de terra, a meio caminho do pântano do outro lado. O saurópode tinha deslizado pela inclinação da margem até ficar com o corpo quase todo de fora, balançando a cabeça e procurando qualquer coisa verde para mastigar. Era da espécie chamada alamossauro, que lembra muito o bem conhecido brontossauro, exceto por ser maior.

Quando estávamos perto do acampamento, o saurópode deu a volta para refazer o trajeto percorrido, emitindo rugidos terríveis. Mas quando chegamos, já havia desaparecido quase todo na água profunda, deixando à mostra apenas a cabeça e uns cinco metros de pescoço, que se agitaram um pouco antes de sumir na névoa.

James discutia em altos brados com o Rajá. Holtzinger explodiu:

— Seu maldito bastardo! É a segunda vez que me impede de atirar.

— Não seja idiota — replicou James. — Eu não podia permitir que o bicho invadisse o acampamento e arrasasse tudo.

— Não havia perigo algum de que isso acontecesse — explicou Rajá. — Você pode ver claramente que a água é profunda perto da praia. Acontece que nosso sr. James, não querendo nunca ficar para trás, não pode ver um animal sem atirar nele.

Acrescentei:

— Se o bicho chegasse perto, bastaria que você lhe jogasse um graveto aceso. Esses animais são totalmente inofensivos.

Não era bem verdade. Quando o conde de Lautrec correu atrás de um a fim de atirar de perto, o saurópode olhou para trás, sacudiu a cauda e arrancou a cabeça do fidalgo tão perfeitamente quanto se ele tivesse sido decapitado na Torre de Londres. Mas, via de regra, são mesmo inofensivos.

— E eu lá sabia disso? — replicou James, enrubescendo. — Todos vocês estão contra mim. Para que diabos fizemos esta maldita viagem a não ser para atirar em bichos? Vocês se dizem caçadores, mas sou o único que consegue acertar em alguma coisa!

Furioso, repliquei que ele não passava de um jovem mimado e descontrolado, com mais dinheiro que miolos, a quem eu nunca devia ter trazido.

— Se pensa assim — disse James —, dê-me um burro e um pouco de comida que voltarei sozinho à base. Não poluirei mais seu ar puro com minha presença!

— Tente não ser mais imbecil do que parece — aconselhei-o. — O que propõe é impossível.

— Pois vou embora sozinho! — Pegou a mochila, guardou nela duas latas de feijão e um abridor, e saiu empunhando o rifle.

Beauregard Black ponderou:

— Sr. Rivers, não podemos deixá-lo ir assim. Vai se perder e morrer de fome ou será devorado por um terópode.

— Vou trazê-lo de volta — disse o Rajá, correndo atrás de James.

Alcançou-o quando ele já desaparecia entre as palmeiras. Podíamos vê-los discutindo e agitando as mãos a distância. Depois de algum tempo, voltaram abraçados como velhos colegas de escola.

Isso mostra bem os problemas que podíamos ter quando não planejávamos corretamente a caçada. Depois de voltar no tempo, precisávamos fazer o melhor possível para acomodar as coisas.

Não quero dar a impressão, porém, de que Courtney James era apenas um estrupício. Ele tinha seu lado bom. Brigava, mas a raiva passava logo e no dia seguinte aparecia jovial como sempre. Ajudava sem reclamar no acampamento, pelo menos quando estava com vontade. Cantava bem e tinha um acervo infinito de piadas sujas para nos divertir.

Permanecemos mais dois dias no acampamento. Vimos crocodilos pequenos e muitos saurópodes — às vezes, cinco de cada vez —, mas nenhum outro ornitorrinco. Nem supercrocodilos de quinze metros de comprimento.

No dia 1º de maio, levantamos acampamento e nos dirigimos para o norte, em direção aos montes Janpur. Meus *sahibs* começavam a ficar irritados e impacientes. Estávamos no Cretáceo havia uma semana e nada de troféus.

Não vimos coisa alguma na etapa seguinte que valesse a pena mencionar, exceto um gorgossauro fora de alcance e rastros de um iguanodonte colossal, de uns dez metros de altura. Montamos acampamento no sopé das colinas.

Já havíamos consumido o bicho que caçáramos e a primeira coisa a fazer seria obter carne fresca. Sem deixar de lado os troféus, é claro. Na manhã do terceiro dia, preparados para partir, eu disse a James:

— Escute aqui, meu velho, chega de truques. O Rajá vai lhe dizer quando disparar.

— Sei, sei — resmungou ele, submisso como Moisés.

Dirigimo-nos, os quatro, para as colinas. Havia uma boa chance de Holtzinger apanhar seu cerátope. Tínhamos visto dois deles subindo a encosta, mas eram simples filhotes, ainda sem chifres decentes.

Como o ar estava quente e abafado, logo começamos a suar e a respirar com dificuldade. Passamos a manhã inteira vagueando por um terreno difícil, vendo apenas lagartos, quando senti cheiro de carniça. Detive o grupo e farejei. Chegamos a uma clareira recortada por fossos estreitos, que iam dar em duas gargantas profundas no meio de uma ligeira depressão coberta de arbustos e pandanos. Ouvi então o zumbido de moscas varejeiras.

— Por aqui — disse eu. — Sinto o cheiro de coisa morta. Ah, lá está!

Eram os restos de um grande cerátope estirado numa depressão rasa à beira de um matagal. Vivo, devia ter pesado de seis a oito toneladas. Pertencia à variedade de três chifres, talvez a penúltima espécie de tricerátopo. Mas seria difícil dizer, pois boa parte do couro havia sido arrancada e muitos ossos soltos jaziam espalhados em volta.

Holtzinger disse:

— Maldição, por que não o vi antes que ele morresse? Uma belíssima cabeça!

— Cuidado, rapazes — adverti. — Um terópode andou se fartando nesta carcaça e não deve estar longe.

— Como sabe? — perguntou James, o suor escorrendo por sua cara redonda e vermelha. Falou no que era para ele uma voz baixa, pois a proximidade de um terópode intimida até o sujeito mais imprudente.

Farejei de novo o ar e achei que havia detectado o odor rançoso do terópode. Não tinha certeza, entretanto, porque a carcaça fedia muito. Meus *sahibs* estavam ficando verdes por causa da vista e do cheiro do cadáver. Eu disse a James:

— É raro que mesmo o maior dos terópodes ataque um cerátope adulto. Esses chifres são demais para eles. Mas gostam muito de um cerátope morto ou moribundo. Podem ficar devorando o cadáver durante semanas, dormindo de barriga cheia por dias a fio após cada refeição. Buscam abrigo do calor do sol porque não suportam seus raios diretos. Você os encontrará deitados em matagais como este ou em buracos no chão, em qualquer lugar que ofereça sombra.

— Que faremos? — perguntou Holtzinger.

— Primeiro, vamos dar uma batida no matagal, em pares como sempre. O que quer que aconteça, não ajam impulsivamente nem entrem em pânico.

Olhei para Courtney James, que me olhou rapidamente e pôs-se a examinar sua arma.

— Como devo levá-la?

— Travada, mas pronta para disparar — recomendei. — Vamos chegar mais perto que de costume e precisamos ficar à vista uns dos outros. Vá por aí, Rajá, mas devagar e parando para ouvir a cada passo.

Entramos no matagal, deixando para trás a carcaça, mas não seu cheiro. Não conseguíamos ver nada alguns metros à frente.

Depois o mato rareou, quando chegamos debaixo das árvores, que lançavam sombra sobre os arbustos, mas deixavam passar a luz do sol. Eu só escutava o zumbido de insetos, o rastejar de lagartos e os grasnidos dos pássaros providos de dentes no alto da ramagem. Achei que estava sentindo o cheiro do terópode, mas disse a mim mesmo que talvez fosse pura imaginação. O terópode podia ser de várias espécies grandes ou pequenas e estar em qualquer ponto no raio de um quilômetro.

— Siga em frente — sussurrei para Holtzinger. Ouvia James e o Rajá avançando à minha direita, abrindo caminho por entre as palmeiras e samambaias. Sem dúvida, tentavam se mover o mais silenciosamente possível, mas para mim faziam o barulho de um terremoto numa loja de louças.

— Mais perto — pedi.

Os dois apareceram, rumando em minha direção. Descemos para um fosso cheio de samambaias e alcançamos a outra margem. Mas encontramos o caminho bloqueado por uma densa moita de palmeiras.

— Vocês a contornam por aquele lado; nós vamos por este — disse eu. E prosseguimos, parando sempre para ouvir e farejar. Nossas posições eram as mesmas do primeiro dia, quando James havia matado seu troodonte.

Já tínhamos contornado metade da moita quando escutei um barulho à frente e à esquerda. Holtzinger escutou também e engatilhou a arma. Fiz o mesmo e dei um passo para o lado a fim de ter uma visão melhor de tiro.

O barulho ficou mais forte. Ergui meu rifle para mirar mais ou menos à altura do coração de um terópode grande. A folhagem se mexeu — e um troodonte de dois metros surgiu diante de nossos olhos, caminhando solenemente e inclinando a cabeça a cada passo, como um pombo gigante.

Ouvi Holtzinger soltar a respiração e fiz de tudo para não rir.

— Droga! — praguejou ele.

Então o maldito rifle de James disparou: *bang, bang!* Percebi de relance o troodonte caindo de costas, com a cauda e as patas traseiras se agitando no ar.

— Peguei-o! — gritou James. — Acertei bem na mosca! — E correu para junto do bicho.

— Meu Deus, não é que ele fez de novo! — suspirei.

De repente, um violento farfalhar da folhagem e um grito assustado de James. Algo surgiu do meio dos arbustos e avistei a cabeça do maior carnívoro local, o próprio *Tyrannosaurus trionyches*.

Os cientistas teimam em dizer que o *rex* é a espécie maior, mas posso jurar que aquele monstro era mais formidável que qualquer *rex* jamais saído de um ovo. Devia ter uns seis metros de altura e pelo menos quinze de comprimento. Eu podia ver nitidamente seus olhos faiscantes, seus dentes de vinte centímetros e a enorme papada que lhe pendia do queixo até o peito.

O segundo fosso que cortava o matagal se atravessava diagonalmente em nosso caminho na extremidade da moita de palmeiras. Tinha talvez dois metros de profundidade. O tiranossauro havia saído dali, onde, estendido, digerira sua última refeição. A parte de seu corpo que tinha ficado para fora permanecera oculta pelas samambaias da borda do fosso. James disparara os dois canos contra a cabeça do terópode e corraera para ele sem recarregar, o idiota. Mais três metros e tropeçaria no tiranossauro.

James, é claro, se deteve ao ver aquela coisa se agigantando à sua frente. Lembrou-se então de que não tinha mais cartuchos na arma e de que o Rajá, deixado muito para trás, não poderia disparar um tiro certo.

A princípio, controlou-se. Abriu o rifle, tirou dois cartuchos do cinto e enfiou-os nos canos. Mas, na pressa para fechar a arma, ficou com a mão

presa entre os canos e o percussor. A dor assustou-o a tal ponto que ele deixou cair o rifle. Então, virou-se e saiu em disparada.

O Rajá acorria com a arma erguida, pronto para levá-la ao ombro quando chegasse mais perto. Mas ao dar com James voando em sua direção, hesitou, não querendo matá-lo por acidente. O outro esbarrou nele e ambos rolaram no meio das samambaias. O tiranossauro, fazendo uso de toda a sua destreza, avançou para agarrá-los.

E que fazíamos nós, Holtzinger e eu, do outro lado da moita de palmeiras? Bem, no instante em que James gritou e a cabeça do tiranossauro apareceu, Holtzinger saltou para a frente como um coelho. Levantei a arma para atingir a cabeça da fera, na esperança de acertar pelo menos um olho; mas, antes que pudesse fazer pontaria, a cabeça havia desaparecido por trás da moita. Talvez eu devesse ter atirado de qualquer modo, mas minha experiência não recomenda tiros ao acaso.

Quando olhei para a frente, Holtzinger já tinha desaparecido na curva da moita. Eu ia atrás dele, mas então ouvi seu rifle e o estalido do fecho entre os disparos: *bang, click, click, bang, click, click*.

Holtzinger se aproximara do quarto traseiro do animal quando este estava a ponto de pegar James e o Rajá. Com a boca da arma a seis metros do flanco do animal, Holtzinger começou a enfiar cartuchos .375 em sua carne. Já havia disparado três tiros quando o tiranossauro emitiu um tremendo rugido e virou-se para ver quem o estava “picando”. As mandíbulas se arreganharam, a cabeça girou e se abaixou de novo.

Holtzinger disparou mais um tiro e tentou saltar para o lado. Estava entre a moita de palmeiras e o fosso: caiu no fosso. O tiranossauro prosseguiu em sua arremetida e apanhou-o. As mandíbulas se fecharam e a cabeça se levantou com o pobre Holtzinger dentro delas, gritando como uma alma penada.

Cheguei justamente nesse momento e mirei a cara do bruto, mas percebi que suas mandíbulas encerravam o meu *sahib* e eu poderia atingi-lo também. Quando a cabeça se ergueu como a pá de uma escavadeira mecânica, disparei contra o coração. O tiranossauro já estava se virando e pensei que a bala

apenas havia deslizado por suas costelas. Deu mais dois passos e acertei-o de novo no traseiro. A fera hesitou, mas continuou andando. Mais um passo e começava a desaparecer atrás das árvores quando o Rajá esvaziou seus dois canos. Meu amigo havia se desvencilhado de James, levantara-se, pegara a arma e viera dar uma lição ao tiranossauro.

O duplo impacto fez a fera desabar com um barulho tremendo. Caiu sobre uma magnólia anã e vi uma de suas grossas pernas traseiras, semelhantes às de um pássaro, agitar-se em meio a uma chuva de pétalas rosadas e brancas. Mas o desgraçado se levantou de novo e prosseguiu sem sequer largar sua presa. A última coisa que vi foram as pernas de Holtzinger se agitando no canto da boca da fera (já não gritava mais), cuja cauda enorme chicoteava os troncos das árvores de um lado e de outro.

O Rajá e eu recarregamos as armas e fomos com tudo atrás da fera. Tropecei e caí, mas me levantei e só senti meu cotovelo esfolado muito depois. Quando saímos do matagal, o tiranossauro já estava na extremidade da clareira. Nós dois atiramos imediatamente, mas devemos ter errado, e o alvo desapareceu de nossas vistas antes que pudéssemos disparar de novo.

Continuamos na perseguição, seguindo os rastros e as manchas de sangue, até o cansaço nos obrigar a parar. Nunca mais vimos aquele tiranossauro. Os movimentos desses bichos parecem lentos e estudados, mas, com aquelas pernas enormes, não precisam andar muito depressa para alcançar uma velocidade considerável.

Depois de recuperar o fôlego, levantamo-nos e ainda tentamos rastrear o tiranossauro, supondo que talvez ele estivesse morrendo e nós pudéssemos alcançá-lo. Mas, embora encontrássemos mais pegadas, o danado havia sumido, nos deixando na mão. Rondamos um pouco por ali, mas inutilmente.

Horas depois, desistimos e voltamos à clareira.

Courtney James estava sentado com as costas apoiadas numa árvore, segurando seu rifle e o de Holtzinger. Tinha uma mancha azulada na mão direita, onde o percussor a espremera, mas ainda podia usá-la. Suas primeiras palavras foram:

— Aonde diabo vocês foram?

Respondi:

— Estávamos ocupados. O falecido sr. Holtzinger. Lembra-se?

— Não deviam ter me deixado aqui; outra daquelas coisas poderia aparecer. Já não lhes bastava perder um caçador por causa de sua estupidez? Tinham de arriscar a vida de mais um?

Eu havia preparado um bom sermão para James, mas seu ataque me surpreendeu a tal ponto que só consegui gaguejar:

— Como? Nós perdemos...?

— É claro. Vocês nos puseram na frente para que, se alguém tivesse de ser comido, fôssemos nós. Permitiram que um coitado enfrentasse esses bichos com uma arma de brinquedo. Vocês...

— Seu porco fedorento! — gritei. — Se você não tivesse bancado o mais perfeito idiota e disparado os dois canos, para depois correr como o covarde sem vergonha que é, isso nunca teria acontecido. Holtzinger morreu tentando salvar sua vida inútil. Por Deus, era o que ele não devia ter feito. O infeliz valia uns seis bastardos estúpidos, mimados e cabeçudos como você...

E por aí além. O Rajá não queria ficar atrás, mas seu inglês era precário e ele ficou reduzido a amaldiçoar James em hindustâni.

Pude ver pela vermelhidão em seu rosto que tinha conseguido acertar bem no alvo. Ele disse:

— Ora, você... — E, dando um passo à frente, me atingiu no rosto com o punho esquerdo.

O golpe me abalou um pouco, mas retruquei:

— Que bom que você fez isso, seu palhaço! É o momento que eu esperava para...

Ataquei. O cara era forte, mas contra meus cento e dez quilos e com a mão direita machucada, não tinha nenhuma chance. Depois de receber uns bons socos, estatelou-se no chão.

— Levante-se! — rugi. — Ainda não acabei!

James se apoiou nos cotovelos. Eu queria socá-lo mais, porém os nós de meus dedos estavam esfolados e sangravam. James rolou para o lado, pegou

o rifle e se ergueu de um salto, apontando a arma ora para mim, ora para o Rajá.

— Vocês não vão matar mais ninguém! — esbravejou por entre os lábios inchados. — Mãos para o alto! Os dois!

— Deixe de ser idiota — disse o Rajá. — Abaixar a arma.

— Ninguém me trata assim e tudo fica por isso mesmo.

— Matar-nos será uma idiotice — ponderei. — Você não escapará das grades.

— Como não? Não sobrarão muita coisa de vocês depois que esses balaços os atingirem. Direi que o tiranossauro os comeu também. Ninguém poderá provar nada. Não se pode acusar uma pessoa por um crime cometido oitenta e cinco milhões de anos antes. O estatuto da prescrição, lembram-se?

— Imbecil, você jamais conseguiria voltar vivo para o acampamento! — gritei.

— Vou arriscar... — começou James, levando a coronha da .500 ao ombro, com os dois canos apontados para o meu rosto. Pareciam dois túneis mortíferos.

Estava tão concentrado em mim que se esqueceu do Rajá por um segundo. Meu parceiro, apoiado sobre um joelho, levantou o braço direito rapidamente e, como se arremessasse uma bola de boliche, atingiu a cabeça de James com uma pedra de mais de um quilo. A .500 caiu ao chão. A pedra passou rente aos meus cabelos e o barulho quase estourou meus tímpanos. James tombou de novo.

— Bom trabalho, amigo — cumprimentei, recolhendo a arma de James.

— Sim — disse o Rajá, pegando cuidadosamente a pedra que havia atirado e sopescando-a. — Não tem o formato de uma bola de críquete, mas é igualmente dura.

— Que faremos agora? — perguntei. — Estou com vontade de deixar o patife aqui, desarmado, para que se vire sozinho.

O Rajá deu um pequeno suspiro.

— É um pensamento tentador, Reggie, mas nós realmente não podemos fazer isso, você sabe. Não podemos.

— Você tem razão — eu disse — bem, vamos amarrá-lo e levá-lo de volta para o acampamento.

Concordamos em que não haveria segurança para nós a menos que vigiássemos James o tempo todo até voltarmos para casa. Se um homem tenta nos matar, é loucura dar-lhe outra chance.

Levamos James de volta para o acampamento e contamos à equipe o problema que tínhamos em mãos. Ele amaldiçoou todo mundo.

Passamos três dias muito lúgubres percorrendo o território à cata daquele tiranossauro, mas sem sucesso. Achávamos que era justo fazer o possível para recuperar os restos de Holtzinger. De volta ao acampamento principal, quando não chovia, coletávamos pequenos répteis e outras coisas para nossos amigos cientistas. O Rajá e eu discutimos a questão do processo contra Courtney James, concluindo, porém, que nada havia a fazer nesse sentido.

Quando a câmara de transição se materializou, amontoamo-nos lá dentro. Deixamos James num canto, ainda amarrado, e pedimos ao operador que acionasse os controles.

No meio da transição, James disse:

— Vocês dois deviam ter me matado.

— Por quê? — perguntei. — Você tão tem uma cabeça lá muito bonita.

O Rajá acrescentou:

— Não ficaria bem sobre uma lareira.

— Você pode rir — disse James —, mas vou pegá-lo mais cedo ou mais tarde. Encontrarei um modo de não ser responsabilizado.

— Meu amigo — repliquei —, se houvesse um modo seguro de fazer isso, eu o acusaria da morte de Holtzinger. Portanto, me deixe em paz.

Quando chegamos ao presente, devolvemos-lhe a arma descarregada e seus outros apetrechos, e saímos sem uma palavra. Depois que ele foi embora, a garota de Holtzinger, a tal Claire, entrou aos prantos.

— Onde está ele? Onde está August?

A cena que se passou foi das mais difíceis, apesar da habilidade do Rajá para lidar com situações semelhantes.

Levamos nossos homens e animais para o velho edifício do laboratório que a universidade nos reservou para essas expedições. Pagamos a todos e descobrimos que ficamos duros. Os pagamentos adiantados dos dois caçadores não cobriam nossas despesas e não havia muita esperança de recebermos o resto nem de James nem do espólio de Holtzinger.

Por falar em James, você sabe o que o desgraçado fez? Voltou para casa, pegou mais munição e se dirigiu à universidade. Procurou o professor Prochaska e disse-lhe:

— Professor, quero que me mande ao Cretáceo para uma viagem rápida. Se puder me colocar em sua agenda agora mesmo, bastará me dizer o seu preço. Darei cinco mil adiantados. Desejo ir para 23 de abril de oitenta e cinco milhões a.C.

Prochaska respondeu:

— Por que pretende voltar lá tão cedo?

— Perdi minha carteira no Cretáceo — explicou James. — Acredito que, se voltar ao dia anterior àquele em que cheguei lá na primeira viagem, verei a mim mesmo ao desembarcar e poderei seguir a mim mesmo até o momento em que perdi a carteira.

— Cinco mil é muito para uma carteira — observou o professor.

— Havia nela algo que não posso substituir — disse James.

— Bem — refletiu Prochaska —, o grupo que iria hoje de manhã telefonou informando que se atrasará. Então talvez eu possa achar um lugar para você. Sempre me perguntei o que aconteceria se o mesmo homem ocupasse o mesmo lapso de tempo duas vezes.

James preencheu o cheque. Prochaska levou-o para a câmara e viu-o partir. A ideia de James, ao que parece, era esconder-se atrás de um arbusto a alguns metros do local onde a câmara apareceria para acabar comigo e com o Rajá quando saíssemos.

Horas depois, já de roupa trocada, ligamos para nossas esposas a fim de que viessem nos buscar. Estávamos esperando por elas no Forsythe

Boulevard quando ouvimos um forte barulho, semelhante a uma explosão, seguido de um clarão a menos de quinze metros de nós. A onda de choque nos fez cambalear e estilhaçou algumas vidraças.

Corremos para o local e chegamos ao mesmo tempo que um policial e inúmeros curiosos. No bulevar, junto ao meio-fio, jazia um corpo humano. Pelo menos, o que restava de um corpo humano: parecia que todos os seus ossos tinham sido pulverizados e todas as suas veias arreventadas, de sorte que agora não era mais que uma massa viscosa de protoplasma rosado. As roupas estavam em frangalhos, mas reconheci o rifle H. & H. .500 Express de cano duplo. Apesar da madeira arranhada e do metal retorcido, tratava-se mesmo da arma de Courtney James. Sem nenhuma dúvida.

Esqueçamos as investigações e os boatos que se seguiram. O que aconteceu foi que ninguém atirou em nós quando saímos no dia 24. Isso seria impossível. No instante em que James começou a agir de modo a operar uma alteração visível no mundo de oitenta e cinco milhões a.C., como por exemplo deixar uma pegada no solo, as forças do espaço-tempo o arremessaram ao presente para impedir um paradoxo. E a violência da passagem fez picadinho dele.

Agora que isso é mais bem compreendido, o professor não manda ninguém a um período inferior a cinco mil anos antes de uma época já explorada por outro viajante no tempo. Com efeito, seria muito fácil fazer algo como cortar uma árvore ou perder um objeto durável que afetasse o mundo posterior. Em períodos mais longos, explicou-me Prochaska, essas mudanças se diluem e se perdem no fluxo do tempo.

Passamos maus bocados depois disso, com a publicidade adversa e tudo o mais, embora tenhamos obtido uma indenização do espólio de James. Felizmente, um industrial do aço apareceu querendo uma cabeça de mastodonte para seu escritório.

Hoje, eu também entendo melhor essas coisas. O desastre não foi só culpa de James. Eu não devia tê-lo levado sabendo que era um sujeito mimado e sem juízo. Além disso, se Holtzinger tivesse uma arma realmente potente,

talvez conseguisse derrubar o tiranossauro, ainda que não o matasse, dando ao resto de nós uma chance para acabar com ele.

É por isso, sr. Seligman, que não vou levá-lo àquele período para caçar. Há muitas outras eras e, se as estudar bem, sem dúvida achará uma que lhe convenha. Mas esqueça o Jurássico e o Cretáceo. O amigo, pequeno como é, não conseguiria manusear uma arma para dinossauros.

POUL ANDERSON

Vencedor de vários prêmios Hugo e Nebula, Poul Anderson (1926—2001) escreveu mais de cinquenta romances e centenas de contos desde sua estreia na ficção científica em 1947. Seu primeiro romance, A Hora da Inteligência, é um exemplo clássico das técnicas da ficção científica tradicional: explora o impacto que um aumento súbito e universal da inteligência exerceria sobre a totalidade da civilização humana no século XX. Anderson é muito festejado pelos detalhes de suas obras. Sua longa saga Technic History, uma crônica em vários volumes da exploração interestelar e da expansão imperial, cobre cinquenta séculos de história futura e aborda a ascensão e queda de três impérios de uma federação galáctica. A abrangência da série deu a Anderson a oportunidade de desenvolver personagens ricos e bem definidos, como também de investigar o impacto a longo prazo de certas ideias e atitudes — iniciativa privada, militarismo, imperialismo, estilos individuais de governo — da sociedade e da estrutura política de um mundo imaginário. Dois personagens, produtos distintos de duas diferentes épocas e civilizações, dominam os episódios mais notáveis da série: o embusteiro falstaffiano Nicholas van Rijn, o mercador protagonista de O Homem que Calculava, Satan's World [O Mundo de Satanás] e Mirkheim, e o guarda-marinha Dominic Flandry, cujas aventuras incluem Essas Estrelas São Nossas!, Earthman, Go Home! e A Knight of Ghosts and Shadows. Anderson tratou de inúmeros temas clássicos da ficção científica, como viagens a velocidades próximas da luz em Tau Zero, viagens no tempo na série de contos Patrulha do Tempo coligidos em Os Guardiões do Tempo e evolução acelerada em Fire Time. É conhecido por juntar ficção científica e história, principalmente no romance A Grande Cruzada, uma narrativa superior de

contato imediato em que um exército medieval captura uma nave alienígena. Boa parte da fantasia de Anderson apresenta elementos subsidiários de mitologia, sobretudo em sua fantasia heroica Three Hearts and Three Lions [Três Corações e Três Leões] e em A Midsummer Tempest, uma história alternativa baseada em Sonho de uma Noite de Verão. Anderson recebeu o prêmio Tolkien Memorial em 1978. Com sua esposa, Karen, escreveu King of Ys, uma fantasia celta em quatro partes; e, com Gordon Dickson, a divertida série Hoka. Seus contos de ficção foram reunidos em numerosos volumes, entre eles The Queen of Air and Darkness and Other Stories [A Rainha do Ar e da Escuridão], All One Universe, Strangers from Earth e Seven Conquests.

A ideia de um homem que volta no tempo a fim de mudar o passado foi bastante explorada ao longo de décadas (Lest Darkness Fall [A Luz e as Trevas], de L. Sprague de Camp, e o conto “Aristotle and the Gun”, também de L. Sprague de Camp, são dois exemplos clássicos). “The Man Who Came Early” [O Homem que Chegou Cedo], de Anderson, é um paradigma dessa ideia. Quando tudo está dito e feito, um homem enviado ao passado apenas com o que leva consigo é apenas um homem, não importa quão grandes sejam as ideias que conhece e a tecnologia que emprega em sua própria época. A atenção dada à vida nórdica do século X torna ainda mais gritante o contraste entre o antigo viajante no tempo e seu novo ambiente.

O HOMEM QUE CHEGOU CEDO

POUL ANDERSON

SIM, QUANDO UM HOMEM fica velho, já viu e ouviu tanta coisa estranha que quase nada é capaz de surpreendê-lo. Segundo dizem, o rei, em Miklagard, tem um animal diante de seu trono que se ergue nas patas e rugem. Ouvi isso de Eilif Eiriksson, que serviu na guarda de lá e é um camarada dos bons quando não está bêbado. Ele viu também, em ação, o fogo grego que queima na água.

Portanto, padre, não me recuso a acreditar no que o senhor diz sobre o Cristo Branco. Eu mesmo estive na Inglaterra e na França, cuja prosperidade constatei. Ele deve ser um deus muito poderoso para proteger tantos reinos... O senhor diz também que as pessoas batizadas recebem um manto branco? Eu gostaria de ter um. Tais mantos ficam encardidos, é claro, neste maldito clima da Islândia, mas um pequeno sacrifício aos elfos domésticos pode... Não? Nada de sacrifícios? Ora, vamos! Eu renunciaria à carne de cavalo se pudesse (meus dentes já não são como antes), pois todo homem de tino sabe que confusão os elfos criam quando não são alimentados.

Bem, mais uma caneca e continuemos. Como gosta da cerveja? Eu mesmo a faço, o senhor sabe. As canecas, comprei na Inglaterra há muitos anos. Era jovem, então... como o tempo passa! Voltei e herdei de meu pai esta propriedade, de onde nunca mais saí. É bom ser *viking* na juventude; mas depois descobrimos onde a verdadeira riqueza reside: aqui, na terra e no gado.

Atice o fogo, Hjalti. Está ficando frio. Às vezes, penso que agora os invernos são mais rigorosos do que quando eu era menino. É o que também garante Thorbrand de Salmondale, mas em sua opinião isso acontece porque

os deuses estão irritados vendo tanta gente se afastar deles. O senhor terá dificuldade em converter Thorbrand, padre. Homem teimoso. Eu não, eu tenho mente aberta e, no mínimo, escuto os outros de boa vontade.

Agora, padre, vou lhe dizer uma coisa: o mundo não acabará dentro de dois anos. Isso eu sei com certeza.

Se perguntar como fiquei sabendo, a história é longa. E, de certo modo, terrível. Por sorte sou velho e estarei seguro na terra até que venha esse grande amanhã. Tempos ruins antes que os gigantes de gelo sejam soltos... está bem, antes que o anjo sopra sua trombeta de guerra. Um dos motivos pelos quais ouço atentamente sua pregação é saber que o Cristo Branco vencerá Thor. Não ignoro que a Islândia logo se tornará cristã e acho mais prudente ficar do lado do vencedor.

Não, não tive visões. O incidente aconteceu há cinco anos, podendo ser confirmado pelo pessoal de minha casa e pelos vizinhos. Quase nenhum deles acreditou no que o estrangeiro dizia; eu acreditei (até certo ponto), sobretudo por achar que um mentiroso não poderia causar tanto mal. Eu amava minha filha, padre, e, passada a confusão, arranjei-lhe um bom casamento. Ela não se opôs, mas agora vive lá naquela propriedade com o marido, sem nunca me dar notícias; contaram-me que ele não apreciava seu silêncio e mau humor, passando as noites com uma amante irlandesa. Não posso censurá-lo por isso, mas fico triste.

Bem, já bebi bastante e soltarei a língua contando-lhe toda a verdade; quer o senhor acredite ou não, pouco me importa. Venham cá, meninas! Enchem de novo estas canecas, pois ficarei com a garganta seca antes de terminar minha história.

Tudo começou num dia do início do verão, há cinco anos. Na época, minha esposa Ragnhild e eu só tínhamos dois filhos solteiros morando conosco: Helgi, o mais novo, de dezessete invernos, e Thorgunna, de dezoito. Esta garota, Thorgunna, tivera vários pretendentes por ser bonita. Mas recusara todos e eu não sou homem de obrigar uma filha a fazer o que não quer.

Quanto a Helgi, era um rapaz muito esperto, muito bom com as mãos, mas também muito imprudente. Está agora servindo na guarda do rei Olaf da Noruega. Além deles, tínhamos serviçais, é claro. Uns dez — dois criados, duas moças para ajudar no trabalho das mulheres e meia dúzia de camponeses contratados. Nada mau para uma casa.

O senhor viu a localização de minhas terras. Cerca de três quilômetros a oeste está a baía; a uns oito quilômetros para o sul, a aldeia de Reykjavik. O terreno se ergue na direção do Grande Jökull, de modo que a propriedade é montanhosa. Apesar disso, é boa para forragem e muitas vezes encontramos madeira que vem dar à praia. Construí lá um abrigo e uma casa de barcos.

Tivéramos uma tempestade na noite anterior, uma tempestade violenta. Os raios riscavam o céu de um modo como poucas vezes se vê na Islândia. Assim, Helgi e eu descemos atrás de madeira. O senhor, vindo da Noruega, não sabe quanto a madeira é preciosa para nós; toda a de que precisamos vem de fora, pois aqui só há árvores raquíticas. Lá, pessoas já foram queimadas dentro de casa por seus inimigos, mas isso nós consideramos o pior que pode acontecer, embora não seja fato raro.

Como eu tinha boas relações com meus vizinhos, só levamos armas leves. Eu, meu machado; Helgi, uma espada; e os dois camponeses que iam conosco, lanças. Era um dia claro, lavado pela tempestade da véspera, e o sol banhava a relva alta e úmida. Contemplei com gosto minha casa e o pátio, as vacas e os carneiros de pelo lustroso, a fumaça saindo da abertura no teto do saguão — e concluí que não havia me dado inteiramente mal na vida. Os cabelos do meu filho Helgi esvoaçavam ao sopro brando do vento oeste quando os edifícios desapareceram por trás de uma colina e nos aproximamos da água. É estranho eu me lembrar tão bem de tudo o que aconteceu naquele dia; um dia, posso dizer, bem diferente dos outros.

Quando chegamos à praia, o mar estava turbulento, branco e cinza na direção da borda do mundo, cheirando forte a sal e a algas. Gaivotas voaram sobre nossas cabeças, espantadas de cima de um peixe encalhado na areia. Avistei galhos e até uma viga de madeira... caída de algum cargueiro naufragado durante a noite, suponho. Um grande achado, embora, como

homem cauteloso, eu pretendesse mais tarde oferecer um sacrifício para que o fantasma do dono não me perseguisse.

Estávamos arrastando a viga para o depósito quando Helgi deu um grito. Agarrei meu machado e olhei para onde ele apontava. Não tínhamos brigas ali, mas sempre há malfeitores rondando.

O recém-chegado parecia inofensivo, porém. Quando se aproximou, tropeçando na areia escura, achei que não trazia arma alguma e perguntei-me o que teria acontecido. Era um homem grande, vestido de maneira estranha — casaco, calças e sapatos como qualquer outro, mas de um corte esquisito. Além disso, amarrava as calças com uma espécie de tira elástica e não com um cinto de couro. Eu nunca tinha visto um elmo como aquele: quase quadrado, descia pelo pescoço, mas não protegia o nariz. E nisto o senhor talvez não acredite: não era de metal, embora feito de uma peça só!

Pôs-se a correr quando nos viu, agitando os braços e resmungando alguma coisa. Aquela língua eu nunca tinha ouvido — e já ouvira muitas. Soava como o latido de um cão. Estava bem barbeado e trazia os cabelos pretos curtos; pensei que fosse francês. Além disso, era jovem, de boa aparência, com olhos azuis e traços regulares. Pela cor da pele, deduzi que passava muito tempo dentro de casa. No entanto, sua constituição era robusta.

— Será que naufragou? — perguntou Helgi.

— Suas roupas estão secas e limpas — observei. — E também não faz tempo que anda por aí, pois não há um fio de barba comprido em seu queixo. Não ouvi falar de nenhum estrangeiro nesta região.

Baixamos nossas armas. Ele se aproximou, ofegante. Notei que seu casaco e a camisa que trazia por baixo, muito grossos, eram presos com botões feitos de osso, não com laços. No pescoço, dependurara uma faixa de tecido enfiada para dentro do casaco. Toda essa roupa era de tons castanhos. Os sapatos, de um tipo novo para mim, pareciam muito bem costurados. Aqui e ali, no peito, viam-se placas de metal; nas mangas, umas faixas truncadas; e uma fita preta com letras brancas, as mesmas reproduzidas no elmo. Não eram runas, mas letras romanas: MP. Usava um cinto largo com um pequeno objeto de metal

em forma de bastão enfiado numa bainha e também um bastão de verdade pendente do quadril.

— Acho que é um feiticeiro — murmurou meu servo Sigurd. — Do contrário, para que tantas insígnias?

— Talvez sejam simples ornamentos ou amuletos — sugeri. Depois, voltando-me para o estranho: — Sou o chefe Ospak Ulfsson de Hillstead. O que deseja?

O homem estacou com o peito arfando e os olhos injetados de sangue. Devia ter corrido muito. Finalmente resmungou alguma coisa e sentou-se, cobrindo o rosto com as mãos.

— Se ele estiver doente, o melhor será levá-lo para casa — disse Helgi, ansioso. Não costumamos ver muitas caras novas por aqui.

— Não... não... — O estranho levantou a cabeça. — Deixem-me descansar um pouco...

Falava razoavelmente bem o norueguês, embora com um sotaque pesado que não era fácil de seguir e com muitas palavras estrangeiras ininteligíveis para mim.

O outro servo, Grim, sacudiu a lança.

— Os *vikings* desembarcaram? — perguntou.

— E os *vikings* já vieram alguma vez à Islândia? — resmunguei. — Deve ser outra coisa.

O recém-chegado sacudiu a cabeça como se tivesse sido golpeado. Ergueu-se, trêmulo.

— Que aconteceu? — gritou. — Que foi feito da cidade?

— Que cidade? — perguntei, no tom mais razoável possível.

— Reykjavik! — gritou ele de novo. — Onde está?

— A uns dez quilômetros para o sul, do lado de onde você veio... a menos que se refira à baía — expliquei.

— Não! Só havia uma praia, algumas cabanas miseráveis e...

— É melhor que Hjalmar Narigudo não o escute falar assim de sua aldeia — aconselhei.

— Mas existia uma cidade! — exclamou ele. — Eu estava atravessando a

rua durante uma tempestade, ouvi um barulho e de repente me vi na praia. A cidade havia desaparecido!

— Enlouqueceu — disse Sigurd, recuando. — Cuidado. Se ele começar a espumar pela boca, é sinal de que perderá o controle.

— Quem são vocês? — balbuciou o estranho. — Para que essas roupas? E essas lanças?

— De certo modo — ponderou Helgi —, ele não parece louco, apenas assustado e confuso. Algo de muito ruim lhe aconteceu.

— Não vou ficar perto de um homem amaldiçoado! — exclamou Sigurd. E fez menção de sair correndo.

— Volte aqui! — ordenei. — Fique onde está ou lhe quebrarei essa cabeça piolhenta.

Ele parou, pois o coitado não tinha nenhum parente para vingá-lo. Mesmo assim, não quis se aproximar muito. Enquanto isso, o estranho havia se acalmado um pouco e agora já conseguia se expressar com alguma clareza.

— Teria sido o *aitsjbom*? — indagou. — Teria a guerra começado?

Empregou essa palavra, *aitsjbom*, várias vezes, de modo que agora a conheço, embora ignore seu significado. Parece se referir a algum tipo de fogo grego. Quanto à tal guerra, não sei qual possa ser e foi o que eu lhe disse.

— Tivemos uma forte tempestade ontem à noite — relatei. — E você disse que também estava andando debaixo de uma. Talvez o martelo de Thor o tenha arremessado de sua cidade até aqui.

— Mas onde é aqui? — quis saber o estranho. Sua voz tinha se tornado menos agressiva, agora que o primeiro terror passara.

— Vou lhe dizer: aqui é Hillstead, na Islândia.

— Mas é onde eu me encontrava! — exclamou ele. — Reykjavik... Que aconteceu? Será que o *aitsjbom* destruiu tudo enquanto estive inconsciente?

— Nada foi destruído — assegurei-lhe.

— Talvez ele se refira ao incêndio em Olafsvik no mês passado — arriscou Helgi.

— Não, não, não! — O estranho cobriu de novo o rosto com as mãos.

Depois de algum tempo, levantou a cabeça e disse: — Olhem, sou o *sardjant* Gerald Robbins, da base do exército dos Estados Unidos na Islândia. Estava em Reykjavik e devo ter sido atingido por um raio ou coisa semelhante. De súbito, vi-me na praia, perdi a cabeça e saí correndo. Isso é tudo. Podem me informar o caminho de volta para a base?

Essas, padre, foram mais ou menos suas palavras. Metade delas, é claro, não entendemos, pedindo sempre que ele as repetisse e explicasse. Mesmo assim continuamos sem entender, salvo que o homem vinha de um país chamado Estados Unidos da América localizado a oeste da Groenlândia, e que ele e alguns outros se encontravam na Islândia para nos defender contra nossos inimigos. Não achei que isso fosse mentira e sim um equívoco ou um excesso de imaginação. Grim o faria em pedaços por nos julgar tolos a ponto de engolir aquela história, mas eu podia ver que o homem acreditava mesmo nela.

A conversa foi acalmando-o.

— Vejam — prosseguiu o estranho, num tom muito calmo para um homem febril —, talvez possamos chegar à verdade se vocês ajudarem. Sabem se houve alguma guerra? Nada que... bem, ouçam: meus compatriotas vieram primeiro à Islândia para defendê-la contra os alemães. Os inimigos agora são os russos, mas na época eram os alemães. Lembram-se?

Helgi balançou a cabeça.

— Que eu saiba, nada disso aconteceu — assegurou ele. — Quem são esses russos? — Soubemos depois que o homem se referia aos gardariki. — A menos — prosseguiu Helgi — que os antigos feiticeiros...

— Ele fala dos monges irlandeses — esclareci. — Alguns moravam aqui quando os noruegueses apareceram, mas foram expulsos. Isso aconteceu... hum... há mais ou menos cem anos. O reino de vocês por acaso ajudou os monges?

— Nunca ouvi falar deles! — replicou o estranho. Respirava com dificuldade. — Vocês... vocês, islandeses, não vieram da Noruega?

— Sim, há cerca de um século — respondi, pacientemente. — Depois que o rei Harald, o Loiro, subjugou as terras norueguesas e...

— *Há cerca de um século!* — murmurou o homem. Percebi que empalidecia. — Em que ano estamos?

Fitei-o, perplexo.

— Bem, estamos no segundo ano depois da grande pesca do salmão — arrisquei.

— Refiro-me ao ano depois de Cristo — gemeu ele, com voz rouca.

— Ah, então você é cristão? Hum, deixe-me pensar... Certa vez conversei com um bispo na Inglaterra, que mantínhamos refém, e ele me disse... hum... que esse Cristo viveu há mil anos ou talvez um pouco menos.

— Há mil... — Algo aconteceu com ele. Ficou ali de pé, com os olhos vidrados... sim, conheço o vidro, já lhe disse que sou um homem viajado... ficou ali de pé e, quando o conduzimos para o pátio, ele obedeceu como uma criancinha.

O senhor pode ver por si mesmo, padre, que minha esposa Ragnhild ainda é bem bonita, mesmo idosa. Pois Thorgunna puxou ela. Era... é alta e esbelta, com uma basta cabeleira loira. Como, na época, fosse donzela, os cachos caíam soltos sobre seus ombros. Tinha grandes olhos azuis, rosto afilado em forma de coração e lábios muito vermelhos. Além disso, era alegre e bondosa, motivo pelo qual todos a estimavam. Sverri Snorrason, repellido por ela, foi lutar contra os *vikings* e acabou morto. Ninguém, entretanto, percebia que ela se sentia muito infeliz.

Levamos o tal Gerald Samsson — respondendo à minha pergunta, ele disse que seu pai se chamava Sam — para casa, deixando Sigurd e Grim encarregados de recolher a madeira. Algumas pessoas se recusariam a acolher um cristão sob seu teto, por medo de feitiçaria, mas eu sou um homem esclarecido e Helgi, na qualidade de jovem, era louco por novidades. Nosso hóspede tropeçava pelos campos como se fosse cego, mas se reanimou quando entramos no pátio. Seus olhos percorreram os edifícios que cercavam o local, dos estábulos e telheiros até o defumadouro, a cervejaria, a cozinha, o

banheiro, o altar dos deuses e, finalmente, a sala. Lá estava Thorgunna, de pé na soleira.

Os dois trocaram um rápido olhar e vi-a enrubescer. Mas eu não disse nada. Nossas botas rangiam no lajeado quando cruzamos o pátio, chutando os cachorros. Meus dois criados, que limpavam os estábulos, pararam para espiar; mas eu ordenei que voltassem ao trabalho, observando que um homem inútil só é bom para o sacrifício. Essa é uma excelente prática, que vocês cristãos não têm; eu mesmo nunca fiz um sacrifício humano, mas o senhor não imagina quanto o simples fato de poder fazê-lo me ajuda.

Entrando no alpendre, fui logo comunicando ao pessoal da casa o nome de Gerald e como o havíamos encontrado. Ragnhild mandou que as criadas acendessem o fogo e trouxessem cerveja, enquanto eu conduzia Gerald para a cadeira dos hóspedes e me sentava ao seu lado. Thorgunna nos trouxe os chifres cheios até as bordas. Ele não era importante como o senhor, a quem reservamos canecas importadas.

Gerald provou a cerveja e fez uma careta. Senti-me um pouco ofendido, pois minha bebida é reconhecidamente boa, e perguntei-lhe o que havia de errado com ela. Gerald riu de maneira um tanto desagradável, mas disse que nada, apenas que estava acostumado a beber cerveja espumante e não azeda.

— E onde se fabrica cerveja assim? — perguntei, curioso.

— Em toda parte — respondeu ele. — Na Islândia também... Não, não... — Olhou para a frente com uma expressão vazia. — Digamos... em Vinland.

— Onde fica isso?

— Fica a oeste do lugar de onde venho. Pensei que você soubesse... Espere um pouco. — Franziu o cenho. — Talvez eu possa encontrar alguma coisa... Já ouviu falar de Leif Eiriksson?

— Não — respondi. Mais tarde me ocorreu que isso talvez fosse uma prova da veracidade de sua história, pois Leif Eiriksson é agora um chefe muito conhecido; e também levo mais a sério essas histórias de terras avistadas por Bjarni Herjulfsson.

— E de seu pai, Erik, o Vermelho? — insistiu Gerald.

— Ah, sim — disse eu. — Trata-se do norueguês que apareceu aqui por

causa de um assassinato e foi embora pelo mesmo motivo. Depois, se estabeleceu com seus amigos na Groenlândia.

— Isso aconteceu... pouco antes da viagem de Leif — murmurou Gerald.
— No final do século X.

— Escute — interveio Helgi —, temos sido pacientes com você, mas não é hora para adivinhações, que vão bem apenas em festas e bebedeiras. Não pode dizer claramente de onde veio e como chegou aqui?

Gerald, ainda trêmulo, olhou para o chão.

— Deixe o homem em paz, Helgi — pediu Thorgunna. — Não vê que ele está confuso?

Gerald ergueu a cabeça e lançou-lhe um olhar de cachorro espancado. A sala estava quase às escuras; não havíamos acendido velas e entrava alguma luz pelas janelas altas, mas não o suficiente para se ver bem. Mesmo assim, reparei que os dois enrubesciam.

O hóspede respirou fundo e remexeu nas roupas, que tinham bolsos. Pegou uma caixinha de pergaminho, tirou dela um pequeno cilindro branco e colocou-o na boca. Em seguida, pegou outra caixinha cheia de pauzinhos e esfregou um deles no lado. O pauzinho se incendiou, ele acendeu com ele a ponta do cilindro e inalou a fumaça.

Ficamos olhando.

— Isso é um ritual cristão? — perguntou Helgi.

— Não, não... — Um sorriso leve e desapontado arqueou seus lábios. — Achei que iriam ficar surpresos ou levariam um susto.

— Isso é novo para nós — admiti —, mas, na Islândia, somos pessoas reservadas. Esses pauzinhos de fogo podem ter muita utilidade. Veio aqui para vendê-los?

— Infelizmente, não — suspirou ele. A fumaça que inalava parecia acalmá-lo, o que era estranho, pois a da sala fizera-o tossir e lacrimejar. — Na verdade, vocês não acreditariam no que aconteceu. Eu próprio mal acredito.

Esperamos. Thorgunna, de pé, inclinou-se um pouco para a frente, de lábios entreabertos.

— Aquele raio... — começou Gerald, balançando a cabeça com ar cansado.

— Eu estava na tempestade e, de algum modo, o raio deve ter me atingido da maneira certa, uma maneira que só ocorre uma vez em milhares de anos. E me atirou de volta ao passado.

Essas foram as palavras dele, padre. Não entendi e confessei que não havia entendido.

— Realmente, é difícil — concordou Gerald. — Queira Deus que eu esteja apenas sonhando. Mas, se isto for um sonho, devo suportá-lo até acordar... Olhem, nasci mil novecentos e trinta e três anos depois de Cristo numa terra a oeste que vocês ainda não descobriram. Aos 24 anos, eu estava na Islândia com a hoste de meu país. O raio me atingiu, estamos agora a menos de mil anos depois de Cristo e, no entanto, eis-me aqui... quase mil anos antes de nascer!

Permanecemos sentados, sem dizer nada. Fiz o sinal do Martelo e bebi um longo trago de meu chifre. Uma das criadas suspirou e Ragnhild murmurou tão precipitadamente que pude ouvi-la:

— Fiquem quietos. O pobrezinho perdeu o juízo. Convém ter cuidado com ele.

Achei que ela estava certa, pelo menos na última parte. Os deuses às vezes falam pela boca de um louco e os deuses nem sempre merecem crédito. Ele pode perder o controle ou ficar sob pesada maldição, capaz de nos atingir também.

Gerald, de ombros caídos, olhava para o nada, absorto. Apanhei algumas pulgas e esmaguei-as, enquanto refletia. Ele viu o que eu fazia e perguntou, horrorizado, se havia muitas pulgas por aqui.

— Mas é claro — respondeu Thorgunna. — Nenhuma o atacou?

— Não. — Sorriu zombeteiramente. — Ainda não.

— Ah — suspirou ela —, então você *deve* estar doente.

Era uma moça sensata. Notei que refletia, e Ragnhild e Helgi notaram também. Obviamente, de um homem enfermo a ponto de não ser atacado por pulgas só se pode esperar que delire. Talvez devêssemos ter medo de contrair sua doença, mas achei que isso seria muito improvável; o mal dele estava na

cabeça, talvez em consequência de uma pancada. De qualquer modo, o problema estava agora diante de nós e precisávamos encará-lo.

Sendo eu um *godi*, um chefe encarregado dos sacrifícios, não me cabia mandar um estranho embora. Além disso, se ele trouxesse um pouco daqueles pauzinhos de fogo, um negócio lucrativo poderia ser criado no lugar. Então, recomendei a Gerald que fosse dormir. Gerald protestou, mas nós o levamos para a cama e ele, cansado, logo adormeceu. Thorgunna se prontificou a cuidar do hóspede.

Ao anoitecer, pensei em sacrificar um cavalo, tanto como agradecimento pela madeira recolhida quanto para expulsar qualquer maldição que o estranho houvesse trazido consigo. Além disso, o animal que escolhi era velho e imprestável, e nós precisávamos de carne. Gerald havia passado a manhã vagueando tristonho pelo pátio, mas, quando voltei ao meio-dia para comer, encontrei-o conversando e rindo com minha filha.

— Parece que você já está recuperando a saúde — observei.

— Oh, sim. Poderia... ser bem pior. — Sentou-se ao meu lado, os servos armaram a mesa de cavalete e as criadas trouxeram a comida. — Conheço bem a era dos *vikings* e tenho algumas habilidades.

— Ótimo — disse eu. — Se não tiver para onde ir, podemos mantê-lo aqui por algum tempo.

— Posso trabalhar — propôs ele, entusiasmado. — Farei jus ao meu salário.

Concluí então que o homem vinha mesmo de longe, pois qual chefe trabalharia em uma terra que não fosse a sua e, ainda por cima, em troca de pagamento? No entanto, Gerald parecia uma pessoa bem-nascida e, sem dúvida, comeria satisfatoriamente a vida inteira. Ignorei o fato de não ter me trazido presentes; afinal, era um náufrago.

— Talvez possa voltar para seus Estados Unidos — sugeriu Helgi. — Alugaríamos um barco. Estou louco para conhecer esse reino.

— Não — objetou Gerald, em tom desolado. — Esse lugar não existe. Ainda.

— Continua alimentando a ideia de que veio do amanhã? — grunhiu Sigurd. — Ideia maluca. Passem o porco.

— Continuo — replicou Gerald. Acalmara-se. — E posso provar o que digo.

— Não entendo como pode falar nossa língua, se veio de tão longe — observei. Nunca chamo ninguém de mentiroso na cara, exceto quando estamos brincando. Mas...

— Falamos de modo diferente em minha terra e época — explicou ele. — Contudo, na Islândia, a língua mudou pouco desde os velhos tempos, e, como meu trabalho me obrigava frequentemente a conversar com as pessoas, aprendi-a ao chegar aqui.

— Sendo cristão — disse eu —, não se oporá a que façamos um sacrifício esta noite?

— Não, não tenho nada contra isso — assegurou ele. — Acho mesmo que nunca fui um bom cristão. Até gostaria de ver. Como se faz?

Expliquei-lhe que abateria o cavalo a marteladas diante do deus, cortaria sua garganta e espalharia o sangue em volta com ramos de salgueiro; depois, retalharia a carcaça e festejaríamos. Ele se apressou a dizer:

— Eis minha chance de provar quem sou. Tenho uma arma que matará o cavalo como um raio.

— Que arma? — indaguei, surpreso. Juntamo-nos ao redor dele enquanto Gerald tirava da bainha o bastão de metal e o exhibia para nós. Não acreditei muito; aquilo parecia suficiente para machucar um homem, sem dúvida, mas não tinha corte, embora houvesse sido forjado por um ferreiro muito habilidoso.

— Bem, tentemos — propus. O senhor já viu, padre, que na Islândia não nos preocupamos em seguir os ritos com tanta exatidão quanto nos países mais velhos.

Gerald mostrou-nos o que mais tinha nos bolsos. Umas moedas notavelmente redondas e finas, mas não de prata ou ouro verdadeiros; uma

chave minúscula; um bastãozinho com carvão para escrever; uma bolsa chata contendo inúmeros pedaços de papel desenhados. Quando nos disse, com toda a seriedade, que aqueles papéis eram dinheiro, a própria Thorgunna começou a rir. O melhor de tudo era uma faca cuja lâmina se dobrava e se encaixava no cabo. Ao perceber que eu admirava aquela arma, deu-a de presente a mim, o que era muito para um náufrago. Prometi-lhe em troca roupas e um bom machado, além de alojamento pelo tempo necessário.

Não, não tenho mais a faca. Já vai saber por quê. É uma pena, pois era uma ótima faca, embora pequena.

— O que você fazia antes que a flecha da guerra fosse disparada em sua terra? — perguntou Helgi. — Era um mercador?

— Não — respondeu Gerald. — Era um... *endjinur*... ou melhor, estava aprendendo a ser. Um homem que constrói coisas como pontes, estradas, ferramentas... Mais que um artesão. Por isso, acho que meu conhecimento pode ser de grande valor aqui. — Vi um brilho intenso em seus olhos. — Sim, deem-me tempo e serei rei.

— Não temos reis na Islândia — disse eu. — Nossos antepassados vieram para cá justamente porque queriam se ver livres deles. Agora nos reunimos no conselho para julgar e promulgar novas leis, mas cada homem deve se comportar da melhor maneira possível.

— Suponhamos, porém, que o culpado não se submeta? — perguntou ele.

— Então pode haver uma boa briga — atalhou Helgi, passando a relatar algumas das mortes ocorridas em anos anteriores. Gerald, inquieto, correu os dedos por seu *revólver*. Era assim que chamava seu cilindro cuspidor de fogo. Tentou se reanimar contando uma anedota sobre o fato de, agora, poder chamar aquilo de revólver e não de outra coisa. A conversa me cheirava a feitiçaria, por isso, a fim de mudar de assunto, pedi a Helgi que parasse de falar em assassinatos como se estes fossem apenas um esporte. Um país tem de se construir com leis.

— Suas roupas são ricas — observou Thorgunna. — As pessoas, no lugar de onde vem, devem possuir muita terra.

— Não — disse ele. — Nosso... nosso rei dá a cada homem da hoste roupas

como estas. Minha família não possui terras e alugamos uma casa num prédio onde muitas outras também moram.

Não costumo me gabar do que tenho, mas achei que ele não havia sido honesto, aquele homem sem terras que se sentava a meu lado como um grande chefe. Thorgunna calou meus escrúpulos dizendo:

— Um dia você terá sua fazenda.

Após o crepúsculo, dirigimo-nos ao santuário. Os servos haviam acendido uma fogueira diante dele e, quando abri a porta, foi como se o Odin de madeira desse um pulo. Minha casa sempre o invocou de preferência aos outros deuses. Gerald sussurrou para minha filha que a imagem fora muito mal feita e, como era obra de meu pai, fiquei ainda mais irritado com ele. Certas pessoas não entendem nada de arte.

Ainda assim, permiti que ele me ajudasse a levar o cavalo até a pedra do altar. Peguei o balde para o sangue e disse-lhe que podia matar o animal, se quisesse. Gerald ergueu a arma, encostou a ponta atrás da orelha do cavalo e disparou. Ouvimos um estalo e o animal, estremecendo, caiu com os miolos jorrando por um buraco na cabeça. Uma arma inteligente. Senti um cheiro forte e amargo, como o expelido pelos vulcões. Todos demos um salto para trás, uma das mulheres gritou e Gerald pareceu muito satisfeito. Recuperei o controle e terminei devidamente o sacrifício. Gerald não gostou nada do sangue que havia espirrado sobre ele, pois era cristão. E também mal provou da sopa e da carne.

Depois, Helgi o sondou sobre a arma e ele disse que ela podia matar um homem à distância de um tiro de arco, mas não havia feitiçaria alguma naquilo, apenas o emprego de certos truques que não conhecíamos. Tendo ouvido falar no fogo grego, acreditei. O tal revólver podia ser útil numa luta, como eu iria descobrir, mas não parecia nada prático — o ferro é caro e seriam necessários meses para forjar cada arma.

O que mais me preocupava era o próprio homem.

Na manhã seguinte, encontrei-o dizendo a Thorgunna uma série de tolices sobre seu país: casas altas como montanhas, carroças que voam ou andam sem cavalos. Afirmou que moravam oito ou nove milhões de pessoas em sua

cidade, um burgo chamado Nova Jorvik ou coisa assim. Gosto de pilhérias como qualquer um, mas aquilo era demais e, de cara feia, pedi-lhe que fosse comigo buscar algumas reses desgarradas.

Depois de um dia inteiro de andança pelos montes, descobri que Gerald mal conseguia distinguir a proa da popa de uma vaca. Já íamos reunir os animais perdidos quando ele, estupidamente, correu em direção à manada e espantou-a, de modo que tivemos de começar tudo de novo. Perguntei-lhe, educadamente, se ele sabia tirar leite, tosquiar, ceifar ou debulhar — e ele confessou que não, que nunca vivera numa fazenda.

— Isso é vergonhoso — observei —, pois todas as pessoas na Islândia sabem, exceto os bandidos.

Gerald enrubesceu ao ouvir essas palavras.

— Posso fazer outras coisas — replicou ele. — Dê-me algumas ferramentas e vou lhe mostrar como se trabalha em metal.

Acalmei-me, pois, verdade seja dita, ninguém em minha casa era bom ferreiro.

— Esse é um ofício honroso — reconheci — e você pode ser de muita utilidade. Tenho uma espada partida e várias pontas de lança amassadas, que precisam de reparos. Também não seria má ideia fazer ferraduras para os cavalos. — Sua desculpa de que não sabia ferrar um animal não me desanimou muito na ocasião.

Conversando, chegamos em casa, e Thorgunna saiu ao nosso encontro, furiosa.

— Não se trata assim um hóspede, pai — rugiu ela. — Fazê-lo trabalhar como um servo!

Gerald sorriu.

— Não me importo de trabalhar — disse ele. — Preciso apenas de... um salário, algo para me deixar mais entusiasmado. E quero também retribuir em parte sua generosidade.

Essas palavras me agradaram e garanti-lhe que ele não tinha culpa se as coisas eram diferentes nos Estados Unidos. No dia seguinte poderia começar na forja e eu o pagaria como a qualquer outro, pois os artesãos têm seu mérito. Isso lhe valeu olhares atravessados do pessoal da casa.

À noite, ele nos entreteve com histórias de sua terra; verdadeiras ou não, foram agradáveis de ouvir. No entanto, o coitado não tinha nenhum refinamento, sendo incapaz de compor um verso sequer. As pessoas devem ser muito toscas e atrasadas nos Estados Unidos. Contou que sua tarefa na hoste era manter a ordem entre as tropas. Helgi observou que nunca ouvira falar nisso e que só uma pessoa muito corajosa se atreveria a ofender tanta gente; mas Gerald explicou que os homens o obedeciam por medo do rei. Quando disse que o serviço militar nos Estados Unidos durava dois anos e que os soldados podiam ser convocados para a guerra mesmo em época de colheita, eu me declarei contente por ele estar longe de um país sujeito a um rei tão desumano e poderoso.

— Não — rebateu nosso hóspede, com ar saudoso —, somos um povo livre, que diz o que quer.

— Mas parece que não faz o que quer — disse Helgi.

— Bem — continuou Gerald —, não podemos trucidar um homem só porque ele nos ofende.

— Nem mesmo quando mata um de seus parentes? — estranhou Helgi.

— Não. Cabe... cabe ao rei se vingar em benefício do povo inteiro, cuja paz foi abalada.

Ri baixinho.

— Suas histórias são bem elaboradas — falei —, mas agora você meteu os pés pelas mãos. Como poderia um rei dar conta de todas as mortes e ainda por cima vingá-las? Ele não teria tempo sequer para gerar um herdeiro!

Gerald não pôde dizer mais nada por causa dos risos que se seguiram.

No dia seguinte ele foi para a forja, com um servo encarregado de acionar os foles. Eu fiquei fora até a noite, em Reykjavik, negociando com Hjalmar

Narigudo alguns carneiros. Convidei-o a pernoitar em minha casa e voltamos com seu filho Ketill, um jovem de cabelos ruivos e mal-encarado de vinte invernos que fora recusado por Thorgunna.

Encontrei Gerald sentado na sala, com ar tristonho. Vestia as roupas que eu havia lhe dado, já que as suas ficaram inutilizadas por causa das cinzas e fagulhas. Mas o que queria ele, o tolo? No momento, conversava em voz baixa com minha filha.

— Muito bem — disse eu, entrando. — Como foi o trabalho?

Meu servo Grim riu, desdenhoso.

— Estragou duas pontas de lança, mas conseguimos apagar o fogo antes que a forja inteira se incendiasse.

— Como assim? — berrei. — Você disse que era ferreiro!

Gerald se levantou, arrogante.

— Eu trabalhava com ferramentas diferentes, e melhores, em minha terra — replicou. — Vocês fazem tudo de outra maneira, aqui.

Contaram-me que ele acendera um fogo muito forte; seu martelo batia em todos os lugares, menos onde devia; e arruinara a têmpera do aço por não saber quando retirá-lo das chamas. Os ferreiros levam anos para dominar o ofício, é claro, mas aquele fora, se tanto, um aprendiz.

— Está bem — resmunguei. — Então o que você pode fazer para ganhar seu pão? — Aborrecia-me passar por tolo diante de Hjalmar e Ketill, a quem eu havia falado sobre o estranho.

— Só Odin sabe — zombou Grim. — Levei-o comigo para buscar as cabras e nunca vi cavaleiro pior. Perguntei-lhe se poderia fiar ou tecer e ele respondeu que não.

— Que pergunta para se fazer a um homem! — zangou-se Thorgunna. — Ele deveria tê-lo matado por isso.

— Sem dúvida — concordou Grim, rindo. — Mas deixem-me terminar. Achei que iríamos consertar a ponte sobre o fosso. Bem, ele consegue manejar, muito mal, uma serra, mas quase arrancou o próprio pé com a enxó.

— Nós não usamos essas ferramentas, já lhes disse! — Gerald cerrou os punhos e parecia prestes a chorar.

Pedi que meus convidados se sentassem.

— Suponho que não saiba também matar e defumar um porco — disse eu.

— Nem salgar um peixe ou cobrir um telhado.

— Não — confessou ele com voz quase inaudível.

— Mas então, homem, o que sabe fazer?

— Eu... — Não conseguia achar as palavras.

— Você era um guerreiro — atalhou Thorgunna.

— Sim, isso eu era! — exclamou ele, com expressão mais animada.

— Profissão de pouco uso na Islândia quando não se tem outras habilidades — resmunguei. — Mas talvez, se for para as terras do leste, algum rei o admita em sua guarda. — Eu próprio duvidava disso, pois um guarda precisa ter maneiras que deem crédito a seu senhor. Mas me faltou coragem para dizer o que pensava.

Ketill Hjalmarsson claramente não havia gostado do modo como Thorgunna, de pé ao lado de Gerald, falara em sua defesa. Olhou-o de lado e disse:

— Duvido até de sua habilidade na luta.

— Para isso fui treinado — replicou Gerald, orgulhoso.

— Aceitaria lutar comigo? — propôs Ketill.

— Com muito prazer! — respondeu Gerald.

Padre, o que deve pensar um homem? Quanto mais envelheço, mais acho que a vida não se resume ao bom e mau, ao preto e branco, como vocês ensinam. Todos somos de um certo tom de cinza. Aquele imprestável, aquele desajeitado a quem se podia perguntar se fazia serviços de mulher sem receio de que ele brandisse o machado, foi para o pátio com Ketill Hjalmarsson e derrubou-o três vezes. Usou um truque de agarrar as roupas de Ketill quando este o atacava... Mandeí que parassem quando vi o rapaz a ponto de explodir de raiva, elogiei os dois e mandei encher os chifres de cerveja. Mas Ketill passou a noite toda sentado no banco, de cara amarrada.

Gerald insinuou que poderia fabricar uma arma como a sua, porém maior — um *canhão*, disse ele —, capaz de afundar navios e dispersar hostes. Mas

precisaria da ajuda de ferreiros e de muitas coisas. Carvão era fácil e enxofre existia perto dos vulcões; mas o que seria o tal salitre?

Já cauteloso, perguntei-lhe a sós como fabricaria aquela arma. Sabia como misturar o pó? Não, admitiu ele. Qual seria o tamanho do canhão? Quando ouvi que deveria ter pelo menos o tamanho de um homem, ri e indaguei como se poderia fundir ou perfurar uma peça tão grande, supondo-se possível juntar tamanha quantidade de ferro. A isso ele também não soube o que responder.

— Vocês não têm as ferramentas para fabricar as ferramentas para fabricar as ferramentas — justificou-se Gerald. Não entendi o que ele queria dizer. — Por Deus, não posso compensar sozinho mil anos de história!

Pegou seu último bastãozinho de fumaça e acendeu-o. Helgi havia antes tentado tirar uma baforada e se engasgara, mas continuou amigo de Gerald. Meu filho propôs então arranjar um barco de manhã e ir com ele e comigo ao Ice Fjord, onde eu tinha um dinheiro a receber. Hjalmar e Ketill se prontificaram a ir conosco e Thorgunna implorou para nos acompanhar.

— Má ideia — resmungou Sigurd. — Os gigantes não gostam de mulheres a bordo. Dá azar.

— E como seus pais as trouxeram para esta ilha? — zombei.

Hoje, lamento não tê-lo ouvido. Sigurd não era um sujeito muito inteligente, mas às vezes sabia o que dizia.

Na época, eu tinha participação num navio que viajava para a Noruega a fim de trocar lã por madeira. O negócio ia bem até que o navio foi atacado por *vikings* nos dias do conflito que opôs Olaf Tryggvason a Jarl Haakon naquele país. Certas pessoas não querem ganhar a vida com trabalho — ladrões e assassinos devem ser enforcados, pois de nada valem esses bandidos que atormentam os honestos mercadores. Se essa gente tivesse coragem ou honra, iria para a Irlanda, onde o que não falta é pilhagem.

O navio estava no mar, mas nós tínhamos três barcos e escolhemos um deles. Grim completou o grupo, composto por mim, Helgi, Hjalmar, Ketill, Gerald e Thorgunna. Notei que o naufrago se arrepiou todo por causa da água

fria, quando lançamos o barco, e depois tirou os sapatos e as meias para secar os pés. Ele ficara surpreso ao saber que tomávamos banho — pensava acaso que fôssemos selvagens? —, mas, delicado como uma moça, preferiu ficar longe de nós.

Com vento favorável, içamos o mastro e a vela. Gerald tentou ajudar, mas, é claro, não distinguia uma corda da outra e acabou embarçando-as. Grim arreganhou-lhe os dentes e Ketill riu, maldoso. Mas logo que o barco se estabilizou, ele veio se sentar ao meu lado, junto ao remo de direção que eu manobrava.

Devia ter refletido por muito tempo, pois disse com cautela:

— Em minha terra eles usam... vão usar... mastreação e leme melhores que os seus. Graças a eles, é possível navegar até contra o vento.

— Ah, o sábio marinheiro está nos dando instruções — ironizou Ketill.

— Cale a boca — repreendeu Thorgunna. — Deixe Gerald falar.

O náufrago lançou-lhe um olhar de humilde gratidão e eu me dispus a ouvir.

— E isso pode ser feito com a maior facilidade — garantiu ele. — Embora não seja marinheiro, já estive em botes assim e conheço-os bem. Primeiro, a vela não deve ser quadrada nem pender das extremidades da verga, mas triangular, com as duas pontas inferiores amarradas a uma tábua, presa ao mastro, que gire para a frente e para trás. Tem de haver também duas velas menores e do mesmo formato. Além disso, seu remo de direção está no lugar errado. Você deveria instalar um leme na popa, manobrado por uma cana. — Entusiasmado, fez o desenho com a unha no manto de Thorgunna. — Com esses dois apetrechos e uma quilha que mergulhe cerca de um metro para um barco deste tamanho, ele poderá avançar contra o vento... assim.

Bem, padre, reconheço que a ideia tem lá seus méritos e, se não fosse pelo medo do azar — pois ele era azarado em tudo —, eu até poderia tentar pô-la em prática. Mas as desvantagens eram óbvias e enumerei-as ponderadamente.

— O principal defeito — comecei — é que esse leme e essa quilha profunda não permitiriam arrastar o barco para a praia nem navegar por um rio raso. Talvez em sua terra haja muitos ancoradouros, mas, aqui,

precisamos aportar onde seja possível e sair para a água o mais rápido que pudermos caso ocorra um ataque.

— A quilha pode ser construída de modo a se recolher para dentro do casco — explicou ele —, com uma caixa em volta a fim de evitar a entrada da água.

— E como você evitaria que a quilha apodrecesse? — perguntei. — Não, a quilha teria de ser fixa e pesada para o barco não virar ao peso de tantas velas. E isso significa ferro ou chumbo, que custam muito caro. Além do mais — continuei —, não seria nada fácil baixar o mastro quando o vento amainasse e os remos entrassem em ação. Por fim, com esse formato, as velas seriam tão difíceis de esticar quanto o toldo que usamos para dormir no convés.

— O navio poderia permanecer ao largo e vocês iriam para terra em botes — disse ele. — E poderiam também construir cabinas para dormir a bordo.

— As cabinas ficariam no caminho dos remos — contestei —, a menos que o navio fosse exageradamente largo ou os remadores se sentassem embaixo do convés. Ouvi dizer que os escravos de galeras fazem isso nas terras do sul, mas homens livres jamais remariam em tais condições.

— E vocês precisam de remos? — perguntou ele, como uma criança.

Risos explodiram em toda a extensão do barco. As próprias gaivotas, voando para estibordo quando a costa escureceu, gritaram sua zombaria.

— Na terra de onde você veio existem ventos domesticados? — pilheriou Hjalmar. — Que acontece quando a calmaria sobrevém por dias a fio e a comida começa a escassear...

— Vocês poderiam construir um navio bem grande, que levasse provisões para semanas — atalhou Gerald.

— Poderíamos, se fôssemos ricos como um rei — disse Helgi. — E um navio desse tamanho, flutuando indefeso em mar calmo, seria logo atacado por enxames de *vikings* daqui até Jomsborg. Quanto a deixá-lo ao largo enquanto desembarcássemos, que abrigo encontraríamos ou que defesa teríamos caso fôssemos surpreendidos em terra?

Gerald deixou cair os ombros. Thorgunna lhe disse docemente:

— Certas pessoas não têm imaginação para coisas novas. Eu acho sua ideia

muito boa.

Gerald sorriu para ela, um sorriso melancólico, e animou-se a explicar alguma coisa sobre a maneira de encontrar o norte em tempo nublado; afirmou que uma espécie de pedra sempre aponta para o norte quando suspensa de um barbante. Confessei-lhe estar interessado em que ele encontrasse para mim uma pedra dessas; ou, se ele soubesse onde encontrá-la, eu poderia pedir a um mercador que me trouxesse um pedaço. Isso, porém, Gerald não sabia e ficou em silêncio. Ketill abriu a boca, mas recebeu um olhar tão furioso de Thorgunna que se apressou a fechá-la. Entretanto, a expressão de seu rosto dizia bem que achava Gerald um mentiroso.

O vento virou, de modo que baixamos o mastro e pegamos os remos. Gerald era forte e disposto, embora desajeitado, e tinha as mãos tão finas que logo começaram a sangrar. Pedi-lhe então que descansasse, mas ele insistiu em prosseguir.

Vendo-o ir para a frente e para trás ao rangido monótono do encaixe do remo, cujo cabo estava vermelho e úmido, comecei a pensar a seu respeito. Fizera tudo o que um homem pode fazer de errado — assim eu pensava então, sem conhecer o futuro — e não me agradava nada o modo como os olhos de Thorgunna se fixavam nele. Não era homem para minha filha: sem terras, sem dinheiro e perdido no mundo. No entanto, eu não conseguia deixar de gostar daquele estranho. Quer suas histórias fossem verdadeiras ou pura insanidade, sentia que meu hóspede era honesto ao contá-las; e, seguramente, o modo como viera parar aqui dava o que pensar. Notei, em seu queixo, os cortes feitos por minha navalha; ele dissera que não estava acostumado ao nosso modo de fazer a barba e por isso a deixaria crescer. Esforçava-se por se adaptar. Perguntei-me o que eu próprio faria naquele país enfeitado de seus sonhos, com um abismo eterno entre mim e minha casa.

Foi esse mesmo feitiço, sem dúvida, que tocou o coração de Thorgunna. As mulheres são uma raça complicada, padre, e o senhor, que nunca as teve, talvez as entenda tanto quanto eu, que dormi com umas cinquenta em seis países diferentes. Acho até que as próprias mulheres não se entendem.

Nascimento, vida e morte são os grandes mistérios; ninguém consegue resolvê-los, mas as mulheres estão mais perto deles do que os homens.

O vento adverso começou a soprar mais forte, o mar ficou cinzento e grosso sob um céu baixo, carregado de nuvens densas. Avançávamos com dificuldade. Ao crepúsculo, já não conseguíamos remar e tivemos de entrar numa pequena baía deserta, onde acampamos da melhor maneira possível na praia.

Trouxéramos lenha e troncos. Gerald, embora exausto, mostrou-se útil, pois seus pauzinhos de enxofre acendiam o fogo melhor que pederneira e aço. Minha filha pôs-se a preparar nossa comida. O barco não nos protegia bem de um vento insinuante e queixoso; o manto de Thorgunna esvoaçava como asas e seu cabelo refulgia à luz das chamas. Era a estação das noites claras, com o céu de um azul opaco e sombrio, o mar semelhante a uma chapa de metal encrespado e a terra mais parecida a uma imagem saída das brumas de um sonho. Nós homens nos envolvemos em nossos próprios mantos, com as mãos entorpecidas buscando o calor do fogo e sem dizer quase nada.

Achei que precisávamos de algum estímulo e ordenei abrir um barril de minha melhor cerveja forte. Uma Norna perversa me induziu a fazer isso, mas nenhum homem escapa ao seu destino. Nossas barrigas pareciam mais vazias ainda agora que sentíamos o cheiro da carne assada e a cerveja subia rapidamente para nossas cabeças. Lembro-me de ter declamado o poema fúnebre de Ragnar dos Calções Peludos apenas pelo gosto de declamar.

Thorgunna foi para junto de Gerald quando ele se sentou. Vi seus dedos acariciarem de leve os cabelos dele e Ketill Hjalmarsson viu também.

— Vocês não têm versos em sua terra? — perguntou ela.

— Não como os daqui — respondeu ele, erguendo os olhos. E lá ficaram os dois se olhando. — Nós cantamos em vez de salmodiar. Gostaria de ter comigo minha *guitarra*... uma espécie de harpa.

— Ah, um bardo irlandês! — exclamou Hjalmar Narigudo.

Lembro-me estranhamente bem do sorriso de Gerald e das palavras que disse em sua própria língua, que não entendi:

— *Apenas pelo lado materno, graças a Deus.* — Acho que era uma

fórmula mágica.

— Então cante para nós — pediu Thorgunna, rindo.

— Deixem-me pensar — disse ele. — Preciso pôr a canção em norueguês para vocês entenderem. — Após alguns instantes, sempre olhando para ela à luz do crepúsculo, começou a cantar. A música me agradou. Era assim:

Deste vale, contaram-me, vais partir.

Sentirei saudade de teus olhos brilhantes e de teu sorriso doce.

Levarás contigo a luz do sol

Que sempre iluminou minha vida.

Do resto, só me lembro que não era muito decente.

Quando ele terminou, Hjalmar e Grim foram ver se a comida estava pronta. Percebi um brilho de lágrimas nos olhos de minha filha.

— Foi lindo — murmurou ela.

Ketill endireitou os ombros. As chamas espalhavam por seu rosto uma vermelhidão feroz e cambiante. Disse num tom ameaçador:

— Sim, agora sei o que esse sujeito sabe fazer. Sentar-se e entoar belas canções para as garotas. Empregue-o para isso, Ospak.

Thorgunna empalideceu e Helgi levou a mão ao cabo da espada. O rosto de Gerald ficou sombrio e sua voz, grave:

— Retire o que disse. Isso não é maneira de falar.

Ketill se levantou.

— Não — retrucou. — Não pedirei perdão a quem vive à custa de gente honesta.

Estava perturbado, mas teve o bom senso de só ofender Gerald e não minha família. De outro modo, ele e seu pai precisariam se haver com nós quatro. Gerald se levantou também, com os punhos cerrados nos quadris, e disse:

— Que tal se nos afastássemos para resolver essa questão?

— Com muito prazer! — Ketill se virou, caminhou alguns passos na direção da praia e tirou seu escudo do barco. Gerald seguiu-o. Thorgunna permaneceu imóvel, depois agarrou seu machado e correu atrás dele.

— Vai lutar sem armas? — gritou.

Gerald estacou, confuso.

— Não preciso disso — respondeu. — Punhos...

Ketill respirou fundo e puxou a espada.

— Sem dúvida, vocês estão acostumados a brigar como malfeitores em sua terra — rugiu ele. — Se me pedir perdão, esquecerei tudo.

Gerald continuou parado, de ombros caídos. Olhou para Thorgunna como se estivesse cego, como se lhe perguntasse o que devia fazer. Ela lhe entregou o machado.

— Então quer que eu o mate? — perguntou Gerald.

— Sim — respondeu Thorgunna.

Concluí que minha filha o amava, pois, do contrário, não iria ligar se ele se desgraçasse.

Helgi entregou-lhe seu elmo. Ele o colocou, pegou o machado e deu um passo à frente.

— Isso é mau — disse-me Hjalmar. — Está torcendo pelo estranho, Ospak?

— Não — respondi. — Ele não é meu parente nem irmão de fé. Não tenho nada a ver com essa briga.

— Ótimo — disse Hjalmar. — Não gostaria de lutar com você. Sempre foi um bom vizinho.

Afastamo-nos alguns passos. Thorgunna sugeriu que eu desse minha espada a Gerald, para que ele a usasse como escudo, mas o homem me lançou um olhar estranho e disse que se contentava com o machado. Os dois se postaram um diante do outro e começaram a lutar.

Aquilo não era um duelo com regras e sequência fixa de golpes, a terminar com o primeiro sangue. Gerald e Ketill traziam a morte nos olhos. Embora estivéssemos todos bêbados, percebemos isso e não tentamos reconciliá-los. Ketill se precipitou brandindo a espada. Gerald recuou, manejando o machado sem muito jeito. O golpe foi parar no escudo de Ketill. O jovem riu e mirou as pernas do adversário, cujas calças ficaram manchadas de sangue.

O que se seguiu foi um massacre. Gerald nunca tinha usado um machado

antes. Virou-o de lado e golpeou de chapa. Teria sido derrubado imediatamente se a espada de Ketill não encontrasse seu elmo e ele não se esquivasse rápido. Ainda assim, logo estaria trespassado por uma dúzia de golpes.

— Parem a luta! — gritou Thorgunna; e correu para eles. Helgi segurou-a pelos braços e obrigou-a a voltar. Ela ficou se debatendo e dando pontapés, até que Grim se precipitou para ajudar. Vi sofrimento nos olhos de meu filho, mas um brilho feroz nos de meu servo.

A lâmina de Ketill desceu e atingiu a mão esquerda de Gerald, que largou o machado. Ketill, rugindo, se preparou para acabar com ele. Gerald sacou sua arma. Um clarão e um estampido. Ketill caiu, sangrando. Sua mandíbula inferior fora estraçalhada e a parte inferior de seu crânio desaparecera.

Fez-se silêncio. Só se ouviam o vento e o mar.

Então Hjalmar se adiantou, movendo automaticamente a boca, mas com o resto do corpo inteiramente sob controle. Ajoelhou-se e fechou os olhos do filho, para mostrar que o direito de vingança lhe pertencia. Em seguida, pôs-se de pé e disse:

— Você praticou uma má ação. Por isso, é agora um fora da lei.

— Não foi feitiçaria — justificou-se Gerald, ainda atordoado. — Foi... como um arco. Não tive escolha. Só queria lutar com os punhos.

Coloquei-me entre os dois ponderando que as autoridades decidiriam a questão, mas que, a meu ver, Hjalmar deveria ser indenizado pela morte de Ketill.

— Matei-o para salvar minha vida! — protestou Gerald.

— Ainda assim, a indenização deve ser paga, caso a família de Ketill a exija — expliquei. — Considerando-se a arma que você usou, talvez o valor seja dobrado, mas isso ficará a cargo das autoridades.

Hjalmar tinha vários outros filhos e, como Gerald não pertencia a uma família inimiga da sua, achei que ele iria aceitar. Mas o que fez foi rir desdenhosamente e perguntar onde um homem sem posses encontraria o dinheiro.

Thorgunna se levantou calmamente e disse que nós pagaríamos. Abri a

boca, mas, ao ver seus olhos, concordei:

— Sim, pagaremos para manter a paz.

— Então essa querela passa a ser sua? — perguntou Hjalmar.

— Não — respondi. — Esse homem não é do meu sangue. Mas se eu quiser lhe dar um dinheiro de presente para ele usar como bem entender, qual é o problema?

Hjalmar sorriu com tristeza, mas me lançou um olhar onde se percebia a velha camaradagem.

— No futuro ele pode vir a ser seu genro — disse. — Sei ler os sinais, Ospak. Então, entrará para sua família. E só o fato de ajudá-lo agora coloca você do lado dele.

— E daí? — indagou Helgi em voz baixa.

— E daí, embora eu valorize sua amizade, tenho filhos que se revoltarão com a morte do irmão. Vão querer se vingar de Gerald Samsson, nem que seja para preservar seu bom nome, nossas duas casas se dividirão e uma morte levará a outra. Isso já aconteceu muitas vezes. — Hjalmar suspirou. — Eu mesmo quero paz com você, Ospak, mas se tomar o partido desse assassino as coisas serão diferentes.

Refleti por um momento, pensando em Helgi estendido no chão com a cabeça partida e meus outros filhos saindo para vingá-lo por causa de um homem que nunca haviam visto. Pensei em ter de usar cota de malhas toda vez que fôssemos recolher madeira na praia e nunca saber se, ao acordar, a casa não estaria rodeada de lanceiros.

— Sim, você tem razão, Hjalmar. Retiro minha oferta. Que a querela fique só entre você e ele.

Apertamos as mãos.

Thorgunna deixou escapar um pequeno grito e correu para Gerald. Ele a estreitou nos braços.

— Que significa isso? — perguntou meu hóspede, lentamente.

— Não posso mantê-lo por mais tempo em minha casa — expliquei —, mas talvez algum arrendatário lhe dê abrigo. Hjalmar é um homem ordeiro e não o molestará até as autoridades o colocarem fora da lei, o que só ocorrerá

quando elas se reunirem no outono. Você poderá tentar sair da Islândia antes disso.

— Um imprestável como eu? — replicou ele, com amargura.

Thorgunna se soltou dos braços de Gerald e gritou que eu era um covarde, um perjuro e por aí além. Deixei que ela desabafasse e pousei as mãos em seus ombros.

— Faço isso por nossa casa — expliquei. — A casa e o sangue são sagrados. Homens morrem e mulheres choram, mas, enquanto a família vive, nossos nomes não são esquecidos. Quer que muitos sucumbam por causa de seus caprichos amorosos?

Ela não respondeu e até hoje não sei o que responderia. Mas Gerald interveio:

— Não. Acho que você está certo, Ospak... para o seu tempo, que não é o meu. — Apertou minha mão e a de Helgi. Seus lábios roçaram a face de Thorgunna. Afastou-se então e mergulhou nas sombras da noite.

Eu soube mais tarde que ele foi para a terra firme com Thorvald Hallsson, o arrendatário de Humpback Fell, e nunca lhe contou o que havia acontecido. Talvez esperasse passar despercebido até conseguir, de algum modo, achar acomodações num navio que se dirigisse para leste. Mas os boatos, é claro, se espalham. Ele se gabara de que, nos Estados Unidos, as pessoas possuem um instrumento com o qual podem conversar de um ponto a outro do país. Portanto, devia ter zombado de nós, sentados em nossa morada solitária, sem saber quão rapidamente as notícias correm por aqui. Hrolf, filho de Thorvald, veio a Brand Sealskin-Boots para tratar de um negócio e mencionou o hóspede. Logo, toda a parte ocidental da ilha estava a par da história.

Ora, se Gerald soubesse que devia relatar o assassinato no primeiro abrigo que encontrasse, ficaria seguro pelo menos até as autoridades se reunirem, pois Hjalmar e seus filhos são gente comedida, que só mataria alguém sob a proteção da lei. Mas, tal como as coisas se passaram, o fato de manter o caso em segredo fez dele um assassino e, conseqüentemente, um fora da lei.

Hjalmar e seus filhos correram a Humpback Fell para apanhá-lo. Gerald abriu caminho com sua arma e fugiu para as montanhas. Eles o seguiram, com algumas feridas e mais uma morte para vingar. Pensaria Gerald que a estranheza de sua arma nos assustava? Não deve ter entendido que todo homem morre quando sua hora chega, nem antes nem depois, e que, portanto, o medo da morte é uma tolice.

Por fim, encurralado, sua arma o desamparou. Serviu-se então da espada de um morto e se defendeu com tamanha bravura que até hoje Ulf Hjalmarsson não consegue andar direito. Ele se comportou bem, como seus próprios inimigos admitem. As pessoas, nos Estados Unidos, podem ser estranhas, mas coragem não lhes falta.

Trouxeram-no de volta, depois de morto. Por medo de seu fantasma, pois ele fora um feiticeiro, queimaram-no juntamente com tudo o que possuía. Assim, perdi a faca que meu hóspede havia me dado. O túmulo foi cavado no pântano e as pessoas o evitam, embora o fantasma nunca tenha saído de lá. Hoje, com tanta coisa acontecendo, quase ninguém se lembra dele.

Essa é a história, padre, tal qual a vi e ouvi. Para muita gente, Gerald Samsson era doido, mas eu agora acredito que ele veio mesmo de outra época e sua ruína foi o fato de nenhum homem poder colher antes da estação apropriada. No entanto, fico imaginando o futuro, daqui a mil anos, com as pessoas voando, viajando em carroças sem cavalos e pulverizando cidades inteiras de um só golpe. Penso na Islândia de então e nos jovens dos Estados Unidos vindo nos defender quando o fim do mundo estiver próximo. Talvez alguns deles, vagando nas imediações do pântano, descubram aquele túmulo e se perguntem que guerreiro antigo repousa ali. Talvez desejem mesmo ter vivido na época atual, em que os homens são livres.

R. A. LAFFERTY

Excêntricos, provocantes, repletos de personagens e incidentes bizarros, os contos estilisticamente pouco convencionais de R. A. Lafferty (1914—2002) pertencem tanto à tradição da farsa quanto à literatura fantástica ou de ficção científica. Lafferty começou a publicar ficção nos anos 1960 e se tornou figura de destaque na iconoclasta New Wave da ficção científica, onde suas variações aforísticas e ousadas sobre temas consagrados de ficção científica e fantasia cobriram o abismo entre ficção especulativa e ortodoxa. Estilista audacioso, Lafferty povoa suas histórias de trocadilhos e jogos de palavras que formam associações absurdas. O estilo de suas narrativas é também ousado e inclui uma mescla de sermões, charadas, versos de pé quebrado, epigramas, obras de referência inexistentes e textos de manuais. Ele escreveu sobre assuntos que vão de conspirações sobrenaturais a adolescentes transviados, revolucionários celestiais, folclore dos índios americanos, utopias, demônios e erotismo.

Em seus romances, gosta de elaborar corolários modernos para lendas e mitos clássicos. Space Chanty transpõe a história básica da Odisseia de Homero para uma movimentada ópera espacial. No ciclo Argos, que inclui Archipelago, The Devil Is Dead e Episodes of the Argo, Jasão e os Argonautas reencarnam como membros de um antigo regimento da Segunda Guerra Mundial. Em Past Master, sir Thomas More é transportado no tempo e espaço para o planeta Astrobe, onde se enreda nas intrigas da política local e padece sua aparentemente inevitável sina de morrer como mártir. A preocupação de Lafferty com os arquétipos religiosos e a batalha (às vezes, o conluio) entre o bem e o mal empresta a alguns de seus escritos um caráter místico.

Seus contos foram coligidos em Nine Hundred Grandmothers, Strange Doings, Does Anyone Else Have Something Further to Add? e várias outras coletâneas. Seus romances incluem The Reefs of Earth, Fourth Mansion, Annals of Klepsis e Arrive at Easterwine. Ele escreveu também um volume de ensaios sobre literatura fantástica, It's Down the Slippery Cellar Stairs. As entrevistas que deu estão reunidas em Cranky Old Man from Tulsa.

“Rainbird” é uma das primeiras histórias de R. A. Lafferty, mas já mostra as amplas influências que moldariam sua ficção futura. A ideia de voltar ao passado para “corrigir” enganos que seriam cometidos pela pessoa raramente foi explorada com tanta vivacidade e imaginação quanto na aventura de Rainbird e seu “retrogressor”. Lafferty, é claro, também tece um comentário oblíquo sobre o que pode acontecer quando alguém decide mexer demais com o passado.

RAINBIRD

R. A. LAFFERTY

SE OS FIGURÕES DA CIÊNCIA houvessem valorizado devidamente o inventor americano Higgston Rainbird, sem dúvida não haveria páreo para ele. No entanto, Rainbird é conhecido hoje (e apenas entre uns poucos especialistas, devo acrescentar) por um fole de ferreiro aperfeiçoado em 1785, por uma modificação (não muito importante) na aiveca do arado por volta de 1805, por um método melhor (mas não bom) de rizar a vela latina, por uma grelha de assar castanhas, pela Guarra-do-Diabo em Cunha para rachar lenha e por um ralador de noz-moscada mais seguro (invenção que data de 1816 ou 1817). É conhecido por isso, apenas.

Se Higgston não tivesse feito nada mais, sua fama estaria garantida. E *está* garantida, até certo ponto, para aqueles que gostam de se entreter com a história da tecnologia.

Mas a glória de que a história o privou, ou da qual ele próprio fez por onde se privar, é outra. Num sentido diferente, ela não tem paralelo, é absolutamente única.

Acontece que Higgston foi o pioneiro do dínamo, do carro a vapor, da indústria do aço, da construção em cimento armado, do motor de combustão interna, da energia e luz elétrica, do rádio, do telefone, da indústria petrolífera e petroquímica, do transporte por monotrilho, do avião, do monitoramento mundial, da fissão nuclear, das viagens espaciais, da telepatia em grupo, do equilíbrio político e econômico; construiu um retrogressor e fez grandes avanços em direção à imortalidade do corpo e da apoteose da humanidade. É injusto que nada disso lhe seja atribuído.

Mesmo fatos concretos — que ele instalou uma rede de energia elétrica na Filadélfia em 1799, em Boston no ano seguinte e em Nova York dois anos depois — já não são tão concretos assim. Eu diria mesmo: já não são fatos.

Para tudo isso deve haver uma explicação; se não uma explicação, pelo menos um relato; se não um relato... bem, alguma coisa, seja lá o que for.

Higgston Rainbird tomou uma decisão numa tarde de junho de 1779, quando ainda era muito jovem, e por ela confirmou sua vocação inventiva.

Estava caçando no alto do monte Cabeça do Diabo. Soltou seu falcão (na verdade, um macho de gerifalte) pelas nuvens abaixo: a seu ver, esse era o melhor esporte do mundo. A ave voltou, subindo pelo ar azul, trazendo lá de baixo, como passageiro, um pombo. Higgston se sentiu quase totalmente feliz enquanto encapuzava o falcão.

Poderia permanecer ali o dia inteiro, caçando acima das nuvens. Mas poderia também descer a montanha e voltar a seu trabalho com o acendedor na cabana. Suspirou ao tomar a decisão, pois não se pode ter tudo na vida. Caçar era fascinante; mas o acendedor de lâminas de cobre também era. Desceu, pois, a montanha para trabalhar em seu invento.

Daí por diante, caçou menos. Depois de vários anos, foi obrigado a abandonar por completo esse esporte. Havia escolhido um rumo na vida, a carreira dedicada do inventor, e nele permaneceu por sessenta e cinco anos.

Seu acendedor não fez sucesso. Custaria muito caro, sua fagulha era incerta e quase não tinha vantagem alguma sobre a pederneira. As pessoas sempre poderiam acender um fogo. Quando não, pediriam um tição para o vizinho. Não havia mercado para o acendedor. Entretanto, era uma bela máquina, chapas batidas de cobre sobre ferro imantado, acionada por uma manivela. Rainbird jamais desistiu dessa máquina, em que baseou outras invenções: o retrogressor de seus últimos dias não poderia ter sido feito sem ela.

O principal, porém, eram o vapor, o ferro e as ferramentas. Ele fabricou os melhores tornos possíveis. Revolucionou a mineração e a fundição. Extraiu energia de várias coisas, como por exemplo a fumaça. Cometeu erros, entrou em becos sem saída, perdeu décadas de esforço. Mas isso acontece com qualquer um.

Casou-se com uma bruxa, Audrey, sabendo que um homem precisa tanto de incentivo quanto de objetivo. Mas não publicava nada nem tinha discípulos, o que o aborrecia.

Construiu um barco, um trem e uma debulhadora a vapor. Limpou florestas com gigantes incendiários e projetou cidades. Acabou com a escravidão sulista graças a uma colheitadeira de algodão a vapor — riqueza e poder o acompanhavam.

Para o bem ou para o mal, colocou o país numa estrada longa, de sorte que quase nenhum costume de sua infância perdurou. Provavelmente, nenhum homem mudou tanto um país em vida.

Fundou uma autêntica indústria de máquinas operatrizes, trazendo borracha dos trópicos e plástico do laboratório. Extraiu petróleo e usou gás natural para iluminação e locomoção a vapor. Foi homenageado e enriqueceu; portanto, em retrospecto, ele não teria motivo nenhum para considerar sua vida um fracasso.

“Sim, perdi muita coisa. Desperdicei o tempo. Se pelo menos houvesse evitado os becos sem saída, poderia ter feito outro tanto várias vezes. Levei a mecânica ao ponto máximo. Infelizmente, negligenciei a melhor das ferramentas, a mente. Usei-a tal como era, mas não tive tempo de aperfeiçoá-la e muito menos de modificá-la. Outros depois de mim o farão. Eu, porém, é que gostaria de ter feito. Agora é tarde.”

Voltou ao antigo acendedor e seus descendentes, pois já estava velho. Fabricou brinquedos com base nele, que não precisariam permanecer brinquedos para sempre. Inventou um telefone, cuja única aplicação prática era que agora Audrey podia aborrecê-lo a distância. Montou um pequeno dínamo em casa, estendeu fios e conseguiu acender luzes em seu celeiro.

E construiu um retrogressor.

“Faria mais nessa linha se tivesse tempo. Mas sou um velho barrigudo já no fim da estrada. É como chegar a uma grande porta, avistar além dela um mundo ainda mais vasto e estar gagá demais para entrar.”

Chutou uma cadeira e quebrou-a.

“Nunca consegui sequer fazer uma cadeira melhor. Nem cheguei perto.

Tantas coisas que pretendia realizar! Talvez houvesse feito o país progredir duas décadas mais rápido, não fossem os malditos becos sem saída. Dez anos perdidos em um deles, doze em outro. Se pelo menos existisse uma maneira de tirar o verdadeiro do falso, deixar para os outros o que eles pudessem fazer e para mim o que ninguém mais faria! Descobrir um elo (por mais improvável que fosse), rastreá-lo e colocá-lo em seu devido lugar! Ah, o desperdício, a selva em que o talento pode se perder! Gostaria de pelo menos ter tido um mentor. Se dispusesse de um mapa, uma chave, um molho de chaves... Nasci inteligente; com inteligência, abri um caminho e fiz grandes coisas. Entretanto, havia um caminho mais fácil e mais rápido que só entrevi tarde demais. Não quero me chamar Rainbird se, podendo fazer tudo de novo, não o fizesse infinitamente melhor.”

Começou a rabiscar uma lista das coisas que teria feito melhor. Mas logo parou e pôs a pena de lado, aborrecido.

“Nem cheguei a inventar uma caneta-tinteiro decente. Não consegui. Com todos os diabos, quanta coisa deixei de realizar!”

Encheu um copo, mas fez uma careta ao beber.

“Também não destilei um uísque realmente superior. A esse respeito, tive algumas boas ideias. Mais uma coisa que não realizei, entre muitas. Bem, não vou melhorar nada ficando aqui falando sozinho.”

Sentou-se e começou a refletir.

“Mas posso melhorar muitas coisas falando sozinho sobre elas *lá*.”

Graças a seu retrogressor, voltou sessenta e cinco anos e subiu seiscentos metros.

Higgston Rainbird estava caçando no alto do monte Cabeça do Diabo numa tarde de junho de 1779. Soltou sua ave por entre as macias nuvens brancas — para ele, aquilo era de fato um esporte. Ela voltou, subindo pelo ar fracamente iluminado, e trouxe-lhe um pombo.

— Muito divertido — disse o velho. — O pássaro é duro, mas você tem mais o que fazer. Sente-se e escute, Higgston.

— Como sabe que o pássaro é duro? Quem é você e como alguém de sua idade pôde subir até aqui sem que eu o visse? E como, diabos me levem, sabe que meu nome é Higgston?

— Eu comi o pássaro e lembro-me de que era duro. Sou apenas um velho que deseja lhe dizer umas poucas coisas a evitar na vida e cheguei aqui graças a uma invenção minha. Sei que se chama Higgston porque eu também me chamo. Mas me esqueci qual dos dois deu nome ao outro. Aliás, qual de nós é o mais velho?

— Acho que você, meu caro. Interesse-me um pouco por invenções e gostaria de saber como funciona a que o trouxe aqui.

— Baseia-se em algo parecido a seu acendedor, Higgston. Com o passar dos anos, fui adaptando e acrescentando. Ele sofria a ação de um campo de força até que o encurvei um pouco. Você, com essas orelhas enormes, não é mais o sujeito bonitão de que me lembro, mas tem maneiras de gente fina. Agora escute como nunca escutou antes, pois acho que não conseguirei repetir. Vou economizar anos e décadas para você; vou lhe mostrar o melhor caminho para empreender uma jornada que, conforme se dizia outrora, um homem só pode empreender uma vez. Amigo, vou pavimentar a estrada para você nos piores trechos e estender folhas de palmeira a seus pés.

— Pois então fale, seu velho excêntrico e tagarela. Sou todo ouvidos.

O homem idoso conversou com o homem jovem por cinco horas. Não se perdeu uma palavra, pois palavras eram o que nenhum dos dois estava habituado a perder. O velho disse ao jovem que o vapor não era tudo, antes que o jovem soubesse que era alguma coisa. O vapor possuía um enorme poder, mas tinha seus limites. Outras forças talvez não os tivessem. Instruiu-o a explorar as possibilidades da amplificação e da realimentação, como também a usar sempre o meio de transmissão mais leve possível: o fio em vez da carreta de carvão puxada por mulas, o ar em vez do fio, o éter em vez do ar. Advertiu-o de que era pura perda de tempo agarrar-se ao obsoleto ou à areia movediça sem fundo do clichê, em palavras ou pensamentos.

Aconselhou-o a não gastar meses preciosos na busca de um descaroçador de maçã perfeito; um descaroçador de maçã perfeito não podia existir.

Implorou-lhe que não construísse um trenó movido a bateria. Haveria veículos bem mais velozes que um trenó.

Que outros inventem um novo raspador de couro e novos produtos químicos para o curtume. Que outros se ocupem de carroças, moldes de velas e tanoaria. Melhores coleiras e rédeas para cavalos, melhores caixilhos, melhores pedras de amolar são necessários, sim: mas outros poderão muito bem se encarregar disso. Se nossas abotoaduras, nossos cães de lareira, nossos balancins de carroça, nossas descalçadeiras e nossas prensas de queijo são uma droga mal desenhada, que alguém mais os aperfeiçoe.

Outros podem ajudar o sapateiro e o remendão. Higgston só deve fazer o serviço superior, para o qual ninguém mais seja habilitado.

Tempo virá em que o próprio ferreiro vai desaparecer, como já quase desapareceu o fabricante de flechas. Mas novos caminhos se abrirão para o homem de mente aberta.

Então o velho se fez mais específico. Mostrou ao jovem Higgston o esboço de um grampo para placa de arrasto que economizaria tempo. Explicou-lhe como esticar, em vez de martelar arame; falou-lhe sobre as virtudes da mica como isolante, enquanto outros materiais não aparecessem.

— E agora algumas coisas que deve levar em consideração — disse o velho —, coisas das quais sabemos o “quê” antes de descobrir o “porquê”.

Descreveu a estrutura da lançadeira, o campo autoexcitante e a comutação, bem como as inúmeras possibilidades da alternância nessa área. Discorreu amplamente sobre uma imensa e confusa variedade de assuntos.

— E um pouco de matemática não faz mal nenhum a um homem prático — observou o velho tagarela. — Fui autodidata e isso me atrapalhou bastante.

Agacharam-se e o velho resumiu tudo no pó do alto do monte Cabeça do Diabo. Mostrou os logaritmos naturais, os vetores de rotação, o cálculo diferencial e coisas semelhantes; mas não se aprofundou muito, pois mesmo um garoto esperto não poderia aprender mais em uns poucos minutos. Em seguida, o velho lhe deu alguns conselhos sobre como tratar Audrey, sabendo bem que esses conselhos seriam inúteis, pois a arte de conviver com uma bruxa é coisa que não se ensina.

— Agora, coloque o capuz no falcão, desça a montanha e comece a trabalhar — recomendou o velho. O jovem Higgston Rainbird obedeceu.

A carreira do inventor americano Higgston Rainbird foi meteórica. Os sábios da Grécia antiga não passavam de crianças perto dele e os gigantes da Renascença apenas haviam batido na porta, sem experimentar o trinco. E a porta estava aberta o tempo todo.

O que Higgston realizou é de tirar o fôlego. Construiu uma represa no flanco do monte Cabeça do Diabo e teve energia hidrelétrica para sua oficina naquele mesmo ano (1779). Instalou luzes de arco voltaico no farol de Horse-Head em 1781. Já lia com lâmpada incandescente de verdade em 1783 e iluminou sua aldeia nativa, Knobknocker, três anos mais tarde. Dirigiu um automóvel movido a carvão em 1787, mudou para um destilado de óleo de baleia em 1789 e usou petróleo legítimo em 1790. Sua segadora-debulhadora a gasolina começou a ser produzida comercialmente em 1793, mesmo ano em que levou a energia elétrica para Centerville. Sua primeira locomotiva a diesel fez a viagem inaugural em 1796 e, nesse ano, ele também converteu para combustível líquido um dos antigos barcos a carvão que havia construído.

Em 1799, dotou a Filadélfia de energia elétrica, uma grande façanha, pois as grandes cidades resistiam teimosamente às inovações. Na noite da virada do século, Rainbird apresentou uma série de coisas novas: telégrafo sem fio, telefone, rádio receptor e transmissor, reproduções teatrais com movimento e som, uma máquina para converter a voz humana em letras impressas e um método para esterilizar e embalar carne, o que permitia sua conservação indefinida a qualquer temperatura.

Na primavera desse novo ano, Rainbird voou pela primeira vez num aparelho mais pesado que o ar.

“Ele inventou os mecanismos básicos”, propalavam as pessoas. “Agora só resta aperfeiçoá-los e utilizá-los adequadamente.”

“Nada mais fácil”, retrucava Higgston Rainbird. E inventou um foguete que levava carga para a Inglaterra em treze minutos a sete centavos por cem quilos. Isso aconteceu em 1805. Obteve a energia nuclear em 1813 e, quatro anos depois, conseguiu abaixar seu preço para uso na dessalinização da água do mar, tendo em vista a irrigação de dez milhões de quilômetros quadrados de terras quase desérticas.

Construiu uma Máquina do Pensamento para a solução de problemas que ele não tinha tempo de resolver e uma Máquina da Predição para antever novos desafios e áreas a desbravar.

Em 1821, no dia de seu aniversário, plantou um marco na Lua. Apostou com um amigo que ele próprio pisaria lá no ano seguinte e traria o marco de volta — e ganhou a aposta.

Em 1830, colocou no mercado o Tabaco para Cachimbo Bola Vermelha, uma mistura aromática e cara feita de líquen marciano.

Em 1836, fundou o Instituto para a Reabilitação Atmosférica de Vênus, lugar que considerava pior que um defumadouro. Foi lá que contraiu aquela tosse renitente com a qual teve de conviver até o fim de seus dias.

Sintetizou um homem de sua idade e má reputação que se sentava para beber com ele em horas tardias e resmungava: “Você está certo, Higgston, incontestavelmente certo”.

O plano para a Simplificação e Eliminação Final do Governo, fruto de seu Instituto de Equilíbrio Econômico e Político, foi adotado (com alterações) em 1840.

No entanto, apesar de seu aparentemente bem-sucedido domínio da área, concluiu que o homem era o único animal realmente perverso e que a Engenharia Humana permaneceria como um dos enigmas que jamais seriam completamente resolvidos.

Fez algum progresso na telepatia, partindo do conhecimento pessoal de que as bruxas sempre conseguem ler a mente de seus maridos. Sabia que o segredo não estava na recepção simpática e sim na imposição arrogante. Com polidez a telepatia não é possível, mas disfarçou a descoberta o mais polidamente que conseguiu.

Estudou a fundo a imortalidade do corpo e a apoteose do homem, esse animal perverso.

Criou um tecido capaz de ficar mais grosso quando a temperatura caísse e mais fino quando ela subisse. Não se preocupou em modificar o tempo, mas desenvolveu um método infalível de predição das chuvas e da temperatura com décadas de antecedência.

E construiu um retrogressor.

Um dia, olhou-se no espelho, franziu o cenho e pensou: “Nunca me dispus a fabricar um espelho melhor. Este é muito feio. No entanto, para considerar todas as possibilidades, aceitemos a tese de que a imagem é que é feia, não o espelho”.

Ligou para um conhecido.

— Diga-me, Ulois, em que ano estamos?

— 1844.

— Tem certeza?

— Acho que sim.

— Qual é a minha idade?

— Oitenta e cinco, creio eu, Higgston.

— Há quanto tempo sou velho?

— Há algum tempo, Higgston, há algum tempo.

Higgston Rainbird desligou, irritado.

— Por que permiti que uma coisa dessas acontecesse comigo? — resmungou. — Devia ter me ocupado mais cedo da imortalidade do corpo. Estraguei tudo.” — Consultou a Máquina da Predição e descobriu que morreria naquele mesmo ano. Não quis obter dados mais precisos.

— Que droga de situação! Não consegui realizar um décimo das coisas que planejei. Ah, era inteligente, mas entrei em muitos becos sem saída... Nunca encontrei respostas para metade dos enigmas antigos. Devia ter construído a Máquina da Predição no começo e não no fim. Mas no começo eu não sabia como construí-la. Se tivesse encontrado um jeito de fazer mais coisas! Nunca

ouvi em minha vida um conselho que prestasse, exceto daquele velho maluco na montanha, quando eu era jovem. Iniciei e não concluí inúmeros projetos. Bem, nem todo homem se enforca, mas todo homem chega no fim de sua corda. Jamais logrei tornar essa corda elástica. E não posso melhorar as coisas falando sozinho sobre elas aqui.

Encheu o cachimbo com a mistura Bola Vermelha e refletiu por alguns instantes.

— Mas posso melhorar as coisas falando sozinho sobre elas *lá*.

E foi trabalhar no retrogressor.

O jovem Higgston Rainbird caçava no alto do monte Cabeça do Diabo numa tarde de junho de 1779. Soltou o falcão por entre as nuvens brancas e concluiu que era o melhor sujeito do mundo a praticar o melhor esporte que existia. Se houvesse terra abaixo das nuvens, estava longe demais e não tinha importância alguma.

A ave de rapina voltou, subindo pelos ares elevados, trazendo um pombo das regiões inferiores.

— Esqueça o pássaro — disse o velho — e procure ouvir com essas orelhas enormes que você exhibe. Tenho muito a lhe dizer em pouco tempo e depois você poderá se entregar a uma vida de trabalho intenso. Ponha o capuz no pássaro e prenda-o com o gancho ao poleiro. Esse gancho é de sua invenção? Ah, sim, agora me lembro que é.

— Vou soltá-lo mais uma vez, meu velho, e depois verei o que você tem para vender.

— Não, não, coloque o capuz nele agora mesmo. Este é o seu momento de decisão. Pare logo com essa brincadeira de criança. Ouça-me, Higgston, e dirigirei sua vida para você.

— Prefiro eu mesmo dirigi-la. Como chegou aqui, velhote, sem que eu o percebesse? E como conseguiu subir? É uma escalada difícil.

— Sim, lembro-me de que é. Subi nas asas de uma de minhas invenções. E agora preste atenção por algumas horas. Você vai precisar de toda a sua

inteligência, aliás considerável.

— Mais algumas horas e uma belíssima tarde para caçar terá sido perdida. E este parece o dia mais belo que já nasceu.

— Eu também já pensei assim no passado, mas tive a coragem de renunciar. Que tal se você fizesse o mesmo?

— Deixe-me soltar o falcão e escutarei o que tem a dizer enquanto ele estiver longe.

— Mas então você só ouvirá com metade da mente, a outra estará com o falcão.

O jovem soltou seu falcão por entre as nuvens brancas e brilhantes. O velho, aborrecido, iniciou então seu palavrório. Era uma mistura de advertências e explicações, e o jovem Higgston ouvia-o embasbacado, quase esquecido do falcão. O velho lhe disse que ele devia percorrer pelo menos seis estradas ao mesmo tempo e, mesmo assim, nunca escolher uma errada; que devia fazer algumas coisas antes e outras depois; que devia se concentrar na Máquina do Pensamento e na Máquina da Predição, bem como no problema ainda não resolvido da imortalidade do corpo.

— Não há outra maneira de conseguir espaço e tempo para o trabalho. O tempo voa e a vida fica curta demais quando você permite que ela siga seu curso natural. Está me ouvindo, Higgston?

Mas nesse momento o falcão voltava, subindo pelas alturas e trazendo um pombo cinza. O homem suspirou por causa da interrupção e percebeu que seu projeto corria perigo.

— Ponha o capuz no falcão. Esse é um esporte para garotos. E agora me escute, seu inconsequente! Estou lhe dizendo coisas que ninguém mais seria capaz de lhe dizer. Vou lhe mostrar como expedir falcões para as estrelas, não apenas para as campinas e bosques ao pé desta montanha.

— Lá não existe caça — objetou Higgston.

— *Existe*, sim. E melhor do que você jamais imaginou. Ponha o capuz no falcão e prenda-o ao poleiro.

— Vou soltá-lo só mais uma vez e depois ouvirei o que tem a dizer enquanto ele estiver longe.

A ave mergulhou nas nuvens como o raio dourado de uma tempestade de verão.

O velho começou a desmontar o cosmos camada por camada, como uma cebola, e explicou ao jovem Higgston o seu funcionamento. Depois voltou ao campo tecnológico do início e enumerou o que se podia fazer com o vapor, o petróleo e o eletromagnetismo, esclarecendo que essas forças simples seriam usadas enquanto não se descobrisse outra melhor. Falou sobre ondas, ressonância, transmissão pelo ar, fissão e voo tanto na atmosfera quanto fora dela. Insistiu em que nenhuma dessas portas exigia chave, apenas um homem resolutivo que girasse o trinco e as abrisse. O jovem Higgston ficou impressionado.

Então o falcão voltou, subindo pelas culminâncias do ar, trazendo nas garras um picanço [*rainbird*].

O velho já tinha olhos brilhantes, mas agora eles ficaram mais brilhantes ainda.

— Ninguém renuncia voluntariamente ao prazer — disse — e há sempre a sensação incômoda de que a troca talvez não tenha valido a pena. A caça foi um dos prazeres a que renunciei. Deixei de caçar por sessenta e cinco anos. Permita-me soltar o pássaro desta vez, Higgston.

— Sabe como?

— Sou do ramo. Certa vez, até pensei em fabricar uma luva melhor para segurar falcões. Ela não foi aperfeiçoada desde os tempos de Nimrod.

— Eu próprio tenho uma ideia para uma luva melhor, velho.

— Sim. Sei qual é. Vá em frente com esse projeto. É bastante prático.

— Então solte a ave se quiser, velho.

O velho Higgston soltou-a por entre as nuvens cintilantes e ficou observando-a, ao lado do jovem Higgston, do topo do mundo. Mas logo o jovem Higgston Rainbird se viu sozinho no alto do monte Cabeça do Diabo. O velho se fora.

“Para onde terá ido? E de onde terá vindo? Será que esteve sempre aqui? A máquina em que ele subiu (se é que subiu mesmo) é bem curiosa. Todas as rodas ficam dentro. Mas posso usar suas engrenagens, seu relógio e seus fios

de cobre. Ele sem dúvida precisou de semanas para martelar o metal até obter fios tão finos. Gostaria de ter prestado mais atenção ao que disse, mas o velho falava pelos cotovelos. Poderia tê-lo acompanhado se ele não fosse tão longe e não insistisse tanto em que a caça devia ser abandonada. Bem, ficarei aqui caçando até o cair da noite e voltarei de manhã caso o dia esteja claro. Domingo, se tiver tempo, retomarei o trabalho com o acendedor e a grelha de assar castanhas.

Higgston Rainbird viveu uma vida longa e produtiva. Localmente, era mais conhecido como praticante da falcoaria e da equitação. Mas, como inventor, conheciam-no até em Boston.

Ainda é famoso, até certo ponto, junto aos especialistas da área e da época. Contribuiu para o aperfeiçoamento do arado de aiveca e desenhou o Incomparável Ralador de Noz-Moscada com item de segurança, um fole, um acendedor (pouco usado) e a Garra-do-Diabo em Cunha para rachar lenha.

É conhecido por isso, apenas.

LARRY NIVEN

Larry Niven estabeleceu sua reputação como mestre da ficção científica séria graças ao romance Ringworld, ganhador do Prêmio Nebula, sobre um corpo planetário em forma de fita com um raio de quase dois milhões de quilômetros e uma circunferência de aproximadamente um bilhão de quilômetros, que orbita uma estrela remota e apresenta problemas técnicos únicos para a navegação e a saída de seus habitantes humanos. O romance e suas continuações, Ringworld Engineers e Ringworld Throne, compõem a saga Tales of Known Space, uma festejada história futura do povoamento, pela humanidade, do espaço interestelar. Essa saga explorou inúmeros temas, inclusive culturas alienígenas, imortalidade, viagens no tempo, engenharia planetária, engenharia genética e teletransporte. Os romances World of Ptavvs, A Gift from Earth, Protector, The Patchwork Girl, The Integral Trees e The Smoke Ring, bem como as coletâneas de contos Neutron Star, The Shape of Space, Crashlander e Flatlander, elaboram uma história épica de um bilhão e meio de anos que integra tecnologias inovadoras a pitorescos desenvolvimentos de raças alienígenas e interações humanas e extraterrestres. O fascínio da criatividade de Niven pode ser medido pelos sete volumes na série de antologias Man-Kzin Wars, que contou com a contribuição de histórias de seus colegas da ficção científica séria e reforçou a plausibilidade da obra graças a uma sensibilidade universal. Niven escreveu também o romance A World Out of Time, uma projeção no futuro distante em que a evolução humana conduz à imortalidade, e a série de histórias de mistério e ficção científica coligidas em The Long ARM of Gil Hamilton.

Boa parte de seus romances foi escrita em colaboração. The Mote in God's Eye, a quatro mãos com Jerry Pournelle, é uma memorável história de contato imediato sobre a descoberta acidental de uma raça alienígena determinada a semear nosso sistema solar com sua crescente população. Niven e Pournelle escreveram também uma continuação, The Gripping Hand; o romance de catástrofe Lucifer's Hammer; e Inferno, que transporta um escritor de ficção científica para o inferno de Dante. Com Steve Barnes, Niven escreveu Dream Park, The Barsoom Project e The Voodoo Game, todos ambientados num parque de diversões futuro onde realidades imaginadas se manifestam por intermédio de realidades virtuais. Niven escreveu ainda uma série de fantasias sobre magia primitiva que inclui The Magic Goes Away e Time of the Warlock.

“Leviatã!” explora um problema fascinante da viagem no tempo: e se o destino de um viajante não for um recuo apenas em nosso tempo, mas também em outro fluxo temporal? O movimento entre dimensões é um risco deliciosamente investigado na história que se segue e combina senso de humor com uma aplicação prática (ao menos para os personagens da história) das viagens no tempo.

LEVIATÃ!

LARRY NIVEN

DOIS HOMENS ESTAVAM postados atrás de uma grossa parede de vidro.

— Você vai embarcar — disse a Svetz seu chefe, que tinha a cara vermelha como um bife. — Fizemos algumas melhorias na pequena cabine extensível enquanto você esteve no hospital. Poderá planar ou imprimir-lhe uma velocidade de até oitenta quilômetros por hora, mas também deixar que ela própria voe; temos um controle de altitude constante. O campo de visão é total, pois o invólucro da cabine extensiva é completamente transparente.

Do outro lado da grossa parede de vidro, alguma coisa tentava matá-los. Tinha doze metros do nariz à cauda e apresentava vestígios de asas semelhantes às do morcego. De resto, parecia um lagarto magro. Gritava e arranhava o vidro com garras mortíferas.

Na tabuleta da parede, lia-se:

MONSTRO DE GILA

RECUPERADO DO ANO 1230 ANTEATÔMICO, APROXIMADAMENTE,

NA REGIÃO DA CHINA, TERRA. EXTINTO.

— É bom ficar longe dele — disse Ra Chen.

— Sim, senhor. — Svetz cruzou os braços ao peito, como se estivesse com frio. Ia atrás do maior animal que já existiu; e Svetz tinha medo de animais.

— Em nome da ciência! Está preocupado com o quê, Svetz? É apenas um peixe grande.

— Sim, senhor. Foi o que disse sobre o monstro de Gila: apenas um lagarto ressecado.

— Possuíamos só um desenho num livro infantil. Como poderíamos saber que era tão grande?

O monstro de Gila se afastou da parede. Respirou fundo, mirou — uma chama amarelo-alaranjada se projetou de suas ventas contra o vidro. Svetz gritou e pulou em busca de proteção.

— Ele não pode atravessar — tranquilizou-o Ra Chen.

Svetz se endireitou. Era um homem magro, de ossos miúdos, pálido, de olhos azul-claros e cabelos louro-acinzentado muito finos.

— E como poderíamos saber que ele era capaz de expelir fogo? — resmungou. — Esse lagarto quase me *cremou*. Passei quatro meses no hospital por causa disso. E toda vez que o observo, ele se parece menos com um lagarto. Chego a pensar que pegamos o animal errado.

— E daí, Svetz? O secretário-geral gostou dele. É o que importa.

— E por falar no secretário-geral, o que ele quer com um cachalote? Já tem um cavalo, já tem um monstro de Gila...

— Isso é um pouco complicado. — Ra Chen fez uma careta. — Política palaciana! Ela é *sempre* complicada. Neste exato momento, Svetz, em algum canto do Palácio das Nações Unidas, centenas de maquinações estão em curso. Todas pressupõem chamar a atenção do secretário-geral e *prendê-la*. Ora, prender a atenção do secretário-geral não é fácil.

Svetz concordou com um aceno de cabeça. O secretário-geral era bem conhecido.

A família que governava as Nações Unidas havia setecentos anos era, por assim dizer, governante de nascença.

O secretário-geral, aos 28 anos e feliz, amava os animais, as flores, os quadros e as pessoas. Quadros de planetas e sistemas multiestelares faziam-no bater palmas e deliciar-se. Por isso o Instituto de Pesquisas Espaciais gozava de imenso prestígio nas Nações Unidas. Mas ele gostava também de animais extintos.

— Alguém conseguiu convencer o secretário-geral de que ele quer o maior

animal da Terra. A ideia talvez seja abaixar a nossa crista — disse Ra Chen. — Devem pensar que estamos abocanhando uma parte grande demais do orçamento.

Quando comecei, o secretário-geral exigiu um brontossauro. Nunca conseguimos lhe dar um. Nenhuma cabine extensível alcançaria esse tamanho.

— A ideia de lhe dar um cachalote deve ter sido sua, não, senhor?

— Sim. Não foi fácil convencê-lo. Os cachalotes estão extintos há tanto tempo que não temos sequer desenhos deles. Tudo o que pude lhe mostrar foi uma escultura em cristal da Arqueologia (encontrada no Edifício de Vidro Steuben), uma Bíblia e um dicionário. Enfiei na cabeça dele que o Leviatã e o cachalote eram a mesma coisa.

— O que não é bem verdade. — Svetz havia lido um texto condensado da Bíblia no computador. A condensação, a seu ver, arruinara o enredo. — O Leviatã pode ser qualquer coisa grande e destrutiva, como uma nuvem de gafanhotos.

— Pelo sagrado nome da Ciência, ainda bem que você não estava lá para ajudar, Svetz! O caso já era complicado demais. De qualquer modo, prometi ao secretário-geral o maior bicho que já viveu na Terra. E toda a literatura afirma que esse bicho era o cachalote. Havia grupos de cachalotes pelos oceanos ainda no final do primeiro século Anteatômico. Você não terá dificuldade em encontrar um.

— Em vinte minutos?

— O quê? — perguntou Ra Chen, espantado.

— Se eu tentar manter a cabine extensível grande no passado por mais de vinte minutos, jamais conseguirei trazê-la de volta. O...

— Sei disso.

— ... fator de incerteza nas constantes de energia...

— Svetz...

— ... varrerá o Instituto do mapa.

— Já pensamos nisso, Svetz. Você voltará na cabine extensível pequena. Quando encontrar uma baleia, dará o sinal para a cabine extensível grande.

— Como?

— Descobrimos uma maneira de enviar um impulso bidirecional através do tempo. Vamos voltar ao Instituto e lhe mostrarei.

Olhos malévolos observaram-nos por trás do vidro enquanto saíam.

A cabine extensível era a parte da máquina do tempo que gerava o movimento. Dentro de seu invólucro transparente, Svetz parecia dirigir uma poltrona voadora equipada com uma espécie de bandeja de lanche do tipo oferecido aos passageiros de avião — exceto que a bandeja era coberta por lâmpadas, botões, alavancas e fios verdes. Achava-se em algum lugar da costa leste da América do Norte, por volta do ano 100 Anteatômico ou 1845 depois de Cristo. O calendário inercial não era especialmente acurado.

Svetz deslizou baixo sobre a água cor de chumbo, sob um céu cor de ardósia. Mas, pela subida e descida do mar, ele quase poderia estar suspenso em uma enorme esfera metade iluminada, metade escura. Deixou que a cabine extensível voasse sozinha, vinte metros acima da água, enquanto observava a agulha do IAN, Indicador de Atividades Nervosas.

Caçar o Leviatã.

Seu estômago se revolia. Svetz pensara estar se ajustando aos efeitos colaterais da gravidade, típicos de uma viagem no tempo. Mas, aparentemente, a causa era outra.

Pelo menos, não se demoraria ali.

Nessa aventura, não ia em busca de um simples monstro de Gila de doze metros: ia caçar o maior animal que já existiu. Uma besta formidável. E agora dispunha de um instrumento capaz de detectar a vida, o IAN...

A agulha estremeceu e começou a vibrar.

Uma baleia? Mas a vibração da agulha parecia indecisa. Várias criaturas, então. Svetz olhou na direção indicada.

Um barco rápido, de velas brancas, comprido, esbelto e gracioso. Cheio de gente também, pensou Svetz. Humanos em grande número, apinhados num espaço pequeno, costumavam afetar o IAN daquela maneira. Um cachalote — um único centro de atividade nervosa complexa — atrairia a agulha de modo igualmente violento, mas sem forçá-la a se agitar tanto.

O veleiro interferia na recepção. Svetz se afastou para leste, não sem lamentar: era um veleiro tão bonito!

O estômago de Svetz estava piorando, não melhorando.

Águas verde-acinzentadas infinitas, subindo e descendo sob a poltrona voadora de Svetz.

A resposta veio como um estalo em sua cabeça: *enjoo de mar*. No piloto automático, a cabine extensível pautava seu movimento pelo da superfície sobre a qual voava; e essa superfície subia e descia em grandes intumescências escuras.

Não era de admirar que seu estômago revirasse! Svetz fez uma careta e recorreu aos controles manuais.

De repente, a agulha do IAN começou a se agitar violentamente. “Fisquei!”, pensou Svetz; e olhou para a direita. Nem sinal do navio. E os submarinos ainda não tinham sido inventados. Ou tinham? Não, claro que não.

A agulha se imobilizou.

Svetz comprimiu o botão de chamada.

A fonte do forte sinal para o IAN se localizava à direita e se movia. Svetz manobrou para segui-la. Em poucos segundos o sinal de chamada chegaria ao Instituto de Pesquisa Temporal e traria a grande cabine extensível com seu armamento para fisgar o Leviatã.

Anos antes, Ra Chen sonhara resgatar a Biblioteca de Alexandria do incêndio de César. Para isso tinha construído a grande cabine extensível. Sua porta era como uma íris aberta, e o espaço interno poderia receber duas vezes mais rolos do que os contidos naquela antiga biblioteca, antes que ela pegasse fogo.

A grande cabine custou uma fortuna aos cofres do governo. Mas não conseguiu ir além do ano 400 Anteatômico ou 1550 d.C. Os livros queimados em Alexandria continuaram perdidos para a história ou, pelo menos, para os historiadores.

Esse fracasso teria abalado qualquer um. Mas, sabe-se lá como, Ra Chen sobreviveu a tamanho golpe em sua reputação.

Mostrara a Svetz as mudanças depois que voltaram do Zoológico.

— Reforçamos a cabine com raios paralisantes e antigravidade. Você vai operá-los por controle remoto. Cuidado para que os raios paralisantes não o atinjam, pois são capazes de matar até um cachalote se focalizados nele por mais de alguns segundos. Matariam um homem instantaneamente. Afora isso, você não terá problemas.

Foi nesse momento que o estômago de Svetz começou a doer.

— Nossa maior mudança é o botão de chamada. Enviará para nós, realmente, um sinal através do tempo e nós lhe mandaremos a cabine extensível grande. Será possível pará-la bem ao seu lado, depois de poucos minutos. Isso exigiu muita pesquisa, Svetz. O Tesouro aumentou nosso orçamento deste ano para que possamos apanhar aquela baleia.

Svetz respondeu com um aceno de cabeça.

— Apenas, certifique-se de que pegou mesmo uma baleia antes de pedir a cabine extensível grande.

Agora, tendo recuado mil e duzentos anos, Svetz seguia uma fonte submarina de impulso nervoso. O sinal era bastante forte. Deveria tratar-se, no mínimo, de um cachalote adulto.

Uma sombra surgiu no ar à direita. Svetz viu-a tomar forma: uma enorme esfera cinzento-azulada flutuando a seu lado. Na guarnição da porta estavam os projetores de raios antigravidade e os canhões de raios paralisantes de alta potência. O outro lado da esfera não se via; simplesmente havia desaparecido.

Para Svetz, aquilo era o que mais assustava numa máquina do tempo: o modo como ela parecia dobrar uma esquina invisível.

Svetz estava quase em cima do sinal. Usou o controle remoto para girar e baixar os projetores de raios antigravidade.

Apontou-os para a fonte. Ligou-os e os ponteiros oscilaram.

O Leviatã era *pesado*. Maior do que Svetz havia esperado. Svetz aumentou a potência e viu a agulha do IAN vibrar quando o monstro se ergueu invisível nas águas.

No ponto em que a superfície do mar se inflou sob o ataque dos raios antigravidade, desenhou-se uma sombra. O Leviatã subia...

Haveria algo de errado com aquela forma?

Então uma bolha esférica de água se alçou, trêmula, do oceano — e o Leviatã estava dentro dela.

Dentro dela em parte. Era grande demais para que a bolha o contivesse inteiro, embora não devesse ser...

Parecia quatro vezes maior do que se esperaria do porte de um cachalote e pelo menos dez vezes mais comprido. Não lembrava em nada a escultura de cristal Steuben. O Leviatã era uma serpente revestida de escamas acobreadas tão grandes quanto o escudo de um *viking* e com dentes semelhantes a lanças de marfim. Flutuando em direção a Svetz com as mandíbulas triangulares escancaradas, contorcia-se e procurava com seus olhos amarelos protuberantes o estranho inimigo que o sujeitava a semelhante indignidade.

O medo e a indecisão imobilizaram Svetz. Nem então nem depois duvidou de que aquele fosse o Leviatã bíblico. Devia ser o maior animal que jamais percorreria os mares; um animal gigantesco e feroz o suficiente para ser sinônimo de tudo quanto é grande e destrutivo. No entanto... por menos que a escultura de cristal fosse realista, aquilo não era de forma alguma um cachalote.

De qualquer modo, com aquele tamanho, não caberia na cabine extensível.

A indecisão paralisou seus dedos; Svetz parou de pensar inteiramente e as grandes íris fendidas o detectaram.

A besta flutuava ao seu lado, com o peito envolvido por uma esfera de água imponderável cada vez menor, à medida que golfadas espirravam para longe e tombavam de novo no mar. Suas ventas palpitavam — era um animal que respirava inquestionavelmente pelos pulmões, embora não um cetáceo.

Estirou o corpo na tentativa de alcançar Svetz com as mandíbulas escancaradas.

Dentes semelhantes a presas de elefante dispostas em fileira, polidos e afiados como agulhas. Svetz viu-os fechar-se sobre ele por cima e por baixo. O medo o imobilizou.

No último instante, cerrou fortemente os olhos.

Como a morte não veio, abriu-os.

As mandíbulas não haviam se fechado totalmente em torno dele e sua poltrona. Svetz ouviu-as ranger contra a superfície invisível da cabine extensível, de cuja existência ele havia se esquecido completamente.

Svetz recuperou o fôlego. Voltaria para casa com uma cabine extensível vazia, para enfrentar a ira de Ra Chen... um destino pior que a morte. Moveu os dedos para afastar os raios antigravidade da grande cabine extensível.

Metal raspou contra metal. Svetz sentiu um cheiro de óleo queimado, enquanto luzes vermelhas piscavam por toda a extensão de seu painel de controle. Ligou de novo, apressadamente, os raios.

Relutantemente, as luzes vermelhas foram se apagando uma depois da outra.

Através do revestimento transparente, ele ouvia o rilhar das presas do monstro. O Leviatã tentava abrir caminho para dentro da cabine extensível.

Seu peso liberado quase isolara a cabine do resto da máquina do tempo. Svetz ficaria perdido no passado, em pleno mar, numa cabine extensível quebrada que provavelmente não flutuaria, com um monstro marinho feroz esperando para engoli-lo. Não, não podia desligar os projetores de raios antigravidade.

Mas os projetores estavam na cabine grande e ele não conseguiria segurá-la por mais de quinze minutos. Quando ela se fosse, o que impediria o Leviatã de lhe dar o golpe final?

“Vou paralisá-lo”, decidiu Svetz.

Havia um palato vermelho-escuro acima dele, gengivas rubras e uma língua bífida embaixo, e longos dentes recurvos em volta. Mas, por entre as duas fileiras, Svetz podia ver a cabine extensível grande e a bateria de projetores na guarnição da porta. Girou a olho os projetores até que apontassem diretamente para o Leviatã.

“Que loucura!”, pensou Svetz, e afastou os projetores de si. Não poderia alvejar o Leviatã sem alvejar a si mesmo.

E o Leviatã não o soltaria.

Preso.

“*Não*”, disse para si mesmo, aliviado. Escaparia com vida. O dispositivo de retorno mandaria a cabine extensível pequena, por entre as mandíbulas do Leviatã, de volta ao fluxo do tempo, ao Instituto. Sua missão fracassara, mas isso não era culpa sua. Por que Ra Chen não havia mencionado uma serpente marinha maior que um cachalote?

“A culpa é toda dele”, rosnou Svetz. E estendeu a mão para o dispositivo de retorno. Mas parou.

“Não posso lhe dizer isso”, refletiu. Pois Ra Chen lhe metia medo.

O ranger dos dentes repercutia por toda a cabine extensível.

“Não queria ir embora assim”, ponderou. “Talvez, se tentasse alguma coisa...”

Podia ver os projetores antigravidade por entre os dentes da besta. Sentia seus efeitos, já que estavam focalizados na própria cabine. Se os focalizasse apenas em si próprio...

Notou a mudança; sentiu-se ao mesmo tempo forte e leve como um bailarino embriagado. Caso estreitasse o foco...

Os dentes da besta agora pareciam morder com mais força. Svetz procurou ver o melhor possível pela abertura.

O Leviatã já não flutuava. Estava dependurado, pelos dentes, na cabine. Os projetores antigravidade ainda contrabalançavam a atração de sua massa, mas agora o faziam puxando a cabine para cima.

O monstro se cansara visivelmente. Naturalmente. Animal marinho, era a primeira vez que suportava seu próprio peso. E pelos dentes! Seus olhos amarelados giravam loucamente nas órbitas, sua cauda se contraía ligeiramente na ponta. E continuava dependurado.

“Solte”, ordenou Svetz mentalmente. “Solte, seu... monstro!”

Os dentes da besta desceram arranhando a superfície transparente e ele caiu.

Svetz desligou a antigravidade uma fração de segundo depois. Sentiu de novo o cheiro de óleo queimado e, de novo, as pequenas luzes vermelhas do painel foram se apagando uma por uma.

O Leviatã bateu na água com o ruído de um trovão. Seu corpo sinuoso e comprido rolou e ficou boiando na superfície como se estivesse morto. Mas sua cauda se agitou e Svetz percebeu que ele ainda vivia.

“Posso matar você”, pensou. “Alvejá-lo com os raios paralisantes até que morra. Tempo não me falta...”

Tinha, porém, apenas mais dez minutos para encontrar um cachalote. Não era muito. Não era sequer suficiente. Mas, se usasse esse tempo todo...

O monstro marinho, agitando a cauda, começou a se afastar. Virou-se uma vez e olhou para Svetz, as mandíbulas escancaradas num esgar de fúria. Endireitou-se então e prosseguiu seu caminho.

“Só um minuto”, disse Svetz. “Só mais um maldito minuto aqui...” E direcionou os projetores de raios paralisantes.

A gravidade atuava estranhamente dentro de uma cabine extensível. Enquanto ela se movia para diante no tempo, todas as direções partiam de seu centro para *baixo*. Svetz estava amassado contra a parede curva. Desejava que aquela viagem terminasse logo.

O enjoo de mar não era nada comparado ao que o movimento de uma viagem no tempo provocava.

Queda livre e em seguida gravidade normal. Svetz se dirigiu, cambaleando, para a porta.

Ra Chen ajudou-o a descer.

— Pegou-o?

— O Leviatã? Não, senhor. — Svetz olhou por cima do ombro do chefe. — Onde está a cabine extensível grande?

— Vamos trazê-la de volta lentamente, para minimizar os efeitos colaterais da gravidade. Mas, se não pegou a baleia...

— Eu disse que não peguei o Leviatã.

— Pegou então *o quê*? — insistiu Ra Chen.

Pouco depois, perguntou:

— Não era ele?

E depois:

— Você o matou? Por que, Svetz? Por maldade?

— Não, senhor. Foi a coisa mais inteligente que fiz durante toda a viagem.

— Mas *por quê?* Esqueça, Svetz, aqui está a cabine extensível grande. — Uma sombra azul-acinzentada se materializou no espaço vazio da máquina do tempo. — E parece que há alguma coisa aí dentro. Que idiotice, disparar um raio antigravitacional no interior da cabine! Queria acabar com o bicho?

A cabine havia chegado. Ra Chen fez um gesto com o braço e a porta se abriu.

Algo tremendo flutuava dentro da cabine extensível grande. Parecia uma perversa montanha branca, mirando seus captores com um único olho, pequeno e colérico. Tentava alcançar Ra Chen, mas não conseguia se locomover no ar.

O outro olho era apenas uma órbita vazia. Uma das barbatanas estava estraçalhada ao longo do dorso. Rasgões, feridas e cicatrizes, bem como uma floresta de hastes de madeira e aço retorcido, marcavam a enorme extensão de seu couro esbranquiçado. Pedacos de corda pendiam dos arpões quebrados. No alto de um dos flancos, preso à besta por um emaranhado de cordas arrebitadas, via-se o cadáver de um homem barbudo e de uma perna só.

— Está em boas condições, não? — observou Ra Chen.

— Cuidado, senhor. Esse monstro é um assassino. Vi-o afundar um navio a cabeçadas antes de poder alvejá-lo com os raios.

— O que me espanta é você tê-lo encontrado justamente quando voltava. Não entendo a sua sorte, Svetz. Ou tem mais alguma coisa a me dizer?

— Não foi sorte, senhor. Foi a coisa mais inteligente que fiz durante toda a viagem.

— Você já disse isso. Sobre matar o Leviatã.

Svetz apressou-se a explicar:

— A serpente marinha estava indo embora. Eu queria matá-la, mas sabia que o tempo era curto. E já me preparava para partir quando o mostro se virou e me mostrou os dentes. Era, sem dúvida, um carnívoro. Seus dentes

havam sido feitos para matar, senhor. Eu devia ter percebido isso antes. E só podia me lembrar de um animal grande o bastante para alimentar um carnívoro daquele tamanho.

— Ah! Brilhante, Svetz.

— Havia indícios que corroboravam minha ideia. Nossa pesquisa jamais encontrou qualquer menção a serpentes marinhas gigantes. Os detalhados estudos geológicos do primeiro século Pós-Atômico deveriam ter descoberto alguma coisa. Por que não descobriram?

— Porque a serpente marinha morreu tranquilamente dois séculos antes, depois que os baleeiros acabaram com seu suprimento alimentício.

Svetz enrubesceu.

— Exato. Então, dirigi os projetores para o Leviatã antes que ele sumisse e mantive o bicho sob a mira até o IAN me dizer que estava morto. Calculei que, se o Leviatã rondava por ali, devia haver baleias nas imediações.

— E as vibrações nervosas do bicho mascaravam os sinais delas.

— Sem dúvida. No momento em que ele morreu, o IAN registrou outro sinal. Segui-o até... — Svetz se virou. Estavam tirando o cachalote da cabine extensível. — Até encontrá-lo.

Dias depois, dois homens estavam postados atrás de uma grossa parede de vidro.

— Fizemos alguns clones dele e o entregamos ao viveiro do secretário-geral — contou Ra Chen. — Que pena você ter apanhado um albino! — Calou o protesto de Svetz com um gesto de mão. — Eu sei, eu sei. O tempo era curto.

Do outro lado do vidro, a baleia zarolha fitava Svetz através da água salgada turva. Os cirurgiões haviam removido a maior parte dos arpões, mas as cicatrizes ainda eram visíveis em seus flancos; e Svetz, admirado, se perguntava por quanto tempo aquela besta estivera em guerra com o Homem. Por séculos? Quanto viviam os cachalotes?

Ra Chen baixou a voz.

— Todos estaremos fritos se o secretário-geral descobrir que já existiu um animal maior que este. Você entende o que estou dizendo, não, Svetz?

— Sim, senhor.

— Ótimo. — Ra Chen desviou o olhar para outra parede de vidro, atrás da qual se agitava o monstro de Gila, que lançava fogo pelas ventas. A alguma distância, um cavalo se virou para ele, ostentando um ameaçador chifre em espiral na testa.

— Sempre achamos o inesperado — disse Ra Chen. — Às vezes me pergunto...

“Devia fazer uma pesquisa melhor...”, pensou Svetz.

— Sabia que a viagem no tempo não era sequer um conceito até o primeiro século Anteatômico? Um escritor inventou-a. De lá até o quarto século Pós-Atômico, as viagens no tempo não passavam de pura fantasia. Violavam todas as leis que os cientistas da área julgavam naturais. Lógica. Conservação da matéria e da energia. Impulso, reação, qualquer lei do movimento que insere o tempo na equação. Relatividade. Eis o que me intriga: sempre que mandamos uma cabine extensível para além desse período específico de quatro séculos, ela penetra uma espécie de mundo da fantasia. Por isso você vive encontrando serpentes marinhas gigantes e monstros que cospem fogo...

— Isso é absurdo — objetou Svetz. Tinha medo de seu chefe, sim; mas para tudo há limites.

— Tem razão — apressou-se a concordar Ra Chen, quase aliviado. — Tire um mês de férias, Svetz. Mas depois volte ao trabalho. O secretário-geral quer um pássaro.

— Um pássaro? — riu Svetz. Um pássaro parecia algo bastante inofensivo. — Suponho que ele o viu em outro livro de crianças, não?

— Sim. Já ouviu falar numa ave chamada *roca*?

JOE HALDEMAN

Elogiado por seu retrato realista da frieza emocional e do deslocamento psicológico de soldados numa futura guerra de um milênio, o primeiro romance de ficção científica de Joe Haldeman, The Forever War [Guerra sem Fim], recebeu os prêmios Hugo, Nebula e Ditmar quando publicado em 1974 e, mais tarde, foi adaptado para uma série em três partes. Desde então, Haldeman voltou várias vezes ao tema de uma guerra futura, principalmente na trilogia Worlds, Worlds Apart e Worlds Enough and Time, sobre uma Terra ameaçada de extinção nuclear, e em Forever Peace, um exame detalhado do potencial desumanizador dos conflitos armados. Outros romances de Haldeman incluem: Mindbridge, All My Sins Remembered e The Hemingway Hoax, que trabalha o tema do mundo paralelo e retoma o de um conto homônimo vencedor do prêmio Nebula. Os contos de Haldeman foram coligidos em Infinite Dreams e Dealing in Futures; vários de seus ensaios, de mistura com ficção, acham-se em Vietnam and Other Alien Worlds. Suas vigorosas obras de não ficção incluem War Year, baseado em sua experiência militar no Vietnã, e 1968, um retrato da América na era Vietnã. Foi um dos coorganizadores das antologias Body Armor: 2000, Space-Fighters e Supertanks. Seus vinte romances, três coletâneas de contos, seis antologias e uma coleção de poemas foram publicados em dezoito idiomas.

“Anniversary Project” [Projeto de Aniversário] é uma das poucas histórias, nesta coletânea, que descrevem uma viagem ao futuro — viagem que, nas mãos de Joe Haldeman, se torna realmente fascinante. Como foi publicada em 1975, os acontecimentos então recentes da Coreia, Vietnã e

anos seguintes desempenham um papel surpreendente no desenrolar da trama, embora a maior parte da ação ocorra um milhão de anos no futuro.

PROJETO DE ANIVERSÁRIO

JOE HALDEMAN

CHAMA-SE TRIFÁSICO. É calvo e enrugado, com pouco mais de um metro de altura, olhos grandes, desdentado, esquelético, pele muito branca e flácida raiada de delicados filetes azuis e vermelhos. Todos o acham bonito, mas sua beleza reside principalmente nas mãos e na extrema juventude. Tem mais de 200 anos de idade e começa a aprender a falar. Tornou-se razoavelmente fluente em sessenta e três línguas, todas mortas, e só lhe restam três para dominar.

O livro que está lendo é um fac-símile de uma velha edição do *Fausto* de Goethe. As nervosas letras angulosas Fraktur marcham pelas páginas de platina da grossura de uma folha de papel.

O *Fausto* foi impresso eletronicamente, junto com milhares de outros livros valiosos, e fechado numa câmara de argônio cuidadosamente escondida em 2012 d.C.; o legado ao futuro distante de um homem riquíssimo.

Em 2012 d.C., Poláris era a estrela polar. Os homens acabaram por ir até lá e edificar uma pequena cidade num de seus planetas gelados. Já então não marcavam os anos pelo nascimento de profetas, mas o fato deve ter acontecido por volta de 4900 d.C. A estrela polar, devido à precessão dos equinócios, era agora um pontinho longínquo outrora chamado Gama Cefeida. O polo celeste continuou girando, passando por Deneb e Vega, e atravessando manchas inóspitas de céu em torno das constelações de Hércules e Draco; um relógio paciente, mas não o mais lento em uso; quando regressou à região de Poláris, 26.000 anos haviam decorrido, os homens haviam voltado das estrelas para não mais sair e a câmara atulhada de livros

havia se deslocado 130 metros no fundo do Pacífico, caíra num fosso raso e ficara sepultada sob um deslizamento de terra.

Durante as trinta e sete frações de tempo que esse relógio lento marcara, os homens percorreram o Pacífico (mas não porque precisassem), encontraram a câmara, abriram-na, identificaram os livros e guardaram-nos de novo cuidadosamente. Na época, certas coisas eram mais importantes que acumular conhecimento: em metade de mais um ciclo dos polos, ocorreria o milionésimo aniversário da palavra escrita. Eles bem que poderiam esperar mais alguns milênios.

À medida que, pelos seus cálculos, essa data se aproximava, os homens promoveram o nascimento de dois indivíduos: Nove-Voos (nominalmente uma fêmea) e Trifásico (nominalmente um macho). Trifásico nasceu para aprender a ler e a falar. Era o primeiro ser humano que estudaria essas habilidades depois de mais de um quarto de milhão de anos.

Ele leu a primeira parte de *Fausto* de frente para trás e agora, só por diversão e exercício, a está lendo de trás para a frente. Enquanto lê, canta, ceceando.

“Fain’ Looee w’mun... wif all’r die-mun ringf...” Não colocou a dentadura porque ela machuca suas gengivas.

Criança de 200 anos que é, mostra-se educado quando seu pai interrompe a leitura e a cantilena. A “voz” de seu pai é um arranjo de lógica e estética que aparece na mente de Trifásico. Todo o sabor se perde na tradução:

— Trifásico meu atavismo filial de dente e corda vocal — diz ele sarcasticamente, no modo de reverência. — Não pode se afastar de objetos manifestamente simbólicos para me visitar, partilhar, ajudar, aprender?

— ? — responde ele, querendo dizer: “com/com/de quê?”

No modo retraído:

— Relativo a você: passado, futuro.

Ele fecha o livro sem marcar a página. Nunca lhe ocorreu fazer isso porque se lembra perfeitamente de onde parou, bem como de todas as palavras precedentes, de todos os acontecimentos — mesmo os mais triviais — que

observou desde a idade exata de 1 ano. Sob esse aspecto, pelo menos, é normal.

Pensa as coordenadas corretas e entra em contato, após um microssegundo, com seu pai, distante cerca de quatro mil quilômetros, numa linha reta através da crista e do manto da Terra.

Modo ritual:

— Como sempre, pai. — A entonação que usa para “pai” é propositalmente errada, em tom de censura. Com uma crua conotação biológica.

O pai parece cadavérico e, de fato, já morreu duas vezes. No modo infantil, pergunta:

— Desde que parou de balbuciar, em que está interessado?

— Em uma história chamada *Fausto*, sobre um homem com o mesmo nome que nunca se satisfaz {sinal para um acréscimo lento, mas contínuo} com seu conhecimento e poder; escrita na língua da Prússia.

— Essa língua prussiana também depende daquela estranha palavra para “imediatricidade”?

— Quase sempre. A palavra para “ser” é *sein*. Grande ilusão nesta e em outras línguas e culturas: a de que os fatos acontecem no “tempo” da percepção, um ponto mediano infinitesimal entre passado e futuro.

— Ilusão conveniente, mas protelatória.

— Conforme discutimos há 129 anos. — Trifásico está impaciente para voltar à leitura, mas acrescenta:

— É óbvio que o ser $\left\{ \begin{array}{l} \text{é da mesma ordem de ilusão que a} \\ \text{tridimensionalidade do mundo exterior.} \\ \\ \text{confia no observador devido a uma limitação} \\ \text{geométrica dos graus sinápticos de liberdade.} \end{array} \right\}$

— Você sempre pronto a defendê-los!

— Respeito muito o que realizaram com faculdades tão limitadas e vidas tão curtas. Chega de rodeios, pai. *Tempus fugit*, o tempo urge. E aquele poeta americano do século XX que ia traduzir a *Lisístrata*? Se ia, isso é muito mau. O homem-fera africano é uma lenda.

Modo retraído (tímido):

— Seu pai ficou com Nove-Voos o dia inteiro.

— X — replica Trifásico: e então?

— A máquina funciona, talvez inadequadamente.

O jovem poliglota tenta aparentar calma e paciência.

— Percebo que quer mais detalhes; a ideia ainda o excita. Também não consegue se satisfazer com o seu conhecimento. O que aconteceu com o homem em seu livro prussiano?

— Viveu cem anos e morreu compreendendo que um homem nunca pode alcançar a verdadeira felicidade, apesar das aparências de sucesso.

— Para uma criança, eis aí uma percepção razoável.

Modo respeitoso, em tom de censura:

— Cem anos fizeram de Fausto um homem muito velho para quem viveu na Aurora.

— A meu ver — o mesmo tom pouco respeitoso —, ainda uma criança. — Trocaram gestos silenciosos de riso.

Depois de um polido intervalo de dez segundos, Trifásico emprega a interrogação disfarçada:

— A máquina de Nove-Voos...?

— Começa a funcionar, mas ainda não perfeitamente. — Não era novidade.

Uma leve impaciência:

— Então, como antes, só traz pedras, terra, água e plantas?

— Negativo, querido atavismo. — E em seguida: — Hoje, ela pegou dois animais cuja aparência deve ter sido a dos homens de outrora.

— ! — Forte impaciência. — Eu vou?

— . — O pai encerra a conversa apenas dois segundos depois de iniciada.

Trifásico apanha sua dentadura e em seguida se dirige a Nove-Voos.

Uma rápida troca de saudações em forma de sinais e Nove-Voos apresenta

seus achados.

— Creio ter aqui duas espécies diferentes — declara ela: incerteza, dúvida. Trifásico acha graça.

— Negativo, calculadora de tempo. O macho e a fêmea tinham formas bem diversas na época da Aurora. — Toca um deles. — Os órgãos redondos, aqui, serviam para alimentar a prole, na fêmea.

A fêmea grita.

— Agora ela manipula sinais falados — observa Nove-Voos.

Antes que a mulher interrompesse seu grito de susto, Trifásico explica:

— Não se trata de sinais manipulados concretos. Ela está se comunicando de um modo chamado “não verbal”, que antecede a fala propriamente dita. — E, no tom pedante: — Minhas leituras indicam que esse ruído ocorre
depois de um estímulo
sob condições que

{ depois de um estímulo
sob condições que

produzem dor {
extrema agitação { como ela não parece sentir dor, deve estar

com medo de mim, de você ou de ambos.

— Ou da máquina — acrescenta Nove-Voos.

Sinal para continuar.

— Não temos sinais para isso, mas na Aurora muitos humanos praticavam a “xenofobia”, que é reagir ao estranho com medo e não com deleite. Somos tão estranhos para eles quanto eles são para nós, por isso sentem medo. Em sua época, essa atitude ajudava na sobrevivência.

— Nosso silêncio deve lhes parecer anormal, tanto quanto nossa aparência e a velocidade com que nos movemos. Tentarei conversar com eles, para que saibam que não precisam nos temer.

Bob e Sarah Graham se divertiam a valer. Era setembro de 1951 e os jornais estavam repletos de notícias sobre o espetacular desembarque dos fuzileiros americanos em Inchon. Bob era soldado no corpo de fuzileiros e ainda tinha dois dias de licença dos trinta que lhe haviam sido concedidos, entre o treinamento e o desembarque na Coreia. Havia três semanas, Sarah era a sra. Graham.

Sarah despejou mais um pouco de uísque em sua Coca. Limpou a areia do polegar e fechou a garrafa, que depois agitou de leve.

— E se você não aparecer? — perguntou em tom suave.

Bob contemplava o oceano e as últimas palavras de Sarah se perderam entre o barulho das ondas.

— Se eu o quê?

— Não vá. — Bebeu um gole e ofereceu-lhe a garrafa. — Fique aqui comigo. Conosco. — Ela tinha certeza de que estava grávida. Ainda era cedo para saber com certeza, é claro; não contara direito ou devia haver outras razões.

Bob devolveu-lhe a garrafa de Coca e bebeu diretamente da de uísque.

— Poderiam passar muito bem sem mim. E eu ainda estaria na cadeia quando voltassem.

— Não se...

— Amor, nem pense em falar uma coisa dessas. É por uma causa justa.

Sarah apanhou uma conchinha e atirou-a na água.

— Além disso, você leu o *Examiner* ontem.

— Estou com frio. Vamos embora. — Ela se levantou, espreguiçou-se e sacudiu delicadamente a areia do corpo. Bob admirou aquele esguio corpo nu de dançarina. Desdobrou o cobertor e colocou-o sobre os ombros dela.

— Tudo estará acabado quando eu chegar lá. Vamos dar cabo daqueles bastardos...

— Chega de falar sobre a Coreia. Chega de falar.

Bob passou-lhe o braço pela cintura e foram andando para a cabine. A meio caminho, ela parou e enrolou o cobertor em volta dos dois, puxando-o para si. Bob sempre fechava os olhos quando a beijava, mas Sarah sempre mantinha os seus abertos. Então, ela viu: o ar se enchendo de luz, a paisagem marinha se diluindo e sendo substituída por paredes nuas de metal. A areia endureceu sob seus pés.

Ao perceber que ela ofegava, Bob abriu os olhos. E viu um anão grotesco, de cabeça e olhos muito grandes, corpo pequeno e pele enrugada. Ficaram olhando um para o outro por uma fração de segundo. Em seguida, o anão correu pelo quarto até o que parecia ser um quadrado negro desenhado no piso. Ali chegando, desapareceu.

— Que diabo é isto? — murmurou Bob em tom rouco.

Sarah se virou, mas não a tempo de ver o pai de Trifásico. Viu Nove-Voos antes de Bob. A nominalmente fêmea calculadora de tempo era um borrão em movimento, sentada diante de seu painel e manipulando controles. Todos aqueles movimentos e controles eram desnecessários. Estes haviam sido construídos por sugestão de Trifásico, uma vez que os humanos da época para a qual iriam se sentiriam mais à vontade na presença de uma máquina que parecesse uma máquina. O painel do tempo era mais ou menos do tamanho de um pé de aspargo, era acionado inteiramente pelo pensamento e não tinha partes móveis. Já não existe, mas, se compreendido, pode ainda ser usado. Nove-Voos fora treinada desde o nascimento para aquela tarefa.

Sarah cutuca Bob e aponta para Nove-Voos. Ela não consegue pronunciar uma única palavra; Bob olha boquiaberto.

Em poucos segundos, Trifásico aparece. Lança um breve olhar a Nove-Voos, aproxima-se do casal da Aurora e estende a mão para tocar o mamilo esquerdo de Sarah. A temperatura corporal dele é consideravelmente mais elevada que a dela; aquele calor úmido e também a rapidez do movimento fizeram com que a jovem desse um pulo para trás e gritasse.

Trifásico classificou corretamente os dois indivíduos da Aurora como caucasianos e presumiu, portanto, que deviam falar alguma língua indo-europeia.

— *GuttenTagsprechesieDeutsch?* — perguntou, emendando as palavras em sua entonação veloz de soprano.

— Hein? — exclamou Bob.

— *Guten-Tag-sprechen-sie-Deutsch?* — Trifásico limpou a garganta e baixou o tom para o grave que usa quando canta sobre a mulher de St. Louis. — *Guten Tag* — prosseguiu, contando até cem entre as palavras. — *Sprechen sie Deutsch?*

— É Kraut — diz Bob, que cresceu lendo revistas xenofóbicas. — Não me diga que você é...

Trifásico analisa as cinco primeiras palavras e conclui que Bob é um americano do período de 1935 a 1955.

— Sim, sim... não, não... você foi muito esperto identificando essa frase como pertencente à língua da Prússia ou Alemanha, como vocês dizem. Mas não, eu não sou alemão; pelo menos, não pertenço mais à nacionalidade alemã que a qualquer outra. Acredito, porém, que as coisas não estão muito claras e talvez eu deva explicitar os detalhes de sua situação nestes, como vocês dizem, “tempo” e “lugar”.

O último autor de língua inglesa que Trifásico estudou foi Henry James.

— Hein? — exclamou Bob de novo.

— Ah, preciso simplificar. — Pensou por uma fração de segundo e baixou ainda mais a voz. — Sim, é simples. Escute, Mac. A primeira coisa que quero saber é seu nome. Completo.

— Bem... sou Bob Graham. Esta é minha esposa, Sarah Graham.

— Prazer em conhecê-lo, Bob. E a você também, Sarah. Meu nome é... hum... — A única língua do século XX em que o nome Trifásico faz sentido é o cálculo proposicional. — George. George Boole. — Peço desculpas por tê-la tocado, Sarah. Aquela bobinha ali no canto não sabe o que é um seio e eu apenas quis usar o seu para explicar. Hum, falta de perspectiva cultural imediata, receio.

Sarah, um pouco tonta, balança lentamente a cabeça.

— Tudo bem. Sei que não teve má intenção.

— Estou sonhando — diz Bob. — Não deveria...

— Não, não está — diz Trifásico, ajustando novamente a dicção. — Você está no futuro. Quase um milhão de anos. Perdoe-me. — Corre para o quadrado, desaparece por um segundo e reaparece com um lençol, que entrega a Bob. — Desculpe-me, nós não usamos roupas. Isto é o melhor que tenho, por enquanto. — O lençol é pequeno demais para que Bob envolva com ele o corpo inteiro, como Sarah está envolvida no cobertor. Dobrou-o e amarrou-o à cintura, como um *kilt* escocês.

— Por que nós? — pergunta.

— Foram pegos ao acaso. Estivemos viajando pelo tempo — olha para Nove-Voos — durante vinte e dois anos e nunca havíamos encontrado um ser humano. Quanto mais dois. Vocês deviam estar em contato muito próximo quando o raio do tempo os atingiu. Presumo que estivessem copulando.

— O quê?! — balbuciou Bob.

— Não, não estávamos! — bradou Sarah, indignada.

— Esqueçam. — Trifásico não quer levar essa conversa adiante. Sabe que os humanos daquela cultura eram reticentes quanto à sua atividade sexual. Mas, por sua literatura, sabe também que passavam boa parte do “tempo” pensando em contatos sexuais, procurando-os, gozando-os e se recuperando deles.

— Então aquilo ali deve ser uma máquina do tempo — arrisca Bob, indicando o painel falso.

— Em certo sentido, sim. — Trifásico decide ser parcialmente honesto. — Entretanto, a máquina verdadeira já não existe mais. As pessoas viajavam muito no tempo há cerca de um quarto de milhão de anos. Embaralhavam a história. Alteravam-na. O fato de a máquina ter existido... bem, isso nos permite usá-la, se é que me entende.

— Hum... não, não entendo. — Não com sinapses limitadas a três graus de liberdade.

— Ora, não se preocupe com isso. Não é importante, acredite. — Pressente a pergunta seguinte. — Sim, vocês voltarão... Não sei exatamente quando, isso depende de um monte de coisas. O tempo é como um elástico, certo? — Não, não é. — Ou uma mola. — Também não. — De qualquer modo, dentro

de poucos dias ou no máximo semanas, vocês deixarão o presente e retornarão ao momento em que viviam quando o raio do tempo os apanhou.

— Já li histórias desse tipo — diz Sarah. — Depois de voltarmos nos lembraremos do futuro?

— Provavelmente não — diz ele, para consolá-la. Até o cérebro de vocês evoluir. — Mas podem nos prestar um grande serviço.

Bob dá de ombros.

— É claro, enquanto estivermos aqui. De qualquer maneira, você nos fez um favor. — Coloca o braço nos ombros de Sarah. — Eu teria de deixar Sarah em questão de dias, sem saber quando voltaria. Você está nos dando mais algum tempo juntos.

— Pouco importa que nos lembremos dele ou não — completa Sarah.

— Bom, ótimo. Venham comigo. — Seguem Trifásico até o transportador, onde ele os toma pela mão e os leva para sua casa. O local é despojado como a sala da máquina do tempo, exceto pelas prateleiras de livros ao longo das paredes e de uma pequena estante onde se vê o volume de *Fausto*. Todos os livros são encadernados da mesma maneira, em metal brilhante com letras negras e sem relevo nas lombadas.

Bob olha em volta.

— Vocês não se sentam nunca?

— Oh, como sou descuidado! — diz Trifásico. Com a mente, substitui a utilidade do quarto pelo conforto. Tapetes de padrões intrincados agora pendem das paredes; almofadas macias, que parecem recobertas de seda, estão espalhadas em agradável desordem por toda parte. Uma música suave, com pouca dissonância, flutua no limite da audibilidade e baila no ar um leve perfume de algo que lembra jasmim. O piso de metal se tornou uma espécie de couro macio e o recinto, de algum modo, não tem mais cantos.

— Como isso aconteceu? — pergunta Sarah.

— Não sei. — Trifásico tenta imitar o movimento de ombros de Bob, mas só o que consegue é uma contração espasmódica. — Sempre fiz isso.

Bob se senta numa almofada e testa o piso com os dedos.

— O que quer de nós?

Tentando não fazer movimentos muito rápidos, Trifásico se deixa cair numa almofada e pede que Sarah se sente em outra, perto dele.

— Pouca coisa, na verdade. Só o fato de vocês estarem aqui já é muito. Vamos celebrar o milionésimo aniversário da palavra escrita. — Como explicar? — Todos estão entusiasmados com o aniversário, mas há um problema: ninguém mais lê.

Bob esboçou um gesto de compreensão.

— Eu também não tenho tempo para isso.

— Sim, mas... você *sabe* ler, não?

— Ele sabe — interveio Sarah. — Apenas, tem preguiça.

— Hum, bem... — Bob se remexe, constrangido, na almofada. — É com Sarah que você deve conversar. Eu... hum... prefiro ouvir rádio.

— Já eu leio o tempo todo — diz Sarah, com uma pontinha de orgulho. — Quase sempre, histórias de mistério. Mas às vezes leio livros bons, também.

— Ótimo, ótimo. — Fora realmente muita sorte encontrar aquele casal, constata Trifásico.

Eles haviam usado o metal dos livros antigos para “sintonizar” a calculadora do tempo, de modo que os temas potenciais estavam limitados a quem vivera uns oitenta anos antes e depois de 2012 d.C. A evidência interna, nos livros, indicava que grande parte da população da Terra era analfabeta durante esse período.

— Deixe-me explicar. Qualquer um de nós pode aprender a ler. Entretanto, para nós, isso é uma espécie de código, uma maneira antinatural de nos comunicarmos, pois somos telepatas de nascença. Conseguimos fazer contato com a mente dos outros já na idade de 1 ano.

— Meu Deus! — exclama Sarah. — Vocês leem mentes? — Trifásico vê na mente dela um sentimento confuso, em parte amor por Bob, em parte frustração por só conhecê-lo de maneira imperfeita. Volta-se para a mente de Bob e descobre ali coisas que seria melhor ela não descobrir.

— Sim. Queremos, assim, que vocês leiam alguns destes livros e nos permitam entrar em suas mentes enquanto estiverem lendo. Desse modo,

conseguiremos recuperar uma experiência que a raça perdeu há meio milhão de anos.

— Não sei, não... — objeta Bob lentamente. — Teremos tempo para mais alguma coisa? Quero dizer, este mundo deve ser muito estranho. Gostaria de ver um pouco dele.

— É claro, sem problemas. Mas o resto do mundo é bastante igual a isto aqui. Ninguém sai. Lá fora, não há mais oxigênio. — Não quer lhes dizer como o ar desapareceu, pois isso os perturbaria, mas eles parecem aceitar tudo como parte do futuro distante.

— Bem, George — interrompe Sarah, enrubescendo. — Nós também gostaríamos... hum... de ter um tempinho só para nós. Sem outra pessoa... dentro de nossa mente.

— Sim, compreendo. Vocês terão seu próprio quarto e bastante tempo a sós. — Trifásico evita dizer que não existe nenhuma privacidade numa sociedade telepática.

Mas sexo é também outra coisa que já não possuem. E isso desperta neles quase tanta curiosidade quanto os livros.

Assim, os homens gentis do futuro deram a Bob e Sarah muito tempo para ficarem sozinhos. E os dois não deixaram de pagar a gentileza: pelos olhos e cérebro do casal da Aurora, a humanidade partilhou de novo as visões de Fielding, Melville, Dickens, Shakespeare e outros mais. Quanto aos 98% dos livros restantes, que não teriam tempo para ler ou estavam em línguas estrangeiras, Trifásico captou-lhes o sentido e passaria vários milênios entretendo quem gostasse dessa grande ilusão da literatura: que deve existir ordem, que deve haver começo e fim, com um enredo lógico; e que o terceiro ato ou o último capítulo esclarecem tudo. Sabiam que essa era uma ilusão profunda porque cada um deles conhecia os outros com uma precisão e intimidade bem superiores às que o próprio Shakespeare teria usado para estudar a si mesmo. No que diz respeito a Sarah e Bob, a ansiedade costuma estimular os ovários de uma mulher. Naquela praia da Califórnia, Sarah não

estava mais grávida do que Bob; mas ali, no futuro, uma espécie de tensão somática, chegando ao ponto máximo, fez com que um óvulo, deslizando pela trompa de Falópio, encontrasse um intruso coleante mais ou menos a meio caminho. Juntos, foram a primeira manifestação de um organismo que nove meses mais tarde, ou um milhão de anos mais cedo, seria batizado como Douglas MacArthur Graham.

Isso criava um problema para o tempo, ou Tempo, que não é nem como um elástico nem como uma mola, nem como um rio nem como uma onda portadora — mas que, como todas essas coisas, pode ser deformado por pressão. Por exemplo, duas pessoas indo para o futuro e três voltando no mesmo raio transportador.

Em outras épocas, quando as viagens no tempo eram mais comuns, os responsáveis pelo transporte teriam feito com que o bebê, ou pelo menos o embrião abortado, permanecesse no futuro enquanto a mãe voltasse para o presente. Ou então dariam um jeito de deixar a mãe no futuro. Mas essas sutilezas estavam sem uso havia muito tempo quando Nove-Voos reaprendeu a arte esquecida. Desse modo, Sarah voltou ao presente com um carona, um intruso, firmemente implantado nas paredes de seu útero. E o obscuro senso de vida do intruso provocou uma espécie de redemoinho no fluxo do tempo, que Sarah teve de compartilhar.

A explicação matemática é complicada e só pode ser entendida por aqueles que operam suas sinapses com menos de quatro graus de liberdade. Mas no fim tudo fica claro: Sarah teve de experimentar sua vida inteira de trás para a frente até aquele abraço na praia. Eis alguns acontecimentos:

Em 1992, morrendo aos poucos de câncer num hospital para doentes mentais.

Em 1979, vendo Bob tendo finalmente êxito no suicídio durante o Plano Americano, sem esvaziar por completo sua 9.527^a garrafa de bebida.

Em 1970, vendo seu único filho voltar num caixão lacrado de um país do qual ela nem sabia o nome.

Na década de 1960, percebendo que seu filho se tornava cada vez mais neurótico por causa de alguma coisa que ninguém conseguia descobrir.

Em 1953, Bob voltando para casa com um pé só, pois o outro se perdera por congelamento; sem nunca ter disparado um tiro com raiva.

Em 1952, o doloroso parto com apresentação pélvica.

Como o filho, Sarah não se lembrava dos detalhes da viagem de volta. Mas as cicatrizes dos acontecimentos a assombrariam para sempre.

Estavam se beijando na praia.

Sarah deixou cair o cobertor e emitiu um breve grito. Depois começou a chorar, bateu em Bob o mais forte que podia e pôs-se a correr sozinha em direção à cabine.

Bob viu-a subir a encosta com sentimentos desencontrados. Tomou um bom gole da garrafa de uísque a fim de ter um motivo para esfregar os olhos.

Podia ficar sentado na praia e beber o resto. Deixá-la a sós. Ou ir consolá-la.

Jogou fora a garrafa, gesto que o fez se sentir estúpido, e seguiu-a. Mais tarde, Sarah se desculpou, dizendo que não sabia o que dera nela.

JACK DANN

Jack Dann escreveu ou organizou mais de cinquenta livros, muitos deles sobre a consciência da humanidade e seu papel na compreensão do universo. Seus romances incluem o best-seller internacional The Memory Cathedral, a respeito das viagens de Leonardo da Vinci fora de sua Itália natal e das mudanças que sua mente fértil provocou em outros países. Citemos também The Man Who Melted, e que três contos indicados ao prêmio Nebula, sobre uma futura sociedade conturbada por seus cidadãos, se entretecem na história de um homem com amnésia que procura sua esposa. Dann colaborou com Jack C. Haldeman II no romance High Steel, que leva ao espaço empresas americanas insensíveis e coloca-as frente a frente com um protagonista indígena que tenta se apegar à sua história enquanto trabalha longe da Terra. Seus contos foram há pouco coligidos na antologia Jubilee, cuja história-título é sobre uma consciência alienígena que tenta entrar em contato com a Terra e, com isso, altera a realidade. A obra de Dann foi comparada à de Jorge Luis Borges, Roald Dahl, Lewis Carroll, Carlos Castañeda, J. G. Ballard, Philip K. Dick e Mark Twain. Ele recebeu os prêmios Nebula, World Fantasy, o australiano Aurealis (duas vezes), Ditmar (duas vezes) e Gilgames de Narrativa Fantástica. Foi também homenageado pela Mark Twain Society (Cavaleiro Honorário).

Dann assume uma visão metafísica, existencial da viagem no tempo em “Timetipping” [Inversão do Tempo], mesclando sua herança judaica com um mundo no qual pessoas e coisas entram e saem de diferentes momentos durante todo o dia, podendo alguém se achar em outra dimensão num piscar de olhos. O herói da história, um sujeito comum que apenas tenta sobreviver, está preso a esse mundo, mas, ao contrário dos demais, vê tudo à sua volta

mudar sem que ele próprio nunca mude. É sobre esse ponto de vista singular que a história vai sendo construída.

INVERSÃO DO TEMPO

JACK DANN

DESDE A INVERSÃO DO TEMPO, tudo passou a se mover de maneira diferente. Nada mais era certo, tudo podia mudar (dependendo do ponto de vista da pessoa) e quase tudo podia acontecer, especialmente para os velhos gagás que com frequência se viam no século errado e não na rua errada, como antes.

Vejamos, por exemplo, Moishe Hodel, velho e gordo demais para galgar escadas; no entanto, insistia em subir ao telhado de sua casa suburbana, sentar-se no alto de uma igreja de pedra em Goreme, seiscentos anos antes e, em vez de rezar, ficar observando os monges. Alegava que, como o tempo e o espaço estavam *meshuggeneh* (haverá palavra melhor para “loucos” em qualquer outra língua?), ele procuraria um caminho mais rápido e mais piedoso para a sinagoga. Os *goyim*, os não judeus, que fossem de trem.

Sem dúvida, Paley Litwak, suficientemente idoso para saber alguma coisa, já não sabia mais nada depois que o mundo mudara, deixando tudo de cabeça para baixo. Sua mulher desapareceu e outra surgiu no lugar dela. Uma nova Golde, com menos linhas de expressão e covinhas, de cabelos brancos e poucos dentes.

Ao chegar, foi logo dizendo:

— Está quase tudo em ordem. Você é quase o mesmo, Paley. Ainda vai à *shul*?

— *Shul*? — perguntou Litwak, resolvido a não pular, gritar e pedir ajuda divina. Apesar de toda aquela mudança, ele continuaria firme e aguardaria a decisão de Deus. — Que é *shul*?

— Quer dizer que não sabe o que é *shul*? Por que então continua usando esse solidéu na cabeça? — Revirou o lenço entre os dedos. — *Shul*, sinagoga, templo. Você ainda reza?

Litwak não era religioso, mas podia contemplar Deus de cabeça erguida. Rezava, sim. E nas semanas seguintes se viu na *shul* com grande frequência. Portanto, a mulher o influenciou; afinal, era sua esposa. Onde mais poderia Litwak estar? Ali, tinha uma conversa de mão única: de sua boca para os ouvidos de Deus. Mas em casa tudo se invertia; em casa, Litwak não falava, apenas escutava. Como discutir com uma mulher para quem fornicar com outros homens é um ato sagrado?

Mas Litwak era um sobrevivente; com o resto do mundo de pernas para o ar, ele continuava o mesmo. Nem uma vez sequer viajou para um tempo diferente; não ganhou nem perdeu uma hora sequer — e os únicos lugares para onde foi eram aqueles para onde podia ir. Uma exceção à regra. O resto do mundo estava à deriva; os demais nadavam, saindo do passado ou do futuro para o presente, aqui ou sabe-se lá onde.

Um mundo diferente, aquele. Ruas ladeadas de lojas, carnaval todas as noites. Rostos estranhos de dia — e noites tão curtas que Litwak ficava na sinagoga apenas para passar o tempo. Entretanto, para ele não havia tempo, somente rituais, preces e cheiro de incenso.

Mas, ainda assim, o mundo continuava. Faziam-se negócios como sempre. Havia ainda rabinos, *chasids* (ortodoxos), merceeiros e cabalistas; o gordo Hoffa, um congregado cuja barba faria inveja a qualquer Baal Shem de livro ilustrado, dizia mesmo conhecer um cabalista que inventara uma nova gematria para prever tudo quanto se referisse a dinheiro.

— Mas quem precisa de gematria? — perguntou Litwak. — Viaje para o amanhã e descubra você mesmo o que vai acontecer.

— Errado — corrigiu Hoffa, enrolando no braço seu xale de oração e esperando uma pausa na conversa para proferir as palavras sagradas antes de pô-lo aos ombros. — Você não deve ir lá sem saber se poderá voltar. E, caso volte, tudo estará mudado... Conhece realmente alguém que voltou? Olhe para você: não tinha cabelos brancos nem trancinhas ontem.

— Então não fui *eu* que você viu. De qualquer modo, se todos, menos eu, estão indo e vindo para a frente e para trás (entrando e saindo da boca do diabo, por assim dizer), em que tempo você usará essa nova gematria?

Hoffa refletiu e disse:

— O mundo deve continuar girando. Você pensa que ele para porque o céu o sacode...

— Como sabe que é o céu?

— ... mas *deve* ir ver o cabalista. Você ficou amarrado ao presente, na linha divisória. Vá falar com ele; o homem fala um iídiche passável e sua esposa anda por aí de bunda de fora.

— E como sabe que ele está lá agora? — perguntou Litwak. — As pessoas vêm e vão. Talvez um Neandertal ou um *klezmer* (músico) do futuro tome o seu lugar.

— E daí? Se não estiver lá, qual o problema? Pelo menos, você saberá que ele foi para outro lugar. Certo? Tudo muda, nada se perde. E tudo se encaixa, seja lá como for. Isso é o que importa.

Litwak demorou um pouco para aprender a nova lógica dos tempos; mas, depois que aprendeu, soube aproveitá-la — especialmente depois que os cheques de sua aposentadoria deixaram de chegar. Litwak se tornou um malandro muito hábil, mas roubava apenas de acordo com a lógica da sociedade e seu próprio sistema ético: metade para a *shul* e metade para Litwak.

Começou a passar mais tempo nas ruas do que na sinagoga e, ali parado, aprendeu bastante. Desvendava o mundo, descobria onde ele estava, onde estaria, poderia ou não poderia estar. Quando ficava confuso, apelava para a lógica.

Os dias passavam depressa, mesmo com as preces e noites dormidas na *shul* por mais tempo. Tudo girava à sua volta. A cidade era um caleidoscópio de cores de todos os períodos da história, que se misturavam em diferentes roupagens enquanto ladrões, diplomatas, príncipes e comerciantes percorriam as ruas pavimentadas do Brooklyn.

Reparando em tudo, Litwak voltava para casa atravessando multidões de

escravos, servos e operários. Manter escravos no Brooklyn era difícil, de modo que eles momentaneamente vagavam livres, viajando depois para outra parte onde eram recapturados a fim de trabalhar até poder fugir de novo, de novo e de novo, enquanto durasse a velha lógica. A King's Highway era uma parte ruim da cidade. O Boy's Club havia se transformado num mercado de escravos e num patíbulo.

O apartamento de Litwak era o que se podia chamar de cubículo. Golde mudara de novo, mas não muito. Continuava mudando enquanto suas diferentes linhas do tempo se cruzavam na cozinha e no quarto de Litwak. Poucas Goldes agradavam a Litwak, mas a mudança era gradual e as Goldes tendiam a piorar. Para cada Golde exuberante de cabelos loiros tingidos ele tinha de aguentar cinquenta ou mil desdentadas e rabugentas.

A última Golde tinha conseguido de algum modo comprar um periquito que se metamorfoseara num gaio azul, num papagaio de penas vermelhas e num avestruz, que valeu uma boa ceia. Litwak descobriu que os animais pequenos se transformavam mais depressa que os grandes ou os homens; uma questão de metabolismo, talvez. Golde esganou o avestruz antes que ele virasse outra coisa. Usando de lógica e compaixão, Litwak abençoou-o para torná-lo *kosher*, alimento permitido — o rabino não poderia ser encontrado e era um novo ortodoxo (imagine-se) que não distinguia o Talmude de uma novela; pior ainda, lia o hebraico com o tom fanhoso do Brooklyn, coisa comum entre esses jovens rabinos. Melhor o próprio Litwak abençoar seu alimento; que o rabino abençoasse o dos *goyim*.

Outra refeição com outra Golde, esta morena e cheia de espinhas, gorda e pesada; seus olhos, porém, eram da cor do oceano visto de um aeroplano num dia de sol. Litwak não conseguia se concentrar na comida. Brigava-se ferozmente duas ruas adiante e ele temia ir à *shul*.

— Mais sopa? — perguntou Golde.

Tinha bonitas mãos também, reparou Litwak.

— Não, obrigado — respondeu antes que ela desaparecesse.

Em seu lugar surgiu uma forte camponesa, mãos e vestido velho ainda sujos de terra rica e negra. Não gritou, não correu nem atacou Litwak; apenas

limpou as mãos e coçou a virilha. Falava a mesma língua, no mesmo tom grave, que Litwak ouvira muitas noites na *shul*. Um egípcio chamado Rampsinito havia aparecido na sinagoga, achando que ali era o templo bárbaro de Baiti, o deus palhaço.

— Baiti? — perguntou ela, levantando a voz.

— Baiti — respondeu ele, convicto.

Ponto final, pensou Litwak, já identificando o mau cheiro do recinto como suor.

Litwak escapou do apartamento antes que ela se transformasse em algo ainda mais terrível. Contava com mudanças; as coisas mudam, se alteram — isso é lógico. Mas não tão depressa. Ele desacelerara processos naturais no passado (era o que supunha), mas agora estava deslizando, afundando como os demais. Um Sansão careca à deriva numa jangada.

O tempo não é um rio, pensou Litwak atravessando multidões compactas, todas à deriva também, gritando, rindo, correndo de cá para lá, enquanto velhotes eram substituídos por antigos monstros e medos; os dinossauros, porém, ocupavam muito espaço, sempre escorregavam e só entravam no mundo atual aos pedaços — uma grande asa de ornitorrinco, uma cauda de estegossauro com dois pares de espinhos ósseos ou, talvez, uma enorme cabeça de tiranossauro.

O tempo é um buraco, concluiu Litwak. Podia sentir sua atração.

Sempre que Litwak tocava um estranho — alguém que precisara de muitos quilômetros e minutos para reconhecer quem era —, ele desaparecia num piscar de olhos. Litwak despedira, desse modo, três damas ricas, um arcediogo, um ornitólogo, um cavaleiro de capacete normando e vários servos sumérios. Quase tropeçou num garoto agachado que tentava arrancar um dente da cabeça amputada de um tiranossauro.

O garoto agarrou a perna de Litwak e, arrastando-se alguns passos de joelhos, mordeu-a. Gritando de dor, Litwak se desvencilhou, ouviu um barulho esquisito e viu a sinagoga mais perto do que devia estar. Mas não era sua *shul*; era uma catedral, uma caricatura de sua bem-amada sinagoga.

— Peguem esse cara! — gritou o fedelho com um sotaque tão pesado que

Litwak mal pôde entender o que ele dizia. — É o ladrão que rouba a *shul*!

— *Gevalt*, este não é o lugar adequado — disse Litwak, correndo para a catedral.

Algumas mãos se estenderam para ele, mas Litwak já estava dentro. Ali, no salão de Deus, tudo fora, seria e tinha de ser o mesmo: grandes janelas de clerestório; naves duplas para as procissões de quinta-feira; capelas laterais ao estilo de Amiens 1247; nave central, coro e torres, tudo de acordo com as rígidas exigências da norma haláquica.

No altar, logo acima da arca sagrada, pendia um prato de bronze representando o ovo de Khumu, que criou a substância do mundo na roda de um oleiro. E de pé no púlpito com borda de veludo, a cara larga enterrada num livro de preces, via-se o rabino Rampsinito.

— Santo, santo, santo — salmodiava ele. Vinte e cinco velhotes cantavam, agitavam as mãos, oravam apanhando a deixa. Todos tinham barbaças e trancinhas, usavam chapéus cônicos e trajes de prece.

— É ele! — insistiu o garoto.

Litwak correu para o púlpito e beijou o livro sagrado.

— Ladrão, gatuno, malandro e saqueador!

— Chega — interrompeu Rampsinito. — O serviço está terminado. Deus não piscou. Fique quieto — ordenou ao garoto.

— Bem, olhe para ele.

Rampsinito reconheceu Litwak imediatamente.

— Então esse aí é o ladrão. Costuma limpar os cofres de Deus e por isso foi excomungado como ratoneiro.

— Mas não tirei nada da *shul*. Este não é sequer o meu tempo ou lugar.

— Ele fala um idioma bárbaro — observou Rampsinito. — Que é *shul*?

— Este Paley Litwak mudou de lugar duas ou três vezes — interrompeu Moishe Hodel, que podia viajar no tempo à vontade para qualquer sinagoga que Deus pusesse à sua frente. — Ele é novo. Olhem e ouçam. *Este* Paley Litwak provavelmente não roubou a sinagoga. Vão condená-lo pelo que outra pessoa fez?

— Moishe Hodel? — perguntou Litwak. — Você é o mesmo que conheci

com Beth David na King's Highway?

— Quem sabe? — respondeu Hodel. — Conheci uma Beth David, mas não na King's Highway. E conheço um Paley Litwak, que parou no tempo e tinha uma esposa chamada Golde, criadora de hamsters.

— Mais ou menos isso. Porém...

— Então não se preocupe. Vou defendê-lo. Precisarei de algumas horas para aprender o dialeto, mas ele se parece com o *yinglês*, apenas um pouco arrastado e semeado de egiptismos.

— Pare de blasfemar — disse Rampsinito, virando-se para Hodel. — Filosofia e lógica são, de fato, ótimas coisas. Mas esta é uma sociedade da lei, não de filósofos, e a lei exige reparação.

— Mas eu tenho dinheiro — alegou Litwak.

— Essa é a sua lógica — replicou Rampsinito. — O dinheiro, especialmente a moeda bárbara que você oferece, não substitui o fato. A imoralidade privada e a indecência pública são a mesma coisa.

— Ele tem razão — murmurou Hodel com voz arrastada.

— Prendam o renegado — exigiu o garoto.

— Feito — disse Rampsinito. Fez um sinal sagrado e deu a Litwak uma rápida bênção. Em seguida, os guardas do garoto levaram-no para fora.

— Fique tranquilo, Paley — assegurou Moishe Hodel. — As coisas mudam.

Litwak tentou escapar dos guardas, mas não podia alterar os tempos. É tudo uma questão de vontade, disse para si mesmo. Com a ajuda de Deus, iniciaria uma mudança e correria, ou deslizaria, para outro século, para uma época mais amistosa.

Mas não ainda. Nada havia mudado; avançaram em linha reta para a prisão, uma grande pirâmide ainda revelando sinais de seu revestimento de calcário.

— Aqui estamos — avisou um dos guardas. — Esta é uma cidade sem recursos. Não precisamos de mendigos nem de pobretões aqui, já bastam tantos estrangeiros. Então fuja, voe, transfira-se para outro lugar qualquer. Não há outra maneira de sair deste depósito.

Enfiaram-no em uma estreita passagem e baixaram a porta de pedra às suas

costas.

Era difícil respirar ali; o ar pesado cheirava mal. Escuridão completa. Litwak nem podia ver suas mãos postas diante dos olhos.

“*Gottenyu*”, pensou, sentando-se no chão frio de pedra. “Prendem-me por causa de uns miseráveis centavos.” Recitou o *Shma Ysroel* e ficou repetindo-o para si mesmo, marcando os longos segundos com cada sílaba.

Durante dois dias (pelo que lhe pareceu), Litwak rezou. Mas talvez fossem quatro horas. Quando se cansava de rezar, amaldiçoava Moische Hodel, mandando-o para os quintos dos infernos e desejando que quebrasse os dedos. Litwak espirrou, começou a tossir nervosamente e seus olhos ficaram purulentos. “É a vontade de Deus”, suspirou.

Como que em resposta, uma voz longínqua e esganiçada cantava: “Ó, minha deusa, ó, minha deusa, ó, minha deusa Cle-men-tine!”

Era uma canção folclórica conhecida, entoada em um antigo dialeto espanhol. Mas Litwak entendeu-a, pois o lado materno de sua família falava ladino, o vernáculo dos judeus da Espanha.

“Aí está”, pensou. Sentiu a mudança. Tendo obtido de Deus um pouco de paciência, podia escapar, se transferir, se afastar dali.

Litwak seguiu a voz. O chão se inclinava para cima enquanto ele percorria corredores, pátios e quartos iluminados por tochas. Em alguns lugares ainda não habitáveis, viam-se estalactites e estalagmites. Alguns dos recintos eram decorados com pinturas murais de nuvens, raios, sóis e dançarinos mascarados. Num deles havia um friso retratando uma grande serpente emplumada; em outro, leões da montanha em tamanho natural esculpidos em lava. Mas nenhum dos aposentos estava ocupado.

Logo encontrou a boca da caverna. A luz forte do sol cegou-o por um instante.

— Eu estava à sua espera — disse Castillo Moldanado numa variante de castelhano. — Você é o terceiro. Uma jovem chegou ontem, mas ela gosta de ficar sozinha.

— Quem é você? — perguntou Litwak.

— Sou um visitante como você. — Moldanado cutucou uma verruga que

tinha sob o olho e alisou os cabelos negros, muito finos.

As pupilas de Litwak não tardaram a se acostumar à luz. Diante dele, o deserto. Maciços de cedros e pinheiros eram miragens ao revérbero do sol. Bem longe, planaltos e colinas se alteavam junto a córregos e charcos avermelhados. Aquela era uma terra sedenta, feita de poeira, areia, lama e sol, interrompida apenas por uns poucos campos escuros, um rancho, uma venda ou uma missão. Mas à direita, à esquerda e atrás, aldeias se agarravam às faces escarpadas de encostas pedregosas. Casas em rochedos íngremes, feitas de pedra lavrada, dominavam os vales e extensões desérticas.

— Parece tudo morto — disse Moldanado. — Mas, à sua volta, tudo é vida. Há índios nas encostas e no deserto. Moram na própria rocha. Às suas costas está o Cliff Palace, com seus cento e cinquenta cubículos. Possuem também cidades de pedra em Cañon del Muerto e, mais para o sul, em Walnut Canyon.

— Não vejo ninguém por aqui além de nós — observou Litwak.

— Estão escondidos — explicou Moldanado. — Percebendo a mudança, acham que somos deuses. Têm medo de outro *kachina* negro, de outro mau espírito.

— Ah — disse Litwak. — Um *dybbuk*.

— Você logo verá os nativos. Ayoyewe virá para reacender as tochas e, para a ocasião, estará trajando as mais finas peles e penas de peru. Chamam esta caverna de Keet Seel, “Boca dos Deuses”. Ganhei-a. Dou-a a você. Não tardará e veremos mais nativos por aqui. E mais visitantes. Mudaremos a aparência de suas rochas e os forcaremos a sair. Por ganância.

— E lógica — completou Litwak.

Moldanado estava certo. Mais visitantes chegavam a cada dia e se instalavam no deserto, nas cavernas e aldeias. Romanos, sérvios, egípcios, americanos, alienígenas, mórmons, baalistas e policiais traziam sua cultura, religião e armas. Construíam prédios melhores, cultivavam a terra, comerciavam, roubavam, rezavam, inventavam e brigavam. Por fim, apareceram governantes e diplomatas. Mas isso mudou quando todos começaram a se deslocar no tempo.

Judeus também habitaram as cavernas e aldeias. Vinham de diferentes lugares e tempos, armados com suas convenções, utopias, tragédias e esperanças. Litwak queria ver um Maimônides, um Moisés ben Nachman, um Luria ou mesmo um Schwartz, mas não havia grandes sábios a encontrar, somente judeus. E Litwak era o primeiro. Orientou, instigou, organizou, acalmou e fundou um espaço para orações. Quando eles se tornaram uma verdadeira congregação, construíram uma *shul* e elegeram um rabino, deram a Litwak a honra de se sentar no púlpito numa cadeira revestida de veludo.

Litwak se sentia feliz. Tinha preces, amigos e autoridade.

As noites já não eram escuras. Havia risos, havia comércio movimentado. Tudo brilhava à luz de lâmpadas elétricas, todos oravam. Os índios se juntaram aos demais, se misturaram com eles, desapareceram. Uns poucos judeus desapareceram também. Era moda vestir roupas e penas indígenas.

Moldanado estava sempre por perto, ensinando e liderando, pois conhecia a terra e os costumes nativos. Era um político de nascença; quando a *shul* de Litwak ficou pronta, ele até compareceu a um serviço *mairev*. Foi então que falou a Litwak sobre “quarenta e nove” e Clementine.

— E quanto àquela canção? — perguntou Litwak.

— Você conhece a melodia.

— Mas não a letra.

— Clementine era a deusa de Los Alamos — disse Moldanado. — Foi o primeiro reator nuclear do mundo a utilizar material fissionável. Explodiu, é claro. “Quarenta e nove” era o nome em código do projeto que construiu e detonou a primeira bomba atômica. Eu, porém, não achei nada bom incorporar esse “quarenta e nove” à canção.

— Não acredito que esse seja um assunto a ser discutido na casa de Deus — recriminou Litwak. — A casa de Deus é um lugar de preces, não de bombas.

— Mas isto aqui também é Los Alamos.

— Então devemos orar ainda mais — disse Litwak.

— Já tinha ouvido falar na bomba atômica? — perguntou Moldanado.

— Não — respondeu Litwak, folheando seu livro de preces.

Moldanado achou tempo para apresentar Litwak a Baptista Founce, a segunda visitante que chegou a Los Alamos. Morena e frágil, lembrava a Litwak sua primeira Golde. Mas era também uma *shikseh*, uma mulher jovem e não judia que ostentava uma cruz dourada no pescoço. Ela provocou, irritou e aborreceu Litwak até que ele a levasse para a frente da *shul* em plena luz do dia.

Daí por diante, ele nada mais fez senão rezar. Jejuou, bateu no peito, rasgou as roupas e esperou na paciência de Deus. A *shul* estava sendo reconstruída, de modo que Litwak foi orar no deserto. Quando voltou para a cidade, em busca de comida e repouso, não conseguiu encontrar a *shul*. Tudo havia mudado.

Passou a maior parte do tempo no deserto, em oração. Pedia um sinal quando tropeçou na cabeça de um tracodonte enterrada na areia.

Tudo muda, pensou, contemplando a paisagem árida à sua frente. Viu-se no alto de um monte, olhando para uma extensão infinita de rochas, um quadro de pedras que formava ondas num mar cinzento. À direita, um bosque de coníferas, que lançavam sombras negras e espaiadas. Mas atrás, penhascos de tufo macio se alteavam no mar de pedras. Um olhar mais atento revelava ali ermidas e mosteiros talhados na rocha viva.

Litwak suspirou enquanto observava um grupo de monges que aguardava sua vez para subir uma escada de cordas até um complexo monástico. Falavam uma língua estranha e se benziavam antes de pôr o pé na escada.

Ali não há nenhuma *shul*, disse para si mesmo. É o meu castigo. Um lugar de *goyim*, frio e despojado. Sem nenhuma cultura sofisticada. Apenas um lugar rude, do interior, ainda não invadido por *dybbuks* e *kachinas*.

Litwak se entendeu com os monges e passava o tempo sentado no telhado de uma igreja de pedra em Goreme, seiscentos anos antes. Orava, sentava-se, observava os monges. Aos poucos foi recuperando a força de vontade e o cenário mudou.

Havia um monge que se parecia com Rampsinito.

Outro, com Moldanado.

Pelo menos, desabafou Litwak, não via nenhuma Baptista Founce nas

imediações. Por isso (e por um esforço consciente), achou-se em sua *shul* na King's Highway.

— Bem-vindo de volta, Moishe — saudou Hoffa. — Devia aparecer mais vezes nesta sinagoga.

— Moishe? — estranhou Litwak.

— Bem, você não é Moishe Hodel, que se desloca para sinagogas?

— Sou Paley Litwak e ninguém mais. — Litwak olhou para as mãos. Eram suas.

Mas estava em outra sinagoga.

— Santo, santo, santo — salmodiava o rabino Rampsinito. Vinte e cinco velhotes cantavam, agitavam as mãos, oravam apanhando a deixa. Todos tinham barbaças e trancinhas, usavam chapéus cônicos e vestes de prece.

— Pois então, Moishe — disse Rampsinito —, você voltou. Aprendeu mesmo a conduzir o carro de Deus.

Litwak permaneceu quieto, decidido; depois, sacudiu a cabeça e sorriu. Lembrou-se da *shul* que havia construído e viu-se sentado em sua cadeira aveludada. Mas Baptista Founce rezava na fileira da frente.

Antes que ela pudesse dizer “Paley”, Litwak estava encarapitado no teto de uma igreja de pedra, seiscentos anos atrás.

Talvez amanhã ele fosse à *shul*. Hoje, ficaria ali mesmo, observando os monges.

CONNIE WILLIS

Connie Willis surgiu na cena da ficção científica no início dos anos 1980, com seus contos de impacto com personagens muito humanos. Sua obra mereceu vários prêmios Nebula e Hugo, e ela foi editora do The New Hugo Winners (vol. III). Seu primeiro romance solo, Lincoln's Dreams [Os Sonhos de Lincoln], mostra uma mulher que compartilha sonhos sobre a Guerra Civil. Esse romance demonstra sua caracterização segura e sua habilidade para tecer um enredo, prenunciando futuros livros de grande envergadura. Esses livros não desapontaram o público; citamos, entre eles, o impressionante Doomsday Book [O Dia do Juízo Final], uma história de viagem no tempo onde um pesquisador futuro se vê preso à época medieval durante a Peste Negra; Uncharted Territory, sobre a exploração de um planeta distante; e Remake, um olhar retroativo sobre a censura e uma possível versão da honestidade política no futuro. Seus contos foram coligidos em Fire Watch, Distress Call, Daisy, in the Sun e Impossible Things.

“Fire Watch” [Vigia de Incêndio] pode ser considerado um precursor de Doomsday Book. Fala de um bacharel enviado de volta a Londres durante a Blitz da Segunda Guerra Mundial e que salva a catedral de São Paulo enquanto está lá. O fato de as coisas serem muito diferentes em sua época não diminui o impacto da ideia de um viajante no tempo que experimenta a história em primeira mão, um conceito que Willis explora aqui com a máxima eficiência.

VIGIA DE INCÊNDIO

CONNIE WILLIS

A história triunfou sobre o tempo, que antes só sucumbira diante da eternidade.

— *SIR WALTER RALEIGH*

20 DE SETEMBRO — Obviamente, a primeira coisa que procurei foi o monumento da torre de vigia de incêndio. E, evidentemente, ele ainda não estava lá. Só foi dedicado em 1951, com discurso do reverendíssimo deão Walter Matthews, e ainda estávamos em 1940. Eu sabia disso. Só saí para ver o monumento ontem, com a noção um tanto errada de que ver a cena do crime ajudaria. Não ajudou.

As únicas coisas capazes de ajudar seriam um curso intensivo em Londres durante a Blitz e um pouco mais de tempo. Eu não tinha nenhuma das duas.

— Viajar no tempo não é como pegar o metrô, sr. Bartholomew — dissera o estimável Dunworthy, piscando por trás daqueles seus velhos óculos. — Ou você vai ao vinte ou não vai a lugar nenhum.

— Mas não estou pronto — objetei. — Veja, tive de me preparar durante quatro anos para viajar com Saint Paul. *Saint Paul*. Não Saint Paul's. Não pode esperar que esteja preparado para a Londres da Blitz em dois dias.

— Sim — retrucou Dunworthy. — Posso. — Fim de papo.

— Dois dias! — exclamei para minha colega de quarto Kivrin. — E tudo porque um computador acrescentou um 's. O estimável Dunworthy nem hesitou quando lhe contei. “Viajar no tempo não é como pegar o metrô”, disse ele. “Sugiro que se prepare. Irá depois de amanhã.” O homem é um incompetente total.

— Não — ponderou Kivrin. — Não é. É o melhor que existe. Escreveu o livro sobre a catedral de São Paulo. Talvez você devesse escutar o que ele diz.

Eu contara pelo menos com um pouco de simpatia da parte de Kivrin. Ela ficara praticamente histérica quando seu curso sobre a Inglaterra foi mudado do século XV para o XIV — e como um século qualquer pode servir de base para um curso? Mesmo se considerando as doenças infecciosas, não podiam ir além do cinco. A Blitz é um oito e mesmo a catedral, não passa, com muita sorte, de dez.

— Acha que devo procurar Dunworthy de novo? — perguntei.

— Acho.

— Mas para quê? Só tenho dois dias. Não conheço o dinheiro, a língua, a história. Não conheço nada.

— Ele é um bom sujeito — disse Kivrin. — Acredito que você deveria ouvi-lo enquanto pode. — Boa e velha Kivrin! Sempre disposta a ouvir.

O bom sujeito era responsável por eu estar diante de umas portas abertas para o lado oeste, espantado como o garoto da roça que supostamente era, procurando um monumento que não estava ali. Graças ao bom sujeito, eu me considerava quase tão despreparado para meu curso quanto ele se esforçara por me tornar.

Eu só podia ver alguns metros à frente na igreja. Uma vela brilhando fracamente a distância e um borrão branco se aproximando de mim. Um sacristão ou talvez o reverendíssimo deão em pessoa. Saquei a carta do meu tio clérigo de Gales que me daria acesso ao deão. Apalpei o bolso traseiro para ter certeza de que não havia perdido a microficha do pequeno *Dicionário Oxford de Inglês, Revisto, com Suplementos Históricos*, que eu havia roubado da Biblioteca Bodleiana. Não poderia interrompê-lo no meio da conversa, mas com um pouco de sorte conseguiria entender alguma coisa pelo contexto e averiguar as palavras desconhecidas mais tarde.

— *Ayarpee?* — disse ele. Era mais ou menos da minha idade, uma cabeça mais baixo e bem mais magro. Uma aparência quase ascética. Parecia-se um pouco com Kivrin. Não estava vestido de branco, mas apertava alguma coisa

branca ao peito que, em outras circunstâncias, eu tomaria por um travesseiro. Em outras circunstâncias, também, eu saberia o que estava sendo dito, mas não havia tempo para desaprender latim submediterrâneo e lei judaica a fim de aprender o jargão *cockney* e as medidas tomadas durante ataques aéreos. Dois dias — e o estimável Dunworthy só quisera falar sobre o fardo sagrado do historiador, em vez de me dizer o que era *ayarpee*.

— É? — repetiu ele.

Cogitei de sacar o dicionário, na suposição de que Gales era um país estrangeiro, mas concluí que eles não tinham microfilmes em 1940. *Ayarpee*. Podia ser qualquer coisa, inclusive um apelido para vigia de incêndio, e nesse caso dizer “não” podia não ser lá muito seguro.

— Não — respondi.

De repente, ele passou rápido por mim e foi espiar pelas portas abertas.

— Diabos! — resmungou, ao voltar. — Onde estão eles? Cambada de *bourgeois* vagabundos! — E por aí além, segundo percebi pelo contexto.

Fitou-me bem de perto, desconfiado, como se achasse que eu estava apenas fingindo não ter nada a ver com o *ayarpee*.

— A igreja está fechada — disse finalmente.

Mostrei o envelope e me apresentei:

— Meu nome é Bartholomew. O deão Mathews está?

Ele olhou pela porta um pouco mais demoradamente, como se esperasse a chegada dos burgueses vagabundos a qualquer momento para atacá-los com sua trouxa branca. Em seguida, virou-se e disse, no tom de um guia turístico:

— Por aqui, por favor. — E desapareceu na escuridão.

Levou-me para baixo e para a direita da ala sul da nave. Graças a Deus eu havia memorizado o plano do piso; do contrário, mergulhando nas trevas, toda a metáfora bizarra de minha situação bastaria para me mandar, pelas portas do lado oeste, de volta a Saint John's Wood. Já era alguma coisa saber onde estava. Deveríamos ter passado o número vinte e seis: o quadro de Hunt, *A Luz do Mundo* — Jesus segurando seu facho —, mas estava escuro demais para vê-lo. Aquele facho, nós é que deveríamos usá-lo.

Ele parou de súbito à minha frente, ainda irritado.

— Não pedimos o maldito hotel Savoy, apenas algumas enxergas. Nelson está melhor que nós, pelo menos lhe deram um travesseiro. — Brandiu sua trouxa branca como uma tocha na escuridão. Era um travesseiro, afinal de contas. — Fizemos o pedido há mais de quinze dias e continuamos dormindo sobre os túmulos dos generais feridos em Trafalgar porque aquelas biscates só querem tomar chá e saborear torradas com os *tommies* em Victoria, deixando-nos a ver navios!

Não parecia esperar que eu respondesse a seu rompante. Ótimo: eu só tinha conseguido entender no máximo uma palavra importante em três. Ele continuou andando, escapando à luz de uma patética vela de altar e parando de novo diante de um buraco escuro. Número vinte e cinco: escadas para a Whispering Gallery, a Cúpula, a biblioteca (fechada ao público). Lá em cima, avançando por um corredor, parou de novo na frente de uma porta medieval e bateu.

— Tenho que ir esperá-los — disse. — Se eu não estiver lá, provavelmente serão levados para a Abadia. Pode pedir ao deão para chamá-los de novo? — Começou a descer os degraus de pedra, sempre segurando o travesseiro ao peito como um escudo.

Ele batera, mas a porta de carvalho sólido tinha pelo menos trinta centímetros de espessura e era óbvio que o reverendíssimo deão não tinha ouvido. Eu teria que bater de novo. Mesmo quem vai tomar uma injeção sabe que tudo acabará logo e ele não sentirá muita dor, mas isso não torna as coisas mais fáceis. Assim, permaneci diante da porta, amaldiçoando o departamento de história, o estimável Dunworthy e o computador que cometera o engano, trazendo-me àquela porta escura empunhando apenas uma carta de um tio fictício em quem eu não confiava mais que nos outros.

Até a velha e confiável Bodleiana tinha me deixado na mão. A pesquisa que eu encomendara através de Balliol e do terminal principal devia estar agora em meu quarto, um século longe de meu alcance. E Kivrin, que já concluía seu curso e devia ter muito a aconselhar, andava para lá e para cá como uma santa silenciosa, esperando que eu lhe implorasse ajuda.

— Falou com Dunworthy? — perguntou ela.

— Sim. Quer saber a preciosidade que ele me disse? “Silêncio e humildade são os fardos sagrados do historiador.” Também me disse que eu iria adorar a catedral de São Paulo. Verdadeiras joias do Mestre. Infelizmente, o que eu precisava saber eram os tempos e lugares das bombas, para que uma não caísse em minha cabeça. — Estendi-me na cama. — Alguma sugestão?

— Você recupera fácil a memória? — perguntou ela.

Sentei-me.

— Muito fácil. Acha que eu devia assimilar?

— Não há tempo para isso — explicou Kivrin. — Penso que você deveria colocar tudo que pode diretamente na memória de longo prazo.

— Quer dizer endorfinas?

O maior problema com o uso de drogas estimulantes a para colocar informação na memória de longo prazo é que a informação nunca permanece, nem por um microssegundo, na de curto prazo, e isso torna a recuperação complicada, para não dizer enervante. Provoca a mais desagradável sensação de *déjà-vu* referente a algo que você tem certeza de nunca ter visto ou ouvido.

O problema principal, no entanto, não são as sensações esquisitas, mas a recuperação. Ninguém sabe exatamente como o cérebro recupera o que quer, mas a memória de curto prazo está sem dúvida envolvida. O fato de uma informação de tempo breve e às vezes microscópica desaparecer desta última é aparentemente usado para algo mais que a disponibilidade imediata. Todo o processo complexo de classificação da recuperação deve estar centrado na memória de curto prazo; sem ela e sem a ajuda de drogas que a ponham ali (ou de substitutos artificiais), a informação fatalmente se perde. Eu usei endorfinas em testes e jamais tive dificuldade na recuperação; esse, ao que parecia, era o único meio de armazenar toda a informação de que eu necessitava para o tempo que havia deixado, mas significava também que eu *nunca* saberia as coisas que precisava saber, nem sequer por um prazo suficiente para esquecê-las. Se e quando eu recuperasse a informação, saberia; mas até lá continuaria ignorando-a como se ela não houvesse sido armazenada em algum canto empoeirado de minha mente.

— Você consegue recuperar sem recursos artificiais, não? — perguntou

Kivrin, parecendo cética.

— Receio que tenha de fazer isso.

— Sob pressão? Sem dormir? Com um nível baixo de endorfinas no corpo?

— Que diabo de curso ela fizera? Nunca me disse uma palavra sobre isso e os não formados não devem perguntar. Fatores estressantes na Idade Média? Eu achava que, na época, todos dormiam o tempo todo.

— Espero que sim — suspirei. — De qualquer modo, quero testar essa ideia, se você acha que pode ajudar.

Ela me fitou com aquela expressão de mártir e disse:

— Nada ajudará. — Então muito obrigado, santa Kivrin de Balliol.

Mas tentei, de qualquer maneira. Era melhor do que ficar sentado nos aposentos de Dunworthy vendo-o piscar para mim através de seus óculos historicamente acurados e dizendo-me que eu iria adorar a catedral. Quando minhas requisições bodleianas não vieram, esgotei meu crédito e comprei na Blackwell's fitas sobre a Segunda Guerra Mundial, literatura celta, história do transporte de massa, guias turísticos, tudo que me veio à cabeça. Depois, aluguei um gravador de alto desempenho e gravei. Quando acabei, estava tão apavorado pela sensação de não saber mais do que sabia no início, que peguei o metrô para Londres e corri a Ludgate Hill para ver se o monumento desencadearia em mim algumas lembranças. Nada.

— Suas endorfinas ainda não voltaram ao nível normal — confidenciei a mim mesmo, tentando relaxar, mas isso era impossível ante a perspectiva do curso que iria fazer. E aquelas balas são reais, garoto. Só porque você é um estudante de história fazendo seu curso, não quer dizer que não possa ser morto. Fui lendo livros de história ao longo de todo o trajeto, até que os lacaios de Dunworthy apareceram para me levar a Saint John's Wood naquela manhã.

Depois, coloquei a microficha do dicionário no bolso traseiro e concluí que teria de sobreviver à custa de minha própria sagacidade, fazendo votos de poder conseguir recursos artificiais em 1940. Sem dúvida, vou passar o primeiro dia sem contratempos, pensei, e agora lá estava eu, perplexo com praticamente todas as palavras que escutava.

Bem, nem todas. Apesar do conselho de Kivrin para não colocar nada no curto prazo, eu memorizara a moeda britânica, um mapa do trajeto do metrô e outro de minha própria Oxford. Com tudo isso, havia chegado até ali. Sem dúvida, estava pronto para tratar com o deão.

Quando eu já tinha perdido a coragem de bater, ele abriu a porta — e tudo realmente acabou rápido, sem dor. Entreguei-lhe a carta e ele apertou minha mão, dizendo algo compreensível como: “É ótimo ter mais gente aqui, Bartholomew”. Parecia cansado, esgotado, e receei que desabasse caso eu lhe dissesse que a Blitz começara havia pouco. Sei, sei: fique de boca fechada. O silêncio vale ouro etc. etc.

— Langby irá lhe mostrar tudo — disse ele. Presumi que se tratasse de meu Sacristão do Travesseiro e estava certo. Ele veio nos encontrar ao pé da escada, resfolegando um pouco, mas alegre.

— As camas chegaram — disse ele ao deão Matthews. — Parecia até que estavam nos fazendo um favor. Todas de salto alto e queixo empinado. “Vocês nos fez perder o chá, queridinho”, cantarolou uma delas. “É lamentável”, repliquei, “mas vocês parecem capazes de suportar bem mais que isso.”

Até o deão Matthews parecia não ter entendido bem. Disse apenas:

— Você as colocou na cripta? — E, apresentando-nos: — O sr. Bartholomew acaba de chegar de Gales. Para se juntar aos nossos voluntários. — Voluntários, não vigias.

Langby me mostrou diversas coisas diluídas na escuridão geral e depois me levou para ver dez camas de lona armadas entre os túmulos da cripta. De passagem, me mostrou também o sarcófago de mármore negro de Lorde Nelson. Esclareceu que eu não precisaria ficar de vigia na primeira noite e sugeriu que me deitasse, pois o sono é a coisa mais preciosa durante um ataque aéreo. Não era de duvidar. O homem apertava aquele travesseiro sujo ao peito como se fosse sua bem-amada.

— Vocês ouvem as sirenes daqui de baixo? — perguntei, calculando que, nessas horas, ele enfiava a cabeça no travesseiro.

Ele olhou para o teto baixo de pedra.

— Alguns ouvem, outros não. Brinton precisa de seu Horlich’s. Bence-

Jones dormiria até se o teto caísse sobre sua cabeça. Eu tenho o meu travesseiro. O importante é ficar sempre de sobreaviso. Do contrário, você se transforma num morto-vivo. E então, adeus.

Após essa “agradável” explicação, ele saiu para escolher os vigias da noite, deixando o travesseiro sobre uma cama com ordem para que eu não deixasse ninguém tocá-lo. Sentei-me ali, esperando pelo som de minha primeira sirene e tentando entender tudo para não me tornar um morto-vivo ou não vivo.

Eu havia usado o dicionário surrupiado para decifrar um pouco do que Langby dissera. Sucesso moderado. *Tart* pode ser um doce ou uma prostituta (fiquei com a segunda hipótese, embora errasse com relação ao travesseiro). *Bourgeois* é um termo genérico para todos os defeitos da classe média. *Tommy* é soldado. *Ayarpee...* essa palavra não encontrei em lugar nenhum e já ia desistir quando alguma coisa em minha memória de longo prazo, sobre o uso de acrônimos e abreviaturas em tempo de guerra, pipocou em minha mente (bendita seja, santa Kivrin) e achei que pudesse ser a sigla ARP, para Air Raid Precautions [Precauções durante Ataque Aéreo]. É claro. De onde mais viriam aquelas camas ensanguentadas?

21 de setembro — Agora que o impacto inicial da chegada passou, percebo que o departamento de história se esqueceu de me dizer o que devo fazer durante os três meses do meu curso. Deram-me um jornal, a carta de meu tio, dez libras em moeda de antes da guerra e me mandaram ao passado. As dez libras (já diminuídas pelas passagens de trem e metrô) devem durar até o final de dezembro e levar-me de volta a Saint John’s Wood, onde pegarei a segunda carta que me chamará de volta a Gales, para junto do leito de meu tio doente. Até lá viverei nesta cripta junto de Nelson, o qual, segundo Langby, está conservado em álcool dentro de seu caixão. Se uma bomba cair ali, ele queimará como uma tocha ou simplesmente escorrerá como um melado no chão da cripta. No fogão a gás, prepara-se um chá abominável e um peixe defumado pior ainda. Em troca desse luxo, terei de ficar no telhado da catedral de São Paulo, de olho nas bombas incendiárias.

Terei também de fazer o curso, seja ele qual for. Por enquanto, só o que almejo é permanecer vivo até a chegada da segunda carta de meu tio, quando então poderei voltar para casa.

Estou, no momento, fazendo hora até que Langby disponha de tempo para “me mostrar como se faz”. Lavei a panela onde eles cozinham os peixinhos, empilhei as cadeiras dobráveis junto ao altar da cripta (deitadas, não de pé, pois costumam cair como bombas no meio da noite) e procurei dormir.

Aparentemente, não sou daqueles que conseguem dormir durante ataques aéreos. Passei a maior parte da noite tentando calcular qual o grau de risco que a catedral corria. Devia ser pelo menos grau seis. Na noite passada eu estava convencido de que era grau dez e o da cripta, grau zero — o que também podia se aplicar a Denver.

Por enquanto, a coisa mais interessante que tinha acontecido foi eu ter visto um gato. Fiquei fascinado, mas tentei esconder isso porque gatos é o que parece não faltar por aqui.

22 de setembro — Ainda na cripta. Langby aparece de vez em quando, amaldiçoando vários departamentos do governo (todos abreviados) e prometendo me levar para o telhado. Nesse meio-tempo, deixei de fazer hora e decidi fabricar uma bomba de água manual. Kivrin se preocupava muito com minha capacidade de recuperação da memória. Até o momento, eu não tivera problemas. Muito ao contrário. Evoquei informações sobre combate ao fogo e consegui todo um manual com ilustrações, incluindo dicas sobre o uso da bomba de água. Se as frituras pusessem fogo em Lorde Nelson, eu seria um herói.

Grande excitação na noite passada. As sirenes começaram a tocar cedo e as faxineiras que limpam os escritórios da City se abrigaram na cripta conosco. Uma delas me acordou de um sono profundo, parecendo ela própria uma sirene. Devia ter visto um rato. Precisamos bater nas tumbas e debaixo das camas com uma bota de borracha para persuadi-la de que ele se fora.

Obviamente, era o que o departamento de história tinha em mente: matar ratos.

24 de setembro — Langby levou-me consigo para uma ronda. No coro, onde tive que aprender outra vez sobre a bomba manual, deu-me botas de borracha e um capacete de metal. Diz que o comandante Allen vai nos arranjar capas de amianto, como as dos bombeiros; mas, como ainda não o fez, tenho de enfrentar o frio de setembro, no telhado, com minha própria blusa de lã e meu cachecol. Parece novembro, tristonho e sem sol. A cúpula deveria ser plana, mas na verdade é coberta de torres, pináculos, calhas, estátuas — tudo posto ali expressamente para manter as bombas incendiárias fora de alcance. Aprendi a abafá-las com areia antes de elas explodirem no teto e queimarem o prédio inteiro. Vi cordas empilhadas na base da cúpula para o caso de alguém precisar subir a uma das torres oeste ou ao topo. Em seguida, desci e voltei para a Whispering Gallery.

Langby não parou de falar o tempo todo, ora dando instruções práticas, ora relatando a história da igreja. Antes de chegarmos à galeria, arrastou-me para a porta sul e me contou que Christopher Wren, em meio aos escombros enfumaçados da velha São Paulo, pediu a um operário que lhe trouxesse uma laje do cemitério para servir de pedra angular. Nela, estava escrito em latim “Eu me reerguerei” e Wren ficou tão impressionado com essa ironia que mandou escrever as palavras no alto da porta. Langby parecia satisfeito como se não houvesse citado um episódio que qualquer aluno de primeiro ano de história conhece, mas suponho que, em outras circunstâncias de menor impacto, essa seria uma boa anedota.

Langby conduziu-me escada acima até a estreita sacada que circunda a Whispering Gallery. Estava já a meio caminho do outro lado, tagarelando sobre dimensões e acústica, quando estacou diante da parede fronteira e me disse em voz baixa:

— Você consegue me ouvir sussurrar por causa da forma da cúpula. As ondas sonoras ficam mais fortes em volta de seu perímetro. Durante os

ataques aéreos, o barulho soa como as trombetas do juízo final lá no alto. A cúpula tem trinta e dois metros de diâmetro e se eleva vinte e quatro metros acima da nave.

Olhei para baixo. A balaustrada fugiu de debaixo de mim e o piso de mármore branco e preto subiu com incrível rapidez. Agarrei-me a alguma coisa à minha frente e caí de joelhos, confuso e atordoado. O sol saía e a igreja inteira parecia banhada em ouro. Até o piso de madeira do coro, os pilares de pedra branca e os tubos metálicos do órgão estavam dourados.

Langby, ao meu lado, tentava me ajudar.

— Bartholomew — gritou ele —, que houve? Pelo amor de Deus, homem!

Eu deveria explicar-lhe que, se partisse, a catedral e todo o passado desabariam em cima de mim, o que eu não podia deixar acontecer porque era um historiador. Disse alguma coisa, mas não o que queria dizer, pois Langby me apertava com força. Afastou-me violentamente da balaustrada e levou-me de volta à escada, onde me deixou caído nos degraus e se afastou, em silêncio.

— Não sei o que aconteceu aqui — disse eu. — Antes, nunca tinha tido medo de altura.

— Você está tremendo — observou ele. — É melhor se deitar. — E me levou para a cripta.

25 de setembro — Recuperação de memória: manual de Precauções durante Ataque Aéreo. Sintomas das vítimas de bombardeio. Etapa 1 — choque, estupefação; inconsciência de ferimentos; palavras às vezes só fazem sentido para a vítima. Etapa 2 — tremor; náusea; consciência de ferimentos e amputações; volta à realidade. Etapa 3 — fala descontrolada; desejo de explicar o comportamento de choque aos socorristas.

Langby sem dúvida reconheceu os sintomas, mas como explicaria o fato de não ter havido bomba? Eu dificilmente poderia lhe explicar sobre o meu comportamento de choque e não foi apenas o silêncio sagrado do historiador que me deteve.

Ele não disse uma palavra sequer e até me designou para meus primeiros turnos de vigia amanhã à noite, como se nada houvesse acontecido. Na verdade, não parece mais preocupado que os outros. Todas as pessoas que eu havia encontrado até então estavam agitadas (uma das coisas presentes em minha memória de curto prazo era que elas permanecem calmas durante os ataques) e estes ainda não haviam se aproximado de nós. As bombas estavam caindo principalmente no East End e nas docas.

Falou-se esta noite sobre uma bomba que não explodiu. Eu havia pensado muito sobre os modos do deão e a circunstância de a igreja estar fechada, quando eu tinha quase certeza de ter lido que ela permanecera aberta durante toda a Blitz. Havendo oportunidade, tentarei recuperar os acontecimentos de setembro. Quanto a recuperar algo mais, não sei como resgataria a informação correta até saber exatamente o que devo fazer aqui, se é que devo fazer alguma coisa.

Não existem orientações para historiadores, nem restrições. Eu poderia dizer a qualquer um que sou do futuro, se achasse que me dariam crédito. Poderia matar Hitler se conseguisse chegar à Alemanha. Ou não? Discussões sobre o paradoxo do tempo são constantes no departamento de história e os alunos de graduação que voltam de seus estágios não dizem nada a respeito. Existe um passado fixo, imutável? Ou existe um passado novo a cada dia, passado que nós, historiadores, fazemos? E quais são as consequências do que fazemos, se de fato o que fazemos tem consequências? Como nos atreveríamos a fazer alguma coisa sem conhecê-las? Interferiríamos corajosamente, esperando não provocar nossa própria ruína? Ou não devemos fazer nada, não interferir, ficar de lado e contemplar a catedral de São Paulo queimar inteiramente só para não mudar o futuro?

Essas são ótimas perguntas para uma sessão de estudos até altas horas da noite. Aqui, não têm importância nenhuma. Eu não poderia deixar a catedral de São Paulo arder, tanto quanto não poderia matar Hitler. Hum... não, isso não é verdade, conforme descobri ontem, na Whispering Gallery. Poderia matar Hitler se o encontrasse ateando fogo na catedral.

26 de setembro — Hoje, conheci uma moça. O deão Matthews abriu a igreja. Os vigias cumpriram seu dever, e as faxineiras e fiéis estavam voltando. A moça me lembrava Kivrin, embora Kivrin seja bem mais alta e jamais se permitisse frisar os cabelos daquele jeito. Parecia ter chorado. Com Kivrin acontecera o mesmo, após sua volta do estágio. A Idade Média tinha sido demais para ela. Perguntei-me como minha amiga se sairia aqui. Confessaria seus medos ao padre local, não há dúvida, coisa que, sinceramente, eu esperava que sua sócia não fizesse.

— Posso ajudá-la? — perguntei, sem nenhuma vontade de ajudar. — Sou um voluntário.

Ela me olhou, inquieta.

— Não é pago? — perguntou, levando um lenço ao nariz avermelhado. — Li sobre a catedral de São Paulo, a vigilância contra o fogo etc., e achei que poderia haver um lugar para mim aqui. Na cantina, por exemplo. Com salário. — Havia lágrimas em seus olhos vermelhos.

— Acho que não temos cantina — respondi da maneira mais amável possível, eu, a quem Kivrin sempre deixava impaciente. — E este lugar também não é de fato um refúgio. Alguns dos vigilantes dormem na cripta. E somos voluntários.

— Então não vai me servir — disse ela. Passou o lenço pelos olhos. — Gosto desta igreja, mas não posso trabalhar sem receber, não com meu irmãozinho Tom voltando do campo. — Não entendi bem sua situação. Apesar dos aspectos exteriores de aflição, parecia bem alegre e não mais a ponto de chorar do que quando havia chegado. — Preciso encontrar um lugar adequado para nós. Com Tom aqui, não podemos continuar dormindo nas estações de metrô.

Um súbito mal-estar, aquele tipo de dor que se sente às vezes quando uma lembrança é recuperada, me dominou.

— Estações de metrô? — perguntei, forçando a memória.

— A de Marble Arch, quase sempre — respondeu ela. — Meu irmão Tom reserva um lugar para nós e eu vou... — Interrompeu-se, levou de novo o lenço ao nariz e espirrou. — Desculpe-me, este maldito resfriado!

Nariz vermelho, olhos marejados, espirros. Infecção respiratória. Estranho que eu não lhe tenha pedido para não chorar. Só mesmo por sorte eu ainda não cometera erros imperdoáveis, mas não por estar impossibilitado de recorrer à memória de longo prazo. Eu não tinha, armazenada, sequer metade da informação necessária: gatos, resfriados e a aparência da catedral em pleno sol. Não demorará muito e ficarei paralisado por algo que não conheço. Ainda assim, esta noite, tentarei uma recuperação depois de meu turno. Talvez descubra, pelo menos, se e quando alguma coisa vai me acontecer.

Vi o gato uma ou duas vezes. É preto, cor de carvão, com uma mancha branca na garganta, que parece ter sido pintada para ele ser visto durante o blecaute.

27 de setembro — Acabo de descer do telhado. Continuo tremendo.

No começo do ataque, o bombardeio se concentrou principalmente sobre o East End. A cena era inacreditável. Holofotes vasculhando o céu avermelhado por causa dos incêndios, que se refletiam no Tâmis, e as bombas explodindo como fogos de artifício. Ouvia-se um trovão ensurdecedor, calado de quando em quando pelo zumbido dos aviões bem no alto, e depois o estrondo dos disparos dos canhões antiaéreos.

Cerca de meia-noite, as bombas começaram a explodir bem perto, com um som horrível parecido ao de um trem prestes a esmagar-me. Precisei de muita força de vontade para não cair duro no chão do telhado. Langby me observava e eu não queria lhe dar a satisfação de ver a repetição do meu comportamento na cúpula. Fiquei de cabeça erguida, com o balde de areia firme na mão e sentindo bastante orgulho de mim mesmo.

As bombas pararam de cair por volta das três horas e, após um silêncio de meia hora, ouviu-se um pipocar como de granizo no telhado. Todos, exceto

Langby, correram a pegar pás e bombas de água. Ele não tirava os olhos de mim — e eu só me preocupava com as bombas incendiárias.

Uma delas havia caído a poucos metros de onde eu me encontrava, atrás da torre do relógio. Era bem menor do que eu imaginara, com apenas trinta centímetros de comprimento. Sacudia-se violentamente, lançando labaredas verde-claras que quase me alcançavam. Em um minuto se transformaria numa massa derretida e começaria a incendiar o teto. Chamas e gritos assustados de bombeiros — depois, detritos esbranquiçados por uma extensão de quilômetros, não ficando nada de pé, nem mesmo o monumento.

De novo na Whispering Gallery. Pensei ter dito alguma coisa e, quando reparei no rosto de Langby, ele sorria maliciosamente.

— A catedral de São Paulo vai pegar fogo — disse eu. — Não sobrá nada.

— Sim — concordou Langby. — A ideia é essa, não? O plano não é queimá-la até os alicerces?

— Que plano? — perguntei, estupidamente.

— O de Hitler, é claro. Acha que eu quis dizer outra coisa? — replicou ele. E, maquinalmente, pegou sua bomba de água.

A página do manual de precauções de repente fulgurou diante de meus olhos. Despejei o balde de areia em volta da bomba, que ainda se sacudia, peguei outro balde e cobri a parte de cima. Uma fumaça negra subiu numa nuvem tão densa que mal pude achar minha pá. Recolhi a bomba com a ponta da pá, coloquei-a no balde vazio e em seguida enchi-o de areia. Meus olhos lacrimejavam por causa da fumaça acre. Virei-me para enxugá-los com a manga e avistei Langby.

Ele não dera um passo para me ajudar. Sorriu.

— Não é um plano ruim, na verdade. Mas nós, é claro, não deixaremos que aconteça. Para isso estamos aqui, alerta. Para garantir que fracasse. Certo, Bartholomew?

Agora eu sabia qual era a finalidade do meu estágio. Devia impedir Langby de atear fogo na catedral de São Paulo.

28 de setembro — Ontem à noite, tentei me convencer de que estava errado com relação a Langby, de que entendera mal suas palavras. Por que desejaria incendiar a catedral se não fosse um espião nazista? E como um espião nazista se insinuara nas rondas? Pensei em minha carta de apresentação falsa e estremei.

Como descobrir? Se o submetesse a algum teste, a alguma coisa decisiva que só um inglês leal em 1940 conheceria, eu é que seria certamente apanhado. *Precisava* fazer com que minha recuperação de memória trabalhasse de maneira adequada.

Até lá, deveria vigiar Langby. Por enquanto, isso não parecia muito difícil. Ele acabara de determinar as rondas para as duas semanas seguintes. Em todas, ficaríamos juntos.

30 de setembro — Sei o que aconteceu em setembro. Langby me disse.

Ontem à noite no coro, enquanto colocávamos nossos casacos e botas, ele disse:

— Já tentaram uma vez, você sabe.

Eu não fazia a mínima ideia do que ele estava dizendo. Sentia-me tão perdido quanto no primeiro dia, em que ele me perguntou sobre as *ayarpee*.

— Refiro-me ao plano para destruir a catedral de São Paulo. Já tentaram uma vez. No dia 10 de setembro. Uma bomba de alto poder explosivo. Mas você, é claro, não sabe nada sobre isso. Estava em Gales.

Eu já nem ouvia. No instante em que ele disse “bomba de alto poder explosivo”, lembrei-me de tudo. Ela havia perfurado a rua e se alojara junto aos alicerces. O esquadrão antibomba tentara desarmá-la, mas, detectando um vazamento de gás, decidiu evacuar a igreja; o deão Matthews, porém, recusara-se a sair e eles tiveram de retirar a bomba de qualquer jeito, explodindo-a nos Barking Marshes. Recuperação instantânea e completa de memória.

— O esquadrão antibomba salvou-a daquela vez — disse Langby. — Parece que há sempre alguém por perto.

— Sim — concordei —, há. — E afastei-me dele.

1º de outubro — Julguei que a recuperação, na noite passada, dos eventos de 10 de setembro fossem uma espécie de reviravolta. No entanto, fiquei deitado na minha cama de lona a maior parte da noite, tentando descobrir quem seriam os espiões nazistas na igreja e sem chegar a nenhuma conclusão. Será que preciso saber exatamente o que estou procurando antes de me lembrar? O que eu ganharia com isso?

Talvez Langby não seja um espião nazista. Mas então o que é? Um piromaníaco? Um doido? A cripta dificilmente favorece a reflexão, pois não é silenciosa como uma tumba. As faxineiras tagarelavam o tempo todo, abafando o som das bombas, o que de certa forma o tornava ainda mais assustador. Surpreendi-me fazendo um grande esforço para ouvi-las. Quando consegui dormir, de manhã, sonhei que uma das estações do metrô tinha sido atingida: os encanamentos estouraram, afogando as pessoas.

4 de outubro — Hoje, tentei pegar o gato. Tive a ideia de persuadi-lo a dar fim ao rato que andava aterrorizando as faxineiras. E queria também ver um de perto. Apanhei o balde que usara com a bomba de água na noite passada para resfriar umas granadas incandescentes de um canhão antiaéreo. Ainda havia um pouco de água dentro, mas não o suficiente para afogar o gato; meu plano era cobri-lo com o balde, enfiar a mão por baixo, pegá-lo e levá-lo para a cripta, onde o colocaria na pista do rato. Mas não consegui nem chegar perto dele.

Balancei o balde e, com isso, talvez uns três centímetros de água se esparramaram. Julguei me lembrar de que o gato é um animal doméstico, mas devia estar errado a esse respeito. A cara larga e mansa do bichinho se transformou numa máscara absolutamente aterradora, parecida a uma caveira;

garras ferozes se projetaram do que eu supusera serem apenas patas inofensivas; e o monstro emitiu um rugido capaz de calar qualquer faxineira.

Surpreso, deixei cair o balde, que rolou até bater num dos pilares. O gato sumiu. Às minhas costas, Langby disse:

— Não é assim que se pegam gatos.

— Sem dúvida — concordei, agachando-me para apanhar o balde.

— Os gatos detestam água — explicou Langby, sempre com aquele tom de voz inexpressivo.

— Oh! — exclamei, passando por ele a fim de levar o balde de volta ao coro. — Eu não sabia disso.

— Todo mundo sabe. Até os galeses estúpidos.

8 de outubro — Fizemos turnos duplos de vigia durante uma semana — as noites de luar são propícias aos bombardeios. Langby não apareceu no telhado, de modo que desci para procurá-lo na igreja. Encontrei-o diante das portas do lado oeste, conversando com um velho. Este deu a Langby um jornal que trazia debaixo do braço, mas Langby o devolveu. O homem, ao ver-me, apressou-se a ir embora.

— Turista — disse Langby. — Queria saber onde é o Teatro Windmill. Leu no jornal que as garotas de lá são ótimas.

Sei que minha aparência era a de quem não estava acreditando naquilo, pois ele acrescentou:

— Você está péssimo, meu velho. Não tem dormido o suficiente, certo? Vou encontrar alguém para substituí-lo na primeira ronda desta noite.

— Não — repliquei, friamente. — Farei minha ronda. Gosto de ficar lá em cima, no telhado. — E acrescentei para mim mesmo: “Onde possa vigiá-lo”.

Ele deu de ombros e disse:

— Acho mesmo que é melhor do que se esconder na cripta. No telhado, pelo menos, você ouve quem está chegando para pegá-lo.

10 de outubro — Julguei que uma vigília dupla pudesse me fazer bem, pois assim eu não pensaria muito em minha incapacidade de recuperação. A velha ideia segundo a qual “água observada demora a ferver” às vezes funciona. Umas poucas horas dedicadas a outra coisa ou uma boa noite de sono e, de repente, a resposta surge sem nenhuma deixa e sem necessidade de drogas.

A boa noite de sono está fora de cogitação. As faxineiras tagarelam sem parar e o gato se mudou para a cripta, perturbando todo mundo, fazendo barulho e procurando peixe salgado. Vou colocar minha cama perto do transepto, junto ao túmulo de Nelson, antes de subir para a ronda. Ele pode não gostar, mas não dirá nada.

11 de outubro — Sonhei com a batalha de Trafalgar: canhões navais disparando, fumaça, reboco caindo e Langby gritando meu nome. Meu primeiro pensamento ao acordar foi que as cadeiras dobráveis haviam desaparecido. Eu não conseguia vê-las por causa da fumaça.

— Estou indo — respondi, cambaleando em direção a Langby e calçando as botas. Havia um monte de reboco e cadeiras espalhadas no transepto. Langby remexia na sujeira.

— Bartholomew! — bradou ele, jogando para o lado um pedaço de concreto. — Bartholomew!

Eu ainda pensava que se tratasse de fumaça. Corri para pegar a bomba de água, ajoelhei-me ao lado de Langby e tentei retirar dos destroços uma cadeira quebrada. Ela resistiu e, quando se soltou, descobriu um cadáver. O que eu tomara por um pedaço do teto era uma mão humana. Sentei-me sobre os calcanhares, decidido a não vomitar, e voltei ao trabalho.

Langby trabalhava bem mais rápido, escavando com o auxílio de uma perna de cadeira. Agarrei seu braço para detê-lo, mas ele me empurrou como se eu fosse um monte de entulho. Retirou um grande pedaço de reboco, sob o qual apareceu o piso. Olhei para trás. As duas faxineiras estavam encolhidas numa reentrância do altar.

— Que está procurando? — perguntei, sempre segurando o braço de Langby.

— Bartholomew — respondeu ele, pondo o pedaço de reboco de lado, as mãos sangrando em meio à nuvem de poeira.

— Estou aqui — disse eu. — E bem. — Engasguei com o pó branco. — Tirei minha cama do transepto.

Ele se virou de súbito para as faxineiras e perguntou em tom calmo:

— O que tem aqui embaixo?

— Só o bico de gás — respondeu uma delas timidamente, do fundo do recesso escuro. — E a carteira da sra. Galbraith. — Ele cavou o monte de detritos e encontrou as duas coisas. O bico de gás vazava um pouco, mas a chama se extinguiu.

— Afinal, você salvou a igreja e a mim — disse eu, trajando apenas as botas e a roupa de baixo, e com o balde inútil na mão. — Todos poderíamos ter morrido asfixiados.

Ele se levantou.

— Eu não deveria ter salvado você — disparou.

Etapa 1: choque, estupefação, inconsciência dos ferimentos, palavras que só fazem sentido para a vítima. Langby ainda não havia percebido que sua mão estava sangrando. Não se lembraria do que acabava de dizer — que não deveria ter salvado minha vida.

— Não deveria — repetiu. — Tenho meu dever a cumprir.

— Você está sangrando — observei com rispidez. — É melhor se deitar. — Falei como o próprio Langby na galeria.

13 de outubro — Era uma bomba de alto poder explosivo. Abriu um buraco no coro e espatifou várias estátuas de mármore, mas o teto da cripta não desabou, conforme julguei a princípio. Apenas algumas placas se desprenderam.

Acho que Langby não sabia o que estava dizendo. Isso me dá alguma vantagem, agora que sei onde está o perigo, agora que não receio ver o perigo

surgir de outra direção. Mas de que me serve esse conhecimento se ignoro o que Langby pretende fazer? Ou quando?

Sem dúvida, tenho os fatos relativos à bomba de ontem gravados em minha memória de longo prazo, mas nem as placas de reboco, caindo, conseguiram trazê-los à tona. Agora, nem sequer estou tentando uma recuperação. Deitado no escuro, só me resta esperar que o teto caia sobre mim. E recordo que Langby salvou minha vida.

15 de outubro — A garota voltou hoje de novo. Ainda está resfriada, mas conseguiu seu cargo remunerado. Foi ótimo revê-la. Vestia um uniforme elegante e sapatos abertos na ponta; um penteado complicado emoldurava seu rosto. Ainda estamos limpando a sujeira da bomba e, com Langby e Allen fora atrás de tábuas para cobrir o coro, deixei que a garota falasse comigo enquanto eu varria. A poeira provocava-lhe espirros, mas agora, pelo menos, eu sabia o que ela estava fazendo.

Disse-me que seu nome era Enola e que estava trabalhando para o Serviço Voluntário Feminino em uma das cantinas móveis enviadas para os locais de incêndio. Viera, completou, para me agradecer pelo emprego. Depois de informar ao WVS que não havia abrigo com uma cantina adequada na catedral, eles lhe ofereceram um posto na City.

— De modo que aparecerei quando estiver por perto e lhe darei notícias sobre como estou me saindo, tudo bem?

Enola e seu irmão Tom continuam dormindo no metrô. Perguntei-lhe se isso era seguro e ela respondeu que provavelmente não; no entanto, lá embaixo, pelo menos não se ouviam as bombas, o que era uma bênção.

18 de outubro — Estou tão cansado que mal consigo escrever estas linhas. Tivemos ontem nove bombas incendiárias e uma mina terrestre, que parecia ir se chocar contra a cúpula: felizmente, o vento carregou o paraquedas para longe. Neutralizei duas bombas (já fiz isso umas vinte vezes desde a minha chegada aqui) e ajudei a neutralizar dezenas de outras, o que ainda não basta.

Se, trabalhando, eu deixar Langby fora de vista por um instante, posso pôr tudo a perder.

Acho que, em parte por isso, sinto-me tão cansado. Esgoto-me noite após noite tentando fazer meu trabalho e vigiar Langby, cuidando para que nenhuma bomba caia sem eu ver. Depois volto para a cripta e me esgoto mais ainda na tentativa de recuperar alguma coisa, qualquer coisa, sobre espões, incêndios, a catedral de São Paulo no outono de 1940... Assusta-me o fato de eu não estar fazendo o suficiente, mas o problema é que não sei mais o que fazer. Sem a recuperação, estou tão desamparado quanto essas pobres pessoas que me cercam e que não têm a mínima ideia do que acontecerá amanhã.

Se for necessário, continuarei me esforçando até ser chamado de volta. Langby não poderá pôr fogo na catedral enquanto eu estiver aqui para neutralizar as bombas. “Vou cumprir meu dever”, disse ele na cripta.

E eu vou cumprir o meu.

21 de outubro — Faz duas semanas que ocorreu a explosão e só agora percebo que não vimos mais o gato. Ele não estava no meio do entulho da cripta. Mesmo depois de concluir que não havia ninguém lá, Langby e eu remexemos a bagunça mais duas vezes. No entanto, ele poderia estar no coro.

Segundo o velho Bence-Jones, não há com que nos preocuparmos.

— Ele está bem — garantiu. — Os alemães podem arrasar Londres que os gatos sairão dançando para recepcioná-los. Sabe por quê? Os gatos não gostam de ninguém. É o que causa metade de nossas mortes. Uma velhinha em Stepney foi morta uma noite dessas tentando salvar seu gato. O maldito bicho estava no Anderson.

— Mas então para onde ele foi?

— Para algum lugar seguro, pode crer. Se não estiver nas imediações da catedral, sumiu de vez. Dizem que os ratos abandonam o navio que vai afundar. Errado. Quem faz isso são os gatos.

25 de outubro — O turista de Langby apareceu de novo. Agora, não pode estar mais à procura do Teatro Windmill. Mas trazia de novo um jornal debaixo do braço e perguntou por Langby, que entretanto andava pelo outro lado da cidade em companhia de Allen, para conseguir as capas de amianto. Vi o nome do jornal: *The Worker*. Um periódico nazista?

2 de novembro — Fiquei no telhado por uma semana seguida, ajudando uns operários incompetentes a tapar o buraco aberto pela bomba. O trabalho deles é terrível. Em um dos lados, há ainda uma grande abertura por onde um homem poderia cair; mas eles insistem em que está tudo bem, pois, se alguém cair, só chegará até o teto e “uma queda dessas não mata ninguém”. Não percebem que aquele lugar é um perfeito esconderijo para uma bomba incendiária.

É tudo de que Langby precisa. Não teria sequer de acender, ele próprio, um fogo para destruir a catedral. Bastaria que deixasse uma bomba lançada pelos alemães arder despercebida até ser tarde demais.

Não consegui nada com os operários. Desci para a igreja a fim de me queixar a Matthews e vi Langby, com seu turista, atrás de um pilar, perto de uma janela. Langby segurava um jornal e falava com o homem. Quando desci da biblioteca, uma hora depois, eles ainda estavam ali. O buraco também. Matthews disse que vamos colocar pranchas para tapá-lo e esperar pelo melhor.

5 de novembro — Desisti de tentar recuperar. Estou com o sono tão atrasado que não consigo nem mesmo me lembrar das informações de um jornal cujo nome já sei. As rondas duplas são agora a regra. Nossas faxineiras nos abandonaram de vez (como o gato), de modo que a cripta está silenciosa. Eu, porém, não consigo dormir.

E, quando consigo, sonho. Ontem, por exemplo, sonhei que Kivrin estava no telhado, vestida como uma santa. “Qual o segredo de seu curso?”, perguntei-lhe. “O que esperavam que você descobrisse?”

Ela enxugou o nariz com um lenço e respondeu: “Duas coisas. Primeira: o silêncio e a humildade são os fardos sagrados do historiador. Segunda” — parou e assoou o nariz no lenço —, “Nunca durma no metrô”.

Minha única esperança é conseguir uma droga e induzir um transe. Esse é o problema. Tenho certeza de que ainda é cedo para endorfinas químicas e, provavelmente, alucinógenos. Bebidas alcoólicas não faltam, mas preciso de uma mais concentrada que cerveja, a única que conheço de nome. Não me animo a perguntar ao vigia. Já suspeito bastante de Langby. Volto ao dicionário, para descobrir uma palavra que não conheço.

11 de novembro — O gato voltou. Langby saiu de novo com Allen, sempre em busca das capas de amianto, de modo que julguei poder sair também, em segurança. Fui até a mercearia para fazer compras, pensando que talvez encontrasse lá alguma droga. Já era tarde e as sirenes soaram antes mesmo que eu chegasse a Cheapside, mas os ataques só costumam começar quando está escuro. Levei algum tempo para comprar o que precisava e, reunindo coragem, perguntei ao homem se ele tinha bebidas alcoólicas. Aconselhou-me a ir a um bar — e, quando saí da loja, foi como se houvesse caído de repente num buraco.

Não tinha ideia da localização da catedral, da rua ou da loja de onde havia acabado de sair. Parei na calçada, que já não era calçada, segurando o embrulho de papel pardo (contendo peixe salgado e pão) com uma mão que não conseguiria ver se a erguesse à altura dos olhos. Enrolei melhor o cachecol em volta do pescoço e rezei para que meus olhos se adaptassem à luz, mas esta não diminuía para permitir isso. Senti falta da lua, embora os vigias da catedral a amaldiçoassem, chamando-a de quinta-coluna. Ou de um ônibus com seus faróis semiencobertos, dando luz apenas suficiente para eu me orientar. Ou de uma lanterna. Ou até do clarão de um canhão antiaéreo. Qualquer coisa.

Nisso, avistei um ônibus, duas pequenas fendas amarelas bem longe. Caminhei em sua direção e quase caí do meio-fio. O ônibus estava

atravessado na rua e não era um ônibus. Um gato miou bem perto e se esfregou em minha perna. Olhei para baixo, para as luzes amarelas que julgara pertencerem a um ônibus. Os olhos do gato absorviam luz não sei de onde, embora eu pudesse jurar que não havia luz nenhuma no âmbito de quilômetros, e a refletiam para mim.

— Um guarda vai pegar você por causa dessa luz, gatinho — disse eu; e, de repente, como se um avião houvesse caído sobre minha cabeça: — Ou um alemão.

A palavra explodiu subitamente em luz, os holofotes e o clarão ao longo do Tâmisa parecendo acontecer quase ao mesmo tempo para iluminar meu caminho de volta.

— Você veio me procurar, não, gatinho? — continuei, afetuosamente. — Por onde andou? Sabia que não tínhamos mais peixes, certo? Isso é o que chamo de lealdade. — Conversei com ele durante todo o trajeto de volta e dei-lhe metade de uma lata de conserva por ter salvado minha vida. Segundo Bence-Jones, ele sentia o cheiro de leite nas mercearias.

13 de novembro — Sonhei que estava perdido em meio ao blecaute. Não podia ver nada. Dunworthy apareceu e me iluminou com uma lanterna, mas eu ignorava de onde vinha e para onde ia. “Isso é ótimo para os alemães”, ralhei. “Precisam de uma luz para se orientar.” Dunworthy replicou: “E a luz do Tâmisa? E a dos incêndios e dos canhões antiaéreos?” “Precisam de tudo. Qualquer coisa é melhor que esta maldita escuridão.” Ele se aproximou para me entregar a lanterna. Mas na verdade não era uma lanterna e sim a tocha de Cristo da pintura de Hunt na nave sul. Ergui-a bem alto a fim de encontrar o caminho; contudo, ela iluminava o telhado da catedral e apressei-me a apagá-la.

20 de novembro — Hoje, tentei falar com Langby.

— Vi-o conversando com aquele cavalheiro idoso — disse eu, em tom de acusação. Foi intencional. Queria que ele o percebesse e interrompesse o que

quer que estivesse planejando.

— Lendo — corrigiu Langby —, não conversando. — No momento, arrumava o coro, empilhando sacos de areia.

— Vi-o lendo, então — prossegui agressivamente. Ele largou um saco e se endireitou.

— E daí? Este é um país livre. Posso ler para um cavalheiro idoso se quiser, assim como você pode conversar com aquela garota do Serviço Feminino Voluntário.

— E o que lê? — insisti.

— O que ele me pede. É um velho. Costumava voltar para casa do trabalho, beber um trago de conhaque e ouvir a esposa ler-lhe os jornais. A esposa morreu num dos ataques e agora quem lê para ele sou eu. Mas isso é de sua conta?

Parecia sincero. Aquelas palavras não tinham o tom pretensamente descuidado de uma mentira e cheguei a acreditar nele. Langby já me havia dito uma verdade antes. Na cripta. Depois da bomba.

— Pensei que aquele homem fosse um turista procurando o Windmill — insinuei.

Ele pareceu hesitar por um segundo e logo retrucou:

— Oh, sim, era. Apareceu com o jornal e me perguntou o endereço. Passei os olhos pelas páginas a fim de encontrá-lo. Pura habilidade. Não acredito que o coitado estivesse em condições de ler. — Isso foi tudo. Eu sabia que Langby estava mentindo.

Colocou um saco de areia quase em cima dos meus pés.

— Sem dúvida, você não entende isso, é claro. Trata-se de um simples ato de cortesia.

— Não — respondi friamente. — Não entendo.

Aquilo não provava coisa alguma. Ele não revelara nada, exceto talvez o nome de uma bebida, o conhaque, e eu não podia procurar o deão Matthews para acusá-lo de ler em voz alta.

Esperei até que Langby terminasse a arrumação do coro e descesse para a cripta. Em seguida, levei um dos sacos para o telhado, para junto do buraco.

As pranchas haviam resistido até o momento, mas as pessoas se esgueiravam cautelosamente em volta delas, como se aquilo fosse um túmulo. Abri o saco e despejei a areia no fundo. Se Langby tivesse pensado que encontraria ali o esconderijo perfeito para uma bomba, a areia talvez o dissuadisse.

21 de novembro — Dei a Enola um pouco do dinheiro de meu “tio” e pedi-lhe que me trouxesse conhaque. Ela se mostrou mais relutante do que eu poderia imaginar e, portanto, deve haver aí alguma complicação social que ignoro. Mas, no fim, concordou.

Não sei por que ela veio. Começou por me falar de seu irmão e de alguma malandragem que ele fez no metrô, metendo-se por isso em apuros com o guarda; todavia, depois que mencionei o conhaque, saiu sem terminar a história.

25 de novembro — Enola veio hoje, mas não trouxe o conhaque. Viajará para Bath, de férias, a fim de visitar a tia. Pelo menos, ficará longe dos ataques por algum tempo e eu não precisarei me preocupar com ela. Concluiu a história do irmão e confidenciou-me que pretende convencer a tia a ficar com Tom até que a Blitz termine, mas não sabe se ela concordará.

O jovem Tom, aparentemente, é mais um candidato a bandido do que um malandro insinuante. Foi pego duas vezes batendo carteiras no abrigo da estação Bank e os dois tiveram de voltar a Marble Arch. Consolei-a da melhor maneira que pude, garantindo que todos os rapazes fazem tolices de vez em quando. O que eu quis dizer de fato foi que ela não precisava se preocupar: o jovem Tom me parecia o típico sobrevivente, como meu próprio gato e Langby, só preocupado consigo mesmo e bem equipado para escapar à Blitz e ser figura de destaque no futuro.

Só então lhe perguntei se ela havia trazido o conhaque.

Ela olhou para os sapatos de pontas abertas e murmurou tristemente:

— Pensei que você tivesse se esquecido disso.

Inventei uma história qualquer sobre a possibilidade de eu mesmo comprá-lo entre um turno de vigia e outro e ela me pareceu menos infeliz. Entretanto, não estava convencido de que ela não usaria a viagem a Bath como uma desculpa para não fazer nada. Eu teria de sair da catedral para buscar o conhaque e não gostaria de deixar Langby ali sozinho. Assim, pedi-lhe que trouxesse a bebida hoje mesmo, antes de partir. Mas Enola ainda não voltou e as sirenes já se calaram.

26 de novembro — Nada de Enola. E ela disse, no entanto, que seu trem partiria ao meio-dia. Acho que devo me sentir agradecido por minha amiga, pelo menos, ficar segura fora de Londres. Talvez, em Bath, ela se cure do resfriado.

Hoje à noite, uma das garotas da ARP veio pedir metade de nossas camas emprestadas, contando sobre uma confusão havida no East End, onde um abrigo de superfície fora atingido.

— Pelo menos não foi um dos abrigos do metrô, do contrário a confusão seria bem maior, não?

30 de novembro — Sonhei que levava o gato para Saint John's Wood. “Esta é uma missão de resgate?”, perguntou Dunworthy. “Não, senhor”, respondi, orgulhoso. “Já sei o que devia encontrar em meu curso. O perfeito sobrevivente. Astuto, fértil em recursos e egoísta. Esse aí foi o único que consegui achar. Tive de matar Langby, o senhor sabe, para impedi-lo de pôr fogo na catedral de São Paulo. O irmão de Enola foi para Bath e os outros jamais fariam isso. Enola usa sapatos abertos nas pontas durante o inverno, dorme nas estações do metrô e põe grampos nos cabelos para mantê-los encaracolados. Talvez não sobreviva à Blitz.”

Dunworthy ponderou: “E talvez você devesse tê-la resgatado em lugar do gato. Como disse mesmo que ela se chama?”

“Kivrin”, respondi. E acordei enregelado, tremendo.

5 de dezembro — Sonhei que Langby carregava uma bomba de precisão debaixo do braço, como um inocente pacote de papel pardo, e, saindo da estação São Paulo, contornava o Ludgate Hill em direção às portas do lado oeste.

“Isto não está certo”, repreendi-o, interceptando-o com o braço. “Ninguém no momento faz a ronda.”

Ele apertou a bomba ao peito como se fosse um travesseiro. “É culpa sua”, disse; e, antes que eu pudesse pegar minha bomba de água e meu balde, arremessou-a contra a porta.

A bomba de precisão só foi inventada ao final do século XX e só dez anos depois é que os malditos comunistas a adotaram, transformando-a em algo que se podia transportar debaixo do braço. Como um pacote capaz de mandar pelos ares meio quilômetro da City. Graças a Deus isso é um sonho que nunca se tornará realidade.

No sonho, o dia era claro, e esta manhã, quando minha ronda terminou, o sol brilhava pela primeira vez em semanas. Desci à cripta e subi logo depois, fazendo mais duas vezes a ronda do telhado, em seguida a das escadarias, dos corredores e de todos os desvãos traiçoeiros onde uma bomba pudesse ser ocultada. Senti-me bem melhor por ter feito isso, mas, quando adormeci, sonhei de novo — dessa vez com um incêndio, ao qual Langby assistia sorrindo.

15 de dezembro — Esta manhã, achei o gato. Bombardeios pesados ontem à noite, mas a maioria para os lados de Canning Town e nenhum incidente, aqui, que mereça ser mencionado. O gato, porém, estava morto, estirado nos degraus quando fiz minha ronda por conta própria. Concussão. Não havia sinal de ferimento em seu corpo; só se via a mancha branca em sua garganta, mas, quando o peguei, ele era geleia pura sob a pele.

Eu não sabia o que fazer com o bicho. Pensei, por um instante de insanidade, em perguntar a Matthews se poderia sepultá-lo na cripta. Morte

honrosa na guerra ou coisa assim. Trafalgar, Waterloo, Londres. Morto em batalha. Acabei por enrolá-lo em meu cachecol e descer com ele a Ludgate Hill até um edifício bombardeado para enterrá-lo no entulho. Nada bom: o entulho não seria proteção contra os cães ou ratos e eu jamais teria outro cachecol. O dinheiro do “tio” estava quase acabando.

Eu não deveria estar sentado aqui. Não verifiquei os desvãos nem o resto da escadaria e pode haver por lá uma granada ou uma bomba de efeito retardado que me escapou.

Quando cheguei, vi-me como um salvador de grande nobreza, um salvador do passado. Não estou me saindo bem nessa missão. Pelo menos Enola não tem nada a ver com o caso. Gostaria que houvesse algum meio de enviar a catedral de São Paulo para Bath, onde ficaria em segurança. Quase não houve ataques ontem à noite. Bence-Jones disse que os gatos podem sobreviver a tudo. E se ele aparecesse para me indicar o rumo de casa? Todas as bombas caíram sobre Canning Town.

16 de dezembro — Enola voltou por uma semana. Vê-la de pé na escada do lado oeste, onde encontrei o gato, e saber que dormia no Marble Arch, sem segurança, era mais do que eu podia suportar.

— Pensei que você estivesse em Bath — comecei, estupidamente.

— Minha tia concordou em ficar com Tom, mas não com nós dois ao mesmo tempo. Está com a casa cheia de crianças evacuadas, que não dão sossego. Onde foi parar seu cachecol? Faz um frio danado nesta colina.

— Eu... — gaguejei, achando difícil encontrar uma resposta. — Eu o perdi.

— Não vai arranjar outro — disse ela. — Logo começará o racionamento de roupas. Inclusive de lã. Nunca conseguirá outro igual.

— Sei disso — concordei, piscando para ela.

— Coisas boas jogadas fora — prosseguiu Enola. — Um ato absolutamente criminoso, é o que é.

Acho que não retruquei, apenas fui embora de cabeça baixa, à procura de bombas e animais mortos.

20 de dezembro — Langby não é nazista. É comunista. Mal consigo escrever essa palavra. Comunista.

Uma das faxineiras encontrou um exemplar de *The Worker* atrás de uma coluna e trouxe-o para cripta quando encerrávamos a primeira ronda.

— Malditos comunistas — rosnou Bence-Jones. — Ajudando Hitler! Falando mal do rei, criando baderna nos abrigos... Traidores, é o que são.

— Eles amam a Inglaterra tanto quanto você — disse a faxineira.

— Eles não amam ninguém, só amam a si mesmos, esses egoístas desgraçados. Eu não me espantaria se soubesse que fazem contato com Hitler por telefone — replicou Bence-Jones. — “Alô, Hitler, é aqui que você deve largar suas bombas.”

A chaleira sobre a trempe emitiu um assobio. A faxineira se levantou e despejou a água fervente num bule rachado e sentou-se novamente.

— Só por falarem o que pensam não quer dizer que vão incendiar a catedral, hein?

— Claro que não — disse Langby, descendo as escadas. Sentou-se, tirou as botas e esticou os pés envoltos em meias de lã. — Mas quem, exatamente, não vai incendiar a catedral?

— Os comunistas — respondeu Bence-Jones, olhando diretamente para ele. Será que também suspeitava de Langby?

Este deu uma de desentendido.

— Se eu fosse você, não me preocuparia com eles — disse simplesmente. — Os alemães é que estão dando o melhor de si para pô-la abaixo esta noite. Seis bombas até agora e uma quase atravessou aquele buraco sobre o coro. — Estendeu sua xícara para a faxineira, que a encheu de chá.

Tive vontade de trucidá-lo, esmagá-lo contra a poeira e o entulho do chão da cripta. Bence-Jones e a faxineira olhavam perplexos, gritando advertências um para o outro e para o resto do grupo. “Sabe o que os comunistas fizeram?”, eu quis bradar. “Sabe? Precisamos detê-los.” Cheguei a me

levantar e a avançar na direção dele, vendo-o sentar-se com os pés esticados para a frente e a capa de amianto ainda nos ombros.

Então a lembrança da Galeria, do comunista saindo da estação do metrô com o embrulho inocentemente acomodado sob o braço me dominou, despertando a mesma vertigem de culpa e desamparo. Sentei-me de novo na beira da cama, sem saber o que fazer.

Ninguém aqui percebe o perigo. Mesmo Bence-Jones, com toda a sua conversa sobre traidores, acha que os comunistas são capazes apenas de falar mal do rei. Ninguém aqui sabe, ninguém aqui pode saber o que os comunistas se tornarão. Stalin é um aliado. Comunistas e Rússia querem dizer a mesma coisa. Nenhum dos presentes ouviu falar de Karinsky ou da Nova Rússia e muito menos daquilo que transformará “comunista” em sinônimo de “monstro”. Nunca saberão disso. Quando os comunistas se tornarem o que se tornaram, já não haverá rondas contra incêndios. Só eu sei o que significa ouvir a palavra “comunista” pronunciada, aqui na catedral de São Paulo, de maneira tão leviana.

Um comunista. Eu devia saber, eu devia saber.

22 de dezembro — Ronda dupla novamente. Não dormi bem e minhas pernas estão bambas. Quase despenquei pelo buraco esta manhã e só me salvei caindo de joelhos. Meus níveis de endorfina flutuam loucamente e sei que devo dormir um pouco sem perda de tempo, do contrário me tornarei um dos mortos-vivos de Langby. Receio, porém, deixá-lo sozinho no telhado, sozinho na igreja com seu líder comunista, sozinho em qualquer parte. Até comecei a vigiá-lo enquanto ele dorme.

Se eu pudesse obter uma droga, talvez conseguisse induzir um transe apesar de minha fraqueza física. Mas não posso sequer ir a um bar. Langby está sempre no telhado, aguardando sua chance. Quando Enola voltar, tentarei convencê-la a me trazer o conhaque. Só me restam alguns dias.

28 de dezembro — Enola voltou hoje de manhã, quando eu estava no pórtico oeste reinstalando a árvore de Natal. Ela foi derrubada trs noites seguidas, devido aos abalos. Endireitei-a e me inclinava para apanhar os enfeites espalhados pelo chão quando Enola apareceu, saindo da nvoa como uma santa jovial. Inclinou-se e me beijou no rosto. Depois se levantou, o nariz vermelho por causa do eterno resfriado, e me entregou uma caixa envolta em papel colorido.

— Feliz Natal — disse ela. — Vamos, abra.  um presente.

Meus reflexos quase desapareceram. Percebi que a caixa era pequena demais para conter uma garrafa de conhaque. Ainda assim, acreditava que ela houvesse se lembrado, trazendo-me a salvação.

— Minha querida — murmurei. E abri a caixa.

Era um cachecol. De l cinza. Fiquei olhando para ele durante uns bons trinta segundos, sem atinar com o que fosse.

— Onde está o conhaque? — perguntei por fim.

Ela pareceu chocada. Seu nariz ficou mais vermelho e seus olhos se enevoaram.

— Você precisa mais de um cachecol. Não tem cupons para aquisição de roupas e precisa ficar horas ao relento. Faz tanto frio!

— Eu *preciso*  de conhaque! — repliquei, irritado.

— Apenas tentei ser gentil — queixou-se ela. Interrompi-a:

— Gentil? Eu lhe pedi conhaque. Nunca disse que precisava de um cachecol. — Devolvi-lhe o presente e comecei a desemaranhar um fio com lampadzinhas coloridas que haviam se espatifado quando a árvore cara.

Ela me lançou um daqueles olhares de mártir em que Kivrin tanto se supera.

— Preocupo-me com você o tempo todo — apressou-se Enola a dizer. — Eles estão *tentando* destruir a catedral, certo? E a catedral está muito perto do rio. Penso que você não deveria beber. Eu... acho um crime você não se cuidar quando os alemães fazem de tudo para nos destruir a todos. Isso  o mesmo que colaborar com eles. Tenho medo de, um belo dia, chegar aqui e não vê-lo mais.

— Bem, e o que, exatamente, devo fazer com um cachecol? Enrolá-lo na cabeça quando as bombas caírem?

Ela se virou e saiu correndo. Desapareceu na neblina antes de descer dois degraus. Segui-a, ainda segurando o fio com as lampadazinhas, tropecei nele, caí e fui parar ao pé da escada.

Langby me ajudou a levantar.

— Você não fará a ronda — disse, rindo.

— Não pode me impedir disso — protestei.

— Ah, posso sim. Não quero nenhum morto-vivo ao meu lado lá em cima.

Deixei que me levasse para a cripta, me servisse uma xícara de chá e me pusesse na cama, tudo com modos muito solícitos. Não deu nenhuma pista de que contara com isso. Ficarei aqui até as sirenes se calarem. Estando eu no telhado, Langby não pode me dispensar sem parecer suspeito. Sabem o que ele disse, o dedicado vigilante, antes de sair com sua capa de amianto e suas botas de borracha? “Quero que você durma um pouco.” Como se eu pudesse dormir com Langby no telhado! Seria queimado vivo.

30 de dezembro — As sirenes me acordaram e o velho Bence-Jones disse:

— Esse sono deve ter-lhe feito bem. Dormiu vinte e quatro horas.

— Que dia é hoje? — perguntei, procurando minhas botas.

— Vinte e nove — respondeu ele. E, vendo-me caminhar para a porta: — Não há pressa. Estão atrasados esta noite. Talvez nem apareçam, o que seria uma bênção. A maré começa a baixar.

Parei na porta que dá para as escadas, apoiando-me na pedra fria.

— E a igreja, intacta?

— Ainda de pé — disse ele. — Você teve algum pesadelo?

— Sim — murmurei, lembrando-me dos sonhos ruins das últimas semanas: o gato morto em meus braços, em Saint John’s Wood, Langby com o pacote e o *Worker* debaixo do braço, o telhado profusamente iluminado pela tocha do Cristo. Então me lembrei de que não tinha sonhado. Dormira o sono que pedira, o sono que me faria recordar.

E recordei. Não da catedral queimada até os alicerces pelos comunistas. Manchete dos jornais: “Marble Arch atingida. Dezoito mortos na explosão”. A data era vaga, exceto pelo ano. Mil novecentos e quarenta. Desse ano, restavam exatamente dois dias. Pegando o casaco e o cachecol, subi correndo as escadas e atravessei o piso de mármore.

— Aonde diabos pensa que vai? — gritou Langby. Eu não podia me deter.

— Tenho de salvar Enola — respondi, e minha voz ecoou pelo santuário escuro. — Vão bombardear Marble Arch.

— Não pode sair agora — gritou ele de novo, parado no lugar onde o monumento aos vigias se ergueria. — A maré baixou. Seu maldito...

Não ouvi o resto. Desci a escada e saltei para dentro de um táxi — que me custou quase todo o dinheiro tão cuidadosamente economizado para minha viagem de volta a Saint John’s Wood. As bombas começaram a cair quando ainda estávamos na rua Oxford e o motorista se recusou a ir mais longe. Deixou-me em plena escuridão e pressenti que não chegaria a tempo.

Explosão. Enola caiu na escada que descia para o metrô, ainda com os sapatos de pontas abertas nos pés e sem nenhum ferimento visível. E, quando a levantei, era pura geleia sob a pele. Eu teria de envolvê-la no cachecol que ela me dera, pois estava atrasado. Eu havia recuado cem anos e chegara tarde demais para salvá-la.

Percorri os últimos quarteirões guiado pelo estrondo dos canhões que deviam estar disparando do Hyde Park e desci a estação de Marble Arch. A mulher do guichê ficou com meu último xelim para a viagem até a estação São Paulo. Coloquei-o no bolso e corri para a escada.

— Não corra — recomendou a mulher. — Vire à esquerda, por favor. — A porta para a direita estava barricada com pedaços de madeira e o portão de ferro mais adiante, fechado com correntes. O painel com os nomes das estações fora coberto com fitas adesivas transversais e o cartaz com a frase TODOS OS TRENS fixado à barricada, apontando para a esquerda.

Enola não estava junto às escadas rolantes nem sentada com as costas contra a parede, no saguão. Cheguei à primeira escada e não pude ir além. Uma família havia se instalado justamente nos degraus que eu queria subir.

Preparavam um chá comunitário com pão e manteiga, um pequeno pote de geleia fechado com papel celofane e uma chaleira sobre um fogão igual ao que Langby e eu havíamos resgatado do entulho, tudo instalado sobre uma toalha com flores bordadas nos cantos. Fiquei olhando para o serviço de chá escalonado como uma cachoeira nos degraus, de alto a baixo.

— Hum... Marble Arch... — balbuciei. Mais vinte mortos por telhas voadoras. — Vocês não deveriam estar aqui.

— Temos tanto direito quanto quaisquer outros — replicou o homem, em tom agressivo. — E quem é você para nos mandar embora?

Uma mulher olhou para mim assustada, enquanto tirava alguns pires de uma caixa de papelão.

— É você que deve dar o fora — continuou o homem. — Depressa, vamos. — Inclinou-se para um lado a fim de me dar passagem. E eu passei rente à toalha com ar de quem pedia desculpas.

— Sinto muito — disse eu. — Vou procurar alguém. Na plataforma.

— Não encontrará nada ali, meu caro, naquele inferno. — O homem apontou para aquela direção. Passei correndo por ele, quase tropeçando na toalha, e virei o corredor a caminho do inferno.

Não havia inferno nenhum. Vendedoras de lojas — alegres, tristes ou rabugentas, mas certamente não condenadas ao fogo eterno — dobravam casacos e se encostavam neles contra as paredes. Dois meninos brigavam por causa de um xelim e acabaram perdendo-o nos trilhos. Debruçaram-se na plataforma, debatendo se deveriam ir atrás da moeda, e o guarda da estação gritou-lhes para que se afastassem. Um trem chegou, apinhado de gente. Uma mosca pousou na mão do guarda, que tentou esmagá-la e errou o golpe. Os garotos riram. Na frente e atrás deles, espalhando-se em todas as direções pelos corredores apertados da estação, espremendo-se nas portas e entradas — pessoas, centenas de pessoas.

Recuei um degrau e derrubei uma xícara, que derramou seu conteúdo como um dilúvio sobre a toalha.

— Eu lhe disse, amigo — zombou o homem. — Ali é mesmo o inferno, não? E, embaixo, é pior ainda.

— Sim, o inferno — concordei. Eu jamais a encontraria. Eu jamais a salvaria. Olhei para a mulher que limpava a mancha de chá e ocorreu-me que não a salvaria também. Enola, o gato, todos eles: perdidos aqui nas infindáveis escadarias e becos do tempo. Já estavam mortos havia cem anos, não poderiam ser salvos. O passado está além da salvação. Sem dúvida, essa era a lição que o departamento de história me mandara aprender. Pois muito bem, eu a aprendi. Agora posso ir para casa?

Claro que não, garoto. Você gastou impensadamente seu dinheiro em táxis e bebidas, e hoje à noite os alemães queimarão a City. (Agora que já é tarde demais, lembro-me de tudo. Vinte e oito bombas no telhado.) Langby terá sua chance e você aprenderá a lição mais difícil de todas, que deveria saber desde o início. Não pode salvar a catedral de São Paulo.

Voltei à plataforma e postei-me atrás da linha amarela. Um trem chegou. Tirei o bilhete do bolso e fiquei com ele na mão por todo o trajeto até a estação São Paulo. Ao desembarcar, só o que vi foi fumaça avançando em minha direção como borrifos de água. A catedral, não vi.

— A maré baixou — disse-me uma mulher com voz desesperançada. Enredei-me num emaranhado de mangueiras que mais parecia um poço de serpentes e minhas mãos ficaram sujas de lama fétida. Só então entendi (muito tarde) o significado de “maré”. Não havia água para combater os incêndios.

Um policial se colocou à minha frente e eu fiquei ali parado, sem saber o que dizer.

— Civis não podem se aproximar — disse ele. — A catedral foi atingida. — A fumaça ondulava como uma nuvem tempestuosa, projetando fagulhas e encimada pela cúpula dourada.

— Sou vigilante do fogo — expliquei. Ele me deixou passar e eu subi ao telhado.

Meus níveis de endorfina deviam estar subindo e descendo como o som de uma sirene. A partir daí minha memória de curto prazo deixou de funcionar, restando apenas momentos que não se coadunavam: as pessoas na igreja quando trouxemos Langby para baixo, agrupadas a um canto e jogando

cartas, o torvelinho de lascas de madeira incandescentes na cúpula, a motorista de ambulância que usava sapatos abertos nas pontas como Enola e que me passou um unguento nas mãos chamuscadas. E, no centro dessas lembranças, um rápido instante de lucidez quando me aproximei de Langby, agarrado a uma corda, e salvei sua vida.

Permaneci na cúpula, piscando muito por causa da fumaça. A City estava em chamas e parecia que a catedral iria pegar fogo devido ao calor e ruir devido ao barulho. Bence-Jones se encontrava na torre noroeste, tentando abafar uma bomba com a pá. Langby, perto do buraco feito pela bomba, olhava para mim. Outra bomba caiu atrás dele. Dei-lhe as costas para pegar uma pá e, quando me virei, ele se fora.

— Langby! — gritei, sem poder ouvir minha própria voz. Ele havia caído no buraco e ninguém o viu nem a bomba, exceto eu. Não me lembro de como atravessei o telhado. Acho que pedi uma corda e fui atendido. Amarrei-a em volta do peito, dei as pontas ao vigia e desci. As chamas iluminavam até embaixo as paredes do buraco. No piso, avistei um monte esbranquiçado de entulho. Langby deve estar debaixo dele, pensei, e saltei. Receei machucá-lo sem querer e tentei atirar os pedaços de madeira e reboco para trás, mas mal havia espaço para eu me virar. Por um momento de desespero, achei que ele talvez não se achasse ali, que os pedaços calcinados de madeira revelariam um espaço vazio, como acontecera na cripta.

A indignidade de rastejar sobre ele me paralisava. Se Langby estivesse morto, não creio que eu lograsse suportar a vergonha de pisar em seu cadáver. Nisso, sua mão apareceu como a de um fantasma e agarrou meu tornozelo; num instante, girei o corpo e liberei sua cabeça.

Estava horivelmente branco, mas isso já não me assustava.

— Desativei a bomba — disse ele. Fitei-o, tão aliviado que não podia falar. Durante um momento de histeria, julguei até que iria rir, pois estava de fato contente por vê-lo. Finalmente, percebi o que deveria dizer.

— Você está bem?

— Sim — respondeu Langby, tentando se apoiar num cotovelo. — Pior para você.

Não conseguia se levantar. Gemeu de dor no esforço de deslocar o peso do corpo para o lado direito e estirou-se de costas sobre a camada desigual de entulho. Procurei erguê-lo delicadamente, a fim de descobrir onde fora ferido. Devia ter caído sobre alguma coisa dura.

— É inútil — disse ele, resfolegando. — Desativei-a.

Poupei-lhe um olhar de assombro, com medo de que estivesse delirando, e virei-o de lado.

— Acho que você já contava com isso — continuou ele, sem opor resistência. — Aconteceria cedo ou tarde nesta grande extensão de telhados. Apenas me adiantei. O que vai dizer a seus amigos?

Sua capa de amianto estava rasgada de alto a baixo nas costas. Naquele ponto, via-se a carne chamuscada, soltando fumaça. Ele havia caído sobre a bomba.

— Oh, meu Deus! — exclamei, tentando desesperadamente avaliar a gravidade do ferimento sem tocá-lo. Não tinha meios de saber até onde a queimadura se aprofundara, mas ela parecia limitar-se ao tamanho do rasgo da capa. Tentei tirar a bomba de debaixo dele, mas a cápsula estava quente como um forno, embora não derretida. Minha areia e o corpo de Langby a tinham abafado. E se o mecanismo voltasse a funcionar quando novamente em contato com o oxigênio? Olhei em volta, um pouco tonto, procurando o balde e a bomba de água que Langby devia ter deixado cair.

— Quer uma arma? — perguntou ele, com voz tão clara que dificilmente se poderia dizer que estivesse ferido. — Por que não se contenta em me deixar aqui? Sem ajuda, de manhã já terei morrido. Ou você quer fazer seu serviço sujo em segredo?

Levantei-me e gritei para os homens lá em cima. Um deles dirigiu o facho de sua lanterna para nós, mas a luz era muito fraca.

— Ele morreu? — perguntou alguém.

— Peçam uma ambulância — repliquei. — Ele está ferido.

Ajudei Langby a se erguer, tentando apoiar suas costas sem tocar no ferimento. Ele vacilou um pouco e se encostou na parede, sem me perder de vista enquanto eu procurava abafar a bomba incendiária usando uma prancha

como pá. A corda baixou e amarrei-a a Langby. Ele não havia dito uma palavra desde que eu o levantara do chão. Não se opôs a que eu passasse a corda em torno de seu peito, sempre me olhando.

— Eu deveria ter deixado você sufocar na cripta — disse Langby.

Permanecia de pé, inclinado sem quase nenhum esforço contra os suportes de madeira e segurando-se com as mãos. Enrolei-as na corda, pois sabia que ele não teria forças para agarrá-la.

— Fiquei de olho em você desde aquele dia na Galeria. Notei que não tinha medo de altura quando chegou aqui, pensando que eu arruinaria seus preciosos planos. Que foi aquilo? Uma crise de consciência? Ficou ajoelhado como uma criança, se lamuriando. “Que fizemos? Por Deus, que fizemos?” Sua atitude me irritou. Mas sabe o que o traiu? O gato. Ninguém ignora que gatos odeiam água. Ninguém, exceto um maldito espião nazista.

Houve um repelão na corda.

— Puxem — ordenei, e a corda se esticou.

— E aquela vagabunda do serviço voluntário? Espiã, também? Ia encontrá-lo em Marble Arch? Você disse que o local seria bombardeado. É uma droga de espião, Bartholomew. Seus amiguinhos já fizeram isso em setembro. Mas está aberto ao público de novo.

A corda se esticou mais e começou a puxar Langby. Ele cerrou os punhos para se segurar melhor. Seu ombro direito raspou na parede. Desloquei-o de leve para a esquerda.

— Está cometendo um grande erro — disse ele. — Deveria ter me matado. Vou contar tudo.

Aguardei na escuridão a volta da corda. Langby estava inconsciente ao chegar ao telhado. Passei pela torre de vigia em direção à cúpula e desci para a cripta.

Esta manhã, recebi a carta de meu tio e, com ela, uma nota de vinte libras.

31 de dezembro — Dois lacaios de Dunworthy me procuraram em Saint John's Wood para me dizer que eu estava atrasado para os exames. Nem

sequer protestei. Segui-os obedientemente, sem mesmo considerar como era injusto submeter a exame um morto-vivo. Eu não dormia... havia quanto tempo? Desde ontem, quando fui procurar Enola. Fiquei sem dormir por cem anos.

Na Ala dos Exames, Dunworthy não parava de me olhar, piscando. Um dos lacaios me passou a prova e o outro marcou o tempo. Peguei o papel, deixando nele uma mancha do unguento de minhas queimaduras. Olhei indeciso para elas. Eu havia encostado na bomba quando removera o corpo de Langby, mas aquelas queimaduras tinham sido feitas no dorso das mãos. A resposta me veio subitamente, na voz dura de Langby: “São esfoladuras da corda, seu idiota. Não ensinaram a vocês, espiões nazistas, a maneira correta de subir por uma corda?”

Olhei para a prova e li: “Número de bombas incendiárias que caíram na catedral de São Paulo _____ Número de minas terrestres _____ Número de bombas de alto poder explosivo _____ Método mais comumente usado para desarmar bombas incendiárias _____ minas terrestres _____ de alto poder explosivo _____ Número de voluntários no primeiro turno de vigia _____ no segundo _____ Baixas _____ Mortes _____” As perguntas não faziam nenhum sentido. Havia um pequeno espaço depois delas, suficiente apenas para escrever um número. Método mais comumente usado para desarmar bombas incendiárias: como eu colocaria tudo o que aprendi sobre isso em um espaço tão pequeno? E onde estavam as perguntas sobre Enola, Langby e o gato?

Fui até a escrivaninha de Dunworthy.

— A catedral de São Paulo quase pegou fogo a noite passada — disse eu.
— Que tipo de perguntas são estas?

— Você deve responder, sr. Bartholomew, não perguntar.

— Não há nada aqui sobre as pessoas — reclamei. O invólucro de minha raiva começava a se romper.

— Claro que há — disse Dunworthy, mostrando a segunda página da prova. — Número de baixas, 1940. Explosões, granadas etc.

— Etc.? — reagi. A qualquer momento o teto teria desabado sobre mim

numa chuva de reboco, poeira e fúria. — Etc.? Langby neutralizou uma bomba com o próprio corpo. Enola contraíra um resfriado que piorava cada vez mais. O gato... — Tomei-lhe da mão o papel e escrevi “um gato” no curto espaço que se seguia à palavra “explosões”. — Não se importa nem um pouco com eles?

— São importantes do ponto de vista estatístico — respondeu Dunworthy. — Todavia, como indivíduos, carecem de importância para o curso da história.

Não contive meus reflexos. Os de Dunworthy foram igualmente rápidos. Meu punho roçou sua mandíbula, atirando seus óculos para longe.

— Eles têm importância, sim! — gritei. — Eles, não estes malditos números, são a história!

Os lacaios agiram rápido. Antes que eu desferisse outro golpe, imobilizaram-me os braços e me arrastaram para fora da sala.

— Eles estão lá no passado sem ninguém para salvá-los. Não podem enxergar um palmo diante do nariz, bombas não param de cair sobre suas cabeças e você vem me dizer que não são importantes? Para você, um historiador é isso?

Os lacaios me arrastaram pela porta e pelo corredor.

— Langby salvou a catedral. Alguém pode ser mais importante que isso? Você não é historiador coisa nenhuma! É apenas um... — Eu queria xingá-lo, mas as únicas censuras que me ocorreram foram as de Langby: — Você é apenas um maldito espião nazista! Um burguês inútil e vagabundo!

Jogaram-me de quatro no chão e fecharam a porta na minha cara.

— Não serei historiador nem se você me pagar! — gritei. E fui ver o monumento aos vigias.

Tenho de escrever isto por partes e aos tropeços. Minhas mãos estão em péssimas condições e os lacaios de Dunworthy não ajudam muito. Kivrin aparece de vez em quando, com seu ar de Joana d’Arc, e passa tanta pomada em minhas mãos que não consigo segurar um lápis.

A estação São Paulo não está mais lá, é claro, de modo que saltei em Holborn e fui andando, refletindo sobre meu último encontro com o deão Matthews na manhã após o incêndio da cidade. Esta manhã.

— Sei que você salvou a vida de Langby — disse ele. — E sei também que os dois salvaram a catedral na noite passada.

Mostrei-lhe a carta de meu tio e o deão olhou-a como se não soubesse do que se tratava.

— Nada se salva para sempre — continuou ele e, por um terrível momento, pensei que iria me comunicar a morte de Langby. — Devemos continuar tentando salvar a catedral de São Paulo até Hitler decidir bombardear outra coisa.

Os ataques a Londres estão quase no fim, desejei contar-lhe. Hitler começará a bombardear o interior do país em questão de semanas. Cantuária, Bath — sempre visando as catedrais. Você e São Paulo sobreviverão à guerra e você terá tempo para dedicar o monumento aos vigias de incêndios.

— No entanto, estou esperançoso — disse ele. — Acho que o pior já passou.

— Sim, senhor. — Pensei no monumento com suas letras ainda legíveis depois de tanto tempo. Mas não, senhor, o pior ainda não passou.

Consegui chegar bem até quase o topo de Ludgate Hill. Depois, perdi completamente o rumo e fiquei vagando como um visitante de cemitério. Não me lembrava de que o entulho se parecia muito com o pó branco de sob o qual Langby tentara me arrancar. Não conseguia encontrar o monumento. Por fim, quase tropecei nele, dando um salto para trás como se houvesse tropeçado num cadáver.

É tudo o que restou. Hiroshima, ao que parece, conservou algumas árvores intactas em grau zero. Denver, a escadaria do capitólio. Nenhuma das duas proclama: “Lembrem-se dos vigias, homens e mulheres, que pela graça de Deus salvaram a catedral de São Paulo”. Pela graça de Deus.

Parte da placa se deteriorou. Os historiadores sustentam que havia outra linha com as palavras “para todo o sempre”, mas eu não acredito nisso, nem que o deão Matthews tenha algo a ver com o fato. E nenhum dos vigias a

quem o monumento foi dedicado acreditariam nessa história sequer por um minuto. Salvamos a catedral toda vez que neutralizamos uma bomba incendiária e apenas até outra cair. Inspecionamos os locais perigosos, apagamos pequenos incêndios com areia e bombas manuais, e os grandes com nossos corpos, a fim de impedir que a vasta e complexa estrutura fosse consumida pelas chamas. Para mim, isso soa como uma descrição do Curso de História 401. Que boa hora para descobrir o que querem os historiadores quando eu desperdicei minha chance de ser um deles com a mesma facilidade com que as bombas de precisão caíam! Não, senhor, o pior ainda não passou.

Há manchas de fogo na placa, onde se lê que o deão da catedral de São Paulo estava ajoelhado quando a bomba explodiu. Isso é totalmente apócrifo, é óbvio, pois a porta da frente não pode ser considerada um local apropriado para se rezar. Aquilo é, com muito maior probabilidade, a sombra de um turista que entrou para perguntar o endereço do teatro Windmill, ou a marca de uma garota que deu um cachecol a um voluntário. Ou um gato.

Nada se salva para sempre, deão Matthews, e eu soube disso no primeiro dia, quando atravessei as portas do lado oeste, piscando para a claridade, mas isso não melhora em nada as coisas. Ficar de joelhos no entulho, do qual não conseguirei tirar nem cadeiras nem amigos, saber que Langby se foi julgando-me um espião nazista e que Enola apareceu e eu não estava lá: isso é muito mau.

Mas não tão mau quanto poderia ser. Estão ambos mortos e o deão Matthews também, mas morreram sem saber o que eu sabia perfeitamente, aquilo que me pôs de joelhos na Whispering Gallery, tomado de dor e arrependimento: que, no fim, nenhum de nós salvaria a catedral de São Paulo. Langby não poderia se virar para mim, perplexo e magoado, e perguntar: “Quem fez isso? Seus amigos nazistas?” Eu teria de responder: “Não, os comunistas”. Isso sim, seria pior.

Voltei ao quarto e deixei que Kivrin passasse mais pomada em minhas mãos. Ela quer que eu durma um pouco. Mas sei que devo fazer as malas e ir embora. Seria humilhante ser posto para fora; entretanto, não tenho forças para lutar contra ela. Kivrin se parece muito com Enola.

1º de janeiro — Aparentemente, dormi não só a noite inteira como também de manhã, durante a entrega do correio. Quando acordei, agora mesmo, vi Kivrin sentada aos pés da minha cama com um envelope na mão.

— Suas notas chegaram — disse ela.

Tapei os olhos com o braço.

— Eles podem ser maravilhosamente eficientes quando querem, não?

— Sim — concordou Kivrin.

— Bem, vamos ver isso — disse eu, sentando-me. — Quanto tempo tenho até que venham me expulsar?

Ela me passou o envelope fininho, que rasguei na borda picotada.

— Espere — disse Kivrin. — Antes de abri-lo, quero dizer uma coisa. — Pousou delicadamente a mão em minhas queimaduras. — Você está errado sobre o departamento de história. Eles são muito bons.

Não era exatamente aquilo que eu esperava ouvir.

— “Bom” não é a palavra que eu aplicaria a Dunworthy — repliquei, abrindo o envelope.

A expressão de Kivrin não se alterou, nem mesmo quando coloquei o papel sobre os joelhos, de modo que ela pudesse ver também.

O bilhete trazia a assinatura do estimável Dunworthy. Eu havia tirado dez. Com louvor.

2 de janeiro — Duas coisas chegaram hoje pelo correio. Uma era a nomeação de Kivrin. O departamento de história pensa em tudo — até em mantê-la aqui durante o tempo necessário para ela cuidar de mim, até em inventar uma prova de fogo para seus membros de destaque.

Sem dúvida, eu gostaria de acreditar que era isso o que haviam feito. Enola e Langby não passavam de atores contratados; o gato, de um androide esperto com seu mecanismo bem escondido no lugar das vísceras, arrancado para o efeito final, não tanto porque eu quisesse acreditar na maldade de Dunworthy,

mas porque então eu não sentiria essa dor imensa de não saber o que havia acontecido com eles.

— Você disse que seu curso era sobre a Inglaterra de 1400? — perguntei, fitando-a com a mesma desconfiança com que fitara Langby.

— 1349 — respondeu ela; e, a essa lembrança, seu rosto refletiu desânimo. — O ano da peste.

— Meu Deus! — exclamei. — Como eles puderam fazer isso? A peste é perigosa.

— Tenho imunidade natural — explicou Kivrin; e olhou para as mãos.

Como eu não soubesse o que dizer, abri o outro envelope. Era um relatório sobre Enola. Impresso por computador, cheio de fatos, datas, estatísticas, todos os números que o departamento de história apreciava tanto; mas me informou sobre o que eu ansiava por saber e pensava que jamais saberia: ela havia se curado do resfriado e sobrevivera à Blitz. O jovem Tom morrera nos ataques a Baedaker, em Bath, mas Enola vivera até 2006, um ano antes da explosão da catedral de São Paulo.

Ignoro se deva acreditar no relatório ou não; isso, porém, não importa. Trata-se, como Langby lendo em voz alta para o velho, de um simples gesto de bondade humana. Eles pensam em tudo.

Em tudo, não. Não me contaram o que aconteceu com Langby. Mas, enquanto escrevo, penso que já sei: salvei sua vida. Não importa que tenha morrido no hospital no dia seguinte. A despeito das duras lições que o departamento de história tentou me ensinar, não acredito em uma coisa: que nada é salvo para sempre. A meu ver, Langby foi.

3 de janeiro — Encontrei-me com Dunworthy hoje. Não sei o que pretendia lhe dizer — alguma baboseira pomposa sobre o prazer que senti ao servir como vigia de incêndio da história, atento às bombas do coração humano, silenciosa e santamente.

Mas ele ficou piscando para mim com seus olhos míopes por trás da escrivaninha e pareceu-me que piscava para a derradeira imagem da catedral

de São Paulo faiscando à luz do sol antes de desaparecer para sempre. Ele devia saber melhor que ninguém que o passado não pode ser salvo. Por isso, limitei-me a dizer:

— Lamento ter quebrado seus óculos, senhor.

— Gostava muito da catedral? — perguntou ele; e, como no meu primeiro encontro com Enola, achei que talvez estivesse lendo errado os sinais, que ele não lamentava essa perda, mas sentia algo bem diferente.

— Gostava, senhor — respondi.

— Sim — disse ele. — Eu também.

O deão Matthews estava errado. Lutei com a memória durante todo o meu curso e descobri que ela não é de modo algum o inimigo, que ser um historiador não é nenhuma missão sagrada, afinal de contas. Pois Dunworthy não está piscando para o clarão fatal da última manhã, mas para as trevas daquela primeira tarde, contemplando pelas grandes portas do lado oeste da catedral aquilo que, como Langby, como tudo o mais, está salvo em nós a cada momento e para sempre.

ROBERT SILVERBERG

Robert Silverberg ganhou o prêmio Hugo de o autor mais promissor em 1956, menos de dois anos depois de sua estreia profissional. Após um aprendizado de quase dez anos e milhões de palavras, Silverberg emergiu na década de 1960 como um dos mais articulados e conscientes escritores da época. As obras desse período de sua carreira se destacam pelos estudos de caráter psicologicamente complexos, pelos temas moralmente severos e pelas descrições vívidas de ambientes opressivos, limitadores que o indivíduo deve superar. “To See the Invisible Man”, “Hawksbill Station” e Thorns são estudos futurísticos sobre a pessoa alienada devido a uma série de fatores: ostracismo social, exílio penal e vitimização exploradora. Nesse clima, o ponto alto de Silverberg é Dying Inside, a história dramática de um telepata discriminado por sua estranheza que acaba mais discriminado ainda quando perde seus poderes, seu único meio de se relacionar com a humanidade normal.

Tanto Nightwings [Asas na Noite] quanto Downward to Earth apresentam contatos com espécies alienígenas como experiências potencialmente rejuvenescedoras, aliadas a conceitos religiosos de ressurreição e redenção. The World Inside descreve o potencial de desumanização do excesso populacional em uma sociedade na qual a privacidade e a intimidade são praticamente impossíveis.

No núcleo dramático das histórias mais densas de Silverberg vemos indivíduos confrontados com a mortalidade. “Born with the Dead” retrata em detalhes as dificuldades da vida num mundo compartilhado por mortais e pessoas que voltaram à vida. The Second Trip explora a ideia da morte da identidade; um homem descobre que é um ex-criminoso punido com a

supressão de sua verdadeira personalidade, uma fagulha da qual se reacende e ameaça subjugar sua personalidade nova. A busca da imortalidade dá margem a reflexões sobre a mortalidade em The Book of Skulls, sobre a perseguição de uma seita oculta que, supostamente, descobriu o segredo da vida eterna e sobre o impacto da busca nas pessoas que anseiam por ela.

A partir do final dos anos 1970, Silverberg se concentrou no desenvolvimento de sua saga Majipoor, uma série de fantasia científica épica que inclui os romances O Castelo de Lorde Valentine, As Crônicas de Majipoor e Valentine Pontifex. Ele escreveu também dois romances de fantasia, Gilgamesh the King e To the Land of the Living, baseados na mitologia sumeriana. Suas inúmeras coletâneas de contos de ficção incluem Next Stop the Stars, To Worlds Beyond, Dimension Thirteen, Born with the Dead e The Secret Sharer. Silverberg escreveu diversos romances e obras de não ficção para crianças, e organizou mais de setenta antologias.

“Rumo a Bizâncio” é outra história que, como as de Joe Haldeman, aborda o futuro distante e acontece num mundo que Silverberg tornou ao mesmo tempo vagamente familiar, graças a seu uso da história, e totalmente estranho, por causa de sua população. Vencedor do Prêmio Nebula de 1985, é uma visão do que significa ser humano, agora e sempre.

RUMO A BIZÂNCIO

ROBERT SILVERBERG

AO ROMPER DO DIA, ele se levantou e foi para o pátio, a fim de contemplar pela primeira vez Alexandria, a cidade que ainda não vira. As cidades, naquele ano, eram Chang-an, Asgard, Nova Chicago, Timbuktu e Alexandria: a mistura usual de épocas, culturas e realidades. Ele e Gioia, partindo na noite anterior de Asgard, no norte distante, chegaram tarde, bem depois do pôr do sol, e após o longo voo tinham ido diretamente para a cama. Agora, à luz suave e dourada da manhã, as tremendas construções e pináculos de Asgard pareciam apenas um sonho.

De qualquer modo, sussurrava-se que a hora de Asgard terminara. Pouco depois, ele ouvira que iriam derrubá-la e substituí-la, em outro lugar, por Mohenjo-daro. Embora nunca houvesse mais que cinco cidades, elas mudavam constantemente. Ele se lembrava de uma época em que houvera a Roma dos Césares em vez de Chang-an e o Rio de Janeiro em vez de Alexandria. Aquela gente não via motivo de preservar algo por muito tempo.

Não era fácil para ele adaptar-se à exuberante intensidade de Alexandria após os frios esplendores de Asgard. O vento, soprando do mar, era fresco e tórrido ao mesmo tempo. Ondas miúdas, cor de turquesa, lambiam o quebramar. Impressões fortes agrediam seus sentidos: o céu quente e pesado, o cheiro acre das areias vermelhas do deserto carregadas pela brisa, o miasma denso das águas salgadas muito próximas. Tudo vibrava e estremecia à luz da manhã. Seu hotel estava magnificamente situado na elevação norte do imenso terraço artificial conhecido como Paneio, consagrado ao deus de pés de bode. Dali, eles tinham uma visão total da cidade: as largas avenidas aristocráticas,

os altos obeliscos e monumentos, o palácio de Adriano ao pé do monte, a majestosa e impressionante Biblioteca, o templo de Posêidon, o mercado movimentado, o pavilhão real que Marco Antônio construía após sua derrota em Ácio. E, é claro, o Farol, o soberbo Farol espelhado, a sétima maravilha do mundo, a imensa torre de mármore, calcário e granito rubro de Assuã erguendo-se poderosa na extremidade do passadiço de quase dois quilômetros. Uma fumaça negra expelida pelas chamas da fogueira, no alto da construção, se enovelava pelo céu. A cidade despertava. Alguns temporários, de saiotes brancos, apareceram para podar as sebes espessas que bordejavam os grandes edifícios públicos. Uns poucos cidadãos, com roupas que lembravam vagamente o estilo grego, flanavam pelas ruas.

Havia fantasmas, quimeras e fantasias por toda parte. Dois centauros esbeltos e elegantes, um macho e uma fêmea, pastavam na colina. Um soldado robusto, de coxas grossas, apareceu no pórtico do templo de Posêidon carregando a cabeça decepada de uma Górgona; agitou-a de lado a lado, rindo com gosto. Na rua do hotel, três pequenas esfinges cor-de-rosa, não maiores que gatos, espreguiçaram-se, bocejaram e ficaram espreitando a calçada. Outra maior, do tamanho de um leão, observava-as atentamente na entrada de um beco: sua mãe, sem dúvida. Mesmo daquela distância ele podia ouvi-la ronronar alto.

Protegendo os olhos com a mão em pala, olhou para além do Farol, para a extensão marinha. Esperava avistar as costas imprecisas de Creta ou Chipre, ao norte, ou talvez a grande curva escura da Anatólia. “Levem-me para a grande Bizâncio, ao som das batidas dos remos”, pensou. “Lá tudo é antigo.” Mas distinguiu apenas o mar vazio e sem fim, faiscando ofuscantemente ao sol, embora ainda fosse muito cedo. Nada jamais estava onde ele esperava que estivesse. Os continentes pareciam deslocados de seus devidos lugares. Gioia, havia muito tempo, lhe mostrara isso do alto. A ponta da América do Sul avançava até quase o meio do Pacífico; a África diminuía estranhamente de tamanho; uma larga faixa de oceano separava a Europa e a Ásia. A Austrália parecia não existir. Talvez a houvessem removido para usá-la em outras coisas. Não havia traços do mundo que ele havia conhecido. Era o

século L. “Século L depois do *quê?*”, perguntara ele várias vezes, mas ninguém parecia saber ou estar interessado no assunto.

— Alexandria é bonita? — perguntou Gioia de dentro.

— Venha ver você mesma.

Nua e sonolenta, ela saiu para o pátio de tijolos claros e achegou-se a ele. Cabia certinha sob seu braço.

— Oh, sim, sim! — murmurou Gioia. — Bem bonita, não? Veja lá os palácios, a Biblioteca, o Farol! Aonde iremos primeiro? Ao Farol, sem dúvida. Certo? Depois, ao mercado. Quero ver os magos egípcios. Também ao estádio, às corridas... Será que ainda promovem corridas atualmente? Ah, Charles, quero ver tudo, tudo!

— Tudo? E no primeiro dia?

— No primeiro dia — respondeu ela. — Tudo.

— Mas temos muito tempo, Gioia.

— Será?

Ele sorriu e apertou-a contra o flanco.

— Tempo suficiente — disse, em tom carinhoso.

Amava-a por ela ser impaciente, exuberante. Gioia não era como os outros a esse respeito, embora, no resto, fosse idêntica. Pequena, magra, flexível, olhos negros, pele morena, quadris estreitos, ombros largos e músculos lisos. Todos eram assim, mal se distinguiam uns dos outros, como uma horda de milhões de irmãos e irmãs — um mundo de mediterrâneos baixos, delgados, pueris, nascidos para malabarismos, corridas de touros, vinho branco doce ao almoço e vinho tinto encorpado ao jantar. Tinham o mesmo corpo esguio, a mesma boca larga, os mesmos olhos grandes e brilhantes. Charles nunca vira ninguém que parecesse ter menos de 12 anos ou mais de 20. Gioia era um tanto diferente, embora ele não soubesse bem em *quê*; uma coisa, porém, sabia: por essa diferença imperceptível, mas significativa, é que a amava. E talvez, pelo mesmo motivo, é que ela o amasse.

Passeou o olhar de oeste para leste, da Porta da Lua à larga rua Canopo, ao porto e ao túmulo de Cleópatra, na ponta do longo e estreito cabo Lóquias. Tudo estava ali e tudo era perfeito: os obeliscos, as estátuas, as colunatas de

mármore, os pátios, os santuários, os bosques e o próprio Alexandre, o Grande, em seu sarcófago de cristal e ouro. Em suma, uma esplêndida e brilhante cidade pagã. Mas havia coisas esquisitas: uma inconfundível mesquita perto dos jardins públicos e o que parecia ser uma igreja cristã não longe da Biblioteca. Quanto àqueles navios no porto, com suas velas vermelhas e mastros aprumados, eram decerto da Idade Média, e da Idade Média tardia ainda por cima. Charles já vira desses anacronismos em outros lugares. Sem dúvida, aquela gente achava-os divertidos. A vida, para ela, era um jogo a ser jogado o tempo todo. Roma, Alexandria, Timbuktu — por que não? Crie uma Asgard de pontes translúcidas e palácios cintilantes cercados de gelo, canse-se dela e jogue-a fora. Substitua-a por Mohenjo-daro. Por que não? Ele achava lamentável destruir aqueles aconchegantes salões de festa nórdicos para construir uma cidade acanhada, brutal, de tijolos escuros e batida pelo sol; mas aquela gente via as coisas de outra maneira. Suas cidades eram apenas temporárias. Alguém, em Asgard, informara que Timbuktu seria a próxima parada e que Bizâncio a substituiria. Por que não? Por que não? Eles podiam fazer o que quisessem. Aquele era o século L, afinal. Regra única: não poderia haver mais de cinco cidades ao mesmo tempo. “Os limites”, dissera Gioia solenemente quando começaram a viajar juntos, “são muito importantes.” Ela, no entanto, não sabia por quê ou não se dera o incômodo de explicar.

Olhou de novo para as águas.

Imaginou uma cidade nova tomando forma subitamente em meio à névoa, lá longe: torres brilhantes, grandes palácios abobadados, mosaicos de ouro. Para eles, isso não exigiria muito esforço. Bastaria invocar a cidade, o imperador em seu trono e a guarda imperial farreando embriagada pelas ruas, o clangor brônzeo dos sinos da catedral agitando o Grande Bazar, golfinhos saltando junto aos pavilhões da praia. Por que não? Eles tiveram Timbuktu. Tiveram Alexandria. Querem Constantinopla? Pois aí está Constantinopla! Ou Avalon, ou Lyonesse, ou a Atlântida. Podiam ter o que bem entendessem. À maneira de Schopenhauer: o mundo como vontade e representação. Sim! Esse povo esbelto e de olhos negros pulava incansavelmente de milagre a

milagre. Por que não Bizâncio em seguida? Sim, por que não? “Não há pátria para os velhos”, pensou. “Os jovens abraçados, os pássaros nas árvores.” Sim, o que quisessem ter! Tinham até a ele! De súbito, sentiu medo. Perguntas que não fazia havia tempos se agitaram em sua consciência. “Quem sou eu? Por que estou aqui? Quem é esta mulher ao meu lado?”

— Você ficou tão quieto de repente! — estranhou Gioia, que não conseguia tolerar o silêncio por muito tempo. — Não quer conversar comigo? Eu quero conversar com você. Diga-me o que está procurando lá fora.

— Nada — respondeu ele, dando de ombros.

— Nada?

— Nada em especial.

— Não, percebo que você está em busca de alguma coisa.

— Bizâncio — disse ele. — Pensava que pudesse ver Bizâncio nos confins do mar. Queria ter um vislumbre das muralhas de Constantinopla.

— Ah, mas não pode ver tão longe. De modo algum.

— Eu sei.

— E, de qualquer forma, Bizâncio não existe.

— Não ainda. Mas existirá. Em breve.

— É mesmo? — admirou-se ela. — Tem certeza?

— Sim, com base em sólida autoridade. Recebi essa informação em Asgard. Mas mesmo que não houvesse recebido, Bizâncio é inevitável, não acha? Seu tempo chegará. Precisamos fazer Bizâncio, Gioia. Cedo ou tarde. Sei que faremos. É mera questão de tempo. E temos todo o tempo do mundo.

Uma sombra perpassou pelo rosto de Gioia.

— Será que temos?

Charles sabia muito pouco sobre si mesmo, mas não duvidava de que não fosse um deles. Não, não duvidava. Sabia que seu nome era Charles Phillips e que, antes de passar a viver entre aquela gente, vivera no ano 1984. Nessa época, existiam computadores, televisão, beisebol e aviões, com o mundo cheio de cidades, milhares delas e não apenas cinco — Nova York, Londres,

Joanesburgo, Paris, Liverpool, Bangkok, San Francisco, Buenos Aires e muitas outras ao mesmo tempo. Havia então quatro bilhões e meio de pessoas na Terra; agora, talvez não houvesse nem quatro milhões e meio. Quase tudo havia mudado para além da compreensão. A lua ainda parecia a mesma e o sol também; mas, à noite, ele procurava em vão as constelações conhecidas. Não fazia ideia de como o tinham trazido daquela época para esta nem por quê. Seria inútil perguntar. Ninguém saberia responder-lhe; ninguém parecia sequer entender o que ele desejava descobrir. Não tardou a calar-se; e logo parou de desejar saber.

Ele e Gioia subiam o Farol. Ela correu na frente, apressada como sempre, e ele a seguiu com a costumeira impassibilidade. Outros turistas, pela maioria em grupos de dois ou três, subiam também as largas rampas lajeadas, rindo e chamando-se entre si. Alguns, vendo-o, paravam por um momento, olhavam-no e apontavam para ele. Charles estava acostumado com isso. Era muito mais alto que os demais — seguramente, não pertencia àquela raça. Quando o apontavam, sorria. E, às vezes, até agradecia com um aceno de cabeça.

Não achou muita coisa interessante no andar térreo, uma estrutura quadrada maciça de sessenta metros de altura feita de sólidos blocos de mármore: dentro de suas frias arcadas bolorentas havia centenas de pequenos cômodos escuros, as cabines dos guardas e mecânicos, os acantonamentos da guarnição, os estábulos para as trezentas mulas que levavam o combustível para a fogueira lá no alto. Nada disso o atraía. Continuou seu caminho sem se deter até alcançar a sacada que conduzia ao andar de cima. Ali, o edifício se estreitava, tornando-se octogonal; suas faces de granito, elegantemente aplainadas, subiam encurvando-se até uma altura espantosa.

Gioia o esperava ali.

— Para você — disse ela, estendendo-lhe um naco de carne num espeto de madeira. — Cordeiro assado. Absolutamente delicioso. Comi um enquanto o esperava. — Deu-lhe também um copo com uma espécie de sorvete verde e saiu correndo para comprar uma romã. Dezenas de vendedores perambulavam pela sacada, oferecendo refrescos de todos os tipos.

Charles mordiscou a carne. Era tostada por fora, tentadoramente rósea e

macia por dentro. Enquanto comia, um dos vendedores se aproximou e encarou-o. Era um sujeito forte e moreno, trajando apenas uma faixa vermelha e amarela em volta da cintura.

— Tenho carne — disse ele. — Ótimo cordeiro assado, apenas cinco dracmas.

Charles mostrou o espetinho que estava comendo.

— Já tenho um — disse.

— Carne excelente, muito macia. Ficou de molho três dias em sucos de...

— Por favor — aborreceu-se Charles. — Não quero comprar nada. Poderia me deixar em paz?

Os temporários o tinham confundido a princípio. Havia neles muita coisa estranha. Não eram máquinas — pareciam criaturas de carne e osso —, mas também não lembravam seres humanos e ninguém os tratava como tais. Charles achava que eram produtos artificiais de uma tecnologia tão avançada quanto imperceptível. Alguns pareciam mais inteligentes que outros e, no entanto, todos se comportavam como se não tivessem mais autonomia que os personagens de uma peça — o que, no fundo, eles eram. Enxameavam em cada uma das cinco cidades, desempenhando todos os tipos de papéis: pastores, porqueiros, varredores de rua, mercadores, barqueiros, vendedores de carne assada e refrescos, regateadores nos mercados, estudantes, cocheiros, policiais, criados, gladiadores, monges, artesãos, prostitutas, larápios, marinheiros — tudo o que fosse preciso para fomentar a ilusão de um centro urbano trepidante e populoso. A raça de olhos negros, a raça de Gioia, nunca trabalhava. Não havia número suficiente deles para manter uma cidade em funcionamento; e, de qualquer forma, eram apenas turistas que vagavam ao sabor do vento, mudando de lugar quando lhes dava na telha: de Chang-an para Nova Chicago, de Nova Chicago para Timbuktu, de Timbuktu para Asgard, de Asgard para Alexandria — para a frente, sempre para a frente.

O temporário não queria deixá-lo em paz. Charles se safou, mas o temporário foi atrás dele, cercando-o contra a parede da sacada. Quando Gioia voltou, os lábios lindamente manchados de suco de romã, o sujeito

ainda o cercava, tentando com persistência lunática vender-lhe um espetinho de cordeiro. Quase se encostando em Charles, quase nariz contra nariz, fitava-o intensamente com seus olhos esbugalhados, enquanto gabava com desesperada urgência a qualidade de sua mercadoria. Charles pareceu se lembrar de que já tivera aborrecimentos como esse em uma ou duas ocasiões anteriores. Gioia tocou de leve o cotovelo da criatura e disse em tom ríspido, que Charles nunca lhe ouvira:

— Ele não está interessado. Dê o fora. — O temporário obedeceu prontamente. Gioia se voltou para Charles: — É preciso ser duro com eles.

— Eu tentei. Mas o cara não queria ouvir.

— Ordenou que ele se fosse e ele não se foi?

— Pedi-lhe que me deixasse em paz. Educadamente. Educadamente demais, talvez.

— Mesmo assim ele deveria ter obedecido a um ser humano.

— Talvez pensasse que não sou humano — aventou Charles. — Devido à minha aparência. Minha altura, a cor dos meus olhos. Deve ter achado que eu também era uma espécie de temporário.

— Não — contestou Gioia, franzindo o cenho. — Um temporário nunca aborda um temporário. Mas também não desobedece a um cidadão. Existe um limite muito claro. Sem confusões. Não consigo entender por que ele continuou aborrecendo-o. — Charles ficou espantado com a perturbação de Gioia: bem maior do que o incidente merecia. Um aparelho estúpido, talvez mal calibrado de algum modo, exagerando na insistência em vender suas mercadorias. Por que não? Gioia, após um instante, pareceu chegar à mesma conclusão. Dando de ombros, prosseguiu: — Está com defeito, acho. Possivelmente, essas coisas são mais comuns do que pensamos, hein? — Algo de forçado em sua voz inquietou Charles. Ela sorriu e ofereceu-lhe a romã. — Tome. Dê uma mordida. Maravilhosamente doce. Supunha-se que essa fruta estivesse extinta, como sabe. E então, vamos subir mais?

A seção mediana octogonal do Farol devia ter dezenas de metros de altura, um tubo escuro e claustrofóbico quase inteiramente preenchido pelas duas largas rampas espiraladas que serpenteavam em torno do grande poço central. A subida era lenta: uma parelha de mulas ia logo à frente, arrastando-se morosa com seu fardo de lenha para a fogueira. Mas por fim, justamente quando Charles já estava quase sem fôlego e tonto, chegaram à segunda sacada, que marcava a transição entre a seção octogonal e a plataforma superior do edifício, cilíndrica e bem estreita.

Gioia debruçou-se a meio corpo na balaustrada.

— Oh, Charles, que vista! Olhe só!

Impressionante, de fato. De um lado, a cidade inteira, com o pantanoso lago Mareótis e a poeirenta planície egípcia mais além; do outro, o vasto Mediterrâneo cinzento e encapelado. Ele apontou para os incontáveis recifes e baixios que infestavam as águas próximas à entrada do porto.

— Não é de admirar que precisassem de um farol aqui — observou. — Sem um ponto de referência, jamais encontrariam o caminho vindos do mar alto.

Um estrondo, um rugido feroz ecoou bem acima de sua cabeça. Charles ergueu os olhos, assustado. Imensas estátuas de tritões empunhando trompas se projetavam dos cantos do Farol, naquele nível; o som provinha do mais próximo. Um sinal, pensou ele. Uma advertência aos navios que buscavam aquela perigosa passagem. O som era produzido por algum mecanismo movido a vapor, operado por equipes de temporários suarentos reunidos em torno de fogueiras na base de cada tritão.

De novo, viu-se tomado de admiração pelo modo engenhoso como aquelas pessoas faziam suas reproduções da Antiguidade. Mas *seriam* mesmo reproduções?, perguntou-se. Ainda não entendia como criavam suas cidades. Achava que aquele lugar era a autêntica Alexandria, arrancada de sua própria época como ele mesmo tinha sido. Talvez estivesse agora no Farol verdadeiro e original, não numa cópia. Mas não imaginava como o grande milagre acontecia.

— Como se chega ao topo? — perguntou Gioia.

— Por ali, acho. Por aquela entrada.

As rampas em espiral por onde subiam as mulas terminavam logo à frente. Os fardos de combustível eram puxados por um guindaste preso ao eixo principal. Os visitantes prosseguiram por uma escada tão estreita no alto que era impossível virar-se durante a subida. Gioia continuava à frente, incansável. Ele se apoiava ao corrimão e ia avançando com dificuldade, espiando pelas frestas estreitas das janelas para aliviar o tédio da escalada. Contou quase até cem antes de chegar finalmente ao vestíbulo da câmara da fogueira. Uns dez visitantes se apinhavam no local. Gioia estava na outra extremidade, junto à parede do lado do mar.

Charles sentia, ali em cima, como se o edifício balançasse ao vento. A que altura estavam? Cento e cinquenta metros, duzentos, trezentos? A câmara era alta e estreita, dividida por uma passarela em seção superior e inferior. Embaixo, grupos de temporários carregavam lenha do guindaste e atiravam-na na fogueira crepitante. Charles mal conseguia suportar seu calor intenso ali onde se achava, na beira da plataforma da qual pendia o espelho gigante de bronze polido. Línguas de fogo subiam e dançavam diante do espelho, que projetava seu raio ofuscante bem longe no mar. A fumaça saía por uma chaminé. No topo, erguia-se uma estátua de Posêidon — austero, feroz, assomando acima da fogueira.

Gioia esgueirou-se pela passarela até se postar ao lado dele.

— O guia dava explicações antes de você chegar — disse ela, apontando com o braço. — Vê aquele lugar ali, sob o espelho? Alguém, de pé e observando o espelho, veria navios no mar que daqui não podem ser vistos. O espelho amplifica as coisas.

— Acredita nisso?

Gioia fez um gesto de cabeça na direção do guia.

— Foi o que ele disse. E disse também que, se olharmos na direção certa, avistaremos além do mar a cidade de Constantinopla.

Ela é uma criança, pensou Charles. Todos são.

— Você mesma me contou, hoje de manhã, que não é possível ver tão longe. Além do mais, Constantinopla não existe neste momento.

— Mas existirá. *Você* me garantiu isso, há poucas horas. E, quando existir, se refletirá no espelho do Farol. É verdade. Estou absolutamente certa de que é. — Fez um movimento brusco em direção à entrada da câmara da fogueira. — Oh, veja, Charles! Aí vêm Nissandra e Aramayne! E lá está Hawk! E Stengard! — Gioia riu, acenou-lhes e chamou-os pelos nomes. — Ah, todos aqui! *Todos!*

Entraram aos empurrões, tantos que alguns dos que já lá estavam se viram forçados a recuar para os primeiros degraus na outra extremidade. Gioia andava pelo meio deles abraçando, beijando. Charles só com dificuldade conseguia distingui-los — achava difícil até dizer quem era homem e quem era mulher, pois vestiam o mesmo tipo de roupas folgadas. Entretanto, reconheceu alguns nomes. Eram amigos íntimos de Gioia, sua turma, com a qual ela viajara de cidade em cidade, divertindo-se a valer, nos velhos tempos antes que Charles entrasse em sua vida. Ele havia conhecido alguns em Asgard, no Rio, em Roma. O guia do Farol, um velho temporário robusto e de ombros largos, com uma coroa de louros na cabeça calva, reapareceu e começou sua arenga de sempre, mas ninguém o ouvia; estavam ocupados demais cumprimentando-se, abraçando-se, rindo. Alguns se aproximaram de Charles e, nas pontas dos pés, tocaram-lhe o queixo com os dedos: era sua saudação, sua esquisita saudação.

— Charles — disseram gravemente, dividindo o nome em duas sílabas como costumavam fazer. — Muito bom vê-lo de novo. Um grande prazer. Você e Gioia formam um belo casal. Feitos um para o outro.

Verdade? Ele achava que sim.

A câmara estremecia ao som das conversas. Ninguém dava ouvidos ao guia. Stengard e Nissandra tinham visitado Nova Chicago para a dança na água; Aramayne contava sobre uma festa em Chang-an que durara *dias*; Hawk e Hekna haviam estado em Timbaktu para ver a chegada da caravana do sal e logo voltariam para lá; haveria a última festa para celebrar o fim de Asgard, que absolutamente não podia ser perdida; sabia-se dos planos para a nova cidade, Mohenjo-daro; tinham reservas para o espetáculo de abertura, que não perderiam por nada; e, é claro, iriam a Constantinopla depois, os

planejadores já mergulhavam a fundo em sua pesquisa sobre Bizâncio; ótimo ver vocês, bonitos como sempre; já foram à Biblioteca? Ao zoológico? Ao templo de Serápis?

Disseram a Charles:

— Que está achando de nossa Alexandria, rapaz? Sem dúvida, você a conheceu bem em sua época. Está exatamente como a viu?

Viviam fazendo perguntas assim. Pareciam não entender que a Alexandria do Farol e da Biblioteca se perdera havia muito e já era uma lenda no tempo de Charles. Para eles, todos os lugares que haviam recriado eram mais ou menos contemporâneos. A Roma dos Césares, a Alexandria dos Ptolomeus, a Veneza dos doges, a Chang-an dos T'angs, a Asgard dos Aesir, nenhuma delas mais ou menos real que a próxima, cada qual apenas uma faceta do passado distante, do fantástico passado imemorial, uma fruta colhida do abismo escuro e remoto do tempo. Não dispunham de contextos para separar uma época de outra. A seu ver, todo o passado era uma esfera ilimitada e atemporal. Por que, então, não deveria Charles ter admirado o Farol antes, ele que saltara para aquela época vindo da Nova York de 1984? Charles nunca conseguira explicar-lhes isso. Júlio César e Aníbal, Helena de Troia e Carlos Magno, a Roma dos gladiadores e a Nova York dos Yankees e dos Mets, Gilgamés e Tristão, Otelo e Robin Hood, George Washington e a rainha Vitória — para eles, todos igualmente reais e irreais, todos figuras brilhantes movendo-se numa tela pintada. O passado, o passado fugidio e fluido, era para eles um único lugar de infinita acessibilidade e infinita conectividade. Por isso, pensavam que Charles já vira o Farol antes. E Charles não se daria mais o trabalho de explicar nada.

— Não — respondeu simplesmente —, esta é minha primeira vez em Alexandria.

Permaneceram ali durante todo o inverno e, talvez, parte da primavera. Alexandria não era um lugar onde se percebesse com clareza a mudança das

estações nem a passagem do próprio tempo, pois ali as pessoas viviam a vida inteira como turistas.

De dia, sempre havia algo de novo para ver. O jardim zoológico, por exemplo: um magnífico parque milagrosamente verde e exuberante naquele clima quente e seco, onde animais exóticos vagavam em cercados tão amplos que nem cercados pareciam. Havia camelos, rinocerontes, gazelas, avestruzes, leões, asnos selvagens; e, bem à vontade e bem perto dos conhecidos bichos africanos, havia também hipogrifos, unicórnios, basiliscos e dragões com suas escamas multicoloridas, soltando fogo pelas ventas. O zoológico original de Alexandria teria mesmo dragões e unicórnios? Charles duvidava disso. Mas aquele tinha; evidentemente, não era mais difícil para os técnicos manufaturar animais míticos do que camelos e gazelas. De qualquer modo, aos olhos de Gioia e seus amigos, todos esses bichos eram igualmente míticos. O rinoceronte os impressionava tanto quanto o hipogrifo. Nenhum era mais estranho — nem menos — do que outro. Até onde Charles pudera descobrir, os mamíferos e aves de sua era não tinham sobrevivido, com exceção de alguns gatos e cães, embora muitos desses houvessem sido reconstituídos.

E a Biblioteca, então! Todos aqueles tesouros perdidos, resgatados das mandíbulas do tempo! Estupendas colunatas de mármore, salas de leitura altas e arejadas, estantes serpenteando ao infinito. Fechos de marfim de setecentos mil rolos de papiro brilhando nas prateleiras. Estudiosos e bibliotecários rondando em silêncio, esboçando sorrisos eruditos, mas claramente preocupados com assuntos espirituais sérios. Eram todos temporários, percebeu Charles. Simples objetos, parte da ilusão. Mas os rolos seriam também ilusórios? “Aqui, temos os dramas completos de Sófocles”, disse o guia, acenando jovialmente para estante e mais estante apinhada de textos. Apenas sete de suas cento e vinte e três peças sobreviveram aos sucessivos incêndios do edifício, ateados em tempos antigos por romanos, cristãos, árabes; estariam as obras perdidas aqui, como *Triptólemo*, *Nausica*, *Jasão* e o resto? E Charles encontraria também no local, miraculosamente restaurados, outros tesouros desaparecidos da literatura antiga — as

memórias de Odisseu, a história de Roma por Catão, a vida de Péricles por Tucídides, os volumes perdidos de Tito Lívio? Entretanto, quando pediu para vasculhar as estantes, o guia sorriu com ar de desculpa e explicou que, no momento, todos os bibliotecários estavam ocupados. Em outra ocasião, talvez? Talvez, respondeu o guia. Tudo bem, pensou Charles. Mesmo que aquela gente houvesse, de algum modo, resgatado as obras-primas perdidas da Antiguidade, como ele iria lê-las? Não sabia grego.

A vida da cidade fervia e refervia ao seu redor. Era um lugar muito, muito bonito: a vasta baía coalhada de velas, as grandes avenidas traçadas em linha reta de leste a oeste, de norte a sul, a luz do sol batendo quase audivelmente nas paredes brancas de palácios de reis e deuses. Havia feito um ótimo trabalho, reconheceu Charles: um ótimo trabalho, sem dúvida. No mercado, comerciantes de olhos astutos discutiam em altos brados e em dez línguas misteriosas sobre o preço do ébano, do incenso árabe, do jade, das peles de pantera. Gioia comprou um translúcido perfume egípcio de almíscar num minúsculo frasco de vidro. Mágicos, ilusionistas e escribas gritavam estridentemente aos passantes, pedindo alguns momentos de atenção e um punhado de moedas por sua arte. Escravos acorrentados, negros e trigueiros, e alguns aparentemente chineses, eram leiloados: obrigavam-nos a retesar os músculos, a mostrar os dentes, a exhibir o peito e as coxas para a apreciação dos compradores. No ginásio, atletas nus atiravam dardos e discos, quando não lutavam com aterrorizador empenho. Stengard, o amigo de Gioia, correu para ela com um presente nas mãos, um colar de ouro que não teria desagradado a Cleópatra. Uma hora depois ela já o havia perdido ou o dado a alguém, às escondidas de Charles. Comprou outro, mais fino, no dia seguinte. Todos podiam ter o dinheiro que quisessem, bastando pedir: para eles, dinheiro era tão acessível quanto o ar.

Estar aqui, pensou Charles, é como ir ao cinema. Um espetáculo diferente a cada dia: enredo fraco, mas efeitos especiais magníficos, com uma ênfase nos pormenores difícil de ser superada. Um megafilme, um superentretenimento sem fim, estrelado por toda a população da Terra. E também sem esforço, espontâneo: assim como, quando ele ia ao cinema, não pensava nas centenas

de técnicos por trás dos cenários, nos câmeras, nos figurinistas, nos montadores de cenários, nos eletricitas, nos modelistas e nos operadores de som, também aqui preferia não questionar os meios pelos quais Alexandria se mostrava diante de seus olhos. Tudo parecia real. Tudo *era* real. O vinho tinto encorpado que ele bebia deixava-o agradavelmente grogue. Se saltasse do alto do Farol, certamente morreria, embora talvez não permanecesse morto por muito tempo: sem dúvida, eles tinham um meio qualquer de revivê-lo sempre que necessário. A morte não parecia ser um fator decisivo na vida daquelas pessoas.

De dia, Charles e Gioia viam paisagens. De noite, iam a festas no hotel, nas vilas à beira-mar, nos palácios da alta aristocracia. Ali, encontravam as pessoas de sempre: Hawk e Hekna, Aramayne, Stengard e Shelimir, Nissandra, Asoka, Afonso, Protay. Nas festas, havia de cinco a dez temporários para cada cidadão, alguns no papel de criados, outros no de animadores e outros até no de substitutos de convidados, que se misturavam livremente e com ar petulante. Mas todos sabiam quem era cidadão e quem não era. Charles começava a pensar que seu *status* se situava entre os dois extremos. Decerto, tratavam-no com uma gentileza que nenhum temporário lhes mereceria, mas a condescendência de suas maneiras deixava bem claro que ele não era um deles e sim alguém ou alguma coisa de uma ordem diferente de existência. O fato de ser namorado de Gioia dava-lhe certa distinção aos olhos deles, mas não muita: obviamente, ele seria sempre um estranho, um primitivo, um antiquado. Charles notou mesmo que a própria Gioia, embora sem dúvida membro daquele grupo, parecia ser olhada com reserva, como a bisneta de um comerciante numa reunião de Plantagenetas. Ela nem sempre ficava sabendo a tempo das melhores festas a que poderiam comparecer; os amigos nem sempre retribuía seus cumprimentos efusivos com o mesmo grau de cordialidade; e às vezes Charles a via se esforçando para ouvir uma fofoca que não faziam questão de partilhar com ela. Seria porque Gioia o namorava? Ou o contrário: ela o escolhera justamente porque *não* era um membro de pleno direito de sua casta?

Ser um primitivo fornecia-lhe, pelo menos, assunto para discutir nas

reuniões. “Conte-nos sobre guerra”, pediam-lhe, “conte-nos sobre eleições, sobre dinheiro, sobre doença.” Queriam saber tudo, embora, aparentemente, não prestassem muita atenção ao que ele respondia: seus olhos se desviavam a qualquer pretexto. Mas ainda assim perguntavam. Charles lhes falou a respeito de congestionamentos de trânsito, política, desodorantes e comprimidos de vitaminas. Descreveu-lhes cigarros, jornais, metrô, listas telefônicas, cartões de crédito e basquetebol.

“Qual era a sua cidade?”, quiseram saber. Nova York, respondeu-lhes. “E quando foi isso? Século XVII, você disse?” Não, século XX. Trocaram olhares e balançaram a cabeça. “Precisamos refazê-la. O World Trade Center, o Empire State Building, o Citicorp Center, a catedral de São João, o Divino: como isso é fascinante! O Yankee Stadium. A ponte Verrazzano. Reconstruiremos tudo. Mas primeiro será Mohenjo-daro. E depois, possivelmente, Constantinopla. Sua cidade era muito populosa?” Sete milhões, esclareceu ele. Só nos cinco bairros. Riram amigavelmente, impressionados com o número.

Sete milhões, setenta milhões — para eles, era a mesma coisa, sentiu Charles. Apenas requisitariam os temporários na quantidade exigida. Mas fariam um bom trabalho?, perguntou-se. Não tinha condições de julgar Alexandrias e Asgards, é claro. Aqui, podiam ter unicórnios e hipogrifos no zoológico, e também esfinges vivas espreitando das cumeeiras: isso não o perturbava. Aquela Alexandria era tão boa quanto a da história, ou melhor. Mas que maçada, que desilusão se a Nova York conjurada por eles tivesse Greenwich Village na cidade alta e Times Square no Bronx — e se os habitantes, gentis e polidos, falassem com o sotaque meloso de Savannah ou Nova Orleans! Bem, mas isso não era coisa com que se preocupar no momento. Talvez as pessoas apenas quisessem ser cortesias ao falar na reconstrução de Nova York. Tinham muito o que escolher no vasto passado: Nínive, a Mênfis dos faraós, a Londres de Vitória, Shakespeare ou Ricardo III, a Florença dos Médicis, a Paris de Abelardo e Heloísa ou Luís XIV, a Tenochtitlán de Montezuma e a Cuzco de Atahualpa; Damasco, São Petersburgo, Babilônia, Troia. E depois cidades como Nova Chicago, ainda

não nascida para ele, mas já no passado para eles. Face a tamanha abundância, a tantas escolhas, mesmo a poderosa Nova York teria de aguardar com paciência sua vez. Estaria Charles ainda ali quando isso acontecesse? Talvez então, fartos dele, já o tivessem devolvido à sua própria época. Ou talvez, pura e simplesmente, Charles houvesse envelhecido e morrido. Mesmo aqui poderia, quem sabe, morrer, embora aparentemente ninguém morresse. Isso ele ignorava por completo. Na verdade, pensou, ignorava tudo.

O vento norte soprou o dia inteiro. Grandes bandos de íbis sobrevoaram a cidade, fugindo do calor do deserto, e riscaram o céu com seus pescoços pretos e patas finas estendidas. As aves sagradas desciam aos milhares, apinhando-se nas esquinas à cata de aranhas, besouros, ratos e restos dos açougues e padarias. Eram bonitas, mas incomodamente numerosas, e emporcalhavam com seus dejetos os edifícios de mármore; toda manhã, esquadrões de temporários lavavam-nos cuidadosamente. Gioia agora não conversava muito com ele. Parecia retraída, fria, deprimida; e havia algo de quase intangível em sua aparência, como se estivesse aos poucos se tornando transparente. Charles achou que seria invadir sua privacidade perguntar-lhe o que estava acontecendo. Talvez fosse apenas inquietação. Ela se tornara religiosa e levava oferendas caras aos templos de Serápis, Ísis, Posêidon, Pã. Foi à necrópole do lado oeste da cidade a fim de depositar coroas sobre os sarcófagos das catacumbas. Em um único dia subiu o Farol três vezes, sem mostras de cansaço. Certa tarde, quando ele voltava de uma visita à Biblioteca, encontrou-a nua no pátio, toda untada com um óleo verde aromático. De repente, ela disse:

— Acho que já é hora de sairmos de Alexandria, não acha?

Gioia queria ir a Mohenjo-daro, mas Mohenjo-daro ainda não estava aberta aos visitantes. Assim, viajaram para leste, para Chang-an, que não viam fazia

anos. A sugestão havia sido de Charles: ele supunha que o aparatoso cosmopolitismo da velha capital T'ang melhoraria o humor de Gioia.

Dessa vez, seriam convidados do imperador: um privilégio raro, que geralmente tinha de ser solicitado com muita antecedência. Charles, porém, confidenciara a alguns amigos importantes de Gioia que ela estava infeliz e eles logo providenciaram tudo. Três funcionários de trajes amarelos floridos e cintos vermelhos, com infindáveis medidas, receberam-nos no Portão da Virtude Resplandecente, na muralha sul da cidade, e conduziram-nos a seu pavilhão, perto do palácio imperial e do Jardim Proibido. Era um recinto luminoso e arejado, com finas paredes de tijolos recobertas de gesso e sustentadas por colunas de uma madeira escura, aromática. Fontes murmuravam no teto de telhas verdes e amarelas, produzindo uma chuvinha constante e fresca de água circulante. As balaustradas eram de mármore cinzelado; os trincos das portas, de ouro.

Para ele, fora reservada uma série de aposentos privados; para ela, outra, embora fossem ambos dividir o quarto adamascado no centro do pavilhão. Tão logo chegaram, Gioia avisou que iria logo para seus aposentos a fim de tomar banho e vestir-se.

— Haverá uma recepção formal para nós no palácio esta noite — disse ela. — Dizem que as recepções imperiais são esplêndidas, algo que você nem pode imaginar. Quero estar maravilhosa.

O imperador e seus ministros, informou Gioia, iriam recebê-los na Sala da Suprema Soberania com um banquete para mil pessoas; dançarinos persas se exibiriam e também os famosos malabaristas de Chung-nan. Depois, todos seriam conduzidos às fantásticas paisagens do Jardim Proibido a fim de assistir às corridas de dragões e fogos de artifício.

Charles foi para seus aposentos. Duas criadinhas muito delicadas despiram-no e banharam-no com esponjas perfumadas. O pavilhão tinha onze temporários a seu serviço: chineses melífluos, reservados, feitos com a mais perfeita semelhança: cabelos pretos lisos, pele brilhante, olhos puxados. Charles sempre se perguntava o que acontecia aos temporários quando uma cidade chegava ao fim. Os robustos heróis nórdicos de Asgard eram

imediatamente reciclados como rijos dravidianos morenos para Mohenjodaro? Desaparecida Timbuktu, seus brilhantes guerreiros em roupas vistosas se convertiam em versáteis bizantinos para povoar as arcadas de Constantinopla? Ou os temporários eram simplesmente jogados fora como produtos descartáveis, quando não armazenados em algum esconderijo para eventualmente completar as quantidades necessárias ao novo modelo? Charles não sabia; e quando, certa feita, perguntou a Gioia sobre isso, ela se mostrou vaga e pouco à vontade. Gioia não gostava de dar informações, talvez porque não as tivesse. Aquela gente, ao que parecia, não questionava os fatos de seu próprio mundo; a curiosidade dele era típica do século XX, diziam-lhe com frequência, naquele tom paternalista que os caracterizava. Enquanto as duas pequenas servas o esfregavam com as esponjas, pensou em perguntar-lhes onde haviam trabalhado antes de Chang-an: Rio? Roma? A Bagdá de Harum al-Rachid? Mas aquelas frágeis garotas, ele o sabia, apenas sorriam e se afastariam caso ele insistisse nas perguntas. Interrogar temporários era não apenas impróprio como inútil: seria o mesmo que interrogar a bagagem de alguém.

Depois de banhado e vestido com um rico traje de seda vermelha, Charles vagueou pelo pavilhão durante algum tempo, admirando os tilintantes pingentes de jade verde pendurados no pórtico, os faiscantes pilares castanho-avermelhados, as vigas multicoloridas e intrincadamente entrelaçadas que suportavam o teto. Em seguida, cansado da solidão, aproximou-se da cortina de bambu que vedava a entrada dos aposentos de Gioia. Um porteiro e uma criada estavam de pé do outro lado. Fizeram um sinal de que ele não poderia entrar; mas Charles fechou a cara e eles se derreteram como flocos de neve. Uma trilha de incenso conduziu-o pelo pavilhão até o quarto de vestir de Gioia. Charles deteve-se na soleira.

Gioia, nua e de costas para ele, estava sentada diante de uma penteadeira feita de uma rara madeira colorida, com incrustações de porcelana verde e alaranjada. Observava-se atentamente no espelho de bronze polido, seguro por uma das criadas, e apartava os cabelos com as unhas, como uma mulher em busca de algum fio branco.

Mas aquilo era estranho. Cabelos brancos em Gioia? Em uma cidadã? Um temporário talvez pudesse exibir a aparência de envelhecimento; seguramente não, porém, uma cidadã. Os cidadãos permaneciam jovens para sempre. Gioia parecia uma garota. Seu rosto era liso e sem marcas, sua carne firme, seu cabelo negro: isso se aplicava a todos eles, a todos os cidadãos que ele vira. Entretanto, não havia engano quanto ao que Gioia estava fazendo. Encontrou um fio, estremeceu, esticou-o, balançou a cabeça e arrancou-o. Outro. Mais outro. Pressionou a ponta do dedo na bochecha, como para testar sua firmeza. Repuxou a pele sob os olhos para baixo. Gestos costumeiros de vaidade; mas um tanto estranhos aqui, pensou Charles, neste mundo de eterna juventude. Gioia preocupada com o envelhecimento? Teria ele deixado de notar nela os sinais da idade? Ou Gioia se esforçava, às escondidas, para disfarçá-los? Talvez fosse isso. Mas, então, Charles estava errado na ideia que fazia dos cidadãos. Envelheceriam eles tal como envelheciam as pessoas de eras menos abençoadas e apenas dispunham de meios mais eficazes para ocultar esse fenômeno? Que idade teria ela, em tal caso? Trinta? Sessenta? Trezentos?

Gioia então pareceu satisfeita e dispensou o espelho. Levantou-se e pediu suas roupas de noite. Charles, ainda despercebido na soleira, observou-a com admiração: as nádegas pequenas e arredondadas, quase semelhantes às de um menino, a linha elegante da espinha, a largura surpreendente dos ombros. Não, concluiu, ela não está envelhecendo. Seu corpo ainda é o de uma garota. Com efeito, parecia-lhe tão jovem quanto no dia em que se conheceram e esse dia já ia longe. Quando fora isso? Charles não saberia dizer: era difícil contar o tempo ali; mas tinha certeza de que alguns anos haviam se passado desde o primeiro encontro. Aqueles cabelos brancos, aquelas rugas e marcas que ela acabara de procurar com tão desesperada ansiedade... tudo imaginação, meros caprichos de mulher vaidosa. Portanto, mesmo naquele futuro remoto a vaidade não havia sido extinta. Charles se perguntou por que ela estava tão receosa do envelhecimento. Pura afetação? Aquela gente fora do tempo sentiria algum prazer perverso em brincar com a possibilidade de

ficar velha? Ou tudo não passaria de um medo pessoal de Gioia, outro sintoma da misteriosa depressão que a afetara em Alexandria?

Não querendo que ela descobrisse ter sido espiada, quando sua intenção fora apenas visitá-la, Charles se afastou em silêncio para ir se vestir. Ela o procurou uma hora depois, magnificamente trajada, envolta do queixo aos tornozelos em brocados de cores brilhantes, entretecidos de fios de ouro, o rosto maquiado e os cabelos, puxados para cima, presos por pentes de marfim: uma autêntica dama da corte. As criadas também o tinham deixado esplêndido: uma lustrosa sobrepeliz bordada com figuras de dragões dourados sobre uma ampla túnica de seda branca que lhe chegava aos pés, um colar com pingente de coral vermelho, um chapéu de feltro cinza de cinco bicos que subia de andar em andar como um zigurate. Gioia, rindo, tocou-lhe a face com as pontas dos dedos:

— Você está maravilhoso! — exclamou. — Como um grande mandarim!

— E você, como uma princesa — retribuiu Charles. — De alguma terra distante: Pérsia, Índia. Que veio fazer uma visita cerimonial ao Filho do Céu.

Um transbordamento de amor inundou seu espírito; pegando-a de leve pelos pulsos, puxou-a para si com cuidado, a fim de não amassar as roupas sofisticadas que a cobriam. Mas, inclinando-se para a frente e para baixo, na intenção de roçar com delicadeza e afeto a ponta de seu nariz, percebeu algo de estranho e inesperado, uma anomalia: a maquiagem branca parecia realçar em vez de disfarçar os contornos de seu rosto, evidenciando e revelando detalhes que ele nunca havia notado antes. Viu linhas finas se irradiando do canto dos olhos, o inconfundível início de uma depressão na face, logo à direita da boca, e rugas ainda quase indistintas na fronte antes lisa. Sentiu um frio na nuca. Não se tratava, pois, de afetação que a tivesse levado a se estudar tão meticulosamente ao espelho. A idade começava mesmo a cobrar-lhe seu preço, a despeito de tudo o que ele supusera a respeito daquela gente fora do tempo. Porém, um instante depois, já não tinha tanta certeza. Gioia, virando-se, deu meio passo atrás — devia ter ficado perturbada com seu olhar — e os sinais que ele julgara perceber desapareceram. Procurou-os e só viu

maciez juvenil outra vez. Efeito da luz? Produto de uma imaginação muito fértil? Charles estava desconcertado.

— Venha — chamou ela. — Não vamos deixar o imperador esperando.

Cinco guerreiros de grandes bigodes com couraças brancas acolchoadas e sete músicos tocando címbalos e gaitas acompanharam-nos até o Salão da Suprema Soberania. Ali encontraram a corte toda reunida: príncipes e ministros, altos funcionários, monges de mantos amarelos, um enxame de concubinas imperiais. Em um lugar de honra, à direita dos tronos que se erguiam, como patíbulos enfeitados, acima de tudo o mais, via-se um pequeno grupo de homens de rosto severo, os embaixadores de Roma e Bizâncio, Arábia e Síria, Coreia e Japão, Tibete e Turquestão. O incenso se exalava de braseiros esmaltados. Um poeta cantava uma melodia suave, acompanhando-se com uma pequena harpa. Então, o imperador e a imperatriz entraram: dois velhinhos magricelas, semelhantes a estatuetas de cera, movendo-se com infinita lentidão em passinhos não maiores que os de uma criança. Trombetas soaram enquanto eles galgavam os tronos. Quando o minúsculo imperador se acomodou — lá em cima, parecia um boneco gasto, mirrado, encolhido, mas ainda assim uma figura de extraordinário poder —, estendeu ambas as mãos e gongos enormes começaram a soar. Era uma cena de impressionante esplendor, grandiosa e soberba.

Esses aí são todos temporários, percebeu Charles subitamente. Notou apenas um punhado de cidadãos — oito, dez, no máximo doze — espalhados aqui e ali pelo vasto recinto. Eram reconhecíveis pelos olhos escuros, úmidos, espertos. Observavam não só o espetáculo imperial, mas também Gioia e Charles; e Gioia, sorrindo discretamente, acenando quase imperceptivelmente para eles, agradecia sua presença e seu interesse. Mas aqueles poucos eram, ali, os únicos seres vivos realmente autônomos; o resto — toda a corte esplêndida, os grandes mandarins e paladinos, os funcionários, as concubinas sorridentes, os empertigados e resplandecentes embaixadores, até o imperador e a imperatriz idosos nada mais eram que parte do cenário. Teria o mundo visto, antes, um entretenimento tão pomposo e em tamanha escala?

Todo aquele luxo, toda aquela criadagem convocada todas as noites para diversão de uma dúzia, se tanto, de espectadores?

No banquete, os cidadãos se sentaram juntos numa mesa à parte, uma grande laje de ônix redonda coberta de seda verde translúcida. Havia dezessete ao todo, incluindo Gioia, que parecia conhecer cada um deles, embora nenhum, no entender de Charles, fosse membro do círculo já seu conhecido. Ela não apresentou ninguém. E a conversa não foi possível durante a refeição, devido ao constante rumor que enchia a sala. Três orquestras tocavam ao mesmo tempo; grupos de músicos itinerantes também compareceram e ainda um fluxo infindável de monges que, com seus serviçais, iam de mesa em mesa salmodiando sutras e balançando incensórios ao toque surdo de tambores e gongos. O imperador não desceu do trono para se juntar aos comensais; parecia adormecido, embora às vezes agitasse a mão ao ritmo da música. Gigantescos escravos morenos e seminus, de maxilares fortes e bocas largas, traziam as iguarias: línguas de pavão e peitos de fênix abafados em montículos de arroz cor de açafrão, servidos em frágeis pratos de alabastro. Como pauzinhos, os convidados receberam finas varetas de jade escuro. O vinho, servido em cintilantes copos de cristal, era encorpado e doce, com um travo de uvas-passas, e nenhum copo podia permanecer vazio por muito tempo.

Charles ia se sentindo cada vez mais atordoado: quando os dançarinos persas surgiram, não conseguiria dizer se eram cinco ou cinquenta e, enquanto eles executavam seu número rodopiante, pareceu-lhe que suas formas esguias e veladas se tornavam indistintas e se misturavam uma com a outra. Tamanha habilidade o assustou e quis olhar para o lado, mas não podia. Os malabaristas de Chung-nan, que vieram em seguida, eram igualmente hábeis e igualmente assustadores, atirando para o ar foices, tochas flamejantes, animais vivos, vasos raros de porcelana, machados de jade róseo, sinos de prata, taças douradas, rodas de carro, vasos de bronze — sem jamais deixar cair um único objeto. Os cidadãos aplaudiam polidamente, mas não pareciam impressionados. Depois dos malabaristas, os dançarinos voltaram para se exhibir, dessa vez, em pernas de pau; os criados trouxeram

travessas de carne fumegante, que tinha a cor pálida da lavanda, de gosto e textura estranhos: filé de camelo, talvez, ou lombo de hipopótamo, quando não bifes de dragão jovem. Mais vinho. Charles, timidamente, tentou recusá-lo, mas os criados eram implacáveis. Esse era mais seco, de um verde alourado, robusto e picante. Com ele veio uma travessa de prata extremamente fria, cheia de raspas de gelo aromatizado por algum tipo de conhaque bastante forte. Os malabaristas executavam mais um número, foi só o que Charles pôde observar. Pensou que iria cair doente. Olhou indefeso para Gioia, que parecia sóbria, mas muitíssimo animada, quase enlouquecida, os olhos chamejando como rubis. Ela tocou afetuosamente seu queixo.

Uma brisa fria correu pela sala: haviam deslocado uma parede inteira para mostrar o jardim, a noite, as estrelas. Lá fora, via-se uma roda colossal de papel lustroso armada sobre estacas. Deviam tê-la feito em menos de uma hora: tinha uns cinquenta metros de altura ou mais e nela estavam presos milhares de lanternas que brilhavam como pirilampos gigantes. Os convidados começaram a deixar a sala. Charles foi conduzido ao jardim, onde, sob uma lua amarelada, esquisitas árvores de galhos encurvados e presos por grossos ganchos pretos assomavam ameaçadoramente. Gioia deu-lhe o braço. Desceram até um lago cheio de um líquido avermelhado e borbulhante, às margens do qual aves semelhantes a flamingos, mas de uns quatro metros de altura, bicavam enguias azuladas e de olhos ferozes. Estacaram, pasmados, diante de um Buda gorducho coberto de azulejos brilhantes e com vinte metros de altura. Um cavalo de crina dourada corcoveava por perto, espalhando faíscas vermelhas quando seus cascos tocavam o chão. Num bosque de limoeiros, que pareciam ter o poder de agitar seus ramos, Charles encontrou o imperador, de pé e se balançando para a frente e para trás. O velhinho pegou Charles pela mão e pressionou alguma coisa contra sua palma; ele cerrou os dedos em volta do objeto e, quando os descerrou instantes depois, viu ali um monte de pérolas cinzentas e irregulares. Gioia pegou-as e jogou-as para cima: as pérolas explodiram como fogos de artifício, espalhando no ar lampejos de luz colorida. Pouco depois, Charles notou que já não vestia a sobrepeliz nem a túnica. Gioia, também

nua, puxou-o com delicadeza para o tapete de relva azulada e úmida, onde fizeram amor até o amanhecer, furiosamente a princípio, em seguida lentamente, languidamente, sonhadoramente. Ao nascer do sol, ele a fitou com ternura e percebeu que algo estava errado.

— Gioia? — chamou, confuso.

Ela sorriu.

— Ah, não. Gioia ficou com Fenimon esta noite. Sou Belilala.

— Com... Fenimon?

— São velhos amigos. Ela não o via há anos.

— Hum... entendo. E você é...?

— Belilala — repetiu ela, tocando-lhe o queixo com as pontas dos dedos.

Isso não era incomum, garantiu Belilala. Acontecia o tempo todo; incomum era o fato de não ter acontecido antes a ele. Casais se formavam, viajavam juntos por algum tempo, separavam-se e às vezes se aproximavam de novo. Gioia não o deixara para sempre. Apenas, no momento, preferia ficar com Fenimon. Poderia voltar. Mas enquanto isso ele não permaneceria sozinho.

— Você e eu nos encontramos em Nova Chicago — contou-lhe Belilala. — E nos vimos outra vez em Timbuktu. Não se lembra? Oh, vejo que não! — Riu graciosamente; não estava nem um pouco ofendida.

Lembrava muito Gioia e bem poderia ser sua irmã. Mas, na verdade, todos os cidadãos se pareciam mais ou menos aos olhos de Charles. E, afora a semelhança física, como ele logo reparou, Belilala e Gioia não eram tão parecidas assim. Em Belilala, havia uma calma, uma provisão de serenidade que Gioia, animada, volátil e sempre impaciente, não tinha. Percorrendo as ruas agitadas de Chang-an em companhia de Belilala, ele não sentiu nela a necessidade contínua, febril e irrequieta de conhecer o que estava mais à frente e mais além. Quando passeavam pelo palácio Hsing-ch'ing, Belilala não começou após cinco minutos — como Gioia seguramente faria — a procurar o caminho para a Fonte de Hsuan-tsung ou o Pagode dos Gansos Selvagens. A curiosidade não consumia Belilala como consumia Gioia.

Claramente, ela acreditava que sempre haveria tempo suficiente para ver o que julgava digno de ser visto. Certos dias, Belilala preferia até não sair: achava melhor ficar em seu pavilhão jogando um jogo solitário com fichas de porcelana ou admirando as flores do jardim.

Charles descobriu, para seu próprio espanto, que descansar um pouco dos apetites insaciáveis de Gioia estava sendo uma experiência agradável; mas mesmo assim desejava que ela voltasse. Belilala — bonita, educada, tranquila, paciente — era perfeita demais para ele. Parecia irreal de tão impecável, como aqueles vasos esmaltados da era Sung tão destituídos de defeitos que mal se acredita terem sido confeccionados por mãos humanas. Havia algo de desumano nela: acabamento primoroso por fora, vácuo por dentro. Belilala bem que poderia ser uma temporária, pensou Charles, embora ele soubesse que não era. Charles explorava os pavilhões e palácios de Chang-an em companhia de Belilala, conversava agradavelmente com ela ao jantar, gostava sem dúvida de possuí-la; mas não conseguia amá-la ou sequer cogitar essa possibilidade. Difícil imaginá-la preocupada, estudando-se ao espelho em busca de rugas e cabelos brancos. Belilala jamais seria mais velha do que era no momento; nem poderia ter sido mais jovem. A perfeição não se move ao longo do eixo do tempo. Entretanto, a perfeição da bela superfície de Belilala tornava seu ser interior impenetrável a Charles. Gioia era mais vulnerável, mais obviamente imperfeita — impaciência, alterações de humor, vaidade, medos — e, portanto, mais inteligível para a sensibilidade do século XX, altamente defeituosa, de Charles.

Ele às vezes via Gioia quando andava pela cidade — ou pensava ver. Teve um vislumbre dela na tenda dos milagres do bazar persa, diante do templo de Zoroastro e no lago de peixes dourados do Parque Sinuoso. Mas nunca sabia se era ela mesma e nunca conseguiu chegar perto o suficiente para ter certeza: Gioia parecia se desvanecer quando ele se aproximava, como uma Lorelei atraindo-o e furtando-se. Por fim, Charles compreendeu que não a encontraria até Gioia estar pronta para ser encontrada.

Perdeu a noção do tempo. Semanas, meses, anos? Não fazia ideia. Naquela cidade de luxo exótico, mistério e magia, tudo estava em perpétuo fluxo e

transição; os dias eram intermitentes e instáveis. Edifícios e até ruas inteiras desapareciam e reapareciam pouco depois em lugares diferentes. Enormes pagodes novos brotavam como cogumelos durante a noite. Cidadãos vinham de Asgard, Alexandria, Timbuktu, Nova Chicago, permaneciam por algum tempo, iam embora, voltavam. Havia rodadas incessantes de recepções palacianas, ceias, representações teatrais — cada qual semelhante à anterior. Os festivais em honra de antigos imperadores e imperatrizes poderiam dar um aspecto característico ao ano, mas ocorriam aleatoriamente. Por exemplo, a cerimônia que lembrava a morte de T'ai Tsung era montada duas vezes no mesmo ano, conforme pareceu a Charles, no inverno e de novo em pleno verão, enquanto a que comemorava a subida ao trono da imperatriz Wu acontecia duas vezes na mesma estação. Talvez ele houvesse se equivocado. Mas sabia que era inútil perguntar a quem quer que fosse.

Um dia, Belilala disse de repente:

— Que tal irmos a Mohenjo-daro?

— Não sabia que ela já estava pronta para receber visitantes — respondeu ele.

— Oh, sim. Já faz algum tempo.

Charles hesitou. A proposta o apanhara desprevenido. Disse cautelosamente:

— Gioia e eu combinamos ir lá juntos, você sabe.

Belilala sorriu amavelmente, como se o assunto em discussão tivesse a mesma importância que a escolha de um restaurante para o jantar.

— Verdade?

— Sim, combinamos quando ainda estávamos em Alexandria. Se eu for com você... que direi a ela? — Sentiu que ia ficando terrivelmente embaraçado. — Você sabe que eu gostaria de ir. Com você. Mas não consigo deixar de pensar que só deveria fazer isso depois de reencontrar Gioia. Se é que a reencontrarei. — Que palavras tolas, pensou. Palavras desajeitadas, coisa de adolescente. Percebeu que não conseguia encará-la. Prosseguiu,

hesitante, com um certo desespero na voz: — Prometi a ela... fizemos um acordo, sabe como é... um compromisso firme de que partiríamos juntos para Mohenjo-daro.

— Ora, mas Gioia já está lá! — disse Belilala, no tom mais descontraído do mundo.

Charles engoliu em seco, como se tivesse recebido um soco no estômago.

— *Como?*

— Foi uma das primeiras a partir, depois da abertura. Há meses. Você não sabia? — perguntou. Parecia surpresa, mas não muito. — Não sabia mesmo?

Isso o deixou perplexo. Sentiu-se desconcertado, traído, furioso, com as faces ardendo e a boca escancarada. Sacudiu a cabeça várias vezes, tentando livrar-se da confusão. Só depois de algum tempo conseguiu falar:

— Ela já está lá? Sem esperar por mim? Depois de termos combinado ir juntos... depois de termos feito um acordo...

Belilala riu.

— Mas como ela resistiria ao desejo de conhecer uma cidade nova? Você sabe como Gioia é impaciente!

— Sim, sim.

Perplexidade. Charles mal podia pensar.

— Apressadinha como todos os de curto prazo — disse Belilala. — Corre para cá, corre para lá. Quer tudo agora, agora mesmo, imediatamente, instantaneamente. Não pense que Gioia vá esperar por você durante muito tempo, seja para o que for; a fissura toma conta dela e ela sai em disparada. Sem dúvida, você já sabia que Gioia era assim.

— Curto prazo? — estranhou Charles. Nunca tinha ouvido esse termo antes.

— Sim. Você sabe. Ou deveria saber. — Belilala esboçou seu mais tocante sorriso. Não deu sinal de que compreendesse o sofrimento dele. Com um rápido aceno de mão, continuou: — E então? Vamos para Mohenjo-daro? Você e eu?

— É claro — murmurou Charles, em tom lúgubre.

— Quando gostaria de partir?

— Hoje à noite — respondeu ele. E, depois de uma pausa: — O que vem a ser curto prazo, Belilala?

A jovem enrubesceu.

— Não é óbvio? — perguntou.

Teria havido um lugar mais assustador na face da terra do que Mohenjo-daro? Charles achava difícil imaginar tal coisa. E também não podia entender por que, entre todas as cidades que existiram, aquele povo havia escolhido justamente Mohenjo-daro para restaurar. Mais que nunca as pessoas ali lhe pareciam estranhas, indecifráveis, incompreensíveis.

Do alto do terraço da cidadela provida de inúmeras torres, contemplou a claustrofóbica Mohenjo-daro e estremeceu. A cidade sombria e despojada lembrava-lhe uma colônia prisional pré-histórica. Como uma tartaruga desengonçada, plana e compacta, ela se espalhava pela cinzenta e monótona planície do rio Indo: quilômetros e quilômetros de paredes de tijolos enegrecidos cercando quilômetros e quilômetros de ruas aterrorantemente ordenadas em um monstruoso padrão de rigidez insana. As próprias casas eram horrendas e assustadoras, blocos de tijolos apinhados em volta de pátios sufocantes. Nada de janelas, apenas portas minúsculas que não abriam para as avenidas principais, mas para becos tenebrosos que serpenteavam entre os edifícios. Quem havia desenhado uma metrópole tão pavorosa? Que almas malévolas e empedernidas não devia ter aquela gente amedrontadora e amedrontada para criar, nas belas e férteis planuras da Índia, essa enormidade semelhante a um Soviete Supremo?

— Como é bonita! — exclamou Belilala. — Como é fascinante!

Charles fitou-a, sem entender.

— Fascinante? Acho que sim. Do mesmo modo que é fascinante o sorriso de uma naja.

— Naja? Que é isso?

— Uma serpente venenosa e predadora — explicou Charles. — Provavelmente extinta. Ou melhor, extinta no passado. Não me surpreenderia

que seu povo houvesse recriado e soltado algumas em Mohenjo-daro para dar mais vida ao ambiente.

— Você parece irritado, Charles.

— Eu? Não, não me sinto assim.

— E como se sente então?

— Sei lá — disse ele após uma longa pausa. Deu de ombros. — Acho que perdido. Muito longe de casa.

— Pobre Charles!

— Nunca me senti tão sozinho em minha vida como aqui, nesta cidade que mais parece um acampamento, ouvindo você gabar sua beleza.

— Está com muita saudade de Gioia, não?

Charles lançou-lhe outro olhar de perplexidade.

— Gioia não tem nada a ver com a história. Provavelmente entrou em êxtase diante das maravilhas de Mohenjo-daro tal como você. Tal como todos vocês. Creio que sou o único a não ver aqui nada de bonito, nada de encantador. Olho para fora e só distingo feiura, perguntando-me por que ninguém mais percebe isso, por que alguém recriaria um lugar assim para *diversão*, para *prazer*...

Os olhos de Belilala brilhavam.

— Oh, sim, você está irritado. Realmente!

— Isso também a encanta? — resmungou ele. — Uma mostra de genuína emoção primitiva? Um típico roubo do século XX? — Caminhou pela muralha a passos curtos, rápidos e angustiados. — Ora, ora, acho que estou entendendo, Belilala! É claro: faço parte de seu circo, sirvo de atração secundária enquanto se espera o próximo número. — Seus olhos estavam arregalados. A súbita violência e a grosseria em sua voz pareciam alarmá-la e excitá-la ao mesmo tempo. Isso o encolerizou ainda mais. Prosseguiu, no mesmo tom: — Refazer cidades inteiras foi divertido durante algum tempo, mas faltava aí um pouco de autenticidade, não? Por algum motivo, vocês não conseguiam trazer também os habitantes; não poderiam, pura e simplesmente, arrancar milhões de pré-históricos do Egito, da Grécia ou da Índia e transportá-los para o presente: daria muito trabalho mantê-los sob controle ou

então vocês não saberiam o que fazer com tantas pessoas depois de se cansar delas. Assim, resolveram criar temporários para povoar suas velhas cidades. Mas agora têm a mim. Sou mais real que um temporário e isso é uma tremenda novidade para vocês, pois novidade é o que sua gente cobiça mais que qualquer outra coisa: talvez mesmo a *única* coisa que cobiça. E aqui estou eu, complicado, imprevisível, nervoso, capaz de sentir raiva, medo, tristeza, amor e todos os outros impulsos que já haviam sido extintos. Para que se contentar com arquiteturas exóticas quando é possível observar também emoções pitorescas? Como devo ser divertido para vocês! E, se acharem que sou realmente interessante, talvez me devolvam ao lugar de onde vim e procurem outros tipos antigos: um gladiador romano, um papa renascentista e mesmo um ou dois neandertalenses...

— Charles! — interrompeu ela docemente. — Charles, Charles! Como deve estar solitário, perdido, perturbado! Será que vai me perdoar? Será que vai nos perdoar a todos?

De novo, ela o deixou perplexo. Parecia absolutamente sincera, totalmente compreensiva. Mas seria verdade? Charles não tinha certeza de que alguma vez se houvesse preocupado com aquelas pessoas, nem mesmo com Gioia. E agora não conseguia se convencer a acreditar em Belilala. Tinha medo dela, tinha medo dos outros — de sua aparente fragilidade, de sua astúcia, de sua elegância. Queria se aproximar de Belilala e ser abraçado por ela; mas se sentia demasiadamente pré-histórico para pedir-lhe essa mostra de carinho.

Virou-se e começou a caminhar ao longo da parede maciça da cidadela.

— Charles?

— Deixe-me sozinho por algum tempo — implorou ele.

Afastou-se. O organismo inteiro adoecendo, pensou; glândulas secretas despejando litros e litros de substância inflamatória na corrente sanguínea. O calor, a confusão mental, o aspecto repelente daquela cidade...

Procure entender, estimulou-se. Relaxe. Pense em você apenas. Tente aproveitar bem suas férias em Mohenjo-daro.

Debruçou-se, cansado, na borda da muralha. Nunca tinha visto uma igual; devia ter uns doze metros de espessura na base, talvez mais, e todos os tijolos

eram perfeitamente moldados, meticulosamente assentados. Ao longe, pântanos se estendiam até quase o limite da cidade, embora, nas imediações da muralha, houvessem sido drenados e canalizados para a agricultura. Avistou camponeses magros e de tez escura, ocupados com seu trigo, sua cevada e suas ervilhas. Bois e búfalos pastavam a distância. O ar era pesado, frio, úmido. Tudo parecia na mais perfeita tranquilidade. De algum ponto próximo veio o som melancólico de um instrumento de cordas e um cântico enfadonho, insistente.

Uma sensação de calma foi invadindo-o aos poucos. A raiva cedeu. Voltaria logo a seu estado normal. Olhou para Mohenjo-daro, para aquelas ruas rigidamente interconectadas, o labirinto de becos internos, os milhões de paredes feitas com tijolos de acabamento perfeito.

Um verdadeiro milagre, disse para si mesmo, esta cidade estar aqui e agora. E um verdadeiro milagre eu também estar aqui para contemplá-la.

Vencido um instante pela magia oculta na sombra, julgou que começava a entender a admiração e o deleite de Belilala, e desejou não lhe ter falado com tamanha rispidez. A cidade estava viva. Pouco importava que fosse a verdadeira Mohenjo-daro de milhares de anos atrás, fígada do passado por um estranho anzol, ou simplesmente uma hábil reprodução. Real ou irreal, era Mohenjo-daro. Morrera e agora, por um momento, revivera. Aquelas pessoas, aqueles *cidadãos* podiam ser fúteis, mas reconstruir Mohenjo-daro não era obra irrelevante. O fato de a cidade reconstruída ser opressiva e sinistra não tinha grande importância. Não se obrigava ninguém a viver ali. Sua época viera e se fora havia muito tempo; aqueles camponeses, operários e mercadores baixinhos, de pele escura, não passavam de temporários, coisas sem vida, conjuradas como zumbis para reforçar a ilusão. Não careciam de sua piedade. E ele também não precisava apiedar-se de si mesmo. Devia ser grato pela oportunidade de admirar tudo aquilo. Algum dia, quando esse sonho terminasse e seus anfitriões o devolvessem ao mundo dos metrô, computadores, impostos de renda e redes de televisão, pensaria em Mohenjo-daro como a vira uma vez, grossas paredes de tijolos negros firmemente

assentados sob um céu tenebroso — e só a singularidade do lugar lhe voltaria à memória.

Olhando para trás, procurou Belilala e, por um instante, não a viu. Depois avistou-a descendo com cuidado uma estreita escadaria apoiada à face interna da parede da cidadela.

— Belilala! — chamou.

Ela se deteve e se virou para ele, protegendo os olhos do sol com a mão.

— Você está bem?

— Aonde vai?

— Aos banhos — respondeu ela. — Quer ir?

Ele fez que sim com um gesto de cabeça.

— Sim, pode me esperar? Chego num instante. — E pôs-se a correr a seu encontro ao longo das ameias.

Os banhos eram anexos à cidadela: um enorme tanque ao ar livre do tamanho de uma piscina grande, ladeado por tijolos rejuntados com reboco e impermeabilizados com asfalto. Havia mais oito tanques menores, ao norte, sob uma espécie de arcada coberta. Charles concluiu que, nos velhos tempos, o complexo todo tinha uma finalidade ritual, o tanque grande sendo usado pela gente comum e as pequenas câmaras reservadas para as abluções de sacerdotes e nobres. Agora os banhos eram mantidos, aparentemente, só para o prazer dos cidadãos visitantes. Ao chegar à passagem que conduzia ao tanque principal, Charles viu quinze ou vinte deles brincando na água ou boiando languidamente à superfície, enquanto os temporários morenos, típicos de Mohenjo-daro, lhes serviam bebidas e nacos bem temperados de carne, como se aquele fosse um *resort* de luxo. E era, reconheceu ele, era realmente. Os temporários vestiam tangas de algodão brancas; os cidadãos estavam nus. Outrora, Charles observara esse tipo de nudez pública descontraída algumas vezes, na Califórnia e no sul da França, e ficara um tanto constrangido. Mas, aqui, já estava se acostumando.

Os vestiários eram cubículos de tijolos ligados por lances de degraus muito estreitos ao pátio que cercava o tanque central. Entraram em um e prontamente Belilala se livrou da ampla túnica de algodão que vestia desde sua chegada, naquela manhã. De braços cruzados, encostou-se à parede e esperou-o. Depois de um instante de hesitação, ele também se despiu e ambos saíram. Charles sentiu-se um pouco idiota andando sem roupa à vista de todos.

A caminho da área comum de banhos, passaram pelas câmaras particulares. Nenhuma parecia ocupada. Eram elegantemente construídas, com pisos de tijolos bem ajustados e canaletas habilmente distribuídas para conduzir o excesso de água ao dreno que ia ter ao esgoto principal. Charles estava bastante impressionado com a perícia dos engenheiros pré-históricos. Espiou para dentro das câmaras a fim de descobrir como os canos e dutos de ventilação haviam sido dispostos e, ao chegar à última, surpreendeu-se ao notar que estava sendo usada. Um sujeito musculoso e jovial, de peito amplo, cabelos ruivos caindo exuberantemente sobre os ombros e barba em ponta, divertia-se com duas mulheres no pequeno tanque. Charles lançou um olhar rápido àquela confusão de braços, pernas, seios, nádegas.

— Desculpem-me — gaguejou, enrubescendo. Afastou-se rapidamente, repetindo: — Não sabia que a câmara estava ocupada... não queria incomodar...

Belilala descera a passagem e Charles correu para alcançá-la. Às suas costas, ouvia-se o estardalhaço de risos e gargalhadas, e o som de corpos chapinhando na água. Provavelmente, nem haviam dado pela sua presença.

Parou por um momento, intrigado, rememorando a cena. Algo não estava certo. Aquelas mulheres, ele tinha certeza, eram cidadãs: jovens pequenas, esbeltas, de cabelos negros, ou seja, o modelo padrão. Mas o homem? Com aquela cabeleira ruiva encaracolada? Não podia ser um cidadão. Cidadãos não andam por aí com cabelos até os ombros. E ainda por cima *ruivos*! Não bastasse isso, Charles também nunca tinha visto um tão forte, tão musculoso. Ou com barba. No entanto, dificilmente seria um temporário. Que motivo haveria para a presença de um temporário de tipo anglo-saxônico ali em

Mohenjo-daro? Por fim, era impensável que um deles brincasse daquele jeito com cidadãos.

— Charles?

Ele olhou para a frente. A silhueta de Belilala, no fim da passagem, se recortava contra o nimbo da luz solar.

— Charles? — repetiu Belilala. — Errou o caminho?

— Estou bem aqui — respondeu ele. — Já te alcanço.

— O que viu lá?

— Um homem de barba.

— Um homem de quê?

— De barba — repetiu Charles. — Com cabelo ruivo no rosto. Quem será?

— Ninguém que eu conheça — disse Belilala. — A única pessoa com cabelo no rosto que já vi é você. Mas o seu é preto e você o raspa todos os dias. — Riu. — Vamos! Estou vendo uns amigos na piscina!

De mãos dadas, entraram no pátio. Imediatamente um criado se aproximou deles, um obsequioso temporário baixinho com uma bandeja de bebidas. Charles dispensou-o e caminhou para a piscina. Sentia-se terrivelmente exposto: imaginava que os cidadãos, enquanto se divertiam, o observavam atentamente, estudando seu primitivo corpo peludo como se ele fosse uma criatura mítica — um minotauro, um lobisomem criado para seu divertimento. Belilala foi conversar com alguém e ele deslizou para dentro da água, grato pelo esconderijo que esta lhe propiciava. Era funda, quente, reconfortante. Com braçadas vigorosas e rápidas, nadou de uma extremidade à outra.

Um cidadão, postado elegantemente à beira da piscina, riu para ele.

— Ah, enfim você chegou, Charles! — Char-les. Duas sílabas. Alguém da rodinha de Gioia: Stengard, Hawk, Aramayne? Não conseguia se lembrar de quem fosse. Eram todos praticamente iguais.

Charles retribuiu o sorriso sem grande entusiasmo. Procurou alguma coisa para dizer e perguntou por fim:

— Está aqui há muito tempo?

— Semanas. Talvez meses. Que grande obra é esta cidade, não, Charles?

Tanta unidade de pensamento... tanta demonstração de uma estética harmoniosa...

— Sim. Harmoniosa é a palavra — disse Charles secamente.

— Palavra de Gioia. Frase de Gioia. Eu apenas citei.

Gioia. Sentiu como se houvesse recebido um golpe.

— Falou com ela ultimamente? — perguntou.

— Na verdade, não. Quem falou foi Hekna. Lembra-se de Hekna, não? — Mostrou, com um aceno de cabeça, duas mulheres nuas de pé sobre a plataforma de tijolos que ladeava a piscina, conversando e trincando delicadamente pedacinhos de carne. Poderiam ser gêmeas. — Hekna e sua Belilala. — Hekna, é claro. Então ele devia ser Hawk, deduziu Charles, a menos que tivesse havido recentemente uma troca de casais. — Como é doce sua Belilala! — prosseguiu Hawk. — Gioia acertou em cheio quando a escolheu para você.

Outro golpe: e ainda mais forte.

— Então foi assim? — perguntou Charles. — Gioia *escolheu* Belilala para mim?

— É claro. Por quê? — Hawk parecia surpreso. Aquilo era evidente, nem precisava ser dito. — Pensou que Gioia iria embora deixando-o na mão?

— Dificilmente. Isso não é do feitio de Gioia.

— Ela é muito carinhosa, muito gentil, não?

— Refere-se a Belilala? De fato — reconheceu Charles, prudentemente. — Uma mulher muito querida, maravilhosa. Mas, é claro, eu gostaria de estar de novo com Gioia, o mais rápido possível. — Interrompeu-se. — Dizem que ela veio para Mohenjo-daro logo na abertura.

— É verdade.

— *Veio* mesmo?

— Oh, você conhece Gioia — disse Hawk, com displicência. — E, é claro, já se mandou outra vez.

Charles inclinou-se para a frente.

— É claro — disse, com a voz cada vez mais tensa. — E para onde foi?

— Timbuktu, eu acho. Ou Nova Chicago. Não me lembro mais. Disse-nos

que gostaria de estar em Timbuktu para a festa de encerramento. Mas Fenimon tinha algum motivo urgente para ir a Nova Chicago. Não sei o que decidiram. — Hawk fez um gesto melancólico. — De qualquer modo, é uma pena ela ter deixado Mohenjo-daro antes da chegada do novo visitante. Gioia aprendeu tanto com você! Mas creio que teria também muito a aprender com ele.

A palavra nova acionou um alarme no fundo da consciência de Charles.

— *Visitante?* — estranhou, inclinando acentuadamente a cabeça na direção de Hawk. — Que visitante é esse?

— Ainda não o viu? Oh, mas é claro, você acaba de chegar.

Charles umedeceu os lábios.

— Na verdade, acho que o vi. Cabelos compridos e ruivos? Barba também?

— É ele! Chama-se Willoughby. É... hum... um *viking*, uma espécie de pirata. Muito vigor, muita força. Pessoa notável. Em minha opinião, devíamos ter mais visitantes. São muito superiores aos temporários, todos concordam com isso. Conversar com um temporário é mais ou menos como conversar consigo mesmo, não acha? Não dizem coisa com coisa. Mas um visitante, alguém como o tal Willoughby ou você, Charles... um visitante pode ser bastante esclarecedor, pode transformar nossa visão da realidade...

— Desculpe-me — interrompeu Charles. Suas têmporas latejavam. — Talvez possamos continuar esta conversa mais tarde, certo? — Apoiou as palmas das mãos na plataforma quente e alçou-se rápido da piscina. — Ao jantar, quem sabe... ou depois... tudo bem?

Caminhou, quase correndo, para a passagem que conduzia às câmaras privadas.

Quando entrou na parte coberta da estrutura, sua garganta ficou seca e sua respiração se acelerou. Enveredando pelo corredor, foi espiar para dentro da pequena câmara de banho. O barbudo continuava lá, no tanque, o peito acima da linha da água e um braço no ombro de cada garota. Seus olhos brilhavam

intensamente na penumbra. Ria, muitíssimo satisfeito consigo mesmo; parecia não caber em si de entusiasmo, confiança, satisfação.

Tomara que ele seja o que penso que é, desejou Charles; tenho estado sozinho tempo demais entre esta gente.

— Posso entrar? — perguntou.

— Olá, amigo! — respondeu o homem com voz poderosa. — À minha fé, entre e traga sua rapariga também! Há lugar para todos nesta banheira, Deus esteja!

Diante desse estardalhaço, Charles sentiu um arroubo de alegria. Que voz jovial e anárquica! Rica, pujante, totalmente diferente da lenga-lenga dos cidadãos!

E aquelas palavras estranhamente arcaicas? *À minha fé, Deus esteja!* Que conversa esquisita! Sem dúvida, pura e sonora linguagem elisabetana! Havia nela algo do vigor e da impetuosidade de Shakespeare. E falada com... sim, com sotaque irlandês. Bem, não exatamente: era inglês, mas inglês pronunciado de uma maneira que Charles jamais tinha ouvido.

Os cidadãos não falavam daquele jeito. Um *visitante*, no entanto, podia falar.

Então era verdade. Charles sentiu a alma leve. Agora não estava mais sozinho! Outro fóssil do passado — outro viajante —, um companheiro de caos, um irmão na adversidade, um companheiro de jornada atirado ainda mais longe do que ele pelo vendaval do tempo...

O barbudo riu com gosto e deu as boas-vindas a Charles com um aceno de cabeça.

— Venha, venha para cá, homem! É bom ver uma cara inglesa no meio de todos esses mouros e portugues! Mas o que foi feito de sua garota? Nunca se tem um número suficiente de putas, não é mesmo?

Aquele homem tinha uma energia extraordinária, extraordinária até demais. Gritava, rugia, uivava. Era o que devia ser: e a tal ponto que mais parecia personagem de um velho filme de piratas. Tão fanfarrão, tão real que se diria fictício — um elisabetano de teatro, maior que a vida, um jovem Falstaff turbulento sem a barriga.

Charles perguntou, em voz baixa:

— Quem é você?

— Ora, sou Francis, filho de Ned Willoughby, de Plymouth. Antes a serviço de Sua Mui Protestante Majestade e depois raptado pelos poderes das trevas, vindo cair aqui no meio desses indianos escuros ou sei lá o que possam ser. E você?

— Charles Phillips. — E, após um momento de hesitação: — Sou de Nova York.

— *Nova York*? Que diabo de lugar é esse? À minha fé, amigo, não o conheço!

— Uma cidade na América.

— Uma cidade na América! Nossa! Está inventando coisas? Na América, diz você, e não na lua ou talvez no fundo do mar? — Virou-se para as mulheres: — Ouviram o que ele disse? Vem de uma cidade na América! Tem cara de inglês, mas não os modos de um inglês, e fala com sotaque diferente. Uma cidade na América! Uma *cidade*! Por Deus, que mais ainda vou ouvir?

Charles estremeceu. O medo começava a dominá-lo. Aquele homem percorrera as ruas da Londres de Shakespeare. Talvez houvesse conhecido Marlowe, Essex ou Walter Raleigh e visto os navios da Invencível Armada afundando no Canal. Pensar nisso cansava o espírito de Charles. O estranho sonho em que mergulhara agora ficava mais estranho ainda. Sentiu-se como um nadador já sem forças impelido pelas ondas, tonto, desorientado. A atmosfera abafada dos banhos começava a lhe dar vertigem. Não podia haver mais dúvida: ele não era o único primitivo — o único *visitante* — vagando solto naquele quinquagésimo século. Faziam-se ali outros experimentos. Agarrou-se nos portais para não cair e disse:

— Quando você fala em Sua Mui Protestante Majestade, refere-se à rainha Elisabeth I, certo?

— Certo, Elisabeth! Primeira, não há dúvida; mas por que chamá-la assim? Só há uma. Primeira e última, é o que digo. Deus a salve, não há outra!

Charles examinou atentamente o homem. Sabia que devia ir com cuidado. Um passo em falso e Willoughby não mais o levaria a sério. Quanta confusão

metafísica, afinal, poderia aquele sujeito suportar? O que sabia, o que sabiam as pessoas de sua época sobre passado, presente e futuro? Pressentiriam que, de algum modo, é possível viajar de um a outro tão rapidamente quanto se vai de Surrey a Kent? Essa era uma ideia do século XX, no máximo do final do XIX, uma especulação fantástica que muito provavelmente ninguém havia sequer considerado antes que H. G. Wells enviasse seu viajante a contemplar o sol avermelhado do último crepúsculo terrestre. O mundo de Willoughby era um mundo de protestantes e católicos, de reis e rainhas, de pequenos navios a vela, de espadas na cinta e carroças na estrada — mundo que parecia a Charles ainda mais distante que o dos cidadãos e temporários à sua volta. O risco de Willoughby não entender nada era grande.

Entretanto, Willoughby e ele eram aliados naturais contra um mundo que não haviam construído. Charles decidiu correr o risco.

— Elisabeth I é a rainha a quem você serve — começou. — Haverá outra com esse nome na Inglaterra, no devido tempo. Ou melhor, já houve.

Willoughby sacudiu a cabeça como um leão atordoado.

— Outra Elisabeth, você disse?

— Uma segunda e nada parecida com a primeira. Bem depois de sua Rainha Virgem. Reinará no que você chamaria de dias vindouros. Isso eu sei com certeza.

O inglês olhou para ele e franziu o cenho.

— Você vê o futuro? É um adivinho, um mago? Ou um dos próprios demônios que me trouxeram a este lugar?

— Nada disso — respondeu Charles, com tato. — Apenas uma alma perdida, como você. — Entrou no cubículo e agachou-se à beira do tanque. As duas jovens cidadãs olhavam para ele, admiradas. Ignorou-as e prosseguiu: — Faz ideia de onde está?

O inglês pressentira, acertadamente, que estava na Índia.

— Acho que esses mouros pequenos e escuros são de raça indiana — disse ele. Mas só até aí chegava sua compreensão do que lhe havia acontecido.

Não lhe ocorreu que já não vivia no século XVI. E nem sequer suspeitava, é claro, que aquela estranha e sombria cidade de tijolos aonde fora parar era uma viajante de uma época ainda mais remota que a sua. Haveria algum modo, pensou Charles, de explicar-lhe isso?

Estava ali havia três dias. Achava ter sido raptado por demônios.

— Chegaram enquanto eu dormia — disse ele. — *Mephistophilis Sathanas* e sua horda me pegaram, só Deus sabe como. Da Inglaterra, onde me encontrava entre amigos e familiares, fui jogado a este reino tórrido. É que entre uma viagem e outra, você entende, eu esperava por Drake e seu navio. Conhece Drake, o glorioso Francis? Sangue bom, marujo de verdade! Iríamos de novo ao Main, ele e eu, mas eis-me aqui num lugar bem diferente. — Willoughby se inclinou e prosseguiu: — Então lhe pergunto, adivinho, como pode acontecer que um homem vá dormir em Plymouth e acorde na Índia? Muito estranho, não?

— Sim — concordou Charles.

— Mas quem entra no salão tem que dançar, embora dê apenas uns pulinhos, hein? É a minha opinião. — Apontou para as duas cidadãs. — Assim, para me consolar nesta terra pagã, encontrei um modo de me divertir com estas biscatinhas de Portugal...

— De Portugal? — disse Charles.

— E de onde mais? Não são os portugueses que controlam as costas da Índia? Veja bem, aqui há dois tipos de gente, os mouros escuros e os outros, os de pele clara, senhores e mestres que se esbaldam nestes banhos. Se elas não são indianas, e acho que não são, devem ser portuguesas, não há dúvida. — Riu e atraiu as mulheres para si, passando-lhes as mãos nos seios como se fossem frutos numa árvore. — Não é o que são, putinhas papistas peladas e sem vergonha? Uma dupla de portuguesas?

Elas riram, mas não disseram nada.

— Não — contestou Charles. — Estamos na Índia, mas não na Índia que você pensa conhecer. E essas aí não são portuguesas.

— Não são? — exclamou Willoughby, espantado.

— Não mais do que você. Estou certo disso.

Willoughby afagou a barba.

— Confesso que as achei um pouco esquisitas para portuguesas. Não ouvi uma palavra em português de seus lábios. E é estranho também que andem nuas como Adão e Eva nestes banhos, deixando que eu as acaricie, pois não é assim que se comportam em casa. Mas pensei cá comigo: estamos na Índia e elas talvez tenham resolvido viver de outra maneira aqui...

— Não — insistiu Charles. — Elas não são portuguesas nem de outro povo da Europa que você conheça.

— Diabos, então quem são?

Vá devagar agora, Charles, pensou ele. *Devagar*.

— Você não erraria muito se achasse que as pessoas daqui são uma espécie de espíritos... e mesmo demônios — explicou. — Ou então feiticeiros que, por meio de magia, nos arrancaram de nosso lugar certo no mundo. — Interrompeu-se, procurando um meio de comunicar a Willoughby, em termos que ele pudesse entender, o mistério que os cercava. Respirou fundo. — Trouxeram-nos não apenas através do oceano, mas através do tempo também. Ambos viemos cair no futuro.

Willoughby lançou-lhe um olhar de estupefação.

— Futuro? Tempos que ainda não nasceram, você quer dizer? Não, não consigo entender nada disso!

— Faça um esforço. Nós dois somos náufragos no mesmo bote, amigo! Entretanto, não conseguiremos nos ajudar um ao outro se você não compreender...

Sacudindo a cabeça, Willoughby murmurou:

— Sinceramente, meu caro, acho suas palavras muito loucas. Hoje é hoje, amanhã é amanhã. Como alguém poderia saltar de um para outro até que amanhã se transforme em hoje?

— Não faço a mínima ideia — confessou Charles. O conflito era patente no rosto de Willoughby; mas, estava claro, ele só lograva perceber os rudimentos do que ouvia, se tanto. — Mas uma coisa sei: seu mundo e tudo o que havia nele morreram e se foram. Meu mundo também desapareceu,

embora eu tenha nascido quatrocentos anos depois de você, no tempo da segunda Elisabeth.

Willoughby resmungou, com desprezo:

— Quatrocentos anos, ora, ora...

— Você precisa acreditar em mim!

— Não, não!

— É a verdade. Seu tempo, para mim, não passa de história. E o meu e o seu não passam de história para *elas*... história antiga. Chamam-nos de visitantes, mas somos mesmo é prisioneiros. — A intensidade do esforço fazia Charles estremecer. Tinha consciência de que aquilo soava absurdo para Willoughby. E começava a soar absurdo para ele próprio. — Eles nos raptaram de nosso tempo certo... roubaram-nos como ciganos na calada da noite...

— Juízo, homem! Você ficou doido!

Charles balançou a cabeça; e, estendendo a mão, agarrou firmemente o pulso de Willoughby.

— Por favor, me escute! — As mulheres cidadãs observavam-nos, cochichando entre si e rindo dissimuladamente. — Pergunte a elas! Peça que lhe digam em que século estamos! Acha que estamos no dezesseis? Então pergunte a elas!

— Em que século poderíamos estar a não ser no dezesseis de Nosso Senhor?

— Elas vão lhe dizer que estamos no cinquenta.

Willoughby lançou-lhe um olhar de piedade.

— Homem, homem, que tristeza! Século cinquenta, então? — Riu. — Amigo, escute: só há uma Elisabeth e ela está bem assentada no trono em Westminster. Aqui é a Índia. O ano é 1591. Que tal se roubássemos um navio desses portugueses e voltássemos para a Inglaterra? Dali, talvez você pudesse velejar para a América...

— Não há mais Inglaterra.

— Você diz uma coisa dessas e acha que não está louco?

— As cidades e nações que conhecíamos já não existem. O povo daqui

vive de magia, Francis. — Não adiantava insistir, pensou Charles, desanimado. O jogo estava perdido. — Eles tiram do nada lugares do passado para reconstruí-los aqui e ali segundo sua fantasia. Quando se cansam desses lugares, destroem-nos e começam de novo. Não há mais Inglaterra. A Europa está vazia, sem forma. Sabe quantas cidades existem agora no mundo inteiro? Cinco. Apenas cinco. Alexandria no Egito. Timbuktu na África. Nova Chicago na América. Uma bem grande na China... Cathay, você diria. E este lugar aqui, que chamam de Mohenjo-daro e é bem mais antigo que a Grécia, Roma e Babilônia.

Willoughby disse calmamente:

— Não. Isso é pura insensatez. Você afirma que estamos em algum ponto no amanhã distante e, depois, em uma cidade do passado longínquo.

— Apenas magia — bradou Charles, em desespero. — Apenas uma aparência de cidade que este povo criou, não sei como, para seu divertimento. Nós também, você e eu, estamos aqui para diverti-los. Só para isso.

— Você enlouqueceu completamente.

— Então venha comigo. Converse com os cidadãos na piscina grande. Pergunte-lhes em que ano estamos. Fale-lhes sobre a Inglaterra. Peça-lhes que expliquem como você chegou aqui. — Apertou de novo o pulso de Willoughby. — Devemos ser aliados. Se trabalharmos juntos, talvez descubramos uma maneira de sair deste lugar e...

— Me deixe em paz!

— Por favor...

— Me deixe em paz! — rugiu Willoughby, desvencilhando-se. Seus olhos estavam escuros de raiva. Erguendo-se no tanque, parecia furioso como se quisesse pegar uma arma. As mulheres cidadãs recuaram, embora, ao mesmo tempo, parecessem encantadas com os rompantes do grandalhão. — Vá se internar em Bedlam e não me aborreça mais, seu maluco! Chega!

Desalentado e só, Charles vagou pelas poeirentas ruas de terra de Mohenjo-daro durante horas. Seu fracasso com Willoughby deixara-o sem ação e

sombrio; desejava o apoio do inglês quinhentista contra os cidadãos, mas via agora que isso não seria possível. Embaralhara as coisas; ou, mais provavelmente, não conseguira sequer fazer com que Willoughby constatasse a verdade de sua situação.

Sob o intenso calor, andou ao acaso por entre as fileiras de casas de teto chato e sem janelas, com paredes nuas e indistintas, até chegar a um grande mercado. A vida da cidade girava loucamente à sua volta — ou melhor, a pseudovida da cidade, a intrincada interação de milhares de temporários que eram apenas marionetes postos em movimento para proporcionar a ilusão de que a Índia pré-védica ainda merecia ser vista. Vendedores ofereciam belos sinetes de pedra gravados com figuras de tigres, macacos e estranhos bois com corcovas, enquanto mulheres pechinchavam estridentemente com artesãos por ornamentos de marfim, ouro, cobre e bronze. Velhas ficavam acoradas, com ar de cansaço, atrás de pilhas de jarros recém-fabricados, de fundo avermelhado com desenhos pretos. Ninguém dava a mínima para ele. Aqui, Charles era o forasteiro, nem cidadão nem temporário. Só os outros importavam.

Continuou seu caminho, passando por enormes armazéns onde trabalhadores descarregavam sem parar carroças de trigo, que era logo moído em grandes plataformas circulares de tijolo. Entrou num restaurante em que pessoas tristonhas e silenciosas se acotovelavam diante de pequenos balcões e recebeu uma fatia redonda de pão, uma espécie de *tortilla* ou *chapatti*, à qual fora adicionada uma fatia de carne com molho picante, que pôs sua língua em fogo. Em seguida saiu, descendo por uma larga escada de madeira até a parte baixa da cidade: ali viviam os camponeses, em cubículos que pareciam colmeias.

Era uma cidade opressiva, mas não miserável. Os cuidados extremos com o saneamento impressionaram-no: poços, fontes e banheiros públicos por toda parte, com canaletas de tijolos saindo de cada edifício para fossas subterrâneas. Nada dos esgotos a céu aberto e sarjetas pestilentas que, ele sabia, ainda podiam ser encontrados na Índia de sua época. A antiga Mohenjo-daro teria mesmo sido tão asseada? Talvez os cidadãos houvessem

redesenhado a cidade para atender a seus próprios conceitos de higiene. Não. Muito provavelmente, o que via era autêntico, função da disciplina obsessiva que dera à cidade sua forma rígida. Se Mohenjo-daro não passasse outrora de um buraco infecto, os cidadãos com toda a certeza a refariam exatamente assim e se entusiasmiavam com sua imundície fascinante.

No entanto, Charles nunca percebera, da parte dos cidadãos, uma preocupação excessiva com a autenticidade; e Mohenjo-daro, como todas as outras cidades restauradas que ele havia visitado, estava repleta dos costumeiros anacronismos casuais. Por exemplo, vira imagens de Shiva e Krishna em paredes de edifícios que tomara por templos; e a face benigna da deusa-mãe Kali ornamentava as praças. Ora, seguramente essas divindades surgiram na Índia bem depois do colapso da civilização de Mohenjo-daro. Seriam os cidadãos indiferentes a questões de cronologia? Ou sentiriam um certo prazer perverso em misturar épocas: uma mesquita e uma igreja na Alexandria grega, deuses hindus na pré-histórica Mohenjo-daro? Podia ser também que seus registros tivessem sido contaminados por erros ao longo de milhares de anos. Ele não se surpreenderia se visse retratos de Gandhi e Nehru carregados em procissão pelas ruas. Além disso, viam-se também fantasmas e quimeras, como se os cidadãos não ligassem para os limites entre história e mito: Ganeshas pequenos e gordos, com cabeça de elefante, mergulhando a tromba em fontes, mulheres de seis braços e três cabeças tomando sol em terraços de tijolos. Por que não? Sem dúvida, este era o lema daquele povo: *Por que não, por que não, por que não?* Podiam fazer o que lhes agradasse e o faziam. Contudo, Gioia lhe dissera uma vez: “Os limites são muito importantes”. Em quê, perguntou-se Charles, punham limites exceto no número de suas cidades? Haveria uma quota para a quantidade de “visitantes” que se permitiam raptar do passado? Antes, pensara ser o único; agora sabia que havia pelo menos mais um; e talvez houvesse muitos mais em outras partes, um ou dois passos à frente ou atrás dele, fazendo o circuito com os cidadãos que viajavam incansavelmente de Nova Chicago a Chang-an e Alexandria. Temos de juntar forças, concluiu, e obrigá-los a nos devolver à nossa época. *Obrigá-los?* Mas como? Movendo-lhes uma ação judicial

coletiva? Saindo às ruas em passeata? Lembrou-se, desalentado, de seu fracasso em aliciar Willoughby. Somos aliados naturais, pensou. Juntos, talvez consigamos despertar alguma compaixão nessa gente. Mas para Willoughby era literalmente inadmissível que a Boa Rainha Bess e seus súditos se achassem longe, no outro lado de uma barreira de séculos. Preferia acreditar que a Inglaterra estivesse a apenas alguns meses de viagem pelo cabo da Boa Esperança e que só precisasse de um navio para voltar para casa. Pobre Willoughby: provavelmente, jamais verá de novo sua terra!

Um pensamento brotou de súbito em sua cabeça.

Você também não.

E depois:

Se pudesse voltar, voltaria?

Uma das primeiras coisas que percebera aqui era que não sabia quase nada de substancial a respeito de sua existência anterior. Tinha a mente atulhada de detalhes sobre a vida na Nova York do século XX, sem dúvida; mas de si mesmo só poderia dizer, quando muito, que era Charles Phillips e viera do ano 1984. Profissão? Idade? Nomes dos pais? Teria uma esposa? Filhos? Um gato, um cachorro, *hobbies*? Nenhuma lembrança: nada. Talvez os cidadãos o houvessem despojado de tudo isso ao trazê-lo, para lhe poupar a dor da separação. Deviam ser capazes dessa bondade. Sabendo tão pouco do que perdera, poderia mesmo dizer que lhe sentia a falta? Willoughby parecia se lembrar bem mais de sua vida passada e, conseqüentemente, tinha mais vontade de voltar. Disso, Charles fora poupado. Então, por que não ficar aqui, perambular de cidade em cidade e gozar os tempos passados à medida que os cidadãos os fossem resgatando? Por que não? Por que não? Afinal, com toda probabilidade não havia outra escolha.

Voltou para a cidadela e os banhos. Sentia-se quase como um fantasma, assombrando uma cidade fantasmagórica.

Belilala, aparentemente, não havia notado que ele estivera fora a maior parte do dia. Sentada no terraço dos banhos, bebericava tranquila uma espécie de leite grosso salpicado com alguma especiaria de cor escura. Charles recusou, com um aceno de cabeça, a bebida que ela lhe oferecia.

— Eu lhe contei que vi esta manhã um homem de barba e cabelos ruivos, lembra-se? — começou Charles. — Hawk me disse que é um visitante.

— Ah, é?

— De uma época cerca de quatrocentos anos anterior à minha. Conversei com ele. Acha que veio parar aqui por obra de demônios. — Charles lançou-lhe um olhar interrogativo. — Eu também sou um visitante, certo?

— Claro que é, querido.

— E como *eu* vim parar aqui? Foram também os demônios que me trouxeram?

Belilala sorriu com indiferença.

— Você deve perguntar a outra pessoa. Hawk, talvez. Eu não conheço bem essas coisas.

— Estou vendo. Mas sabe se há muitos visitantes aqui?

Um dar de ombros lânguido.

— Muitos, não. Não, realmente. Ouvi falar de apenas três ou quatro além de você. Deve haver outros agora, suponho. — Pousou delicadamente a mão na dele. — Está gostando de Mohenjo-daro, querido?

Charles fez que não ouvira a pergunta.

— Sondei Hawk sobre Gioia — disse.

— E então?

— Ele me falou que ela já não está em Mohenjo-daro, que deve ter ido para Timbuktu ou Nova Chicago, não sabe qual.

— É muito provável. Como ninguém ignora, Gioia raramente permanece no mesmo lugar por muito tempo.

Charles concordou.

— Você me disse, um dia desses, que Gioia é de curto prazo. Isso significa que ela envelhecerá e morrerá, não?

— Pensei que você já soubesse, Charles.

— Mas você não envelhecerá. Nem Hawk, nem Stengard, nem nenhum outro de seu grupo. Certo?

— Viveremos tanto quanto quisermos — respondeu ela. — Mas envelhecer, não. Não envelheceremos.

— O que faz com que as pessoas sejam de curto prazo?

— Nascem assim, creio eu. Algum gene a menos, algum gene a mais... Na verdade, não sei. É muito raro e ninguém pode ajudá-las. Entretanto, o envelhecimento é lento. Mas inevitável.

— Deve ser muito ruim — reconheceu ele — descobrir que se vai ficar velho quando todos à volta continuarão jovens. Não admira que Gioia seja tão impaciente e viva correndo de um lugar para outro. Não admira também que tenha se ligado tão rapidamente a um visitante bárbaro e peludo do século XX, de uma época em que *todos* eram de curto prazo. Ela e eu temos algo em comum, não é?

— De certo modo, sim.

— Nós entendemos o envelhecimento. Nós entendemos a morte. Diga-me, Belilala: Gioia vai morrer logo?

— Logo? — Seus olhos se arregalaram como os de uma criança. — Que significa “logo”? Como posso explicar... O que você e eu entendemos por “logo” são coisas diferentes, Charles. — Em seguida, sua expressão mudou: parecia estar ouvindo o que dizia pela primeira vez. Prosseguiu, delicadamente: — Não, Charles, não creio que ela vá morrer logo.

— Ela me deixou em Chang-an por estar farta de mim?

Belilala sacudiu a cabeça.

— Estava apenas impaciente. Não era nada com você. Jamais se cansou de sua companhia.

— Então vou procurá-la. Onde quer que esteja, Timbuktu ou Nova Chicago, eu a encontrarei. Nós pertencemos um ao outro.

— Talvez sim — disse Belilala. — Sim, acho que pertencem mesmo. — Não parecia perturbada, rejeitada, enciumada. — Faça de tudo para ir atrás dela, Charles. Procure-a. Encontre-a onde estiver.

Timbuktu já estava sendo desmontada quando Charles chegou. Ainda no alto, sobrevoando a poeirenta planície amarelada onde o rio Níger encontra as areias do Saara, uma espécie de excitação tomou conta dele ao olhar para os

edifícios quadrados de tijolos, com seus tetos chatos, que formavam a grande capital do deserto. Ao aterrissar, porém, o que viu foram robôs brilhantes de metal enxameando por toda parte, uma horda deles, semelhantes a gigantescos insetos luminosos, desmantelando tudo.

Não ouvira falar antes de robôs. Então era assim que aqueles milagres se realizavam! Graças a um exército de máquinas obedientes! Imaginou-os saindo da terra, de um sombrio depósito subterrâneo para montar, até os mínimos detalhes, Veneza, Tebas, Cnossos, Houston ou qualquer outro lugar que lhes fosse exigido, e, depois de algum tempo, voltando para desfazer tudo. Observava-os agora, demolindo diligentemente as paredes de adobe, pondo abaixo os pesados portões de ferro, arrasando o impressionante labirinto de ruas e becos, aplainando o mercado. Em sua última visita a Timbuktu, esse mercado fora invadido por uma multidão de tuaregues de rosto velado, mouros ameaçadores, sudaneses negros e sírios astutos — todos pechinchando por camelos, cavalos, burros, pedras de sal, grandes melões verdes, braceletes de prata, esplêndidas edições do Alcorão em velino. Todo aquele pitoresco bando de temporários morenos havia desaparecido. E também não se via nenhum cidadão. A poeira da ruína saturava o ar. Um dos robôs se aproximou de Charles e advertiu-o numa voz estridente de inseto:

— Você não deveria estar aqui. A cidade foi fechada.

Charles pasmou para a cinta brilhante e zumbidora de escâneres e sensores que cruzava o focinho pontudo da criatura.

— Procuo alguém, uma cidadã que deve ter estado aqui recentemente. Seu nome é...

— A cidade foi fechada — repetiu o robô, inexoravelmente.

Ele não poderia permanecer ali nem mesmo por uma hora. Não há comida aqui, informou o robô, nem água, nem abrigo. Este já não é mais, propriamente, um lugar. Vá embora. Vá embora. Vá embora.

Este já não é mais, propriamente, um lugar.

Talvez então encontrasse Gioia em Nova Chicago. Voou novamente para o norte e o oeste sobre o imenso vazio. A terra, lá embaixo, se encurvava até o horizonte nebuloso — nua, estéril. Que fora feito dos vestígios do mundo

desaparecido? Os besouros de metal cintilante teriam limpado tudo? Não havia mais ruínas de genuína antiguidade em parte alguma? Nenhum fragmento de Roma, nenhum caco de Jerusalém, nenhum destroço da Quinta Avenida? Estava tudo arrasado lá embaixo: um palco vazio à espera da montagem do próximo cenário. Descreveu um grande arco sobre a corcova acentuada da África até o que supôs ser o sul da Europa: o pequeno veículo fazia tudo sozinho, permitindo que ele apenas cochilasse ou observasse à vontade. De vez em quando avistava outro veículo, uma gota alada e escura a distância, recortada contra a forte claridade do céu. Seria bom contatá-los pelo rádio, mas Charles não fazia ideia de como isso funcionava. Na verdade, não tinha o que dizer; desejava apenas ouvir uma voz humana. Sentia-se solitário como se fosse o último homem na Terra. Fechou os olhos e pensou em Gioia.

— Deste jeito? — perguntou Charles. Numa sala oval, com painéis de marfim, sessenta andares acima das ruas discretamente iluminadas de Nova Chicago, ele levou a caixinha fria de plástico ao lábio superior e pressionou o botão na base. Ouviu um som borbulhante e então um vapor azul subiu para suas narinas.

— Assim mesmo — disse Cantilena. — Está certo.

Charles sentiu um suave aroma de canela, cravo e algo que com quase certeza era lagosta cozida. Logo um espasmo de vertigem o dominou e visões começaram a povoar sua mente: catedrais góticas, as Pirâmides, o Central Park coberto de neve recém-caída, as colmeias de tijolos de Mohenjo-daro e cinquenta mil outros lugares de uma só vez, uma selvagem montanha-russa voando pelo espaço e pelo tempo. Parecia que ele viajava através dos séculos. Mas por fim sua cabeça clareou; olhou em volta, piscando, e percebeu que tudo não levava mais que um instante. Cantilena continuava a seu lado. Os outros cidadãos no recinto — quinze ou vinte — mal se haviam movido. O estranho homenzinho de pele luzidia, junto à parede dos fundos, continuava olhando para ele.

— E então? — perguntou Cantilena. — O que achou?

— Incrível.

— E muito autêntico. Uma verdadeira droga da Nova Chicago. A fórmula exata. Quer mais?

— Por enquanto, não — respondeu Charles, pouco à vontade. Cambaleou e teve de se esforçar para reaver o equilíbrio. Cheirar aquilo não tinha sido uma ideia tão boa assim, concluiu.

Estava em Nova Chicago havia uma semana, talvez duas, e ainda padecia da peculiar desorientação que aquela cidade sempre provocava nele. Era a quarta vez que a visitava e em todas acontecera a mesma coisa. Nova Chicago era o único lugar reconstruído deste mundo que, na encarnação original, existira *depois* de sua época. Para Charles, funcionava como um posto avançado do futuro incompreensível; para os cidadãos, como um exótico simulacro do passado arqueológico. Esse paradoxo o deixava às voltas com confusões e tensões inextricáveis.

O que havia acontecido com a *velha* Chicago ele, é claro, não conseguiria nunca descobrir. Desaparecera sem deixar traços, isso era óbvio: nada de Water Tower, nada de Marina City, nada de Hancock Center, nada de edifício do Tribune, nenhum fragmento, nenhum átomo. E seria inútil perguntar a qualquer dos mais de um milhão de habitantes de Nova Chicago sobre a cidade que a precedera. Eram apenas temporários; não sabiam mais do que precisavam saber e só se exigia que desempenhassem seu papel para criar a ilusão de uma cidade real. Não precisavam conhecer história antiga.

Também não era provável que arrancasse alguma coisa de um cidadão. Os cidadãos não pareciam se importar muito com assuntos eruditos. Charles não tinha motivo para supor que o mundo, para eles, fosse algo mais que um parque de diversões. Em algum lugar, certamente, deveria haver pessoas especializadas no estudo sério das civilizações perdidas — pois como, de outra forma, aquelas cidades misteriosamente refeitas veriam a luz do dia? “Os planejadores”, ouvira ele uma vez de Nissandra ou Aramayne, “já estão bem adiantados na pesquisa de Bizâncio.” Mas quem eram os planejadores? Charles tinha um palpite: os robôs. Talvez eles fossem os verdadeiros

senhores de toda essa era e criassem cidades não, primordialmente, tendo em vista o prazer dos cidadãos e sim sua própria ânsia diligente de compreender a vida do mundo desaparecido. Uma especulação arriscada, sem dúvida; mas não inteiramente implausível, concluiu ele.

Sentiu o peito oprimido pela alegria reinante à sua volta.

— Preciso de um pouco de ar — disse a Cantilena e caminhou para a janela, estreita e em arco. Mas ainda assim alguma brisa conseguia entrar. Contemplou a estranha cidade a seus pés.

Nova Chicago, com exceção do nome, não tinha nada a ver com a metrópole antiga. Mas, pelo menos, haviam-na construído ao longo da margem oeste de um vasto lago interior que até poderia ser o Michigan, embora, quando o sobrevoara, ele lhe parecesse mais largo e menos comprido do que aquele de que se lembrava. A cidade em si era uma complicada fantasia de edifícios esguios, em tons pastel, erguendo-se em ângulos bizarros e unidos por uma rede de pontes aéreas ligeiramente curvas. As ruas, compridos parênteses que iam dar ao lago em suas margens norte e sul, arqueavam-se com graça no meio e rumavam para oeste. Entre as grandes avenidas, corria uma pista para o transporte público — veículos redondos, brilhantes e em tom de água-marinha que deslizavam sobre rodas silenciosas. Flanqueando as pistas, longas faixas arborizadas. Aquilo era bonito e mesmo impressionante, mas insubstancial: a coisa toda parecia feita de seda e raios solares.

Uma voz suave murmurou ao seu lado:

— Sente-se doente?

Charles olhou ao redor. O homem de pele luzidia estava a seu lado: um sujeito compacto, sólido, de aparência vagamente oriental. Sua pele era de uma curiosa tonalidade cinzento-esverdeada, como Charles nunca tinha visto antes, e extraordinariamente macia. Parecia que ele era feito de porcelana finíssima.

Charles sacudiu a cabeça.

— Não, apenas um pouco enjoado — disse. — Esta cidade sempre me deixa atordoado.

— Ela pode mesmo ser desconcertante — replicou o homenzinho. Seu tom de voz era aveludado e grave, com uma inflexão estranha. Havia nele algo de felino: elástico, musculoso, quase ameaçador. — Visitante, hein?

Charles observou-o por um instante.

— Sim — respondeu.

— Eu também, é claro.

— Você?

— Sim. — O homenzinho sorriu. — Qual a sua época? Século XX? Século XXI no máximo, eu diria.

— Sou de 1984. 1984 d.C.

Outro sorriso, de quem estava muito satisfeito consigo mesmo.

— Bom palpite o meu, então. — Um rápido meneio de cabeça. — Y'ang-Yeovil.

— Como?

— Y'ang-Yeovil. Meu nome. Antes, coronel Y'ang-Yeovil da Terceira Setentríada.

— Isso fica em outro planeta? — perguntou Charles, sentindo-se um pouco zonzo.

— Oh, não, não — riu Y'ang-Yeovil, divertido. — Neste mundo mesmo, garanto-lhe. Sou inteiramente de origem humana. Cidadão da República do Alto Han e nativo da cidade de Poro Ssu. E você... perdoe-me, qual é o seu nome?

— Ah, sim. Charles. Charles Phillips. Sou de Nova York, da Nova York de muito tempo atrás.

— Ah, Nova York! — O rosto de Y'ang-Yeovil se iluminou com um lampejo de recordação que logo se dissipou. — Nova York... Nova York... era muito famosa, isso eu sei.

Muito estranho, pensou Charles. Agora sentia muita pena do pobre e desnortado Francis Willoughby. Este homem vem de um tempo tão posterior ao meu que mal ouviu falar de Nova York — deve ser contemporâneo da verdadeira Nova Chicago. Pergunto-me se acha a versão

atual autêntica — no entanto, para os cidadãos, Y'ang-Yeovil também não passa de um primitivo, uma relíquia da Antiguidade...

— Nova York era a maior cidade dos Estados Unidos da América — explicou Charles.

— Sem dúvida. Sim, muito famosa.

— Mas completamente esquecida quando a República do Alto Han surgiu, suponho eu.

Y'ang-Yeovil, parecendo pouco à vontade, retrucou:

— Houve distúrbios entre sua época e a minha. Mas de modo algum eu quis dizer que sua cidade era...

Uma explosão de risos ecoou subitamente pela sala. Mais cinco ou seis pessoas haviam chegado. Charles se virou, conteve o fôlego, pasmou. Era Stengard, sem dúvida, com Aramayne a seu lado. E aquela mulher, meio escondida atrás deles...

— Queira me dar licença por um momento — disse Charles, afastando-se abruptamente de Y'ang-Yeovil. — Desculpe-me, mas uma das pessoas que entraram... estou procurando-a desde...

E correu para ela.

— Gioia? — chamou. — Gioia, sou eu! Espere! Espere!

Stengard barrava o caminho. Aramayne, virando-se para pegar um punhado de aspiradores de vapor de Cantilena, também se colocou à sua frente. Charles passou por eles como se não estivessem ali. Gioia, já saindo pela porta, deteve-se e olhou para ele como uma corça assustada.

— Não vá — disse Charles. E segurou-lhe a mão.

A aparência dela o impressionou. Quanto se passara desde sua separação incompreensível na noite dos mistérios em Chang-an? Um ano? Um ano e meio? Era o que ele calculava. Mas, e se houvesse perdido a noção do tempo? Suas percepções da marcha dos meses neste mundo seriam tão precárias assim? Gioia parecia no mínimo dez ou quinze anos mais velha. Talvez fosse mesmo; talvez os anos houvessem decorrido para ele, aqui,

como num sonho, imperceptivelmente. Gioia parecia cansada, desanimada, esgotada. Num rosto magro e estranhamente mudado seus olhos o fitavam quase com ar de desafio, como se dissesse: “Está vendo? Está vendo como fiquei feia?”

— Andei procurando por você, Gioia — começou ele. — Por... bem, não sei por quanto tempo. Em Mohenjo-daro, em Timbuktu e agora aqui. Quero ficar com você de novo.

— Não é possível.

— Belilala me explicou tudo em Mohenjo-daro. Sei que você é de curto prazo... e sei o que isso significa, Gioia. Mas, e daí? Você começa a envelhecer um pouco. E daí? Só tem pela frente trezentos ou quatrocentos anos, em vez de viver para sempre. Acha que não sei o que é ser de curto prazo? Sou apenas um homem antigo do século XX, lembra-se? Sessenta, setenta, oitenta anos era tudo o que tínhamos. Você e eu sofremos da mesma doença, Gioia. Foi o que a aproximou de mim no início, tenho certeza. E, por isso, agora pertencemos um ao outro. Não importa o tempo que nos resta, vamos vivê-lo juntos!

— Você não enxerga bem as coisas, Charles — disse ela docemente.

— Talvez. Talvez eu ainda não entenda nada sobre este lugar. Exceto que você e eu... que eu a amo... e acho que você também me ama...

— Sim, eu o amo. Mas você não entende. Justamente porque o amo é que nós dois... nós dois não podemos...

Com um soluço de desespero, Gioia se desvencilhou dele. Charles tentou segurá-la de novo, mas ela o empurrou e saiu em disparada para o corredor.

— Gioia!

— Por favor, não! Eu nunca teria vindo se soubesse que iria encontrá-lo aqui. Não me procure mais, por favor.

Dizendo isso, virou-se e fugiu.

Charles ficou parado por um longo momento, acompanhando-a com o olhar. Cantilena e Aramayne se aproximaram, sorrindo para ele como se nada houvesse acontecido. Cantilena ofereceu-lhe um frasco de um líquido

espumante e cor de âmbar. Charles recusou com um gesto brusco. Para onde irei agora?, perguntou-se. Que vou fazer? E voltou para a festa.

Num instante, Y'ang-Yeovil estava a seu lado.

— Você parece muito mal — murmurou o homenzinho.

— Me deixe em paz — rugiu Charles, olhando-o com raiva.

— Talvez eu possa ajudar.

— Não há ajuda possível — resmungou Charles.

Virou-se, pegou um dos frascos de uma bandeja e bebeu até a última gota. Sentiu então como se fosse dois, em pé de ambos os lados de Y'ang-Yeovil. Bebeu outro frasco. Agora ele era quatro.

— Estou apaixonado por uma cidadã — gaguejou. Parecia-lhe estar falando em coro.

— Ah, o amor. E ela também o ama?

— Era o que eu pensava. Ainda penso. Mas ela é de curto prazo. Sabe o que isso significa? Que não é imortal como os outros. Envelhece. Já está envelhecida. Por isso foge de mim. Não quer que eu a veja mudando, talvez receie que isso me desagrade. Tentei fazê-la ver ainda agora que eu também não sou imortal, que nós dois poderíamos envelhecer juntos, mas ela...

— Oh, não — interrompeu Y'ang-Yeovil calmamente. — Por que acha que vai envelhecer? Envelheceu por acaso desde que chegou aqui?

Charles ficou confuso.

— Ora, sem dúvida envelheci. Eu... eu...

— É o que supõe? — Y'ang-Yeovil esboçou um sorriso. — Pois olhe para você mesmo. — Fez um gesto complicado com os dedos e uma luz semelhante a um espelho surgiu entre os dois.

Charles contemplou seu reflexo. Um rosto jovem devolveu-lhe o olhar. Era verdade, então. Ele simplesmente nunca havia pensado no caso. Quantos anos já passara naquele mundo? O tempo corra, muito tempo, embora ele não pudesse calculá-lo. Os outros também não pareciam preocupados com isso. Mas seguramente foram anos e anos! Todas aquelas viagens de cá para lá ao redor do globo, cidades e mais cidades surgindo e desaparecendo: Rio, Roma, Asgard foram as três primeiras que lhe vieram à mente, mas houve outras e

ele não conseguia se lembrar de todas. Anos. Seu rosto não havia mudado nada. O tempo fizera seus estragos em Gioia, mas não nele.

— Não compreendo — balbuciou. — Por que não envelheço?

— Porque você não é real — explicou Y'ang-Yeovil. — Ignorava isso?

Charles piscou, atônito.

— Não sou... real?

— Pensava ter sido tirado fisicamente de seu mundo? — zombou o homenzinho. — Oh, não, não, eles não conseguiriam fazer isso. Nós não somos viajantes do tempo na verdadeira acepção do termo. Nem você, nem eu, nem nenhum dos outros visitantes. Pensei que o amigo soubesse, mas talvez sua época seja remota demais para uma perfeita compreensão dessas coisas. Fomos bem-feitos, meu caro. Somos criações engenhosas, maravilhosamente providas de pensamentos, atitudes e lembranças de nossas próprias épocas. Somos, em suma, a melhor realização deles, mais complexa até do que essas cidades. Representamos um passo adiante dos temporários. Na verdade, mais de um passo, muito mais! Os temporários só fazem o que são instruídos a fazer e isso é bem pouco. Na verdade, não passam de máquinas. E nós somos autônomos. Andamos por vontade própria; pensamos, falamos e até, ao que parece, nos apaixonamos. Envelhecer, porém, não envelhecemos. E como poderíamos? Não somos de verdade! Somos apenas redes artificialmente tecidas de respostas mentais, meras ilusões tão bem- -feitas que nos enganamos a nós mesmos. Você não sabia disso? Você realmente não sabia?

Estava voando, comprimindo botões de navegação ao acaso. De algum modo, viu-se rumando novamente para Timbuktu. *Esta cidade foi fechada. Isto aqui não é mais um lugar.* Aquilo pouco lhe importava. Por que alguma coisa lhe importaria?

Fúria e desespero se revolviam em seu íntimo. Sou um *software*, pensou. Sou apenas um *software*.

Não sou de verdade. Muito bem-feito. Criação engenhosa. Mera ilusão.

Nenhum traço de Timbuktu era visível do alto. Mas aterrissou assim mesmo. A terra arenosa e cinzenta estava intacta, como se nunca tivesse existido coisa alguma ali. Alguns robôs ainda perambulavam pelas imediações, dando os últimos toques necessários ao aniquilamento de uma cidade. Dois deles o fitaram. Insetos de carapaça brilhante, nada amistosos.

— Não há cidade neste local — disseram. — É proibido entrar.

— Proibido por quem?

— Você não tem motivo algum para estar aqui.

— Não tenho motivo para estar em lugar nenhum — replicou Charles. Os robôs vibraram, emitiram sons e estalidos de mau agouro, agitaram suas antenas. Charles achou que estavam perturbados, desgostosos com a atitude dele. Talvez eu corra algum perigo de ser preso para que depurem meu *software*. — Estou indo. Obrigado. Muito obrigado. — Afastou-se, subiu ao veículo e acionou outros botões de navegação.

Nós nos movemos por vontade própria. Pensamos, falamos e até nos apaixonamos.

Pousou em Chang-an. Dessa vez não houve comitê de recepção à sua espera no Portão da Brilhante Virtude. A cidade era agora maior, mais esplendorosa: novos pagodes, novos palácios. Parecia inverno: soprava um vento gelado, cortante. O céu estava limpo, luminoso. Na escadaria do Terraço de Prata, encontrou Francis Willoughby, uma figura grande e portentosa em magníficas roupas de brocado, com duas pequenas temporárias, lindas como estatuetas de jade, sumidas entre seus braços.

— Milagres e maravilhas! — bradou Willoughby. — Pois não é que o cara maluco também está aqui! Ora vejam, viemos parar na Cathay do fim do mundo, você e eu!

Não viemos parar em lugar nenhum, pensou Charles. Somos meras ilusões, tão bem-feitas que enganamos até a nós mesmos.

— Você parece um imperador com esses trajes, Francis — disse a Willoughby.

— Sim, como o Preste João! Ou o próprio Tamerlão. Estou majestoso, hein? — Bateu amigavelmente no ombro de Charles com toda a força, quase

o empurrando para trás e fazendo-o tossir, estonteado. — Voamos pelos ares como as águias, como os demônios, como os anjos! Voamos como os anjos, rapaz! Como os anjos! — Aproximou-se e inclinou-se sobre Charles. — Eu queria voltar para a Inglaterra, mas aquela meretriz da Belilala disse que um encantamento me retinha aqui por enquanto. Assim, viemos para Cathay. Diga-me, amigo, você será minha testemunha quando estivermos de novo na Inglaterra? Afirmará que tudo o que nos aconteceu é verdade? Pois receio que me chamem de doido como fizeram com Marco Polo quando eu lhes disser que vim voando para Cathay.

— Um doido apoiando outro? — perguntou Charles. — Que posso lhe dizer? Ainda acha que voltará para a Inglaterra, não? — Não conseguia conter a raiva. — Ah, Francis, Francis, conhece bem seu Shakespeare? Assistiu às peças dele? Nós não somos reais. *Nós não somos reais*. Somos feitos de sonhos, nós dois. Nada mais. Ó, admirável mundo novo! Inglaterra? Onde? Não há Inglaterra. Não há nenhum Francis Willoughby. Nem Charles Phillips. Somos apenas...

— Deixe-o em paz, Charles — disse uma voz ríspida.

Charles se virou. Belilala, vestida de imperatriz, descia os degraus do Terraço de Prata.

— Sei de tudo — retrucou ele, amargamente. — Y'ang-Yeovil me contou. O visitante do século XXV. Conheci-o em Nova Chicago.

— Viu Gioia lá também? — perguntou Belilala.

— Por alguns instantes. Ela está parecendo muito mais velha.

— É verdade. Passou por aqui também.

— E já se foi, imagino.

— Sim. Para Mohenjo-daro. Vá atrás dela, Charles. Deixe o coitado do Francis em paz. Eu pedi a Gioia que o esperasse. E disse que vocês precisam um do outro.

— Muita bondade sua. Mas para quê, Belilala? Eu nem sequer existo. E Gioia vai morrer.

— É claro que você existe. Como pode duvidar disso? Você tem sentimentos, não? Você sofre. Você ama. Ama Gioia, certo? E é amado por

ela. Gioia por acaso amaria quem não existe?

— Acha mesmo que ela me ama?

— Tenho certeza. Vá procurá-la, Charles. Vá. Pedi-lhe que o esperasse em Mohenjo-daro.

Charles concordou, um tanto desanimado. Não tinha nada a perder.

— Vá procurá-la — insistiu Belilala. — Agora.

— Sim — disse Charles. — Vou procurá-la agora. — Virou-se para Willoughby. — Se um dia nos encontrarmos em Londres, amigo, testemunharei a seu favor. Fique tranquilo. Tudo acabará bem, Francis.

Deixou-os e foi para Mohenjo-daro, achando que talvez encontrasse os robôs desmontando-a. Mohenjo-daro continuava lá, não mais bonita que antes. Dirigiu-se aos banhos, na esperança de encontrar Gioia ali. Não encontrou; mas encontrou Nissandra, Stengard e Fenimon.

— Ela foi para Alexandria — contou-lhe Fenimon. — Queria ver essa cidade ainda uma vez, antes de ser fechada.

— Logo abrirão Constantinopla — informou Stengard. — A antiga Bizâncio, como sabe, a grande metrópole no Chifre de Ouro. Vão desmontar Alexandria quando Bizâncio estiver pronta. Dizem que vai ser uma maravilha. Vamos vê-lo lá para a inauguração, naturalmente.

— Naturalmente — disse Charles.

Voou para Alexandria. Sentia-se perdido e cansado. Tudo isso é uma loucura inútil, pensou. Sou apenas um boneco manejado por cordões. Mas em algum ponto acima do mar da Arábia as profundas implicações de algo que Belilala lhe dissera começaram a fazer sentido; e então a amargura, a raiva e o desespero subitamente o abandonaram. *É claro que você existe. Como pode duvidar disso? Gioia por acaso amaria quem não existe?* Claro. Claro. Y'ang-Yeovil estava errado: os visitantes não eram simples ilusões. Com efeito, Y'ang-Yeovil havia dito a verdade sobre a condição deles sem saber bem o que estava dizendo: *Pensamos, falamos, amamos*. Sim. Esse era o ponto. Os visitantes podiam ser artificiais, mas não irreais. Belilala tentara lhe explicar isso na noite anterior. *Você sofre. Você ama. Ama Gioia. Gioia por acaso amaria quem não existe?* Sem dúvida ele era real ou, pelo menos, real

o bastante — algo estranho, algo que provavelmente não seria compreendido pelas pessoas do século XX, que ele fora destinado a simular. Isso, porém, não queria dizer que fosse irreal. Alguém precisa nascer de uma mulher para ser real? Não, não. Seu tipo de realidade era um tipo de realidade suficiente. Não havia de que se envergonhar. E, compreendendo isso, compreendeu que Gioia não teria de envelhecer e morrer. Havia um modo de salvá-la, se ela quisesse. Se ela quisesse.

Ao desembarcar em Alexandria, correu ao hotel situado na encosta do Paneio, onde ambos ficaram na primeira visita, há muito tempo — e lá estava ela, sentada calmamente numa sacada com vista para o porto e o Farol. Percebia-se, em sua atitude, serenidade e resignação. Gioia havia desistido. Já não tinha sequer energia para fugir dele.

— Gioia — chamou Charles delicadamente.

Parecia mais velha que em Nova Chicago. Seu rosto estava abatido e pálido; os olhos, fundos; e já não se importava com os fios brancos que agora se multiplicavam em nítido contraste com os cabelos negros. Charles se sentou a seu lado e pousou as mãos nas dela, contemplando os obeliscos, os palácios, os templos, o Farol. Depois de um longo silêncio, disse:

— Agora eu sei quem realmente sou.

— Sabe, Charles? — A voz de Gioia parecia muito distante dali.

— Em minha época, dávamos a isso o nome de *software*. Sou apenas uma série de comandos, respostas e referências cruzadas que operam uma espécie de corpo artificial. Este é um *software* infinitamente melhor do que jamais poderíamos imaginar. Mas estávamos começando a aprender sobre o assunto. Dotaram-me de todos os reflexos do século XX. As atitudes certas, os apetites certos, as irracionalidades certas, a agressividade certa. Alguém sabe perfeitamente o que era um homem do meu tempo. Fizeram um bom trabalho com Willoughby também, provendo-o de toda aquela retórica e jactância elisabetanas. E acho que o mesmo se deve dizer de Y'ang-Yeovil. *Ele* parece pensar assim: quem julgaria melhor? Século XXI, República do Alto Han,

peessoas de pele cinza-esverdeada, meio chinesas, meio marcianas, creio eu. *Alguém* sabe. Alguém aqui é muito bom em programação, Gioia.

Ela não olhava para ele.

— Estou com medo, Charles — disse por fim, no mesmo tom distante.

— De mim? Das coisas que falei?

— Não, de você não. Não vê o que me aconteceu?

— Vejo você. Houve mudanças.

— Passei muito tempo me perguntando quando essas mudanças aconteceriam. Pensava que, talvez, não acontecessem. Quem quer acreditar que vai ficar velho? Mas elas começaram quando estávamos em Alexandria, durante a primeira visita. Em Chang-an, tudo ficou pior. E agora... agora...

Charles interrompeu-a:

— Stengard disse que vão abrir Constantinopla logo.

— E daí?

— Não quer ir lá para a inauguração?

— Estou ficando velha e feia, Charles.

— Vamos para Constantinopla juntos. Que tal amanhã? Alugaremos um barco. É apenas um salto até o outro lado do Mediterrâneo. Rumo a Bizâncio! Havia um poema em meu tempo que não esqueci, espero, pois devem tê-lo programado em mim. Todos esses anos e alguém ainda se lembra de Yeats! *Jovens nos braços um do outro e pássaros nas árvores*. Venha comigo para Bizâncio, Gioia.

Ela deu de ombros.

— Com esta aparência? Ficando cada vez pior a cada dia? Enquanto *eles* continuam jovens para sempre? Enquanto *você*... — Não conseguiu terminar a frase. Sua voz emudeceu.

— Termine a frase, Gioia.

— Por favor, deixe-me só.

— Ia dizer “enquanto *você* também permanecerá jovem para sempre, Charles”, certo? Você sabia que não vou mudar nunca. Eu não sabia; mas você, sim.

— Sim, eu sabia. Fingi que não era verdade, que eu envelheceria e você

também. Bobagem minha. Em Chang-an, quando percebi os primeiros sinais da idade... compreendi que não podíamos ficar juntos. Teria de vê-lo sempre jovem, sempre o mesmo, e, quando me olhasse ao espelho... — Fez um gesto com as palmas para cima. — Então, entreguei-o a Belilala e fui embora.

— Tudo isso foi desnecessário, Gioia.

— Não pensei que fosse.

— Mas você não precisa envelhecer... se não quiser!

— Não seja cruel, Charles — recriminou ela sem emoção na voz. — Não há meio de escapar ao que tenho.

— Há, sim — insistiu Charles.

— Você não sabe nada dessas coisas.

— Muito, não — concordou ele. — Mas sei como pode ser feito. Tenho uma solução. Primitiva talvez, singela, do século XX, mas que a meu ver funciona. Venho remoendo essa ideia desde que saí de Mohenjo-daro. Diga-me, Gioia: por que não procura os programadores, os artífices, os planejadores, sejam quem forem, aqueles que criam as cidades, os temporários e os visitantes? Peça para que a transformem em algo como eu!

Ela ergueu os olhos, perplexa.

— O que está dizendo?

— Eles conseguem fazer um homem do século XX usando apenas lembranças fragmentárias, com resultado plausível, não? Conseguem fazer um elisabetano ou qualquer outro, de qualquer época, e a criatura é autêntica, convincente. Por que, então, não fariam um trabalho ainda melhor com você? Por que não produziriam uma Gioia tão real que mesmo Gioia não pudesse notar a diferença? Mas uma Gioia que não envelhecesse nunca... uma Gioia-construto, uma Gioia-programa, uma Gioia-visitante! Por que não? Diga-me por que não, querida.

Ela tremia.

— Nunca ouvi falar que se pudesse fazer uma coisa dessas!

— Mas não acha possível?

— Não tenho como saber.

— É possível, claro. Se eles podem criar visitantes, podem também pegar

um cidadão e duplicá-lo de tal modo que...

— Isso nunca foi feito, tenho certeza. Não consigo imaginar nenhum cidadão concordando com semelhante procedimento. Renunciar ao corpo... deixar que o transformem em... em...

Sacudiu a cabeça, mas esse parecia um gesto tanto de perplexidade quanto de negação.

Ele disse:

— Sim, renunciar ao corpo. Seu corpo natural, passageiro, que envelhece, encolhe, se deteriora. Por que o medo de perdê-lo?

Gioia estava muito pálida.

— Loucura, Charles. Não quero mais falar sobre isso.

— Para mim, não é loucura nenhuma.

— Talvez não entenda.

— Não entendo? Posso, certamente, entender o medo de morrer. Não precisei de muito esforço para alcançar a compreensão do que é ser uma das poucas pessoas que ficam velhas num mundo onde ninguém envelhece. Só não entendo por que você não quer sequer considerar a possibilidade de...

— Não — cortou ela. — É loucura, estou lhe dizendo. Eles ririam de mim.

— Quem?

— Todos os meus amigos. Hawk, Stengard, Aramayne... — Continuava a não olhar para Charles. — Eles podem ser muito cruéis sem mesmo perceber. Desprezam tudo o que lhes parece sem graça, sujo, desesperado, covarde. Cidadãos não fazem coisas sujas, Charles. E coisa suja é o que isso parecerá, presumindo-se que possa ser feita. Eles se mostrarão terrivelmente arrogantes. Oh, vão se mostrar afetuosos comigo: sim, querida Gioia, que ótimo para você, Gioia... Mas, quando eu virar as costas, rirão. Dirão as piores coisas a meu respeito. E eu não conseguirei suportar isso.

— Pois que riam — disse Charles. — É fácil alguém ser corajoso e frio diante da morte quando sabe que viverá para sempre. Bom para eles; mas por que você seria a única a envelhecer e morrer? E não ririam; não são tão cruéis quanto pensa. Levianos talvez, mas não cruéis. Ficarão felizes ao saber que sua amiga encontrou um modo de se salvar. Pelo menos, não precisarão mais

se sentir culpados por você e isso sem dúvida lhes será agradável. Você pode...

— Pare — interrompeu Gioia.

Levantou-se, foi até a grade da sacada e olhou para o mar. Ele a seguiu. Velas vermelhas no porto, a luz se refletindo nas paredes do Farol, os palácios dos Ptolomeus se recortando, muito brancos, contra o céu. Charles pousou levemente a mão no ombro de Gioia. Ela se esgueirou, como se quisesse ficar longe dele, mas continuou onde estava.

— Tenho outra ideia — disse Charles com voz suave. — Se você não vai aos planejadores, *eu* vou. Quero que me reprogramem, direi a eles. Façam de modo a que eu comece a envelhecer no mesmo ritmo que Gioia. Isso, afinal, será mais autêntico, pois não devo desempenhar o papel de um homem do século XX? Com o passar dos anos, aparecerão rugas em meu rosto, meu cabelo ficará grisalho, andarei mais devagar. Envelhecemos juntos, Gioia. Para o diabo com seus encantadores amigos imortais. Não precisaremos deles, teremos um ao outro.

Gioia olhou em volta, as pupilas dilatadas de horror.

— Fala sério, Charles?

— É claro.

— Não — murmurou ela. — Não. Tudo o que você me disse hoje é um completo absurdo. Não percebe?

Charles estendeu a mão e entrelaçou os dedos nos dela.

— Só o que estou tentando fazer é encontrar um meio de nós dois...

— Não diga mais nada — pediu Gioia. — Por favor. — Rapidamente, como se recuasse diante da irrupção súbita de uma chama, libertou sua mão e escondeu-a atrás das costas. Embora o rosto de Charles estivesse a apenas alguns centímetros do de Gioia, ele sentiu um imenso abismo se abrindo entre ambos. Fitaram-se por um instante; então, Gioia se esgueirou para a esquerda, passou por ele e saiu correndo da sacada.

Charles, imóvel, viu-a descer o longo corredor e perder-se de vista. Inútil segui-la, pensou. Ela jamais lhe pertenceria; isso estava claro, não havia nenhuma dúvida. Gioia ficara aterrorizada com o que tinha ouvido. Para que

angustiá-la ainda mais? Mas mesmo assim viu-se correndo pelas dependências do hotel, ao longo da vereda tortuosa do jardim e em meio aos bosques verdejantes do Paneio. Pensou avistá-la no pórtico do palácio de Adriano, mas, quando chegou lá, os salões de pedra estavam vazios. Perguntou a um temporário que subia os degraus:

— Viu uma mulher passar por aqui? — Um olhar vazio foi a única resposta.

Charles blasfemou e afastou-se.

— Gioia? — chamou. — Espere! Volte!

Seria ela, entrando na Biblioteca? Charles cruzou com bibliotecários perplexos e percorreu o labirinto de estantes, olhando por entre os montes de rolos de pergaminhos para os corredores escuros.

— Gioia? *Gioia*? — Não era nada civilizado gritar daquele jeito num lugar votado ao silêncio, mas ele não se importou.

Saindo por uma porta lateral, dirigiu-se ao cais. O Farol! Sentiu-se dominado pelo terror. Ela já podia ter subido cem degraus na escadaria e se aproximado do parapeito, de onde tencionava se atirar ao mar. Afastando brutalmente de seu caminho cidadãos e temporários como se fossem palha, entrou no edifício. Subiu sem se deter uma só vez para respirar, embora seus pulmões sintéticos clamassem por uma pausa e seu coração engenhosamente fabricado pulsasse com violência. Na primeira sacada julgou entrevê-la, mas deu a volta e não a encontrou. Para a frente, para cima. Chegou ao topo, à própria câmara da fogueira: nada de Gioia. Teria saltado? Teria descido por uma escada enquanto ele subia por outra? Debruçou-se no parapeito e olhou para a frente e para baixo, procurando a base do Farol, as rochas na entrada do porto, a passarela. Nada de Gioia. Vou encontrá-la em algum lugar, pensou. Vou procurar até encontrá-la. Desceu correndo a escada, chamando-a. Chegou ao térreo e voltou para o centro da cidade. E agora? O templo de Posêidon? O túmulo de Cleópatra?

Parou no meio da rua Canopo, cansado e aturdido.

— Charles? — chamou ela.

— Onde você está?

— Aqui, a seu lado. — Parecia ter se materializado do ar. Seu rosto não estava vermelho, suas roupas não traziam nenhum sinal de transpiração. Teria ele perseguido um fantasma pela cidade? Gioia se aproximou, tomou-lhe a mão e disse suave e afetuosamente: — Você falava mesmo a sério sobre pedir-lhes que o façam envelhecer?

— Se não houver outro jeito, sim.

— O outro jeito é tão assustador, Charles!

— É?

— Você nem pode imaginar.

— Mais assustador que envelhecer? Que morrer?

— Não sei — disse Gioia. — Acho que não. Mas de uma coisa eu sei: não quero que você envelheça, Charles.

— Mas isso não é necessário. Ou é? — Olhou para ela.

— Não. Não é necessário. Para nenhum de nós.

Charles sorriu.

— Devemos sair daqui — disse após um instante de silêncio. — Vamos para Bizâncio, Gioia. Estaremos em Constantinopla para a festa de inauguração. Seus amigos também estarão lá. Diremos a eles o que decidimos fazer. Saberão como arranjar as coisas. Alguém sabe, com certeza.

— Isso parece tão estranho! — suspirou Gioia. — Transformar-me numa... numa visitante! Uma visitante em meu próprio mundo...

— Mas é exatamente o que você sempre foi.

— De certo modo, sim. Pelo menos, fui *real* até agora.

— E eu, não?

— Você é real, Charles?

— Sou. Tão real quanto você. Fiquei com raiva a princípio, quando descobri a verdade a meu respeito. Mas depois aceitei-a. Em algum ponto entre Mohenjo-daro e aqui, compreendi que é bom ser o que sou. Afinal, percebo coisas, formo ideias, tiro conclusões. Fui muito bem projetado, Gioia. Não vejo diferença entre ser o que sou e estar completamente vivo. Para mim, essa realidade basta. Penso, sinto, experimento alegria e tristeza. Sou tão real quanto preciso ser. E você também será. Nunca deixará de ser

Gioia, sabe disso. Somente seu corpo será descartado, um corpo que lhe pregou uma peça horrível. — Acariciou-lhe o rosto com a mão. — Tudo já foi dito de nós há muito tempo:

*Uma vez fora da natureza, não basearei
Minha forma corpórea em nenhum objeto natural,
Mas numa forma como os ourives gregos produzem
Esculpindo e cinzelando o ouro
Para manter acordado um imperador sonolento.*

— É o mesmo poema? — perguntou Gioia.
— Sim, o mesmo. Antigo, mas ainda não esquecido.
— Declame o resto, Charles.

*Ou, num ramo dourado, cantarei
Para os senhores e damas de Bizâncio
Sobre o que foi, ou é, ou será.*

— Lindo! Mas o que significa?
— Que não é preciso sermos mortais. Que podemos ir para junto do artífice da eternidade, ser transformados, passar além da carne. Yeats não diz isso do modo como faço, pois nem de longe compreenderia o que estamos conversando. No entanto... no entanto, a verdade subjacente é a mesma. Viva, Gioia! Viva comigo! — Fitou-a e viu seu rosto pálido começar a tingir-se de vermelho. — O que sugiro faz sentido, não? Você vai tentar, não vai? Quem faz os visitantes pode ser convencido a refazer você. Certo? Acha que eles concordarão, Gioia?

Ela fez um gesto quase imperceptível de cabeça.

— Acho que sim — disse baixinho. — É muito estranho. Mas talvez seja possível. Por que não, Charles? Por que não?

— Isso mesmo — concordou ele. — Por que não?

De manhã, alugaram no porto um barco baixo e lustroso, provido de uma vela vermelha e conduzido por um temporário malandro, de sorriso aliciante. Charles, protegendo os olhos com a palma da mão, olhou para o norte, além do mar. Achou que até podia traçar a forma da grande cidade espalhada pelas sete colinas, a Nova Roma do imperador Constantino, ao lado do Chifre de Ouro, a portentosa abóbada de Santa Sofia, as muralhas sombrias da cidadela, os palácios e igrejas, o Hipódromo, o Cristo glorioso erguendo-se acima de tudo, revestido de faiscantes mosaicos batidos de sol.

— Bizâncio — disse Charles. — Leve-nos até lá pelo caminho mais curto e rápido.

— Será um prazer — respondeu o marinheiro, com inesperada polidez.

Gioia sorriu. Ele não a via tão efusiva desde a noite da festa imperial em Chang-an. Pegou sua mão, sentindo-lhe os dedos ligeiramente trêmulos, e ajudou-a a subir no barco.

JOHN KESSEL

A reputação de John Kessel como escritor de fantasia literária e ficção científica sofisticada se deve a uma série de histórias que frequentemente invadem o território dos autores clássicos e aproveitam suas lições como caixa de ressonância para valores e costumes sociais contemporâneos. O ensaio jocoso “Herman Melville: Space Opera Virtuoso” e a retomada de “Moby Dick, Another Orphan”, ganhadora do prêmio Nebula, esboçam intersecções incongruentes entre o tempo de Melville e o nosso. “The Big Dream” apresenta um detetive particular ao estilo de Raymond Chandler, que evolui pouco a pouco para uma personagem de uma típica história de crime de Chandler. “O Produto Puro” (que incluímos nesta coletânea) e “Every Angel Is Terrifying” ampliam ideias da ficção gótica sulista de Flannery O’Connor. H. G. Wells é ele próprio personagem do conto wellsiiano “Buffalo”. Essas histórias, bem como os contos alternativos “Some Like It Cold”, “The Franchise” e “Uncle John and the Saviour”, foram coligidas em suas antologias de contos Meetings in Infinity e The Pure Product.

A criatividade jovial implícita nas especulações “e se” dessas histórias também está presente nos romances de Kessel. Good News from Outer Space traça um retrato satírico de uma América disfuncional às vésperas do século XXI, obcecada com invasões de alienígenas e irracionalidade milenarista. Corrupting Dr. Nice é uma história de viagem no tempo bem-humorada com uma dupla de artistas malandros (pai e filha) que atravessa linhas do tempo e histórias alternativas em busca de vítimas. Kessel escreveu também o romance Freedom Beach a quatro mãos com James Patrick Kelly. Em 2003, ganhou o prêmio James Tiptree por seu conto “Stories of Men”.

Se existissem viajantes do tempo vindos do futuro, como veriam a América de hoje? Do mesmo modo que a vê o personagem principal da história de Kessel, como um mundo pronto para ser manipulado, ludibriado? Seriam eles observadores desinteressados, que recuaram quinhentos anos para depois viajar pelo tempo a seu gosto e interagir com quem quer que encontrem?

O PRODUTO PURO

JOHN KESSEL

CHEGUEI A KANSAS CITY à uma hora da tarde do dia 13 de agosto. Uma terça-feira. Dirigia o Chevrolet Citation 1983 bege que havia roubado dois dias antes em Pocatello, Idaho. Roubei a placa de Kansas de outro carro num estacionamento em Salt Lake City. Salt Lake City foi fundada pelos mórmons, cujo deus lhes assegura que Jesus Cristo logo voltará.

Rodei por Kansas City com os vidros baixados e o sol batendo de chapa no para-brisa. O carro não tinha ar-condicionado e minha camisa, depois de sete horas ao volante, estava colada às minhas costas. Finalmente, em Wornall, encontrei uma loja de ferragens, a “Loja do Heitor”. Entrei no estacionamento. O motor do Citation silenciou depois que desliguei a ignição; pressionei o acelerador e ele tossiu, morrendo. O calor parecia xarope. O sol estendia sombras pelas esquinas, achatava-as aos pés das pessoas nas calçadas. Transformava a vitrine da loja num negativo escuro da imagem positiva que era a rua Wornall. Agosto.

O homem atrás do balcão devia ser o próprio Heitor. Parecia mesmo Heitor, alvo de vingança junto às paredes cobertas de pincéis — o tipo do sujeito meio amistoso, exteriormente otimista que tagarela sobre a esposa maluca e os pregos de dez centavos que vende. Comprei um galão de querosene e um funil de plástico, coloquei tudo na carroceria do Citation e desci a rua até o banco Mark Twain. Mark Twain morreu com 75 anos, com o coração repleto de amargas acusações contra o deus calvinista e sem nenhuma esperança no futuro da humanidade. Entrando no banco, fui direto a uma das mesas, onde se sentava uma Bela Jovem. Indaguei sobre a abertura

de uma conta comercial. Ela me deu um papel para preencher e me encaminhou à sala do sr. Graves.

O sr. Graves me cumprimentou com um formidável aperto de mão.

— O que posso fazer por você, senhor...?

— Tillotsen, Gerald Tillotsen — respondi. Gerald Tillotsen, de Tacoma, Washington, morreu de difteria com quatro semanas de idade, no dia 24 de setembro de 1938. Eu tinha uma cópia de sua certidão de nascimento.

— Sou novo em Kansas City. Gostaria de abrir uma conta comercial aqui e, talvez, pedir um empréstimo. Este é um banco de boa reputação, não? Quais são suas atividades no Brasil? — Passei o olhar pelo escritório, como se Graves estivesse escondendo uma garota atrás do cabideiro *hatstand*, e depois lhe enderecei meu sorriso mais cativante.

O sr. Graves fez o que podia. Tentou me devolver o sorriso, mas logo compôs uma expressão de quem pretendia ignorar minha piada.

— Somos muito sólidos, sr. Tillotsen.

Continuei sorrindo.

— Qual é o seu negócio?

— Seguros. Seguro Mutualista de Hartford. Nosso escritório regional fica em Oklahoma City e pretendo instalar uma filial aqui, na rua 103 com a State Line. Perto da rodovia interestadual.

Ele examinou o formulário. Sua absorção era tentadora.

— Que tal uma apólice? Você parece muito mal — propus.

Graves levantou a cabeça, com a boca meio aberta. Fechou-a e observou-me cautelosamente. Quanto tédio! Como isso me cansa! Ele parecia uma vaca, como todos os de sua ridícula idade, incapaz de quebrar as regras e se sentir ofendido. “Será que ele disse isso mesmo?”, devia estar pensando. “É a ideia que faz de uma piada? Mas parece tão normal!” Eu parecia normal, exatamente como um agente de seguros. Era o tipo certo de pessoa e podia fazer o que bem entendesse. Se às vezes piso na bola, e vou além ou aquém das convenções, nenhum de vocês pode me pedir explicações.

Graves se conteve. Negócios.

— Ah... sim, sr. Tillotsen. Se esperar um minuto, tenho certeza de que

resolveremos o assunto da conta. Quanto ao empréstimo...

— Esqueça-o.

Isso deveria tê-lo deixado de sobreaviso. Ele deveria ter pedido minhas credenciais e feito dezenas de outras coisas. Mas não: olhou para mim e eu olhei calmamente para ele. E senti que, observando meus honestos olhos azuis, Graves não poderia pensar nada de mau a meu respeito.

— Vou abrir a conta depositando esta ordem de pagamento — disse eu, vasculhando o bolso. — É aceitável, não?

— Perfeitamente — respondeu ele. Passou o formulário e a ordem a uma das secretárias, enquanto eu permanecia sentado. Acendi um charuto e soprei algumas espirais de fumaça. Eu havia comprado a ordem de pagamento na véspera, numa agência de correios em Denver. Trinta dólares. Não pretendia usar a conta por muito tempo. Graves voltou com meu talão de cheques provisório, deu-me um honesto aperto de mão e desejou-me um bom-dia. Tenha um *bom* dia, foi o que ele disse. *Terei*, agradei.

Lá fora, o calor continuava castigando. Tirei meu paletó esportivo. Estava suando tanto que precisei conferir meu cabelo no retrovisor do carro. Desci a rua e entrei numa loja de bebidas para comprar uma garrafa de *chardonnay* e outra de Chivas Regal. Peguei alguns copos de plástico numa mercearia próxima. Mais uma tarefa e eu poderia descansar por algumas horas.

No *shopping center* onde eu havia dito a Graves que instalaria minha agência de seguros inexistente, havia uma loja de artigos esportivos. Eram cerca de três horas quando parei no estacionamento e fui até lá. Examinei diversos tacos de golfe: de ferro, de madeira e até um com cabo de fibra de vidro. Finalmente, escolhi oito da marca Spalding, de ferro e cabo de madeira, uma sacola grande e várias caixas de bolas de golfe da marca Top-Flites. O vendedor, que estivera atendendo outro cliente no fundo da loja, correu, com os olhos brilhando ante a perspectiva da comissão. Não lhe dei muito tempo para pensar. O valor total da compra era 612,32 dólares; paguei com um cheque de minha nova conta, agradei cordialmente ao homem e pedi que ele levasse a mercadoria até o carro.

Fui até um parque perto do banco; Loose Park, era como o chamavam.

Senti-me livre, solto como uma das pipas que as crianças estavam empinando e que, partindo a linha, subiam na direção do sol. Debaixo das árvores ainda fazia calor, embora os raios solares houvessem se reduzido a manchas de luz e sombra espalhadas pela grama escura. Crianças corriam e se divertiam nos brinquedos. Abri a garrafa de vinho, enchi um copo de plástico e estirei-me sob uma árvore, contemplando as crianças e os jovens que passeavam pelas alamedas.

Uma garota passava. Não parecia ter mais de 17 anos. Baixa, magra, cabelos louros e brilhantes até os ombros. O *short* era bem apertado. Olhei-a descaradamente, ela percebeu e se aproximou. Parou a alguns passos, mãos nos quadris.

— Que está olhando? — perguntou.

— Suas pernas — respondi. — Quer um pouco de vinho?

— Não, obrigada. Minha mãe me ensinou a nunca aceitar vinho de estranhos. — Fitava-me atentamente.

— Eu aceito tudo de estranhos. Porque também sou um estranho.

Acho que ela gostou disso. Era diferente. Sentou-se a meu lado e conversamos por algum tempo. Havia algo errado em sua imitação de uma adolescente de 17 anos; comecei a me perguntar se prostitutas rondavam por ali. Ela cruzou as pernas e o *short* ficou mais apertado ainda.

— De onde você é? — perguntou a garota.

— San Francisco. Mas vim para cá. Sou sócio da loja de artigos esportivos na Eastridge Plaza.

— Mora perto daqui?

— Na 89 Oeste. — Eu havia passado por essa rua a caminho do banco.

— Eu também moro na 89 Oeste! Somos vizinhos!

Era exatamente o que alguém do meu tipo diria para me testar. Bebi um gole de vinho e mudei de assunto:

— Gostaria de visitar San Francisco algum dia?

Ela ajeitou o cabelo atrás de uma orelha e franziu os lábios, exibindo a bonita linha das mandíbulas.

— Tem alguma coisa em mente? — perguntou ela, com um sotaque

estranho.

— Como?

— Perguntei se tem alguma coisa em mente — repetiu a jovem, sempre com o sotaque estranho, o sotaque de minha própria época.

Bebi outro gole.

— Esta garrafa de vinho — repliquei em bom sotaque do Meio-Oeste da década de 1980.

Ela não queria beber.

— Farsas não, por favor. Não gosto de farsas.

Tive de rir: minha vida era inteiramente devotada a farsas. Não via ninguém real fazia muito tempo. A princípio não queria e, nos anos seguintes, desisti de esperar. Se há algo mais aborrecido que vocês, somos nós. Mas isso era uma postura do passado. Quando ela se aproximou de mim em Kansas City, eu estava sozinho e ela era algo de novo.

— Está bem — concordei. — Não será grande coisa, mas você pode ir comigo. Quer?

A jovem sorriu e disse que sim.

Enquanto caminhávamos para o carro, ela encostou o quadril em minha perna. Passei a garrafa para a mão esquerda e pousei o braço em seus ombros de um modo paternal. Fomos para os bancos da frente, sob as árvores de uma rua no canto do parque. Lugar sossegado. Peguei-a pela nuca e puxei sua cabeça para mim, cobrindo sua boca pequena com a minha. Surpresa: ela passou os braços pelo meu pescoço e sentou-se no meu colo. Não falamos. Desci o *short* dela; ela enfiou a mão dentro de minha calça. Santo Agostinho implorou castidade ao Senhor, mas sem pressa.

Tudo terminado, ela se afastou, abotoou calmamente a blusa, tirou os cabelos da testa.

— Mais alguma coisa? — perguntou ela. Com uma lixa, começou a afiar a unha do indicador.

Sacudi a cabeça e olhei para ela. Parecia minha avó. Não conheci minha avó, mas ela tinha uma péssima reputação.

— Não, obrigado. Como se chama?

— Ruth. — Coçou a parte interna do cotovelo esquerdo com a unha afiada. Recostou-se no banco e suspirou fundo. Seus olhos ficaram azuis, profundamente azuis.

Enquanto ela descansava, desci, abri o porta-malas, esvaziei o resto do vinho na sarjeta e usei o funil para encher a garrafa de querosene, que tapei com um pedaço de pano embebido no líquido. A tarde ia se transformando em noite quando liguei o carro e desci por uma rua residencial. As casas eram como as de qualquer cidade grande ou pequena do Meio-Oeste americano na época: brancas, com quarenta ou cinquenta anos, grandes varandas e pequenos jardins fronteiros. Olmos antigos se debruçavam sobre a rua. Sombras se estendiam pelas calçadas. Ruth franziu o nariz, virou-se languidamente para mim, viu a garrafa de querosene e sorriu.

Logo adiante na calçada esquerda, avistei um homem andando sem pressa. Era um sujeito comum, de meia-idade, talvez de volta do trabalho, gozando a pausa de quietude que o crepúsculo estava trazendo ao calor do dia. Podia ser Heitor; podia ser Graves. Qualquer um de vocês. Peguei o isqueiro, segurei firme a garrafa na mão esquerda e controlei o volante com o joelho enquanto o carro avançava lentamente.

— Me deixe ajudar — disse Ruth. Estendeu a mão e imobilizou o volante com as pontas de seus dedos muito finos. Acionei o isqueiro e aproximei a chama do pano, que logo pegou fogo. Uma fumaça gordurosa irritou meus olhos. O homem já havia nos visto. Coloquei o braço com a garrafa para fora da janela. Ao passar por ele, joguei a garrafa na calçada como um entregador atirando o jornal. A chama ficou mais viva ao entrar em atrito com o ar; a garrafa caiu aos pés do homem e explodiu, inundando-o de querosene incandescente. Pisei fundo no acelerador; o motor tossiu, depois rugiu, com os pneus e Ruth cantando de prazer. Pelo retrovisor, vi o sujeito em chamas, enquanto nos afastávamos a toda velocidade.

Nas Grandes Planícies americanas, as noites de verão não são silenciosas. Os campos ecoam as canções estivais dos insetos — não sons individuais, mas

um coro barulhento de gafanhotos, grilos, cigarras e outras coisinhas chilreantes cujos nomes nem sei. Você dirige por uma rodovia e esse som se mistura com o do vento que entra pelas janelas abertas, abafando o ronco do motor e dando a impressão de uma incrível velocidade. As rodas vibram, os pneus rangem contra o asfalto, o volante estremece, vivo em suas mãos, os insetos zumbem em seus ouvidos. Os olhos de gato ao lado da estrada surgem das trevas com regularidade metronômica, refletem-se nos faróis e ficam para trás, desaparecendo abruptamente na noite. Você perde a noção de tudo, não sabe há quanto tempo está dirigindo nem para onde vai. Os campos ecoam em seus ouvidos como milhares de almas perdidas, mecânicas — e você, pisando fundo, voa.

Quando deixamos Kansas City naquela noite, estávamos realmente voando. Nosso destino: Interestadual 70, a leste, passando pelo Missouri como num sonho. Deviam se lembrar de mim em Kansas City, perguntando-se quem foi e por quê. O sr. Graves abre o jornal enquanto toma seu suco de toranja e lê: *HOMEM QUEIMADO COM BOMBA DE GASOLINA*. O empregado lamenta ter aceito um cheque de seiscentos dólares sem nome nem endereço impressos nele. O cheque voltou. Descobriram que a garrafa era de *chardonnay*. Vão juntando as peças. Por fim, chegam a uma conclusão — não vou mentir sobre isso (nunca minto para mim mesmo) —, mas eu sempre escaparei. Crime organizado, dirão. Um plano que não deu certo.

Claro, ainda podem me pegar. O carro se tornará um perigo para mim quanto mais tempo eu ficar com ele. Mas Ruth, cantarolando, não parece se preocupar. Eu também não. Essas coisas precisam ser improvisadas; é isso que lhes dá interesse.

Perto de Columbia, Missouri, Ruth parou de cantarolar e perguntou:

— Sabe por que Helen Keller não tem filhos?

— Não.

— Porque está morta.

Subi o vidro para poder ouvi-la melhor.

— Muito engraçado — disse eu.

— Sim. Ouvi essa piada num restaurante. — E, após um minuto: — Quem

é Helen Keller?

— Uma mulher morta. — Um inseto se espatifou contra o para-brisa. As luzes dos carros que vinham em sentido contrário rebrilharam na mancha ali deixada.

— Devia ser famosa — disse Ruth. — Gosto de pessoas famosas. Você conheceu alguma? O homem que você queimou era famoso?

— Provavelmente não. Já não ligo para gente famosa. — A última vez que fiz alguma coisa, embora perifericamente, com uma pessoa famosa foi quando mexi na fita adesiva colocada no trinco de uma porta do edifício Watergate, para que Frank Wills pudesse vê-la. Ruth não parecia saber nada sobre isso. — Eu estava lá, quando Kennedy foi assassinado — prossegui. — Mas não tive nada a ver com o caso.

— Quem foi esse Kennedy?

Sorri.

— Há quanto tempo está aqui? — Apontei para sua pequena bolsa. — É só o que tem?

Ela deslizou no banco e pousou a cabeça no meu ombro.

— Não preciso de mais nada.

— Nem de roupas?

— Deixei todas em Kansas City. Podemos pegar outras.

— Sem dúvida — disse eu.

Ela abriu a bolsa e tirou uma embalagem plástica de aspirina Bayer. Escolheu duas cápsulas azuis e amarelas. Aproximou-as na palma da mão de meu nariz.

— Serometh?

— Não, obrigado.

Ela recolocou uma das cápsulas na embalagem e levou a outra às narinas. Deu um suspiro e aconchegou-se a mim. Chegamos a Columbia e eu estava com fome. Quando parei num McDonald's, Ruth saiu correndo pelo estacionamento em direção ao *shopping center* antes que eu pudesse detê-la. Eu estava um pouco nervoso por causa do carro e fiquei sentado ao volante para vigiá-lo, enquanto comia (Big Mac, Dr. Pepper pequeno). Ela não

voltava. Fui até o *shopping center* e comprei alguns charutos. Ao voltar para o carro, ela já me esperava, sapateando e puxando o trinco da porta. O Serometh deixa a pessoa impaciente. Ruth vestia calças pretas brilhantes, tênis cor-de-rosa com listras brancas e uma blusa rosa-choque.

— Vamos! — gritou ela.

Caminhei ainda mais devagar. Ela parecia a ponto de fazer xixi nas calças e mordida o lábio inferior com uma linha perfeita de dentes brancos. Remexi minhas chaves. Um guarda de segurança e um jovem de camisa e gravata saíram correndo pela porta do *shopping center*, olhando para todos os lados.

— Bonita roupa — disse eu. — Deve ter-lhe custado alguma coisa.

Ela olhou por cima do ombro e viu o guarda, que a viu também.

— Ei! — gritou ele, disparando em nossa direção. Entrei no carro e abri a porta do passageiro. Ruth abriu a bolsa e empunhou uma pequena pistola. Segurei-lhe o braço e puxei-a para dentro. Ela praguejou e o tiro saiu ao acaso. O guarda, mesmo assim, atirou-se ao chão, assustado. Pela segunda vez naquele dia, acelerei o Citation ao máximo. Ruth bateu violentamente a porta e lá fomos nós.

— Seu desgraçado! — rugiu ela quando pegamos a entrada da rodovia interestadual. — Você não passa de um maldito conservador! Errei por sua causa. — Mas já ria, passando a mão suavemente pelo meio de minhas coxas. Eu podia jurar que aquela garota jamais se divertira tanto no século XX.

Por algum motivo, eu estava tremendo.

— Me dê uma daquelas cápsulas — pedi.

Por volta da meia-noite, paramos em St. Louis, no hotel Holiday. Registramo-nos como sr. e sra. Gerald Bruno (um velho conhecido meu) e pagamos adiantado. Ninguém reparou na aparente diferença de idade. Muito discretos. Comprei um exemplar do *Post Dispatch* e fomos para o quarto. Ruth se deixou cair na cama, entediada; mas, graças ao tiroteio que ela havia encenado, eu agora tinha mais algumas coisas com que me preocupar. Enchi um copo de Chivas, entrei no banheiro, tirei a peruca, joguei-a no vaso e dei a

descarga. Depois do banho, pus uma lâmina nova em meu velho barbeador e raspei o resto dos cabelos de minha cabeça. Visual de Lex Luthor. Sem escalpo. Isso me fez rir com gosto. Ruth espiou pela fenda da porta e me viu limpando o alto da cabeça com um maldito lenço de papel.

— Você está um lixo — disse ela.

Quase caí no chão do banheiro de tanto rir. Ela tinha razão. Entre uma gargalhada e outra, consegui lhe dizer:

— Você não pode permanecer muito tempo num lugar só, se for tão descuidada quanto nesta noite.

Ruth deu de ombros.

— Aposto que tenho mais experiência nisso que você.

Despiu-se e foi tomar banho. Eu me deitei.

O quarto me envolveu na mediocridade de seu carpete amarelo e sua colcha verde. Às vezes, é difícil nos lembrarmos de que as coisas já foram diferentes. Em 1596, em Essex, dormi em aposentos de cores berrantes (brasões dourados nos cantos do teto, cupidos cor-de-rosa com jeito traquinas nas paredes), numa cama aquecida por qualquer puta da cidade que eu quisesse. E agora lá estava eu no hotel Holiday, com meu drinque na mão, de pijama azul-claro, lendo um jornal do fim do século XX e fumando um charuto. Um terremoto no Peru: oito mil mortos, por alto, só em Lima. Não. Um operário de siderúrgica em Gary, Indiana, reconhecido como o assassino de seis pré-adolescentes, cujos corpos foram enterrados no porão. Talvez. O presidente se opõe à decisão da Suprema Corte porque ela “subverte a vontade do povo americano”. Provavelmente não.

Estamos em toda parte. Mas não fazemos tudo.

Ruth saiu do banheiro, viu-me e esfregou os olhos.

— Você está... perfeito! — disse. Deslizou para a cama, nua, e cheirou meu copo de Chivas. Fez uma careta. Olhou por cima de meu ombro, para o jornal.

— Consegue entender essas coisas?

— Não brinque. Ler é um ato de sobrevivência. Você não durará muito por aqui sem a leitura.

— Errado.

Virei o copo. Dei uma tragada. Joguei o jornal no chão, ao lado da cama. Observei-a de alto a baixo: os músculos de seus braços e do alto de suas coxas eram bem definidos.

— Você até cheira como um deles — disse ela.

— Como conseguiu burlar a segurança e sair com as roupas? Elas têm etiquetas de alarme.

— Fácil. Experimentei os sapatos e saí quando não estavam olhando. Na segunda loja, levei a calça para o provador, arranquei o alarme e vesti-a. Escondi a etiqueta da blusa sob a axila e fui vesti-la no banheiro das mulheres.

— Se não sabe ler, como descobriu que lá era o banheiro das mulheres?

— Havia um desenho na porta.

Senti-me velho e cansado. Ruth se aconchegou mais a mim. Subiu o pé pela minha coxa, levantando com ele a perna de meu pijama. Esfregou a coxa em minha virilha. Comecei a ficar excitado.

— Pare — pedi.

Ela lambeu meu mamilo.

Não pude suportar aquilo. Desci da cama.

— Não gosto de você.

Ruth me lançou um olhar verdadeiramente inocente.

— Também não gosto de você.

Embora sentisse repugnância pelo corpo humano, Jonathan Swift foi perdidamente apaixonado por uma mulher chamada Esther Johnson.

— Você fez uma grande besteira no *shopping center* — recriminei. — Podia ter matado aquele guarda.

— O que nos deixaria quites.

— Kansas City era outra coisa.

— Vamos perguntar aos policiais de lá o que eles acham.

— Você não entende. O que fiz teve alguma graça. Mas o que você fez foi deselegante. E ainda por cima não foi gratuito. Roubou aquelas roupas e detesto isso. — Eu tremia.

— Quem inventou essas leis?

— Eu inventei — respondi.

Ruth me olhou espantada.

— Você não é apenas um conservador. É também um nativo.

Eu a queria tanto que estava dolorido.

— Não, não sou — repliquei. Mas até aos meus ouvidos minha voz parecia assustada.

Ruth saltou da cama. Aproximou-se, puxou-me pela cintura e comprimiu o corpo contra o meu. Olhou-me com uma expressão onde só havia desejo.

— Você pode fazer o que quiser — sussurrou ela. Com a sensação de que estava perdendo tudo, beijei-a. Ninguém precisa saber o que aconteceu depois.

Acordei quando ela se afastava. Ouvi um som como o de um braço se esfregando num tecido, um sopro de ar ocupando o espaço onde ela estivera. Examinei o quarto, cujas luzes continuavam acesas. Ainda não tinha amanhecido. A correntinha de segurança pendia solta; as roupas de Ruth estavam sobre a cômoda. Ela havia deixado a caixa de aspirinas ao lado de minha garrafa de uísque.

Ruth se fora. Ótimo, pensei, agora posso ficar tranquilo. Mas não consegui dormir, sempre pensando. Ela devia ser muito boa naquilo ou talvez seu pensamento fosse de um tipo diferente do meu. Levantei-me e resolvi tentar de novo, mas ainda temendo o inevitável. Enchi a banheira de água quente e entrei, respirando fundo. Tirei a lâmina do barbeador. Mantendo o braço à superfície da água e hesitando apenas por um momento, cortei fundo — uma, duas, três vezes — as veias do pulso esquerdo. De novo o choque, grande como sempre. Com o sangue espirrando, cortei o pulso direito. Devagar, com jeito. Meu coração batia rápido e de leve, o sangue jorrava assustadoramente, tingindo a água. Senti-me tonto; sim, dessa vez ia funcionar. Minha vista foi escurecendo; mas, no último instante antes de perder a consciência, vi, em desespero, as feridas inúteis se fecharem por si mesmas, como tantas outras vezes antes. É que, no futuro, a prática da medicina pode progredir a ponto de os homens não precisarem mais temer a morte.

Os dedos róseos da aurora me encontraram ainda inconsciente. Recuperei a consciência por volta das onze, a cabeça latejando e tão fraco que quase não consegui sair da água fria e saturada de sangue. Não havia cicatrizes. Arrastei-me para o outro quarto e engoli uma das meganfetaminas de Ruth com dois dedos de uísque. Senti-me melhor imediatamente. É engraçado como essas coisas às vezes funcionam, não? A arrumadeira bateu na porta quando eu estava limpando o banheiro. Gritei-lhe que voltasse mais tarde, terminei o serviço o mais rápido que pude e deixei o hotel às pressas. No café da manhã, comi cereais com leite e morangos. Ideias fervilhavam em minha cabeça. A lista telefônica me deu o endereço de um clube de campo conveniente.

O Oak Hill Country Club de Florissant, Missouri, não é uma instituição particularmente rica ou, pelo menos, não parece. Eu apostaria que os membros não são tão brancos quanto o estuque da sede. Para mim, tudo bem. Estacionei o Citation no canto mais afastado, tirei meu novo equipamento do porta-malas e fui para o vestiário, tentando de todos os modos parecer um dentista. Consegui passar sem problemas pela loja de artigos de golfe, onde o proprietário garantia a um carregador entediado que a equipe dos Cardinals acabaria se ferrando. Ao som de água escorrendo dos chuveiros, entrei no vestiário e joguei a mala a um canto. Alguém cantava a *Ode à Alegria* de maneira abominável.

Comecei a espiar os armários na esperança de encontrar um aberto e com roupas dentro. Eu roubaria as chaves do bolso de meu benfeitor e prosseguiria alegremente meu caminho. Ruth me acusaria de agir em interesse próprio; e havia momentos em que eu próprio me acusava disso. Essa hesitação é a semente da derrota: parado diante de um armário onde deveria haver roupas, outro golfista entrou acompanhado do vigia do vestiário. Imediatamente comecei a me despir, abaixando a cabeça para que a porta do armário escondesse meu rosto. O golfista logo se foi, mas o vigia se sentou e pôs-se a folhear um velho exemplar da *Penthouse*. Meu melhor

plano, no momento, seria tirar toda a roupa e entrar no chuveiro. A anfetamina deixa a pessoa atordoada. Talvez o cara ficasse com tesão e fosse cuidar de seu pinguelo.

Só havia mais um homem no chuveiro, o solista sinfônico, um cavalheiro meio corpulento que, felizmente, calou a boca tão logo entrei. Fez de tudo para me ignorar. Eu o ignorei também: *alle Menschen werden Brüder* (Todos os Homens São Irmãos). Esperei longos cinco minutos depois que ele saiu; outros dois homens entraram nos chuveiros e eu saí com a maior compostura que pude exhibir. O vigia empilhava toalhas numa mesa. Tirei uma nota de cinco dólares do bolso da minha jaqueta que estava no armário e fui até ele. Como quem não queria nada, peguei uma toalha.

— Filho, pode me comprar um maço de Marlboro?

Ele apanhou o dinheiro e saiu.

No segundo armário, achei uma calça que continha a chave de algum modelo de Audi. Não sou exigente. Vestindo-me rapidamente, deixei os tacos novos ao lado do armário roubado. Meu bilhete dizia: “Produtos puros da América: uma loucura”. Havia três carros possíveis no estacionamento, dois 4000 e um Fox. A chave não abriria a porta do Fox. Eu estava ansioso, quase livre, diante de um Chrysler enorme...

— Ei!

Meus joelhos se dobraram e caí sobre o para-choque do carro. A chave voou de minha mão e deslizou do capô para o chão, tilintando. Com uma careta, estendi a mão para ela, peguei-a, olhando para meu perseguidor por cima do ombro enquanto me inclinava. Era o vigia do vestiário.

— Seus cigarros. — Olhou para mim como um adolescente de 16 anos olha para o pai, isto é, com um ceticismo enfadado. No fim das contas, todos os nossos deuses acabam se tornando dignos de pena. Era o momento de eu me mostrar abruptamente cortês, pois assim ele nunca se esqueceria de mim.

— Obrigado — disse eu. Endireitei-me e pus o maço no bolso da camisa. Ele ia afastar-se, mas não me contive. — E o troco?

Ah, que silêncio insolente! O que disse a eles quando perguntaram de mim, garoto? Ele me devolveu o dinheiro. Dei-lhe uma moeda e um esboço do

sorriso profissional do sr. Graves, enquanto ele me observava. Virei-me e enfiei a chave na fechadura do Audi. Cinquenta por cento de chance. Se eu fosse do tipo que reza, rezaria para algum daqueles deuses dignos de pena. A chave girou sem resistência e a porta se abriu. O garoto se encaminhou para a sede do clube, pouco se lixando para mim e para seu serviço de lacaio. Ou talvez risse disso tudo. Rir é o melhor remédio.

Uma corrida curta e lá estava eu de volta à Interestadual 70. Meu quadril doeu por toda a extensão de Illinois.

Minha intenção fora ir para leste até Buffalo, Nova York, mas depois do episódio de Oak Hill desisti. Se eu permanecesse na estrada, seria apanhado. Já era muita sorte ter ido tão longe. Perto de Indianapolis, tomei a Rodovia 37 e segui para o norte, em direção a Fort Wayne e Detroit.

Eu, porém, não estava com muito medo. Vinte e cinco anos em uma época deram-me os instintos certos; e, com a chegada da noite e dos insetos amistosos cantando para mim, o tédio da estrada começou a me deixar impaciente. Eu já não fora visto por gente demais durante esses vinte e cinco anos? Milhares de pessoas haviam olhado para minha cara honesta — e onde estavam elas? Ruth me lembrara de que eu não estava preso a nenhum lugar. Logo poria fim a esta última aventura de uma maneira ou de outra e, em seguida, ninguém teria motivos no mundo verde de Deus para suspeitar de mim.

E assim foi. Para o norte de Fort Wayne, Rodovia 6 leste, uma estrada deserta do interior. Parei para pegar um sujeito de jaqueta preta surrada, que pedia carona (o que estaria ele fazendo ali?). Seu cabelo era raspado nas laterais e eriçado em cima, caindo sobre o colarinho na nuca; um dos lados cor de cenoura, o outro marrom com uma listra branca. Na etiqueta da mochila, lia-se: “?”. Jogou-a no banco de trás e sentou-se no da frente.

— Obrigado pela carona — agradeceu, mas sem parecer que agradecia. — Para onde está indo?

— Flint. E você?

— Flint é tão bom como qualquer outro lugar.

— Fique à vontade — disse eu, acelerando. Estava totalmente calmo. — Mas ponha o cinto de segurança.

— Por quê?

O tipo do grosseirão.

— Não é só uma boa ideia. É a lei.

Ele me ignorou. Tirou uma revista de palavras cruzadas e um lápis do bolso da jaqueta.

— Que tal acender a luz? — sugeri.

Acendi para ele a luz do teto.

— Gosto de ver um jovem adquirindo conhecimento — falei.

Quase escutei seu suspiro.

— Qual a palavra de cinco letras para “o ponto mais baixo”?

— Nadir — respondi.

— Certo. E para “generalizado”? Nove letras.

— Difundido.

— Você é bom. — Olhou a revista por um minuto e, baixando o vidro, jogou-a fora juntamente com o lápis. Subiu o vidro e observou seu reflexo nele. Eu não podia deixá-lo escapar assim. Apaguei a luz e a escuridão se fez no interior do carro.

— Como se chama, filho? O que o preocupa?

— Meu nome é Milo. Escute, cara, você é gay? Se é, pouco me importa, mas vai lhe custar algum dinheiro... Caso esteja interessado.

Sorri e ajustei o retrovisor para vê-lo melhor — e para que ele pudesse me ver.

— Não, não sou gay. Meu nome é Loki. — Estendi-lhe a mão direita, mantendo os olhos na estrada.

Ele estudou minha mão.

— Loki?

Nome tão bom quanto qualquer outro.

— Sim. Como o do deus nórdico.

— Tudo bem, Loki — riu ele. — Como queira. Dane-se.

Uma voz musical.

— É isso aí, Milo. Parece-me (se quer minha opinião) que você tem algum problema de comportamento. — Peguei um charuto do bolso da jaqueta, que estava no banco traseiro, e acendi-o, após morder a ponta e cuspi-la pela janela. Meus insetos se alvoroçaram. Não posso explicar como me sentia bem. — Por exemplo, a revista de palavras cruzadas que você jogou pela janela. Por que fez isso?

Pude ver Milo me olhando pelo espelho, sem saber se devia me levar a sério. Os faróis desapareceram à nossa frente e as linhas brancas no centro da pista pulsavam como um coração acelerado. Vamos lá, Milo. O que você tem a perder?

— Estava de saco cheio — respondeu ele. — Pura perda de tempo. Não gosto de joguinhos idiotas.

— É isso aí. Apenas um jogo, uma maneira de passar o tempo. Ninguém, na verdade, aprende coisa alguma fazendo palavras cruzadas. Advogados de empresas não compram Porsches aperfeiçoando sua lábia com essa bobagem, certo?

— Não ligo para Porsches.

— Nem eu, Milo. Estou dirigindo um Audi.

Milo suspirou.

— Eu sei, amigo. A questão não é essa. A questão é que tudo não passa de um jogo, palavras cruzadas ou direito empresarial. Algumas pessoas devotam sua vida a Jesus; outras, à arte. E tudo dá no mesmo. Você fica velho e morre.

— Diga-me algo que eu ainda não saiba.

— Por que acha que lhe dei carona, Milo? Vi seu ponto de interrogação e ele me intrigou. Talvez pense que sou algum perverso tentando me aproveitar de você. Tenho um nome engraçado. Não falo como um empresário comum de meia-idade. Esqueça isso. — A velha excitação me dominava; ia falando cada vez mais alto e pisando fundo no acelerador. O carro obedecia. — Acho que você se sente tão perturbado pelo materialismo e a hipocrisia da vida na América quanto eu. Jovens como você, de cabelo cor de laranja, tentam encontrar valores num mundo que só lhes oferece merda

em vez de ideias. Mas muitos de vocês estão exagerando na reação. Drogas, violência, fanatismo religioso, hedonismo. Alguns, como você, acredito, se suicidam. Não faça isso, Milo. Sua vida é muito valiosa. — O velocímetro alcançou 120, 130. Milo procurou o cinto de segurança, mas não o encontrou.

Sacudi para ele a mão que segurava o charuto.

— Que foi, Milo? Não consegue achar o cinto? — Agora, 150. Uma caminhonete cruzou conosco, o vento de sua passagem me golpeando a cabeça e os ombros. 160. — Pense, Milo! Se está chateado com o presente, com seus pais ou a escola, pense no futuro. Que futuro haverá se essa tendência a não valorizar nada persistir pelos próximos cem anos? Reflita sobre o impacto das novas tecnologias! Manipulação de genes, gerontologia, inteligência artificial, exploração do espaço, armas biológicas, proliferação nuclear! Tudo acelerando esse processo! Pense nos movimentos reacionários brutais que podem surgir — e já estão surgindo, Milo, enquanto conversamos —, alimentados por pessoas que precisam de algo a que se agarrar. Pinte um quadro para você mesmo, *Milo*, do tipo de homem ou mulher que outros cem anos desse processo poderão produzir!

— Do que está falando? — Milo parecia aterrorizado.

— Estou falando da sobrevivência dos valores na América! Nada mais. — Volutas de fumaça serpenteavam diante das luzes do painel e minha voz agora era um grito. Milo se segurava na beira do banco. O velocímetro atingiu 180. — E você, *Milo*, está no âmago desse processo! Se as pessoas continuarem pensando do jeito que você pensa, *Milo*, e jogando revistas de palavras cruzadas pela janela de seus Audis em toda a América, o futuro será cheio de gente sem nenhum valor! Certo, MILO? — Inclinei-me para a frente e, sem olhar para a pista, soprei uma baforada de fumaça em seu rosto. — ESTÁ OUVINDO, MILO? GUARDE MINHAS PALAVRAS!

— S... sim.

— GU, GU, GÁ, GÁ!

Pisei no acelerador até o fim. O vento entrou uivando pela janela, a pista cinzenta voava embaixo de nós.

— Guarde minhas palavras, Milo — sussurrei. — Vinte e cinco horizontal,

oito letras, N-i-h-i-l...

Minha pulsação latejava em meus ouvidos, misturando-se ao coro abafado dos campos e ao ronco do motor. Corpo banhado em suor, dedos comprimindo o charuto, mãos grudadas no volante, fumaça irritando meus olhos. Pisei fundo no freio e reduzi a marcha; a transmissão gemeu dolorosamente e o carro derrapou para fora da pista, passando por cima de um olho de gato e jogando Milo contra o para-brisa. O carro parou com um sacolejo no cascalho do acostamento, bem diante de uma placa com os dizeres: BEM-VINDO A OHIO.

Não havia outras luzes na estrada. Desliguei as minhas e fiquei sentado ao volante, trêmulo, sentindo o frio da noite na pele. Os insetos revoavam. O garoto estava estatelado contra o vidro, que se estilhaçara formando uma estrela logo acima de sua cabeça. Toquei seu cabelo e meus dedos se tingiram de sangue quente. Desci, fui até o lado do passageiro e arrastei o jovem até o campo contíguo à estrada. Era surpreendentemente leve. Deixei-o ali, numa lavoura de soja de Ohio, na noite de um dia de verão.

A cidade de Detroit foi fundada pelo aventureiro francês Antoine de la Motte, senhor de Cadillac e aliado do conde de Pontchartrain, ministro de Estado de Luís XIV, o Rei Sol. Todos esses homens veneravam o deus católico romano, defendiam suas posições políticas e deixavam o futuro em suspenso. Cadillac, que deu nome a um carro americano, procurava uma localização favorável para impulsionar seus próprios interesses econômicos. Desembarcou a 24 de julho de 1701 com cinquenta soldados, número igual de colonos e cerca de cem índios amistosos perto do sítio onde se ergue hoje o Edifício Memorial dos Veteranos, a pouca distância da Estação Rodoviária Greyhound.

O carro não andava bem depois do acidente, relutando em passar para quarta, mas não me importei. O encontro com Milo teve o desfecho exato que deveria ter e fora especialmente agradável porque não houve planejamento. Um acidente — fora de ordem, por assim dizer —, mas como se tivesse sido

meticulosamente pensado de antemão. Entrei em Detroit tarde da noite, pela Rodovia 12, que logo se transformou na avenida Michigan. O ar estava quente e pegajoso. Lembro-me de ter passado diante da fábrica Cadillac; uma profusão de luzes vermelhas, amarelas e verdes refletindo-se em construções despojadas e o cheiro de fumaça de escapamento de carros em todas as ruas. Encontrei o lugar que queria perto do estádio Tiger: casas de penhores, uma loja de conveniência, lavanderias automáticas, botecos escuros com cartazes vermelhos do rum Stroh nas vidraças. Nas esquinas, homens vagando ao acaso para lugar nenhum.

Estacionei numa rua lateral, perto de uma 7-Eleven. Deixei o motor ligado. Na loja, fiquei diante de uma estante de revistas até ouvir o barulho de um motor que se acelerava e avistar o Audi passando pela janela. Comprei um exemplar da *Time* e peguei um ônibus urbano na esquina. Na estação rodoviária Greyhound, comprei uma passagem no próximo ônibus para Toronto e sentei-me para ler o jornal até a hora da partida.

Entramos no ônibus. Do outro lado do rio, paramos na alfândega e descemos de novo.

— Nome? — perguntaram-me.

— Gerald Spotsworth.

— Local de nascimento?

— Calgary. — Dei-lhes meus documentos. A foto do passaporte me mostrava com cabelo. Olharam-me de alto a baixo. E me deixaram ir.

Trabalho na biblioteca da Universidade de Toronto. Sou bastante culto, estudante de história, um sólido cidadão canadense. Ali, levo uma vida sedentária. As estações do metrô são limpas, o povo é amistoso, os restaurantes são excelentes. O céu é azul. Etc. etc.

Voltamos para o ônibus. Eram poucos os passageiros e quase todos logo dormiram. Só havia uma luz no interior escuro: a da lâmpada logo acima de minha cabeça. Eu estava muito cansado, mas não queria dormir. Então me lembrei de que tinha as pílulas de Ruth no bolso de minha jaqueta. Sorri, pensando nos guardas da alfândega. Só restavam na caixa dois comprimidos minúsculos, cor-de-rosa. Eu não sabia o que eram, mas, fossem lá o que

fossem, parti um deles com a unha e engoli metade. O efeito foi imediato. Tudo o que eu podia ver parecia estranhamente nítido. O plástico verde-escuro dos bancos. O tapete de borracha no corredor. Minhas unhas. Todos os detalhes surgiam separados e distintos, embora interdependentes. Devo ter permanecido atento à trama do tecido de minha calça por dez minutos; então, alguém se sentou ao meu lado. Era Ruth.

— Você voltou! — exclamei.

— Todos voltamos — disse ela. Olhei em volta e era verdade: do outro lado do corredor, dois assentos à frente, Milo me espiava sobre o ombro, um fio de sangue escorrendo de sua testa. Um dos cantos de sua boca se erguia, esboçando um sorriso triste. O sr. Graves, no assento da frente, levantou-se e veio apertar minha mão. Vi o cantor gorducho do clube de golfe, ainda nu. O vigia do vestiário. Uma luz bruxuleante no fundo do ônibus; virei-me e lá estava o homem em chamas, os olhos parecendo dois buracos pretos por trás das labaredas dançantes. O guarda do *shopping center*. Heitor, da loja de ferragens. Todos olhavam para mim.

— O que está fazendo aqui? — perguntei a Ruth.

— Não podíamos deixar que continuasse pensando dessa maneira. Age como se eu fosse um monstro. Sou apenas uma pessoa.

— Uma bela jovem — acrescentou Graves.

— As pessoas são monstros — declarei.

— Como você, hein? — perguntou Ruth. — Mas podem ser santas também.

Isso me fez rir.

— Não me venha com trivialidades. Você nem sabe ler.

— E você leva muito a sério esse negócio de leitura. Sim, os tempos mudam. Eu estou ótima, não?

O guarda do *shopping center* se aproximou.

— Na verdade, senhorita, você nos chamou a atenção porque alguém a viu entrando no banheiro dos homens. — Parecia embaraçado.

— Mas ninguém me pegou, não é? — Ruth se recostou no banco e virou-se para mim. — Você tem medo de mudanças. Não admira que tenha voltado

aqui.

— Tudo isso é imaginação minha — disse eu. — Resultado de suas drogas.

— Tudo isso é imaginação sua — repetiu o homem em chamas. Sua voz era um sussurro. — O que vê no futuro é o que está a seu alcance ver. Não tem fé em Deus nem em seus semelhantes.

— Ele tem razão — ponderou Ruth.

— Ora, ora, conversa de drogados.

— Por falar nisso — interrompeu Milo —, descobri onde você achou aquele papo todo. Conversa...

— Esqueça isso — interrompeu Ruth. — Aqui está a verdade. O futuro é apenas um lugar. As pessoas de lá são apenas pessoas. Vivem de modo diferente. Por que não? Elas fazem do mundo o que bem entendem. Ninguém escapa a seus erros humanos fugindo para o passado. — Pousou a mão em minha perna. — Vou lhe dizer o que encontrará em Toronto: outra cidade cheia de seres humanos.

Loucura. Eu sabia que era loucura. Eu sabia que tudo era irreal, mas, de algum modo, estava cada vez mais assustado.

— Então o futuro é apenas uma amplificação do presente — murmurei com amargura. — Mais desgraças ainda.

— É isso aí, cara — disse o vigia do vestiário.

Heitor, que estivera ouvindo em silêncio, observou:

— Para um homem que vem do futuro, você parece mais um nativo.

— Você é um grande merda, cara — exclamou Milo. — “Algumas pessoas se devotam à arte!” Jesus!

Sentia-me completamente tonto.

— Cale a boca, Milo. Ou melhor, vá se foder. — Sacudi a cabeça para que eles desaparecessem. Foi um erro: o ônibus começou a se balançar como um bote; tentei segurar o braço de Ruth, mas não o achei. — Quem está dirigindo esta droga? — perguntei, tentando me levantar.

— Não se preocupe — disse Graves. — Ele sabe o que faz.

— Está com morte cerebral — rosnou Milo.

— Você não pode fazer nada — disse Ruth, obrigando-me a sentar de

novo.

— Ninguém está dirigindo — avisou o homem em chamadas.

— Vamos bater! — Eu estava tão atordoado que a custo controlava o enjoo. Fechei os olhos e engoli em seco. Isso aparentemente ajudou um pouco. Decorreu algum tempo; eu talvez tenha cochilado.

Quando acordei, a manhã ia alta e estávamos entrando na cidade, descendo a avenida Eglinton. O ônibus, afinal, tinha um motorista — um negro esguio, de costeletas bem cuidadas, que usava seu boné do uniforme num ângulo bizarro. Uma placa acima do para-brisa dizia SEU MOTORISTA É RESPONSÁVEL, CORTÊS; e mais embaixo, na placa de identificação, WILBERT CAUL. Foi como se eu saísse de um pesadelo. Senti-me feliz. Espreguicei-me. Um jovem soldado, no banco do outro lado do corredor, olhou para mim; sorri e ele correspondeu ligeiramente.

— Você andou falando sozinho enquanto dormia — disse ele.

— Perdoe-me. Às vezes, tenho pesadelos.

— Sem problemas. Acontece comigo também.

O rapaz tinha um rosto redondo, franco, e sorriu como para se desculpar. Vinte anos, talvez. De onde viriam seus sonhos? Conversamos até o ônibus chegar à rodoviária; ele apertou minha mão e disse que fora um grande prazer me conhecer. Chamou-me de “senhor”.

Eu só voltaria à biblioteca na segunda-feira, de modo que me dirigi à rua Yonge. As lojas estavam cheias, os turistas enxameavam, os cinemas adultos faziam um bom negócio. Policiais de calças com vincos perfeitos e luvas brancas se misturavam aos pedestres. O dia estava claro, sem nuvens, mas a brisa que subia pela rua vinda do lago era fria. Parei na calçada, diante de uma boate de *striptease*, e fiquei vendo as imagens no painel de circuito fechado. A Princesa Laya. Sondra Nieve, a Máquina Humana. A tecnologia substitui o porteiro falante, mas os corpos são mais ou menos os mesmos. A persistência de nossa fé no sexo e nas máquinas é uma prova de nossa capacidade de ter esperança.

Francis Bacon, em sua obra-prima *A Nova Atlântida*, anteviu o mundo utópico que surgiria graças à aplicação da ciência experimental aos

problemas sociais. Bacon, porém, não conseguiu resolver o problema de sua própria época e acabou sendo acusado de receber propina, o que lhe custou uma multa de quarenta mil libras e um tempo atrás das grades na Torre de Londres. Não apelou para Deus, preferindo cultivar as virtudes da paciência e da resignação. Por fim, foi solto. Logo depois, num dia gelado de março, estávamos passeando perto de Highgate quando lhe sugeri que o frio poderia adiar o processo de decadência. Ele ficou entusiasmado com a ideia. Num impulso, parou a carruagem, comprou uma galinha, torceu-lhe o pescoço e encheu-a de neve. Passou a observar, ansioso, o resultado de seu experimento. Infelizmente, ao regatear com o vendedor, ficara exposto, ele próprio, ao frio: apanhou um resfriado que se transformou rapidamente em pneumonia e morreu no dia 9 de abril de 1626.

Tais coisas são imprevisíveis.

Quando o painel começou a repetir as imagens, fiquei entediado, atravessei a rua e perdi-me na multidão.

CHARLES SHEFFIELD

Charles Sheffield (1935—2002) nasceu na Inglaterra e estudou no St. John's College, Cambridge. Foi presidente e membro da Sociedade Astronáutica Norte-Americana, membro da Associação Americana para o Progresso da Ciência, presidente da Escritores de Ficção Científica da América, membro da Sociedade Interplanetária Britânica, palestrante emérito do Instituto Americano de Aeronáutica e Astronáutica, e membro da União Astronômica Internacional. Seus quarenta e um livros publicados incluem best-sellers tanto factuais quanto de ficção. Escreveu mais de cem textos técnicos sobre assuntos que vão de astronomia a sistemas computacionais de grande porte, e foi revisor de textos científicos para a New Scientist, The World and I e Washington Post. Ganhou os prêmios Hugo, Nebula, o japonês Sei-un, o John W. Campbell Memorial e o Isaac Asimov Memorial por trabalhos que contribuíram significativamente para a divulgação e a compreensão da ciência. Sheffield foi o criador da linha Júpiter de ficção científica para jovens adultos, tendo sido o autor ou coautor dos quatro primeiros livros dessa série. Seu livro de 1999, Borderlands of Science, explora as fronteiras da ciência atual para orientação dos novos escritores. Foi casado com a escritora Nancy Kress, que também aparece neste volume.

“Trapalanda” explora vários mitos entranhados na psique humana — a busca, a procura de novas terras e a incoercível necessidade de resolvermos qualquer mistério com que nos defrontamos. O conto de Sheffield põe em cena um grupo que sai à cata de uma coisa e encontra outra (para grande aborrecimento do narrador), ilustrando a antiga verdade de que algumas buscas levantam mais perguntas que respostas.

TRAPALANDA

CHARLES SHEFFIELD

JOHN KENYON MARTINDALE raramente fazia as coisas da maneira convencional. Até que uma passagem aérea de ida e volta em primeira classe e um cheque de dez mil dólares chegassem à minha casa em Lausanne, eu ignorava totalmente sua existência. O bilhete anexo dizia apenas: “Para serviços de consultoria de Klaus Jacobi em Nova York, 6 a 7 de junho”. Fora escrito em seu papel timbrado, com a rubrica JKM. O cheque era do Riggs Bank de Washington, D.C. A passagem, de Genebra a Nova York, fora marcada para 5 de junho, com a volta em aberto.

Eu não precisava trabalhar. Não precisava de dinheiro. Não tinha interesse especial em Nova York e um telefonema transatlântico para John Kenyon Martindale revelou apenas que ele estaria fora da cidade até 5 de junho. Para que me preocupar com ele? Mas é fácil esquecer que a curiosidade matou o gato.

A limusine que me esperava no aeroporto Kennedy levou-me até uma mansão de pedra no East River, cujo jardim chegava quase até a margem. Uma mulher de nariz, queixo e cabelo que lembravam as bruxas das histórias infantis abriu a porta. Conduziu-me escada acima até o quarto andar, enquanto minha bagagem desaparecia lá embaixo juntamente com a limusine. A casa estava impressionantemente silenciosa. O elevador não fez nenhum ruído e, quando saímos dele, o piso acarpetado do corredor não ficava nada a dever às paredes cobertas de tapetes orientais. Eu não estava acostumado a tanto silêncio. Quando fui introduzido numa estufa comprida e escura, cheia

de flores, e me vi na presença de um homem e uma mulher, tive vontade de gritar. Mas apenas observei.

Shirley Martindale era uma morena de cabelos negros, sobrancelhas grossas e pele sedosa, impecável. Não tinha nem um metro e sessenta de altura, mas o corpo era rijo, bem constituído. Em companhia normal, seria o centro das atenções; perto de John Kenyon Martindale, ninguém reparava nela.

John era de estatura média, magro, com uma boca larga e sorridente. Penteava o cabelo fino e cor de palha em linha reta da testa para a nuca. Qualquer outra expressão que pudesse ter estava invisível. Uma espécie de escudo achatado e negro, de uns cinco centímetros de largura, cobria-lhe os olhos de lado a lado. Nessa faixa curva, sombras coloridas se moviam, pequenas faíscas e pontos luminosos vermelhos, verdes e azuis. Eram hipnóticos e moviam-se em padrões que podiam ser seguidos, mas não previstos. Chamavam e prendiam a atenção a tal ponto que levei algum tempo para perceber que John Kenyon Martindale talvez fosse cego.

Mas não agia como uma pessoa que não enxergava. Quando entrei no recinto, ele imediatamente se aproximou e, sem hesitar, apertou minha mão. Um aperto firme, surpreendentemente forte para alguém tão frágil.

— Viagem longa — disse John, uma vez feitas as apresentações. — Quer beber alguma coisa?

Embora a bruxa ainda estivesse ali, esperando, ele próprio preparou as bebidas, partiu o gelo, escolheu as garrafas e despejou as medidas corretas lentamente, mas sem erro. Quando me passou o copo e, sorridente, me disse “Aí está! Que tal?”, olhei para Shirley Martindale e repliquei:

— Perfeito. Mas, antes de brindarmos, gostaria de saber o motivo do brinde. Por que estou aqui?

— Sem rodeios, hein? Você é bem direto. Como na Suíça... embora não seja suíço. — Virou-se para a mulher e as pequeninas luzes piscaram por trás da máscara negra. — Que lhe disse eu, Shirley? Este é o homem. — E, para mim: — Está aqui para ganhar um milhão de dólares. É motivo suficiente?

— Não, sr. Martindale, não é. Não foi o dinheiro que me trouxe. Dinheiro

não me falta.

— Então talvez esteja aqui para se tornar um cidadão suíço. Esta é uma oferta melhor?

— Sim. Se puder pagar adiantado. — Eu já tinha uma ideia do que John Martindale queria de mim. Não sou vidente, mas posso ler e observar. A parede interna da estufa era coberta com mapas da América do Sul.

— Digamos que pagarei metade adiantada. Você terá quinhentos mil dólares em sua conta antes de partirmos. O resto, bem como os papéis da cidadania suíça, estarão esperando quando nós voltarmos da Patagônia.

— Nós quem?

— Você e eu. Outros guias, se precisar. Iremos a um país difícil, mas você deve conhecê-lo melhor que ninguém.

Olhei interrogativamente para Shirley Martindale e ela sacudiu a cabeça com ar decidido.

— Eu não, Klaus. Nem por um milhão de dólares, nem por dez milhões. Isso é com John.

— Bem, minha resposta é não. — Degustei o melhor drinque de pisco que já tomara desde minha última viagem ao Peru e perguntei-me onde ele havia aprendido a técnica. — Sr. Martindale, retirei-me há quatro anos para a Suíça. Desde então não pus mais os pés na Argentina, embora ainda conserve aqueles documentos de cidadania. Se o senhor quer alguém para guiá-lo aos confins da Patagônia, deve haver pelo menos uns dez mais qualificados do que eu. Mas não é esse o ponto. Mesmo quando eu estava no auge da forma física, mesmo quando era jovem e tão ousado que, a meu ver, ninguém conseguiria me ferir ou matar... mesmo então eu me recusaria a conduzir um cego aos lugares altos que vejo aqui nas paredes. Com sua esposa para assisti-lo em suas necessidades pessoais, talvez ainda fosse possível. Sem ela... faz ideia de como é aquele lugar?

— Melhor do que a maioria das pessoas. — Inclinou-se para a frente. — Sr. Jacobi, que tal um pequeno teste? Tire alguma coisa do bolso e mantenha-a à sua frente. Alguma coisa que me seja completamente desconhecida.

Detesto jogos e aquilo parecia um deles; mas havia algo de infinitamente

persuasivo naquele homem magro e jovial. Que teria eu no bolso? Enfiei a mão, tirei minha carteira e peguei uma fotografia. Segurei-a entre o polegar e o indicador a alguns centímetros do rosto atento de Martindale.

— Segure bem firme — recomendou ele. E, enquanto os pontinhos de luz dançavam e piscavam: — É uma fotografia, uma fotografia de mulher. Sua assistente Helga Korein, certo?

Virei a foto e olhei. Era Helga sorrindo para a câmera.

— Aparentemente, você me conhece mais do que eu a você. No entanto, não está totalmente certo. É a fotografia de minha esposa, Helga Jacobi. Casei-me com ela há quatro anos, quando me aposentei. Você não é cego?

— Sob o aspecto legal, sou completamente cego desde meus 22 anos, quando cometi a asneira de bater com um carro de corrida numa mureta de contenção. — Tamborilou no escudo preto. — Sem isto, não consigo ver nada; com isto, não sou cego nem normal. Recebo impulsos de um dispositivo de carga acoplada de diodo diretamente em meus nervos ópticos e os interpreto. Não enxergo nos comprimentos de onda nem com a resolução proporcionados pelo olho humano e o que reconstituo não são as imagens de que me lembro da época anterior ao acidente; mas, seja como for, enxergo. Em outra ocasião terei o prazer de lhe contar tudo sobre essa tecnologia. O que você precisa saber hoje é que poderei enfrentar qualquer jornada. Esteja certo disso. E agora pergunto novamente: irá comigo?

Foi a curiosidade, é claro, que matou o gato. Martindale não me deu nenhuma informação sobre o local aonde pretendia ir — ou quando e por quê. Mas alguma coisa instigava John Martindale e eu queria saber o que era.

Concordei com um aceno de cabeça, agora convencido de que ele perceberia meu movimento.

— Precisamos, é claro, acertar os detalhes; mas, por enquanto, usemos esta velha frase jurídica: há acordo em princípio.

Há acordo em princípio. Com essas palavras, destruí minha vida.

Shirley Martindale foi até meu quarto aquela noite. Não fiquei surpreso. A visão substituta de John Martindale era um milagre da tecnologia, mas tinha lá suas limitações. O aparelho não podia detectar o olhar cambiante de uma mulher nem a projeção milimétrica de um lábio inferior. Eu captei o sinal no primeiro instante.

Não falamos até tudo terminar e ficamos deitados lado a lado em minha cama. Eu sabia que as coisas não acabariam aí. Ela continuava tensa junto ao meu corpo. Esperei.

— John não contou tudo — disse Shirley por fim.

— Sempre há algo mais — concordei. — Mas ele estava certíssimo quanto àquele lugar. Eu próprio o senti muitas vezes.

À medida que a América do Sul se estreita a partir da grande amplitude da bacia amazônica, o frio vai aumentando e se tornando mais cortante. A longa espinha da cordilheira andina perde altitude à medida que avança para o sul, passando de quase sete mil metros nos trópicos a uns modestos três mil. A região é dividida entre a Argentina e o Chile e em suas bordas, começando pelas profundezas geladas do lago Buenos Aires (noventa quilômetros de comprimento por mil e quinhentos de largura, maior que qualquer coisa na Suíça), uma enorme sucessão de lagos de montanha pontilha a fronteira, descendo até a Terra do Fogo e a florescente cidade chilena de Punta Arenas.

Por catorze anos, a fronteira da Argentina com o Chile, entre as latitudes 46 e 50 graus sul, foi meu lar, mais ou menos do lago Buenos Aires até o lago Argentina. Tornei-me mais íntimo daquele lugar do que de qualquer ser humano, inclusive Helga. A vertente leste dos Andes é, ali, um deserto intransitável e ressequido, onde ventos furiosos sopram sem parar durante trezentos e sessenta dias por ano. Vêm das encostas cobertas de neve das montanhas e congelam tudo o que tocam. Eu conhecia a região e amava-a; mas Helga havia me convencido de que não era um retiro aceitável para um homem. Os ventos impetuosos esgotavam a pessoa, eram demais para um sangue velho. Melhor, disse ela, ir embora enquanto eu ainda era relativamente moço e poderia, pelo menos, refazer a vida em algum lugar.

Chegada a hora de embarcarmos no avião que me levaria a Buenos Aires e

dali para a Europa, eu quis rasgar minha passagem. Não sou sentimental, mas só a presença de Helga me convenceu a deixar o Reino dos Ventos.

Agora John Martindale me tentava a voltar lá com algo mais que dinheiro. No fundo daquela estufa-escritório via-se um globo enorme, de mais ou menos dois metros de diâmetro. Devia datar da época em que ele adquirira seus olhos artificiais, pois diferia de todos os outros globos que eu já vira num aspecto importante: era em alto relevo. Os oceanos eram uma superfície macia, enquanto as cadeias de montanhas do mundo inteiro se destacavam da esfera achatada. O grau de relevo fora exagerado, mas tudo estava em proporção. O Himalaia e a cordilheira Karakoro se projetavam alguns milímetros mais que as montanhas Rochosas e os Andes; e estes, por sua vez, se erguiam um pouco mais alto que os Alpes e os montes vulcânicos da Indonésia.

Quando terminei meu drinque, Martindale me levou até o globo. Correu o dedo pela espinha dorsal das Américas, seguindo-a de seus começos no Alasca, passando pelas Rochosas e pela América Central, até o início dos Andes e a região norte do Chile. Quando, finalmente, chegou à Patagônia, seu dedo foi indo mais devagar até parar.

— Aqui — disse ele. — É aqui que começa.

A ponta do dedo repousava numa área que eu conhecia bem, entre o Chile e a Argentina, e com outro lago frio de montanha no centro. Eu sabia que aquele era o lago Pueyrredon; mas, como sucede a extensões de água que ultrapassam a fronteira, tinha um nome diferente no Chile: lago Cochrane. A cidadezinha de Paso Roballo, onde passei umas dez noites em doze anos, fica perto, a nordeste.

Fechando os olhos, eu conseguia visualizar toda a paisagem que o dedo dele tocava. A leste, era seca e poeirenta, sustentando apenas espinheiros e grama rala na superfície negra de camadas vulcânicas; a oeste, havia grama alta e florestas densas de sequoias, ciprestes e faias antárticas. Mesmo na primavera, em fins de novembro, a neve cobria as partes mais elevadas, com as águas dos lagos alimentados pelas geleiras se estendendo, negras, sob um céu azul-escuro.

Eu podia ver tudo isso, mas não achava possível que John Martindale também visse. Seu cérebro cego devia captar as imagens de forma diferente.

— Aqui começa o *quê*? — perguntei, ainda curioso por saber quanta informação ele receberia por intermédio daquele equipamento de cristal inorgânico.

— Aqui começam as anomalias. Essa região apresenta padrões climáticos irregulares que desafiam a lógica.

— Concordo com isso, a partir de minha experiência pessoal. Ela possui o mais curioso padrão de ventos entre todos os lugares da Terra. — O voo fora longo e o dia também; eu já estava me sentindo cansado. Gostaria muito de adiar aquela discussão sobre climas para o dia seguinte; e precisava de tempo para refletir sobre nosso “acordo em princípio”. — Entretanto — continuei —, não vejo por que esses ventos o interessariam.

— Sou meteorologista. Mas espere um instante. — Seu sensor devia ter captado alguma coisa em minha expressão. — Não tire conclusões erradas. Essa é uma profissão perfeita para cegos. Quem consegue ver o clima? Sou dez vezes mais sensível que as pessoas normais ao vento, ao calor, às mudanças na umidade e à pressão barométrica. O que não posso ver são as formações de nuvens, mas elas são consequências e não causas. Consigo deduzir sua aparência por outras variáveis. Há oito anos, comecei a desenvolver meus próprios modelos de computador para os padrões climáticos, analisando as interações entre neve, vento e topografia. Cinco anos depois, concluí que meu método era de aplicação geral e totalmente acurado. Mas então estudei o sistema andino; e numa área (só numa) falhei. — Tocou o globo. — Aqui. Aqui há ventos sem nenhuma fonte sustentadora de energia. Posso definir um padrão de circulação e localizar vórtices, mas não explicar sua natureza.

— A área que está mostrando é conhecida localmente como o Reino dos Ventos.

— Sei disso. E quero ir lá.

Eu também.

Enquanto ele falava, senti uma imensa vontade de voltar, de contemplar

novamente o altiplano das vertentes andinas ocidentais e ouvir a música infernal do vento oeste. Tudo ficara para trás. Eu havia jurado a mim mesmo que a Argentina existia somente no passado, que a magia da Patagônia se desfizera para sempre. John Martindale me oferecia um milhão de dólares e a cidadania suíça — mas, o que era bem mais importante, me oferecia um *pretexto*. E pretexto era o que eu andara buscando inconscientemente durante quatro anos.

Mostrei meu copo.

— Acho, sr. Martindale, que gostaria de mais um drinque.

Ou de dois. Ou de três.

Shirley Martindale agora estava a meu lado, acariciando incansavelmente meu braço.

— Há mais uma coisa. Ele quer entender os ventos, sim; mas quer também encontrar Trapalanda.

Não me perguntou se eu já tinha ouvido falar naquele lugar. Ninguém que passe mais de uma semana na Patagônia central deixa de ouvir. Por trezentos anos, exploradores buscaram a “Cidade dos Césares”, *Trapalanda*, a versão patagônica do El Dorado. Boatos e especulações afirmam que Trapalanda se encontra a 47 graus sul, na mesma latitude de Paso Roballo. Seus fabulosos depósitos de ouro e pedras preciosas atraíram centenas de homens para a morte nos píncaros dos Andes. Ninguém voltou para dizer: “Procurei Trapalanda e não encontrei”. Ninguém voltou, pura e simplesmente. Ninguém, exceto eu.

— Estou desapontado — falei. — Achei que seu marido era um homem mais esperto.

— Que quer dizer?

— Todo mundo quer encontrar Trapalanda. Quatro anos de minha vida foram dedicados a isso e eu tinha o melhor equipamento, as melhores informações. Disse a seu marido que havia muitos outros guias mais experientes, mas estava mentindo. Conheço aquela região como nenhuma outra criatura viva. Ele não vai conseguir.

— Ele acredita ter um conhecimento especial. E você vai conduzi-lo até lá.

Até Trapalanda.

Shirley me conhecia melhor que eu. Antes que ela falasse, eu não sabia o que fazer. Mas estava certa. Esqueçamos o “acordo em princípio”. Irei.

— Quer que eu vá, não? — perguntei. — Entretanto, não compreendo *suas* razões. É casada com um homem muito rico, que parece ter mais dinheiro do que conseguiria gastar.

— John é curioso, sempre curioso. Parece uma criança. Não fará isso por dinheiro. Dinheiro não lhe interessa.

Shirley não havia respondido à minha pergunta implícita. Eu não queria saber dos motivos de John Kenyon Martindale. Queria saber quais as razões *dela* para ele ir. Então me ocorreu que sua presença ali em minha cama já esclarecia tudo. John iria para o Reino dos Ventos. Se encontrasse o que buscava, voltaria com uma enorme fortuna. Se não voltasse, ela seria uma viúva livre e abastada.

— O sexo com seu marido não é satisfatório? — perguntei.

— Que acha? Estou aqui, não? — E logo, mais descontraída: — É pior do que ruim, é terrível. Tão terrível com ele quanto excitante com você. John é carinhoso e solícito, mas preciso de alguém que me possua sem perguntar nada nem dar explicações. Você é um homem forte e, suspeito, frio e egoísta. Desde que estamos juntos, não pronunciou meu nome uma vez sequer e não disse uma palavra carinhosa. Não acha necessário fingir apego. E é sexista. Notei a reação de John quando você informou: “Casei-me com Helga”. John diria outra coisa, talvez “Shirley e eu nos casamos”. — Suas mãos deslizaram por meu braço e me tocaram num lugar mais íntimo. Ela suspirou. — Não me importo com sua atitude. O que John acha difícil suportar, para mim é uma *necessidade*. Você viu o que fez comigo aqui, sem uma palavra. Fez-me tremer.

Virei-me para que nossos corpos permanecessem em estreito contato.

— E John? Por que se casou com você? — Não era preciso perguntar por que ela havia se casado com John.

— Pensa que foi por causa de minha inteligência, minha beleza, meu encanto? Dê-me sua mão. — Delicadamente, passou meus dedos por seu

rosto e seios. — Foi há cinco anos, John já estava cego. Conhecemo-nos e, quando nos despedimos, ele sentiu minha pele. — Sua voz traía amargura. — Sim, ele se casou comigo por causa de minha pele.

De fato, a textura era impressionante. Não consegui sentir nenhuma aspereza, nenhuma imperfeição, nem mesmo o menor dos pelos. Shirley Martindale tinha a pele tépida e perfeita de um bebê de seis meses. Que ficava cada vez mais quente ao meu toque.

Antes de começarmos, ela se ergueu bem acima de mim, apoiando-se nos braços.

— E Helga? Como ela é? Não consigo imaginá-la.

— Você a verá — disse eu. — Amanhã vou telefonar para Lausanne e pedir-lhe que venha a Nova York. Ela nos acompanhará a Trapalanda.

Trapalanda. Foi o que eu disse? Estava cansado e queria dizer Patagônia.

Ergui a mão para acariciar-lhe os seios.

— Agora chega — sugeri. — Chega de conversa. — Os olhos dela estavam escuros, negros como lagos de montanha. Mergulhei em suas profundezas.

Shirley Martindale não conheceu Helga; nem em Nova York nem em lugar nenhum — nunca. John Kenyon Martindale deixou as coisas claras para mim na manhã seguinte, enquanto andávamos pela biblioteca do sétimo andar.

— Não permitirei que Shirley continue nesta casa — explicou. — Não por mim ou por você, nem mesmo por ela própria. Por Helga. Sei como minha esposa a trataria.

Não parecia aborrecido; mas, olhando para a máscara negra do cego, mudei de ideia quanto à sua capacidade de ver com aqueles dispositivos de carga acoplada e feixes de fibras ópticas.

— Ela lhe disse, ontem à noite, por que quero ir à Patagônia? — perguntou, enquanto pegava um livro e o colocava sobre a abertura de uma espécie de forno bojudo com alimentação eletrônica.

Hesitei, mas contei a verdade.

— Ela me disse que você quer ir a Trapalanda.

John riu.

— Quero ir à Patagônia. A maneira mais fácil de fazer isso sem provocar uma discussão com Shirley foi lhe acenar com uma isca de cinquenta bilhões de dólares. O mais estranho, porém, é que ela está certa. Quero encontrar Trapalanda. — Riu de novo, com mais gosto do que suas palavras justificariam.

A máquina preta à nossa frente fez um ruído de satisfação e uma agradável voz feminina começou a ler em voz alta. Era um texto de matemática sobre os fundamentos da geometria. Eu reparara que, embora Martindale se descrevesse como meteorologista, quatro quintos dos livros de sua biblioteca tratavam de matemática e física teórica. Muitas coisas sobre John Martindale não eram o que pareciam.

— A voz de Shirley — disse ele, enquanto, diante da máquina, ouvíamos uma complicada definição da curvatura intrínseca da superfície. — É bastante agradável, não acha, quando sussurra doces semivogais ao nosso ouvido? Tomei-a emprestada para usar neste aparelho de reconhecimento óptico de caracteres, antes de conseguir meus olhos.

— Nunca pensei que existisse no mundo uma máquina capaz de fazer isso — confessei.

— Oh, sim. — Desligou-a e Shirley se calou no meio de uma frase. — E ela não é mais de última geração. Era, quando foi construída, e me custou uma fortuna. Daqui a um ano será uma velharia e surgirão outras do tamanho de um pacote de cereais com capacidade maior. Venha, vamos nos juntar a Shirley para um aperitivo antes do almoço.

Se John Martindale estava furioso comigo ou com sua esposa, soube disfarçar com perfeição. Concluí que a máscara ia muito além do estojo preto.

Cinco dias depois, voamos para a Argentina. Quando Martindale aventou a ideia de estar no Reino dos Ventos a tempo para o solstício de inverno, estação de clima mais anômalo, renunciei a qualquer projeto de voltar para Lausanne. Pedi que Helga pusesse nas malas tudo de que eu precisava e viesse nos encontrar em Buenos Aires. Ela esperaria no aeroporto Ezeiza, sem entrar na cidade propriamente dita, e iríamos logo depois para o sul.

Mesmo que a viagem corresse bem, precisaríamos de sorte e eficiência para chegar perto de Paso Roballo uma semana antes do solstício.

Achei engraçado ver Martindale procurando por Helga na sala de desembarque do aeroporto depois que descemos do avião. Ele vira sua fotografia e eu havia lhe garantido que ela estaria lá. Mas não conseguiu encontrá-la. Em questão de segundos, antes mesmo de ser possível distinguir seus traços, eu a notara. Estava olhando para um livro em seu colo. A cada quinze segundos, sua cabeça se erguia para uma rápida olhada à sala de passageiros e voltava à página. Martindale não a viu até que nos postamos ao lado dela.

Apresentei-os. Helga acenou com a cabeça, mas não disse nada. Levantou-se e abriu caminho. Havia alugado um aeroplano de quatro lugares por prazo indefinido e, à sua maneira eficiente de sempre, já tinha mandado levar nossa bagagem para bordo.

Checagem na alfândega, você pergunta? Sejam realistas. A alfândega argentina não é mais corrupta do que, digamos, a da Bolívia ou do Equador; isso basta. Se John Martindale conseguisse encontrar os lendários tesouros de Trapalanda, muitas e muitas mãos ajudariam a removê-los ilegalmente do país.

Helga nos guiou pelo aeroporto. Segundo parecia, ela não era o que John esperava de minha esposa e pude observá-lo estudando-a meticulosamente. Helga não tinha mais de um metro e meio de altura (eu tenho um metro e oitenta) e seu corpo magro não era simétrico; o ombro esquerdo descaía um pouco e ela forçava ligeiramente a perna esquerda quando andava.

Como eu era o único a ter licença para voar, sentei-me no banco do copiloto, perto de Owen Davies. Eu já havia empregado Owen antes, várias vezes, como piloto. Ele conhecia o Reino dos Ventos e o respeitava. Seria muito cuidadoso. A despeito de seu nome, nascera na Argentina — um galês que, como muitos outros, achava qualquer trabalho preferível ao da fazenda de gado de seus pais. Martindale e Helga se acomodaram atrás, um ao lado do outro, e voamos para Comodoro Rivadavia, na costa atlântica. Era o último aeroporto de verdade que veríamos por muito tempo, a menos que

cruzássemos a fronteira chilena para Cochrane. Eu preferia não fazer isso. Outrora, corríamos o risco de receber alguns balaços de metralhadora dos postos fronteiriços. Hoje, provavelmente, seriam mísseis terra-ar.

Completaríamos nossa carga de suprimentos em Comodoro Rivadavia e, pelo resto da viagem, pousaríamos em sujas pistas de terra. As provisões deviam estar esperando por nós. Enquanto Helga e Owen averiguavam se a entrega continha tudo de que precisávamos, Martindale veio conversar comigo.

— Ela nunca fala? — perguntou. — Ou será apenas por causa da minha falta de encanto? — Não parecia aborrecido, apenas intrigado.

— Dê-lhe tempo. — Virei-me para ver o que Owen e Helga estavam fazendo. Apontavam para três baús abertos de suprimentos e Owen começava a falar alto.

— Notou como ela anda e deixa caído o braço esquerdo?

O escudo preto subiu e desceu, deixando-me subitamente curioso sobre o que haveria por trás dele.

— Cheguei a arriscar uma pergunta nesse sentido — disse John. — Mas ela, muito apropriadamente, ignorou-a.

— Helga não nasceu assim. Quando entrou em meu escritório, há nove anos, supus que se tratasse de um defeito congênito. Ela não disse nada, nem eu. Eu procurava uma assistente que também se interessasse pelas terras altas da fronteira e Helga atendia a essas exigências. Com apenas 21 anos de idade, não tinha experiência, mas eu percebi que era inteligente e logo aprenderia.

— Uma mulher dócil — disse Martindale. — Desculpe-me, continue.

— É necessário ter saúde para suportar temperaturas abaixo de zero a três mil metros de altitude. Uma das condições para eu contratá-la era que se submetesse a um exame físico completo. Ela não queria. Só concordou quando percebeu que seu emprego dependia daquilo. Estava em ótima forma e passou facilmente. Mas o médico, de maneira um tanto imprópria, permitiu que eu visse seu raio X.

As sobrancelhas dele teriam mesmo se erguido por trás daquele visor de obsidiana? Martindale inclinou de leve a cabeça para a direita, sinal de

curiosidade. Helga e Davies se aproximavam.

— Ela foi montada como um quebra-cabeça. Praticamente todos os ossos de seus braços e pernas apresentavam marcas de fratura e reconstituição. As costelas também. Quando criança, havia sido “abusada”, como se diz nestes tempos esclarecidos. Torturada. Desde cedo, aprendeu a ficar quieta. O que de melhor podia esperar era ser ignorada. E você já notou quão invisível ela consegue ficar.

— Nunca o vi com raiva antes — disse John. — Parece o pai dela, não o marido. — Seu tom era calmo, mas algo de novo se ocultava atrás daquela máscara. — Foi por isso que, em Nova York...

— Amanhã — interrompeu-o Owen, às suas costas — o homem terá o resto, segundo diz. Acredito no cara. Eu lhe assegurei que ele era um maldito bastardo e que, se não estivermos de partida ao meio-dia, receberá uma boa lição.

Martindale acenou para mim. A conversa parou por aí. Fomos até a cidade, ao bar de Alberto McShane, em busca dos prazeres incertos de uma noite em Comodoro Rivadavia. Martindale não se deu por vencido. Durante todo o caminho, conversou em voz baixa com Helga. Deve ter recebido, em troca, umas dez palavras no máximo.

Cinco anos haviam decorrido. Alberto McShane nem pestanejou quando nos viu entrar. Anotou meu pedido sem comentários, mas, quando Helga passou por ele, segurou-a com sua mão boa e lhe deu um forte abraço. Ela sorriu como um dia de sol. Estava em casa. Vivera nas imediações do bar *Guanaco* desde os 12 anos de idade, uma pirralha trazida para ali durante o *boom* do petróleo. Quando os pais foram embora, ela ficou: escondeu-se entre os barris de cerveja, na adega de McShane, até o avião decolar. Então pôde se descontraír pela primeira vez na vida. Pobreza e trabalho duro eram um luxo depois do que tinha sofrido.

A decoração do bar não havia mudado desde minha última visita. A garrafa de petróleo sujo e negro (a primeira bombeada em Comodoro Rivadavia, a crermos em McShane) continuava suspensa acima do balcão; ainda se viam, em cada extremidade, a ema e o guanaco empalhados. O tatu de estimação de

McShane, ou seu neto, se arrastava por entre as mesas atrás de poças de cerveja.

Eu conhecia nossos planos de busca, mas Helga e Owen Davies precisavam de informações. Martindale pegou os mapas de navegação de Owen, em escala 1:1.000.000, com as correções e os detalhes locais, juntou-lhes os fotomapas coloridos em 1:250.000, feitos para ele nos Estados Unidos, e espalhou a coleção pela mesa, cobrindo-a toda.

— Daqui até aqui — disse ele. Seus dedos tamborilaram sobre o mapa, indicando a região próxima a Laguna del Sello, e desceram para o sul, até o Lago Belgrano.

Owen observou por alguns instantes e disse:

— Tudo no lado da fronteira. Ótimo. E o que quer fazer nesse lugar?

— Pousar. Aqui, aqui e aqui. — Martindale indicou sete pontos numa linha aproximada norte-sul.

Owen Davies se debruçou sobre o mapa, confirmando cada localidade.

— Lago Gio, Paso Roballo, Lago Posadas. Conheço todos eles. Aterrissagem difícil em dois; e o último ponto está bem no meio do Parque Nacional Perito Moreno, mas podemos achar uma faixa de terreno. — Levantou a cabeça e olhou, não para Martindale, mas para mim. — Ali, porém, não são ainda as terras altas propriamente ditas, que se situam trinta quilômetros a leste. Que pretende fazer quando chegar ao local?

— Sair e olhar para oeste — respondeu Martindale. — Depois lhe direi para onde devemos ir.

Owen Davies não disse mais nada. Entretanto, quando fomos ao balcão pegar mais drinques, ele encolheu os ombros. *Trinta quilômetros a leste*, dizia seu gesto. *Ali não são as terras altas. Ele não encontrará Trapalanda no local onde pretende pousar. Que história é essa, afinal?*

Owen era um sujeito honesto e um grande piloto que fizera sua própria tentativa fracassada de descobrir Trapalanda (às vezes penso que isso se aplica a todas as pessoas abaixo dos 46 graus sul). Achava difícil acreditar que alguém pudesse ter sucesso onde ele não teve, mas não conseguia resistir à tentação.

— O homem sabe alguma coisa que não quer nos contar — disse eu. — Está sonegando informações. Não acha?

Owen concordou com um leve aceno de cabeça. Baús de rubis, toneladas de ouro e prata luziram em seus olhos escuros de galês.

Quando voltamos à mesa, John Martindale havia conseguido o que queria: Helga tagarelava e era toda sorrisos.

— Como *conseguiu* isso? — dizia ela. — Não se pode tocá-lo. O que fez com ele?

O tatu de McShane estava encarapitado sobre a mesa, mastigando gostosamente um pedaço de maçã. Martindale acariciava a crosta áspera de suas placas, atrás do pescoço, e o tatu se esfregava em sua mão.

— Ele acha que sou um tatu também. — Martindale tocou a tela preta que lhe cobria os olhos. — Está vendo? Ambos temos placas. Sou, portanto, da família.

Virou-se para mim. Li satisfação por trás da máscara. *Devo fazer com a sua esposa, Klaus, o que você fez com a minha?*, parecia querer dizer. *A isso se pode chamar justiça.*

Não era o que estava pensando Martindale, conforme concluí. Era o que eu estava pensando. E foi então que minha simpatia por John Kenyon Martindale começou a se transformar em ressentimento.

Ao nível do chão, os ventos oeste escapam dos píncaros dos Andes a uma velocidade de setenta nós ou mais. A uns três mil metros de altitude, sopram a menos de trinta. Owen era um piloto comedido. Voou para oeste a dez mil pés até chegarmos ao ponto de aterrissagem escolhido e nos colocou no solo depois de três guinadas que quase nos fizeram vomitar.

Havia planejado de antemão o pouso. Grande parte da Patagônia é constituída de plataformas niveladas que se erguem como terraços a partir dos altos rochedos costeiros, no oceano Atlântico, até os picos andinos, a oeste. A exceção era a área que agora explorávamos. Erupções vulcânicas haviam acumulado grandes camadas de basalto sobre a superfície. O solo era

rachado e irregular, varrido pelo aguilhão de ventos incessantes. É preciso muita habilidade para aterrissar quando a velocidade do vento excede a de pouso do avião, e Owen a tinha. Estávamos a mais de cem nós quando começamos a descer, leves como uma nuvem de poeira, e fizemos um pouso perfeito.

— Muito bom — disse Owen.

Ele nos pôs numa faixa plana de lava negra, às três horas da tarde. O sol pendia baixo no horizonte, a noroeste, e saímos para enfrentar os dentes afiados de um vento frio e carregado de poeira. As rajadas golpeavam, puxavam e empurravam nossos corpos, tentando nos mandar de volta para o Atlântico. Owen, Helga e eu usávamos capacetes e óculos de proteção contra as nuvens impetuosas de cascalho e areia.

Martindale estava de cabeça descoberta. Instalou um aparelho GPS no chão para confirmar nossa posição exata e olhou para oeste. Com a testa erguida e os cabelos cor de palha flutuando ao vento, fez um ajuste lateral de seu visor e concluiu:

— É lá. Eu sabia que era.

Entreolhamo-nos sem dizer nada.

— O que há lá? — perguntou Helga.

— Já lhes digo, é só esperar. Vou fazer a leitura das altitudes e direções. — Olhou para o sol e para a bússola. Começou a se virar lentamente do norte para o sul. Parava a cada quinze graus, observava o céu limpo e anotava números. Quando terminou, dirigiu-se a Owen: — Tudo bem. Agora, o próximo passo.

— Então é só *isto? Nada mais?* Só o que vai fazer é ficar aí plantado? — Owen pode ser bom em muitas coisas, mas diplomata ele não é.

— Por enquanto... sim. — E Martindale caminhou para o avião.

Não o segui imediatamente. Levantei os óculos e, com olhos lacrimejantes por causa do vento, olhei para oeste. Lá longe, o chão subia para o céu azul-escuro do crepúsculo. Ali começavam os Andes, a menos de trinta quilômetros de distância, estendendo-se numa comprida cadeia de picos cobertos de neve. Andei entre os arbustos e apoiei-me com um braço numa

árvore isolada de uns três metros de altura. Modelada e retorcida pelo vento, tronco e galhos curvados para leste, escondia a fronde do vento oeste mortal. Era a única à vista.

Aquela era a minha Patagônia — a Patagônia verdadeira, terrível.

Senti um leve toque no braço. Era Helga, me esperando. Acariciei-lhe a mão em resposta e ela instintivamente se retraiu. Juntos, seguimos Martindale e Davies de volta ao avião.

— Achei o que procurava — disse Martindale quando estávamos todos instalados em segurança. As rajadas sacudiam e abalavam o avião, ressentindo-se de nossa presença. — Agora já não há mais segredo. Quando o vento se aproxima dos Andes soprando do lado chileno, despeja toda a umidade que absorveu do Pacífico e se acelera. A equação do equilíbrio da energia é a mesma no mundo inteiro. Depende do terreno, da umidade, do calor e das camadas atmosféricas. A mesma equação em toda parte... exceto que, *aqui*, no Reino dos Ventos, algo está errado. As correntes ganham tamanha velocidade que se tornam termodinamicamente impossíveis. Há um mecanismo em ação, bombeando energia para o ar em movimento. Eu sabia disso antes de deixar Nova York; e sabia o que poderia ser. Devia existir um vórtice linear horizontal correndo do norte para o sul e transmitindo energia ao vento oeste. Mas isso também parecia impossível. Assim, eu tinha primeiro que confirmar a existência do vórtice. — Sacudiu a cabeça vigorosamente. — E confirmei. Com meus sensores de visão, posso distinguir os padrões de condensação e rarefação. Em suma, posso ter a prova direta do vórtice. Com mais meia dúzia de leituras, localizarei a origem exata dessa fonte de energia.

— Mas o que isso tem a ver com a descoberta... — Owen se calou e olhou para mim, com ar culpado. Eu havia lhe contado o que Martindale pretendia e lhe pedira que jamais mencionasse sobre o assunto.

— Com a descoberta de Trapalanda? — completou Martindale. — Ora, tem tudo a ver. Há, sem dúvida, um lugar, um ponto específico de onde um gerador transmite energia à linha do vórtice. Se o encontrarmos, encontraremos Trapalanda.

Assim como Deus, Dever ou Paraíso, Trapalanda significa coisas diferentes para diferentes pessoas. Notei, pela expressão de Owen, que um gerador de energia para uma linha de vórtice não era a *sua* Trapalanda, pouco importando o que significasse para Martindale.

Eu havia dito seis dias; só foram necessários três. Na noite de 17 de junho, sentamo-nos à volta da pequena mesa na parte de trás da cabine do avião. Não voaríamos no dia seguinte e Owen aparecera com uma garrafa de *usquebaugh australis*: “uísque do sul”, a pior bebida do mundo.

— A pé — ordenou John Martindale. — Terá de ser a pé. E, só por garantia, um de nós permanecerá no acampamento em contato radiofônico.

— Helga — sugeri. Ela e Martindale sacudiram a cabeça ao mesmo tempo.

— Suponha que seja necessário levar alguém daqui — justificou ela. — Eu não posso fazer isso. Terá de ser você ou Owen.

Pelo menos ela levava a coisa a sério, ao contrário de Owen Davies, que ficara observando, cada vez mais contrariado, Martindale fazer observações atmosféricas em sete lugares. Mais tarde, veio falar comigo a sós.

— Estamos trabalhando para um louco — disse ele. — Não encontraremos tesouro nenhum. Preferiria trabalhar para Diego.

Diego Luria, o “Diego Maluco”, acreditava que a localização de Trapalanda poderia ser deduzida de uma correta exegese do Evangelho de São João. Fizera cinco expedições ao *altiplano*, quatro delas tendo Owen como piloto. A aventura foi mais difícil para Owen do que se possa imaginar, pois Diego vivia dizendo que um sacrifício humano seria necessário para descobrirem Trapalanda. Não acharam nada; mas conseguiram voltar, o que por si só já foi um grande feito.

Martindale concluíra sua própria triangulação correta e havia assinalado um ponto no mapa. Calculara as coordenadas pelo sistema Mercator com aproximação de vinte metros. Aquilo não era muito promissor. Quando voamos o mais perto possível do local designado, vimos que o ponto se

situava a meia altura de uma encosta rochosa, por onde uma série de cachoeiras espalhadas desciam quase a pique.

— Tenho certeza — respondeu ele à minha pergunta tácita. — A diferença é pequena demais para deixar qualquer dúvida. — Mostrou o mapa e, pela janela do avião, contemplou o paredão distante. — Amanhã. Você, Helga e eu iremos. Owen ficará aqui para monitorar nossa frequência de rádio. Se permaneceremos fora do ar mais de doze horas, vá procurar-nos.

Ele estava levando aquilo *muito* a sério. Antes que escurecesse, saí e apontei meu binóculo para o paredão. Segundo Martindale, havia ali um gerador capaz de modificar o fluxo dos ventos ao longo de uma cadeia de montanhas de quatrocentos quilômetros de extensão. Não vi nada, exceto os jorros brancos das cachoeiras e uma raposa cinzenta subindo lentamente pela parede rochosa.

— Acredite em mim. — Martindale havia aparecido de súbito ao meu lado. — Consigo *ver* aqueles padrões de vento quando ponho meus sensores a funcionar nos comprimentos de onda certos. Qual é o seu problema?

— Tamanho — respondi. — Seus sensores conseguem gerar imagens telescópicas?

— Com abertura de dez centímetros.

— Então olhe para lá. Você afirma que encontraremos uma máquina capaz de produzir uma força tremenda...

— Muitos gigawatts.

— ... maior que a de uma usina inteira. E lá não há nada para ver. É impossível.

— De modo algum. — O sol se arrastava pelo horizonte, ao norte. A fina luz do dia durava apenas oito horas e já estava esmorecendo. John Kenyon Martindale olhou para oeste e sacudiu a cabeça. Bateu em seu visor preto. — Olhe bem para isto. Agora pense: se eu quisesse, há cinco anos, comprar um aparelho que fizesse o que este faz, sabe quanto ele pesaria?

— Quanto ele *pesaria*? — Sacudi a cabeça.

— Uma tonelada, pelo menos. E, há dez anos, seria impossível fabricá-lo, por maior que tivesse de ser. Daqui a mais dez, ele caberá dentro de um olho

postigo. A tendência é para a miniaturização, altas densidades de energia, desenho mais compacto. Acredito que o gerador seja pequeno. — Virou-se e me encarou de novo. — Quero lhe fazer uma pergunta, uma pergunta imperdoavelmente pessoal. Você consumou seu casamento com Helga?

Martindale previu minha reação agressiva e se esquivou prontamente.

— Não me entenda mal — disse. — A extrema aversão de Helga a todo contato físico é óbvia. Se for completa, há em Nova York especialistas que talvez possam ajudá-la. Tenho muita influência lá.

Olhei para minhas mãos, que seguravam o binóculo. Estavam tremendo.

— É completa — murmurei.

— Você sabia disso... e ainda assim se casou com ela. Por quê?

— Por que *you* se casou com Shirley sabendo que ia levar chifres? — desabafei, sem esperar nenhuma resposta.

— Ela não lhe disse que foi por causa de sua pele? — Havia uma nota de cansaço na voz de Martindale, que já se virava para ir embora. — Tenho certeza de que sim. Bem, vou lhe contar. Casei-me com Shirley... porque ela queria isso.

Fiquei sozinho na escuridão que ia aumentando. Shirley Martindale tinha me avisado, em Nova York: o marido era uma criança curiosa a respeito de tudo. Inclusive de mim, inclusive de Helga, inclusive de mim e Helga.

Vá se danar, John Martindale. Olhei para a encosta nua e orei para que Trapalanda o engolissem inteiro. Assim, eu não teria mais de suportar aquela voz insidiosa, insistente, a perguntar algo que não se podia responder.

O avião havia pousado na única faixa de terreno plano num raio de quilômetros. Nosso destino estava a pouco mais de dois mil metros, mas por terreno difícil. Teríamos de descer uma ladeira íngreme, percorrer meio quilômetro de solo rochoso, alcançar um riacho turbulento e subir por suas margens até o meio das cachoeiras.

A planura rochosa emitia o brilho translúcido de uma fina camada de gelo. A jornada não podia ser feita na penumbra. Esperaríamos a manhã seguinte e

sairíamos às dez.

Helga e eu fomos para a cama cedo, deixando Martindale com seus cálculos e Owen Davies com seu *usquebaugh australis*. No avião cabiam quatro, mas Helga e eu dormimos fora, numa tenda reforçada trazida para essa finalidade. Tinha 1,5 metro por 2 metros. Instalamos a tenda ao abrigo do avião, no lado em que a força do vento era menor. Fiquei ouvindo a respiração de Helga e percebi, depois de meia hora, que ela continuava acordada.

— Acha que encontraremos alguma coisa? — perguntei baixinho.

— Não sei. — E, depois de um minuto: — Não estou preocupada com isso. Estou preocupada com você, Klaus.

— Nunca me senti tão bem.

— Esse é o problema. Venho observando suas atitudes nos últimos dias. Você gosta deste lugar. Eu nunca deveria tê-lo tirado daqui.

— Não me queixo.

— Isso é parte do problema também. Você nunca se queixa. Gostaria que fosse diferente. — Ela se virou para mim e, por um segundo, imaginei que uma mão avançava no escuro para me tocar. Pura ilusão. Helga continuou: — Quando eu disse que queria deixar a Patagônia e ir para a Europa, você concordou sem discutir. Mas seu coração sempre esteve aqui.

— Bem, não sei... — A mentira ficou parada na minha garganta.

— E há mais. Eu não ia lhe dizer por medo de ser mal interpretada. Mas digo. John Martindale tentou me tocar.

Estiquei o corpo, fui me sentando e senti o tecido áspero da tenda na testa. Lá fora, o vento uivou de repente.

— Está dizendo que ele tentou...

— Não. Estendeu a mão para acariciar a minha. Foi tudo. Não sei por que ele fez isso, mas acho que por simples curiosidade. Observa tudo e vive de olho em nós. Afastei a mão antes que ele a tocasse. Mas isso me fez pensar em você. Não tenho sido uma esposa, Klaus. Você deu o melhor de si e eu me esforcei ao máximo, mas nada melhorou. Seja honesto consigo mesmo:

você sabe que não melhorou. Portanto, se quiser ficar aqui quando este trabalho terminar...

Lamentei vê-la tão confusa e perdida.

— Não vamos falar sobre isso agora — disse eu.

Em outras palavras, odeio falar sobre o assunto.

Tentamos desesperadamente a princípio, com Helga rilhando os dentes a cada toque delicado de minhas mãos. Quando, por fim, percebi que o suor em sua fronte e o tremor em seus membros eram cem por cento medo e zero por cento excitação, desisti. Depois disso, fomos felizes — eu, pelo menos, fui. Não inspirava confiança fisicamente, mas entendia bem o motivo. Agora, com essa viagem e a aparição em cena de John Kenyon Martindale, todo o meu relacionamento com Helga estava ameaçado. E eu não sabia por quê.

— Precisamos dormir bastante esta noite — sussurrei, após mais alguns segundos. — Amanhã será um dia duro.

Helga não disse nada, mas permaneceu acordada por muito, muito tempo.

E eu também, é claro.

A primeira parte do caminho não foi difícil, uma descida por uma encosta suave de basalto desgastado. Owen Davies nos vira partir com um misto de desdém e inveja no rosto. Não íamos achar nada, disso ele estava certo; mas, por outro lado, se por um milagre *achássemos* e ele não estivesse lá para ver...

Levávamos um mínimo de bagagem. Calculei que em duas horas chegaríamos ao nosso destino e não tencionávamos passar a noite ao relento.

Quando chegamos ao terreno rochoso, revi meus cálculos. Cada centímetro quadrado estava coberto por uma camada fina e traiçoeira de gelo transparente. Em princípio, sua presença era impossível. Com aquela temperatura e um ar tão seco, o gelo já teria se transformado em vapor.

Abrimos caminho com cuidado, preferindo o equilíbrio ao progresso. O vento nos acoitava, sempre nos piores momentos. Levamos mais uma hora e meia para chegar ao pé das cachoeiras, de onde avaliamos as dificuldades da

subida. Não parecia tão ruim assim. Havia muitas fendas e protuberâncias para facilitar a escalada.

— É ali — disse Martindale. — Bem ali.

Seguimos a direção que seu dedo apontava. Cerca de vinte metros acima de nossas cabeças, uma das maiores cachoeiras descia cascadeando pelo paredão, numa queda vertical de dez metros.

— A cachoeira? — perguntou Helga. Seu tom de voz dizia mais que as palavras. E o que dizia era: *Aquilo então é o gerador de ventos que sopram a quatrocentos quilômetros por hora? Conte-me outra.*

— Por trás dela. — Martindale percorria a base do rochedo, atrás de um ponto por onde pudesse começar a subida. — As coordenadas estão, na verdade, *dentro* do rochedo. Portanto, teremos de olhar *atrás* da cachoeira. O que significa que precisaremos nos aproximar de lado.

Trouxéramos material de escalada. Mas não o usamos. Martindale encontrou uma fenda diagonal que avançava em um ângulo de trinta graus para o lado do rochedo; e, após segui-la até uma abertura vertical, descobrimos uma borda enviesada que corria em sentido contrário. Mais duas inversões de rota, nenhuma delas difícil, e estávamos num parapeito de cerca de meio metro de largura que se estendia até a cachoeira, passando por trás dela.

Meio metro é muito pouco quando se está a vinte metros de altura, caminhando sobre uma plataforma escorregadia de água. Mesmo ali, os ventos sacudiam incansavelmente nossas roupas. Amarramo-nos uns aos outros, Martindale na frente, e fomos nos esgueirando bem devagar. Quando estávamos a poucos metros da cachoeira, Martindale afrouxou a corda que o prendia a mim e atravessou sozinho a cortina de água.

— Tudo bem. — Precisava gritar para se fazer ouvir acima do barulho da cascata. — Ficou mais fácil. A borda aqui é mais larga. Entra numa caverna na face do rochedo. Venham.

Tínhamos lanternas a pilha poderosas e precisávamos delas. Uma vez atrás da cortina de água, a luz diminuiu até desaparecer. Dirigimos o fecho das lanternas para o fundo da gruta. Estávamos de pé numa superfície plana,

talvez de três metros de largura por quatro de comprimento. Fim do sonho de Owen com incontáveis cavernas repletas de tesouros; fim do meu também, embora menos grandioso que o dele.

A pouco mais de dois metros da borda da plataforma via-se um cilindro azul-escuro, talvez de um metro e meio de comprimento e da grossura da coxa de um homem. Sua superfície era lisa e uniforme, sem sinal de controles ou marcas. Ouvi Martindale grunhir de satisfação.

— Pronto! — exclamou ele. — Aí está.

— É só isto aí?

— Claro. Lembra-se do que eu lhe disse ontem à noite sobre a tecnologia avançada miniaturizando tudo? Eis a fonte da linha de vórtice... a unidade de força para o Reino dos Ventos inteiro.

Deu dois passos na direção do cilindro.

Então Helga gritou:

— Vejam!

A parede vazia do fundo da caverna havia mudado de repente. Em vez da pedra cinzenta e úmida, um retângulo de sombras estriadas se formara, com uns dois metros de altura por um e meio de largura.

Martindale riu, triunfante, e se voltou para nós.

— Não se movam por enquanto. Mas não se preocupem, é exatamente o que eu esperava encontrar. Suspeitei algo semelhante quando percebi pela primeira vez essa anomalia. Os ventos são apenas um subproduto accidental, como um redemoinho. O equipamento talvez esteja um pouco desregulado, mas ainda funciona, disso não há dúvida. Conseguem sentir o arrasto inercial?

Eu estava sentindo alguma coisa, uma força fraca, mas persistente, que me puxava para o retângulo escuro. Inclinei-me para trás, a fim de contrabalançá-la, e observei melhor a abertura. Quando meus olhos se acostumaram, notei que ali dentro não estava completamente escuro. Linhas azuis tênues e luminescentes partiam das bordas da abertura e se dirigiam velozmente para um ponto de fuga no centro. Ali desapareciam, enquanto novos fios azuis se materializavam a distância.

— De onde surgiu essa abertura? — perguntou Helga. — Não estava aí quando entramos.

— Não. É um portal. Que só começa a funcionar quando sente o objeto certo ao alcance. — Martindale deu mais dois passos à frente. Estava agora bem diante da abertura, olhando para algo que eu não podia ver.

— Que é? — perguntei. Apesar da advertência de Martindale, Helga e eu havíamos nos aproximado.

— Um portal, uma entrada para outra parte do universo, construído em torno de uma singularidade linear gravitacional. — Riu. Sua voz parecia meia oitava mais baixa. — Alguém deixou isto aqui para nós, humanos, termos acesso às estrelas. Você queria Trapalanda? Pois aí está ela: a descoberta mais inestimável na história de nossa raça.

Deu mais um passo à frente. A perna em movimento foi se esticando diante dele cada vez mais. Quando desceu, parecia cinquenta metros mais comprida e balançava longe do fragmento minúsculo que era o pé. Ergueu do chão o outro pé e, ao inclinar-se para a frente, todo o seu corpo se enrugou e contorceu, afastando-se de mim. Parecia o mesmo — mas estava a cem metros de distância, carregado para um túnel que se alongava até onde a vista podia alcançar.

Martindale virou-se e estendeu a mão. Um longo braço voou em nossa direção, ainda preso ao corpo distante, e uma mão de tamanho normal saiu da abertura.

— Venham. — A voz estava baixa de novo e estranhamente lenta. — Os dois. Não querem contemplar o resto do universo? Esta é a melhor chance que jamais terão.

Helga e eu demos outro passo à frente, de olhos fixos nas bordas da abertura. Martindale estendeu a mão esquerda também, que se esticou para nós, crescendo rapidamente, até ficar ao nosso alcance. Dei mais um passo e já estava dentro do próprio portal. Não me sentia diferente, mas percebi de novo aquela força que nos puxava para o túnel. Súbito, fui dominado por um medo irracional, esmagador. Tinha de dar o fora dali. Virei-me para sair e vi-

me diante de Helga. Ela estava a uns trinta metros de distância, drasticamente diminuída, desenhada contra uma fina cortina de águas que caíam.

Mais um passo e eu estaria de novo em segurança, livre da abertura e de seu campo magnético contínuo. Mas quando me posicionei para dar esse passo, Helga agiu. Fechou os olhos e deu um passo longo e trêmulo para a frente. Eu podia ver seus lábios se movendo, como em prece. E então, o movimento que eu não podia prever: ela se inclinou para a frente a fim de agarrar convulsivamente a mão estendida de John Martindale.

Ouvi-a arquejar e vi-a tremer. Deu mais um passo. E outro.

— Helga! — gritei, mudando de direção e correndo atrás dela por aquele túnel sem fim. — Por aqui. Vamos sair.

— Não. — Dera outro passo trêmulo e continuava segurando a mão de Martindale. — Não, Klaus. — Estava quase sem fôlego. — Ele tem razão. Esta é a maior de todas as aventuras. Vale qualquer sacrifício.

— Não tenha medo — disse uma voz pouco sonora, trovejante. Era Martindale e, agora, tudo o que eu podia ver dele era sua silhueta reluzente. O homem tinha sido substituído por um contorno luzidio. — Venha, Klaus. Estamos quase lá.

A força de atração se tornou mais forte, puxando cada célula do meu corpo. Olhei para Helga, agora também uma silhueta faiscante como Martindale. Estavam se dissipando, se desvanecendo. Foram-se. Com muito esforço, virei-me e tentei voltar por onde viera. Toneladas pesavam sobre mim, envolvendo cada um dos meus membros. Era como se tentasse carregar o mundo inteiro encosta acima, uma encosta sem fim. Forcei as pernas a dar um pequeno passo. Depois outro. Era impossível perceber se estava realizando algum progresso, pressionado por aquele padrão rumorejante de linhas azuis, todas indo na direção oposta e fazendo de tudo para me empurrar.

Continuei, centímetro por centímetro. Finalmente, avistei a cortina branca da cachoeira, adiante. Ela aumentava de tamanho mas, ao mesmo tempo, perdia os contornos. Meus olhos ardiam. Quando dei o último passo e caí de

rosto no chão de pedra da caverna, a cachoeira era apenas um vapor leitoso e um som de água que escorria.

Owen Davies salvou minha vida ou o que sobrava dela. Fiz minha parte para ajudá-lo. Queria viver quando acordei e, fraco como estava, meio cego, consegui descer o íngreme paredão rochoso. E me arrastava pelo terreno coberto de gelo quando ele me encontrou. Minhas roupas estavam em farrapos, caindo do meu corpo; eu tremia e chorava de frio e medo. Owen me envolveu em sua jaqueta e levou-me para o avião.

Depois, saiu atrás de John Martindale e Helga. Não voltou. Até hoje ignoro se descobriu o portal e entrou ou se sofreu algum acidente no trajeto.

Passei dois dias dentro do avião, sabendo estar muito fraco e com os olhos ruins demais para sequer pensar em voar. Todos os meus dentes da frente tinham desaparecido, de modo que só comi mingau e biscoitos embebidos em chá. Mais três dias e concluí que, se eu próprio não pilotasse, não iria a lugar nenhum. No sétimo, empreendi uma decolagem precária, incompetente, e voei para nordeste guiando-me pelos instrumentos com meus olhos agora míopes. Arrebentei o avião na aterrissagem em Comodoro Rivadavia, fui arrancado dos destroços e mandado para um hospital em Bahía Blanca. Fizeram o que podiam por mim, o que não foi muita coisa. Mas então eu já começava a ter uma vaga ideia do que acontecera a meu corpo e, tão logo o hospital se dispôs a me liberar, peguei um voo para Buenos Aires e viajei imediatamente para Genebra, onde me internei no hospital Lakeside. Removeram as cataratas dos meus olhos. Três semanas depois, eu já enxergava sem aquela névoa que cobria tudo.

Antes de deixar o hospital, insisti num exame completo. Graças ao depósito de meio milhão de dólares feito por John Martindale, dinheiro não era problema. O médico que avaliou os resultados tinha uns 30 anos, um judeu vienense que praticava havia apenas dois anos. Curiosamente, lembrava um de meus primos naquela idade.

— Bem, sr. Jacobi — disse ele após uma rápida olhada no prontuário para se certificar de meu nome —, não há nenhuma anomalia orgânica, nenhum problema cardiovascular, apenas uma leve alteração da circulação. O senhor tem um pouco de osteoartrite nos quadris e nos joelhos. Digo-lhe, com satisfação, que está de um modo geral com ótima saúde para sua idade.

— Se não soubesse — desafiei —, quantos anos diria que eu tenho?

Olhou de novo para o prontuário, mas não encontrou ali nenhuma ajuda. Eu deliberadamente havia deixado em branco o espaço em que o formulário do hospital exigia aquela informação.

— Bem — arriscou ele, com jeito de quem queria ser agradável —, 76?

— Correto — respondi.

Tive a sensação de que ele havia diminuído alguns anos em sua estimativa, só para me fazer sentir bem. Digamos que minha idade biológica era 78 ou 79. Quando voei com John Martindale para Buenos Aires, faltava um mês para eu completar 44.

Fui então para Nova York e me dirigi à casa de John Kenyon Martindale. Encontrei Shirley — encontro rápido. Ela não me reconheceu e eu não me identifiquei. Disse que me chamava Owen Davies. Na ausência de John, expliquei, estava interessado em contatar alguns de seus amigos matemáticos que, segundo ele havia me garantido, eu gostaria de conhecer. Por acaso ela se lembrava dos nomes de alguns deles, de modo que eu pudesse telefonar-lhes antes da volta de John? Shirley, enfadada, saiu e voltou com uma agenda, da qual mencionou três pessoas. Uma de San Francisco, outra de Boston e outra dali mesmo de Nova York, no Courant Institute.

Ele tinha vinte e poucos anos, um belo homem de cabelos encaracolados, olhos azuis brilhantes e sorriso largo. O que o impressionou em minha visita, suponho, não foi o assunto em si: foi a própria visita. Achou estranho que um velhote manco como eu aparecesse em seu escritório para consultá-lo sobre aquele tema de física teórica.

— O que está sugerindo não é apenas *permitido* na visão atual do espaço e do tempo, sr. Davies — disse ele. — É *obrigatório*. Não se pode fazer algo com o espaço (por exemplo, estabelecer uma ligação instantânea entre dois

espaços, conforme sugeriu) sem, concomitantemente, afetar de maneira profunda o *tempo*. Espaço e tempo são, na verdade, uma coisa só. Distâncias e tempo decorrido estão intimamente relacionados como as duas faces de uma moeda.

— E o gerador de vórtice linear? — perguntei. Disse-lhe pouca coisa sobre isso, tanto mais que só sabia o que John Martindale nos explicara.

— Bem, se o gerador de algum modo se aproximasse de um cilindro infinitamente longo e de giro rápido, então sim: a relatividade geral assegura que coisas muito peculiares aconteceriam ali. Digamos, violações da causalidade global, com o “antes” e o “depois” se confundindo, com causa e efeito se misturando, e por aí além. Deus sabe que tempo e espaço equivalem à própria singularidade linear. Mas não me entenda mal. Antes que qualquer dessas coisas pudesse acontecer, você estaria às voltas com um sistema gigantesco, com massa muitas vezes maior que a do Sol.

Resisti à vontade de dizer-lhe que ele estava errado. Aparentemente, o rapaz não tinha a mesma confiança inabalável de John Martindale na ideia de que tecnologia mais avançada significava aumento de capacidade e diminuição de tamanho. Levantei-me e apoiei-me na bengala. Meu quadril esquerdo estava com problemas e doía quando eu andava muito.

— O senhor ajudou bastante.

— Nem tanto. — O rapaz se levantou também. — Por coincidência, darei uma palestra no instituto sobre esses assuntos daqui a duas semanas. Se quiser vir...

Anotei a hora e o lugar, embora soubesse que não compareceria. Fazia três meses que John Martindale, Helga e eu havíamos escalado o paredão e atravessado a cachoeira. O tempo — o meu tempo — era curto. Tinha de voltar ao sul novamente.

O voo para a Argentina decorreu sem incidentes. Comodoro Rivadavia era o que sempre fora. Agora estou sentado no bar de Alberto McShane, bebericando uma última cerveja (tudo o que, hoje, minha digestão permite) e esperando o piloto. McShane não me reconheceu, mas o tatu, sim. Pulou para

a minha mesa e ficou me olhando, como se perguntasse: *E meu amigo John Martindale, onde está?*

Onde, realmente? Vou lhes contar logo. O avião ficou pronto. Iremos para Trapalanda.

Precisarei de todas as minhas forças, mas acho que darei conta do recado. Levaremos equipamento que me ajudará a atravessar o terreno rochoso, coberto de gelo, e a escalar o paredão. Estamos em setembro. O tempo é mais quente e a jornada será mais fácil. Fechando os olhos, posso visualizar o portal por trás da cachoeira, suas profundezas escuras e os raios azuis brilhantes voando para o ponto de fuga.

Trinta e cinco anos. É o que o portal me deve. Ele os sugou do meu corpo enquanto eu tentava recuar contra a força da gravidade. Talvez seja impossível recuperá-los. Não sei. Segundo meu jovem matemático, o tempo é infinitamente fluido, sem mais obstáculos ao movimento através dele do que há numa viagem através do espaço. De qualquer forma, quero meus 35 anos de volta. Se eu morrer na tentativa, não perderei grande coisa.

Aquele portal escancarado, com sua distorção sobrenatural da geometria do mundo, me aterroriza. Tenho mais medo dele do que já tive de qualquer outra coisa. Da última vez falhei, não consegui atravessá-lo; mas agora atravessarei.

Desta vez, conto com algo mais que a curiosidade científica de Martindale para me guiar. Não são pensamentos de perigo ou morte que ocupam minha mente, enquanto estou sentado aqui. O que não me sai da cabeça é a última imagem de Helga estendendo o braço e segurando a mão de John Martindale. Estendendo o braço e segurando a mão de John Martindale voluntariamente. Amo Helga, sei disso, mas não consigo explicar minhas outras emoções: temor, ciúme, ressentimento, esperança, excitação. Ela o *tocou*. Fez isso porque queria tão intensamente cruzar o portal que qualquer medo se tornava insignificante? Ou, depois de trinta anos, encontrou por fim alguém que poderia acariciar sem se encolher ou sentir aversão?

O piloto chegou. Meu copo está vazio. Amanhã saberei.

NANCY KRESS

Nancy Kress escreveu 21 livros: treze romances de ficção científica ou fantasia, um romance para jovens adultos, dois thrillers três coletâneas e dois manuais de composição literária. Entre seus livros estão: Probability Space (conclusão de uma trilogia iniciada com Probability Moon e Probability Sun) e Crossfire. A trilogia aborda a física quântica, uma guerra espacial e a natureza da realidade. Crossfire explora, num universo diferente, vários modos pelos quais a humanidade pode coexistir com alienígenas, embora não entenda bem nem a eles nem a si própria. Seu último romance, Nothing Human, tem por cenário uma terra futura lúgubre, onde os filhos precisam ser geneticamente criados e a chegada de uma raça alienígena traz consigo a perspectiva assustadora de que a próxima geração humana talvez não seja mais humana.

Suas histórias de ficção ganharam três prêmios Nebula: em 1985, por “Out of All Them Bright Stars”, em 1991, pela versão romanceada de “Beggars in Spain” (que ganhou também um Hugo) e, em 1998, por “The Flowers of Aulit Prison”. Suas obras foram traduzidas em sueco, francês, italiano, alemão, espanhol, português, polonês, croata, lituano, romeno, japonês e russo. Ela é também a colunista mensal de ficção na revista Writer’s Digest e professora do Science Fiction and Fantasy Clarion Writer’s Workshop.

Em “The Price of Oranges” [O Preço das Laranjas], epítome de uma história de ficção científica humanista, a viagem no tempo não é por centenas ou milhares de anos: começa e termina no século XX. Contudo, é fácil entender o espanto do pobre viajante face aos eventos que ocorreram

no tempo decorrido entre suas andanças, eventos que ainda estavam por vir em sua própria época — e essa ideia pode ser a mais assustadora de todas.

O PREÇO DAS LARANJAS

NANCY KRESS

— ESTOU PREOCUPADO COM MINHA NETA — confessou Harry Kramer, passando metade do seu sanduíche para Manny Feldman, que o agarrou sofregamente. O sanduíche era grande, com grossos nacos de carne e rábano entre as fatias de pão fresco e crocante. Pombos rondavam o banco do parque, esperançosos.

— Jackie. A neta que escreve livros — disse Manny. Harry se virou para ver se Manny estava mesmo comendo. Não dava para acreditar que o que ele comia era o suficiente: continuava excessivamente magro. Pelo menos na opinião de Harry. Manny, Jackie — o mundo, ele pensava às vezes, se tornara muito magro sem que ele o percebesse. Fraco. Seco. Harry balançou a cabeça, satisfeito, ao ver pedaços de rábano caindo pela barba desgrenhada de Manny.

— Sim, Jackie — suspirou Harry.

— Mas o que há de errado com ela? Doente? — Manny encompridou os olhos para a torta de cereja de Harry, feita com verdadeira massa fermentada. Harry entregou-a a ele. — Mas tudo, Harry? Não vou aguentar.

— Pegue, pegue, não quero. Coma-a você. Não, ela não está doente. Está péssima. — Como Manny, a boca cheia de torta, não respondesse, Harry pousou a mão em seu braço. — *Péssima*.

Manny engoliu apressadamente.

— Como você sabe? Viu-a esta semana?

— Não. Vou vê-la terça-feira que vem. Vai me trazer um livro de um de seus amigos. Fiquei sabendo aqui. — Tirou uma revista do bolso interno do

paletó. Paletó de *tweed* grosso, ainda novo, com botões de madeira. Na capa brilhante da revista, uma mulher sorria desdenhosamente. Uma mulher de faces encovadas, que também não devia ter muito o que comer.

— Isto não é um livro — observou Manny.

— Ela escreve contos também. Ouça. Apenas ouça. “Continuei de pé no quintal, rodeada pelo falso verde brilhante produzido pelos agrotóxicos, e concluí que a terra morrerá. Como poderia ser diferente se nós, humanos, enxameamos sobre ela como vermes na carniça, gerando nosso mofo em profusão e deixando rastros gosmentos pela superfície insensível?” Isso é coisa de mulher feliz?

— Uau! — exclamou Manny.

— E é tudo assim. “Não leia minhas coisas, vovô”, disse ela. “Você não é público para elas.” Então ela sorri, sem jamais mostrar os dentes. — Harry abriu os braços. — Por que seu próprio avô não seria público para elas?

Manny engoliu o último bocado da torta. Os pombos bateram as asas, furiosos.

— Ela nunca mostra os dentes quando sorri? Nunca?

— Nunca.

— Hum! — exclamou Manny. — Vai chupar essa laranja inteira?

— Não, eu a trouxe para você levar para casa. Mas já terminou toda aquela metade do sanduíche?

— Pensei que deveria guardá-lo para mais tarde — disse Manny humildemente. Mostrou a Harry a ponta do sanduíche enrolado no grosso papel pardo, que se projetava do bolso do velho casaco.

Harry esboçou um gesto de aprovação.

— Bom, muito bom. Guarde a laranja também. Eu a trouxe para você.

Manny pegou a laranja. Três adolescentes, com rádios no maior volume, passaram perto. Manny ia levar as mãos aos ouvidos, mas, ante o olhar de ameaça e desdém do jovem de cabelos verdes, pousou-as no colo. O garoto atirou uma lata vazia de cerveja no chão, próximo a seus pés. Ficou toda amassada. Harry fechou a cara, mas Manny não desviou os olhos dele. Quando a cacofonia se foi, Manny disse:

— Obrigado pela laranja. As frutas ficam muito caras nesta época do ano.

— Não em 1937 — replicou Harry, ainda de cenho franzido.

— Não me venha com isso de novo, Harry.

Harry disse, tristonho:

— Nunca vai acreditar em mim? Eu poderia comprar toda essa comida aos preços de 1988? Poderia comprar este paletó? Já viu botões assim em 1988 num paletó novo? Os sanduíches são embrulhados neste tipo de papel desde que éramos jovens? Então! Por que não acredita em mim?

Manny descascou cuidadosamente a laranja. A casca era clara e o miolo tinha sementes.

— Harry, Harry, não comece!

— Por que não vem ao meu quarto e vê?

Manny cortou a laranja.

— Seu quarto! Um cubículo com móveis baratos num hotel da Assistência Social. Por que eu iria? Sei o que há lá: as mesmas coisas que há no meu. Uma cama, uma cadeira, uma mesa, uma chapa elétrica e algumas latas de comida. Melhor encontrá-lo aqui mesmo no parque. Pelo menos, o ar é fresco. — Olhou docilmente para Harry, com a laranja bem segura na mão.
— Não me entenda mal. Não é por falta de confiança que digo isso. Você tem sido bom para mim, considero-o o meu melhor amigo. Me dá coisas gostosas, conversa comigo, é a família que nunca tive. Isso basta, Harry. É *mais* que o suficiente. Não preciso ver como você vive, que é como eu vivo também.

Harry desistiu. Conforme o humor e a ocasião, era absolutamente impossível demover Manny. Ele teimava e não arredava o pé.

— Chupe a sua laranja.

— Está ótima. Fale-me mais de Jackie.

— Jackie... — Harry sacudiu a cabeça. Dois jovens de bicicleta passaram perto. Um deles se inclinou para Manny e surrupiou sua laranja.

— Perdeu, cara!

Harry xingou o garoto. Ou melhor, a garota. Manny se limitou a limpar nos joelhos de sua calça os dedos sujo do suco da laranja.

— Tudo o que ela escreve é tão deprimente assim?

— Tudo — respondeu Harry. — Escute esta. — Sacou de outra revista, menor, de papel barato e com um desenho estilizado das partes íntimas da mulher na capa. Na capa! Harry segurou a revista cobrindo o desenho com a palma da mão, o que lhe dificultava manter as páginas bem abertas enquanto lia. — “Olhou para a mãe da única maneira possível: com desprezo, desprezo por todas as traições e transigências que foram a vida daquela mulher, pelas leves e tristes rugas de derrota em torno de sua boca, pelo vestido brilhante e exagerado, impróprio para sua idade, até para a bolsa de couro, obviamente Gucci, cheia de dinheiro sujo porque ela vendera sua vida a um homem que havia muito deixara de querê-la.”

— Caramba! — exclamou Manny. — E ela escreveu isso de uma *mãe*?

— De tudo. O tempo todo.

— E onde *está* Barbara?

— Em Reno, de novo. Outro divórcio. — Quantos? Depois de dois, já não se conta mais. Harry não contava. Imaginava a vida de Barbara como uma enorme roleta, dessas que se veem na televisão, com homenzinhos prateados entrando e saindo dos buracos vermelhos e pretos. Era de admirar que Barbara ficasse tonta?

Manny disse, medindo as palavras:

— Sempre pensei que havia nela muito amor para dar.

— Para receber — corrigiu Harry, secamente.

— Não estou falando de Barbara e sim de Jackie. Muita... hum... muita doçura. A seu modo.

— A seu modo — resmungou Harry. — Espinhosa. Um cacto. Mas você está certo, Manny. Sei o que quer dizer. Ela precisa apenas de alguém que lhe apare os espinhos. Alguém que também a ame. *Eu* a amo.

Os dois velhotes se entreolharam. Manny murmurou:

— Harry...

— Eu sei, eu sei. Sou apenas um coroa, meu amor não conta. Estou por aí como o ar. “Você é maravilhoso, vovô”, diz ela, sorrindo sem mostrar os dentes. Mas você sabe, Manny... sim, tem razão! — Harry saltou do banco. — Tem! Ela precisa é de um homem jovem que a ame!

Manny parecia alarmado.

— Eu não disse...

— Como não pensei nisso antes!

— Harry...

— E as histórias dela! Repletas de assassinatos horríveis, lugares feios, finais infelizes. Ela precisa de alguém que lhe mostre ser possível escrever também sobre coisas bonitas.

Manny olhava-o fixamente. Harry se sentiu invadido por um arroubo de afeição. Manny devia ter a resposta! O magricela, o excelente Manny!

Manny recomeçou, bem devagar:

— Jackie me disse “Escrevo sobre a realidade”. Foram essas suas palavras, Harry.

— Mas então não há nada de bonito na realidade? Ponha um pouco de beleza na vida dela e seus escritos serão belos. Ela tem *necessidade* disso, Manny. Ela tem necessidade de um cara realmente legal!

Dois homens em trajes de ginástica passaram correndo. O Reebok de um deles pisou um caco de garrafa de cerveja.

— Outra vez! — rugiu o sujeito, inclinando-se para inspecionar a sola do tênis. — Que droga de parque!

— E o que você esperava? — riu o outro, olhando para Manny e Harry. — Daqui a pouco vai querer que o lago Erie seja despoluído...

— Malditos irresponsáveis! — grunhiu o primeiro. E os dois se afastaram, correndo.

— Sem dúvida — prosseguiu Harry —, não será fácil encontrar o tipo de homem capaz de convencer Jackie.

— Harry, acho que você talvez devesse pensar...

— Não aqui — cortou Harry inesperadamente. — Aqui, não. Lá. Em 1937.

— Harry...

— Sim — continuou Harry, sacudindo a cabeça várias vezes. A excitação o imantava como luz, como eletricidade. Que ideia! — Tudo era diferente naquela época.

Manny não disse nada. Quando se levantou, a manga de seu paletó

escorregou e expôs um número tatuado em seu pulso. Disse lentamente:

— Em 1937 também não havia nenhum paraíso, Harry.

Harry tomou a mão de Manny.

— Vou fazer isso, Manny. Encontrar alguém lá para ela. E trazê-lo para cá.

Manny suspirou.

— Amanhã no clube de xadrez, Harry? À uma? Hoje é terça-feira.

— Vou lhe contar então como estou me saindo.

— Ótimo, Harry. Ótimo. Desejo-lhe sucesso. Você sabe disso.

Harry se levantou também, ainda segurando a mão de Manny. Um sujeito cambaleou em direção ao banco e esparramou-se nele. Um cheiro forte de uísque emanava em ondas de todo o seu corpo. Olhou para Manny e Harry com desdém.

— Malditos veados! — rosnou.

— Boa noite, Harry.

— Manny... se você fosse... Dinheiro é o que não falta por lá...

— Amanhã à uma. No clube de xadrez.

Harry acompanhou com o olhar o amigo que se distanciava. Mancava um pouco, o joelho devia estar incomodando-o de novo. Harry queria muito que ele fosse consultar um médico. Talvez o médico descobrisse por que ele era tão magro.

Harry voltou para o seu hotel. No saguão, idosos se acomodavam em sofás de estofamento gasto, queimado de cigarros, lustroso pelo uso. Sempre sentados, pensou Harry — a vida medida pelos fundilhos das calças. Já estava escuro. Ninguém sairia mais até o dia seguinte. Harry balançou a cabeça.

O elevador, parado de novo. Subiu as escadas até o terceiro andar. No meio do caminho, parou, remexeu os bolsos e contou cinco moedas de 25 centavos, seis de dez, oito de um e dois níqueis. Voltou ao saguão.

— Poderiam me trocar estas moedas por duas notas de um dólar, por favor? Notas velhas, de preferência.

A funcionária olhou-o, desconfiada.

— Seu aluguel está em dia?

— É claro que está — respondeu Harry. A mulher, resmungando, deu-lhe o dinheiro. — Obrigado. Você está muito bonita hoje, sra. Raduski. — A sra. Raduski torceu o nariz.

No quarto, Harry procurou seu chapéu. Encontrou-o finalmente sob a cama — como fora parar ali? Espanou-o e colocou-o na cabeça. Custara-lhe 3,25 dólares. Abriu a porta do guarda-roupa, afastou as roupas que pendiam dos cabides — como Moisés apartando o mar, um Moisés redivivo, era o que sempre pensava — e entrou, lembrando mais com o corpo do que com a mente o giro rápido para a direita logo depois da manga cinza de seu belo paletó de lã.

Emergiu no canto vazio de um armazém. Teias de aranha se agarraram a seu chapéu; saíra um pouco mais para a direita. Harry cruzou o espaço vazio de concreto até onde começavam as pilhas de madeira e abriu caminho por entre elas. As pilhas também estavam cobertas por teias de aranha; a construção civil andava meio devagar. Ao sair pela porta do armazém, Harry cruzou com o guarda-noturno que chegava para assumir seu turno.

— Tudo sossegado durante o dia, Harry?

— Como uma igreja, Rudy. — O guarda riu. Ria muito. E não gostava de fazer muitas perguntas. A primeira vez que tinha visto Harry sair do armazém com ar espantado, presumiu sem dúvida que ele iria trabalhar ali. Observando a cara redonda e inexpressiva de Rudy, Harry concluiu que o homem conseguira aquele emprego por ser tio de alguém, primo de alguém, alguma coisa de alguém. Harry não desaprovava esses expedientes; as famílias devem mesmo cuidar de seus membros. Disse a Rudy que perdera sua chave e pediu-lhe outra.

Lá fora, anoitecia. Harry pôs-se a caminhar. Pessoas passavam por ele, andavam ao lado dele ou do outro lado da rua. Todas usavam chapéus. As mulheres protegiam o nariz com véus de lã ou veludo, enfeitados com pintinhas, e trajavam vestidos graciosos com estampas discretas. Os homens exibiam chapéus tipo fedora com paletós tão largos quanto o de Harry. No parque, viu meninas com saias pretas muito justas, muito compridas, e

sapatos grossos; as camisas dos meninos eram cuidadosamente abotoadas. Todos se vestiam como se fosse domingo de manhã.

Lojas e barracas ladeavam as calçadas. Harry comprou um par de meias de lã grossa, na cor cinza, por 89 centavos. Quando o homem pegou sua nota, Harry conteve o fôlego: a primeira vez sempre lhe dava um aperto no estômago. Mas ninguém repara na data de cédulas antigas. Comprou duas laranjas por cinco centavos cada e depois, pensando em Manny, mais uma. Numa confeitaria, adquiriu *G-8 And His Battle Aces* por quinze centavos. Na Collector's Cozy, em outra época, lhe dariam trinta dólares por ele. Finalmente, comprou uma Cherry Coke por um níquel e dirigiu-se ao parque.

— Oh, me desculpe — disse um jovem que esbarrou nele na calçada. — Sinto muito! — Harry observou-o atentamente. Mas não. Muito jovem. Jackie tinha 28 anos.

Algumas crianças passaram correndo em direção ao cinema. Spencer Tracy em *Marujo Intrépido*. Harry sentou-se num banco de madeira verde, sob dois belos olmos holandeses. No banco, ficara uma revista. Harry olhou para saber que dia de setembro era aquele: era 28. A capa mostrava um jovem soldado nazista loiro fazendo sua marcial saudação. Harry pensou de novo em Manny, franziu o cenho e virou a revista com a capa para baixo.

Durante uma hora, Harry estudou as pessoas que passavam por ele. Quando ficou muito escuro para ver, voltou ao armazém e no caminho comprou uma torta de maçã numa padaria. Atrás de uma cortina diante do balcão, um homem em mangas de camisa comia um ensopado numa mesa banhada suavemente por uma lâmpada amarela. A torta custou 32 centavos.

Chegando ao armazém, Harry usou sua chave para abrir a porta, passou por Rudy, que lia a *Paris Nights*, e dirigiu-se ao canto cheio de teias de aranha. Emergiu do guarda-roupa para seu quarto no terceiro andar. Lá fora, sirenes gritavam como se não fossem se calar nunca.

— E então, como está indo? — perguntou Manny. Deixava cair migalhas de torta de maçã no tabuleiro de xadrez, que Harry limpava. Manny forçou-o a

ceder um cavalo.

— Vou precisar de tempo para achar alguém que sirva — disse Harry. — Gostaria de tê-lo já na próxima terça-feira, quando jantarei com Jackie, mas não sei. É difícil. Há exigências. Ele precisa ser jovem, mas atraente e maduro o bastante para entender Jackie. Precisa ser gentil o bastante para lhe fazer bem, mas forte o bastante para não se apavorar com um salto de 52 anos no tempo. Um homem educado. E um homem educado... deve ficar mais curioso que aturdido com meu guarda-roupa, não acha?

— Melhor prestar atenção à sua rainha — aconselhou Manny, movendo sua torre. — Então, como irá encontrá-lo?

— Isso vai levar algum tempo — suspirou Harry. — Mas estou me esforçando.

Manny sacudiu a cabeça.

— Você tem de trazer alguém aqui, tem de convencê-lo de que ele *está* aqui, tem de impedi-lo de virar as costas e voltar correndo pelo meio de suas camisas... Não sei, não, Harry. Estive pensando. A coisa não é tão simples. E se você cometer um erro? Arrancar alguém importante do ano 1937?

— Não vou pegar ninguém importante.

— Mas se, por engano, trouxer seu próprio avô e alguma coisa lhe acontecer?

— Meu avô já estava morto em 1937.

— E se me trouxer? Eu já estou aqui.

— Mas não vivia aqui em 1937.

— E se trouxer *você*?

— Eu também não vivia aqui.

— Suponhamos então que...

— Manny — cortou Harry —, não vou escolher ninguém importante. Não vou escolher alguém que conhecemos. Não vou trazer alguém em caráter permanente. Vou trazer apenas um sujeito legal para Jackie se encontrar com ele, sair para dançar, conviver com uma pessoa diferente. Ter outra visão das coisas. Descobrir que existe inocência. Estou certo de que aqui há pessoas

capazes de fazer isso, mas não conheço nenhuma, não sei como apresentaria alguma a Jackie. Lá, conheço. Isso é muito complicado? Muito imprevisível?

— Sim — respondeu Manny. Estava de novo com aquele ar de teimosia. Como uma pessoa tão mirrada podia ser tão teimosa? Harry suspirou e moveu seu cavalo solitário.

— Comprei umas meias para você.

— Obrigado. Esse cavalo aí não vai ajudá-lo muito.

— Leituras. É o que havia lá e não há aqui. Todo mundo lia. Nada de televisão, o cinema era caro e eles recorriam à leitura grátis.

— Eu me lembro — disse Manny. — Era jovem. Harry, a coisa não é tão simples assim.

— É — teimou Harry.

— Mil novecentos e trinta e sete não era tão simples.

— Vai funcionar.

— Xeque — anunciou Manny.

Naquela tarde, Harry recuou outra vez no tempo. Agora, era a tarde de 16 de setembro. Nas bancas, o *New York Times* informou que o presidente Roosevelt e John L. Lewis haviam conversado agradavelmente na Casa Branca. Os cigarros custavam treze centavos o maço. As mulheres vestiam meias de algodão e sapatos desajeitados de salto alto. Os melhores chocolates da Schrafft saíam por sessenta centavos a libra. Garotinhos chamavam Harry de “senhor”.

Ele ouviu seis palestras em dois dias. Uma tal madame Trefania discorreu sobre teosofia para um salão repleto de mulheres malvestidas e de finos lábios franzidos. Um sindicalista agitou a tal ponto o público que Harry saiu depois de apenas trinta minutos. Um missionário magrinho e nervoso exibiu *slides* de postos avançados religiosos na China. Um arqueólogo, de volta de uma escavação mexicana, falou em tom seco e impaciente sobre templos para uma audiência de três pessoas. Um democrata do New Deal conclamou as pessoas, com fogo e paixão, a ajudar os pobres e acabou por chamar todas as mulheres presentes de “irmãs”. E, quando Harry já desanimava, encontrou o que queria.

Um museu anunciava uma série de palestras sobre o tema “Ciência Hoje — e Amanhã”. Harry ouviu um jovem esguio, de barba ruiva, falar com entusiasmo idealista sobre viagens à Lua, aos planetas, às estrelas. Harry achou que, em comparação com as estrelas, 1989 estava razoavelmente perto. O jovem tinha olhos castanhos afetuosos e algum senso de humor. Ao falar da vida numa espaçonave, mencionou de passagem que as mulheres ficariam livres de boa parte de suas tarefas domésticas. Ao longo da palestra, fumou vários cigarros, acendendo-os com as mãos em concha e um brilho viril nos olhos. A imaginação, afirmou ele, era a qualidade humana que mais ajudaria as pessoas a se ajustarem ao futuro. Seus sapatos estavam cuidadosamente engraxados.

Mas acima de tudo, pensou Harry, aquele rapaz tinha *brilho*. O brilho de um belo escoteiro que lembrava as velhas capas do *Saturday Evening Post*. Que aqui custavam cinco centavos.

Após a palestra, Harry continuou em sua poltrona da primeira fila enquanto a garota de batom vermelho vivo não desgrudava de Robert Gernshon. De vez em quando, Gernshon olhava para Harry com inequívoco interesse. Por fim a garota, encurvando graciosamente os lábios vermelhos, foi embora.

— Olá — disse Harry. — Sou Harry Kramer. Gostei de sua palestra. Tenho algo muito interessante a lhe mostrar.

Os olhos castanhos se encheram de cautela.

— Oh, não, não! — apressou-se Harry a dizer. — Algo *científico*. Olhe para isto. — E mostrou-lhe um Vantage Light com filtro.

— Comprido... — disse Gernshon. — De que é feito?

— O filtro? É feito de... um novo material. Suaviza o gosto e retém parte da nicotina. Para você seria ótimo. E que tal isto? — Passou a Gernshon um copo plástico do McDonald's. — Também é feito de um material novo. Muito barato. Descartável.

Gernshon apalpou o copo.

— Quem é você? — perguntou em voz baixa.

— Um cientista. Estou igualmente interessado na ciência do amanhã. Como você. Gostaria de convidá-lo para ver meu laboratório, em minha casa.

— Em sua casa?

— Sim. Uma visita rápida, você sabe. — Harry começou a achar que estava falando demais; os olhos castanhos e jovens miravam-no fixamente. *Jackie*, pensou. Terras mortas. Vermes e podridão. Desprezo pelas mães. Que diria Gernshon? Quando Gernshon diria *alguma coisa*?

— Obrigado — disse o rapaz finalmente. — Quando seria mais conveniente?

— Agora? — perguntou Harry. Tentou se lembrar da hora. Mas só conseguia se lembrar de salas de palestra.

Gernshon acompanhou-o. Eram nove e meia da noite, sexta-feira, 17 de setembro. Harry conduziu o rapaz pelas ruas, tentando conversar animadamente para distraí-lo. Disse que também se interessava muito por viagens às estrelas. Que sempre sonhara em visitar outro planeta e respirar a plenos pulmões um ar totalmente despoluído. Que seus grandes heróis eram os biólogos criadores do modelo em dupla hélice do DNA. Que a ciência era sua vida. Gernshon ia andando cada vez mais silencioso.

— É claro — teve o cuidado de explicar —, como a maioria dos cientistas, estou mais familiarizado com o meu próprio campo. Você entende.

— Qual é o seu campo, dr. Kramer? — perguntou Gernshon em voz baixa.

— Eletricidade — respondeu Harry, golpeando-o na nuca com um castiçal de bronze que tirou do bolso do paletó. O castiçal lhe custara três dólares numa loja de penhores.

Haviam passado pelas lojas e barracas, chegando ao ponto onde começavam os escritórios e armazéns, já fechados. Não havia transeuntes, assaltantes, laráprios, Anjos da Guarda ou gangues de punks. Só ele, atacando um homem desarmado com um castiçal. Não era muito melhor que os punks. Mas o que poderia ter feito? O *quê*? Apenas golpeá-lo o mais leve possível, tão leve que Gernshon já se remexia antes mesmo de Harry amarrar-lhe os pés e as mãos, vendá-lo e amordaçá-lo.

— Sinto muito, sinto muito — repetia ao ouvido de Gernshon, para quem aquelas desculpas não pareciam fazer nenhuma diferença. Harry carregou-o para o armazém.

Rudy dormira em cima das *Spicy Stories*. Resfolegando, Harry arrastou o jovem — ele não chegava a pesar setenta quilos, de modo que Harry fizera bem em escolher um homem magro — para o canto distante, atravessou a porta e emergiu no guarda-roupa.

— Ouça — disse apressadamente a Gernshon após remover sua mordaca.
— Ouça. Posso chamar a emergência médica caso sua cabeça esteja machucada. Sente-se tonto? Acha que poderá desmaiar?

Gernshon, estirado no tapete de Harry, fitava-o sem dizer nada.

— Ouça. Sei que isso pode ser um pouco perturbador para você. Não sou bandido nem policial, apenas um avô com um problema. Minha neta. Preciso de você para resolvê-lo, mas não quero exigir muito de seu tempo. Está perto do lugar onde deu sua palestra. E também muito longe. Entretanto, não vai se demorar aqui, prometo. Depois de duas semanas, no máximo, voltará. Juro pelo túmulo de minha mãe. E sua estadia valerá a pena. Juro.

— Desamarre-me.

— Sim, é claro. Agora mesmo. Mas não deverá me atacar, pois sou o único capaz de mandá-lo de volta. — Teve uma súbita inspiração. — Sou como um cônsul estrangeiro. Já viajou para outros lugares?

Gernshon passeou os olhos pelo quarto sujo.

— Desamarre-me.

— Farei isso. Em dois minutos. Em cinco, no máximo. Mas antes preciso explicar-lhe uma coisa.

— Onde estou?

— Em 1989.

Gernshon permaneceu calado. Harry, falando aos tropeços e o mais rápido possível, garantiu-lhe que podia ir de 1989 a setembro de 1937 quando quisesse e também levar Gernshon de volta sem problemas. Disse ter feito a viagem várias vezes e era uma viagem segura. Explicou-lhe que um modesto cheque da assistência social, à falta de uma aposentadoria, podia comprar muita coisa aos preços de 1937. Mencionou a torta de Manny. Só tocou de passagem no problema de Jackie, achando que aquela não era a hora de tratar de assuntos domésticos, e nem citou seu guarda-roupa, do qual era difícil

manter os olhos afastados. Não disse como as pessoas podiam ser amargas em 1989, perdidas, esperando tanta coisa que nada as contentava, nada as surpreendia agradavelmente. E já preparava uma tirada sobre inocência quando Gernshon disse de novo, num tom diferente:

— Desamarre-me.

— Sim — concordou Harry, resignado. — Não espero que acredite em mim. Como acreditaria que está em 1989? Vá, veja por si mesmo. Repare nesta luz, ainda é de manhãzinha. Apenas tome cuidado lá fora, nada mais. — Desamarrou Gernshon e ficou de pé com os olhos semicerrados, aguardando.

Como nada o feriu, abriu os olhos. Gernshon estava na porta.

— Espere! — gritou Harry. — Vai precisar de mais dinheiro! — Enfiou a mão no bolso e sacou uma nota de vinte dólares, cuidadosamente economizada para a ocasião, e umas poucas moedas.

Gernshon examinou-as com atenção e ergueu os olhos para Harry. Não disse nada. Abriu a porta e Harry, ainda trêmulo, sentou-se em sua poltrona, para esperar.

Gernshon voltou três horas depois, pálido e suado.

— Meu Deus!

— Sei o que quer dizer — suspirou Harry. — Um verdadeiro zoológico lá fora. Beba alguma coisa.

Gernshon engoliu o líquido que Harry preparara no copo onde guardava a escova de dentes. Reparou na garrafa que Harry deixara sobre a cômoda: Seagram's V. O., com o rótulo complicado e finamente impresso. Jogou longe o copo e cobriu o rosto com as mãos.

— Sinto muito — desculpou-se Harry. — Mas, também, essa bebida só custa 3,37 dólares.

Gernshon não se moveu.

— Realmente, sinto muito — insistiu Harry. Ergueu ambas as mãos com as palmas para cima e deixou-as cair, desalentado. — Talvez... talvez queira uma laranja?

Gernshon se recuperou mais depressa do que Harry poderia imaginar. Uma hora depois, estava sentado na poltrona surrada de seu anfitrião, fazendo perguntas sobre foguetes espaciais; duas horas depois, tomava notas; e, decorridas três, era de novo o jovem inteligente e cativante da sala de palestras. Harry, respondendo tanto quanto podia e com a paciência que encontrava, ficou impressionado com a facilidade de adaptação do rapaz. Não podia ter sido tão fácil. E se ele, Harry, pulasse mais 52 anos? E se fosse parar de súbito em 2041? Deu de ombros.

— Sabe que um ingresso de cinema agora custa seis dólares?

Gernshon piscou.

— Estávamos falando sobre o pouso na Lua.

— Não mais. Agora *eu* quero lhe fazer algumas perguntas, Robert. Acha que a Terra está morta, com pessoas caindo sobre ela como abutres famintos de carniça? Esse pensamento cruzou sua mente?

— Eu... não.

Harry sacudiu a cabeça.

— Bom, muito bom. Você olha sua mãe com desprezo?

— Claro que não. Mas, Harry...

— Não, é a minha vez. Julga que, se uma mulher se casou e o casamento não deu certo, mas produziu pelo menos um filho saudável (uma menina, digamos), a vida dessa mulher foi um fracasso, uma derrota?

— Não. Eu...

— Que diria se visse as partes pudendas de uma mulher desenhadas na capa de uma revista?

Gernshon enrubesceu. Parecia que o rubor o incomodava, sem que ele pudesse fazer nada a respeito.

— Cada vez melhor — disse Harry. — Agora, reflita cuidadosamente sobre a próxima pergunta. Sem pressa. A realidade pode também ter beleza e não apenas feiura? Pense pelo tempo que quiser.

Gernshon ficou olhando para ele. Harry percebeu que, conversando, tinham passado da hora do almoço.

— Mas não por todo o tempo do mundo, Robert — completou.

— Penso — respondeu Gernshon — que há no mundo mais beleza que feiura. E, também, mais estranheza que qualquer outra coisa. Muito mais. — Pareceu meio tonto de repente. — Sinto muito, eu apenas... tudo isso aconteceu tão...

— Coloque a cabeça entre os joelhos — sugeriu Harry. — Assim... Melhor agora? Ótimo. Quero que conheça uma pessoa.

Manny estava sentado no parque, em seu banco de fim de tarde. Quando viu os dois, seu rosto se cobriu de rugas melancólicas.

— Harry, onde esteve nos últimos dois dias? Fiquei preocupado, fui ao seu hotel...

— Manny — disse Harry —, este é Robert.

— Estou vendo — resmungou Manny, sem estender a mão.

— É *ele* — anunciou Harry.

— Harry, ah, Harry...

— Como vai, senhor? — cumprimentou Gernshon, de mão estendida. — Temo não ter ouvido seu nome completo. Eu sou Robert Gernshon.

Manny olhou para ele — para a mão estendida, para o terno folgado com gravata larga, para o sorriso deferente, para o brilho à Baden-Powell. E seus lábios formaram silenciosamente uma palavra: “senhor?”

— Tenho muita coisa para lhe contar — disse Harry.

— Então conte para todos nós — sugeriu Manny. — Aí vem Jackie.

Harry ergueu a cabeça. Do outro lado do parque, uma mulher de jeans caminhava na direção deles.

— Manny! Mas ainda é segunda-feira!

— Pedi a ela que viesse — explicou Manny. — Você esteve ausente de seu quarto por dois dias, Harry, e ninguém no hotel sabia onde...

— Mas *Manny* — disse Harry, enquanto Gernshon, curioso, olhava de um para o outro e Jackie, se aproximando, acenava para todos.

Emagrecera, notou Harry. Em apenas duas semanas, suas bochechas murcharam, deixando à mostra novas linhas muito finas perto dos olhos. Linhas quase imperceptíveis, mas que o encheram de tristeza. Jackie trajava uma camiseta azul com os dizeres A VIDA É UMA DROGA — E LOGO VOCÊ MORRE.

Segurava uma revista e uma latinha de refrigerante disfarçada como *spray* de cabelo.

— Vovô! Você aqui! Manny disse...

— Manny estava errado — cortou Harry. — Jackie, querida, você parece... como é bom vê-la! Quero que conheça Robert. Meu amigo. Robert, esta é Jackie Snyder.

— Olá — disse Jackie. Abraçou Harry e depois Manny. Harry notou que Gernshon olhava muito para as calças apertadas da jovem.

— Robert é... cientista — disse Harry.

Fora a coisa errada a dizer e Harry soube-o no momento em que a disse. A ciência — qualquer ciência — era, por um motivo não inteiramente claro para ele, um assunto que irritava Jackie. Ela afastou os longos cabelos dos olhos e disse:

— Ah, é? Não um *químico*, espero.

— Na verdade, não sou cientista — confessou Gernshon de cabeça erguida. — Apenas um diletante. Popularizo novos conceitos científicos, escrevo sobre eles para torná-los inteligíveis.

— Como assim? — perguntou Jackie.

Gernshon abriu e fechou a boca. Um garoto passou de repente por ele de *skate*, segurando uma caixa de som. O barulho encheu o ar. No alto, voava um jato. Gernshon sorriu, desanimado.

— É difícil explicar.

— Sou capaz de entender — disse Jackie rispidamente. — As mulheres também *podem* entender ciência, sabia?

— Jackie, minha querida — interpôs-se Harry —, o que tem aí? Seu novo livro?

— Não — respondeu ela. — É aquele que eu prometi trazer, de um amigo. Brilhante. Fala de um homem cujo sócio o trai vendendo-se ao crime organizado e depois põe a culpa nele. Na cadeia, o coitado encontra um sujeito que fundou sua própria religião, a Casa do Divino Desespero; quando saem, os dois iniciam um novo negócio, a Suicídios S/A, que por uma

quantia módica ajuda pessoas a se matarem. O livro é uma dramática denúncia da América contemporânea.

Gernshon disse alguma coisa.

— Trata-se de uma comédia — explicou Jackie.

— Parece... parece um tanto deprimente — murmurou Gernshon.

Jackie olhou para ele e retrucou com voz bem clara:

— É a realidade.

Harry percebeu que Gernshon passeava os olhos pelo parque. Um homem, sentado num banco, com as mãos espalmadas nos joelhos, acenou para ele. Jornais e embalagens do McDonald's revoavam na poeira. Uma lata de lixo estava cheia até as bordas. Atrás de uma árvore mirrada, rodeada por uma cerca de tela metálica quase da altura de um homem, uma criança espiava com olhos envelhecidos.

— Eu lhe trouxe mais uma coisa, vovô — disse Jackie. Harry desejou que Gernshon notasse a doçura na voz da jovem quando ela falava com o avô. — Um cachecol. Veja, é lã de lhama. Muito quente.

Gernshon disse:

— Minha mãe tinha um parecido com esse. Não, acho que o dela era de algum tipo de pele.

O rosto de Jackie se contraiu.

— Que tipo?

— Eu... eu não sei bem.

— Não de uma espécie em risco de extinção, espero.

— Não. Não era. Estou certo de que não.

Jackie continuou fitando-o por mais alguns instantes. O menino que os espiava se aproximou. Harry viu Gernshon olhar para o garoto com alívio. Com cerca de 11 anos, vestia uma roupa bem cortada e sapatos italianos. Manny se interpôs entre o garoto e Gernshon.

— Jackie, querida, é bom ver você...

O menino se achegou a Gernshon pelo outro lado. Mantinha os olhos baixos e sua voz era infantil, suave, quase um sussurro.

— Crack...

— Que desgosto vai dar à sua mãe! — entoou Gernshon, sorrindo para Harry. Era um sorriso de cumplicidade, para dizer que as crianças, pelo menos, não haviam mudado em cinquenta anos. O garoto ergueu os olhos para Gernshon.

— Está falando de minha mãe?

— Não — interveio Jackie. — Ele não quis dizer nada. Esqueça.

— Não vou esquecer — resmungou o menino. E afastou-se lentamente.

Gernshon franziu o cenho.

— Sinto muito. Não sei bem o que aconteceu, mas sinto muito.

— Está brincando? — disse Jackie, irritada. — Que diabos foi *aquilo*? Não vê que este parque é o único lugar onde Manny e meu avô podem respirar um pouco de ar puro?

— Eu não...

— Aquele pivete falava sério quando disse que não iria esquecer!

— Não gosto de seu tom — disse Gernshon. — Nem de seu jeito de falar.

— Meu jeito de falar! — Os cantos da boca de Jackie se encurvaram. Manny olhou para Harry e pôs as mãos diante de seu rosto. O menino, a uns seis metros de distância, subitamente emitiu um som parecido ao rugido de um animal, tão alto que os quatro se voltaram. Dois adolescentes robustos avançavam contra ele. O rosto do menino, descomposto, agora parecia bem mais jovem. Correu, tropeçou, gritou de novo e, imagem viva do terror, voou para a rua atrás do banco do parque.

— Não! — bradou Gernshon. Harry se virou, mas Gernshon já não estava mais lá. Harry viu o caminhão de doze rodas, ouviu o grito de Jackie, viu o corpo rijo de Gernshon fundir-se com o do garoto. O caminhão passou, com os freios rangendo.

Gernshon e o garoto se levantaram, do outro lado da rua.

Buzinas soaram. O menino bradou:

— Minha roupa! Você rasgou minha roupa!

Uma luz vermelha surgiu e um carro de polícia parou. Os dois adolescentes robustos sumiram e depois o garoto sumiu também.

— Impossível achá-lo — disse-lhes o guarda, desapontado e olhando para a

prancheta onde não escrevera nada. — Talvez seja melhor assim. — E afastou-se.

— Machucou-se? — perguntou Manny. Era a primeira vez que falava. Estava pálido. Harry pôs a mão em seu ombro.

— Não — respondeu Gernshon. Dirigiu a Manny seu sorriso doce. — Só um pouco sujo.

— Isso exige *coragem* — observou Jackie. Fitava Gernshon com uma ruga entre as sobrancelhas. — Por que agiu assim?

— Como?

— Bem... quero dizer, considerando-se o que aquele garoto é, considerando-se... tudo o mais... — Fez um gesto que abrangia o parque inteiro, um pequeno gesto de suas mãos fortes e jovens que calou fundo no coração de Harry. — Por que se preocupar?

Gernshon disse delicadamente:

— Aquele garoto é apenas um garoto.

Manny parecia cético. Harry se postou diante dele antes que alguém quisesse discutir sua expressão.

— Escutem, tive uma ótima ideia. Vocês dois parecem ter muito sobre que conversar, sobre... sobre... contrariedades e... tudo o mais. Por que não jantam juntos? Eu ajudo. — Tirou outra nota de vinte dólares do bolso. Às suas costas, ouviu Manny se agitar.

— Ah, não posso — desculpou-se Gernshon, ao mesmo tempo que Jackie dizia em tom de advertência:

— Vovô...

Harry segurou o rosto da neta entre as mãos.

— Por favor, faça isso por mim, Jackie. Sem perguntas, sem protestos femininos. Só desta vez. Por mim.

Jackie permaneceu em silêncio por um longo instante. Depois riu, sacudiu a cabeça e voltou-se com um ar levemente jovial para Gernshon.

Gernshon limpou a garganta.

— Bem, na verdade, seria melhor que fôssemos os quatro. Fico um pouco sem jeito ao dizer que, nesta cidade, os preços são bem mais altos que em...

isto é, não estou em condições... mas se escolhermos um lugar menos caro, o Automat, por exemplo, estou certo de que nós quatro poderíamos comer satisfatoriamente.

— Não, não — opôs-se Harry. — Nós já comemos. — Manny olhou para ele.

Jackie começou, ofendida:

— Eu certamente não quero... o que acha que está havendo aqui, rapaz? É só para agradar ao meu avô. Receia que eu vá agredi-lo?

Harry percebeu o olhar rápido e involuntário de Gernshon à calça apertada de Jackie. E notou que ele imediatamente se arrependeu da ousadia. Notou que Manny vira, que Jackie vira — e que Gernshon vira que eles tinham visto. Manny disse alguma coisa baixinho. O rosto de Jackie começou a ficar tão vermelho que Harry se impressionou quando Gernshon a interrompeu com uma dignidade que ninguém esperava.

— Não, claro que não — disse em tom tranquilo. — Eu preferiria que jantássemos todos juntos por uma razão bem diferente. Minha esposa me é muito cara, srta. Snyder, e eu não faria nada que a desgostasse. Isso pode parecer irracional, mas é assim.

Harry ficou paralisado e boquiaberto. Manny começou a se agitar de um modo que Harry achou melhor não ser uma gargalhada. E Jackie, depois de observar Gernshon por muito tempo, esboçou o sorriso mais espontâneo que Harry lhe via há meses.

— Olhem só! — exclamou ela, com doçura. — Isso é ótimo. Realmente, genuinamente, maravilhosamente ótimo.

O tempo esfriou de súbito. A neve ameaçou cair, mas não caiu. Todas as tardes, Harry e Manny davam um rápido passeio pelo parque e depois se recolhiam ao clube de xadrez, a uma cafeteria, a uma estação de ônibus ou a uma biblioteca, onde havia uma mesa aos fundos na qual podiam almoçar sem que ninguém os perturbasse. Harry comprou para Manny um sanduíche

de maionese (63 centavos) e um par de luvas de lã importadas (um dólar na liquidação).

— Aonde foram eles hoje? — perguntou Manny no sábado, tirando as luvas para abrir o sanduíche. Cheirou-o e gostou. — Rábano. Lembra-se, Harry?

— Ao museu, acho — respondeu Harry, tristonho.

— Que museu?

— Como vou saber? Ele disse: “Hoje é museu, Harry”, e saiu às oito da manhã. Sem mais detalhes.

Manny parou de mastigar.

— Que museu abre às oito horas da manhã?

Harry pôs seu sanduíche de lado (carne defumada com centeio, 39 centavos). Havia perdido peso na semana anterior.

— Provavelmente estão apenas passeando — apressou-se a dizer Manny. — Você sabe, jovens gostam disso, passear por passear...

Harry lhe lançou um olhar sério.

— Como você e Leah faziam quando eram jovens e saíam sozinhos?

— Melhor falar com ele logo, Harry. Não, com ela. — Pensou um pouco. — Não, com *ele*.

— Falar não adiantará nada — disse Harry. Estava pálido e decidido. — Gernshon deve ser mandado de volta.

— De volta?

— Ele é *casado*, Manny! Eu queria ajudar Jackie, mostrar-lhe que a vida pode ser alegre, não uma luta constante. Mas que espécie de alegria ela encontrará apaixonando-se por um homem casado? Você sabe como são essas coisas! Jackie... — Harry suspirou. Por que tudo aquilo acontecera? Só desejara o melhor para a jovem. Isso acaso já não contava? — Ele precisa voltar, Manny.

— Como assim, Harry? — retrucou Manny em tom pragmático. — Não pode bater no rapaz de novo. Teve sorte da última vez em não machucá-lo. Quer isso em sua consciência? E se lhe mostrar seu... hum... seu...

— Guarda-roupa. Manny, se você fosse ver, só ver! Com um dólar poderia

comprar...

— ... ele poderia voltar aqui quando quisesse. E então?

Um ruído súbito fez com que interrompessem a conversa. Alguém caminhava por entre as estantes.

— Bibliotecários! — advertiu Manny. Os dois se apressaram a esconder os sanduíches, a cerveja (quinze centavos) e a torta numa sacola de loja. Manny, em pânico, escondeu também suas luvas de lã. Harry limpou as migalhas da mesa. Quando o intruso deu a volta pela estante mais próxima, Harry estava curvado sobre *Como Fazer Flores de Papel* e Manny sobre *A Porcelana da Dinastia Yung Cheng*. O intruso era Robert Gernshon.

O jovem se deixou cair numa cadeira. Estava com o rosto pálido. Numa das mãos, segurava um maço de papéis, com a última folha coberta de rabiscos.

Depois de um momento de silêncio, Manny começou diplomaticamente:

— De onde você vem, Robert?

— E Jackie? — perguntou Harry.

— Jackie? — A voz de Gernshon era pastosa. Harry percebeu, com um choque súbito, que ele andara chorando. — Não a vejo há dias.

— Há *dias*? — perguntou Harry.

— Não. Estive... estive...

Manny se endireitou na cadeira. Fitou Gernshon atentamente por cima de *A Porcelana da Dinastia Yung Cheng* e em seguida baixou o livro. Passou para a cadeira ao lado de Gernshon e, gentilmente, pegou o maço de papéis de sua mão. Gernshon inclinou-se sobre a mesa e escondeu o rosto nas mãos.

— Lamento tanto, estou me comportando como uma criança... — Seus ombros tremiam. Manny separou os papéis e alinhou-os na mesa. Entre as notas rabiscadas à mão havia dois livros finos, um encadernado de preto e o outro um panfleto. *Memória de Auschwitz. Contagem Regressiva para Hiroshima*.

Por um longo instante, ninguém abriu a boca. Então Harry disse, para ninguém em particular:

— Pensei que ele ia aos museus de ciência.

Manny, como quem não queria nada, pousou o braço nos ombros de

Gernshon.

— Agora você sabe que não deve ir a nenhum desses dois lugares. Mais pessoas deviam saber disso.

Harry não reconheceu a expressão no rosto de seu amigo nem a voz com que Manny lhe disse:

— Você está certo. Ele deve voltar para o lugar dele.

— Mas Jackie...

— Poderá passar muito bem sem toda essa “alegria” — cortou Manny, asperamente. — Afinal, que há de tão terrível em sua vida para ela precisar de tanta ajuda? Está morrendo? Está na miséria? É muito feia? Alguém anda batendo à sua porta no meio da noite? Deixe Jackie encontrar sua própria felicidade. Ela sobreviverá.

Harry fez um gesto de impotência. A face contraída de Manny, madeira entalhada sob a forte luz fluorescente, não mudara.

— Mesmo *ele*... Manny, as coisas que ele agora sabe...

— Você devia ter pensado nisso antes.

Gernshon ergueu o rosto.

— Não... sinto muito. Descobri por acaso, nunca pensei que seres humanos...

— Sim, eles podem — disse Manny. — Esteve aqui nesta biblioteca todos os dias, lendo tudo?

— Estive. Aqui e nos museus. Via vocês dois entrando. Li, queria *saber*...

— Pois agora sabe — disse Manny naquele tom surpreendentemente despreocupado, mas firme. — Você também sobreviverá.

Harry perguntou:

— Jackie tem ideia do que está acontecendo? Dos motivos pelos quais você andou aprendendo... tanta coisa?

— Não.

— E você? O que fará com tudo o que aprendeu?

Harry conteve o fôlego. E se Gernshon se recusasse a ir embora?

— No começo — disse o rapaz —, eu não queria voltar. De modo algum. Como encarar essas coisas, Segunda Guerra Mundial e campos de

concentração? Tenho *parentes* na Polônia. E depois a bomba atômica, a Coreia, os *gulags*, o Vietnã, o Camboja, os terroristas, a Aids...

— Não esqueceu nada — observou Harry.

— ... sem poder *fazer* coisa alguma ou sequer ter esperança, pois o que virá já está escrito na história... Como conseguir ver tudo isso e esperar que talvez não vá ser tão ruim quanto parece no momento?

— Depende do modo como vê — ponderou Manny. Mas Gernshon não pareceu tê-lo ouvido.

— E também não posso ficar. Há Susan, estamos planejando um bebê... Preciso refletir.

— Não, não precisa — disse Harry. — Você tem de *voltar*. Cometi um erro e lamento. Sim, tem de voltar, Gernshon.

— Líbano — prosseguiu o rapaz —, D.D.T., Revolução Cultural, Nicarágua, desmatamento, Irã...

— Penicilina — interrompeu Manny. Sua barba tremeu. — Direitos civis, Mahatma Gandhi, vacina contra poliomielite, máquinas de lavar.

Harry olhou para ele, perplexo. Teria Manny alguma vez trabalhado numa lavanderia manual?

— Ou — prosseguiu Manny, mais contido — Hitler, Auschwitz, favelas, tempestades de areia. O que quer ver, Robert?

— Não sei — confessou Gernshon. — Preciso pensar. Há tanta coisa... e aquela garota.

Harry se empertigou.

— Jackie?

— Não, não. Alguém que Jackie e eu conhecemos há pouco, numa cafeteria. Quando entrou, não pude acreditar. Ao olhar para ela, estremeci... e ela também deve ter estremecido, pelo que pude notar. A garota se parecia demais comigo. E *sentia*... não sei, é difícil explicar... sentia como *eu*! Cumprimentei-a, mas não lhe disse meu nome; não me preocupei com isso. — Sua voz se transformou num murmúrio. — Acho que ela é minha neta.

— Céus! — exclamou Manny.

Gernshon se levantou. Fez menção de recolher os papéis e os livrinhos,

deteve-se, deixou-os onde estavam. Harry também se levantou, tão abruptamente que Gernshon lhe lançou um olhar rápido e agressivo do outro lado da mesa.

— Vai me bater de novo, Harry? Vão me matar?

— Nós? — perguntou Manny. Seu tom era suave. — Nós, Robert?

— De certo modo, já fizeram isso. Não sou mais quem eu era, decerto.

— Então seja alguém melhor — resmungou Manny, dando de ombros.

— Danem-se, vocês não entendem...

— *Você é que não entende, rapazinho. As coisas são assim e ponto final. O que você tinha, ainda tem. Diga-me: em toda essa leitura achou algo sobre você mesmo, algo de pessoal? Você está nos livros de história, nos documentos da biblioteca?*

— O Cartório de Registro Público leva duas semanas para encontrar certidões de nascimento e óbito — disse Gernshon, amuado.

— De modo que você não perdeu nada, pois nada *sabe* realmente — disse Manny. — Só história. A história é acessível, todo mundo conhece um pouco. Você pode ter toda a história que quiser. O que importa é o que faz dela.

Gernshon não ensaiou nenhum gesto de concordância. Ficou olhando muito tempo para Manny e algo se agitou naquelas pupilas claras e tristes, algo que finalmente fez Harry soltar o fôlego que não percebera estar contendo. De súbito, pareceu-lhe que o velho ali era Gernshon. E *era* — com os 52 anos que ganhara na última semana, tinha mais idade do que Harry tivera no 1937 das histórias em quadrinhos do *Capitão Coragem*, dos chapéus fedora de aba larga e dos parques limpos. Mas aqueles eram os bons tempos, os bons tempos para onde Gernshon voltaria, os bons tempos que o próprio Harry escolheria se não fosse por Jackie e Manny... Contudo, não pôde olhar para Gernshon enquanto ele enveredava por entre as estantes, cortando o ar bolorento e tão pesado como se fosse água.

Gernshon parou e, por sobre o ombro, disse:

— Vou voltar. Esta noite. Vou voltar.

Depois que ele se foi, Harry murmurou:

— A culpa é minha.

— Sim — concordou Manny.

— Você irá ao meu quarto quando ele for? Para... ajudar?

— Irei, Harry.

Sabe-se lá como, isso só piorava as coisas.

Gernshon concordou em ser vendado. Harry levou-o pelo guarda-roupa e o armazém até a rua. Nenhum dos dois parecia muito bom nisso; esbarravam um no outro, hesitavam, tropeçavam onde não havia nada em que tropeçar. No armazém, Gernshon quase bateu de frente com uma pilha de madeira e, ao puxar com força o braço dele para desviá-lo, alguma coisa estalou nas costas de Harry. Harry parou e se inclinou no canto de um prédio, enquanto Gernshon removia a venda, piscava à luz da manhã e se afastava.

A despeito da dor nas costas, Harry resolveu não voltar imediatamente. Por quê? Porque não podia. Esperou até que Gernshon se distanciasse e foi se arrastando para o parque. Um carrossel apareceu, tocando uma barulhenta música de órgão: 24 de setembro. Duas crianças que ele nunca vira estavam paradas diante do carrossel, olhando-o com olhos famintos, sem esperança. Flores cresciam em canteiros bem cuidados. Um homem negro passou, olhos fixos na calçada, cabeça baixa. Duas garotinhas pulavam corda, sob a vigilância de uma mulher sorridente de uniforme azul e branco. Na calçada, bem atrás do carrossel, alguém desenhara a giz uma suástica. O homem negro saltou sobre ela. Um Lincoln Zephyr V-12 se aproximou (1.090 dólares). Infelizmente, grande demais para passar pelo guarda-roupa.

Quando Harry voltou, Manny estava enroscado sobre a colcha de *chenille* que Harry comprara por 3,28 dólares, profundamente adormecido.

— O que consegui, Manny? O quê? — disse Harry amargamente. O dia amanhecera glorioso e tépido, um inesperado verão indiano. As árvores do parque exibiam seus galhos nus contra o azul brilhante do céu. Manny vestia uma velha blusa vermelha e Harry, uma camisa de flanela. Harry se agitou,

com uma careta, no banco. Os transeuntes domingueiros passavam deixando cair copinhos de sorvete, tocos de cigarro, jornais, latas de refrigerante, guardanapos, pipocas. Pombos brigavam e crianças faziam birra.

— Jackie vai continuar na pior, como sempre. E como não iria? — prosseguiu Harry. — Encontra finalmente um bom rapaz que nunca mais a procura. Eu deixo um jovem infeliz na calçada e, antes que ele se vá, arruíno sua vida. Logo depois de arruiná-la, arruíno minhas costas. E em seguida fico sentado aqui, com sentimento de culpa. Não há o que dizer, Manny.

Manny não respondeu. Olhou para a curva do caminho.

— Não sei mais nada, Manny. Simplesmente não sei.

Manny disse de súbito:

— Aí vem Jackie.

Harry ergueu a cabeça. Arregalou os olhos, piscou, tentou se levantar. Suas costas protestaram veementemente. Ficou onde estava, os olhos cada vez mais arregalados.

— Vovô! — gritou Jackie. — Estive à sua procura!

Parecia radiante. As rugas em volta dos olhos haviam desaparecido, não havia mais dureza em seu rosto. Até seus maxilares, constatou Harry, surpreso, pareciam menos pronunciados. A felicidade banhava-a como ondas de luz. Estava de mãos dadas com uma mulher magra, ruiva, de traços fortes e olhos castanhos que miravam sem pestanejar.

— Esta é Ann — apresentou Jackie. — Estive à sua procura, vovô, porque... bem, porque queria lhe contar uma coisa. — Sentou-se no banco ao lado de Harry, deixando-o entre ela e Manny, e pousou-lhe o braço nos ombros. A outra mão continuava segurando firmemente a de Ann, que sorria, encorajando-a. Manny olhava para Ann como se Ann fosse um fantasma.

— Vovô, por algum tempo andei às voltas com um problema, um problema realmente importante. Sei que fui irônica e difícil, mas... todo mundo precisa de alguém para amar, você mesmo me disse isso muitas vezes e sei como foi feliz com a vovó durante todos aqueles anos. Achei que não haveria nada semelhante para mim e certas pessoas tornavam as coisas ainda mais difíceis. Mas agora... agora tenho Ann. E queria que soubesse disso.

O braço de Jackie estreitou-o com mais força. Seus olhos imploravam. Ann observava Harry atentamente. E Harry sentiu como se estivesse afundando.

— Sei que está chocado — continuou Jackie —, mas sei também que sempre quis minha felicidade. Espero, portanto, que goste dela tanto quanto eu.

Harry fitou a mulher ruiva. Tinha plena consciência do que lhe estava sendo pedido, mas não acreditava naquilo, aquilo não era real, como o clima em outros países também não era. Furacões. Seca. Calor. Quando o que se vê em volta é só garoa.

— De todas as pessoas que conheci, Ann é a mais solidária, a mais compassiva, a mais decente.

— Humm — murmurou Harry.

— Vovô?

Jackie olhava diretamente para ele. Quanto mais Harry ficava em silêncio, mais o sorriso se desvanecia do rosto de Jackie. Harry constatou que o sorriso finalmente entremostrara os dentes dela. Eram brancos, regulares. E aguçados.

— Eu... eu... Olá, Ann.

— Olá — disse Ann.

— Eu não te falei que ele é legal? — exultou Jackie, olhando para Ann. Largou Harry e saltou do banco, toda energia e leveza. — Você é maravilhoso, vovô! Você também, Manny. Ann, este é o melhor amigo de vovô, Manny Feldman. Manny, esta é Ann Davies.

— Prazer em conhecê-lo — cumprimentou Ann. Tinha uma voz baixa e rouca, e um sorriso doce. Harry sentiu furacões, secas, calores.

Jackie disse:

— Sei que isso é, provavelmente, um pouco inesperado...

Inesperado.

— Bem — começou Harry. E não disse mais nada.

— Já era hora de eu sair do armário.

Harry murmurou alguma coisa. Manny conseguiu perguntar:

— Então você mora aqui, Ann?

— Oh, sim. A vida inteira. Minha família também. Sempre.

— Jackie... Jackie já conheceu algum de seus parentes?

— Ainda não — disse Jackie. — Acho que será um pouco... complicado no caso dos familiares dela. — Sorriu para Ann. — Mas daremos um jeito.

— Eu gostaria — disse Ann para Jackie — que você tivesse conhecido *meu* avô. Ele se mostraria tão legal quanto o seu. Era legal com todos.

— Era? — perguntou Harry finalmente.

— Morreu há um ano. Um homem maravilhoso. Compreensivo e inteligente.

— E o que... o que ele fazia?

— Lecionava história na universidade. Participava ativamente de muitas organizações: Anistia Internacional, União das Liberdades Cívicas Americanas, coisas assim. Durante a Segunda Guerra Mundial, trabalhou com as ligas de resgate de judeus, retirando pessoas da Alemanha.

Manny acenou com a cabeça. Harry observou os dentes de Jackie.

— Gostaria que fossem almoçar conosco um dia desses — disse Ann, sorrindo. — Sou ótima cozinheira.

Os olhos de Manny faiscaram.

Jackie disse:

— Sei que isso é difícil para você... — Harry, porém, viu que ela na verdade não queria dizer aquilo. Não achava que era difícil. Achava real, natural como o clima, inesperado talvez, mas não estranho, não deslocado, não fora de hora. Diante do banco, os raios do sol desenhavam faixas no chão.

De repente, Jackie disse:

— Oh, vovô, eu lhe contei que quem nos apresentou foi seu amigo Robert? Já lhe falei a respeito?

— Sim, querida — murmurou Harry. — Você me contou.

— Ele é meio esquisito, mas boa gente.

Depois que as duas se foram, os dois homens permaneceram em silêncio por muito tempo. Por fim, Manny arriscou, diplomaticamente:

— Quer comer alguma coisa, Harry?

— Ela está feliz, Manny.

— Sim. Quer comer alguma coisa, Harry?

— Nem sequer o reconheceu.

— Não. Quer comer alguma coisa?

— Tome isto. Comprei para você de manhã. — Passou-lhe uma laranja de casca lisa e gomos suculentos, sem sementes, saborosa, perfeita. — Aproveite. Custou-me 92 centavos.

URSULA K. LE GUIN

O termo “visionário” é aplicável a muito poucos escritores, mas a obra intelectualmente instigante de Ursula K. Le Guin valeu-lhe esse adjetivo nos círculos literários em geral, tanto quanto nos da fantasia e da ficção científica. Embora ela tenha assumido diversos pontos de vista com relação a um amplo espectro de ideias, a pedra angular de seus destacados trabalhos ficcionais é a série de romances Hainish, situados nos vários planetas de um império pangaláctico. As culturas alienígenas, nesses planetas, têm origem comum, mas evoluíram diferentemente, de um modo ao mesmo tempo gritante e sutil. Ursula justapõe pontos de vista alienígenas e terrestres, nessas histórias, a fim de mostrar a pluralidade de visões possíveis dos temas que aborda. Seu romance A Mão Esquerda da Escuridão, ganhador dos prêmios Hugo e Nebula, tem por cenário um planeta cujos humanoides andróginos mudam imprevisivelmente de sexo, um processo que abala todos os preconceitos de identidade baseados nas diferenças de gênero. Em outros romances Hainish, como Rocannon’s World, Planet of Exile, City of Illusions, The Word for World Is Forest e The Telling, Ursula se vale de civilizações contrastantes para avaliar o impacto de inúmeros recursos de ficção científica, inclusive telepatia, comunicação instantânea e viagens espaciais.

O outro ciclo famoso de histórias de Ursula é a saga Earthsea, que inclui A Wizard of Earthsea, As Tumbas de Atuan, The Farthest Shore, Tehanu: The Last Book of Earthsea e Tales from Earthsea. Esses romances, que rompem os limites entre ficção adulta e ficção adulta-jovem, contêm a história de envelhecimento de Ged, um aprendiz de feiticeiro que atinge a

maturidade e enfrenta, ao longo da saga, desafios como homem e como mago.

Ursula tem sido elogiada por sua compreensão da importância dos rituais e mitos que moldam indivíduos e sociedades, bem como pelos detalhes meticulosos graças aos quais dá vida às suas culturas alienígenas. Ela escreveu outros romances, incluindo The Lathe of Heaven, The Dispossessed, Malafrena e Always Coming Home. Seus contos foram coligidos em The Wind's Twelve Quarters, Orsinian Tales, Buffalo Gals, Won't You Come Out Tonight e Four Ways to Forgiveness. Ursula também escreveu vários ensaios bastante elogiados sobre a técnica da fantasia e da ficção científica, alguns dos quais estão em The Language of the Night e Dancing at the Edge of de World.

“Another History” [Outra História], que se passa no mundo de seu ciclo Hainish, é uma chave apropriada para fechar este livro, com a ideia de viagem no tempo veiculada por meio de um tema comum de Ursula K. Le Guin, o do folclore local. Ela combina elementos do passado, do presente e do futuro numa visão homogênea que também, como muitas destas histórias fizeram, explora um sonho longamente acariciado pelos homens: a capacidade de voltar e corrigir os erros cometidos.

OUTRA HISTÓRIA OU UM PESCADOR DO MAR INTERIOR

URSULA K. LE GUIN

*Aos Estáveis da Ekumen de Hain e a Gvonesh, diretora dos
Laboratórios do Campo Churten em Porto Ve: de Tiokunan'n Hideo,
fazendeiro do Segundo Sedoretu de Udan, Derdan'nad, Oket, em O.*

Devo redigir meu relatório como se contasse uma história, pois essa já é uma tradição antiga. O leitor, no entanto, poderá perguntar por que um fazendeiro do planeta O está se dirigindo a ele como se fosse um Móvel da Ekumen. A própria história esclarecerá esse ponto — mas não esclarecerá a si mesma. A história é o nosso barco para navegar no rio do tempo; contudo, em meio a corredeiras e sorvedouros, nenhum barco é seguro.

Comecemos, então: quando eu tinha 21 anos, saí de casa e, tomando a nave NAFAL *Terraços de Darranda*, fui estudar nas Escolas Ekumênicas de Hain. A distância entre Hain e meu mundo não vai muito além de quatro anos-luz, e há vinte séculos havia tráfego entre O e o sistema Hainish. Mesmo antes do Impulso Próximo da Velocidade da Luz, quando as naves levavam cem anos de tempo planetário, e não quatro, para fazer a travessia, pessoas estavam dispostas a renunciar à sua vida anterior para ir a um mundo novo. Às vezes, voltavam; outras, não. Circulavam histórias desses tristes retornos a um mundo que as havia esquecido. Conheço uma bem antiga, que minha mãe contava, chamada “O Pescador do Mar Interior”, oriunda de seu mundo de origem, a Terra. A vida de uma criança ki'O é cheia de histórias; mas de todas as que ouvi dela, de minha outra mãe, de meus pais, de meus avós, de

meus tios e tias, e de meus professores, sempre preferi essa. Talvez gostasse tanto dela porque mamãe a contava com muito sentimento, embora também com bastante clareza, e usando sempre as mesmas palavras (eu não a deixaria mudar as palavras ainda que ela tentasse).

A história fala de um pobre pescador, Urashima, que diariamente ia sozinho para o mar tranquilo entre sua ilha e a terra firme. Era um belo jovem de longos cabelos negros, e a filha do rei do mar via-o quando ele se debruçava sobre a borda do barco e ela erguia os olhos para contemplar a sombra flutuante que cruzava o vasto círculo do céu.

Aflorando das ondas, ela lhe pedia para descer ao seu palácio nas profundezas. No começo, o pescador se recusava, alegando:

— Meus filhos me esperam em casa. — Mas como resistir à filha do rei do mar? — Uma noite dessas — prometeu então.

Ela o levou consigo para o fundo do mar e passaram uma noite de amor em seu palácio verde, servidos por estranhas criaturas do abismo. Urashima passou a amá-la ternamente e talvez tenha ficado com ela mais de uma noite. Mas, por fim, disse:

— Querida, devo ir. Meus filhos esperam por mim em casa.

— Se for, não voltará — lamentou ela.

— Voltarei, sim — prometeu o pescador.

Ela balançou a cabeça. Estava triste, mas não discutiu.

— Leve isto com você — disse, dando-lhe uma pequena caixa maravilhosamente entalhada e hermeticamente fechada. — Não a abra, Urashima.

Ele voltou à terra e correu pela praia até a aldeia, até sua casa: mas o jardim se cobrira de mato, no lugar das janelas só havia buracos e o teto despencara. Pessoas iam e vinham entre as casas da aldeia, mas ele não reconhecia um único rosto.

— Onde estão meus filhos? — gritou.

Uma velha senhora parou e perguntou-lhe:

— Qual é o seu problema, rapaz?

— Sou Urashima, desta aldeia, mas não vejo por aqui ninguém que eu

conheça!

— Urashima! — exclamou a mulher. Minha mãe então parecia distante; sua voz, ao dizer esse nome, tremia; e lágrimas inundavam meus olhos. — Urashima! Meu avô me contou sobre um pescador chamado Urashima que se perdeu no mar no tempo do avô de seu avô. Por cem anos, não se ouviu falar de nenhum membro dessa família.

Urashima então voltou para a praia e abriu a caixa, o presente da filha do rei do mar. Uma leve fumaça branca se evolou de dentro dela e foi carregada pela brisa marinha. No mesmo instante, os cabelos negros do jovem ficaram brancos e ele começou a envelhecer, envelhecer, envelhecer. Estirou-se então na areia e morreu.

Certa vez (lembro-me bem), um professor itinerante perguntou à minha mãe sobre a fábula, como ele a chamava. Ela sorriu e respondeu:

— Nos Anais dos Imperadores de minha nação na Terra, consta que um jovem chamado Urashima, do distrito de Yosa, desapareceu no ano 477 e reapareceu em sua aldeia no ano 825, mas logo partiu novamente. E eu ouvi dizer que a caixa foi conservada num santuário por muitos séculos. — Em seguida, mudaram de assunto.

Minha mãe, Isako, não contava a história sempre que eu lhe pedia.

— É muito triste — justificava ela. Vinham então outras histórias, como a da Avó e o bolinho de arroz que rolou para longe, a do gato pintado que voltou à vida e matou os ratos demoníacos ou a do garoto-pêssego que flutuou rio abaixo. Minha irmã, meus primos e até pessoas mais velhas ouviam-na tão atentamente quanto eu. Eram contos novos sobre O — e um conto novo é sempre um tesouro. A do gato pintado era em geral a história favorita, especialmente quando mamãe pegava o pincel e o vidro de tinta estranha, preta e seca da Terra para desenhar animais — gato, ratos — que nós nunca tínhamos visto: o maravilhoso gato de costas arqueadas e bravos olhos redondos, os ratos dentuços e espertos, “pontudos nas duas extremidades”, como dizia minha irmã. Mas eu sempre esperava, depois das outras histórias, que ela se voltasse para mim, olhasse para longe, sorrisse de leve e, suspirando, começasse:

— Era uma vez há muito, muito tempo, nas margens do Mar Interior, um pescador...

Saberia eu então o que aquela história significava para ela? Que era sua própria história? Que, se voltasse para sua aldeia, para seu mundo, todas as pessoas que conhecera estariam mortas há séculos?

Eu sabia, é claro, que ela “viera de outro mundo”; mas o que poderia isso significar para mim com 5, 7 ou 10 anos, hoje não consigo imaginar ou sequer evocar. Eu sabia que ela era terráquea e vivera em Hain — um motivo de orgulho. Sabia que ela viera para O como uma Móvel da Ekumen (mais motivo de orgulho, vago e grandioso) e que “seu pai e eu nos apaixonamos durante o Festival de Teatro em Sudiran”. Arranjar o casamento foi um ato de esperteza. Obter licença para deixar suas funções não constituiu grande obstáculo — a Ekumen permite nacionalizar os Móvels. Mas, como estrangeira, Isako não pertencia a um período ki’O e isso era o primeiro problema. Ouvi todo o caso de minha outra mãe, Tubdu, uma fonte inesgotável de histórias familiares, anedotas e escândalos.

— Você sabia — disse-me Tubdu quando eu tinha 11 ou 12 anos, com os olhos faiscantes e aquele riso silencioso, incontido, agitado, que parecia prestes a virá-la do avesso — que, no entender dela, mulheres não se casavam? De onde venho, disse sua mãe, mulheres não se casam.

Eu podia corrigir Tubdu e o fiz:

— Só em sua região. Ela me contou que em muitas outras isso acontece. — Eu me sentia de algum modo obrigado a defender minha mãe, embora Tubdu falasse sem sombra de malícia ou antipatia; Tubdu adorava Isako. Gostara dela “no momento em que a vi: aquele cabelo negro, aquela boca!”, e achou imensamente divertido que uma mulher daquelas só esperasse desposar um homem.

— Eu entendo — apressou-se Tubdu a me tranquilizar. — Na Terra é diferente, sua fertilidade acabou, eles se casam para ter filhos. E também se casam aos pares. Ah, pobre Isako! Como tudo deve ter parecido estranho para ela! Lembro-me de como olhou para mim. — E se entregou de novo ao que

nós, crianças, chamávamos de A Grande Gargalhada, seu riso alegre, silencioso, sísmico.

Para quem não conhece nossos costumes, devo explicar que em O, um mundo com população pequena e estável, provido de tecnologia de ponta já antiga, certos arranjos sociais seguem um padrão quase universal. A aldeia dispersa, na verdade uma liga de fazendas e não uma cidade ou Estado, é a unidade social básica. A população consiste de duas metades ou períodos. A criança nasce no período de sua mãe, de sorte que todo ki'O (exceto os habitantes das montanhas ou enniks) pertence ou ao Povo da Manhã, cujo período é da meia-noite ao meio-dia, ou ao Povo da Tarde, cujo período é do meio-dia à meia-noite. As origens e funções sagradas dos períodos são lembradas nas Discussões e no Teatro, bem como nos serviços religiosos de todo santuário de fazenda. A função social original do período era provavelmente estruturar a exogamia em casamento, desencorajando assim a consanguinidade em fazendas isoladas, pois a pessoa só pode fazer sexo ou se casar com um parceiro do outro período. A lei é rigorosa nesse ponto. As transgressões, que evidentemente acontecem, são recebidas com vergonha, desprezo e ostracismo. A identidade como Pessoa da Manhã ou Pessoa da Tarde representa uma parte tão profunda e íntima do indivíduo quanto seu sexo e tem quase tanto a ver com ele quanto sua vida sexual.

Um casamento ki'O, chamado sedoretu, se realiza entre uma mulher e um homem da Manhã e uma mulher e um homem da Tarde; os pares heterossexuais são chamados de Manhã e Tarde conforme o período da mulher; os pares homossexuais são chamados de Dia — as duas mulheres — e Noite — os dois homens.

Um casamento assim tão rigidamente estruturado, em que cada uma das quatro pessoas precisa ser sexualmente compatível com duas das outras e nunca fazer sexo com a quarta, exige, é óbvio, certos cuidados. O sedoretu é uma grande preocupação de meu povo. Os testes são encorajados; quartetos se formam e se dissolvem, casais “experimentam” outros, unindo-se e misturando-se. Agenciadores, tradicionalmente viúvos idosos, percorrem as fazendas das aldeias dispersas facilitando encontros, organizando bailes

campestres, atuando como confidentes universais. Muitos casamentos começam com uniões amorosas de um casal, homossexual ou heterossexual, a que se ligam outro casal ou duas pessoas livres. Muitos são combinados ou arranjados pelos anciãos da aldeia, do começo ao fim. Ouvir os velhos, sob a grande árvore da aldeia, celebrando um sedoretu é como assistir a um jogo de xadrez ou tidhe de grandes mestres. “Se aquele garoto da Tarde em Erdup se encontrasse com a jovem Tobo durante o processamento da farinha em Gad’d...” “Hodin’n do Oto Tarde não é um programador? Poderiam usar um programador em Erdup...” O dote que um noivo ou noiva em perspectiva oferecem é sua habilidade ou sua fazenda. De outro modo, pessoas indesejáveis poderiam ser escolhidas e reverenciadas por seu conhecimento ou pela propriedade que trouxessem ao casamento. A fazenda, por sua vez, quer que seus novos membros sejam agradáveis e prestimosos. Não há fim para os arranjos de casamento em O. Devo dizer que, de um modo geral, eles dão tanta satisfação aos participantes quanto qualquer outro ajuste — e mais satisfação ainda aos agenciadores.

Muitas pessoas, é óbvio, nunca se casam. Eruditos, conferencistas itinerantes, artistas e profissionais ambulantes, além de especialistas dos Centros, raramente se sujeitam à longevidade do sedoretu das fazendas. Há quem se ligue ao casamento de um irmão ou irmã como tio ou tia, posição com responsabilidades limitadas e claramente definidas; pode fazer sexo com um ou os dois esposos do outro período, desse modo aumentando o sedoretu de quatro para sete ou oito membros. Os filhos desse relacionamento são chamados de primos. Os filhos de uma mãe são irmãos ou irmãs entre si; os filhos das pessoas do período da Manhã e os filhos das pessoas do período da Tarde são irmãos germanos. Irmãos, irmãs e primos em primeiro grau não podem se casar; os irmãos germanos podem. Em partes menos conservadoras de O, casamentos de irmãos germanos são vistos com reservas, mas na minha região são comuns e aceitos.

Meu pai era um homem da Manhã, da Fazenda Udan, aldeia Derdan’nad, na região montanhosa da Bacia Noroeste do rio Saduun, em Oket, o menor dos seis continentes de O. A aldeia compreende 77 fazendas, na região

ondulada e escavada, coberta de campos e matas, da bacia do Oro, um tributário do portentoso Saduun. É uma região fértil, agradável, com vista a oeste para a Serra Costeira e a sul para as grandes planícies inundadas do Saduun e, mais além, o oceano resplandecente. O Oro é um rio largo, poderoso e barulhento, repleto de peixes e crianças. Passei minha infância nas imediações desse rio, que corre por Udan tão perto de casa que eu podia ouvir o borbulhar da água e o choque profundo das pedras roladas por sua corrente. É raso, mas muito perigoso. Todos aprendemos a nadar muito cedo numa baía tranquila em forma de piscina; mais tarde, a manejar o remo e a deslizar de caiaque pela correnteza cheia de rochas e corredeiras. Pescar sempre foi uma das responsabilidades das crianças. Eu gostava de fisgar o ochid azul, gordo e de olhos redondos; postava-me de pé sobre uma pedra escorregadia no meio do rio, em pose heroica, com o comprido arpão pronto para ser disparado. Eu era bom naquilo. Mas minha irmã germana Isidri, enquanto eu manobrava o arpão, descia para a água e pegava seis ou sete ochids com as mãos nuas. Ela conseguia pegar enguias e até o ei em forma de dardo. Eu, não.

— Basta se mover com a água e ficar transparente — explicava Isidri, que podia ficar debaixo da água por mais tempo que qualquer de nós, a ponto de acharmos às vezes que se afogara.

— Ela é ruim demais para se afogar — proclamava Tubdu, sua mãe. — Na verdade, pessoas ruins nunca se afogam. Sempre voltam à superfície.

Tubdu, a esposa da Manhã, tinha dois filhos com seu marido Kap: Isidri, um ano mais velha que eu, e Suudi, três anos mais novo. Eram meus irmãos germanos como o primo Had'd, filho de Tubdu com o irmão de Kap, tio Tobo. Do lado da Tarde, havia duas crianças, eu e minha irmã mais nova chamada Koneko. Este era um nome antigo em Oket, que também tem um significado na língua terrena de minha mãe: “gatinho”, o filhote do maravilhoso animal “gato” de costas arqueadas e olhos redondos. Koneko, quatro anos mais nova que eu, era de fato rechonchuda e sedosa como um animalzinho, mas seus olhos lembravam os de minha mãe: longos, com cílios que se encurvavam na direção da testa e pareciam corolas de flores antes de

desabrocharem. Vivia me rodeando e gritando: “Deo! Deo! Espere!”, enquanto eu não parava de correr atrás da veloz, intemerata e esquiiva Isidri, chamando-a: “Sidi! Sidi! Sidi!”

Já mais velhos, Isidri e eu éramos companheiros inseparáveis, ao passo que Suudi, Koneko e o primo Had’d formavam uma trindade, geralmente coberta de lama e crostas, e quase sempre metida em encrencas: portões abertos para os yamas entrarem nas plantações, feno pisoteado, frutas roubadas, brigas com os filhos da fazenda Drehe.

— Mau, mau — suspirava Tubdu. — Nenhum deles jamais se afogará! — E se sacudia toda com seu riso silencioso.

Meu pai era trabalhador, bonito, calado e distante. Acho que sua insistência em trazer uma estrangeira para o tecido intricado da vida aldeã e rural, conservadora e desconfiada, com todos os seus nós e urdiduras de paixões e invejas, acrescentaram a ansiedade a um temperamento já por si um tanto sombrio. Outros ki’O haviam desposado mulheres de fora, é claro, mas quase sempre nos termos do “casamento estrangeiro”, simples coabitação. Esses casais geralmente moravam em um dos Centros, onde eram comuns todos os tipos de combinações não tradicionais e até (assim murmuravam os fofoqueiros debaixo da árvore grande) convívios incestuosos entre duas pessoas da Manhã! Esses casais tinham de deixar O para viver em Hain ou, rompendo todos os laços com todos os lares, tornar-se Móvels nas naves NAFAL, aportando em diferentes mundos em diferentes momentos e partindo de novo para um futuro interminável e sem passado.

Nada disso funcionaria com meu pai, um homem enraizado até os joelhos na poeira de Fazenda Udan. Levou sua amada para casa e persuadiu o Povo da Tarde de Derdan’nad a aceitá-la em seu período, numa cerimônia tão rara e tão antiga que um Guardião teve de vir de navio e trem de Noratan para conduzi-la. Depois, ele convenceu Tubdu a juntar-se ao sedoretu. Quanto ao Dia de casamento de minha mãe, isso não foi problema nenhum, tão logo Tubdu a conheceu; mas, com relação a seu casamento de Manhã, houve algumas dificuldades. Kap e meu pai tinham sido amantes por anos; Kap era o óbvio e desejoso candidato a completar o sedoretu, mas Tubdu não gostava

dele. O longo romance de Kap com meu pai levou-o a se interessar sinceramente por Tubdu e ela era boa demais para condenar os desejos de união de três pessoas, além de sua própria atração violenta por Isako. Ela sempre achou Kap um marido chato, em minha opinião; no entanto, o irmão mais novo dele, tio Tobo, veio como bônus. E o relacionamento de Tubdu com minha mãe era infinitamente terno, digno, delicado, contido. Uma vez mamãe falou sobre esse relacionamento:

— Ela sabia como tudo era estranho para mim. Ela sabe como tudo é estranho para mim.

— Este mundo? Nossos costumes? — perguntei.

Mamãe balançou de leve a cabeça.

— Não exatamente isso — respondeu com sua voz calma, na qual mal se percebia o sotaque estrangeiro. — Mas homens e mulheres, mulheres e mulheres juntos... amor... Muito estranho. A gente nunca está preparada. Nunca.

“Um casamento é feito por Dia”, diz o ditado; e significa que a relação de duas mulheres ata ou desata esse casamento. Embora meu pai e minha mãe se amassem profundamente, era um amor sempre à beira do sofrimento, nunca fácil. Para mim, a infância radiante que tivemos naquela casa era sem dúvida alicerçada na alegria e na força inabaláveis que Isako e Tubdu haviam encontrado uma na outra.

Então, aconteceu: Isidri, aos 12 anos, partiu de trem para a escola em Herhot, nosso Centro distrital de educação, e eu me pus a chorar alto, de pé sob a luz da manhã na poeirenta estação de Derdan’nad. Minha amiga, minha colega, minha vida se ia. Senti-me abandonado, desamparado, sozinho para sempre. Vendo seu robusto irmão mais velho, de 11 anos, chorando desconsoladamente, Koneko também começou a se lamentar, lágrimas rolando pelas faces em gotas empoeiradas como outras tantas de chuva numa estrada suja. Abraçou-me, gemendo:

— Hideo! Ela voltará! Ela voltará!

Nunca me esqueci desse episódio. Ainda posso ouvir sua voz miúda e rouca, sentir seus braços em volta de mim e os raios quentes do sol em minha

nuca.

À tarde, fomos todos nadar no Oro, Koneko, eu, Suudi e Had'd. Como o mais velho da turma, propus um ato de bondade e liderei a tropa para ajudar o Segundo Primo Topi na estação do controle de irrigação, até que ele nos expulsou como a um enxame de moscas, gritando:

— Vão ajudar outros e deixem-me fazer o meu trabalho!

Sáímos e resolvemos construir um castelo de barro.

Um ano depois, Hideo, com 12 anos, e Isidri, com 13, pegaram o trem para a escola, deixando Koneko na plataforma poeirenta, não em lágrimas, mas silenciosa, que era o modo como minha mãe ficava quando estava triste.

Eu gostava da escola. Nos primeiros dias senti muita saudade, reconheço, mas já não consigo evocar esse sofrimento, sepultado sob as lembranças dos anos animados em Herhot e depois em Ran'n, o Centro de Educação Avançada onde estudei física do tempo e engenharia.

Isidri completou os Cursos Básicos em Herhot, fez um ano de literatura, hidrologia e enologia no Segundo, e foi para a Fazenda Udan, da Aldeia de Derdan'nad, na região montanhosa da Bacia Noroeste do Saduun.

Os três mais jovens também foram para a escola, fizeram um ano ou dois do Segundo e levaram seus conhecimentos de volta para Udan. Quando tinha 15 ou 16 anos, Koneko falou em me acompanhar a Ran'n, mas ela era necessária em casa devido à sua excelência na disciplina que chamamos de “planejamento avançado”. Geralmente se traduz essa expressão por “planejamento rural”, palavras que nem de longe dão ideia da complexidade de fatores envolvidos no planejamento avançado: ecologia, política, lucro, tradição, estética, honra e espírito funcionam num equilíbrio intensamente prático e quase invisível de preservação e renovação, como a homeostase de um organismo vigoroso. Nossa “gatinha” tinha talento para a coisa e os Planejadores de Udan e Derdan'nad acolheram-na em seus conselhos antes que ela completasse 20 anos. Mas, então, eu já estava longe.

Todo inverno, durante meu tempo de escola, eu voltava para umas longas férias em casa. Ao chegar, atirava os estudos para um canto como se fossem uma mochila e imediatamente me transformava num genuíno garoto de

fazenda: trabalhando, nadando, pescando, fazendo caminhadas, montando peças e farsas de teatro no celeiro, indo a bailinhos em casas ou ao ar livre por toda a aldeia, apaixonando-me e desapaixonando-me por garotas e garotos bonitos da Manhã, de Derdan'nad e outros povoados.

Em meus dois últimos anos em Ran'n, as visitas que fiz à minha casa mudaram de feição. Em vez de perambular de dia e dançar de noite, sempre num lugar diferente, quase nunca saía. Tentando não me apaixonar, rompi o antigo relacionamento com meu caro Sota, da Fazenda Drehe, mas aos poucos, para não magoá-lo. Ficava sentado horas e horas à margem do Oro com uma vara de pescar na mão, memorizando o curso da água num determinado ponto, bem diante da entrada para a “piscina” onde nadávamos. Ali, a água subia em ondas bem nítidas e corria para um grupo de pedras cobertas de musgo e quase submersas, formando espirais e redemoinhos que em grande parte se diluíam e desapareciam. Mas um deles, no centro profundo, se transformava num pequeno sorvedouro que girava lentamente rio abaixo até, encontrando a corrente rápida e brilhante entre as pedras, se desfazer e se misturar com o corpo do rio. Enquanto isso, outra espiral se formava em torno do centro profundo a montante, com a água subindo em ondas nítidas acima das pedras... Às vezes, durante aquele inverno, o rio encobria as pedras, inflado pelas chuvas; mas sempre baixava, permitindo a formação dos redemoinhos.

Nas noites de inverno, eu tinha com minha irmã e Suudi longas e profundas conversas diante da lareira. Observava as bonitas mãos de minha mãe bordando novas cortinas para as amplas janelas da sala, cortinas que meu pai confeccionara na máquina de costura de Udan, velha de quatrocentos anos. Eu o ajudava a reprogramar os sistemas de fertilização para os campos a leste e a rotatividade dos yamas, conforme as rígidas diretivas do nosso conselho de planejamento. De vez em quando conversávamos um pouco, só um pouco. À noite, fazíamos música; o primo Had'd era percussionista, muito solicitado para as danças e sempre capaz de formar um grupo. Ou então eu jogava Ladrão de Palavras com Tubdu, seu jogo preferido, mas que ela jamais ganhava, pois se preocupava em surrupiar minhas palavras e se esquecia de

proteger as dela. “Te peguei! Te peguei!”, exultava, desfazendo-se na Grande Gargalhada e apossando-se de meus blocos de letras com seus dedos gordos e inquietos; na jogada seguinte, porém, eu recuperava tudo e tomava a maioria dos seus. “Como conseguiu ver isso?”, perguntava ela, espantada e examinando as palavras dispersas. Em certas ocasiões, meu outro pai, Kap, jogava conosco — sempre metódico, um pouco mecânico, com um sorrisinho tanto para a derrota quanto para o triunfo.

Depois eu ia para o meu quarto, o meu quarto logo abaixo das calhas, o meu quarto de paredes de madeira escura e cortinas vermelhas, com o cheiro da chuva entrando pela janela e o som dos pingos martelando o telhado. Ficava deitado na penumbra, degustando a saudade antecipada, a intensa, dolorida, suave e juvenil saudade daquela antiga casa que logo iria deixar, perder para sempre, navegando no rio escuro do tempo. Pois sabia que, ao completar 18 anos, deixaria Udan, deixaria O e iria para outros mundos. Era minha ambição. Era meu destino.

Ao descrever aquelas férias de inverno, eu não disse nada sobre Isidri. Ela estava lá. Apresentava-se no Teatro, trabalhava na fazenda, dançava, cantava no coro, juntava-se às caminhadas e nadava no rio sob a chuva tépida com o resto de nós. Quando de minhas primeiras férias em casa, vindo de Ran’n, ao saltar do trem na estação de Derdan’nad, ela me recebeu com um grito de alegria e um forte abraço; depois, explodiu num estranho riso barulhento e recuou um passo — uma garota alta, morena e magra, com uma expressão absorta e cautelosa. Isidri se mostrou esquisita comigo naquela noite. Achei que fosse porque sempre me vira como menino, como criança, e agora, aos 18 anos e estudante em Ran’n, eu era um homem. Fui compreensivo e condescendente com ela, procurando deixá-la à vontade. Nos dias seguintes, ela continuou esquisita, rindo despropositadamente, nunca abrindo o coração para mim do modo como fazia antes, durante nossas longas conversas, e mesmo, penso eu, evitando-me. Os últimos dias de minha permanência em casa, naquele ano, Isidri passou visitando os parentes de seu pai na aldeia de Sabtodiu. Fiquei aborrecido por ela não ter adiado a visita até depois de minha partida.

No ano seguinte, ela não estava esquisita, mas esquivava. Passara a se interessar por religião, ia ao santuário diariamente e estudava as Discussões com os anciãos. Era doce, amigável, atarefada. Não me lembro de nos termos tocado durante aquele inverno até ela me dar um beijo de despedida. Nós não beijamos com a boca; encostamos o rosto um no outro por um instante ou por vários instantes. O beijo dela foi leve como o roçar de uma folha, demorado, mas quase imperceptível.

Por ocasião de minha terceira e última visita ao lar, anunciei que estava de partida: iria para Hain e, de Hain, viajaria para longe e para sempre.

Como somos cruéis com nossos pais! Só o que achei necessário dizer foi que partiria para Hain. Depois de seu meio angustiado, meio exultante grito de “Eu sabia!”, minha mãe disse no tom suave que a caracterizava, sugerindo e não afirmando: “Depois, você voltará por algum tempo”. Não me custaria nada ter respondido: “Sim”. Era tudo o que ela queria ouvir. Sim, eu poderia voltar por algum tempo; mas, com o egoísmo empedernido da juventude, que se disfarça de honestidade, recusei-me a lhe dar o que ela pedia. Destruí-lhe a frágil esperança de me rever depois de dez anos e substituí essa esperança pela desolação de acreditar que, após minha partida, ela nunca mais poria os olhos em mim.

— Gostaria de me classificar como um Móvel — vangloriei-me. Queria falar sem papas na língua. Orgulhei-me de estar dizendo a verdade. E o tempo todo, embora não o percebesse (nem eles), isso não era verdade coisa nenhuma. A verdade raramente é tão simples; apenas, nem todas as verdades são tão complicadas como a minha mostraria ser.

Minha mãe acatou minha grosseria sem a mínima queixa. Afinal, havia deixado seu próprio povo. Naquela noite, disse simplesmente:

— Podemos nos comunicar por ansible, a transmissão instantânea, enquanto você estiver em Hain.

Falava assim para tranquilizar a mim, não a ela. Sem dúvida, lembrava-se de como havia dito adeus a seu povo ao embarcar numa nave na Terra; quando desembarcou poucas horas depois em Hain, sua mãe já estava morta havia cinquenta anos. Ela poderia ter se comunicado com a Terra por ansible;

mas quem estaria ali para ouvi-la? Eu não conhecia essa dor, mas minha mãe conhecia — e se consolava pensando que eu seria poupado dela, ao menos por algum tempo.

Tudo agora era “por algum tempo”. Ah, a amarga doçura daqueles dias! Como me diverti subindo outra vez nas rochas escorregadias cercadas pela água borbulhante, de arpão em riste — o herói! Como eu estava pronto e desejoso de esmagar toda aquela vida longa, lenta, profunda e rica de Udan em minha mão e atirá-la fora!

Só por um momento me explicaram o que eu ia fazer e tão rapidamente que eu podia negar o que ouvira.

Descera até a oficina da casa de barcos, na tarde chuvosa e quente daquele dia quase ao fim do último mês de inverno. O trovejar constante e sibilante do rio intumescido era o centro de meus pensamentos quando instalei um novo banco no barco a remo que usávamos para pescar. Senti imenso prazer na tarefa e antecipei por completo a saudade futura imaginando-me, em outro planeta cem anos à frente, a lembrar aquela hora na oficina, em meio ao cheiro de madeira e água, e ao rumor incessante do rio. Isidri espiou pela porta. Rosto fino, moreno, cauteloso; longa trança de cabelos escuros, não tão pretos quanto os meus; olhos claros e atentos.

— Hideo — disse ela —, quero falar com você por um minuto.

— Entre! — convidei, fingindo estar alegre e à vontade, embora pouco seguro de querer conversar com Isidri e pressentindo que tinha medo dela. Por quê?

A jovem se sentou no banco do torno e ficou me vendo trabalhar em silêncio por algum tempo. Arrisquei algum lugar-comum, mas ela me interrompeu:

— Sabe por que eu quis ficar longe de você?

Mentiroso por cautela, repliquei:

— Longe de mim?

Ela sacudiu a cabeça. Esperara ouvir que eu compreendia, poupando-lhe o resto. Mas dizer isso era impossível para mim. Eu só estava mentindo ao

fingir que não notara seu comportamento esquivo. Mas o motivo eu realmente jamais imaginara qual fosse.

— Descobri que gostava de você no inverno passado — explicou ela. — Não ia dizer nada sobre isso porque... bem, é óbvio. Se houvesse sentido o mesmo por mim, saberia que eu também estava sentindo. Mas um só sentia e não havia razão para levar o caso adiante. Mas quando revelou que iria partir... A princípio, pensei: mais um motivo para me calar. Depois, porém, achei que isso não era justo. Ao menos para mim. O amor tem o direito de se externar. E uma pessoa tem o direito de saber que outra a ama, que a amou ou que pode amá-la. Todos precisamos saber. Talvez essa seja a nossa maior necessidade. Então, resolvi dizer-lhe. Tinha receio de que você atribuísse minha descrição à falta de amor ou ao desinteresse. Sem dúvida, foi o que pareceu. Mas apenas pareceu. — Dizendo isso, desceu do banco e aproximou-se da porta.

— Sidi! — chamei. Seu nome irrompeu de mim num grito estranho, rouco. Somente o nome: eu não tinha palavras. Não tinha sentimentos nem compaixão, nem saudade nem dor. Fiquei ali de pé, paralisado pelas emoções, perplexo, absorto. Nossos olhares se cruzaram. Por alguns instantes, ficamos contemplando a alma um do outro. Então Isidri, virando o rosto com um sorriso desolado, saiu.

Não a segui. Não tinha nada a dizer-lhe — literalmente. Pressenti que necessitaria de um mês, de um ano, de anos para encontrar as palavras adequadas. Cinco minutos antes, eu era dono de mim, de minha ambição, de meu destino; e agora lá estava eu, vazio, silencioso, desvalido, contemplando o mundo que jogara fora.

A força para encarar a verdade esgotou-se em uma hora, se tanto. Depois disso, por toda a vida, lembrei-me dela como “a hora na casa de barcos”. Sentei-me no banco alto onde Isidri havia se sentado. A chuva caiu, o rio trovejou e a noite veio logo. Quando, por fim, consegui me mexer, acendi a luz e procurei defender meus projetos, meu futuro planejado, da realidade terrivelmente dura. Comecei a pintar uma tela de emoções, evasões e versões a fim de ignorar o que Isidri me mostrara e desviar meus olhos dos dela.

Quando voltei para casa, na hora do jantar, recuperara o pleno controle de mim mesmo. E quando fui para a cama, era novamente senhor de meu destino, estava seguro de minha decisão e quase pronto a sentir pena de Isidri — mas não muita. Eu jamais a desonraria agindo assim. E digo isso por mim mesmo. Expelira de vez a autopiedade durante aquela hora na casa de barcos. Ao me separar de minha família na pequena estação lamacenta da aldeia, dias depois, chorei — não por ela, mas por mim, num sofrimento honesto e desesperançado. Era um peso grande demais. Eu tinha tão pouca experiência da dor! Disse à minha mãe:

— Voltarei quando concluir o curso. Dentro de seis, talvez sete anos. Voltarei e ficarei aqui por algum tempo.

— Se seus caminhos o conduzirem de volta — murmurou ela. Abraçou-me forte e soltou-me.

Chego agora à época que escolhi para iniciar minha história, quando eu tinha 21 anos e parti na nave *Terraços de Darranda* para estudar nas Escolas em Hain.

Da viagem propriamente dita, não me lembro de quase nada. Apenas de entrar no veículo, mas sem que me ocorram mais detalhes, visuais ou cinéticos; não me recordo sequer de ter estado na nave. E, ao desembarcar, só me lembro de uma forte sensação física de vertigem. Vacilante e com enjoo, estava tão inseguro nas pernas que tive de ser amparado em meus primeiros passos no solo de Hain.

Perturbado por esse lapso de consciência, indaguei sobre o assunto na Escola Ekumênica. Disseram-me que era uma das muitas maneiras pelas quais uma viagem na velocidade próxima à da luz afeta a mente. Muitas pessoas sentem que apenas algumas horas se passaram em meio a uma espécie de limbo perceptual; outras têm curiosas sensações de espaço, tempo e evento que podem ser profundamente perturbadoras; e umas poucas pensam ter dormido depois que “acordam” na chegada. Nem essa experiência eu tive. Não tive experiência nenhuma. Senti-me logrado. Queria ter vivido a viagem para, de algum modo, conhecer o grande intervalo de espaço: mas, no que me dizia respeito, não havia intervalo algum. Estava no espaçoporto de O e logo

em Porto Ve, tonto, confuso e finalmente, quando me dei conta de que chegara lá, excitado.

Meus estudos e trabalho durante aqueles anos não interessam aqui. Só mencionarei um acontecimento, que pode ou não estar registrado no arquivo de recepção ansible da Quarta Torre de Sinais, EY 21-11-93/1645. (Da última vez que averigui, estava registrado no arquivo de transmissão ansible em Ran'n, ET data 30-11-93/1645. A chegada e a saída de Urashima também estavam registradas nos Anais dos Imperadores.) Mil seiscentos e quarenta e cinco foi o meu primeiro ano em Hain. Logo no início do primeiro trimestre, chamaram-me ao centro ansible; haviam recebido uma mensagem fragmentária, aparentemente de O, e esperavam que eu pudesse ajudá-los a reconstituí-la. Nove dias após a recepção, lia-se:

les oku n escondido problema netru emite fere di it talvez não seja recuperável devir

As palavras estavam incompletas e truncadas. Algumas pertenciam à língua hainish padrão, mas *oku* e *netru* significavam “norte” e “simétrico” em sio, meu idioma materno. Os centros ansible de O não registraram nenhuma transmissão, mas os Receptores achavam que a mensagem viera de O por causa daquelas duas palavras e porque a frase hainish “talvez não seja recuperável” ocorrera numa transmissão recebida quase simultaneamente de um dos Estáveis em O, concernente a uma usina de dessalinização danificada.

— Chamamos a isso uma mensagem amarfanhada — disse-me o Receptor quando me confessei incapaz de resolver o problema. Perguntei-lhe então com que frequência as mensagens ansible chegavam tão truncadas. — Nem sempre, felizmente. Nunca sabemos quando e de onde partem, ou se partirão. Podem ser efeito de um campo duplo, de uma interferência. Um de meus colegas daqui diz que são mensagens fantasmas.

Transmissões instantâneas sempre me fascinaram e, embora eu fosse então apenas um principiante em ansible, conheci por acaso os Receptores e depois

me tornei amigo de muitos deles. Fiz todos os cursos de teoria ansible disponíveis.

Em meu último ano na escola de física do tempo, quando planejava ir aos Mundos Cetianos para aprofundar meus estudos — após a planejada visita ao lar, que às vezes parecia um devaneio remoto e irrelevante, outras uma necessidade imperiosa, embora assustadora —, chegaram as primeiras notícias de Anarres, pelo ansible, da nova teoria do transporte instantâneo. Não apenas informação, mas também matéria, objetos e pessoas poderiam ser transportados de um lugar para outro sem lapso de tempo. A “Tecnologia Churten” era de repente uma realidade, embora uma realidade estranha, um fato implausível.

Eu estava ansioso para estudar esse fenômeno. E estava decidido a entregar meu corpo e alma à Escola caso eles me deixassem trabalhar na Teoria Churten quando me pediram para adiar, por um ano ou pouco mais, o projeto de treinamento como Móvel a fim de estudar essa teoria. De bom grado e judiciosamente, aceitei. Naquela noite, comemorei pela cidade inteira. Lembro-me de ter mostrado aos amigos como se dança a fen’n e soltado fogos de artifício na Grande Praça das Escolas. Acho mesmo que cantei sob a janela da Diretora, de madrugada. E me lembro também da ressaca do dia seguinte; ainda assim me arrastei até o edifício Ti-Phy para ver onde estavam instalando o Laboratório do Campo Churten.

A transmissão ansible é, como se sabe, muito dispendiosa e só consegui, durante meus anos em Hain, conversar com minha família duas vezes; mas meus amigos do centro ansible às vezes me davam uma “carona” numa mensagem para O. Assim, pude mandar um comunicado a Ran’n por ocasião do Primeiro Sedoretu da Fazenda Udan, da aldeia de Derdan’nad, no distrito montanhoso da Bacia Noroeste do Suduun, Oket, em O, dizendo que, “embora esta pesquisa vá adiar minha visita ao lar, pode me economizar quatro anos de viagem”. Mensagem petulante, reveladora de meus sentimentos de culpa; mas, na época, realmente pensávamos que obteríamos a tecnologia em poucos meses.

Os Laboratórios do Campo foram logo transferidos para o Porto Ve e eu fui

com eles. O trabalho conjunto da pesquisa churten das equipes de cetianos e hainish, nos três primeiros anos, foi uma sucessão de triunfos, adiamentos, promessas, derrotas, avanços e recuos, tudo isso acontecendo tão depressa que quem ficava fora uma semana ficava também desatualizado. “A clareza encerra o mistério”, dizia Gvonesh: quando alguma coisa parecia óbvia, tornava-se mais abstrusa. A teoria era bela e acabrunhadora. Os experimentos eram excitantes e inescrutáveis. A tecnologia funcionava melhor quando parecia mais estapafúrdia. Quatro anos se escoaram naquele laboratório como se o tempo não existisse, por assim dizer.

Eu havia passado dez anos em Hain e Ve; estava com 31. Em O, quatro anos haviam decorrido enquanto minha nave NAFAL viajava para Hain em alguns minutos de tempo dilatado; e mais quatro decorreriam enquanto eu voltasse: assim, na volta, dezoito teriam decorrido em casa. Meus pais estariam vivos ainda. Era mais que o momento de eu visitar minha casa.

Mas, embora a pesquisa churten sofresse um desanimador revés diante do Paradoxo da Neve de Primavera, problema que os cetianos julgavam provavelmente insolúvel, eu não podia tolerar a ideia de estar oito anos defasado quando voltasse a Hain. E se eles solucionassem o paradoxo? Já era mau o bastante saber que deveria consumir quatro anos na viagem a O. Sem muita esperança, propus à Diretora levar comigo para O algum material experimental e estabelecer uma linha auxiliar de campo duplo para a ligação ansible entre Porto Ve e Ran’n. Assim eu poderia permanecer em contato com Ve, assim como Ve permanecia em contato com Urras e Anarres; não bastasse isso, a ligação ansible estabelecida seria um primeiro passo para uma ligação churten. Lembro-me de ter dito:

— Se vocês solucionarem o paradoxo, poderemos talvez enviar alguns ratos.

Para minha surpresa, essa proposta foi bem aceita; os engenheiros do tempo queriam um campo receptor. Mesmo nossa Diretora, às vezes tão misteriosa quanto a própria teoria churten, disse que era uma boa ideia:

— Ratos, insetos, gholes, quem sabe o que poderemos lhe mandar?

Continuando: aos 31 anos, deixei o Porto Ve na nave NAFAL *Senhora de*

Sorra e voltei a O. Dessa vez, senti o voo quase à velocidade da luz do jeito que a maioria das pessoas sente, como um enervante interlúdio durante o qual não se consegue pensar com coerência ver as horas ou acompanhar uma história. A fala e o movimento se tornam difíceis, se não impossíveis. Os outros parecem figuras irreais, incompletas, inexplicavelmente presentes e ausentes. Não fiquei alucinado, mas tudo parecia alucinação. Era como uma febre alta — uma sensação confusa, tremendamente aborrecida, ao que parece interminável, mas muito difícil de evocar depois que desapareceu, como se fosse um episódio alheio à minha vida, distante. Pergunto-me agora se sua semelhança com o “experimento churten” já foi seriamente investigada.

Parti direto para Ran’n, onde me alojei no Quadrângulo Novo, mais sofisticado que meu antigo quarto de estudante no Quadrângulo Santuário, e reservei um espaço de laboratório no Salão da Torre para ali montar uma estação de transmissão de campo experimental. Fiz contato imediatamente com minha família e conversei com meus pais; minha mãe estivera doente, mas agora se sentia bem, conforme assegurou. Eu lhes garanti que iria para casa assim que as coisas comesçassem a funcionar em Ran’n. A cada dez dias chamava-os de novo, conversava e dizia que agora não iria demorar. Eu estava mesmo muito ocupado, ansioso para recuperar os quatro anos perdidos e aprender a solução de Gvonesh para o Paradoxo da Neve de Primavera. Esse foi, felizmente, o único grande avanço na teoria. A tecnologia evoluía bastante. Eu precisava me reciclar e treinar meus assistentes praticamente do zero. Tive uma ideia sobre certo aspecto da teoria do campo duplo que queria desenvolver antes de partir. Cinco meses se passaram antes que eu ligasse para meu pessoal e dissesse enfim: “Estarei aí amanhã”. E, ao dizer isso, percebi que sentira medo o tempo todo.

Não sei se temia vê-los depois de dezoito anos, com suas mudanças e estranhezas, ou se temia a mim mesmo.

Dezoito anos não haviam mudado em nada as colinas ao longo do largo Saduun, as fazendas, a pequena estação poeirenta de Derdan’nad, as casas antiquíssimas das ruas silenciosas. A grande árvore da aldeia desaparecera,

mas sua substituta já espalhava uma boa sombra. O aviário de Udan havia sido ampliado. Os yamas me olhavam com ar ao mesmo tempo tímido e altaneiro por cima da cerca. Uma porteira que eu instalara em minha última visita estava decrépita, precisando de novas traves e gonzos, mas o mato que crescia em derredor era o mesmo mato de verão salpicado de terra e com cheiro doce. As pequenas comportas dos canais de irrigação estalavam e rangiam ao abrir e fechar. Tudo era o mesmo, tudo era igual. Fora do tempo, Udan, em seu sonho de trabalho, jazia acima do rio que, fora do tempo, corria em seu sonho de movimento.

Mas os rostos e corpos das pessoas que me esperavam na estação sob a intensa luz do sol eram outros. Minha mãe, com 47 anos quando parti, tinha agora 65, uma bela e frágil mulher idosa. Tubdu emagrecera; parecia mirrada e tristonha. Meu pai continuava bonitão, empertigado, mas seus movimentos eram lentos e ele mal falava. Meu outro pai, Kap, agora com 70 anos, era um homenzinho meticoloso e irrequieto. Formavam ainda o Primeiro Sedoretu de Udan; o vigor da fazenda, porém, passara para o Segundo e o Terceiro Sedoretu.

Eu sabia de todas essas mudanças, é claro, mas estar ali entre eles era bem diferente de ouvir falar a seu respeito em cartas e transmissões. A velha casa estava mais cheia que no meu tempo. A ala sul fora reaberta, com crianças entrando e saindo pelas portas ou correndo por pátios que durante minha infância eram silenciosos e envoltos em mistério.

Minha irmã Kaneko tinha agora quatro anos a mais que eu, em vez de quatro anos a menos. Lembrava muito a figura de minha mãe que eu conservava na memória. Quando o trem entrou na estação de Derdan'nad, ela foi a primeira que reconheci, com uma criança de 3 ou 4 anos nos braços e gritando: “Veja, veja, é o seu tio Hideo!”

O Segundo Sedoretu estava casado havia onze anos: Koneko e Isidri, irmãs germanas, eram as parceiras do Dia. O marido de Koneko era meu velho amigo Sota, um homem da Manhã da Fazenda Drehe. Sota e eu nos amáramos ternamente na adolescência e para mim fora muito triste magoá-lo ao partir. Quando soube que ele e Koneko estavam apaixonados, fiquei

bastante surpreso, pois sou excessivamente egoísta, embora não ciumento, pelo menos: aquilo me agradou de verdade. O marido de Isidri, um homem quase vinte anos mais velho que ela e chamado Hedran, trabalhara como erudito itinerante das Discussões. Udan lhe dera hospitalidade e suas visitas acabaram em casamento. Ele e Isidri não tinham filhos. Sota e Koneko tinham dois, da Manhã, um menino de 10 anos, Murmi, e uma menina de 4, Lasako, a pequena Isako.

O Terceiro Sedoretu fora trazido a Udan por Suudi, meu irmão germano casado com uma mulher da Aldeia Aster; seu par da Manhã provinha também de fazendas de Aster. Havia seis crianças nesse sedoretu. Um primo cujo sedoretu em Ekke se rompera também viera morar em Udan com seus dois filhos; o ir e vir, o vestir-se e despir-se, o lavar-se, a barulheira, a correria e a gritaria, as risadas e a comilança eram, pois, prodigiosos ali. Tubdu, sentada a trabalhar no pátio da cozinha batida de sol, via a criançada passar e resmungava: “Muito mau! Nenhum se afogará, nenhum!” E sacudia-se toda de riso silencioso, riso que logo se transformava numa tosse incontável.

Minha mãe, que afinal fora uma Móvel da Ekumen e viajara da Terra para Hain e de Hain para O, estava impaciente para ouvir sobre minha pesquisa.

— Que vem a ser esse tal de churten? Como funciona e o que faz? Trata-se de um ansible para matéria?

— A ideia é essa — respondi. — Transferência: passagem instantânea de um ponto s-tc para outro.

— Sem intervalo?

— Sem intervalo.

Isako franziu o cenho.

— Parece absurdo — disse ela. — Explique melhor.

Eu havia me esquecido de como mamãe, de fala tão suave, podia ser direta; eu me esquecera de que ela fora uma intelectual. Fiz o possível para explicar o incompreensível.

— Então — disse ela por fim —, você na verdade não sabe direito como a coisa funciona.

— Não. E não sei também o que ela faz. Exceto que, via de regra, quando o

campo está operando, um rato no Edifício Um é instantaneamente transportado para o Edifício Dois, onde chega alegre e incólume. Dentro de sua gaiola, caso nos tenhamos lembrado de manter sua gaiola dentro do campo churten de iniciação. Às vezes nos esquecíamos. Ratos soltos por toda parte.

— O que é *rato*? — perguntou um garotinho da Manhã do Terceiro Sedoretu, parando para ouvir o que lhe parecera uma história.

— Ah! — exclamei, sorridente e surpreso. Esquecera-me de que em Udan os ratos eram desconhecidos, apenas imaginados como demônios dentuços inimigos do gato pintado. — Bichinhos peludos e bonitinhos, originários do mundo natal da vovó Isako. São amigos dos cientistas. Já viajaram por todos os Mundos Conhecidos.

— Em pequenas espaçonaves? — quis saber o garoto, ansioso.

— Não, quase sempre nas grandes — respondi. Ele ficou satisfeito e se foi.

— Hideo — disse minha mãe naquele tom aterrador com que as mulheres passam, sem intervalo, de um assunto a outro porque têm todos presentes na cabeça —, não se relacionou com ninguém?

Sacudi a cabeça, sorrindo.

— Com ninguém?

— Um homem de Alterra e eu moramos juntos por dois anos — prossegui. — Uma boa amizade; mas hoje ele é um Móvel. E... oh, você sabe... um casinho aqui, outro ali... Há pouco, em Ran'n, conheci uma ótima mulher de Oket Oriental.

— Eu esperava, se você pretendesse mesmo ser um Móvel, que fizesse um casamento a dois com outra Móvel. É mais fácil, acho — disse ela. Mais fácil do que o quê? Mas eu já sabia a resposta antes de perguntar.

— Mãe, duvido agora que se possa ir muito além de Hain. Esse negócio de churten é muito interessante; quero continuar pesquisando. E, se conseguirmos controlar a tecnologia, viagens não serão nada. O sacrifício que você fez já não será necessário. As coisas serão diferentes. Inimaginavelmente diferentes! Você poderá ir à Terra por uma hora e voltar: e só uma hora passará!

Ela refletiu um pouco.

— Se vocês conseguirem — disse em voz lenta, quase estremecendo por ter finalmente compreendido —, encurtarão... condensarão a galáxia... o universo até... — Ergueu a mão esquerda, com todos os dedos indicando um ponto.

Concordei.

— Um quilômetro ou um ano-luz serão a mesma coisa. Não haverá distância.

— Isso não pode estar certo — murmurou mamãe após algum tempo. — Eventos sem intervalo... E a dança? E o trajeto? Não creio que consigam controlar isso, Hideo. — Sorriu. — Mas, é claro, devem continuar tentando.

Em seguida, passamos a falar sobre as pessoas que viriam para o baile campestre em Drehe, no dia seguinte.

Eu não lhe contei que convidara Tasi, a bela mulher de Oket Oriental, para ir a Udan comigo e que ela recusara educadamente, pois a seu ver já passava da hora de nos separarmos. Tasi era alta, com uma trança de cabelos negros, não brilhantes e ásperos como os meus, mas macios, finos e opacos como as sombras de uma floresta. Uma típica mulher ki'O, pensei. Calara meus protestos de amor com habilidade e sem me mortificar.

— Mas acho que está apaixonado por alguém, não? — perguntara. — Alguém em Hain, talvez. Não será o homem de Alterra de quem me falou?

Não, respondi. Não, nunca me apaixonara por ninguém. Não era capaz de um relacionamento profundo, isso agora estava mais que claro. Sonhara demais em viajar pela galáxia sem apego a ninguém e trabalhara duro no laboratório churten, casado com uma maldita teoria que não encontrava sua tecnologia. Não havia espaço nem tempo para o amor.

Então por que quisera levar Tasi comigo para casa?

Alta, mas já não magra, uma mulher de 40 anos e não uma garota, nada típica, mas em nada comparável a ninguém em parte alguma, Isidri me saudara em silêncio na porta da casa. Alguma emergência na fazenda impedira-a de ir me receber na estação. Trajava um avental velho e calças justas como qualquer camponesa e seu cabelo, já com alguns fios brancos,

estavam enrolados numa trança feita às pressas. Ali de pé na soleira de madeira polida, era a própria Udan, o corpo e a alma daquela fazenda de trinta séculos, sua continuidade, sua vida. Toda a minha infância estava nas mãos de Isidri e Isidri as estendia para mim.

— Bem-vindo ao lar, Hideo — disse ela, com um sorriso radiante como a luz de verão sobre o rio. E, levando-me para dentro: — Tirei as crianças de seu antigo quarto. Achei que gostaria de se instalar lá. Acertei?

Sorriu de novo e senti o calor, a generosidade solar de uma mulher no auge da vida, casada, realizada, exuberante em seu trabalho e seu ser. Eu não precisava de Tasi para estar seguro. Não tinha nada a temer de Isidri. Ela não sentia rancor nem embaraço. Amara-me quando era jovem, quando era outra pessoa. Não seria apropriado para mim mostrar timidez ou vergonha, apenas a antiga lealdade afetuosa dos anos em que brincávamos, trabalhávamos, pescávamos e sonhávamos juntos — nós, filhos de Udan.

Me acomodei, pois, em meu velho quarto diretamente sob o telhado. Havia cortinas novas, cor de ferrugem. Encontrei um brinquedo perdido sob a cadeira, no banheiro, como se uma criança o tivesse esquecido ali e agora o reencontrasse. Aos 14 anos, após minha iniciação no santuário, gravei meu nome no largo batente da janela, entre o emaranhado de outros nomes e símbolos ali deixados por séculos. Procurei-o. Muitos haviam sido acrescentados. Ao lado do meu cuidadoso e claro *Hideo*, cercado por meu ideograma, uma criança pequena havia entalhado um *Dohedri*; e, perto, via-se um delicado ideograma representando uma casinha de três tetos. A sensação de ser uma bolha no rio de Udan, um instante na permanência da vida naquela casa, naquela terra e naquele mundo sossegado, era quase esmagadora: negava minha identidade e confirmava, de maneira profundamente tranquilizadora, essa mesma identidade. À noite, durante minha visita, eu dormia como não acontecia havia anos, perdido, abismado nas águas do sono e da escuridão, e acordava para as manhãs quentes como que renascido — e faminto.

As crianças todas tinham ainda menos de 12 anos e estudavam em casa. Isidri, responsável pelo planejamento do curso, ensinava-lhes literatura e

religião. Convidou-me a falar aos alunos sobre Hain, viagem NAFAL, física do tempo, o que quer que eu quisesse. Quem visita as fazendas ki'O sempre presta algum serviço. O tio Hideo, da Manhã, tornou-se uma espécie de favorito entre as crianças, sempre pronto a atrelar os yamas ao carro, a levá-las a pescar de barco, grande demais para que elas mesmas pudessem manobrar, ou a contar a história do rato mágico capaz de estar em dois lugares ao mesmo tempo. Perguntei-lhes se a vovó da Manhã, Isako, lhes falara sobre o gato pintado que voltou à vida e devorou os ratos demoníacos. “A boca dele estava cheia no outro dia!”, gritou Lasako, com os olhos brilhando. A história de Urashima, porém, eles não conheciam.

— Por que não lhes contou sobre “O Pescador do Mar Interior?” — perguntei a mamãe.

Ela sorriu e disse:

— Oh, essa era a sua história. Você sempre quis ouvi-la.

Percebi que Isidri nos olhava, serena, mas atenta.

Eu sabia que minha mãe fizera tratamento para o coração no ano anterior e perguntei a Isidri, mais tarde, enquanto supervisionávamos os trabalhos das crianças mais velhas:

— Acha que Isako está melhor?

— Ela me parece maravilhosamente bem desde que você chegou. Mas não sei. Trata-se de danos provocados desde a infância pelos venenos da biosfera da Terra. Dizem que o sistema imunológico dela é facilmente abalado. Isako se mostrou muito paciente durante a doença. Paciente até demais.

— E Tubdu... precisa de pulmões novos?

— Provavelmente. E outras quatro pessoas estão ficando velhas, teimosas... Mas observe Isako por mim. Veja se concorda comigo.

Foi o que fiz. Após quatro dias de observação, reportei a Isidri que mamãe me parecia forte e decidida, mesmo mandona, e que eu não percebera a tal resistência paciente referida por ela. Isidri riu:

— Isako me disse uma vez que uma mãe está ligada ao filho por um cordão muito fino, muito diáfano, semelhante ao cordão umbilical, que pode se esticar por anos-luz sem dificuldade. Perguntei-lhe se isso era doloroso e ela

respondeu: “Ah, não, apenas existe, você sabe; estica, estica e nunca se rompe”. Mas eu acho que é doloroso, sim. Não tenho certeza. Não tenho filhos e nunca estive a mais de dois dias de viagem longe de minhas mães. — Sempre sorrindo, continuou com sua voz macia e profunda: — Tenho a impressão de que amo Isako mais que a qualquer outra pessoa, mais que à minha mãe, mais que a Koneko...

Então precisou mostrar a um dos filhos de Suudi como se reprograma um regulador do controle de irrigação. Ela era a especialista em hidrologia da aldeia e em enologia da fazenda. Sua vida era estritamente planejada, muito rica em trabalho necessário e em relações — uma serena e imutável sucessão de dias, estações, anos. Nadava na vida como nadara no rio, como um peixe, em seu próprio elemento. Não tivera filhos, mas todos os filhos da fazenda eram seus. Ela e Koneko estavam tão ligadas quanto suas mães haviam estado. O relacionamento com o marido um tanto frágil, infantil, parecia tranquilo e respeitoso. Eu pensava que a atração sexual fosse o vínculo mais forte de seu casamento da Noite com meu velho amigo Sota, mas Isidri claramente admirava a orientação intelectual e espiritual dele, da qual se mostrava dependente. Para mim, o ensinamento de seu marido era um tanto seco e polêmico; o que, no entanto, eu sabia sobre religião? Não praticava o culto havia anos e sentia-me estranho, deslocado mesmo no santuário doméstico. Também me sentia estranho e deslocado em casa, embora não reconhecesse isso nem para mim mesmo.

Aquele mês foi agradável, com escassos acontecimentos e até um pouco aborrecido. Minhas emoções eram fracas e embotadas. A saudade intensa, o senso romântico de estar na orla do meu destino, tudo isso desaparecera com o Hideo de 21 anos. Embora fosse agora o mais jovem de minha geração, tornara-me um homem cômico de seus objetivos, satisfeito com seu trabalho, sem autoindulgência emocional. Escrevi um curto poema para o álbum de casa sobre a serenidade que sobrevém quando se escolhe um caminho. Quando precisei partir, abracei e beijei a todos, dezenas de bochechas macias ou ressequidas. Garanti-lhes que, se ficasse em O por cerca de um ano, como parecia que iriam me pedir para fazer, voltaria no verão seguinte em outra

visita. No trem, a caminho de Ran'n por terreno montanhoso, pensei com gravidade complacente que, se regressasse à fazenda no próximo verão, encontraria a todos do mesmo jeito; e, se regressasse depois de dezoito anos ou mais, alguns deles teriam morrido e outros seriam novos para mim, embora a casa continuasse sendo minha casa. Udan, com seus tetos escuros, estaria navegando pelo tempo como um navio de velas negras. Sempre sou poético quando minto para mim mesmo.

Voltei a Ran'n, cumprimentei meu pessoal no laboratório do Salão da Torre e jantei com alguns colegas, boa comida e boa bebida — ofereci-lhes uma garrafa de vinho que trouxera de Udan, pois Isidri estava fabricando ótimos vinhos e me dera uma caixa de Kedun de quinze anos. Conversamos sobre o último avanço na tecnologia churten, o “envio de campo contínuo” comunicado de Anarres na véspera pelo ansible. Fui para meu quarto no Quadrângulo Novo, envolto pela noite de verão e com a cabeça cheia de física, li um pouco e dormi. Onde estava eu? Sozinho num quarto entre estranhos, como estivera nos últimos dez anos e estaria para sempre. Em um planeta ou outro, que importava? Solitário, parte de nada, parte de ninguém. Udan não era meu lar. Eu não tinha lar, não tinha família. Não tinha futuro. Não tinha destino, não mais que uma bolha de espuma ou um redemoinho numa corrente. Ser e não ser. Ponto final.

Acendi a luz porque a escuridão me incomodava, mas ficou pior. Sentei-me na cama e comecei a chorar. Não conseguia me conter. Fiquei assustado, pois os soluços me sacudiam todo, causando-me mal-estar, e eu não conseguia detê-los. Depois de muito tempo me acalmei aos poucos, apegando-me a uma imagem, a uma ideia infantil: ao amanhecer, chamaria Isidri e conversaria com ela, dizendo-lhe que precisava de instrução em religião; que quisera voltar aos santuários, mas me ausentara deles havia muito tempo e jamais ouvira as Discussões. Agora, porém, tinha necessidade de fazê-lo e Isidri devia me ajudar. Com essa ideia na cabeça, eu podia por fim conter os terríveis soluços e fazer esgotado, exausto, até o dia seguinte.

Não chamei Isidri. À luz do sol, o pensamento que me salvara das trevas parecia pueril; e eu suspeitava que, se a consultasse, ela recorreria ao auxílio

de seu marido, o erudito religioso. Mas eu necessitava de ajuda. Fui ao santuário na Velha Escola e cultuei. Pedi um exemplar das Primeiras Discussões e li-o. Participei de um grupo de Discussão, onde líamos e trocávamos ideias. Minha religião não tem deus, é argumentativa e mística. O nome de nosso mundo é a primeira palavra de sua primeira prece. Para os seres humanos, o veículo da religião é a voz e a mente. Quando comecei a redescobrir isso, achei a religião tão estranha quanto a teoria churten e, até certo ponto, complementar a ela. Eu sabia, embora nunca lograsse entender, que a física cetiana e a religião constituem aspectos de um único conhecimento. Perguntei-me se é possível dizer isso de toda religião e de toda física.

À noite, eu nunca dormia bem e muitas vezes nem dormia. Após as mesas fartas de Udan, a comida da faculdade parecia muito pobre; não me dava apetite. Mas o trabalho — o meu trabalho — ia bem, maravilhosamente bem.

— Chega de ratos — anunciou Gvonesh pelo ansible vocal de Hain. — Agora, pessoas.

— Que pessoas? — perguntei.

— Eu.

Assim, nossa Diretora de Pesquisa “churtenou” de um canto do Laboratório Um para outro e depois do Edifício Um para o Edifício Dois — desaparecendo aqui e reaparecendo ali, sorridente, no mesmo instante, sem decurso de tempo.

— Qual a sensação? — perguntaram todos, é claro, e Gvonesh respondeu, obviamente:

— Nenhuma.

Vários experimentos se seguiram; ratos e gholes churtenaram a meio caminho em torno de Ve e voltaram; grupos de robôs churtenaram de Anarres para Urras, de Hain para Ve e logo de Anarres para Ve — 22 anos-luz. Por fim, a *Shoby* e sua tripulação de dez seres humanos churtenaram em órbita à volta de um planetazinho insignificante a dezessete anos-luz de Ve e regressaram (é claro, palavras que implicam ir e vir ou distância percorrida não são apropriadas). Isso foi conseguido graças unicamente à sua coragem, a

seu destemor ante uma espécie de caos de dissolução e de morte pela irreabilidade, que horrorizavam a todos nós. Os experimentos com formas de vida de inteligência superior terminaram.

— O ritmo está errado — reconheceu Gvonesh pelo ansible (pronunciava “rithkho”). Por um instante, lembrei-me de minha mãe dizendo “Não é certo haver acontecimento sem intervalo”. Que mais dissera Isako? Algo sobre dança. Eu, porém, não queria pensar em Udan. Nunca pensava em Udan. E se por acaso pensava, sentia no íntimo que não era ninguém, não estava em lugar algum — e estremecia como um animal assustado.

A religião me assegurava que eu era parte do Caminho e a física diluía meu desespero no trabalho. Os experimentos, retomados com cautela, iam se sucedendo interminavelmente. O terráqueo Dalzul e seus psicofísicos assombraram toda a equipe de pesquisa de Ve; lamento nunca tê-lo encontrado. Conforme previu, empregando o campo de continuidade, ele churtenou sem problemas e sozinho, primeiro localmente, depois de Ve a Hain, para em seguida dar o grande salto até Tadmila e voltar. Da segunda viagem a Tadmila, seus três companheiros regressaram sozinhos. Ele morreria naquele mundo remoto. Não nos pareceu, nos laboratórios, que sua morte fora de modo algum causada pelo campo churten ou por aquilo que passara a ser conhecido como o “experimento churten”; seus companheiros, porém, não estavam muito seguros disso.

— Pode ser que Dalzul tivesse razão. Uma pessoa de cada vez — disse Gvonesh; e fez-se de novo o sujeito, o “animal ritual”, como dizem os hainish, do próximo experimento. Usando a tecnologia da continuidade, ela churtenou à volta de Ve em quatro saltos, que exigiram 32 segundos devido ao tempo necessário para estabelecer as coordenadas. Passáramos a chamar de “salto” o não intervalo em tempo/intervalo real no espaço. A palavra parecia leve, banal. Os cientistas gostam de banalizar.

Eu queria tentar reforçar a estabilidade do campo duplo em que vinha trabalhando desde minha chegada a Ran’n. Era tempo de pô-lo à prova; minha paciência se esgotava, a vida era muito curta para ficar brincando interminavelmente com números. Disse a Gvonesh, a propósito do ansible:

— Vou dar um pulo até o Porto Ve e voltarei para Ran’n. Prometi visitar a fazenda de minha família neste inverno.

Os cientistas gostam de banalizar.

— E aquela ruga em seu campo? — perguntou Gvonesh. — Aquela espécie de dobra?

— O problema está resolvido, ammar — garanti-lhe.

— Bom, muito bom — disse Gvonesh. Ela nunca questionava o que lhe diziam. — Venha.

Assim, estabelecemos os campos numa ligação churten constante e estável com conexão ansible. E eu me postei dentro de um círculo traçado a giz no Laboratório do Campo Churten no Centro de Ran’n, ao final de uma tarde de outono, e reaparei dentro de um círculo traçado a giz no Laboratório de Campo da Estação de Pesquisa Churten em Porto Ve ao final de uma tarde de verão, a uma distância de 4,2 anos-luz — sem intervalo de tempo.

— Não sentiu nada? — perguntou Gvonesh, apertando cordialmente minha mão. — Bom camarada, bom camarada. Bem-vindo, ammar Hideo. É ótimo vê-lo. Nenhuma dobra, hein?

Ri do choque e da estranheza da situação e dei a Gvonesh a garrafa de Udan Kedun ano 49, que havia pouco pegara sobre a mesa do laboratório em O.

Eu esperara, se conseguisse mesmo regressar, churtear prontamente de volta, mas Gvonesh e os outros me queriam em Ve por algum tempo, a fim de entabularmos algumas discussões e fazermos testes do campo. Penso agora que a extraordinária intuição da Diretora estava a pleno vapor; a “ruga” ou “dobra” no Campo Tiokunan’n ainda a preocupava.

— Não é elegante — disse ela.

— Mas funciona — repliquei.

— Funcionou.

Exceto para testar novamente meu campo e provar sua confiabilidade, eu não tinha vontade nenhuma de retornar a O. De algum modo, estava dormindo melhor em Ve, embora o alimento ainda fosse intragável e, quando não estava trabalhando, me sentisse instável e esgotado, uma lembrança

desagradável de minha exaustão após a noite em que tentei não evocar, por algum motivo, o momento em que chorara tanto. O trabalho, porém, ia às mil maravilhas.

— Você não transa, Hideo? — perguntou Gvonesh certa vez, quando estávamos sozinhos no Laboratório, eu brincando com uma nova série de cálculos e ela terminando seu lanche.

A pergunta me apanhou de surpresa. Eu sabia que não era tão impertinente quanto a linguagem peculiar de Gvonesh deixava entrever. Mas Gvonesh nunca fazia perguntas desse tipo. Sua própria vida sexual era tão misteriosa quanto o resto de sua existência. Ninguém jamais a ouvira mencionar a palavra e muito menos sugerir o ato.

Quando me endireitei na cadeira, de boca aberta, perplexo, ela prosseguiu, de boca cheia:

— Mas transava, não?

Balbuciei alguma coisa. Evidentemente, ela não estava propondo que fizéssemos sexo, apenas mostrando interesse por meu bem-estar. Mas eu não sabia o que responder.

— Você se deparou com algum tipo de dobra em sua vida — sentenciou Gvonesh. — Sinto muito. Não é da minha conta.

Querendo deixar claro que não me sentira ofendido, usei esta expressão muito comum em O:

— Aprecio sua boa intenção.

Ela olhou diretamente para mim, o que quase nunca fazia. Seus olhos eram claros como água num rosto longo e ossudo, amenizado por uma penugem muito fina, densa e incolor.

— Acha que já é hora de voltar para O? — perguntou.

— Não sei. As instalações aqui...

Ela concordou com um aceno de cabeça. Concordava sempre com o que os outros diziam.

— Leu o relatório de Harraven? — quis saber, mudando de assunto tão rápida e peremptoriamente quanto minha mãe.

Pois muito bem, pensei, o desafio foi lançado. Gvonesh estava pronta para

testar meu campo novamente. Por que não? Afinal, eu podia churtar a Ran'n e voltar a Ve em um minuto, se quisesse e se o Laboratório o permitisse. Como a transmissão ansible, churtar depende essencialmente de massa inerte, mas estabelecer o campo, desinfetá-lo e mantê-lo estável em tamanho exige uma grande quantidade de energia local. Contudo, a sugestão era de Gvonesh, significando isso que dispúnhamos do dinheiro.

— Que tal um salto para lá e para cá? — sugeri.

— Ótimo — concordou Gvonesh. — Amanhã.

Assim, no dia seguinte, numa manhã de fins de outono, postei-me dentro de um círculo de giz no Laboratório do Campo em Ve e reapareci...

Um brilho, um tremor em tudo, um abalo, um pulo nas trevas. Escuridão. Recinto mergulhado nas sombras. O laboratório? Encontrei o painel de luzes. Mesmo no escuro, eu sabia estar no laboratório em Ve. Mas, ao acender as luzes, vi que me enganara. Não sabia onde me encontrava. Não sabia onde era aquilo. O local me pareceu vagamente familiar, mas apenas isso. Que era? Um laboratório de biologia? Vi espécimes, um velho microscópio de subpartículas com o logotipo do fabricante no estojo de metal amassado, uma lira... Estava em O. Algum laboratório em algum edifício do Centro em Ran'n? O cheiro ali era o dos prédios velhos de Ran'n, o de uma noite chuvosa em O. Mas por que eu não chegara no campo de recepção, o círculo cuidadosamente traçado a giz no piso de madeira do laboratório no Salão da Torre? O próprio campo deveria ter se movido. Uma ideia assustadora, impossível.

Sentia-me confuso e tonto, como se meu corpo houvesse mudado de ritmo, mas não amedrontado. Tudo estava bem, todas as peças se encaixavam e minha mente continuava funcionando. Um ligeiro deslocamento espacial? Era o que minha mente perguntava.

Fui para o corredor. Talvez, desorientado, eu houvesse saído do Laboratório do Campo Churten e recuperado a plena consciência em algum outro lugar. Mas então minha equipe estaria ali; e onde estava? E isso deveria ter acontecido horas antes, deveria ser pouco mais de meio-dia em O quando cheguei. Um ligeiro deslocamento espacial?, insistia a mente. Percorri o

corredor à procura de meu laboratório e foi então que tudo se transformou em algo como um daqueles sonhos nos quais não encontramos o recinto que precisamos encontrar. Era um sonho assim. O edifício eu conhecia perfeitamente: o Salão da Torre, segundo andar, mas não havia nenhum Laboratório Churten. Todas as instalações eram de biologia e biofísica, e estavam todas desertas. Talvez fosse tarde da noite. Ninguém à vista. Por fim, notei uma réstia de luz sob uma porta, bati e abri. Uma estudante lia num terminal de biblioteca.

— Desculpe-me — falei. — Procuro o Laboratório do Campo Churten...

— Laboratório do quê?

Ela nunca ouvira falar naquilo e se desculpou:

— Não estou em Ti Phy, apenas em Bi Phy — disse humildemente.

Eu também me desculpei. Alguma coisa me agitava, aumentando minha sensação de vertigem e desorientação. Seria o tal “efeito caos” que a tripulação da *Shoby* e provavelmente a da *Galba* haviam experimentado? Começaria eu a ver estrelas através das paredes? Ou, virando-me, daria com Gvonesh ali em O?

Perguntei-lhe as horas.

— Eu deveria ter chegado aqui às doze — expliquei, embora isso, é claro, não significasse nada para ela.

— É quase uma — disse a jovem, olhando para o relógio do terminal. Olhei também: mostrava a hora, a quinzena, o mês, o ano.

— Está errada — retruquei.

Ela pareceu aborrecer-se.

— Está errada. A data, digo. Está errada. — Mas eu sabia, pelo brilho firme dos números no mostrador, pela face redonda e irritada da garota, pelas batidas do meu coração e pelo cheiro da chuva, que a data estava certa, que era uma hora da madrugada há dezoito anos, que eu estava ali no dia depois do dia em que comecei a contar esta história com as palavras “era uma vez”.

Minha mente, trabalhando, revolvendo-se, dizia: um grande deslocamento temporal.

— Não pertenço a este lugar — declarei, virando-me para correr de volta

ao meu refúgio, o Laboratório de Biologia 6, que se tornaria o Laboratório do Campo Churten dali a dezoito anos, como se eu pudesse entrar novamente no campo que existira ou iria existir por 0,004 segundo.

A garota percebeu que algo estava errado, pediu que eu me sentasse e deu-me uma xícara de chá quente de sua garrafa térmica.

— De onde você é? — perguntei à estudante séria e gentil.

— Da Fazenda Herdud, Aldeia Deada, na Bacia Sul do Saduun — respondeu ela.

— Eu sou de Udan de Derdan'nad, na parte baixa do rio — disse eu. E, subitamente, rompi em lágrimas. Mas consegui me controlar, pedi desculpas de novo, bebi o chá e pousei a xícara na mesa. Ela não pareceu demasiadamente perturbada com meu acesso de choro. Estudantes são pessoas emotivas, riem e choram, perdem o entusiasmo e o recuperam. Perguntou-me se eu tinha onde passar a noite. Pergunta incisiva. Respondi que sim, agradeci-lhe e fui embora.

Não voltei ao laboratório de biologia, mas desci as escadas e atravessei os jardins até meu quarto no Quadrângulo Novo. Enquanto andava, a mente trabalhava; e suspeito que alguém estivera/estava naqueles aposentos antes/agora.

Caminhei em direção ao Santuário Quadrangular, onde vivera durante meus dois últimos anos como estudante, antes de partir para Hain. Se aquela era de fato, conforme o relógio indicara, a noite anterior à minha viagem, meu quarto deveria estar vazio e destrancado. E estava mesmo, tal qual eu o deixara, o colchão nu, o cesto de lixo cheio.

Foi o momento mais assustador. Olhei para o cesto durante um longo tempo antes de tirar dele um pedaço de papel amassado, que estendi cuidadosamente sobre a mesa. Era uma série de equações do tempo rabiscadas em minha agenda de bolso, com minha própria caligrafia, notas das aulas de Sedharad em Intervalo, de meu último semestre em Ran'n, um dia antes de ontem, há dezoito anos.

Eu agora estava realmente abalado. Você foi apanhado num campo caótico, dizia a mente — e eu acreditava nela. Medo e ansiedade, sem poder fazer

nada contra isso, não antes que a longa noite terminasse. Fiquei estendido no colchão nu de meu beliche, esperando que as estrelas irrompessem através das paredes e de minhas pálpebras, se fechasse os olhos. Queria encontrar e planejar o que fazer no dia seguinte, caso esse dia amanhecesse. Adormeci instantaneamente e dormi como uma pedra até altas horas. Acordei na cama nua no quarto familiar, alerta, faminto e sem um instante de dúvida quanto ao que era ou onde e quando estava.

Dirigi-me à aldeia para o desjejum. Não queria encontrar nenhum colega — nenhum estudante — que poderia me reconhecer e gritar: “Hideo! Que está fazendo aqui? Você partiu na *Terraços de Darranda* ontem!”

Não alimentava grande esperança de que não me reconhecessem. Tinha agora 31 anos, não 21; estava mais magro e menos em forma; mas minhas feições meio terráqueas eram inconfundíveis. Não queria ser reconhecido, não queria dar explicações. Queria dar o fora de Ran’n. Queria voltar para casa.

O é um bom mundo para se percorrer numa viagem no tempo. As coisas não mudam. Nossos trens correm nos mesmos horários e para os mesmos lugares há séculos. Pagamos e recebemos em espécie ou utilidades, mensalmente, de modo que eu não precisava mostrar moedas misteriosas cunhadas no futuro. Corri à estação e tomei o trem da manhã para Saduun Delta.

O trenzinho deslizou pelas planícies e colinas da Bacia Sul e depois subiu para a Bacia Norte, seguindo o rio cada vez mais largo e parando em cada aldeia. Desci ao final da tarde na estação de Derdan’nad. Como estivéssemos no início da primavera, o que havia ali era lama e não poeira.

Peguei a estrada para Udan. Abri a porteira que consertara havia alguns dias/dezoito anos e ela se moveu facilmente em seus gonzos novos. Isso me deu um pouquinho de satisfação. As fêmeas de yama prenhes tinham sido postas todas no pasto a elas reservado. Iriam parir em pouco tempo; com suas ancas lanudas protuberantes, gingavam como barcos a vela na brisa suave, virando as cabeças elegantes e desdenhosas para me olhar com desgosto enquanto eu passava. Nuvens de chuva se acumulavam sobre os montes.

Cruzei o Oro pela ponte de madeira em forma de corcova. Vi quatro ou cinco grandes ochids azuis numa poça junto às estacas da ponte e parei para olhá-los. Se tivesse um arpão... As nuvens se aproximaram, emitindo uma leve e quase invisível garoa. Apressei o passo. Meu rosto parecia quente e rígido quando a chuva fria o tocou. Segui a estrada que margeava o rio e avistei a casa com seus tetos escuros e amplos sobre a colina de três picos. Passei pelo aviário, os coletores, o centro de irrigação e a alameda de árvores baixas, desnudas, subi os degraus da grande varanda e entrei pela ampla porta de Udan.

Tubdu atravessava a sala — não a mulher que eu vira ultimamente, sexagenária, de cabelos encanecidos, cansada e frágil, mas a Tubdu da Grande Gargalhada na força de seus 45 anos, gorda, rosada e ativa, andando a passos rápidos e curtos. Ela parou e, a princípio, me olhou com uma expressão de simples reconhecimento (“É Hideo”), depois de espanto (“Esse é Hideo?”) e por fim de perplexidade (“Mas não pode ser Hideo!”).

— Ombu — disse eu, empregando a palavra da linguagem infantil para “outra mãe” —, Ombu, sou eu, Hideo. Não se preocupe, estou bem, voltei. — Abracei-a e encostei o rosto no dela.

— Mas... mas... — Afastou-me e examinou minha face. — Mas o que aconteceu com você, querido? — balbuciou. E, voltando-se, gritou: — Isako! Isako!

Quando mamãe me viu, pensou naturalmente que eu não partira na nave para Hain, que minha coragem ou minha intenção haviam me desamparado; e, em seu primeiro abraço, havia uma certa reserva involuntária, um certo distanciamento. Jogara eu fora o destino pelo qual tão prontamente me dispusera a esquecer o resto? Eu sabia o que mamãe estava pensando. Encostei o rosto no dela e murmurei:

— Eu fui, mãe, e voltei. Tenho 31 anos. Voltei...

Ela se colocou um pouco a distância, como Tubdu fizera, e olhou bem para o meu rosto.

— Oh, Hideo! — exclamou, apertando-me fortemente contra o peito. — Meu querido, meu querido!

Ficamos abraçados em silêncio até que eu disse:

— Preciso ver Isidri.

Mamãe me fitou longamente, mas não pôs objeções.

— Está no santuário, acho.

— Volto logo.

Deixei as duas ali, lado a lado, e enveredei pelos corredores até o cômodo central, na parte mais velha da casa, reconstruída sete séculos antes sobre alicerces que remontavam a três mil anos. As paredes são de pedra e argila, o teto é de vidro grosso, encurvado. O quarto está sempre frio e nunca muda. Livros cobrem as paredes, as Discussões, as discussões das Discussões, poesia, textos e versões das Peças; há tambores e outros instrumentos para meditação e cerimônia; a pequena fonte que é o próprio santuário brota de tubos de barro e enche a concha verde-azulada, refletindo o céu chuvoso acima da claraboia. Isidri estava lá. Pusera ramos verdes nos vasos ao lado do altar e, ajoelhada, arranjava-os.

Fui direto a ela e disse:

— Isidri, voltei. Escute...

Seu rosto se dilatou, perplexo, assustado, indefeso — o rosto suave e fino de uma mulher de 22 anos, fitando-me com seus olhos negros.

— Escute, Isidri. Fui para Hain. Estudei lá e trabalhei num novo tipo de física do tempo, numa nova teoria, o transporte instantâneo. Passei dez anos lá. Começamos então os experimentos. De Ran'n, desloquei-me para o sistema hainish sem gastar nenhum tempo, usando essa tecnologia. Sem gastar nenhum tempo, literalmente. Você entende isso? É como o ansible; não à velocidade da luz, não mais rápido que a luz, mas sem tempo nenhum. Estamos em um lugar e em outro instantaneamente. Tudo deu certo, tudo funcionou, mas na volta houve... uma dobra, uma ruga em meu campo. Encontrei-me no mesmo lugar numa época diferente. Voltei dezoito anos dos seus, dez dos meus. Voltei ao dia em que parti; mas não parti, voltei... para você.

Segurei-lhe as mãos e agachei-me diante dela, que continuava ajoelhada ao lado da fonte silenciosa. Isidri estudou meu rosto com seus olhos atentos,

mudos. Em sua mandíbula, percebi um arranhão recente e uma leve escoriação; um galho roçara por ele quando Isidri colhia ramos verdes para o culto.

— Deixe-me voltar para você — implorei, num sussurro.

Ela tocou meu rosto com a mão.

— Você parece muito cansado, Hideo — disse. — Sente-se bem?

— Oh, sim. Está tudo bem comigo.

E ali minha história, na medida em que tinha algum interesse para a Ekumen ou a pesquisa do transporte instantâneo, chegou ao fim. Tenho vivido por dezoito anos como trabalhador na Fazenda Udan da Aldeia de Derdan'n, na região montanhosa da Bacia Noroeste do Saduun, em Oket, em O. Estou com 50 anos. Sou o marido da Manhã do Segundo Sedoretu de Udan; minha esposa é Isidri; meu casamento da Noite é com Sota de Drehe, cuja esposa da Tarde é minha irmã Koneko. Meus filhos da Manhã com Isidri são Latubdu e Tadri; os filhos da Tarde são Murmi e Lasako. Mas nada disso interessa muito aos Estáveis do Ekumen.

Minha mãe, que estudou um pouco engenharia do tempo, pediu que eu contasse minha história, ouviu-a atentamente e aceitou-a sem questioná-la; o mesmo fez Isidri. Muitas pessoas, em minha fazenda, preferem uma história mais simples e mais plausível, que explica tudo muito bem, até minha acentuada perda de peso e meu ganho de dez anos em uma noite. No último momento, pouco antes de a nave espacial partir, disseram: “Hideo, no fim das contas, decidi não ir para a Escola Ekumênica em Hain. Voltou para Udan porque amava Isidri. Mas isso o deixou muito doente porque era uma decisão difícil e ele estava bastante apaixonado”.

Talvez essa seja mesmo a verdadeira história. Isidri e Isako, porém, escolheram uma verdade bem estranha.

Mais tarde, quando estávamos formando nosso sedoretu, Sota me consultou sobre essa verdade.

— Você não é o mesmo homem, Hideo, embora continue sendo o homem que sempre amei — disse ele.

Expliquei até onde pude. Segundo Sota, Koneko entenderia tudo melhor

que ele e, com efeito, ela ouviu com a máxima atenção e fez várias perguntas incisivas, às quais não consegui responder.

Tentei enviar uma mensagem ao departamento de física do tempo das Escolas Ekumênicas de Hain. Mal chegara em casa e minha mãe, com seu apurado senso de dever e obrigação para com a Ekumen, insistiu para que eu o fizesse.

— Mãe — objetei —, e o que vou lhes dizer? Eles ainda não inventaram a teoria churten!

— Desculpe-se por não ir estudar, como prometeu. Explique tudo à Diretora, a mulher anarresti. Talvez ela entenda.

— Por enquanto, nem Gvonesh sabe coisa alguma sobre a teoria churten. Começarão, de Urras e Anarres, a falar-lhe a respeito desse assunto pelo ansible daqui a mais ou menos três anos. De qualquer modo, Gvonesh não me conheceu nos dois primeiros anos em que estive lá. — O tempo verbal passado era inevitável, mas ridículo; seria mais acurado dizer: “Ela não me conhecerá nos dois primeiros anos em que eu não estiver lá”.

Mas e se eu *estivesse* em Hain agora? Essa ideia paradoxal de duas existências simultâneas em dois mundos diferentes perturbou-me bastante. Era um dos pontos sobre os quais Koneko me fizera perguntas. Por mais que eu o descartasse como absurdo segundo todas as leis do tempo, não conseguia me impedir de imaginar que era possível, que outro eu estava vivendo em Hain e voltaria para Udan dentro de dezoito anos... onde se encontraria comigo. Afinal de contas, minha existência atual era também e igualmente impossível.

Para que essas noções não me assombrassem nem perturbassem, aprendi a substituí-las por uma imagem diferente: os pequenos vórtices de água entre as duas grandes pedras, no ponto em que a corrente fluía com mais força, logo acima da “piscina” do Oro. Eu imaginava esses vórtices se formando e se dissolvendo ou então descia até o rio, sentava-me na margem e observava-os. Eles pareciam conter a resposta para a minha pergunta, pareciam capazes de dissolvê-la como a si próprios se dissolviam para se formar novamente.

Mas o senso de dever e obrigação de minha mãe não se deixava abalar por

aquela tolice de uma vida vivida duas vezes.

— Tente falar com eles — insistia.

Mamãe estava certa. Se meu duplo campo de transporte houvesse sido estabelecido permanentemente, era um tema de real importância para a ciência do tempo e não só para mim mesmo. Por isso, tentei. Tomei emprestada uma boa soma de dinheiro das reservas da fazenda, fui até Ran’n, comprei um transmissor ansible de cinco mil palavras e enviei uma mensagem à minha diretora de estudos na Escola Ekumênica, procurando explicar por que, depois de ser aceito ali, eu não chegara — se é que não havia chegado.

Julguei que aquilo fosse a tal “mensagem amarfanhada” ou “fantasma” que me pediram para interpretar durante meu primeiro ano na escola. Parte dela era incoerente e algumas palavras sem dúvida provinham de uma mensagem simultânea; mas partes de meu nome estavam ali e outras palavras talvez fossem fragmentos ou inversões de minha longa comunicação — problema, churten, volta, chegada, tempo.

É interessante, pensei, que no centro ansible os Receptores usem o termo “dobrado” para um transportado temporariamente confuso, tal como Gvonesh o usaria para a anomalia, a “ruga” em meu campo churten. De fato, o campo ansible estava enfrentando uma resistência de ressonância causada pela anomalia de dez anos no campo churten, que dobrou a mensagem sobre si mesma, amarrotou-a, inverteu-a e apagou-a. A essa altura, conforme a implicação do Duplo Campo Tiokunan’n, minha existência em O, quando enviei a mensagem, era simultânea à minha existência em Hain, quando a mensagem foi recebida. Havia um eu emissor e um eu receptor. Contudo, enquanto a anomalia de campo encapsulada persistisse, a simultaneidade não passaria literalmente de um ponto, um instante, um cruzamento sem implicação posterior nem no ansible nem no campo churten.

Uma imagem para o campo churten, nesse caso, seria um rio correndo pela planície em curvas profundas e duplas, voltando sobre si mesmo tão contiguamente que, por fim, irrompesse pelas duas alças do S e avançasse reto, deixando de lado uma porção de água à semelhança de um lago curvo

sem mais ligação com a corrente. Nessa analogia, minha mensagem ansible teria sido o primeiro elo, o outro minha lembrança entre a corrente e o lago.

Entretanto, acho que a melhor imagem são os próprios vórtices da corrente, que surgem e desaparecem, são os mesmos ou não são?

Procurei uma explicação matemática nos primeiros anos de meu casamento, enquanto minha física ainda estava a pleno vapor. Consultem “Notas para uma Teoria da Interferência de Ressonância em Campos Ansible e Churten Duplicados”, apenas a este documento. Reconheço que a explicação talvez seja irrelevante, pois nesse trecho do rio não há Campo Tiokunan’n. Mas uma pesquisa independente vinda de outra direção pode ser útil. E sou ligado a ela, já que foi a última pesquisa na esfera do tempo que empreendi. Acompanhei a pesquisa churten com forte interesse, mas o trabalho de minha vida se concentrou nos cuidados com vinhas, drenagens, yamas, filhos, Discussões e pescaria com as mãos nuas.

Trabalhando nesse documento, convenci-me de que, em termos de matemática e física, a existência durante a qual fui para Hain e me tornei um cientista do tempo especializado em transporte instantâneo fora de fato encapsulada (dobrada, apagada) pelo efeito churten. Porém, nenhuma teoria ou prova poderia aliviar minha ansiedade, meu medo — que aumentaram com meu casamento e o nascimento de meus filhos — de que algo ainda estava por vir. Apesar de todas as minhas imagens de rios e vórtices, eu não podia saber se o encapsulamento não iria se inverter no instante do transporte. Era possível que, na passagem de Ve para Ran’n, eu desfizesse, perdesse, apagasse meu casamento, nossos filhos, toda a minha vida em Udan, amassando-a como um pedaço de papel que se joga no cesto de lixo. E esse pensamento eu não podia suportar.

Criei coragem e falei sobre o assunto com Isidri, de quem nunca guardei senão um segredo.

— Não — disse ela, após refletir por longo tempo. — Não acho que isso seja possível. Houve uma razão para você voltar... aqui.

— Você.

— Sim — prosseguiu Isidri, sorrindo maravilhosamente. E após um

momento de silêncio: — E também Sota, Koneko, a fazenda... Mas não existe razão alguma para você voltar para lá, existe?

Enquanto falava, segurava no colo nosso bebê adormecido; encostou a face na cabecinha sedosa.

— Exceto, talvez, seu trabalho — continuou. Fitou-me com expressão um tanto ansiosa. Sua honestidade exigia honestidade igual de minha parte.

— Às vezes, sinto saudade dele — confessei. — Sei disso. Mas não sabia que estava sentindo saudade de você, uma saudade capaz de me matar. Eu teria morrido sem saber por quê. Seja como for, estava tudo errado; isto é, meu trabalho estava errado.

— Errado como, se o trouxe de volta? — estranhou ela. E para isso eu não tinha resposta.

Quando informações sobre a teoria churten começaram a ser publicadas, consultei tudo o que a Biblioteca Central de O recebia, particularmente o trabalho feito nas Escolas Ekumênicas de Ve. O progresso geral da pesquisa decorreu tal como me lembrava dele, avançando fácil durante três anos e depois esbarrando em obstáculos. Mas não vi nenhuma referência a um Tiokunan'n Hideo, pesquisador nessa área. Ninguém trabalhou numa teoria de campo duplo estabilizado. Nenhum laboratório de pesquisa do campo churten foi jamais montado em Ran'n.

Finalmente, chegou o inverno de minha visita ao lar e depois o próprio dia; e devo admitir que, sejam quais forem as razões em contrário, foi um dia péssimo. Sentia ondas de culpa, de náusea. Fiquei agitado, pensando na Udan daquela visita, quando Isidri estava casada com Hedran e eu era um simples visitante.

Hedran, um respeitado erudito itinerante das Discussões, viera com efeito ensinar na aldeia por diversas vezes. Isidri sugeriu que o convidássemos a se instalar em Udan. Vetei a sugestão dizendo que, embora Hedran fosse um professor de mérito, havia nele alguma coisa que me desagradava. Percebi um brilho furtivo nos olhos escuros de Sidri: *Estará ele com ciúmes?* Deteve um sorriso. E quando eu contei a ela e a mamãe sobre minha “outra vida”, a única coisa que calei, o único segredo que mantive foi minha visita a Udan.

Não quis dizer a mamãe que, naquela “outra vida”, ela ficara muito doente. Não quis dizer a Isidri que, naquela “outra vida”, Hedran fora seu marido da Tarde e ela não tivera nenhum filho de seu próprio ventre. Talvez eu estivesse errado, mas concluí que não tinha direito algum de dizer tais coisas, que não cabia a mim dizê-las.

Assim, Isidri não podia saber que meus sentimentos eram menos de ciúme que de culpa. Eu não lhe contara tudo. E privara Hedran de uma existência com Isidri, que era a alegria profunda, o centro, a vida de minha própria vida.

Mas, e se a houvesse partilhado com ele? Eu não sabia. Eu não sei.

O dia passou como qualquer outro, exceto pelo fato de uma das filhas de Suudi quebrar o cotovelo caindo de uma árvore.

— Pelo menos, ficamos sabendo que ela não se afogará — declarou Tubdu, rindo.

Veio depois a noite em meus aposentos do Quadrângulo Novo, quando chorei sem saber por que chorava. Logo após, o dia de minha volta instantânea para Ve, levando uma garrafa do vinho de Isidri para Gvonesh. E finalmente, ontem, entrei no campo churten em Ve e deixei-o há dezoito anos em O. Passei a noite, como às vezes faço, no santuário. As horas corriam plácidas; escrevi, cultuei, meditei e dormi. Acordei ao lado da fonte de águas silenciosas.

Concluindo: espero que os Estáveis aceitem este relatório de um fazendeiro desconhecido e que os engenheiros do transporte instantâneo o considerem ao menos uma nota de rodapé para seus experimentos. Certamente, é difícil de verificar, pois a única prova é minha palavra e meu quase inexplicável conhecimento da teoria churten. Para Gvonesh, que nunca me viu, envio os meus respeitos, minha gratidão e minha esperança de que ela saiba apreciar minhas boas intenções.

AUTORIZAÇÕES

“Yesterday Was Monday”, por Theodore Sturgeon. Copyright © 1941 por Street and Smith Publications. Publicado pela primeira vez em *Astounding Science Fiction*, junho de 1941. Reimpresso com permissão do agente do espólio de Theodore Sturgeon, Ralph M. Vicinanza, Ltd.

“Time Locker”, por Henry Kuttner. Copyright © 1943 por Street and Smith Publications, copyright renovado em 1970 por C. L. Moore. Publicado pela primeira vez em *Astounding Science Fiction*, janeiro de 1943. Reimpresso com permissão de Don Congdon Associates, Inc.

“Time’s Arrow”, por Arthur C. Clarke. Copyright © 1950 por Hillman Periodicals. Publicado pela primeira vez em *Science-Fantasy*, #1. Reimpresso com permissão de Scovil-Chichak-Galen Literary Agency, Inc.

“I’m Scared”, por Jack Finney. Copyright © 1951 por Crowell-Collier Publishing, copyright renovado em 1979 por Jack Finney. Publicado pela primeira vez em *Collier’s*, 15 de setembro de 1951. Reimpresso com permissão de Don Congdon Associates, Inc.

“A Sound of Thunder”, por Ray Bradbury. Copyright © 1952 por Crowell-Collier Publishing, copyright renovado em 1980 por Ray Bradbury. Publicado pela primeira vez em *Collier’s*, 28 de junho de 1952. Reimpresso com permissão de Don Congdon Associates, Inc.

“Death Ship”, por Richard Matheson. Copyright © 1953 por Best Books, Inc., copyright renovado em 1981 por Richard Matheson. Publicado pela primeira vez em *Fantastic Story Magazine*, março de 1953. Reimpresso com permissão de Don Congdon Associates, Inc.

“A Gun for Dinosaur”, por L. Sprague de Camp. Copyright © 1956 por Galaxy Publishing Corporation, copyright renovado em 1984 por L. Sprague de Camp. Publicado pela primeira vez em *Galaxy Science Fiction*, março de 1956. Reimpresso com permissão de Spectrum Literary Agency.

“The Man Who Came Early”, por Poul Anderson. Copyright © 1956 por Mercury Press, Inc., copyright renovado © 1984 por Poul Anderson. Publicado pela primeira vez em *The Magazine of Fantasy and Science Fiction*, junho de 1956. Reimpresso com permissão do agente do espólio do autor, Ralph M. Vicinanza, Ltd.

“Rainbird”, por R. A. Lafferty. Copyright © 1961 por Galaxy Publishing Corporation, copyright renovado em 1989 por R. A. Lafferty. Publicado pela primeira vez em *Galaxy*, dezembro de 1961. Reimpresso com permissão do espólio de R. A. Lafferty e de Virginia Kidd Literary Agency, Inc.

“Leviathan!”, por Larry Niven. Copyright © 1970 por Larry Niven. Publicado pela primeira vez em *Playboy*, agosto de 1970. Reimpresso com permissão do autor e seu agente, Spectrum Literary Agency.

“Anniversary Project”, por Joe Haldeman. Copyright © 1975 por Joe Haldeman. Publicado pela primeira vez em *Analog*, outubro de 1975. Reimpresso com permissão do autor.

“Timetipping”, por Jack Dann, de *Epoch*, organizado por Robert Silverberg e Roger Elwood (Berkeley Books). Copyright © 1975 por Robert Silverberg e Roger Elwood. Copyright devolvido ao autor. Todos os direitos reservados. Reimpresso com permissão do autor.

“Fire Watch”, por Connie Willis. Copyright © 1982 por Connie Willis. Publicado pela primeira vez em *Isaac Asimov’s Science Fiction Magazine*, 15 de fevereiro de 1985. Reimpresso com permissão da autora.

“Sailing to Byzantium”, por Robert Silverberg. Copyright © 1985 por Agberg, Ltd. Publicado pela primeira vez em *Isaac Asimov’s Science Fiction Magazine*, fevereiro de 1985. Reimpresso com permissão do autor e de Agberg, Ltd.

“The Pure Product”, por John Kessel. Copyright © 1986 por Davis Publications, Inc. Publicado pela primeira vez em *Isaac Asimov’s Science Fiction Magazine*, março de 1986. Reimpresso com permissão do autor.

“Trapalanda”, por Charles Sheffield. Copyright © 1987, 1995 por Charles Sheffield. Publicado pela primeira vez em *Isaac Asimov’s Science Fiction Magazine*, junho de 1987. Reimpresso com permissão de Spectrum Literary Agency.

“The Price of Oranges”, por Nancy Kress. Copyright © 1989 por Nancy Kress. Publicado pela primeira vez em *Isaac Asimov’s Science Fiction Magazine*, abril de 1989. Reimpresso com permissão da autora.

“Another Story or a Fisherman of the Inland Sea”, por Ursula K. Le Guin. Copyright © 1994 por Ursula K. Le Guin. Publicado pela primeira vez em *Tomorrow*, agosto de 1994. Reimpresso com permissão da autora e de Virginia Kidd Literary Agency, Inc.



Ecoss do Espaço

Crewe, Megan

9788555390289

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Skylar tem 17 anos e, desde que se entende por gente, é perseguida por sensações de que algo está terrivelmente errado. Mas, apesar dos ataques de pânico que a atormentam, nada nunca acontece, e Skylar já está começando a acreditar simplesmente que ela não é normal. Sua vida sofre uma reviravolta quando ela conhece Win, e descobre a chocante verdade que é a causa de suas premonições: somos todos cobaias. Há milhares de anos, a Terra está à mercê de cientistas alienígenas que não se importam nem um pouco com os seus habitantes e nos utilizam em seus experimentos de manipulação do tempo. Win é membro de uma facção rebelde que está tentando colocar um fim nisso e ele precisa da ajuda de Skylar - mas, a cada alteração do passado, o próprio tecido do espaço-tempo se fraciona um pouco mais e logo poderá não restar mais nenhum planeta Terra para se salvar.

[Compre agora e leia](#)

JULIE CROSS

o amanhã é agora



Bônus da Série **tempest**



O Amanhã é Agora

Cross, Julie

9788555390814

40 páginas

[Compre agora e leia](#)

O Amanhã é Agora é um livro bônus da série Tempest.

[Compre agora e leia](#)

Saga
Acompanante
Shadow Falls

Levada ao Entardecer

OS SOBRENATURAIS

C. C. Hunter



Levada ao entardecer

Hunter, C.C.

9788564850262

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste terceiro livro da saga Acampamento Shadow Falls, Kylie quer saber a verdade por pior que ela seja! A verdade sobre quem é a sua verdadeira família, a verdade sobre os seus poderes sobrenaturais e a verdade sobre o que ela sente com relação a Lucas e Derek. E pra completar, um fantasma vive atrás dela com um aviso terrível: "Alguém vive e alguém morre". Enquanto Kylie tenta desvendar o mistério e proteger aqueles a quem ama, finalmente descobre o segredo da sua identidade sobrenatural. E a verdade é bem diferente e muito mais inesperada do que ela jamais imaginou!

[Compre agora e leia](#)

Nele Neuhaus

Autora best-seller com mais de 6 milhões
de exemplares vendidos no mundo

LOBO MAU

SUSPENSE POLICIAL

UMA ADOLESCENTE ENCONTRADA MORTA COM SINAIS DE ABUSO SEXUAL

UMA FAMOSA APRESENTADORA DE TV BRUTALMENTE ATACADA

UMA TRAMA DE GELAR OS OSSOS



Lobo-mau

Neuhaus, Nele

9788564850897

496 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma adolescente é encontrada morta no rio Meno, nos arredores de Frankfurt. Sua identidade é um mistério. Aparentemente, ela é a terceira vítima de uma festinha regada a álcool que terminou tragicamente, mas a polícia descobre que a água nos pulmões da garota não é do rio, e que seu cadáver mutilado está ali há dias. Pia Kirchhoff e Oliver von Bodenstein, os detetives do best-seller Branca de Neve Tem que Morrer, agora trabalham para descobrir quem aprisionou, estuprou e brutalizou a jovem. Enquanto isso, mais crimes acontecem: a apresentadora de um programa de TV sensacionalista é espancada, estuprada e trancada no porta-malas de seu próprio carro e uma psiquiatra sofre uma morte terrível. A ligação entre os crimes é uma rede de violência e corrupção que atinge a elite da sociedade e o próprio departamento de Pia. Mas talvez seja tarde demais para ela e Oliver descobrirem quem é o lobo mau.

[Compre agora e leia](#)

LIVRO DOIS
AS CRÔNICAS
dos
IRMÃOS CELESTIAIS

MESSIAS O PRIMEIRO JULGAMENTO

UM ROMANCE ÉPICO DE
WENDY ALEC



Messias - O Primeiro Julgamento

Alec, Wendy

9788564850873

416 páginas

[Compre agora e leia](#)

Combinando a interpretação bíblica com a pesquisa histórica e uma narrativa cinematográfica, este livro descreve de maneira sublime a arrepiante conspiração de Lúcifer e a jornada de Jesus entre os homens, numa batalha sangrenta e selvagem em que os vastos exércitos reais do primeiro céu combatem as hordas de decaídos do inferno.

[Compre agora e leia](#)